

DA
BIBLIOTECA DE
J.M. PIEL



REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Portuguez

SUMÁRIO

Textos antigos portugueses (continuação),
por J. J. Nunes : 1.

**As candeias na religião nas tradições
populares e na industria**, por Sousa
Viterbo: 41.

**Grammatica e vocabulário de Fr. Pan-
taleão d'Aveiro**, por A. Gomes Pe-
reira: 81.

**Dois traduções portuguezas do sec.
XIV**, por Pedro de Azevedo: 101.

Investigações ethnographicas, por A.
Thomas Pires: 112.

Toponymia portugueza, por Joaquim da
Silveira: 147.

**Sobre uma edição pouco conhecida dos
"Contos" de Trancoso**, por Joseph de
Perott: 159.

Tradições populares do Baixo-Alentejo,
por D. Maria da Conceição Dias: 181.

**Notas á margem do "Novo Dicionário
da Lingua Portuguesa"**, por Oscar
de Pratt: 206.

Tradições populares de Barcellos, por
A. Gomes Pereira: 289.

**A expressão popular "mais vale um
gosto que quatro vintens"**: I, por J.
Leite de Vasconcellos: 289—II, por Oscar
de Pratt: 290—III, por Cláudio Basto: 292
—IV, por Oscar de Pratt: 297.

**Cantigas populares (tradição da Rapa-
ria Colonica da Beira)**, por D. Maria Ange-
lica Furtado de Mendonça: 300.

**Etnologia (a proposito de uma exposição
colonial ethnografica em Lisboa)**, por J.
Leite de Vasconcellos: 330.

Miscellanea: Observação á Revista Lusitana, xv, 170—*Oscar Nobiling*, por J. L. de V.: 164—*Formas femininas nos fálares algarvios*, por Bernardino Harbosa: 164—*Estudos de Ethnographia africana-portugueza*, do «Boletim Oficial de Angola»: 165—*Sobre dois ditados que se completam um ao outro*, por Oscar de Pratt: 168—*«Pedra» e «Pedra»*, por J. L. de V.: 170—*Ditado topico*, por J. L. de V.: 172—*Notulas grammaticas*, por Lindolpho Gomes: 188—*Etimologias*, por J. L. de V.: 341—*Curso de Literatura Portuguesa na Universidade de Londres*, por J. L. de V.: 342—*Ex-libris, super-libris e super-libros*, por J. L. de V.: 341—*Uso do tratamento de «senhora» e «senhor»*, por J. L. de V.: 345.

Bibliografia:

Levkos, Julio Moreira, *Estudos da Lingua Portuguesa*, por Alvaro de Azevedo: 175—*Beiträge zur Kenntnis portugiesischer Orthographie*, de Gustav Rohlin, por Z.: 176—*Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache*, de Gustav Rohlin (Parte 1.^a) e D. Luisa Ey (Parte 2.^a), por Z.: 177.
Periodicos: *Zeitschrift für romanische Philologie*, por J. L. de V.: 177—*Figueira*, por J. L. de V.: 178.
VANIA (VARDAM), por J. L. de V.: 178, 346.

Neorologia:

Prof. A. Gomes Pereira, por A. C. Pires de Lima: 173—Antonio Tomas Pires, por J. Leite de Vasconcellos: 337.

LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA
de A. M. Teixeira

Praça dos Restauradores, 20

REVISTA LUSITANA

Tipografia do «Porto Medico»
Praça da Batalha, 12-A — PORTO.

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português

VOL. XVI

LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA
de A. M. Teixeira

Praça dos Restauradores, 20

—
1913

REVISTA LUSITANA

VOL. XVI

1913

N.os 1-2

Textos antigos portugueses

(CONTINUAÇÃO — VOL. XV, PAG. 177)

Glossario *

A

asas, propriamente asas, mas aqui parece estar empregado no sentido de barbatanas.

aceitada, XV. aceita ou aceita.

achegado, LXVIII. Tem aqui este vocabulo a significação especial de amigo, partidario, etc.

achegar, LXVIII, significa neste passo ajuntar, adquirir.

acontecer-se, XVII, o mesmo que acontecer.

acotocimento (por) XXVI, o mesmo que por acaso.

acopar-se, XII. É forma ainda popular de ocupar-se.

Acurso, LXX, nome de homem. Hoje usa-se de preferencia a forma Acur-sio.

aderençar, L. Sobre o sentido que aqui tem de preparar, dispôr cf. o francês dresser.

adonde, XXVIII, XXIX. No presente texto, como ainda sucede na linguagem popular e é frequente em muitos escritores classicos, emprega-se a forma adonde em casos que só exigi-

riam onde ou aonde. É sabido que o adverbio unde se usava no sentido de donde; no latim popular, ¹ porem, passou a empregar-se na mesma acepção de ubi; de aí o juntar-se-lhe a preposição *de* ou *a*, conforme as diferentes relações que se queriam exprimir. Sucedeu ainda que a expressão donde veio a ter a mesma significação que onde, como já acontecia com o vocabulo latino; é o que se vê no actual espanhol donde.

afirmar, XXIX, pegar de forma que fique seguro, firme.

afogamento, LIV. morte por asfixia, sufocação.

afogar, XLIX. Neste lugar tem a significação de enforcar.

aguar, LVIII. Talvez erro por aguçar. Vide *Anotações*.

al: se al que nom, XXXIII, o mesmo que *ao menos*.

¹ O seu valor proprio achava-se ja muito enfraquecido no latim em certos casos: cf. Bourciez, *Éléments de linguistique rom.*, pag. 296.

* Incluo aqui apenas os nomes que não vêm no *Dicionário de Moraes* (8.^a edição ou que, citados neste, têm no presente texto sentido especial, e igualmente certas formas que aquelle não menciona. Omito, por bastante conhecidos, os nomes de povoações portuguezas que ainda persistem.

aly: **des aly**, XXVIII, o mesmo que desde então.

aministrar, I. tem aqui o sentido de fornecer, proporcionar.

anociar, LXI, talvez lapso por *anunciar*. Vide contudo *denociar*.

Anusio ou antes **Anucio**, XXIII, nome latino de *le Puy* ¹ onde, segundo os editores da *Cronica latina*, santo Antonio foi guardião.

apostolico, LI. Vide *Anotações*.

apropriar, LXVIII, aplicar. A queda do *r* que se nota nesta palavra e outras da mesma proveniência persiste ainda no povo e nota-se igualmente em espanhol.

aprouguer, XXX, futuro do conjuntivo de *aprazer*.

aqueste, aquesta. Alternam no texto com *este, esta*.

arrevatado, XXXV. Vide *arrevatamento*.

arrevatamento, XLVI. De *arrebatamento*, pela troca normal de -b- intervocalico por -v-.

Arrimyo, I. ou **Arminio**, II, Rimini, cidade da Italia.

asnilho, XXXIII. Em sentido proprio *burrinho*; aqui toma-se pelo *corpo*, em opposição á *alma*. Em linguagem mística dão-se frequentemente ao corpo nomes depreciativos, para indicar o desprezo a que deve ser votado. O vocabulo *asnilho* pertence á lingua castelhana; o português que lhe corresponde é *asquinho*.

asparo, XXIX. áspero, XXX. A passagem do *e* para *a* deve ter sido motivada pelo *r* que segue. Em mirandês existe o mesmo vocabulo. Vide dr. Leite de Vasconcellos, *Philologia mirandesa*, vol. II, pag. 163 s. v.

assi: assy que, XXIX, tem a significação de: *por forma que* e corres-

ponde á frase latina *ita* ou *sic ut*; como nesta lingua, as duas partes componentes podem estar separadas por outras palavras intermedias, XXIX.

atal, XXXII. A par de *tal*, como se vê neste passo, usava a lingua arcaica tambem *alam*.

atam, XVII. No lugar citado são empregadas as duas formas *alam* e *tam*.

austinaçom, I. Como em tantos outros, a lingua moderna refez este vocabulo, dando-lhe a forma *obstinação* que hoje tem.

ave, XXIII. Imperativo (2.^a pessoa do singular) de *aver*.

avemtura (por), XV, hoje: por ventura.

ávito, LXII. A lingua moderna regressou á forma latina *hábito*, que aliás se lê tambem no § LI.

avorreoivel, LVI. O português de hoje fez resurgir o *b* de origem.

Azoto, XXIII, cidade da Palestina.

B

bemdiola, LII. Deve ser o preterito imperfeito do verbo espanhol arcaico *bendicir*, salvo se o *c* tem aqui o valor de *z*.

bemdizer, XXV. XXVI, abençoar; talvês aportuguesamento do espanhol arcaico *bendicir*; neste sentido a nossa lingua diz *benzer*. Em LVIII ocorre o mesmo verbo, mas no sentido que tem cada um dos seus elementos, por isso os separei, escrevendo *bem dizedes*, isto é, falais acertadamente; nos §§ LX, LXXI tem o sentido de *louvar*.

bençom, I. Nesta palavra que, conforme com a sua origem, tinha o acento na sílaba final, foi este retraído na lingua moderna.

benidade, XLVIII, LXVI, benignidade. De *benino*, que ocorre frequentemente na nossa lingua até pelo menos á primeira metade do seculo XVII. no

¹ Propriamente o nome latino de *le Puy* era *Podium*, mas a sua anterior denominação, segundo Gregorio de Tours, fôra *Anucium*.

dizer do snr. Epiphanio Dias, na sua edição dos *Lusiadas*, vol. II, pag. 331, escrito embora por vezes benigno,¹ era de esperar *beninidade*: se não houve lapso do copista, a forma dada pelo texto só poderá explicar-se por haplogia; o aparecer em dois passos leva-me a crer que ela realmente existiu.

beninamente, XVI, benignamente. Vide *benidade*.

bever, XLVI. No presente texto e pagina identica ocorrem as duas formas *bever*, que deve de ser a mais antiga, e *beber*: parece contudo que esta era já preferida áquella que, salvo erro, apenas se encontra uma vez.

Blucave, LXIX, aliás Buclane, hoje Bucchianico, na Italia.

bão, bôa, XXIX, XXVIII. No feminino, além da nasalada, ocorre já a actual forma *boa*, vê-se isso em XXIII e XXVIII, etc; esta ultima faz supôr o masculino *bo* que, na época em que foi escrito o presente texto, alternava com *bão*. Vide dr. Leite de Vasconcellos, *Esopo*, pag. 65.

borges, XX. A forma actual *burguês*, segundo dr. Leite de Vasconcellos, *op. laud.*, 66, foi tirada posteriormente de *burgo*, enquanto a antiga assenta sobre o lat. pop. *burgensis* (no classico existia *burgus*). É verdade que na grafia antiga por vezes se encontra *ge* por *gue* e ao contrario *g* por *j* (cf. neste texto *mangares*, *aleijom*, *Tarega* em vez de *manjares*, *aleijom*, *Tareja*), mas o achar-se a palavra assim escrita seis vezes leva-me a crer que o *g* soava como *j*: cf. o francês burgeois e os espanhol arc. *burgés*.

Brina ou **Verna**, IX, aliás *Briva*, nome latino da cidadezinha francesa *Brives*.

C

cabo (a), XVIII, junto, perto, é a significação mais usual desta locução; porem em XIII toma-se no sentido de: depois, passado.

çarrar, XLVI, fechar; cf. espanhol *cerrar*.

Catalonha, LXVI, hoje *Catalunha*.

cavadura, LII, cova.

caymento, LXVIII, decadencia.

cellistrial, XIII, celestial; cf. pop. Go-lestrino por *Celestino*.

celurgião (tambem *solirgion*, LVIII), cirurgião. Na Historia de Vespasiano (pag. 38 da edição do snr. Esteves Pereira) fala-se igualmente em *fisicos e celorgiões*.

chamamento, XLVIII, acção de chamar, invocação.

cimquesma, XXXI. Por este vocabulo, que me parece ainda não foi arquivado, é aqui designada a festa do Pentecostes ou do Espirito Santo; representa o latim quinquagesima ou melhor cinquagesima; efectivamente aquella solenidade cai cincoenta dias depois da Pascoa. Ocorre tambem no antigo espanhol.

comoibimento, XXIII, concepção, mas no passo citado parece que o autor tinha em mente a gestação e época do parto, pois diz-se que a *dona estava prenhada*.

companha, I, ajuntamento, multidão, aqui propriamente cardume. No povo persiste o termo com a significação de: pessoal que compõe a tripulação de um barco de pesca, e tambem como sinonimo de companhia.

companhom, LVII. Na acepção, em que aqui se toma, de testiculo, é vocabulo castelhano; usava-o o português antigo, mas no sentido de companheiro.

compaxom, XLIII, **compaixom**, XXIV, **compaison**, VI, **compassiom**, XXV. Sob estas quatro formas acha-se representado neste texto o vocabulo *compaixão*; afigura-se-

¹ O mesmo em francês: cf. *Grammaire française* de Brachet e Dussouchet, 68.

me que a ultima, isto é, *compassion*, que ainda subsiste em espanhol e francês, terá sido a mais antiga: dela resultaria a terceira pela atracção da semivogal pela tónica e desta a segunda; na primeira deu-se a redução do ditongo a vogal que accusão os populares *paxão, caxa, baxo*, etc.

competras, X, completas (uma das horas em que se divide o officio divino). Neste vocabulo, se é que realmente existiu e não provem de lapso do copista, o *l* do grupo *pl*, depois de convertido em *r*, o que na época era frequente, passou para a sílaba seguinte. Em Viterbo (edição de 1865) vem *compedras* na acepção de *completa*, como extrahido dos *Ineditos de Alcobaca*.

compengido, XXI, e **compungido**, XXXIX. De ambos estes modos se acha representada no texto a mesma palavra; provavelmente a primeira forma indica a pronuncia mais antiga e a segunda a que já então dominava.

compridamente, LII, perfeitamente. A lingua moderna retomou a expressão latina completamente que, sob influencia do verbo *comprir*, dera origem ao antigo adverbio.

comprido, LIX, completo, perfeito. Vide *compridamente*.

comrumpimento, XXIII, corrupção. Ainda hoje é frequente ouvir ao povo *comromper* etc., sem duvida por influencia analogica dos nomes que guardam o prefixo *com*.

comsentir, I, XIII, aquiescer, concordar. A similhaça do latim, que construa o verbo *consentire* com dativo, no sentido de: ser do mesmo parecer que outrem: nos passos citados vem o verbo *comsentir* acompanhado de complemento indirecto e em acepção pouco mais ou menos identica. Alem da forma *comsentir* apparece tambem *consintir*, proveniente da assimilação do *i* atono ao tónico, assimilação de que a lingua

arcaica nos oferece bastos exemplos: cf. *pidir, vistir, sintir, mintir*, etc.

comsumum (do), LIII, juntamente. Desta locução occupou-se, com a sua costumada erudição, a snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos na *Rev. Lusitana* I, 127. Vide tambem a locução *emhuum*, no § I.

comto, II. No sentido, em que aqui é tomado, de *numero*, usa-se hoje de preferencia *conta*.

comvindar, IV, convidar. É vocabulo ainda persistente no povo e no qual a nasal da sílaba inicial parece ter-se comunicado á seguinte: cf. *adem de aade*. A forma *convidar*, comum ao português, galego e castelhano, faz-nos supôr que o *invitare* latino, que tem apparencia de composto (Vide Brial, *Dic. Etim. lat. s. v.*), se tornou na peninsula em *cumvitare*.

coonego, XVI, cônego. A forma anterior a esta, e verdadeiramente popular, deve ter sido *cooigo*, que ocorre nos *Documentos gallegos* publicados pelo snr. Martins Salazar.

costranger, LXVIII. Neste e noutros vocabulos a lingua moderna restituiu o *n* ao grupo *-ns*.

cranho, LVI, cranio. Este vocabulo não foi, que eu saiba, ainda arquivado.

creamento, I. Na lingua antiga era muito frequente o emprego do sufixo *-mento* junto a temas verbais; a moderna substituiu-o por *-ção* neste e noutros vocabulos.

D

damte, V. Ao lado desta forma ha tambem *dianite* e *deamte*.

danar, X, sofrer dano, a sua significação, porem, é geralmente *causar dano*. Em *dapnar, dapno*, etc. o *p* é apenas ortografico.

davante, L, diante: cf.: francês *devant*.

deoenger, XIV, hoje *descingir*.

decontar, LI, contar, narrar, referir.

O prefixo parece ajuntar ao verbo

simples a ideia de *ajuntar con-*
tando.

delivraçam, XXXIV. E' alteração po-
pular que ainda subsiste, do culto
deliberação, resultante do abranda-
mento do -b- e queda da vogal pro-
tonica, para formação do grupo *vr*.

deluvio, I, diluvio. É frequente na
linguagem popular a troca de *di* ato-
no inicial por *de*: cf. *diminuir* por
diminuir.

demonstrar, VIII, mostrar: cf. *costran-*
ger.

denociar, XLIX, anunciar. Parece-me
que por lapso o copista omitiu o *n*
ou til o que era frequente; mas no
§ LXI encontra-se *anociar*.

departidar, LXVIII, perturbador, o
que provoca desunião.

deputar, I, destinar.

dereitura, XXX, rectidão. Do adj. arc.
dereito.

descoorrer, XX, discurrer, percorrer.
Troca do prefixo *dis-* par *des-*, o
que não é sem exemplo. Vide *Orto-*
grafia Nacional do sr. Gonçalves
Viana, pag. 80.

desmerecimento, XLVII, *por os des-*
merecimentos das suas culpas cor-
responde ao latim do original *suis*
exigentibus culpis. Parece-me,
pois, que o prefixo *des-* ou está a
mais ou entra neste vocabulo devido
á ideia de negação que o tradutor
tinha em mente.

despesa, XXXI, *das suas proprias*
despesas deve entender-se: *á sua*
custa, do seu bolso: cf. o francês *a*
ses dépens.

despojar, VII, despir. Nesta acepção
não encontro arquivado este voca-
bulo.

desputação, IV, disputa. Vide *des-*
correr.

destorimento, X, destruição. Se não
é devido a lapso do copista e repre-
senta pronuncia real, deve attribuir-se
a metatese a forma citada: cf. *frem-*
oso, fermoso e formoso. A lingua
antiga escrevia *destruir*.

destravar, LVIII. Toma-se aqui no
mesmo sentido que o latim *distur-*
bare que representa, isto é, de im-
pedir, destruir; a metatese que nele
se observa foi motivada pela tenden-
cia a formar grupo.

destruiri (leia-se *destrue*), LXVIII, in-
dicativo de *destruir*.

desvairadamente, L, por modos
diversos ou *desvairados* como então
se dizia.

detriminar, XXXV, determinar: me-
tatese e assimilação.

deverso, I, diverso. V. *deluvio*.

deversidade, I, diversidade. De *de-*
verso.

diaboo, XLVIII, diabo: cf. o lat. *dia-*
bolus.

dicipollo, XXIV, discipulo: cf. *decen-*
ger. A par de *dicipollo* ocorre tam-
bem *decipollo*, em virtude de diss-
milação frequente: cf. *dezia, vezinha*,
etc. No povo persiste ainda esta ul-
tima forma.

donde, XLVI, cf. *aonde*. Dos passos
citados, vê-se que se usavam indife-
rentemente as formas *onde, donde e*
adonde, XLVI, XXXIII, não havendo
distinção entre elas, pois em XX lê-se
lugar donde horava santo Antonio
e *donde averia aquelle moço*. No
mesmo paragrafo é empregado este
adverbio com a mesma significação
em que o era em latim de *ex quo* ou
em português *pelo que*. E' exemplo
que tambem ocorre nos classicos.

E

Eduarte, LVIII. Forma antiga do
actual *Duarte*.

elamento, I, elemento. Vide *Esopo* do
dr. Leite de Vasconcellos, s. v.

Elbrom, L, segundo o texto, povoação
nos arredores de Torres Novas, á
qual corresponde provavelmente a
que hoje se chama *Ahorão*, pertencente á freguesia de Assentiz e dis-
tante de aquella vila cerca de cinco
kilometros.

embargando (nom), XXIII. sem embargo de, apesar de, não obstante, ocorre com *embargante (nom)*.

emcapelado, XLVII. o que usa ou traz capelo ou capuz. O texto original diz *caputiati*. Nesta significação não encontro arquivado este vocabulo.

emohujar e **emxujar**, XXVII. manchar, çujar. A primeira grafia, emchujar, deve ter-se, a meu ver, por *lapsus calami*.

emorinar, I, inclinar.

emduzir, XLVII, aconselhar, admoestar; é forma ainda popular.

emendar, XXX, emendar, corrigir: cf. *exemplo*. É forma subsistente no povo.

emfengido e **infingido**, XXXVIII, fingido, falso. A lingua arcaica possuía o verbo *enfinger* que a hodierna conserva, mas sem o prefixo e com mudança de conjugação.

emfirmidade, XLVII. Embora mais frequente, alterna com *enfermidade*, XLI. Na primeira destas formas deve ter predominado a assimilação.

emformar, XIII, instruir, ensinar; ainda popular.

emframado, XXIII, inflamado: cf. *flama* ao lado de *flama* e *chama*.

emmigo, XLIX, inimigo. Como se vê, a forma actual foi refeita sobre a latina *inimicus*. Vide *imigo*.

empero, XX. mas: *empero que*, L, ainda que, embora.

emprimir, VII, imprimir. Como é sabido, a lingua moderna, em obediencia á latina, trocou em *in* o *en*, principalmente inicial-atono, de muitas palavras, tais como *enveja*, *enteiro*; no povo ainda persistem as arcaicas formas regulares.

emteiro, XXIV, inteiro. Vide *empri-mir*.

emtençam, LXVIII, intenção. Vide *emprimir*, *emformar*.

emtonces, XXVI, então. Ao lado desta forma, que ocorre ainda em B. Ribeiro, *Menina e Moça* parte II,

cap. 15, usa-se neste texto tambem *emtonce*, no § VI.

emviar, I, despedir, mandar embora.

emvidia, LXI, inveja. Vide *invidia*.

encabeladura¹, VIII, os cabelos.

enderençar, XII, dirigir. Vide *Esopo* do dr. Leite de Vasconcellos, glossario s. v.

enxugentar, XXX, çujar, manchar: cf. *emchujar*.

esclavo, II, eslavou ou habitante da *Esclavonia* ou antes *Escravonia*.

escolhe, XLV, imperativo de *escolher*.

espersamente, LXVIII, frequentemente. Vide *esperso*.

esperso, L, espesso. Afigurase-me que, por falsa analogia com *persoa*, em vez de *pessoa*, se trocou neste adjectivo o penultimo *s* por *r*. O adjectivo *espesso* que, no sentido de amudado, ocorre, segundo Moraes (Dicionario, 8.ª edição), na Cronica de D. João III de Fr. de Andrade, entra, com igual significação, no adverbio *espersamente*. Cf. tambem italiano *spesso*.

espicial, XXXI, especial. É um dos numerosos casos de assimilação do *e* ao *i* que o presente texto nos oferece. Vide a já citada *Orthografia Nacional* do snr. Gonçalves Viana, pag. 99 e seguintes.

espirar, XLVIII, forma popular de *inspirar*, que ocorre tambem em LII: cf. *espiraçom* no § I.

espiriemoia, IV, experiencia. Vide *espicial*.

espois, LVI. Assim verteu o tradutor anonimo a particula latina *igitur*. Na *Regra de S. Bento*, inserta no codice alcobacense n.º 14 (Vide a minha *Chrestomathia archaica*, pag. 27) ocorre o vocabulo *espões*, no sentido de «por causa de», o qual, não obstante a similhaça me parece

¹ Alguns dos vocabulos que seguem têm no codice *m*, em vez de *n*, como os anteriores, mas por lapso escreveram-se com *n*; procurem-se, pois, com qualquer dos nasais.

nada ter com o de que me estou ocupando, que, pelo sentido, é talvez o adverbio *depois*, que no povo soa ainda hoje *espois*, em virtude da frequente troca do prefixo *des-* por *es-*.

espresamente, IX, XXX. Vide *esper-samente*.

esprivy (leia-se *escribe*), XXI, imperativo de *escrever*.

esso (*mesmo*), I, L, igualmente, também.

estar, VIII. Neste passo tem este verbo o sentido de demorar-se.

estilamento, IX, pingo, gota.

estoutro (*dia*), XLVIII, ha poucos dias.

Excellino, XXX ou **Enocelino**, LIX.

Ao tirano, que desde o começo do seculo XIII governou despoticamente Padua, Verona e outras cidades da Italia, dão os manuscritos também os nomes de Icellino, Eccelino ou Ezelino, com o epíteto de Romano, que o tradutor português verteu por *de Roman*, proveniente do lugar do seu nascimento. Diz-se ter morrido no cerco de Milão em 1259, depois de um governo de mais de quarenta anos. Informa-me o sr. Pedro de Azevedo que em um documento latino do seculo XIII aparece o nome Henzelinus.

F

famosidade, LVIII. Talvez esteja por fumosidade ou abundancia de fumo.
V. *Anotações*

Felipo, Felipe e Phelipo, formas que no § XXIII designam o actual *Filipe* ou melhor *Felipe*.

ferir, XLIX, bater, maltratar.

fezo, XXXI, preterito de *fazer*. A par de *feze*, IX e *fez*, XXIV.

fim, XXIV. Conserva ainda o genero feminino: *aa fim*, por fim, finalmente.

finar, XXXIII, acabar, morrer. A lingua actual usa este verbo, com igual significação, mas na forma reflexa.

firmimente, XXXV, firmemente.

floxedade, LXVIII, froxidão, relaxação. Escreve-se geralmente *frouxo*, a meu ver, erradamente, pois o representante latino deste adjectivo é *fluxus*. Tem igual proveniencia, segundo o Dr. Cornu, *Die port. Sprache*, § 135, *chocho*.

foi, XXXVII, XLVII, 1.^a pessoa do singular do preterito do indicativo do verbo *ser*.

folegar, LIV, respirar, tomar folego.

fondido, XXXV, afundido submergido.

Fornelles, LVI, aliás *Fortiænsis diocesis*, hoje Forlì, na Italia.

fresta, XXVIII, janela: cf. fr. *fenêtre*.

G

garda, LV, guarda. Apesar de por vezes escrito com *gu*, inclino-me a crer que a sua pronuncia antiga era semelhante á actual francesa: cf. *gardar*, XXVII.

Gerundia ou **Gironda**, LXVI, hoje Gerona, cidade da Catalunha.

gorecer, XLII, curar. Ocorre com *gwarecer* XLII. Vide *gorir*.

gorir, XLI, curar. Persiste ainda no povo.

I

igleja, III. Nesta forma, que ocorre ao lado da mais frequente *igreja*, V, XI, XIII, etc. talvez o *I* seja devido a influencia castelhana.

imvidia, LXI, inveja: latinismo.

inchadura, LVI, inchaço, tumor inflamado.

indolgemcia, I, a par de *indulgencia* II.

infirmidade, XLVI, ocorre com *emfirmidade*. Vide esta palavra.

ingres, II, inglês

L

lampado, XIII, relampago. Vide a proposito deste vocabulo *Revista Lusit.* XII, pag. 9 (artigo da sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos).

leocomeça, XV. licença. É mais um caso de assimilação.

leenda, LXVIII. lenda. Apar de *lenda* e com a mesma significação, diz-se *leitura* no § LXIV.

Lemosnes ou **Lemosenes**, VI. Vide *Anotações*.

Lenomcio V. Lemosnes.

letara, XV. carta. Se não é erro de escrita, deve esta forma provir de *letera* que, a par de *letra* e em igual sentido, ocorre no mesmo §.

legitimamente, XXIX. legitimamente: assimilação.

limpamente, XXVI. bem, sem dificuldade. No texto latino corresponde-lhe *libere*.

livor, LXI. rancor, odio. Pertence este vocabulo, como *perigro* e outros, à lingua castelhana.

longo, XLIX. longiquo, afastado: *longinquis partibus* tem o texto latino neste passo.

lumbenilho, LVI. nome de certo tumor a que no latim corresponde *nacta*. No vocabulo português, que se me afigura de proveniencia castelhana, parece haver relação com *lombo*.

luminaria, LXVIII. No sentido em que aqui é tomado este vocabulo usa-se hoje de preferencia *luminar*: actualmente a palavra *luminaria*, aplicada a pessoas, tem significação pejorativa e designa o contrario, isto é, individuo estúpido.

Lupa, XLVII. nome de mulher, cujo masculino é *Lopo*, ambos, decerto, de introdução ecclesiastica.

M

madre, IX. Parece que na lingua da época ainda se não conhecia o termo actual *mãe*, pois aquele é o unico empregado.

maginhaçom, LVIII. imaginação. O português arcaico usava frequentemente o verbo *maginar*, no qual, como naquele vocabulo, que me parece ainda não foi arquivado, caiu a

vogal isolada inicial, facto de que ha na lingua antiga bastos exemplos.

mais passim. E' a unica forma apresentada pelo texto, donde se depreende que ainda não havia evoluçionado na actual *mas*. Continua a fazer parte da lingua popular: cf. francês *mais*.

mansidão, XL. A par das formas em *de*, que são as mais antigas, occorrem já outras em — *om* donde se formaram depois as actuaes em — *am* ou — *ã*.

mártere, XXIII. martir. No povo persiste ainda a palavra *mártele*, proveniente daquela por dissimilação.

marterezar, LXIV. martirizar: assimilação.

martrillojo, XXXIV. martirologio. Forma popular resultante da queda normal da vogal protonica, provocada pelo grupo *tr*, e absorção do *i* pelo *g*: cf. *fujo* de fugio. Ao lado de *martrillojo*, oferece este texto tambem *martillogio*, LXVII, em que a queda do *r* se deve attribuir a dissimilação.

matias, LXVI. Creio que este vocabulo, aqui pela primeira vez arquivado, tem a significação de *manhã*: cf. o francês *matin* e o italiano *matino*. Em espanhol arcaico ha tambem *matines* e *matino*.

meester, LXVIII. necessidade (principalmente corporal).

menio, XVIII. Ao lado desta forma, que parece estar por *meninho*, encontra-se no presente texto tambem *minino*, ¹ XIX que ainda persiste no povo.

menos preçar I. hoje menos prezar, forma esta que, embora raramente,

¹ Como no lugar respectivo o pergaminho foi raspado, tenho a palavra *minino* por um dos modernizamentos de linguagem de que o codice oferece vestigios; contemporanea devia ser, parece-me, a forma *menio* ou *meninho* que se lê no § anterior, todavia *menino* e *minino* em LX.

já aparece no codice donde é extraído o presente texto.

merecimento (sem), III. causa, razão, motivo. É tradução do adverbio latino *immerito*. Ao lado desta forma também se usa *mercimento*.

mesageiro, XV. mensageiro. Também *misegeiro* no mesmo §.

misquinho, XVIII. mesquinho. Na lingua antiga a grafia mais frequente era *mezquinho* ou *mizquinho*, como se escreve nos §§. XLVII e XLVIII.

moestar, XLVIII. ocorre com *amoestar*; hoje admoestar.

moesteiro, XXXIII. *passim*. Vê-se do presente texto que, na epoca em que ele foi escrito, ainda se não tinha dado a absorpção do *e* pelo *o* que se observa no actual *mosteiro*.

Monpirle, V ou *Momprister* ou *Monpriller* XVII, a actual cidade francesa de *Montpellier*.

mudada, XLIX. Evidentemente a significação deste adjectivo é admirada, atonita; cf. *transtornado* que por vezes empregamos em sentido identico.

multidão (a par de *multidom*), I hoje multidão: cf. *mansidão*.

muu, III. A lingua moderna substituiu este vocabulo por *macho*, mas conservou o respectivo feminino, regressando, porem, á forma latina ou adoptando a castelhana *mula*, em vez da antiga e regular *mua*.

N

nacemça, LII. nascimento. É vocabulo que se ouve frequentemente no povo, como o primitivo *nacer*, XXV.

necisidade, LXVIII. necessidade: assimilação.

nehuum, I. nenhum. De ser esta a grafia exclusivamente apresentada pelo texto, concluo que a nasal inicial ainda não tinha influido na vogal immediata, produzindo a forma actual. Quando não seguido de substantivo, tem este pronome o sentido de *ninguem*, como em XXV. O fe-

minino respectivo é *nehua*, e emprega-se na acepção de *nula* (em LXVIII em que está referida a sentença).

nigrigemcia, XLIII. negligencia: cf. *necisidade*.

Nobilasco, IX. Vide *Anotações*.

nome (aver), XXIX. chamar-se. É expressão corrente na lingua antiga.

novamente, XVI. pouco antes.

novicio, VI. É vocabulo castelhano; o português *noviço* ocorre também no mesmo §.

O

olvidamento, V. esquecimento. V. *creamento*.

omildosamente, III. humildemente.

onde, XLV, pelo que: vide *donde*. Também o latim emprega o adverbio *unde* em vez de preposição e relativo. Vide *Gramatica latina* de Madvig, § 317, ob. 2.

outavairo, LIX. mas *oytavario* no mesmo §.

P

padre, XXVI. *passim*. Do seu emprego exclusivo conclue-se que ainda então se não usava o actual *pai*.

parantesco, XXXV. parentesco. É frequente ainda no povo a troca do *en* por *an* em sílaba atona: cf. os meus *Dialectos algarvios*, a pag. 37 do vol. VII da *Rev. Lusit.*

parecer, XL em vez de *aparecer*.

Parusio XXXV. Vide *Anotações*.

Paudua, XV. Esta grafia parece devida a lapso do copista, pois a mais corrente é *Padua*, XXVII. etc.

paxom, XLVII. paixão. V. *compaxom*.

pelegrino, I ao lado de *peregrino*, II.

perigro, LIX. perigo. É vocabulo espanhol.

perigroso, LVI. perigoso. Vide *perigro*.

per, L. É frequente e alterna com *por*. Também no mesmo § e outros *pera* ao lado de *para*.

percomturbar, X, perturbar. Em latim a preposição *per* junta-se como prefixo a varias palavras (verbos e adjectivos) para lhes aumentar a significação. Vide *Dict. etym. lat.* de Breál, s. v. *per*.

perfoso, III, perfido.

personalmente, XXX, pessoalmente.

Se a nasal intervocalica não está indicando o nasalamento da vogal anterior, deve o vocabulo ser castelhano. No § LXVIII ocorre *persoalmente*.

pistola, XVI, epistola. Ao livro que contém as epistolas chamava-se tambem *pistoleiro*, como se pode ver em *Um Inventario do seculo XIV* do snr. Pedro de Azevedo, pag. II.

podreecer, XXXIX, apodrecer.

poinha, LXVIII, vide *puinha*.

pongido, I, pungido, no sentido moral, isto é, arrependido.

pormeter, IV, prometer: metátese frequente.

poso, XLIV, preterito de *poer*, ao lado de *pose*, XVII.

precisom, L, procissão: cf. arc. *fremoso* de *formosus*.

pregarias, XXV, suplicas, preces. Alem desta forma, ocorre na lingua arcaica *plegarias* e ainda *pregalhas*. Em vista da sua origem, que deve ser o lat. *precarias*, afigura-se-me errada a acentuação no *i* que os dicionarios apresentam: cf. italiano *preghiera* e o fr. *priere*. O espanhol antigo possuia tambem *plegarias* e *pregarias*.

primeiro (de) XIX, antes.

Proença, XXIV, hoje Provença. A forma antiga é ainda usada mas só em apelidos de pessoas.

profiioso, LIX. Vide *perfioso*: cf. *precisom*.

promittimento, LI, promessa.

propio, XXV, proprio: ocorre o vocabulo no castelhano e na linguagem popular de hoje.

pronguesse, XXX, imperfeito do conjuntivo de *prazer*: cf. *prongue* no § LV.

provencia, LVII, provincia. Vide *Esopo*, s. v.

puinha, XVIII imperfeito do indicativo de *poer*.

purgaminho, XLVIII, pergaminho.

Portugal, XLVII: é a unica grafia que se usa neste texto.

Q

quer: como quer que, XVI, ainda que, embora.

quiria, VIII *passim*. Esta forma resultante de assimilação ocorre com mais frequencia do que *queria*. XVIII.

R

rauto, XVI, extatico, em extase: de *raptu* cf. arc. *auto* hoje *ápto*.

rebolloio, LIII, reboliço. No texto encontra-se *debolicio*, que tenho por *lapsus calami*. No espanhol tambem ha *rebolicio* e em português, a par de *bolicho*, diz-se tambem mais frequentemente *bolicio*.

refazer, XLIX, alimentar, recrear: cf. francês *refaire*. Aqui a tradução literal do *reficere* (*sacris sermonibus*) do original latino.

refrear, XXX cohibir-se, mas no § XII parece ser este verbo tomado no sentido de: censurar asperamente, pois neste lugar o texto latino emprega o verbo *detestari*.

rega, XVI. Assim está no texto, mas noutras partes lê-se *regra*. Se não é devido a descuido do copista, representa este vocabulo a linguagem popular em que ainda vive.

registir, XVII, resistir: cf. *aginha* e *asinha*.

regno, XLV, reino. Latinismo. A verdadeira forma vem, por exemplo, no § L.

Relato, V, a cidade de *Arles* em França.

resente, LX, recente: deve ser grafia errada, a verdadeira *rezente*, encontra-se no § LXXI: a 1.^a edição das

obras de Gil Vicente (*Serra da Estrela*) traz também *resente*.

restringido VII. apagado, extinto. Vide *Anotações*.

resucitamento, XIX. resuscitamento: cf. *resucitar*.

resucitar, XXXV. resuscitar. É pronúncia ainda corrente no povo: cf. *nacer* etc.

S

saar, LXII. sarar. Esta forma supõe a anterior *sāar* que, depois de perda da resonância nasal, se tornou em *saar*, donde, pela regular condensação das vogaes, resultou *sar* que ocorre no § LIV.

sala, VII. habito.

sanificar, LVIII. significar. Se não houve descuido do copista, deve este vocabulo ter resultado, por dissimilação, de *sinificar* que vem no § LIJ ou melhor da pronúncia popular, que ainda subsiste, *seneficar*.

são (dar), XXXIII. sarar, curar.

secletamente, LXVIII. Troca de *r* por *l* que ocorre por vezes.

sey, XLIV. imperativo (2.ª pessoa do singular) de *seer*.

soldom ou **soldam**, XXIII. Sob esta ultima forma designava-se, em português, como em castelhano e francês, qualquer potentado oriental; hoje o vocabulo *sultão*, que lhe corresponde nas mesmas linguas, applica-se especialmente ao imperador dos turcos.

solnidade, XXIII. alterna com *solenidade* no § XXXIV.

Sollemiacco, VII. Vide *Anotações*.

somergulhar, XXXV. submergir. Neste vocabulo que, segundo creio, ainda não foi arquivado, influiu de certo o antigo verbo *somerges*.

somerjudo, XXX. submergido. Um dos raros participios em *-udo* que o texto ainda conserva.

sopulcro, LVII. sepulcro. Vide *sopultura*.

sopultura, alterna com *sepultura* no mesmo § LIX. Cf. *somana* e *semana*.

sospenso, XXVIII. suspenso.

stemtivos ou **stentivos**. Assim se lê no § LVII: o copista, por lapso, escreveu *-vos* em lugar de *-nos*, devendo portanto ler-se *stentino* ou *estentino*, que seria pronúncia popular da palavra culta *intestinos* pela passagem da resonância nasal para a sílaba immediata (cf. *adem de ãade*) e do *s* de *-les* para o principio da palavra (cf. arc. *escupir*, pop. *estrapor*, *estramontar*, etc. de *cuspir*, *transpor*, *trasmontar*, etc.) É vocabulo comum também ao antigo castelhano.

T

Tarega, XLV em vez de *Tareija* que se lê no mesmo §.

tavoleta, XXXIX. alterna com *taboleta* e designa a especie de matraca de que, na idade media, os leprosos devião andar munidos, afim de, com o seu bater, afugentarem do seu contacto a qualquer caminhante.

Thomasim, LV. nome de homem, no latim *Thomasinus*.

thono, LXVII. tom: é vocabulo castelhano.

traladaçom, alterna com *treslladaçom* no mesmo § LX.

treladar, XVI. trasladar, traduzir.

trelado, XLVIII. treslado, eopia.

trestornar-se, XLIV. voltar-se.

trobar, XXV. Creio ter havido aqui lapso do copista em vez de *trotar*. V. *Anotações*.

trocamento, I. Como no original latino a palavra que corresponde a esta é *truculentia*, que quer dizer dureza, violencia, parece-me não corresponder a tradução á ideia do autor; talvez a similhança que existe entre as primeiras sílabas do vocabulo latino e do português induzisse o tradutor em erro.

V

vas, XXXIX. 2.ª pessoa do singular do indicativo presente de *viir*, pronuncia que ocorre igualmente em Gil Vicente e subsiste ainda na linguagem popular.

veo ou **veso**, XXII. preterito do indicativo (3.ª pessoa) de *viir*.

venino, LIV. veneno. Esta forma que ocorre também no espanhol antigo, foi talvez importada do francês.

veninoso, IV. venenoso. De *venino*.

Vercelhas, XVI ou **Veroellos**, XXXII. a cidade italiana conhecida pelo nome de *Vercelli*.

verra e **veera**, XXX, XXII. futuro do verbo *viir*.

Verna, IX. Vide *Brina*.

viir, XVI. mas também *viir*.

virgo: assim se lê no § XXXVII: sobre a queda da nasal, se não houve descuido do copista, cf. pop. *vage*, *nuve*, etc.

Vitubrio, XII. aliás *Bituris*, hoje *Bourges* (França).

vizma, XXXVIII. venda ou tira de lenço, como o tradutor se exprime antes. No espanhol arcaico ocorre o termo que deve ser o mesmo que o actual *bizma*: este toma-se no sentido de «emplastro e pele ou pano ou pedaço de lenço em que a *bizma* se aplica.» No povo existe o vocabulo *abisma* e, se me não engano, também no sentido de emplastro. No original latino a palavra que corresponde a esta é *binda*, que não é outra senão o antigo alto alemão latinizado.

Observações literarias e filológicas

O texto que trago agora a lume é extraído do mesmo códice em que se encontra o *Martyrio dos Santos Martyres de Marrocos* publicado nesta mesma *Revista*, vol. VII, pag. 189, pelo distinto orientalista, snr. Esteves Pereira.

Como a descrição do códice já aqui foi feita por este senhor, abstenho-me por isso de a fazer; só acrescentarei que é um belo volume, de letra bem feita e de facil leitura, a tinta preta, com excepção dos titulos e iniciaes dos capitulos que são de côr vermelha e em geral com ornatos, as ultimas principalmente; apenas nas primeiras paginas a letra é mais miuda que nas restantes. O pergaminho nalgumas partes está esburacado, mas esse defeito é anterior á copia, e em varios sitios vê-se bem que foi raspado por um revisor posterior que ora tratou de avivar palavras já esmaecidas, ora de corrigir lapsos do copista, emendando letras e pondo em entrelinhas o que a este escapara; parece até que houve intuitos de modernizar a linguagem, substituindo uns termos por outros. Algumas das correcções, pela grande diferença da letra, reconhe-se que foram feitas muito mais tarde.

Pelo seu conteudo que, sendo narrativo, não só se torna de leitura mais ou menos atraente, mas também dá ensejo a maior riqueza e variedade de expressão, merecia ele as honras da publicidade, e bom

serviço prestaria ás letras patrias quem o trouxesse a lume. Gostosamente o faria eu já, se me fosse possível, pois que, atraído principalmente pela sua linguagem, dele tirei copia inteira; na impossibilidade, porem, de presentemente pôr em pratica este meu desejo, contento-me com ajuntar o extracto presente ao publicado pelo snr. Esteves Pereira, reservando-me para depois, se Deus me der vida e ensejo se me oferecer, o publicar por completo.

Passarei agora ao estudo, por assim dizer, interno do codice. No breve prólogo da sua transcrição apresentava este senhor varias considerações ácerca da epoca e composição das *Cronicas dos ministros e geraaes da ordem dos frayres menores*, sendo de parecer que elas haviam sido originalmente redigidas em português, aí pela segunda metade do seculo XIV. Dando eu parte ao snr. Esteves Pereira da copia que andava tirando, ele teve a bondade de chamar a minha atenção para um artigo critico que sobre a sua publicação apparecera nos *Analecta Bollandiana*, tomo XXIII, no qual se contestava a primitiva redacção em português do extracto publicado e se opinava provir ele de uma versão literal de um texto latino inserto numa Cronica dos XXIV primeiros geraes da ordem de S. Francisco a qual fôra em 1897 editada pelos Padres Franciscanos de Quaracchi, perto de Florença, na Italia. Consultando os *Acta Sanctorum*, no volume referente ao mês de junho, achei, entre as varias narrativas respeitantes a Santo Antonio, uma que se dizia extraída das antigas cronicas da ordem, e cotejando-a com a que se encontra no código de que trato, reconheci logo que esta era tradução de aquella; a unica diferença estava em que na versão portuguesa figurava como primeiro capitulo, ou seja *Como santo Antonio pregasse* etc., o que no original latino, em harmonia com o sentido, era o segundo.

Para mais me certificar, fiz aquisição do volume publicado pelos referidos franciscanos, que se intitula *Analecta Franciscana sive Chronica aliisque varia documenta ad historiam fratrum minorum spectantia*, e, após acurado exame, reconheci que o código todo, e portanto a presente narrativa, era efectivamente, como pretendia o critico bolandista, tradução da cronica latina nele inserta, divergindo dela apenas em que, enquanto esta trata dos primeiros vinte e quatro geraes da ordem, aquele occupa-se só dos dez primeiros, como aliás declara, na primeira pagina do manuscrito português, uma nota ali posta por mão diferente da que escreveu o resto, abrangendo o seu conteúdo tudo quanto vai naquella publicação até paginas 381, isto é, alem da vida de S. Francisco, com os respectivos milagres e os de S. Antonio, tambem as biografias de fr. Bernardo de Quintaval, frei Rufino, frei Junipero, fr. Leom ou Liom, frei Gil, frei Manseu, frei

Simão, frei Christovão, santa Inês, santa Clara, frei João, frei Elias, frei Alberto, frei Aymon, frei Crecencio, frei João de Parma, frei Boaventura, frei Jeronimo e finalmente frei Boa Graça, o decimo geral da Ordem, ou antes os factos passados nesta desde a sua fundação até ao ano de 1285. Mas porque se não teria traduzido todo o texto latino, quando este se julga estar já composto na sua maior parte antes de 1369, embora as cronicas fossem continuadas até 1375, e o codice português, segundo duas notas que no mesmo se encontrão, só foi escrito quasi um seculo depois, isto é, em 1470? A esta pergunta só poderá responder-se por conjecturas. Das formas exclusivas em *-des* na segunda pessoa do plural e raridade dos participios em *-udo* concluo que a tradução é mais antiga do que a data nela indicada e que portanto foi feita ainda no seculo XIV, em tempo em que a redacção latina da Cronica ainda não estava completa, mas da qual já existia uma bõa parte disseminada pelos conventos que a ordem possuia, pois não é crível que, se o tradutor tivesse diante dos olhos todo o texto latino, deixasse de o traduzir por completo; isso poderia ter-se dado por falta de vida, não faltaria, porem, de certo quem neste caso o substituisse. Se assim aconteceu, o texto que possuímos já não é o primitivo, mas uma copia doutro mais antigo. E quem seria o tradutor? De certo que nem Estevo Eanes, filho de João Estevenz, que na nota final do codice se diz te-lo escrito, nem frei Antonio da Ribeira, gallego, que o mandou escrever, segundo nos informão uma nota no fim do volume e outra que vem na parte inferior da folha 297, o foram, no caso da tradução, como parece, provir do seculo anterior. Talvez que o primitivo exemplar, pelo muito uso, estivesse bastante estragado e que o primeiro destes individuos apenas executasse a ordem do segundo de tirar delle copia. Mas, se frei Antonio da Ribeira não fez a tradução, teria elle por qualquer forma influido nela? A sua qualidade de galego explicaria os galeguismos que ali se notão, como, por vezes, a desinencia em *-o* da 3.^a pessoa do singular do preterito dos verbos, *fazer*, *satisfazer*, *poer*, *impoer*, *compoer*, e *querer*, a forma *consentin*, que na 1.^a pessoa do preterito se lê uma vez, e bastantes vocabulos castelhanos taes como: *peligro*, *peligroso*, *color*, *pereza*, *pereçoso*, *golondrina*, *marfil*, *novicio*, *estudiar*, *alabamça*, *ayre*, *sonar*, *envidia*, *asninho*, *canonico*, *color*, *livor*, e outros. Ou seria o copista, que parece não era frade, da mesma nacionalidade que o vigario de Santo Antonio de Villa Franca?

Sobre quem fosse o autor da Cronica latina de que o codice português é em parte tradução opinão os modernos editores que foi francês, da ordem dos menores e da provincia de Aquitania, talvez fr. Arnaldo de Sarano ou Seranno. Parece, porém, depreender-se do

contexto que ele não fez mais que resumir ou compilar escritos que sobre o assunto já existião, taes como as duas *Legendae* de fr. Thomás de Celano, a *Legenda trium sociorum* e a de S. Boaventura, chegando a copiar quasi todo o opusculo de fr. Bernardo de Bessa, intitulado *Liber de laudibus B. Francisci*; tambem lhe não foi desconhecida a *Chronica* de fr. Salimbene, o livro de fr. Thomás de Eccleston, *De adventu fratrum minorum in Angliam*, o opusculo intitulado *Dialogus Crescentii*, afóra uma colecção de devotas narrativas. Em muitos pontos a Cronica concorda com o *Speculum vitae B. Francisci et sociorum ejus*, como o proprio autor confessa; serviu-se ele tambem das *Cronicas* de fr. Peregrino de Bolonha de cujo prologo, que começa por estas palavras *Quoniam praeteritorum narratio*, etc., ele se aproveita no seu trabalho; tambem por vezes apela para relações oraes que lhe forão feitas por frades que lhe confessavão ter ouvido os factos narrados ás pessoas que deles havião sido objecto ou a outras com elas relacionadas; cita igualmente os *Ditos* de fr. Leão que, com fr. Rufino e fr. Angelo, no anno de 1246, escreveu, alem da mencionada *Legenda trium sociorum*, outros escritos acerca de S. Francisco aos quaes o autor faz referencias e donde extrae algumas cousas ¹.

Principia o manuscrito por estas palavras: Em nome de deos começam sse as caronicas dos ministros geraees da ordem dos fraires menores. O prologo do qual he este que sse adiante segue. Porquanto ho recomtamento das cousas pasadas he proveitosso pera emsinamento dos presentes e cautella dos que som por vñr. de aquy he que as coussas notavees boas e maas que em desvairados tempos sob diversos ministros jeraaes em alguñas leituras trautados ² e processos e coronicas achey derramadas que em na samta hordem dos fraires menores avia acontecido E ainda da vida dos samtos fraires buscadas em quanto pude em verdade em no seguinte livro ajumtey.»; em seguida entra o autor no assunto da sua narrativa, começando, no «capitulo primeiro, em como primeiro ministro geeral. foy ho glorioso padre Sam Francisco.»

Embora ele não o diga expressamente, suspeito que o historiador da Ordem franciscana, fr. Marcos de Lisboa, se refere a este códice, quando, entre os livros que o auxiliaram no seu labor literario, em

¹ Esta resumida noticia colhi-a no breve prologo que antecede a actual edição e vi-a confirmada na versão portuguesa.

² *Trautadas* foi o que primeiro se escreveu, de certo por atracção com a palavra antecedente, depois a mesma mão, ao que parece, emendou o *a* para *o*; o latim tem efectivamente *tractatibus*.

cujo numero entra a mór parte dos citados, menciona as *Cronicas antigas da ordem*. A avigorar a minha suspeita está o emprego da palavra *cativello*, que o *Dic. de Moraes* diz «dificultosamente se encontrará em outro classico» referida ao mesmo personagem a que no manuscrito em questão é aplicada, isto é, a fr. Rufino.

Aos feitos milagrosos do santo português dedica a *Cronica* uma parte importante a qual no codice ocupa o que vai de folhas 89 recto, segunda coluna, até folhas 114, igualmente recto e segunda coluna, ao todo 25 folhas, mas, afóra isto, fazem-se nela bastas referencias ao mesmo, como do presente extracto se vê¹. Entre a narrativa portuguesa e a latina ha perfeita similhaça; se alguma divergencia se encontra, não falando nos titulos dos capitulos que não são iguaes, é numa ou noutra palavra, o que aliás não se estranhará, sabendo-se que ainda hoje existem nada menos de 13 codices, copias da primitiva redacção, todos provenientes do seculo XIV e XV.

Passarei agora ao estudo da lingua do codice; tomando por base as palavras e frases do presente extracto, farei umas breves considerações glotologicas debaixo do seu aspecto grammatical, começando pela

A) FONETICA

1.^o Persistem em geral as vogaes dobradas resultantes da queda de consoante intermedia, mas nota-se já tendencia para a contracção; assim, ao lado de *poboo*, *diaboo*, *seer*, *veer*, *algũu*, *bõo*, *jejũus*, etc., aparece *pregasse*, *pregaçom*, *ser*, etc. Palavras occorrem até em que a vogal se acha duplicada, sem que tenha havido sincope de consoante, taes são: *maãos*, *cheeo*, *moodo*, *mcea*, *aprazerriia*, *quaaes*, *maao*, *maar*, *ceeo*, *ouviia*, *sermodes*, *vaão*, *meedo*, *aveer*, *booa*, etc.² É que, tendo-se perdido a noção da queda da consoante intervocalica, porque isso se

¹ Não está completamente inédito o que nele figura; o erudito Gabriel Pereira, ha pouco falecido, que foi quem primeiro, segundo creio, revelou a existencia do codice n.º 94, no tomo VII da 3.ª serie do *Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portugueses*, n.ºs 3 e 4 a pag. 48, fazendo dele uma breve descripção e attribuindo, erradamente como vimos, a Estevo Eanes a sua composição, de certo em comemoração do centenário de Santo Antonio, aí publicou os trechos que aqui têm os n.ºs I—XXXI—XXXV—XLIV—XLV—LXII e LXIV.

² Mas tambem *cheo*, *feo*, *cea*, *candea* etc., assim como *ja*. A duplicação de vogaes encontra-se por vezes em casos em que era completamente desnecessaria, como no plural do artigo definido feminino, por isso um dos *aa* aparece aqui e ali apagado por alguém que leu o codice depois de escrito ou quiçá pelo proprio copista. Neste extracto ponho entre paréntese a vogal que julgo estar a mais.

dava de preferencia na tónica, mais tarde para a indicar recorreu-se a este artificio da duplicação. De aqui parece concluir-se que, na época em que foi executado o manuscrito, se a duplicação ainda se fazia sentir na pronuncia, propendia-se todavia já para a contracção ¹.

2.º Enquanto as vogaes tónicas persistem, nas atonas dão-se frequentes oscilações; assim *e* e *i*, *o* e *u* alternão entre si, como se vê dos seguintes exemplos: *dizia* e *deziam*, *demoneos* e *demonios*, *emfirmidade*, que é a forma mais frequente, e *emfermidade*, *vertude* e *virtude*, *solinidade* e *solenidade*, *devinal* e *divinal*, *menistro* e *ministro*, *vezinha* e *vizinhança*, *feuzo* e *fuizo*, *misegeiro* e *mesegeiro*, *sopitamente* e *supitamente*, *ocupado* e *acopou-se*, *costume* e *costume*, *sopricar* e *supricar*, *capitollo* e *capitulo*, *poinha* e *puinha*, etc. Note-se, porem, que a tendencia é para mudar em *e* e *o* os *i* e *u* originaes, como mostram *fegura*, *deluzio*, *lecemça*, *desputar*, *despostos*, *deversidade*, *atrechuir*, *descoer*, *Felipo*, *martere*, *marterezados*, *titollo*, *sobido*, *sospiros*, *sospeita*, *sospenso*, *indolencia*, etc.; os casos em que se dá o fenomeno contrario, isto é, a troca por *i* e *u* dos *e* e *o* de origem poderão talvez explicar-se por influencia ou da consoante com que se achão em contacto (assimilação incompleta) ou da vogal seguinte (assimilação completa); é o que se vê em *milhor*, *minimo*, *nigrigencia*, *concibimento*, *emfirmidade*, *solinidade*, *firmimente*, *necisidade*, *sinificar*, *misquinho*, *Grigorio*, *misegeiro*, *Purtugal*, *purtugues*, *mintir*, *sintir*, *judgar*, *sopultura*, *sopulcro*, a par de *sepultura* e *sepulcro*, *somana*, *sobir*, etc. Como hoje na lingua popular, ha já *piadoso*.

3.º Alternão igualmente *im* e *em* e *om* e *um*: *emfengido* e *infin-gido*, *encrinar* e *inclinare*, *emfermidade* e *infirmidade*, *confondidos* e *confundidos*, mas, como aconteceu na formação da lingua, aos *im* e *um* latinos correspondem *em* e *om* portuguezes; assim *enduzir*, *enteiro*, *encontrer*, *entemçam*, *entento*, *fondido*, *comprir*, todavia *compunçom* e *compungidos*, ao lado de *compongidos*, *pongidos*.

4.º A vogal final, que cae regularmente depois de *r* ou *z*, apparece contudo em *martere*, *requere*, *feze* e *praze*, ao lado de *praz*.

5.º Embora as vogaes *e* e *o* alternem com *i* e *u*, todavia na 3.ª pessoa do singular do preterito perfeito do indicativo dos verbos da 2.ª conjugação a grafia é sempre *-co*. Na 3.ª pessoa do plural do mesmo tempo a unica desinencia é *-rom*, em harmonia com a latina *-runt*.

¹ Nota-se a contracção ou crase nestes §§ XXII (*aquela* por *aaquela*), XXVII (idem), XXIX (*aquelle* por *aaquelle*) XXXIII (*a terra* por *aa terra*), I (*aquela mulher* por *aaquela mulher*), LXI (*a igreja* por *aa igreja*). LXVIII (*as quaes*, *a ordem*, por *aas quaes*, *aa ordem*) LXX *a oraçom* por *aa oraçom*), etc.

6.º Continuação a persistir as terminações *-om*, *-am* e *-de* (também escrita *-oem*), conformes com a sua proveniência *-one*, *-ane* e *-udine*; parece, todavia, notar-se já uma tal ou qual tendência para a redução, que mais tarde se deu, de todos aquelles sons a um unico *-am*, porquanto, ao lado de *sermom*, *beençom*, *razom* e *multidõe*, embora com muito menos frequência, ocorrem também as grafias *sermam*, *beençam* e *razam*.

7.º O *e* inicial atono, não protegido por consoante, aparece por vezes nasalado, como ainda hoje se observa na língua popular; vê-se isso em *enxemplo*, *enleger*, *enliçam* e *ëmendar*.

8.º Nos verbos, quando á vogal final se segue outra identica, esta aparece ás vezes absorvida por aquella; é o que se observa em: *colheos*, *meteos*, *recebeos*, *confirmandos*, *ouvindos*, em vez de *colheo-os*, *meteo-os*, *recebeo-os*, *confirmando-os*, *ouvindo-os*. Igual absorpção pela vogal antecedente se dava na 3.ª pessoa do singular dos preteritos dos verbos em *-er* e *-ir*, ainda quando o pronome enclítico não começava pela mesma letra, como se vê em *partisse*, *entrestecesse*, *defende-lhe*, *desaparece-lhe*, por *partio-sse*, *entrestecéo-sse*, *defendeo-lhe*, *desapareceo-lhe*. Estas absorpções persistem ainda, pois, a não ser por affectação, a maioria das pessoas pronuncia *ouvindos* e não *ouvindo-os*; a redução dos digrafos *-eu* e *-ou* a *-ê* e *-ô* é que é peculiar á gente do sul ¹.

9.º Subsistem os digrafos tonicos *-ea*, *-eo*, que mais tarde intercalaram um *i* para evitar o hiato, assim: *candea*, *cea*, *cheo*, *feo*, *teeas*, etc.; mas nota-se já equivalencia de *ou* a *oi*, porquanto, a par de *oitavo* e *oitavario*, ha *outava* e *outavairo*.

10.º É freqüente a troca de *l* por *r* e vice-versa: assim *resprandor*, *resprandecente* e *resplandor*, *encerinar* e *inclinár*, *floxedades*, *supricar*, *pubricamente*, *sectetamente*, *enframado*, *igleja*, *ingrés*, etc. Também por vezes permutação entre si *b* e *v*; é o que mostram as seguintes formas *arrevatar*, *arrevatamento*, *bever* (a par de *beber*), *delivraçam*, etc. De *z* (ou *s* brando) por *g* e vice-versa são exemplos apenas *trazer*, ao lado de *tragia*, e *registir*.

11.º Deve ser devida a influencia da liquida a troca do *e* por *a* em *çarrada*, *camara*, *aspara*, *derrador* e *elamento*.

12.º *S* dobrado em contacto com *i* tende já a converter-se em *x*; assim, ao lado de *compaisom*, aparece *compaixom*.

¹ No presente texto ocorrem as grafias *trouxsesse* e *ovindo*, mas que são devidas a lapso do copista vê-se de outros lugares nos quaes estas palavras se achão escritas *trouxesse* e *ouvindo*.

13.º *S* impuro é representado geralmente por *es*, mas também ás vezes por *s*: assim *esprito* e *sprito*.

14.º Alem da assimilação, de que dei exemplos, ocorrem outros fenomenos foneticos, taes como: prótese em *alimpar*, *achegar*; síncope (motivada pela formação de grupos consonanticos) em *delivram*, *martrilogo*; metátese em *abretura*, *detriminar*, *fremosura*, *formeter*, *crelizia*, *creligo*; aférese em *pistola*, *moestar*, *maginhaçom*; dissimilação consonantica em *martilogo*, *conhece-nos* (por *conheccs-nos*), *apropriar*.

Obs. Ao lado de *fremosura* ha *fermoso*, *afermosentar*, *fermosamente* (confusão entre *fre*- e *fer*-, proveniente da quasi impossibilidade de distinguir os dois sons). Conservão ainda a forma primitiva sem a protésico *presentar*, *podrecc*, *parecco*.

B) MORFOLOGIA

15.º **Nomes.** O plural dos nomes que no singular terminão em *-el* é feito pela adjunção de *-es* e queda do *l*: assim: *notavees*, *infiees*, *semelhavees*, *fiees*, *perduravees*, etc. *Dom* faz no mesmo número *doões*.

16.º Continuação ainda invariaveis os nomes de agente em *-dor*: é o que mostrão as palavras *servidor* (IX) e *pecador* (XLVIII) applicadas a mulheres; nota-se, porem, que essa invariabilidade deixara de persistir em *senhor*, por quanto o presente texto apresenta-nos já a forma *senhora* (IX) ¹.

17.º Na formação do superlativo é exclusivamente empregado o processo seguido pelo povo, de juntar ao adjectivo no grau positivo o adverbio *muito*; a unica diferença está em que, em vez desta, se usa em todo o codice a forma *mui*, resultante de próclise: assim lê-se: *mui santo*, *mui pequena*, *mui espantoso*, etc.; um unico exemplo ocorre do emprêgo de *muito* neste caso, mas colocado depois do adjectivo: *treccoso muito*. Similhantermente o superlativo de *muito*, quer adjectivo, quer adverbio, é *mui muito* ².

18.º O adjectivo *comum* tinha já perdido o som nasal no feminino, segundo se depreende da grafia *comua* que ocorre no § LXVIII; é sabido que esta forma, na lingua moderna, deixou de ser usada por, na qualidade de substantivo, ter tomado sentido especial; hoje *comum* applica-se a ambos os generos.

¹ Apenas uma vez, se me não enganei, ocorre a forma actual *servidora*.

² Usa-se a expressão *muy moito* ainda em galego, como se vê na *Tecedeira de Bonaval*, de Lopez Ferreiro, pag. 17.

19.º **Numeraes.** Como no antigo espanhol ¹, nota-se o emprêgo dos distributivos *onzeno* e *dozeno* em vez dos ordinais. Estes distributivos passaram mais tarde, na forma feminina, á classe de substantivos, sendo hoje os mais usados *novena*, *dezena*, *trezena*, *quinzena*, *vintena*, etc. Dos cardinais usava-se ainda *dous*, que, pela equivalencia posterior entre os ditongos *ou* e *oi*, se tornou em *dois* na lingua literaria de hoje; tambem persiste a forma *sassenta*, a qual supõe as anteriores *sasseenta* e *sessenta*.

20.º **Pronomes e artigos.** Dos *demonstrativos* ocorrem no presente texto os seguintes: *aqueste*, *aquesta* (a par de *este*, *esta*), *mesmo*, *outro* e *aquelle*, *aquela*, tambem escritos *aquelle*, *aquella* e *aquel* (cf. *aquelle dia* e *aquel dia* no § XXXIV), com as respectivas formas neutras, *esto*, *aquello* e tambem *ello*. Embora raramente, aparece já o actual *isso* ², mas ainda não *aquillo*. Entre os *pessoacs* notarei, na 3.ª pessoa do singular masculino, *el*, que aparece, ainda que com menos freqüencia, ao lado de *elle*; *the*, referido ao plural, como noutros textos e ainda na linguagem popular, e na 1.ª pessoa, caso complemento indirecto, a forma já nasalada *min*, a qual se converte em *migo* quando acompanhada da preposição *com*, que, como em muitas falas populares de hoje, conserva a nasalidade, estando até, neste texto, escrita separadamente do pronome. Nos *possessivos* havião já desaparecido as antigas formas. Entre os *indefinidos* citarei: *alguũ* ou *alguem* (com o feminino *algũa*), *nchuũ* ou *nehuum* em que a nasal inicial ainda não tinha influido na vogal seguinte, pelo menos assim o mostra a falta do respectivo sinal indicador desse som, e ainda *all*. Os *artigos definidos* *o* (raro *ho*, no plural sempre *os*), *a* tomão as formas *lo*, *la*, *no*, *na*, conforme se achão precedidos de palavra terminada por *r* ou *s*, letras que, na maioria dos casos, persistem na grafia depois de assimiladas (ex: *pollo*, *polta*, *tragelloey*, *atormentaloey*, *mataloedes*, *todollos*, mas tambem, ainda que menos freqüentemente, *por o*, *por a*, *porla*, *tragerlos*, *ouvirla*, *todas as*, etc.), ou pela preposição *em* ou forma verbal terminada em vogal nasal (ex: *em no* ou *ẽno*, mas tambem *em o*, *leixarom-na*, *amoestaram-no*, *non no*, etc). Os *artigos indefinidos* são: *huum* e *hũa*.

21.º **Verbos.** A segunda pessoa do plural termina invariavelmente em *-des* em todos os tempos, com excepção do imperativo, em que perde o *s*, em harmonia com a sua origem (ex: *andedes*, *avedes*, *fujades*, *tenhades*, *vejades*, *temades*, *veriaades*, etc., *leixade*, *tornade*,

¹ Menéndez Pidal, *Gram. Hist. Espanhola*, pag. 163.

² Só tomei nota dum lugar, no § L.

sabede, ouvide, etc.); apenas um unico exemplo de sincopa do *-d-* encontrei em todo o codice. Na 2.^a pessoa do singular do preterito encontra-se ainda a antiga terminação *-iste* nos verbos em *-er*; na 3.^a do mesmo numero dos em *-er* ou *-ir* dá-se, por vezes, como notei atrás, absorpção do *-o* ou *-u*; na 3.^a do plural do mesmo tempo a terminação é sempre *-rom*: a mesma pessoa, nos demais tempos, acaba, como hoje, em *-am* ou *-ão* e *-em*, apenas o preterito mais que perfeito, no § XLIX *dormirom*, aparece sob a forma do preterito, talvez por lapso (ex: *convidarom, poscrom, pensarom, conceberom, amoestarom, estavam, tinham, hiam, vão, davam, abriam, encrinarom, dam, ouvem, partiam, podem, beberem, achegariam, julgariam* etc.). No particípio do preterito ou adjectivo verbal dos verbos da 2.^a conjugação só por excepção aparece a antiga terminação *-ndo*. Os tempos compostos são formados exclusivamente pelo verbo *aver*; a lingua hodierna usa de preferencia, como se sabe, o verbo *ter*. Nos incoativos persiste a desinencia *-cer* que, na lingua moderna, passou para *-cer* em alguns, que deste modo foram aproximados do latim.

22.º **Verbos avulsos.**

estar. Na 2.^a do preterito e tempos de ai derivados aparece, como na linguagem popular, *e* em vez de *i* (*esteveste, esteverom, estevesse* etc.).

aver. No imperativo *ave* (tambem escrito *avee*).

destruir. No indicativo *destrui*.

escrever. No imperativo: *escreve*.

escolher. No imperativo: *escolhe*.

fazer. Na 2.^a pessoa do singular do preterito e tempos de ai derivados dá-se, como em *estar*, a troca de *i* por *e* (*fezeste, fezera, fizesse* etc.); na 3.^a ocorrem as formas *fez, feze* e *fezo*.

ir. A 2.^a pessoa do singular do indicativo é *vas*¹.

¹ Esta forma, que ainda persiste no povo, ocorre frequentemente tambem em Gil Vicente.

prazer. Neste verbo e no composto *aprazer* a 3.^a pessoa do singular do indicativo presente ora conserva, ora perde o -e final; no preterito e derivados perdura ainda a antiga forma *prougue*, *prouguesse*, etc.; *aprouguer*, etc.

ser. Na 1.^a pessoa do indicativo presente ocorrem as formas *soom* ou *som* e *sam*; a 2.^a do plural do mesmo tempo é *sodes*. A 1.^a do preterito perfeito faz ainda *foy*, como noutros textos mais antigos. Do imperativo ocorre apenas *sey*. Do mesmo verbo aparece frequentemente a forma *eras*¹ para traduzir a 2.^a pessoa do singular do presente do indicativo, isto é, *es*: quer-me parecer que o tradutor transportou para português o *eres* espanhol, que, como é sabido, designa nesta lingua a 2.^a pessoa, mas em lugar de a conservar intacta, aproximou-a da mesma pessoa no imperfeito do mesmo modo.

ter. Como *estar* e *fazer*, admite no preterito e derivados, a troca de *i* por *e* (*tevesse*, etc.).

poer. No imperfeito do indicativo aparecem as formas *poinha* ou *puinha* e no preterito perfeito, além de *pos* e *pose* (3.^a pessoa do singular), também *poso*, que, como *fezo*, é peculiar ao galego.

vir. No preterito (3.^a pessoa) faz *veo* e no futuro, a par da forma arcaica *verrá*, aparece também *veera*.

23.º **Particulas.** Nas *preposições*, ao lado de *depois*, *ataa*, *per. pera* e *ante*, aparecem *despois*, *atee*, *por.*, *para* e *antes*. Na mesma classe citarei ainda as formas arcaicas *antre* e *des* (hoje *desde*). Nas *conjunções* nota-se o emprêgo exclusivo de *mais*, que posteriormente evoluciona em *mas*. Registarei também as seguintes conjunções e locuções conjuncionais: *empero* e *por ende* (adversativas), *empero que* (concessiva), *ca* (causal), *por tal que* (final), *segundo que* (comparativa) e *mentre*, *de mentre* ou *em mentre que* (temporal). Nos *adverbios* e lo-

¹ Ocorre esta forma nos seguintes lugares deste texto, XL, XLIV, XLVII, L, LXVI.

cuções adverbiais tomei nota de: *entonce*, *alla* ou *alá*, *hi*, *atam* (a par de *tam*), *assy*, *esso meesmo* e *outro ssy* (=igualmente), *solamente*, *por aventura* (ao lado de *por ventura*), *derrador*, *dentro em* (hoje dentro de) e *de consuum* ou *em huum*, *logo aquella ora e por* ou *per sempre* (hoje para sempre), que persiste ainda no actual galego.

SINTAXE

24.º É muito freqüente o emprêgo do verbo *scr*, na acepção de *haver*, formando assim oração impessoal: ex: *era um barom... o qual avia nome: foy em huum lugar de Portugal... huia dona; em no reino de Portugall... era huia molher*, etc. Ainda hoje o povo serve-se do mesmo verbo, quando se trata de contos, começando a narrativa por: *era uma vez*, etc. Como actualmente, o verbo acha-se empregado sem sujeito determinado nestas frases: *a um chamavam Francisco; cousas que de ti dizem por toda o mundo; rio que chamam Tejo*, etc. Poderá igualmente ter-se por oração de sujeito indeterminado esta: *e empero non sabiam a causa desta tal alegria*, se não preferirmos que o verbo se refere ao substantivo colectivo *poboo* que fica atrás.

25.º **Particularidades de concordancia.** Quando o sujeito do singular é constituído por um substantivo colectivo, unido pela preposição *de* a outro do plural que designa o todo, o predicado, como ainda hoje, ou toma o numero do sujeito ou vai para o plural: ex: *morava grande copia de hereges; crecia a multidom dos pexes; se ajuntarom... tamanha multidom de pexes*, etc. Se o sujeito do singular vem acompanhado de complemento de companhia no plural, o predicado concorda com este: ex: *o dito moço com outros sete nom se poderom achar; ella hindo a vella com duas donas acharom-na sãa; o hñu com outro se apacentavam*, etc.

26.º O particípio preterito dos verbos transitivos e ainda dalguns intransitivos concorda em genero e numero com o substantivo a que se refere, quer este esteja antes, quer venha depois dele: ex: *vertude que avia feita; huia molher avia padecida dez anos huia enfermidade; a cidade se ouvesse dada; algum angeo ouve levada a carta; avia cometidos tantos pecados; avia sofrida tentaçom; avia morta sua molher; por onde auiam saídos; lhe avia restituídos os olhos*, etc. Todavia, se bem que com menos freqüencia, ocorre já o particípio na forma masculina, embora referido a um substantivo feminino, como se vê destes exemplos: *huum barom... avia ferido... a sua madre; cousas mara-vilhosas que deus avia a elle feito; agons que avia bebido; o qual me (referido a feminino) á feito sãa; cousas que elle avia ouvido; prega-*

com que avia começado, etc. É escusado advertir que a concordância do participio nos tempos compostos não é prática exclusiva da nossa lingua e era já observada no latim.

Obs. Na frase *segundo que a visom lhe avia demostrada* a concordância deve ser atribuída a atracção.

27.º **Emprêgo de preposições.** Nota-se já o emprêgo da preposição *a* no complemento directo, quando este se refere a pessoas: ex: *vyo a santo Antonio; a huum chamavam Francisco e a outro Antonio; e ella... começou de chamar aa madre dando vozes; aos quaes (santos) tu reccebeste; rogava... ao bemaventurado santo Antonio; a outros bem dizer ho fezeste; o senhor papa louvou a santo Antonio; sempre a deus bemdisseste; convidarom a santo Antonio*; etc ¹. Observa-se a mesma prática ainda em casos não referidos a pessoas, como se vê destes exemplos: *começou... de chamar aos peixes; o servo do senhor fogia aas* ² *taes homrras* etc. A mesma preposição *a* é usada com o verbo *consentir* no sentido de *concordar*: ex: *consentirom aas palavras de santo Antonio*, etc. Os verbos *esperar*, *soer*, *prazer*, *ousar*, *ordenar* são acompanhados da preposição *de*: ex: *esperar de ganhar; soia de ter; prougue a deus de o livrar; ousar de falar; ordenar de trasladar*, etc. Com o verbo *começar* usa-se *de* de preferencia a *a*; por vezes mesmo omite-se a preposição: ex: *começarom-sse de fazer infmdos milagres; começou de chamar; começou logo de cospir e de ffolegar; começarom de dizer; começou a demandar; tu rey começaste pensar*, etc. Ainda com o verbo *crer* se emprega a preposição *a*: ex: *elles nom podiam creer aos que lho diziam*, etc. O verbo *encontrar* acha-se construído com a preposição *com*: ex: *servidores do mosteiro com que emcontrava; o padre da moça... emcontrou com santo Antonio*, todavia observa-se já o emprêgo de *a* neste exemplo: *emcontrou aly a santo Antonio*. *Trespasar* vem regido das preposições *em* e *a* na designação do lugar: ex: *deus... quis trespasar ao seu santo doutor... em nas obsequias; licença que se podesse trespasar ao outro lugar idonio* ³. Com *catar* usa-se *em*: ex: *catou aquella moíher... dentro no poço*. O adjectivo *semelhavel* aparece construído com a preposição *de* neste exemplo: *se lee aver-lhe acomlecido semelhavell cousa de aquesta*. As preposições *diante* e *atrás* podem deixar

¹ Mas: *entam preguntou ella aquele mancebo*.

² Aqui poderá ter havido lapso, tendo-se escrito *aas* em vez de *as*, o que não é sem exemplo neste texto.

³ Também o simples ex: *que podesse pasar-sse... aaquele lugar que demandava*.

de vir acompanhadas de *de*: ex: *deante todos*; *deante o papa*; *deante a face*; *atrás os outros*; ao lado de *diamte de todo o poboo*.

28.º **Complementos.** Em alguns complementos circunstanciais dá-se, como ainda hoje se pratica, omissão de preposição; ex.: *e o dia asinado ajuntou-sse todo o poboo*; *veco a Padua o dia de Santo Antonio*; *detriminasem... de lhe dar sepultura o dia seguinte*; *o padre... foy o dia de santo Antonio*; *e os fraíres entrando a camara, foi cantado alta voz o Te-Deum*, etc. Igual omissão dá-se também noutras linguas.

29.º **Pronomes.** Antes de substantivo usa-se *cada um*, caso em que a lingua hodierna só emprega *cada*: ex. *a festa do qual se celebra hy de cada huum anno*; *elle visitaria em cada hum ano a sua sepultura*. É prática esta muito freqüente na lingua antiga. Em vez de *cujo* encontra-se por vezes *do qual*, como *a qual cousa* equivalente ao *quod* latino; ex. *a festa do qual omrravam*, etc. Depois do pronome indefinido *todo* omite-se geralmente o artigo antes do nome do substantivo: ex.: *toda heregia*; *toda creatura*; *por todas partes*; *com todo coração*; *com toda reverencia*; mas também *por todo o mundo*; *toda a terra*; *todos os peccados*; *todos os fraíres*; *todo o poboo*. Em frases negativas ocorre *nehuum* com a significação de *ninguem* e *alguum* em casos em que hoje empregariamos de preferencia *nenhum*: ex. *non dissesse esta cousa, a nehuum*; *nom danard a nehum*; *sem ajuda de nehuum*; *nom ousavam... confesar em alguãa maneira*; *nom se molhou em alguãa parte de seu corpo*; *as campas de aquella cidade nom as tangendo nehuum*; *nom tragia consigo chave de alguns tesouros*; *o quall peccado nom sabia outro alguum senom dens*; *non lhe fazendo alguum dano*; mas também: *non caia nehũa gota dagoa*.

30.º **Artigo definido.** Aparece por vezes o artigo definido em circumstancias em que a lingua actual o omite, como nos seguintes exemplos: *era ho nosso senhor Jesu Christo*; *o santo Antonio por espiçom de deus*; *e o meestre Pedro alegrou-sse*, etc. O pronome *um*, quando acompanhado de *outro*, vem freqüentemente, na lingua arcaica, como na francesa de hoje ainda, acompanhado do artigo: ex.: *o hũm com outro se apacentavam*.

31.º **Adverbios.** Ao contrario da prática hodierna, quando dois adverbios formados pela adjunção da palavra *mente* se achão seguidos, tomão ambos esta terminação: ex.: *fielmente e omildosamente*; *omildosamente e devotamente*; *jeeralmente e omrradamente*, etc.

32.º **Tempos.** Ocorre freqüentemente o chamado preterito anterior em francês: ex.: *despois que ouve dito*; *quando ouve ouvido*; *quando ouve feito fim*; *des que ouverom achado misegeiro*; *depois que ouve andado*; *angeo ouve levada a carta*, etc. Também o preterito mais que

perfeito aparece empregado com o valor de condicional e imperfeito do conjuntivo: ex.: *esta noite se ouvera de emforçar, se nós nom foramos a sua pousada; como se nom dormiram; dias em que podera seer tornado o mesegeiro... se alá fora emviado; como sse em aquella ora o muy santo padre ouvera falecido*, etc. Em orações condicionais o futuro, como o faz a lingua de hoje, é expresso pelo modo conjuntivo, mas aparece tambem o indicativo presente em igual sentido: ex.: *sse te nom partes da tua maa carreira e leixares as mancebas e non te achegares*, etc. cf. igual pratica em francês. O infinitivo, quando exercendo as funcções de sujeito, vem geralmente precedido da preposição *de*: ex.: *prougue a deos de o livrar; praze-nos de consentir; se era proveito de sua alma de ir com aquelle príncipe*, etc.¹

33.º **Verbos.** Como em francês, certos verbos intransitivos achão-se construidos com o verbo *ser* em tempos compostos, sendo neste caso o particípio variavel: ex.: *enfermos que eram aly vindos*. Semelhante prática é de uso freqüente na lingua antiga. Nas orações de gerundio ou de particípio preterito, o respectivo sujeito, contra o uso actual, precede por vezes o verbo: ex.: *a madre nom comprindo; os fraíres entrando a camara*, etc. (mas tambem: *ouvindo esto humm de aquelles*); *a qual cousa feita; estas cousas ditas desapareceram ambos* (tambem *despostas as partes diamte o papa*). Encontra-se tambem o gerundio com preposição em lugar do infinitivo: ex.: *sempre cy trabalhado e cansaço em te servindo; em vendo eu penssey*, etc. Semelhante prática ocorre noutros textos antigos e, como se sabe, é de uso freqüente em inglês.

34.º Como em latim, a oração integrante é por vezes introduzida por um pronome demonstrativo na forma neutra: ex.: *ver aquello... se era verdade; esto será sinall... que... ouvirás; por ysso eras tu ca trazida... por que te abstenhas*, etc. Quando a oração integrante começa por um adverbio de lugar (*onde, donde*), aparece geralmente a particula *que* introduzindo aquella oração: ex.: *preguntarom-lhe... que adomde leixara ela o filho; o borges... pensava... que donde averia; preguntou aos servidores do moesteiro... que adomde estava frey Antonio* (mas *preguntou ella aquele mancebo... que lugar era aquelle*). Do mesmo modo que em latim, a oração integrante pedida pelo verbo *defender*, na acepção de *proibir*, vem acompanhada do adverbio de negação: ex.: *defendê-lhe que nom descobrisse aquella visom; o marido... defendeo-lhe que nom fosse allá*. Depois dos verbos chamados

¹ Tambem: *a (=ha) de costume de cumprir; tenhas por bem de me revelar; tevesse por bem de bemdizer a seu filho; tenhas por bem de me revelar*, etc.

sensitivos e declarativos, a oração infinitiva por eles pedida em latim, na tradução presente, conserva por vezes essa forma: ex.: *conheço-vos seer fraires; os fraires... diziam elles seer departidores da ordem; declarou serem vâas e nehuuas as ditas sentenças; elle meesmo abade... se dizia seer emsinado*, etc. Ao envêz, encontra-se por vezes uma oração integrante conjuncional em lugar de simples infinitivo: ex.: *acordarom que fizessem; ganhey lecemça... por que tall pecunia podese tomar; lecemça que se podesse trespassar a outro lugar*, etc. Também apparecem os dois processos, isto é, infinitivo e conjunção: ex.: *se samto Antonio fizesse nacer destas vides huvas e que sse emchesse e ainda substantivo e infinitivo: virom toda a terra... checa de agoa e o lugar... estar seco*. Depois do verbo *acontecer* e das frases *nom he dovida*, era costume encontra-se uma oração introduzida por *que* (em latim *ut*): ex.: *aconteceo quece o barom de deus... dizia; aconteceo que esta molher hia a moer trigo em na festa de samto Antonio*, etc. Como em francês, quando o sentido da oração comparativa é negativo, emprega-se o adverbio *não* que a lingua actual omite: ex.: *mais homrra dam a deus os pexes das agoas que nom os homêes hereges; milhor ouvem as bestas... a pregaçom que nom os infices em na fee; antes poderiamos com elle perder que nom ganhar*, etc.

35.º Emprega-se por vezes o infinito acompanhado da preposição *de* com o valor de adjectivo: ex.: *o que he cousa muy muito de maravilhar; e nom parecia coussa nom de creer; o que era de maravilhar*, etc. Igual pratica perdura ainda.

36.º Dá-se por vezes omissão da particula *que* em orações integrantes, como ainda hoje, e falta também a particula correspondente ao *que* consecutivo: ex.: *aprendi... podese edificar aquella igreja; era trabalhado de hũa quebradura avorrecível que [por] a rompedura se lhe sayam...; o senhor papa esteve casy por meca ora que nom fallou nehuua coussa; todos (pecados) foram destroidos e raídos da cedula que nom appareco hi nehuum*, etc. Também, como em latim, se omite por vezes o gerundio antes da oração integrante: ex.: *fez oraçom com fervor que sse o dito caminho nom era proveitosso a sua alma que... lho destorvasse*.

37.º Inversamente é muito freqüente a repetição de *que*, sobretudo quando depois desta conjunção se intercala uma ou mais orações: ex.: *prometendo que se seu filho resuçitasse que ella o daria aa ordem; dizia aquelle velho que alguns daquelles que tornaram aos males que aviam acostumado que acabaram; fez voto... que sse elle restetnisse... que; denociar-te que se te nom partes... que; porque sse... alguns fossem chagados que os curasse; acordou-se que o officio que no convento lhe aviam dado que... etc.* É também expletivo o *que* nas se-

guintes frases nas quais, embora atraído pelo verbo que o precede, não é exigido pelo sentido: ex.: *e segundo diziam os ditos fraires pintores que alguuns... morrerom; e maravilhosa coussa de dizer que supitamente aquelas vides enverdecero; e ainda o que era coussa mais de maravilhar que as campas... se tangiam; e ainda o que he coussa muy muito de maravilhar que vio, etc.*

38.º O agente da passiva é freqüentemente indicado pela preposição *de*: ex.: *elle meesmo abade... se dizia seer emsinado dos nom emsinados; somos enziados de deus a ti; e os usureiros eram cevados dos demonyos; e o mancebo foy preguntado de aquella molher; forom lançados de alto de hũa pessoa espantavell, etc.*

39.º É freqüente na antiga lingua o emprêgo do adverbio *não* em frases que já têm antes outra palavra de sentido negativo: ex.: *disse-lhes... que em nehũa maneira nom tornassem a fazer os males, etc.*

40.º Quando se seguem dois adjectivos no grau superlativo, o adverbio costuma acompanhar ambos, precedendo-os, em regra: ex.: *o muy famoso e muy emsinado... abade, etc.*

41.º **Colocação.** O português arcaico aproximava-se mais da lingua latina pelo que respeita á liberdade de que gozava na disposição dos vocabulos, intercalando outros nos que dependião entre si, ou invertendo o lugar da sua colocação, como se vê dos seguintes exemplos: *outro tanto quanto pesasse o moço de trigo; sofrer decatimento tanto da regra; como o elle fizesse; quanto samto Antonio pregava mais tanto mais crecia a multídom dos pexes; nom legitimo seu irmão; segundo que vos elle mandou; como os elle reprehendesse; que lhe aly afogara o mar; por tuas culpas satisfazer; dera saão da infirmitade que tinha maravilhosamente; por ocasiom delles ey tanto estado que; com gloria sobindo; que quíria aa ordem logo tornar; ainda non avia elle acabado bem de dizer; quantas (angustias) lhe o marido fazia; tanta lhe foy emprimida a pureza; que eram asy aquellas cousas verdadeiras; muy espantoso e trevoso muito, etc.*

42.º Quando dois adjectivos qualificão o mesmo substantivo, a lingua antiga coloca por vezes este entre aqueles: ex.: *grande cavadura e fúmda.*

43.º Observão-se neste texto alguns casos de emprêgo ou repetição escusada de palavra (*pleonasm*), tais são estes: *avia hido lá a Roma; ali ão convento; esperavam que o mandasse logo matar a samto Antonio; parece{o}-lhe a ella; a samto Antonino... rogou-lhe, etc.*

¹ Na actual lingua casos ha em que se empregão ainda duas negativas: ex.: *não vi ninguém.*

44.º Por vezes as palavras pelas quais começa a oração não se ligão ás que vêm depois (*anacolúta*), como se vê nos seguintes ex.: *o custodio samto Antonio estava hordenado em no oficio das matinas dos fraires pera que leesse hũa liçom; estando este abade soo... em aquella ora em que o servo do senhor Antonio finou emtrou soo aaquele abade... e saudarom-sse; a rainha de Liam... teendo hũa filha de onze anos finou-lhe, etc.*

45.º A concordancia faz-se ás vezes não com a palavra expressa mas com a ideia nella contida (*silépse*): ex.: *tamto lhe torcco a encabeladura de hũa parte e da outra que lhos arrancou todos, etc.*

ORTOGRAFIA

46.º Em geral as vogais tónicas, quer orais, quer nasais, são indicadas pela duplicação: *quaaes, ataa, rafiinas, maar, ceco, sermoades, maãos, etc.*, todavia *pregasse, pregaçom, ja, ala* (prep.) etc.: cf. § 1.º.

47.º A nasalidade da vogal é indiferentemente indicada por *m* ou *n* e tambem pelo til nos ditongos, predominando, porem, a primeira daquellas consoantes: *emtrava, dizemdo, ajuntarom, emcima, aformosmiado, amte, samto, estando, Antonio, defendedor, segundo, ajuntou, homde, franceses, ingreses, sospensos, raão, irmaãos, hũa, sermoades, maãos, etc.*¹

48.º A vogal *i* em geral é assim representada, excepto quando no fim de palavra, caso em que é substituída por *y*, quer seja simples vogal, quer subjunctiva de ditongo: *mais, fraires, muilas* (tambem *muytos*), *companheiros, perfeitos, etc.*, mas *sy, aly, aquy, asy, muy, foy, frey, hy, achey, ry, etc.* Só por excepção se encontra *y* e *i* fóra daquele caso, como em *ymagem, ytalía, yndo-ssé, ydropico, yndinaçom, etc.*

49.º O som *j* acha-se por vezes representado tambem por *g*, como noutros textos: ex.: *fugades, mangares, alcigom, mangar* (a par de *manjar*), *Tarega* (ao lado de *Tarcija*): por excepção *oye* e *ja* por *oje* e *ja*.

50.º O som gutural de *c* antes de *a* e *o*, alem de ser indicado, como hoje, por *ca* e *co*, é-o tambem por *qua*. *quo* em *sequas, barquazinha, Francisquo, saquo, cinquo, sequo*.

51.º O *l* final de sílaba ou *l* gutural é freqüentemente representado, como noutros textos, por *ll*: *perduravell, quall, saudavell,*

¹ Ás vezes, em lugar de til sobre a vogal, aparece *m* adiante, como em *saom, mansidoem*, em vez de *saão, mansidõe* (XXXIX e XL).

fiell, sinall, cruell, salvo, allma, etc., mas também aparecem grafias iguais às de hoje (*divinal, qual, crueldade, baldões*), etc.

52.º O *s* brando é por vezes indicado por *ss*, como também o forte por *s*, excepto quando inicial, caso em que só por excepção deixa de ser representado por *ss*: ex: 1) *cassa, sisso, usso, vissum, vasso, coussas, cassada, amargosso, generosso, maravilhosso*, etc.; 2) *rosa, necasarias, asentarom, presa, dese, misa*, etc.; 3) *sse, são*, etc.

53.º Também por vezes se encontra *r* simples em vez de dobrado, como em *recorer, descorer*, etc.

54.º Igualmente ocorre *f* dobrado, em lugar de simples, no principio de palavras, como em *ffolegar, ffeitu, ffe* (a par de *fê*), etc., assim também *h* no principio de palavras que originariamente o não têm, faltando noutras nas quais o latim o empregava: *huñ, hũa, honde, hedificação, hordenado, huvas, hordem, ho, ha* (ao lado de *o, a*, que no plural se escrevem sempre *os, as*), *omildoso, aver, oje, crejes* (tambem *hereges*), etc.

55.º Mantem-se a diferença entre *s-c* e *f-z*, no entanto occorrem grafias, como estas que talvez se possam attribuir a lapso do copista: *solirgiom, misquimho* (a par de *celurgiaão e mizquimho*), *çar, conficom, presiçom*, etc. No § XXXIV está excepcionalmente *ç* representado por *z* em *canonizazom*.

56.º Nalgumas palavras aparece um *p* que na origem se não encontra e de certo se não fazia ouvir na fala, tais são *dapno* (ao lado de *dano*), *colupnas, entepto, solepnemente* (a par de *solenemente* e *solenidade*), *spreveco, esprito* (tambem *escrito*) nas quaes parece estar a substituir *m* ou *n* e *c* ¹. Esta pratica observa-se igualmente noutros textos.

57.º Na transcrição do texto segui a ortografia do codice, apenas desfiz as abreviaturas e representei quasi sempre por *m* o til final e sempre por *v* o *u*, quando tinha o valor de consoante. Como, porem, tive em mira torna-lo acessivel ao maior numero de leitores, pús acentos nos casos em que poderia haver confusão (assim *dê, poderá*, etc.); meti entre colchetes as palavras que, a meu ver, escaparam ao copista e entre parêntese as letras que ele escreveu a mais; finalmente corrigi outros erros indicando no entanto em nota o que se encontra no original e separei as encliticas que ali vêm sempre juntas aos verbos ².

¹ Em *esprito, esprever*, por *escrito, escrever*, o *p* deve ser reminiscencia do que entra no preterito e participio latinos.

² No desejo de me cingir o mais possivel ao original, só do § XVII em diante é que separei as encliticas dos verbos, por me parecer que, com aquele rigor, poderia induzir em erro o leitor menos familiarizado com textos antigos.

É escusado advertir que dos sinaes orthographicos é nelle usado apenas o ponto final que, se nalguns casos indica fim de periodo, na maioria equivale á actual virgula. O apóstrofe é tambem neste, como noutros textos, desconhecido; quando ha elisão de *e* final (em *de* por exemplo), a consoante que o precede liga-se á palavra seguinte (assim *dagoa* e não *d'agoa*) ¹.

ESTILO

58.º Embora a versão se aproxime bastante do original latino, a ponto tal que nalguns lugares é apenas literal, o tradutor communicou-lhe um tom verdadeiramente popular que se evidencia já nos vocabulos de que usa, já na maneira de exprimir-se. Assim o costume seguido pela gente rude de, a cada momento, intercalar a conjunção copulativa *e* nas suas narrativas, observa-se freqüentemente; notam-se tambem, como na fala do povo, palavras sinonimas, taes são: *falava e dizia*; *contou e disse*; *catou e viu*; *linhagem e parentesco*; *são e salvo*; *faças e dêes reverença*, etc., e outras, ao envês, de significação oposta: *piadoso... cruel*; *estranho... irmão*; *coussas por viir e presentes*, etc. Não é raro tambem passar o povo do tratamento de *tu* para o de *vós* e vice-versa; quem dele tem colhido romances e contos, por mais de uma vez o terá notado; observa-se isso igualmente nesta frase: *Madre deus te perdoe ca... VOSSOS rogos* (§ XXXVII) ². É tambem genuinamente popular o emprêgo do pronome pessoal em lugar do relativo *cujó* nesta frase: *huum moço... que avia nome Thomasim o padre e a madre delle moravam em Padua* (§ LV). É ainda propria da linguagem do povo a passagem do estilo indirecto para o directo sem expressão que a indique; vê-se isso nos §§ LXI e LXVIII onde se lê: *... leixassem estar a imagem de aquelle santo como a elle prazia. Ca segundo vemos claramente antes poderíamos com elle perder que nom ganhar se lha quitassemos; as quaacs cousas sem dinheiro nom podem seer avidas. Por a qual cousa me convem teer pecunia*, etc.

59.º Comparando a linguagem do presente texto com a dos extrahidos do codice alcobacense n.º 266 por mim aqui publicados, no-

¹ Letras maiusculas conservei todas que se encontram no texto e pôs a mais nos nomes proprios, que ali, excepto no começo dos periodos, apparecem escritas sempre com minusculas.

² *Esopo*, pag. 17: *compre-te de mym algũu serviço? Eu prestes som pera vosso mandado.*

tar-se ha que não existe entre elas diferença sensível: vocabulário, gramatica e estilo são identicos. Mas pertencendo estes ao seculo XIV e provindo aquele da ultima metade do seculo XV, como o atesta a data nele exarada, quando já certos fenómenos linguisticos, a terminação *-des*, nas segundas pessoas do plural dos verbos, por exemplo, tinham desaparecido, devemos concluir, segundo notei, que o codice illuminado n.º 94 é copia de outro feito no seculo anterior, na qual se transcreveram muitas formas que de certo já então erão consideradas arcaicas. Tanto muitas dessas formas se tinham tornado já obsoletas que não revisora, quiçá não muito posterior á que fez a copia hoje conservada na Biblioteca Nacional de Lisboa, de certo, para mais facil comprehensão dos leitores de então, as raspou, substituindo-as por outras mais modernas e portanto mais intelligiveis. Pelas razões expostas sou levado a crer que a tradução que hoje possuímos de parte da antiga cronica latina dos factos da ordem franciscana sob o governo dos vinte e quatro primeiros geraes foi feita em Portugal ainda no decorrer do seculo XIV, provavelmente na sua segunda metade.

Anotações

I. Antes de *consentirom* o sentido exige o adverbio *nom*, o qual se poderia efectivamente omitir, se o tradutor, cingindo-se ao original latino que diz: *non solum aequiescere sed ipsa audire totaliter contempserunt*, em vez do preterito, tivesse empregado o infinitivo.

idem. Entre as palavras *deus* e *mandamento* não posterior escreveu por cima a particula *e*, por falsa interpretação do sentido, pois o complemento directo de *ouvestes* é *mandamento* e não *de secr* etc., como mostra o original latino que diz: *vos in creatione mundi pro benedictione a deo multiplicationis praeceptum habuistis*.

idem. *destes aver* é tradução de *censum obtulistis*. Sobre o facto veja-se o Evangelho de S. Marcos, cap. IX.

IV. *A quall coussa.. revelado*. Na concordancia o tradutor regulou-se não pelo substantivo *cousa*, mas pelo genero de *quod*, como se vertesse *o que*.

idem. *eu farey.. evangelho*. O texto latino diz: *hoc faciam non ut Dei tentator sed ut salutis vestrae et fidei evangelicae constans et intrepidus aemulator*.

V. Ao *Lenomcio* do tradutor corresponde o adjectivo *lemovicensis* de *Lemovicis* ou *Limoges* (França). No original latino dá-se á igreja o nome de S. Petri de quadrivio e falta a designação de *Alemanha* que, na versão portuguesa, qualifica o substantivo *poboos*.

VI. Aqui o tradutor verteu por *Lemosnes* o *Lemovicinio* do texto latino: cf. § V.

idem: ***curasse de dizer mais de aquellas***. Este *de* deve entender-se no sentido de: *acerca, a respeito de*, como se se dissesse: *que não falasse mais* (ou *deixasse de falar*) *naquellas cousas* etc.

VII. A abadia de que aqui se trata é a bem conhecida da ordem de S. Bento chamada de *Solesmes* (em latim *Solemniaco*), lugar que fica perto de Sablé, no departamento de Sarthe (França).

idem. Por descuido o tradutor verteu por *restringido* o latim *repressus*, tendo talvez em mente, se é que o exemplar de que se serviu não tinha *restringtus*, levado sem duvida pela semelhança com o participio do verbo *tingere*.

VIII. Aos *nastros* da tradução portuguesa, que parece não ser a primitiva palavra do tradutor, corresponde o latim *auriculare*, isto é, travesseiro ou cabeçal, como dizia a antiga lingua e ainda hoje usa o povo.

IX. O *Verna* do codice português, que tambem se encontra noutros latinos onde se encontra a *Cronica* de que faz parte o presente extracto, deve corrigir-se em *Briva*. Sobre *Lemosenes* cf. o que disse atrás.

idem: ***pera cozinha***: deve entender-se *pera a cozinha*.

idem. Corrija-se em *Pedro de Briva, canonico de Nobilasco* (hoje Saint Léonard le Noblet) o *Pedro de Brina* da tradução portuguesa.

X. O original latino tem: *qui campum videbantur totaliter dissipare et spicas radicitus evellere*; que se omitiu o verbo *pareciam* mostra o infinitivo *arrancar*.

idem. *E obedecendo* etc. Talvez tenha havido aqui lapso do tradutor ou do copista, em vez de: *obedecem* ou *obedecerom* etc., em harmonia com o original latino que diz: *obediunt fratres monitis sancti Patris usque mane rei exitum praestolantes*.

XI. Segundo o texto latino publicado pelos padres franciscanos de Quaracchi deve corrigir-se o *sanctum Johannem* que, parece, se lia no codice por onde se fez a tradução portuguesa em *sanctum Junianum* (hoje *Saint Junien*, na margem do rio Vienne, a cinco leguas de Limoges).

idem: *que o imigo vos fara aginha torvaçom* talvez seja lapso por: *que o imigo nos fará* etc., pois o original latino tem: *quod cito inimicus insultationem nobis faciet*.

XII. O original latino fala em archiepiscopus. Segundo os editores da Cronica latina, trata-se do arcebispo Simão de Sully que reuniu o sinodo diocesano no qual provavelmente pregou o santo, no anno de 1228.

XIII. Em harmonia com o texto primitivo deverá ler-se Fovea de Arenis e não *Rova de Arenes*, como tem o codice português. É possível que o copista por descuido tenha escrito *Rova* em vez de *Cova*.

idem: *E o povoo consintio aas palavras* etc. Neste passo afastou-se o tradutor um pouco do original que diz: acquievit populus verbis viri Dei et qui ligat aquas in nubibus [†]ipse Deus sic pluviam super eos retinuit ut etc.

XIV: *e olhando todos... santo*. Em vez de *lançaram-se*, que o copista por descuido fez concordar com *todos* que o precede, deverá ler-se *lançou-se* ou melhor *tendo-se lançado*, em harmonia com o original que diz: et cunctis mirantibus coram sancto prostratus, pro sua curatione gracias agens, ad Deum glorificandum in servo suo totum populum excitavit.

XVI. *Santo Antonio... Vercelhas*. Nota-se aqui uma tal ou qual confusão. Diz assim o texto latino: Beatus Antonius de beneplacito B. Francisci fuit primus studens in theologia cum fratre Adam de Marisco anglico in ordine per generale capitulum ordinatus et accesserunt ad abatem S. Andree de Vercellis.

idem: *e os avia hordenados muy fremosamente* é tradução do latim: pulcherrime commentavit.

idem. Porque a versão portuguesa não corresponde fielmente ao original, aqui transcrevo este que diz assim: abbas vero eos benigne recepit et tantum in eis mentis elevatione profecit ut idem doctor abbas diceret se doctum ab indoctis et celestes hierarchias in eorum animis realiter depinxisse.

idem: *em tall maneira... esforce*. Aqui diz o latim dummodo propter hujusmodi studium sanctae orationis et devotionis spiritum non extinguant sicut in regula continetur. Vale. Parece, pois, ter havido lapso e que a tradução teria sido esta: *em tall maneira que por este tal estudo non afoguem o espirito da santa oraçom e devaçom segundo que em na regra se contem. E nosso senhor te esforce*.

† Estas palavras são tiradas de Job, cap. XXVI, 8.

idem: *companheiro de san Domingos*. Observão os editores do texto latino que é falso não só ter santo Antonio sido conego com S. Domingos, mas tambem que o mesmo santo fôra enviado a Vercelli a estudar com fr. Adão de Marisco e que o estudo geral havia sido transferido desta cidade para Milão.

XVII: *e pose-se loguo... dizendo-lhe com grande espanto* não corresponde perfeitamente ao original: et tunc orationi se dedit ut divina virtute procurante diabolus cum securi novitio per quendam pontem fugienti et jam transeunti obviaret terribiliter dicens ei etc.

XX. *vio escondidamente... abraçava*, o que corresponde ao original: vidit per fenestram complectentem latenter quendam puerum in brachiis B. Antonii pulcherrimum et jucundum quem sanctus amplexabatur. Daqui se vê que as palavras «*em figura de Christo*» foram introduzidas posteriormente.

idem. A regularmo-nos pelo original que diz: intra se cogitabat unde venisset ille tam gratus parvulus devemos ter por descuido do tradutor ou do copista o *averia* do codice português e corrigi-lo em *viria*.

XXII. O original tem a mais: et statim ille velut fumus evanuit.

XXV. *e hua molher... seu filho*. Neste passo diz o texto primitivo: mulier quaedam et ipsa per compendium ambulans ac sanctum per devia quaeque nimium requiringdo laborans, filiolum [portans] proprium. A palavra *trobando* que ocorre na versão portuguesa parece-me devida a descuido do copista; estará talvez por *trotando*: cf.: *troteiro* no § XXII por que se traduziu o cursor latino.

XXVI. *paduana avia ja quatro anos*. Não corresponde bem ao original esta tradução, pois aquele tem: paduana cum jam quatuor esset annorum.

idem: *e tinha... em terra*. No latim lê-se: ac morbo caduco laborans volutabatur frequenter spumans et ad terram se miserabiliter collidebat, donde depreendo que o *revocava-se* da tradução estará por descuido em lugar de *rebolava-se*.

XXVIII. *e ela quedou em casa anojada de tristeza. A qual estava... pregava*. Aqui o tradutor afastou-se um tanto do original que diz: remansit domi tris titia tabefacta. Quae deambulans in solario domus suae per fenestram quae competens videbatur versus plagam illam devote cepit inspicere in qua eadem hora S. Antonius praedicabat.

XXX: *e como o baram santo... dizendo-lhes*. Diz aqui o texto

latino: cum vero vir sanctus frequenter contra dicti tyranni crudelitates audacter praedicaret, ille volens viri dei rectitudinem et justitiam inflexibilem callide experiri exenium solemne per manus servorum suorum etc., pelo que em vez de *provam* entendo se deverá ler: *ele querendo provar*.

XXXIII. *desamparando o meu asnilho...* *terra*, assim verteu o tradutor desconhecido o latim: relicto asello meo Paduae vado ad patriam festinanter, esquecendo-se de traduzir o locativo Paduae, se é que não faltava no exemplar de que se serviu. Note-se a expressão *ir á terra* que ainda se usa frequentemente.

idem: *entendendo certamente* etc. Talvez por descuido o copista escreveu *entendendo* em vez de *entendo*, pois o original diz: certissime intellexit beatum patrem per mortis excessum ad patriae caelestis convivium feliciter perrexisse. Deve, pois, da tradução portuguesa ou eliminar-se a particula *que* depois de *certamente* ou emendar *seer* para *tinha* ou *era*; é provavel que o *que* tivesse sido posto a mais, a não ser que o tradutor, depois de pensar em verter por uma conjuncional a infinitiva latina, desse por fim preferencia a esta.

XXXV. Provavelmente o milagre aqui narrado é o mesmo que vem mais adiante sob o n.º XLIV. Porque *Parusio* não é nome português, parece que, em vez dele, se deve ler *Aparição* ou *Apariço*, conforme se acha noutras partes.

XL: *nós nom nos partiremos de aqui. E elles disserom-lhe quem eras tu*. Faltam aqui palavras para completar o sentido, as quaes, por lapso do tradutor ou do copista, se não encontram na versão portuguesa; achão-se no original latino que se exprime assim: minime recedemus. Et cum sanctus diceret nec ego hinc recedam dixerunt ei Quis es tu etc.?

XLVII: *mais torvou sse em sy meesmo*. Como o original diz: (armiger vero totus territus) ad se ipsum reductus, parece-me que se deverá corrigir *torvou-sse* em *tornou-sse*.

XLVIII. *em no reino... matasse*. Diverge esta tradução um pouco do original que diz: In eodum regno Portugaliac, in villa Sanctarene, erat tempore regis Dionysii mulier quaedam peccatrix quae magna devotione ferebatur ad sanctum Antonium. Haec a diabolo obsessa est ut se ipsam interficere tentabatur.

idem: *assim como da cedula principal*. Entenda-se que o tresiado operara nela, como o fizera o original ou cedula principal.

XLIX: *chegarom com grande clamor dons frades aa porta de sua casa*: A lição dada pelo texto latino ad ostium domus fuit pulsa-

tum fortiter cum clamore parece-me mais expressiva; nela não entram como sujeito os *dous frades* que mão posterior intercalou no codice português; pode ser que por descuido se tivesse escrito *chegaram* em vez de *ferirom* ou verbo sinonimo.

LI. O texto latino traz a data de 1292.

idem: *avia sido ladram e roubador*. Aqui diz o texto latino: raptor fuisset et esset de numero XII latronum, donde se vê que o numero dos ladrões era de doze e não de vinte e dois, como diz a versão portuguesa, divergencia que se explica facilmente pela supressão ou acrescentamento de um x.

idem. Enquanto o português diz *espreitar*, tem o texto latino spoliare.

idem; *moradas dos apostollicos* é tradução incorrecta de apostolorum limina. *Apostolico*, na antiga lingua, era o mesmo que *papa*.

idem: *esperando de ganhar...* Antonio. Aqui diz o texto original: spectans juxta sancti promissum aeternae vitae gaudia post hujus cursum miserae adipisci, não correspondendo portanto á versão portuguesa *por o curso deste tal caminho* o latim post hujus cursum miserae.

LII. Antes de: quidam conversus etc. tem o texto latino a seguinte nota: Sequentia miracula sunt per testes coram episcopo Paduae confirmata.

idem: *e tinha huum pouco... enverrugada*. A Cronica exprime-se assim neste passo: cujus lingua erat modicum prominens extra guttur et brevissima ad modum vitis torcularis retorta sic quod videbatur intuentibus arida et rugosa; no texto português falta, pois, a tradução de torcularis.

LV. *veemdo os pees do menino alguum tanto que se parecia*. Porque o original diz: videns pedes pueri supra vas aliquantulum prominentes afigura-se-me que se deve corrigir *se parecia* ou *parecim* o *se parecia* de manuscrito.

idem: *outro tanto quanto pesasse o moço de trigo* é construção que, por vezes, se nota na linguagem popular em lugar de: *tanto trigo quanto o moço pesasse*: cf. o francês *autant de*.

idem: *e ella...* Antonio: falta na Cronica o latim correspondente a estas palavras, o que parece indicar que o acrescentamento é do tradutor.

LVI: *nacta* (que o tradutor verteu por *lumbenilho*) é, segundo os editores do texto latino, *um tumor que aparece na parte exterior do corpo e contem uma materia gorda semelhante a sebo*.

LVII. Como o texto latino diz Cambius, inclino-me a que, em vez de *Canibo*, se deverá ler *Cambo*, porquanto sobre a ultima perna

do *m* é que está um pequeno traço que parece ter sido feito por mão posterior á que escreveu o codice.

idem: *era trabalhado... Antonio*. No original latino lê-se: horribili ruptura intestinorum inferius cadentium pondere, non obstante circulo ferreo appposito, irremediabiliter aggravatus, venit in die sancti Antonii Paduam. Em vista disto conjecturo que a palavra *companhões* substituiu *stementivos* (por *stementinos*) que se encontra mais abaixo.

LVIII. Segundo os editores da Cronica o Pedro de Castella de que aqui se fala é Pedro o Cruel (1333-1369).

idem: medico chirurgico qui vocabatur Petrus in civitate Burdegalae commoranti. Na tradução portugueza faltam as palavras correspondentes a: in civitate Burdegalae.

idem: *pola grande... cabeça*, no latim: ex vehementi imaginatione et phantasiae fumo.

idem: *aguon o acatamento* está talvez por *agucou o acatamento* ou por outras palavras: *aplicou mais a vista*: aqui diz o texto latino aspectum acuit.

idem: Em *estades aparelhado vos pera hir* houve provavelmente descuido do copista que escreveu o pronome *vós* depois de *aparelhado*, devendo pô-lo antes, pois o texto latino diz: estis vos paratus.

LX: *como... finado*: Ao copista escaparam aqui algumas palavras, o que se nota não só do sentido que está incompleto, mas também do texto latino que diz: cum in octava resurrectionis dominicae ipsum (scilicet corpus) quod diu sub terra latuerat, effodissent, inventa est lingua ejus adeo recens, rubicunda et pulchra quae per viginti septem annos et amplius sub terra latuerat quasi eadem hora Pater sanctissimus decessisset. Vide a descrição do mesmo facto no § LXXI.

LXI: *e pera pintar de obrar mosica, a qual tribuna foram deputados dous fraires menores muyto sabedores e provados em aquella arte* é tradução de: cui depingendae opere mosaico deputati sunt duo fratres minores in illa arte periti nom modicum et experti. De aqui se vê que se deve corrigir, a meu ver, o *de obrar mosica* em *de obra em mosaico*.

idem: *e assy tornados foram estorvados*. Parece que depois de *tornados* escaparam algumas palavras, pois o latim diz: et quasi in furiam versi a concepto fuerunt impediti, a não ser que o copista escrevesse *tornados* em lugar de *torvados*, palavra que poderá aproximar-se no sentido ao in furiam versi do latim.

LXIV: *e viveo... escritos*. O texto latino tem: et decem an-

nos in Ordine plenus sanctitate et praeclarus doctrina et miraculis in Ordine consummavit de quibus aliqua quae in legenda ejus majori non ponuntur inferius annotantur. E efectivamente são estas mesmas palavras as que mais adiante precedem a vida ou tratado do nosso santo, isto é: Incipiunt aliqua de vita et miraculis sancti Antonio de Padua quae in ejus majori Legenda in toto vel in parte non ponuntur. Do que parece inferir-se a existencia de uma *Vida de Santo Antonio* de maior extensão mas na qual todavia se não mencionavão no todo ou em parte os factos aqui narrados.

LXVI: *filha por a minha vontade* etc. O latim é mais expressivo, pois diz: *utinam filia*, etc.

idem: *por que eu sempre cy trabalhado e cansaço* etc. Como á copulativa se devem seguir palavras da mesma natureza, entendo que *trabalhado* se deverá corrigir em *trabalho* ou *cansaço* em *cansado*.

idem: *e como tangessem as matinas a campã dos frades menores*. Ou *tangessem* está por lapso em lugar de *tangesse* ou o tradutor tivera ideia de verter por uma oração de sujeito indeterminado o latim: *cum vero pro matutino fratrum minorum campana pulsaretur*.

idem: *e aas novas deste... aas* tanto pode ser devido a descuido do um *a* a mais, descuido de que o codice português oferece bastos exemplos, sendo portanto um simples artigo, como realmente compreender a preposição e artigo; neste caso está o verbo empregado sem sujeito determinado. O latim diz: *rumor statim hujus miraculi totam commovit civitatem*.

LXVIII: *aparelhados a se meterem a tormentos... regra* é tradução do latim *pro regula pugiles*.

idem: *procurava ceymento da regra*. Que a acusação de Santo Antonio dirigida a fr. Elias está incompleta na tradução portuguesa mostra-nos o original latino que diz: *ruinam regulae procurabat*, nam pecunias contra regulam extorquebat, equitabat et famulos quasi domicellos tenebat et privilegia contra regulam procurabat. Quibus frater Helias respondit.

idem: *Por a qual cousa* etc. Em latim é indicada a passagem do estilo indirecto para o directo, pois diz: *Quare, inquit, oportet*.

idem: *apostolical por que tal pecunia podesse tomar. Porque segundo a entença de sam Francisco aprendi delle* etc. As palavras: *por que tal pecunia podesse tomar* completam a ideia de *licença*. Antes de *porque segundo* deve intercalar-se um *e*, como antes de *aprendy* o relativo *que* em harmonia com o texto original.

LXXI. O texto latino fala em trinta e dois annos, pois diz: Et lingua ejus quae per XXXII annos sub terra fuerat reperta est ita recens et rubicunda quasi si etc. Ainda hoje a lingua do santo é exposta á veneração dos fieis na igreja do seu nome em Padua, por ocasião da sua festividade (13 de junho).

idem: *regando com lagrimas*. Nesta expressão parece ter-se omitido o pronome *a*, referido a lingua, a não ser que sirva de complemento directo do verbo o relativo *a qual* que fica atrás; neste passo diz o latim: irrigatus profluvio lacrimarum, pelo que se poderá tambem ter o vocabulo *regando* por lapso em vez de *regado* (= banhado).

Abril de 1912.

JOSÉ JOAQUIM NUNES.

As candeias na religião, nas tradições populares e na industria

I

A victoria da lei de Christo sobre o polytheismo, nos seus principios fundamentaes, sobretudo na parte moral, foi definitiva, embora as doutrinas de Seneca fossem recebidas quasi como orthodoxas a par dos textos mais auctorizados dos santos Padres e dos Doutores da Igreja. É que o philosopho romano, adivinhando o movimento que se operaria no mundo semitico, fôra uma especie de precursor, o Baptista, para assim dizer, do mundo pagão. Já não succedeu o mesmo na exteriorisação do sentimento religioso. As crenças, as superstições, as ceremonias do antigo culto, estavam tão enraizadas na alma popular, que fôra impossivel destruil-as completamente. Tornou-se necessario tergiversar e transigir com ellas, d'outro modo a muralha dos preconceitos opporia uma resistencia inabalavel á corrente da ideia nova. A maior parte das festas e solemnidades, que se celebravam nos templos e recintos consagrados ás divindades gentilicas foram trasladadas quasi litteralmente para o calendario christão, como se as illuminuras d'um ritual mythologico fossem recordadas cuidadosamente e colladas depois com o mesmo carimbo sobre as paginas evangelicas de um *Missal* ou de um *Livro de Horas*. Debalde os concilios ecumenicos e os concilios provinciaes, os papas e os bispos tentaram cortar pela base as tradições seculares, mas nada alcançaram e o mais que puderam conseguir foi transformar essas praticas e adaptal-as convenientemente ás doutrinas do christianismo. O elemento clerical, impotente na sua cruzada, reduzido ao papel de transigente e conciliador, foi por vezes secundado pelo elemento civil, mas os resultados, tanto n'um como n'outro caso, foram identicos. Do anno de 1385 é uma carta de João I approvando as ordenações promulgadas pela Camara de Lisboa contra certas usanças e superstições populares, que ella considerava como costumes diabolicos e crimes de idolatria. Entre os preconceitos e abusões condemnados contam-se as *Janeiras* e as *Maias*, que ainda hoje são communs em certas provincias. No Porto, na minha infancia, raras eram as janellas e portas, que, no primeiro de maio, não appareciam enfeitadas com os amarellos ramos de giesta. As providencias adoptadas pelo municipio de Lisboa tinham um caracter

de sanidade moral; traduziam o desejo de desarmar a sanha de Deus e de grangear a protecção divina no momento em que o rei de Castella invadia e occupava Portugal e se esperava batalha decisiva entre elle e o Mestre de Aviz. A victoria de Aljubarrota confirmando brillantemente os direitos do povo portuguez á sua autonomia, justificou por outro lado os escrúpulos religiosos e puritanos dos municipales de Lisboa, que tanto se anticipavam á maneira de pensar dos sectarios de Luthero ¹.

Não era só no coração do povo que as tradições gentílicas se acollheram como em gruta mysteriosa e impenetravel. A opulenta litteratura greco-latina conquistára os espiritos dos eruditos e exercera a mais extraordinaria fascinação em pleno seculo XVI, no mais vigoroso periodo do *Renascimento*, quando a *Reforma* se levantava contra a dissolução e demazias de Roma. Na poesia e em todas as artes, ainda mesmo n'aquellas que mais genuinamente synthetizam a pureza da crença evangelica, como as cathedraes gothicas, ahi se vêem hybridamente enlaçadas as scenas e figuras do Olympo com os symbolismos da ideia christã.

Renovando as correntes da nossa litteratura, introduzindo em Portugal o romantismo, Garrett invocava novas divindades tutelares para a poesia portugueza, abjurava as crenças e ficções risonhas que tanto floresceram na Grecia, adoptando em seu lugar o maravilhoso do nosso povo, sem se lembrar talvez que essas lendas encantadoras, consideradas nacionaes, não eram, na sua maioria, senão a metempsychose das tradições antigas, o transformismo ethnographico.

A 2 de fevereiro, quarenta dias depois do nascimento de Christo, celebra a Igreja a apresentação do Menino-Deus no templo, decorrido o periodo da purificação da Virgem, segundo o rito judaico.

Frei Domingos do Rosario, no seu *Flos Sanctorum*, sob a rubrica do respectivo dia, descreve por esta fórmula o notavel acontecimento:

«Celebramos nesta tam esclarecida y illumiada festa aquele glorioso dia quando a verdadeira luz do mudo Deos minino, por amor d'nos nacido, foy presentado no tẽplo a corẽta dias de pois de sua nacẽça, y nele por mãos da virgẽ sagrada offerecido a seu eterno padre, y juntamẽte tomado nos braços do sancto velho Simeon o qual cheo de espirito sancto conhecendo quem tinha nas mãos começou logo a cantar y pregoar que aquele era o verdadeiro lume do mundo. Pelo qual ajuntandonos cõ o sancto velho, y com o propheta David começamos a missa do presente dia, cõfessando y dizendo Oje senhor recebemos

¹ Vide E. F. de Oliveira, *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, tomo 1.º pag. 264 e seg.

vossa misericórdia no meo do vosso templo. E cõ candeas acesas na mão rãpresentamos, y confessamos que esta luz foy oje por nos no templo presentada. As quaes candeas bẽzemos, para significar que toda las benções y sanctificação procedem desta luz» ¹.

D'este trecho poder-se-hia deduzir que a origem immediata da festa da Candelaria estava na apresentação do Menino-Deus no templo. O que todavia é menos verdadeiro, pois que esta festividade não passa de uma reminiscencia ou nova edição de uma solemnidade gentilica. A igreja escolheu Nossa Senhora para mais facilmente se esquecer de Proserpina. Assim o afiança, baseado em boas auctoridades, um auctor insuspeito, Frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Sanctuario Marianno*, um dos mais vastos e interessantes repositórios de noticias concernentes ás crenças e devoções populares portuguezas, no seu fervoroso culto pela Virgem. Eis o que elle escreve, ao tratar da imagem de *Nossa Senhora das Candeias*, que se venerava na igreja de S. João de Lisboa;

...«E todos os annos, pelo tempo em que havia sido o roubo (de *Proserpina por Plutão*), se lhe celebrava sua festa, andando as mulheres, & os homens de noite com candeas acesas, gritando pelos montes, & repetindo seu nome em tom muito lastimoso, & sentido, como o repetia sua mãy Ceres. E tão arreigada estava esta superstição nos gentios, & particularmente nos Romanos, que ainda depois de se converterem á Fé de Christo, não deixavam de renovar esta cerimonia; nem os Summos Pontifices a podião desterrar de Roma. Pelo que ordenarão (como refere Fr. Bernardino de Bustos) naquella propria noite, que parece cahia em dous de Fevereiro, huma procissão solemnis-sima em louvor da gloriosa Virgem Maria, a que todos acudião com cirios, & luzes, cantando hymnos em seu louvor, mudando a superstição diabolica em santo, & louvavel costume, & devoto obsequio á Senhora. E por causa das luzes, & candeas com que todos hão a esta procissão, se chamou a festa das Candeas, que até hoje usa a Igreja Catholica. Ainda que para evitar algumas indecencias, que havia em se celebrar de noite, a mudirão os mesmos Summos Pontifices, & mandarão que se celebrasse de dia. Esta he a origem da procissão das Candeas, & festa da Purificação da Senhora ²».

¹ *Istoria das vidas & feitos heroicos & vidas insignes dos sanctos...* Revistas & cotejadas cõ os os seus originaes autenticos, pelo padre frey Diogo do Rosairo da ordem de São Domingos... Impresso em Braga em casa de Antonio de Mariz... Anno 1567 — Tomo I, fl. 120.

² Fr. Agostinho de Santa Maria, *Sanctuario Marianno*. Tomo primeyro. pag. 364—365. Titulo XXXIII.

A imagem de Nossa Senhora das Candeias, que se venerava na igreja de S. Julião de Lisboa, tinha no braço esquerdo o Menino e sustentava na mão direita um cirio. Era adorada n'uma formosa capella, *fechada com umas grandes grades de ferro, mas excellentemente obras e lavradas.*

O padre Raphael Bluteau, no seu excellente *Vocabulario*, precisa, sob a palavra *Candelaria*, quem foi o papa que instituiu esta festividade em substituição das antigas usanças mythologicas. Eis o que elle escreve:

«A festa ou procissão, que vulgarmente se chama das *Candeias*, se celebra na Egreja Catholica em 2 de Fevereiro, no dia de Nossa Senhora da Purificação, com cirios accezos nas mãos; cerimonia com que o papa Gelasio quiz simbolisar a pureza da Virgem, e juntamente extinguir umas festas gentlicas, que se celebravam no principio de Fevereiro, com velas accezas toda a noite, em honra de Febrea, mãe de Marta; como tambem as luminarias, que as mulheres punham em memoria do sacrificio que os Romanos faziam com velas accezas no tempo de Plutão, com o nome de Febrea, crendo que n'este mez furtara elle a Proserpina, e que Ceres, sua mãe, a andava buscando com tochas...»

Ovidio, o inflammavel e imaginoso poeta, o mais pittoresco e vivo pintor da sociedade e da civilização romana, descreve-nos em duas das suas obras, nas *Metamorphoses* e nos *Fastos*, mais desenvolvidamente na segunda, o rapto de Proserpina. Escusado será consultar o texto latino, quando temos aqui á mão, em puro e delicioso vernaculo, aquelles dois quadros, tão admiravelmente interpretados por Antonio Feliciano de Castilho. Fiquem dependurados aqui n'esta galeriasinha, illuminados, posto que profânos, pelas bentas candeias da *Purificação*:

AS METARMOPHOSES

RAPTO DE PROSÉRPINA

Jaz, não distante de Henna, um lago fundo;
 Pergo é seu nome; a gorgear-lhe as margens
 não tem mais cisnes lucido Caystro.
 C'rôa as aguas selvatica espessura,
 que debruça, que allonga, que entretece,
 vasto frondoso veo, que os soes não rompem.
 Entornam doce fresco as ramas verdes;
 pulam do humido chão variadas flores;
 reina, odóra e continúa, a primavera.
 Lá se andava Prosérpina folgando,

colhendo aqui um lyrio, além violetas,
co'as socias apostada a qual mais breve
(doces cuidados de innocentes annos!)
cesto e regaço os encherá de flores.

Eis . . . (rapidez de amor excede a todas)
a vê, a adora, a rouba, o Rei do Averno.
Toda medos e assombro, a semventura
por sua mãe, por suas socias grita,
porem mais pela mãe, que pelas socias.
Nas ancias da afflicção lacêra as vestes;
as boninas no gremio enthesoiradas
caem-lhe aos pés, desparzem-se na terra.
Vêde agora a infantil simplicidade!
o perder flores taes lhe ha dado pena.

O roubador, afervorando a fuga,
brada a cada frisão pelo seu nome,
co'as rédeas negras lhes açoita os collos.
Atravessam, trotando, os fundos lagos,
os Palicios marmeis, que estão, ferventes,
sulfurea exalação mandando aos ares,
e o sitio onde seus muros erigiram
entre dois portos deseguaes, os Bâcchios,
oriunda gente de bimar Corintho.

Mette o mar, entre Cyane e Arethusa,
uma abra pela terra, onde vivia
das Nymphas de Sicilia a mais famosa,
Cyane, a propria que deu nome ao lago.
Essa, á passagem do troante coche,
meia surge do pego; e conhecendo
roubada e roubador, — «Detêm-te! — exclama;
«ávanté não ireis; mau grado a Cêres
«não serás genro seu. Para pedida,
«que não para roubada, era essa virgem.
«Se cabe exemplo humilde em grandes coisas,
«citar-vos posso o meu, que fui de Anápis
«o enlevo, o encanto, o ídolo, a cegueira;
«sim, veio a me alcançar por sua esposa,
«mas a poder de supplicas, de votos;
«não como essa, atterrada, espavorida».

Diz, e os braços abrindo, oppõe-se aos brutos.
 Já não tem mão na cólera o Saturnio;
 incitando os terríveis corredores,
 prompto arremeça co'o possante braço
 ás entranhas do pégo o sceptro augusto.
 Rasgada a terra ao golpe, abre ampla estrada
 ás regiões da Morte, e sorve o coche
 pelo atro boqueirão redemoinhado.

.

Não cessava no emtanto a afflicta Ceres
 de correr terra e mar buscando a filha ¹.

.

OS FASTOS

RAPTO DE PROSÉRPINA

Agora, pois que o lanço o vem pedindo,
 da Sícula donzella o memorando,
 o indigno rapto a relatar me apresto.
 Por entre coisas mil que sabem todos,
 algo não dito aventarão meus versos.

Com promontorios tres boja ao mar largo
 a que lhes deve o nome: a gran Trinácia.
 Ali folga habitar, e ali tem Ceres
 de cidades sem conto o senhorio,
 como Henna, em pingue solo regalada.

Convidára as celícolas matronas
 a mui fresca Arethusa a bodo lauto.
 Co'a flava Idêa mãe viera a filha.
 Esta, co'as moças comitiva sua,
 andava pelos prados seus amores
 descalça a retoçar.

¹ *As Metamorphoses* de Publio Ovidio Nasão — Traducção de Castilho.
 Livro I.

Jaz perto um valle,
fundo, umbroso, orvalhado de cascatas;
juncam-n'ô flores mil; quantos matizes
a Natureza sabe, ali tremulam.
Mal deu com tal jardim, — «Correi, ó socias,
«vinde! — exclama — encheremos os regaços.»
Confluem todas; trêfegas se afanam
(ditosa idade!) no apanhar boninas;
a lida lhes é festa. Uma assobérba
de ramilhetes o vimíneo cesto,
outra o seio, essa o gremio; qual dá cresta
aos violaes, qual aos aureos bem-me-queres;
qual as hasteas somníferas destouca
das fogosas papoilas; vão jacinthos
n'estas mãos; vão n'aquellas amaranthos;
cá prefere-se o thimo; as alfazemas
se amam além; mais longe as regias c'rôas.
As rosas sobre tudo, as paphias rosas,
vão voando em cardume; e que de flores
sem nome conhecido!... Ella entretanto
quer subtis assafrões, quer lyrios alvos.

Accezas no fervor da flórea caça,
para aqui, para ali, se vão, se allongam;
e eis sosinha Prosérpina. Seu tio,
que tão a ponto a vê, a toma, a furta,
lança-a no coche, e a rapido galope
dos frisões negros lá se vão rodando,
via do Averno.

— «Ai mãe! — clamava a triste —
«roubada vou! defende-me! soccorro!...»
E entre o inutil clamor, co'as mãos de neve
seus vestidos frenetica rasgava.

No emtanto, o boqueirão que leva ao Orco
se escancarou em frente; os igneos brutos,
que o diurno clarão deslumbra, vexa,
dentro se precipitam. Desparecem.
Terminada a colheita, os açafates
cogulados de flor, o côro ingenuo
entra a bradar: — «Prosérpina! Prosérpina!

«vem! onde és tu? vem ver nossos regalos!»
Logo que a tão chamada não responde,
rompem alto alarido, estrugem echos,
alvorotam a serra, e delirantes
ferem os peitos nus co'as mãos convulsas.

Ceres, que n'esse lance entrára em Henna,
escutado o motim, — «Ai triste! ó filha!
«filha! oh ceos! onde estás?» — pasmada exclama.
Gira sem tino; vai quaes se nos pintam
de coma sôlta as Ménades da Thracia.
Como a novilha mãe, se o bezerrinho
lhe arrancaram da teta, anda aos mugidos
de canto em canto a procurar no sôito,
assim a deusa em ais se desentranha,
corre á tôa.

Mal sai das hortas de Henna,
da tão querida planta acha os vestígios!
na pisada campina estão recentes!
segue-os; vai ser feliz. Mas... oh! desdita!
suínas trombas revolvendo o solo
as pègádas que segue aniquilaram!

Tem que peregrinar! Já Leontinos,
já ribas do Amenano, e as que tu vestes
de alma verdura, ó Ace, agil a viram
transpôr dominios seus; àquem já deixa
Cyane, a fonte do sereno Anápo,
e o remoinhoso, o inhospedeiro Gela;
pretêre Ortygia, Mégare, Pantágie,
a barra do Simélho, as requemadas
penedias dos Cyclopes ferreiros,
o sitio a que deu nome a curva foice,
Himéra, Didyme, Acraganta; passa
o Taurómene, o Méla, d'onde às aras
refeitas rezes veem; d'ahi demanda
e Camerina, e Thapso, e Helórios valles,
e Erix, mansão do zephyro querida;
lustrou Pelóro, Silybeu, Pachyno,
da ilha sua as tres formosas pontas.
Por onde quer que passa, ares e povos

vai com flebil querella alvorotando,
 qual ave que pranteia a morte de Itys.
 Umas vezes, — « Prosérpina! Prosérpina! » —
 voseia; outras exclama: — « O' filha! ó filha! » —
 Pára . . . escuta . . . e ninguém, ninguém responde.
 Prosérpina infeliz não ouve a Ceres;
 á desditosa filha a mãe não ouve;
 no echo ao longe o clamar se esvai perdido.
 Se avista um lavrador, um pegureiro,
 logo a pergunta lhe revôa d'alma:
 « Não passou n'este sitio uma donzella? » —

Mas do mundo o matiz sumiu-se em trevas.
 Nem já latir de cães rompe o silencio
 sobre a cabeça de Typhœu sepulto,
 d'esse que lá em baixo abraza a terra
 co'o igneo resfol'gar. A aquellas chammas
 dois pinheiros por lampadas accende.
 Por isso é que ainda agora accendem tedas
 nos ritos cereaes.

Abrira o tempo,
 em congérie de pomes escabrosas,
 caverna a humanos pés inacessivel,
 té ás feras defeza. Ali chegada,
 seus bridados dragões ao coche adjunge;
 arremessa-se ao mar; intacta o corre;
 vara por longe as Syrtes; salva as fauces
 da Zancleia Carybdis, e a fronteira
 canina Sylla, espumea, naufragosa.
 Transpõe o largo Adriatico; não pára
 em Corintho, a bimar; até que poja
 na tua costa, ó Attica; ali poisa
 pela primeira vez em fria penha;
 tão triste, que inda agora a aquelle poiso
 a *pedra da tristeza* por memoria
 soe o povo chamar. Dias e dias
 curtiu no mesmo pasmo as intemperies,
 os lentores da lua, o vento, as chuvas ¹.

¹ Os *Fastos* de Publio Ovidio Nasão. — Tradução de Castilho. Livro IV.

II

A festa da Purificação era uma das que mais solememente se celebravam na capella dos nossos monarchas. Eis como a descreve João Baptista de Castro, no seu *Mapa de Portugal*, com referencia á época de D. João IV:

«Em dia de Nossa Senhora das Candeas hião primeiro tomar as vélas os Prelados, e Capella, e depois El Rey. Dava as vélas quem fazia o Officio, e depois que El Rey vinha do Altar, a entregava ao Capellão mór, e este a dava a hum Moço Fidalgo; e quando queria sahir a Procissão, tornava este a dalla acceza ao Capellão mór, o qual a entregava a El Rey. A véla, que se dava a Sua Magestade, era de huma vara, e duas terças de comprido, e tinha cinco arrates de pezo: a da Rainha era quasi, ou pouco menos, da mesma grandeza, e pezo: a dos Infantes de vara e meya, e de tres arrates e meyo de pezo: a dos Embaixadores, e Duques de vara e terça, e de tres arrates: a dos Arcebispos, e Marquezes de vara e sesma, e dous arrates e meyo: a dos Bispos, e Condes de huma vara, e de dous arrates: a dos do Conselho de huma vara menos huma sesma, e de arratel e meyo, e assim á proporção a das outras pessoas ¹.»

No reinado de D. Duarte, o tempo que se gastava, na capella real, na festa da Purificação, era de quatro horas. Assim o indica elle no seu *Leal Conselheiro*, no capitulo intitulado *Do tempo que se deteeem nos officios da Capella*. Diz assim, laconicamente, o regio escriptor philosopho: «Item, o officio da purificação com terça cantada, prêgaçom, benzer de cirios, e procissom: *Quatro oras* ².»

Em S. João de Lumiar, termo de Lisboa, a *Candelaria* coincide com a festa a Santa Brigida, de que se conserva ali, em bella urna de prata, uma reliquia muito devota, um osso do craneo. A festa tem uma feição profundamente naturalista, resto de algum culto de divindade pastoril. Os lavradores das immediações dão voltas em roda da capella com os seus rebanhos. Dentro da igreja vende-se pavio de cêra amarella que se enrola nas hastes dos bois e ahi se deixa ficar até se consumir ou estragar. A crença popular vê n'isto um preservativo contra as molestias dos animaes, de que a santa é para assim dizer a deusa tutelar. Não sei se em mais alguma localidade ou provincia existe este

¹ J. B. de Castro, obra citada, tomo 3.º, pag. 179 e seg.

² Obra citada, pag. 455.

costume, tão profundamente original, em que se revela a fusão íntima de duas tradições pantheístas.

O meu amigo Gabriel Pereira no seu interessante opusculo *Noticias de Carnide* (pag. 20) descreve-nos, em phrase ingenuamente pittoresca, a festa e feira de Santa Brígida, que elle teve occasião de presenciar n'um dos seus passeios campestres.

A crença e superstição do povo promettem não se extinguir e ainda em fevereiro de 1902 se repetiam todas estas ceremonias, tão dignas de terem por scenario os bosques da Arcadia, ao som das tibias, dos pastores de Theocrito e de Virgilio. Uma correspondencia dirigida, n'aquelle data e d'aquelle lugar, ao *Diario de Noticias* descreve-nos assim os episodios da festa:

«*A festa e feira de Santa Brígida* — Realisaram-se hontem no Lumiar a festa de Santa Brígida e a feira annual de gado, que apezar do mau tempo esteve regularmente concorrida.

«*Às 10 horas fez-se a benção da cera, e em seguida missa cantada a grande instrumental. Officiou o padre coadjutor José Custodio de Lima, acolytado pelos padres João da Silva Gouvêa, Francisco e João da Costa, prégando o rev. prior Francisco de Paula da Fonseca Neves.*

«*Durante o dia houve grande romaria á capella de Santa Brígida, a quem foram offerecidas muitas promessas de cera, dinheiro, trigo e milho.*

«*Foram vendidos muitos registos e metros de pavio de cera que eram enrolados com muita devoção ao pescoço do gado.*

«*A feira esteve muito concorrida de gado, mas não se fizeram transacções de valor.*

«*O gado antes de entrar na feira, como de costume, deu tres voltas á roda da igreja, chamando a attenção do publico, 500 ovelhas e carneiros pertencentes ao snr. Conde da Guarda, e 860 do snr. Carlos Costa Sanches, da Serra do Monsanto.*

III

Se as *candeias* se empregavam com mais especialidade na festa de Nossa Senhora da Purificação, não deixava comtudo o seu uso de se generalisar ás demais festas e romarias do anno, como ainda hoje se pratica com as velas e votos de cêra, que se vão depôr nos altares dos santos queridos. Na antiga poesia portugueza, no Cancioneiro trovadoresco dos tempos de D. Diniz, lá vem commemorado o facto nas amorosas cantigas, misturado ingenuamente o profano com o religioso.

Pero de Vivães foi um dos mais inspirados interpretes d'esta costumeira do seu tempo, pondo umas lindas estrophes na bôca das moças formosas que vão á festa de S. Simão de Val de Prados. Emquanto as mães se entreteem a queimar candeias por ellas e pelas filhas, estas dançam deante dos seus amigos, seduzidos pela graça com que bailam e saracoteam as suas apaixonadas. A cantiga, que tem o quer que seja do rythmo e da cadencia coreographica, vem inscripta sob o n.º 336 do Cancioneiro da Vaticana. O seu texto conforme o dá a pag. 112, 113 do *Cancioneirinho* de Varnhagen (Vianna de Austria 1872) é do teor seguinte:

Pois nossas madres van a San Simon,
De Val de Prados candéas queimar,
Nós as meninas punhemos d'andar
Con nossas madres, e elas enton
Queimen candeas, per nós e per si,
E nós meninas bailaremos y.

Nossos amigos todos lá irán
Por nos veer; e andaremos nós
Bailando ant'eles, fermosas, sós;
E nossas madres, pois que alá van,
Queimem candeas per nós e per si
E nós meninas bailaremos y.

Nossos amigos irán per cousir
Como bailamos, e poden veer
Bailar moças de bon parecer,
E nossas madres, pois lá queren ir,
Queimem candeas, per nós e per si.
E nós meninas bailaremos y.

O snr. Dr. Theophilo Braga adduz ainda outra cantiga, a 265, em que uma rapariga fala em ir á romaria de Santiago, para queimar as suas candeias e vêr o seu amigo. Diz a ultima estrophe:

Quer'eu ora mui cedo provar se poderey
hir queymar mhas candeas con grã coita qu'ey;
e por veer meu amigo logu' i.

Com esta festividade de Santa Brigida tem muitos pontos de contacto, sendo talvez uma variante d'ella ou procedendo ambas da mesma

origem, outra festa que se celebra no dia 25 de abril, em honra de S. Marcos, em diversas terras do paiz, sobretudo no sul, em Alter do Chão e no termo de Serpa. A solemnidade não é verdadeiramente em honra de S. Marcos, mas sim em honra do touro e da raça bovina. Ora sendo o leão o emblema symbolico d'aquelle Evangelista, não sei explicar o motivo porque é que n'este dia a crença popular divinisa para assim dizer o touro, que é o symbolo de S. Matheus. Como quer que seja, o que é certo é que o touro, attrahido, como se pretende, pelo sacerdote, entra mansamente na igreja e ali assiste á funcção, servindo as suas hastes de estante ao missal, onde se canta a missa ¹.

Não sei se esta sagração bovina ainda se solemnisa ou se já se extinguiu de todo. O boi é dos animaes mais gratos á devoção christã. No presepio apparece elle bafejando e acalentando o Menino Jesus. Os lavradores do norte do paiz, nas suas doenças graves e transes afflictivos, costumam offerecer juntas de bois, que levam enramilhetadas aos sanctuarios mais afamados como os do Bom Jesus, Nossa Senhora do Sameiro e S. Torquato, sendo esta uma das boas fontes de rendimento. Nas povoações das aldeias o calendario christão serve de referencia e de ponto de apoio ao calendario meteorologico. Assim como no dia da Purificação se tiram horoscopos atmosphericos, assim succede o mesmo em dia de S. Marcos. Na Candelaria rezam os proverbios :

Se a Senhora da Luz chorar,
Está o inverno a acabar.

Se a Senhora da Luz rir,
Está o inverno para vir.

Quando a Candelaria chora, o inverno já está fóra; quando a Candelaria ri, o inverno ainda está por vir.

Em portuguez, não vejo apontado nenhum proverbio d'esta natureza relativo a S. Marcos, mas em italiano e hespanhol ha os seguintes, que o sr. Theophilo Braga traz no seu *Povo Portuguez* :

S. Marcu é lu lupu de la campagna.

¹ Veja-se a este proposito o interessante artigo do meu amigo Pedro A. d'Azevedo, a pag. 117 do 1.º volume da *Tradição*, revista ethnographica, que se começou a publicar em Lisboa em 1899, mas cuja redacção é em Serpa, sendo seus directores os srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes.

São Marcos.

Llena los charcos.

Em Guimarães, no Museu da benemerita Sociedade Martins Sarmento, guarda-se o *Andor das candeias*, que figurava n'uma procissão, denominada das *marafonas* ou dos *pães bentos*, que sahia antigamente, no dia 10 de junho, da igreja de Santa Clara e recolhia na Collegiada. Assistiam a esta cerimonia, commemorativa de uma promessa feita em occasião de grande calamidade, o cabido e a Camara. O andor, diz o sr. Albano Bellino, de quem tomo esta noticia, ia adornado de velas de cera, que prefaziam o pezo do rôlo com que se devia cercar a muralha da cidade ¹.

IV

Das festas de igreja e romarias, passemos a observar agora o uso das candeias em solemnidades mais intimas. Ellas são na estrada da vida, as duas balisas luminosas dos seus extremos — nascimento e a morte. Effectivamente que é a vida senão a lampada que se accende um dia e se extingue depois á falta d'oleo?

Se a vela accessa, ao despertar da existencia, tem a alegria de uma alvorada, já não succede o mesmo, quando illumina o rosto macilento de um moribundo. A despedida do mundo, segundo o *Ritual romano*, toma um character sinistro, que impressiona os assistentes devendo apavorar o espirito do principal auctor d'esta scena dramatica. O enfermo, reclinado na cabeceira do leito, se ainda tem força para isso, segura nas mãos trémulas uma vela, enquanto o sacerdote resa o officio da agonia, a ladainha dos moribundos, cujos versiculos monotonos parecem outras tantas pancadas funebres na tampa do sepulchro que se vae abrir ².

Hoje em dia, no declinar do fervor religioso, a *encommenda da alma*, já não se faz com tanta frequencia, mas antigamente nem os proprios reis escapavam á terrivel imposição da igreja, que assim julgava levar o ultimo consôlo aos moribundos, quando talvez não fizesse mais do que augmentar-lhes a inquietação com a lembrança dos peccados, que pediam arrependimento sincero. D. João II não enfraqueceu na hora derradeira mostrando o homem forte que sempre fôra até exhalar o ultimo suspiro. Garcia de Rezende, no capitulo CCXXII da sua *Chronica*, pinta-nos admiravelmente o quadro da agonia. Os bispos e os fi-

¹ Albano Bellino, *Archeologia Christiã*, pag. 150.

² Esta cerimonia é cumprimento do que dispõe o *Ritual romano* no titulo *De visitatione et cura infermorum — Ordo commendationis animæ*.

daigos alternam as orações com os pedidos e o rei, de candeia na mão, reza e despacha ao mesmo tempo, satisfazendo a cubiça de uns, ouvindo os consolos de outros, admirando talvez a hypocrisia de todos.

Gil Vicente, em cujos *Autos* se encontram os mais preciosos vestígios ácerca das tradições populares, fornece-nos elementos interessantíssimos no tocante ao emprego das *candeias*, não só na hora da morte, mas ainda em outros actos da vida íntima. Eis aqui uma passagem do *Auto da Lusitania*, referente ao primeiro caso:

Não somente quem o crea
 Nem sentem as creaturas
 Que ha de morrer sem candeia
 E espirar ás escuras,
 Como triste em terra alhea.

Dois seculos depois de Gil Vicente, outro poeta comico, herdeiro do seu genio dramatico, o malaventurado *Judeu* (Antonio José da Silva) allude ao costume, n'uma das suas mais populares *operas*, *Guerras do alecrim e mangerona*. Semicupio, o gracioso creado, diz figuradamente:

«Não ha huma candeia nesta casa que se meta na mão, que estou morrendo por te ver?»

Na mesma obra nota-se a seguinte expressão: *candeia de garavato*, como quem diz candeia de leito ou cama.

Em muitas casas conserva-se a *vela benta*, que serve n'estas occasiões solemnes e em outras ainda, como nas trovoadas, quando se invoca Santa Barbara.

Camões principia assim a sua segunda *Carta*:

«Esta vay com a candeia na mão morrer nas de v. m.»

Voltemos a Gil Vicente e extraíamos do velho mas immorredoiro poeta as restantes crystallisações da supersticiosa costumeira. No *Auto da Mofina Mendes*, referindo-se ao nascimento do Menino, diz:

Vereis em palhas nascido,
 Sem candeia e sem luar,
 Suspirando.
 E porque a noite he quasi meia,
 E são horas que esperemos
 Seu nascer,
 Ide, Fé, por essa aldeia
 Accender *esta candeia*,
 Pois outras tochas não temos
 Que accender.

A Fé volta com a *vela sem lume* e diz S. José :

Não vos anoeis, Senhora,
Pois estais em terra alheia,
Ser o parto *sem candeia*,
Porque as gentes d'agora
São de mui perversa veia.
Todos dormem a prazer,
Sem lhes vir pela memoria
Que por força hão de morrer ;
E não querem accender
A sancta vela da gloria.

Mais adeante exclama ainda a Fé :

Sem memoria nem cuidado
Dormem em cama de flores,
Feita de prazer sonhado :
Seu fogo tão apagado
Como em choça de pastores ;
E a vossa divina vela,
Vossa *eterna candeia*,
Feita de cera mais bella,
Em cidade nem aldeia
Não ha hi lume para ella.

Diz ainda S. José :

Mandae-lhe accender *candeias*,
Que chamem ouro e fazenda,
E vereis bailar baleias ;
Porque irão tirar das veias
O lume com que se accenda.
E á gente religiosa
Manda-lhes velas bispaes ;
A cera, de renda grossa ;
Os pavios, de casaes ;
E logo não porão grossa.

V

Fernão Lopes, o Gil Vicente da historia, sabendo imprimir nas suas narrativas o colorido e o interesse dramatico, offerece, na sua *Chronica de D. João I* algumas passagens curiosas relativamente a candeias.

Tinha o povo de Lisboa proclamado o Mestre d'Avis regedor e defensor da patria, mas a sua victoria, dentro do proprio recinto da cidade, não era completa, pois restava ainda o castello, que tinha voz pela rainha, e que era, por consequente, uma vigia incommoda e um obstaculo perigoso. Julgando indispensavel a sua posse, trataram de o atacar, ameaçando os defensores de exporem aos seus primeiros tiros as mulheres e os filhos, que tinham deixado na cidade. Deante d'estas ameaças e dos preparativos do assalto, o alcaide decidiu-se a preitejar, obrigando-se a dar a fortaleza, se dentro de 48 horas não recebesse ordem ou soccorro da rainha, que estava em Alemquer. Mandado ali um mensageiro com este recado, o povo de Lisboa, alvorçou-se, e tanto na povoação como no seu termo, esteve toda a noite de vigia, de luzes accesas, com temor que viesse algum auxilio, preparando-se para o receber condignamente. Esta anciedade acha-se reflectida no capitulo XLII da alludida chronica, da seguinte fórma:

«Os da cidade como souberam que o castello era preitejado corriam todos pelas comarcas, e toda aquella noite foi posta grande guarda em toda Lisboa, *dormindo d'arredor do monte com muitas candeias accesas*, velando com grande cuidado pera embargar qualquer ajuda, se acontecesse de vir ao alcaide.»

O rei de Castella está já em volta dos muros de Lisboa, investindo-a por mar e por terra e começam as amarguras do cerco. Os viveres vão escasseando de dia para dia e os horrores da fome quebrantam os animos mais valorosos, que procuram retemperar-se, para reagir, no fanatismo religioso e no fanatismo da patria. As imaginações incandescidas viam nos mais simples phenomenos atmosphericos intervenção sobrenatural, e n'essas visões maravilhosas sorria-lhes a esperança de melhor futuro. Uma noite, os defensores do muro, proximo de S. Vicente, ficaram assombrados com a apparição mysteriosa de uns vinte homens, envoltos em brancas roupas sacerdotaes e trazendo nas mãos, quatro d'elles, cirios accesos. Formavam uma especie de procissão e entravam n'uma igreja, falando baixinho como se estivessem resando. Christãos e mouros presenciaram este espectaculo e chamando por seus companheiros, quando estes chegaram, já os phantasmas tinham desaparecido. Se um deslumbramento se desvanecera outro o subs-

tituira. Os fogos fatuos continuavam nos seus exercicios de physica recreativa. Estando os soldados conversando attonitos sobre o caso *viram nas pontas das lanças que estavam nas torres, senhas candeias accesas de claro lume, que durou acerca de uma hora* ¹.

Occorrecia similhante, mais estupenda ainda, succedera oito dias antes em Montemór-o-Velho, patria do abbade João, de lendaria memoria. N'uma segunda-feira, 11 de abril, *chuvera cera n'aquelle logar, tal como põem ás candeas*, e um morador da terra, para que não ficasse duvida a ninguem, trouxe a Lisboa uma amostra d'ella, e juntamente um auto comprovativo feito pelo tabellião Lourenço Affonso.

Sem duvida esta chuva deve attribuir-se a artes magicas do abbade João ².

Quando se recebeu em Lisboa a noticia de ter chegado a Cascaes a frota de socorro que vinha do Porto, houve grande borborinho e agitação na cidade, gerando-se em uns a esperanza de que ella venceria a frota de Castella e assim ficariam com a barra desembaraçada, temerosos outros de um resultado funesto pela desigualdade das forças. E n'este rumorejar de opiniões oppostas, n'este embate de ideias e de sentimentos, o povo accorria ás *egrejas e mosteiros com candeias accesas nas mãos fazendo dizer missas e outras devoções, com grandes preces e muitas lagrimas* ³.

A peste invadira o arraial do rei de Castella, e este, por tal motivo, viu-se obrigado a levantar o cerco de Lisboa. A cidade, sentindo-se livre, soltára um grito de expansão jubilosa e procurára rehaver os logares do termo, que tinham voz pelo monarcha intruso. Um d'esses logares era Cintra, cujo castello, pelo penhascoso do sitio, era difficil de conquistar. O Mestre d'Aviz imaginou que o poderia colher de surpresa e n'este intuito sahiu de Lisboa, cautelosamente, sem revelar o seu designio. O tempo não lhe permittiu, porém, levar por deante o seu artiloso plano. Uma tempestade medonha lhe interrompeu a marcha. A chuva era um diluvio e a cerração tão intensa, tão carregadas as nuvens, que nem os raios allumiavam aquellas trevas. A escuridão era tanta que não se viam uns aos outros e ninguem sabia onde estava. No meio d'esta calligem, apenas a electricidade ousava brincar com a prestidigitação dos seus jogos luminosos. Diz o chronista que em esta *danosa noite appareciam taes candeias nas pontas das lanças d'alguns de que eram acerca do mestre* ⁴.

¹ Fernão Lopes, *Chronica de D. João I*, cap. CXI.

² Idem, idem.

³ Idem, idem, cap. CXXXII.

⁴ Idem, idem, cap. CLXIV.

Em Lisboa a tempestade não se fizera sentir com menos violencia e em alguns sitios as inundações produziram consideraveis estragos. Os guerreiros, que voltaram da mallograda expedição, por muito que exaggerassem as suas narrativas, podiam ser facilmente cridos, porque as scenas que se presenciaram na cidade, e de que estavam patentes os vestigios, não foram menos assombrosas e damninhas.

Como fecho a estas citações do velho chronista darei agora um traço, que caracteriza a physionomia moral de Nuno Alvares Pereira, mixto de guerreiro e de asceta, alma de Joanna d'Arc ou de Santa Thereza de Jesus, n'um arcabouço masculino. A intensidade do seu mysticismo era tal que, até no mais rijo dos combates, abandonava a direcção d'elles, para se ir entreter expiritualmente com Deus, evocando o seu auxilio e a sua inspiração bellica. Esta confiança extrema, esta allucinação religiosa, esta crença que tocava as raias da loucura, era a mola impulsiva dos seus actos, o segredo dos seus triumphos. No seu arraial, as praticas devotas, combinadas com os mais rigorosos preceitos da ordenança militar, davam ao soldado a firmeza do espirito e a firmeza do corpo, a confiança em Deus e a confiança no seu capitão.

Narra a este proposito o chronista:

«Nas festas principaes do anno em que a egreja costuma que se faça procissão, ordenava elle de a fazer pelo arraial com candeias nas mãos, segundo o dia em que era, ouvindo sua pregação e officio o mais honesto que se em taes logares fazer podia»¹.

VI

Na minha infancia o candeieiro de latão tão propicio ao estudo e vigílias escolares, a candeia, e a vela de cebo, espetada em castiçal, eram os elementos essenciaes e indispensaveis da iluminação caseira. Então o grosseiro phosphoro de pau ainda não tinha banido completamente a mecha sulfurosa, que se vendia aos mólhos em lojas da Praça Nova ou de D. Pedro, lojas onde hoje estadeiam elegantes estabelecimentos de modas. O gaz, o petroleo, a estearina, fazendo uma profunda revolução no systema illuminatorio, puzeram em debandada aquelles agentes, que se podem considerar reliquias archeologicas. A candeia quasi que só se usa nas povoações sertanejas. Era construida geralmente de ferro ou de folha de Flandres, e consistia numa haste, na extremidade inferior da qual estava o recipiente, de fôrma arredondada, onde se deitava a materia inflammavel—o azeite de oliveira ou de

¹ Fernão Lopes, *Chronica de D. João I*, cap. CLXXXIII.

peixe. A extremidade superior era em fôrma de gancho para se ter suspensão da mão, da cabeceira do leito, da parede ou de qualquer movel.

Antigamente, como se vê dos textos já apontados e de outros que ainda reproduzirei, tinha uma significação muito differente e era synonimo de vela. O candeeiro não era o feitor de candeeiros, mas sim o fabricante de candeias ou velas. Numa carta de fr. João Claro, doutor pela Universidade de Paris, monge e prior de Alcobaça, dirigida a D. Manuel, diz elle, referindo-se a obras a fazer na igreja e á maneira como os objectos de culto estavam dispostos em um armario junto de cada altar: «... e o sacerdote que a hade dizer (a missa) vae á sacristia por o seu cales, hostia e *candea*.»

Entre as candeias havia algumas de designação especial, ou por causa da sua procedencia, ou por causa do seu fabrico ou ainda talvez por causa do seu feitio. As candeias de Paris e Aragão mereceram a honra de serem mencionadas pelos poetas. Transcrevi ja do *Cancioneiro da Vaticana* algumas cantigas em que se fazia referencia ao costume de levar e queimar candeias em homenagem aos santos nas romarias mais populares. Da mesma collecção, pois, se colhem mais subsidios sobre o assumpto, especialmente a respeito das candeias de Paris.

As donzellas enamoradas iam a S. Clemenco, ou S. Clemente, queimar *candeas de Paris*. O santo era uma especie de confidente dos segredos do seu coração. Era o seu nome que ellas invocavam no seu desespero quando se viam trahidas pelos seus amantes.

Sam Clemente, senhor,
se vingada nom for,
nom dormirey!
Se vingada nom for
do falso e traedor,
nom dormirey!

A cantiga 807 é a prova documental da proveniencia das candeias francezas. Transcrevo-a na integra, porque é uma pagina curiosa, para a historia da *Luminaria*. Por as palavras sublinhadas se vê que ahi se allude tambem a *estendacs e bogias*. Reza assim:

Nom vou eu a Sam Clemenco
orar e faço gram razom,
ca el non mi tolhe a coyta
que trago no meu coração;
nem m'aduz o meu amigo
pero lh'o roguo e lh'o digo.

Nom vou eu a Sam Clemenço
nem el non se nembra de mi,
nem m'aduz o meu amigo
que sempr' amey des que o vy ;
 nem m'aduz o meu amigo
 pero lh'o roguo e lh'o digo.

Ca se elle m'aduscesse
o que me faz penando andar
nunca tantos *estandaes*
arderam ante o seu altar ;
 nem m'aduz o meu amigo
 pero lh'o roguo e lh'o digo.

Ca se el m'aduscesse
o por que eu moyro d'amor,
nunca tantos *estandaes*
arderam ante o meu senhor ;
 nem m'aduz o meu amigo
 pero lh'o roguo e lh'o digo.

Poys eu e mha voontade
de o nom veer sã bem fis,
que porrey par caridade
ante el *candeas de Paris* ;
 nem m'aduz o meu amigo
 pero lh'o roguo e lh'o digo.

Em mi tolher meu amigo
filhou comigo perfia,
por end'arderá, vos digo,
ante el *lume de bogia* ;
 nem m'aduz o meu amigo
 pero lh'o roguo e lh'o digo.

Na cantiga seguinte (808) ainda a mesma apaixonada fazia oração
a S. Clemenço na esperança de ver o seu amado:

Estava em Sam Clemenço
e fôra candeas queimar,
e disse-m'o mandadeiro,
fremosa de bom semelhar :
 agora verrá aqui o vosso amigo.

Emquanto às *candeas de rezar de Aragão* seja o *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende, quem venha prestar primeiramente o seu testemunho. N'uma carta em verso de João Gomes de Abreu, em que dá novas de Lisboa a D. Duarte de Menezes, que estava com el-rei em Aragão, ha a seguinte comparação:

O Noronha de Rruam
he da Silua namorado,
a *candea d'Aragão*
foi por ella apodado.

Agora falam os documentos officiaes. D. Affonso V, em carta de 24 de agosto de 1456, concedeu a sua prima D. Filippa a dizima de diversos objectos importados pela alfandega do Porto, entre os quaes se mencionam as *Candeas d'aragam pera rezar*. A mesma concessão foi feita por D. João II a sua mulher D. Leonor, com a differença de ser extensiva a todas as alfandegas do reino. Na respectiva carta passada a 20 de janeiro de 1492, e confirmada por D. Manuel a 24 de março de 1496 declara D. João II que fizera esta mercê a pedido de sua esposa, que lhe representára não ter recebido até então a renda da dizima das joias que lhe pertencia haver por bem da doação que os reis antepassados deram e confirmaram ás rainhas ¹.

A nomenclatura dos objectos mencionados n'estas duas cartas é muito interessante, não só sob o ponto de vista linguistico, mas tambem sob o ponto de vista industrial e economico. Dou aqui a sua lista formulada alfabeticamente:

Açafates
Aguilhoos
Alambres
Alfreses
Aljofar
Almeizares
Almiscar
Alvaiade
Annees (anneis)
Arcas
Azeviche
Boetas grandes e pequenas

¹ Vidê *Documentos* I e II.

Bolsas
Botões d'azeviche
Cabelleiras
Câmicassas ou camicares?
Candeias d'Aragão para rezar
Canudos de ouro e prata
Cardas para cardar algodão
Cendaes
Chaperetas tecidas
Chapilleres
Chapins
Contas
Coraes
Cordões
Crespinas de ouro e seda
Enxaravias de seda e linho
Escaninhos
Esmolleiras de ouro e seda
Espelhos
Fita de ouro e de seda
Folha de ouro e de prata
Forcaduras
Froxam
Luvas
Manilhas de ouro, prata e azeviche
Matalotes
Ouro fiado
Pandeiros
Pentes
Prata fiada
Retroz
Rocas
Seda
Sedeiros de seda e linho
Trenas
Veos

VII

Occupar-me-hei agora do fabrico das velas durante os seculos XIV e XV, verificando-se assim, ainda que muito por alto, qual fosse o movimento que tinha esta industria no nosso paiz, sobretudo em Lisboa e Santarem.

Cabe o lugar de honra a um candeeiro d'el-rei D. Diniz, cuja brilhante côrte, apesar das luctas intestinas, legou á posteridade o mais importante monumento poetico da nossa litteratura. Como já houve occasião de vêr, os collaboradores do Cancioneiro diniziano por mais de uma vez alludiram, na pintura das romagens, ao uso das candeias. Em 12 de agosto da era de 1365 (1327), emprazava Elvira Silvestre, prioriza das donas do mosteiro de S. Vicente de Fóra (Santa Clara), a Lourenço Anes, *candeeiro que fôra d'el-rei D. Diniz*, pelo preço de 8 libras, umas casas situadas no sitio da Cruz, as quaes haviam sido de Martim Paes Ribeira, e que Silvestre Garcia, pae da dita Elvira Silvestre, deixára a ella por alma de Martim Curvo ¹.

Em 4 de outubro da era de 1377 (anno de Christo de 1339) aforou Clara Gonçalves, prioriza de Chellas, em nome do seu convento, umas casas situadas na villa de Santarem (hoje cidade) na freguezia de Santa Maria de Marvilla, a par do açougue, a Pero Fernandes, *candeeiro*. Estas casas que haviam ficado ao mosteiro, por morte de dona Stevaina Assarada, dona professa no mesmo mosteiro, foram emprazadas em tres vidas pelo fôro annual de nove libras *de portugueses*, sendo a primeira vida o dito Pero Fernandes, a segunda, sua mulher dona Antona, e a terceira, sua filha Isabel Fernandes. Entre as testemunhas do contracto assignaram *João Sanches e Diogo Ponço, candeeiros* ².

Dez annos depois, a 4 de março de 1387 (anno de 1349), sendo prioriza dona Catelina Domingues de Cintra, emprazava o mesmo convento, em tres vidas, a *Martim Domingues, candeeiro, morador em Santarem*, dois portaes de casas na mesma villa, a par do açougue e do alcaide mouro. O preço do fôro era de 21 libras em dinheiro portuguez. A segunda pessoa, depois de Martim Domingues, era sua mulher, Margarida Anes, e a terceira quem elles nomeassem ³.

Em carta de 13 de dezembro da era de 1416 (anno 1378) aforou D. Fernando, em tres vidas, por 47 libras annuaes, a João Esteves, umas casas sitas na rua dos *candeeiros da cera*. Por este documento se vê que os candeeiros tinham o seu arruamento em Lisboa. A rua dos candeeiros da cera era por certo a mesma que nos seculos XVI e XVII tinha a denominação de rua dos cereeiros ⁴.

A 20 dias d'agosto da era de 1417 (anno de 1375) emprazou o

¹ Vidê *Documento* III.

² Vidê *Documento* IV.

³ Vidê *Documento* V.

⁴ Vidê *Documento* VI.

Convento de Chellas, em tres vidas, sendo a primeira *João Affonso. candeeiro*, e a segunda sua mulher Thêreza Gomes, uma vinha sita em Lisboa em Alvalade-o-Grande, confinante com terras do mosteiro de S. Vicente. Para este contracto concedeu licença o bispo de Lisboa, Agapito Colona, por intermedio do seu vigario Guilherme Carbonel ¹.

Não deixa de ser curiosa a frequencia de emprazamentos feitos pelo Mosteiro de Chellas a diversos candeeiros. No seu cartorio encontra-se ainda outro documento, em que se fala de candeias. É uma carta de 14 de fevereiro da era de 1453 (anno de 1415), passada por Gil Vasques da Torre, escudeiro-vassallo d'el-rei, em favor de D. Aldonsa Pereira, prioreza do Mosteiro de Chellas, em que lhe dá quitação de *todallas camdeas e obradas e dynheiros d'ofertas* que ella e seu convento receberam na igreja de S. Braz de Lisboa, durante todo o tempo em que elle foi rendeiro da Bailia da mesma igreja ².

No reinado de D. Affonso V o poder real teve de intervir numa contenda travada pela concorrência, que entre si faziam diversos cereeiros.

Eis o caso:

Gonçalo Pires, cereeiro, morador na Azambuja, protegido por fr. Vasco Martins, prior do mosteiro das Virtudes, alcançara de D. Duarte (carta de 30 de dezembro de 1434) privilegio para só elle vender candeias aos romeiros devotos que concorressem ás festividades celebradas no convento das Virtudes.

Os cereeiros de Santarem, João Coelho, Luiz Martins, Gil Fernandes e Manuel Gil, aggravaram-se com este privilegio e dirigiram-se ao mesmo monarcha, queixando-se de que todo o anno vendiam candeias no dito convento antes d'elle ser mosteiro, e que depois d'isso lhes não era permittido fazel-o por causa do privilegio concedido a Gonçalo Pires, favorecido do prior. El-rei attendeu em parte ao seu requerimento e mandou que elles podessem vender tambem as suas candeias na festa e nas oitavas de Nossa Senhora de Setembro, isto é, quatro dias antes e quatro dias depois. D. Affonso V confirmou a carta de seu pae a 26 de maio de 1446 ³.

Na primeira metade do seculo XVI, fabricavam-se em Lamego *candeias de cebo*, conforme se vê da seguinte passagem da *Descrição* da mesma cidade, de Ruy Fernandes, publicada no tomo V dos *Inéditos da Historia Portugueza*. No *Trelado da taxa, que aprobarom o*

¹ Vidè *Documento VII*.

² Vidè *Documento VIII*.

³ Vidè *Documentos IX e X*.

juiz e officiaes este anno de mil e quinhentos trinta, vem a seguinte verba:

«Titollo dos candeeiros

«Item. Toda pessoa que vender candeas de sevo, farám candeas, des o primeiro dia de maio atée natal, pesará o arratel das ditas candeas lavradas 20 candeas por arratel, que sam dez reis (reaes). E desde natal até maio pesará o arratel das candeas lavradas 24 candeas, que sam a doze reis por arratel. As quaes candeas teróm os pavios bem cosidos, e de seis fios» ¹.

Nos fins do seculo XVI, na primeira metade do seculo XVII, a industria do cereeiro attingiu a méta da perfeição, convertendo-se em verdadeira arte. Tanto nas pomposas festas de igreja, como nas entradas de reis e outras solemnidades semelhantes, os cereeiros esmeravam-se em apresentar as mais elegantes e apparatusas invenções. João Baptista Lavanha perpetuou pela estampa os primores dos cereeiros de Lisboa, quando esta cidade recebeu triumphalmente a D. Filippe II, terceiro do seu nome em Hespanha. O arco dos cereeiros vem reproduzido na obra d'aquelle escriptor, impressa em Madrid no anno de 1622, sob o titulo de *Viagem da Catholica Real Magestade d'el-rei D. Filippe II*, etc. No meu livro *Artes e artistas em Portugal* dediquei um capitulo ao assumpto e n'elle se vê a descripção de alguns dos mais notaveis artefactos dos engenhosos cereeiros d'aquellas épocas.

A lampada electrica veio lançar na escuridade todos estes explendores até que um dia alguma coisa de mais maravilhoso a venha des-thronar tambem.

VIII

No adagario portuguez encontram-se algumas referencias ás candeias.

Andar de candeias ás avessas, equivale a dizer que um individuo está mal-humorado ou que anda de ponta com outro.

Candeia que vae na frente allumia duas vezes.

Este adagio corresponde ao francez:

La chandelle qui va devant éclaire mieux que celle qui va derrière.

O sr. visconde de Castilho, no volume VII da *Lisboa antiga*, a pag. 427, traz o seguinte adagio:

¹ Obra citada, pag. 607.

A mulher e a seda, de noite á candeia.

Ouvi, porém, outra versão, que me parece mais exacta e accetável, por causa da rima:

*A mulher e a teia,
Á luz da candeia.*

Mulher feia quer-se sem candeia.

Este adagio corresponde talvez ao francez:

Il ne faut prendre ni femme ni étoffe à la chandelle.

Gil Vicente, na *Exhortação da Guerra*, allude a este proverbio:

Farei por meo vintem
Que uma dama muito feia
Que de noite sem candeia
Não pareça mal nem bem.

Na collecção de adagios da *Bibliotheca do Povo* encontrei o seguinte:

De noite á candeia, a burra parece donzella.

Na *Farça dos Almocreves*, de Gil Vicente, vêem diversos annexins, entre elles o seguinte:

A candeia morta, gaita á porta.

Nem pelos antecedentes nem pelos consequentes se pôde colher o sentido d'esta phrase, que parece um pouco enigmatica.

No *Cancioneiro popular* colhem-se as seguintes quadras:

Candeia que não dá luz
Não s'espeta na parede;
O amor que não é firme
Não se faz cabedal d'elle.

Alumia-me ó candeia
Que me quero ir deitar;
Se tu não és o meu bem
Como te hei-de alumiar?

João de Barros, na *Rópica pñefma* diz:

Que obra faz a candeia?
Queimar a si mesmo e alumiar a outrem.

DOCUMENTOS

I

Carta de D. Affonso V, de 24 de agosto de 1456, concedendo a sua prima D. Filippa o dizimo dos direitos de certos objectos importados pela Alfandega do Porto.

«Dom Afonso & a quantos esta carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e mercee a dona Philipa, minha muyto presada e amada prima, Teemos por bem e queremos e mandamos que ella aja de nos, da feitura desta nossa carta en diante, em quanto nossa mercee for, das coussas que veem aa nossa alfandega do Porto, a dizema que a nos pertence de todo o aljofar e cendaaes, ouro fiado, prata fiada, anees, arcas, izquiny-nos, espelhos, penteos, folhas douro e prata e dalfreses e trenas. seda, retos, aguilhoos, contas, alambres, botoões dazeuiche, camicassas, veeos, enxaruias de seda e linho, cabeleiras, chaperetas tecidos, chapyns, manilhas douro e prata e azeuiche, cordoões, forcaduras, almeizares, crespina douro e seda, *candeas d'Aragam pera rezar*, açafates, rocas, buetas grandes e pequenas, sedeiros de seda, linho, cardas pera cardar algodã luas, bonecas, pandeiros. E porem mandamos a Luis Alvarez de Souza, do nosso Comselho e veedor da nossa fazemda em a dita cidade, e ao almoxarife e espriuuees da dita alfandega e a quaeesquer outros nossos oficiaes e pessoas a que esto pertencer que façaes entregar e entreguees a certo recado da dita minha prima todallas ditas coussas nomeadas sem falecer coussa alguua e asy como as nos averiamos se se pera nos as ditas coussas e cada huua dellas recadassem e mandamos aos ditos espriuuaes que registem esta carta em alguu liuro da dita alfandega honde pertencer pera se saber como lhe teemos a dita mercee feita e ella teenhaa pera sua guarda. Dada em Sintra XXIIIj dias do mes dagosto — Afonso Pirez a fez — ano do nacimiento de nosso Senhor Ihu x.º de mill iiij^c lbj. Johã Vogado a fez escpreuer».

II

Carta de D. Manuel, de 24 de março de 1496, confirmando outra de D. João II, de 20 de janeiro de 1492, em que este monarcha faz mercê a sua esposa do dizimo dos direitos de certos objectos importados pelas alfandegas do reino.

«Dom Manuell per graça de Deus etc. Aquantos esta nossa carta de confirmaçam virem ffazemos saber que a senhora raynha dona Lianor mynha muyto amada e prezada irmã nos enuyou mostrar hua carta que per elRey dom Joham meu senhor e primo cuja alma Deus aja na sua santa gloria Tynha asynaada da quall ho theor tal he como sse ao djante ssegue:

«Dom Joham per Graça de Deus Rey de Portugual e dos Algarues daaquem e dalem mar em Africa, Senhor de Guynee. Aquantos esta nossa carta virem fazemos saber que a rraynha dona Lianor mynha sobre todas muyto amada e prezada molher nos disse como depois que he rraynha atee ora ella nom ouuera a venda da dizima das joyas afundo declaradas que lhe pertencia auer de todallas alfandegas de nossos regnos per bem da doaçam que os reix passados ante nos derom e confirmarom aas raynhas dos ditos nossos regnos de Portugual a saber: aljoffar çendaees ouro fiado e prata fiada anees arquas escanjnhos spelhos pentees folha douro e de prata, alfressees trenas toda sseda e rretros e froxam aguylhoos anbres contas botoões aziuiches camjcares veeos fita douro e de sseda canudos douro e de prata coraees redondos outras contas e veeos e enxaraujas de sseda e de linho chapines e cabeleiras chapilleres aluayade tissidos manjlhas douro e de prata e azeuiche cordões e forcadura e almizquere crespinas douro e de sseda esmoleiras douro e de sseda e bolsas candeas daragam pera rrezar aceffates rrocas e buetas grandes ssedeiros de sseda e linho cardas de cardar algodom luuas matalotes e asy doutras muytas coussas desta calidade pedindonos que por quanto ella nom podja asy auer as ditas coussas sem teer dello nossa carta lha mandamos dar pera per ella as mandar requerer e arrecadar e veendo nos seu dizer e pedir e como sempre folgamos muyto auer as suas cousas ante nos por nossas meemas e porque ella mjlhor podesse nysto seer seruida e mais certa com seu prazer quisessemos e nos praz que ella desde janeiro que ora foy do ano presente de myl iiij^o 1r ij em djante tenha e aja de nos pellas ditas joyas e coussas sobre ditas quatrocentos cruzados douro em ouro em cada huu

ano despachados em nossa fazenda per carta que lhe delles seera dada per nossas rrendas homde lhe sejam muy bem pagos aos quarteos de cada hun ano e por firmeza dello lhe mandamos dar esta nossa carta asynaada da nossa mão e seellada do nosso seello pendente pella quall mandamos aos vvedores da nossa fazenda que lhos mandem asseentar nos nossos liuros della e dar carta em cada hun ano dos ditos quatrocentos cruzados douro pera as ditas nossas rendas em que sua alteza possa dellas seer muy bem paga na maneira que dito he. Dada em a nossa cidade de Lixboa a XX djas do mes de janeiro, Joham Fealho ano de myl iiij^c lrij anos.

«E pedindonos a dita Senhora que por quanto ella per nos queria a dita carta confirmada que lha mandassemos asy confirmar e dar sob nosso sinall e seello como do dito senhor Rey meu primo tynha. E por que de nos suas coussas nom som menos istimadas que as nossas propeas pollo muyto amor que lhe teemos e desejo de lhe senpre fazer graça e merçee teemos por bem e lha confirmamos e auemos por confirmada a dita carta asy e pella meesma guissa e maneira que lha o dito senhor Rey meu primo tynha dada e outorgada pella dita sua carta. E queremos e mandamos que asy como nella he contheudo se compra e guarde todo muy inteiramente ssem duujda nem embargo alguu que lhe seja posto por que asy he nossa merçee. Dada em Satuell a xx iiij djas do mes de março Joham do Porto a ffez anno do Nascimento de Nosso Senhor Jhesu Christo de myl iiij^c lrbj»

(Torre do Tombo, *Chancellaria de D. Manoel*, L.^o 43, fl. 60 v.).

III

Carta de Emprazamento feito pelas freiras de Santa Clara de Lisboa, a Lourenço Annes, candeeiro de D. Diniz. — 12 de agosto da era de 1365 (anno de 1327).

«Sabham todos que eu Elvira Silvestre Priora das donas nobres do Moesteiro de San Viçente de Fora e nos sobreditas donas desse méésmo damos e enprazamos a uos Lourenço Anes candeeiro que foy del Rey Don Denis, hũas casas sottom e sobrado que nos auemos na Crux as quaes forõ de Martim Pááez Ribeira as quaes a nos leixou Silvestre Garcia padre de mjn Eluira Sil-

vestre pola alma de Martin Curuo. Damos e enprazamos a uos as ditas casas com sas entradas e saidas e com todos seus direitos e perteenças que uos as aiades e logredes e possuades em dias de uossa uida por tal preito e so tal condiçõ que nos dedes a nos en cada hũu ano oyto libras por dia de San Miguel de Setenbro. E uos deuedes a adubar e a mantêr as ditas casas de todalas cousas que lhys conprir de guisa que séiã melhoradas e nõ peioradas. E a uossa morte ficaren a nos as ditas com toda sa benfeitória sen contenda nẽhũa. E obrigamonos por todos nossos bẽes guaanhados e por guáánhar a deffender e enparar a uos as ditas casas de quen quer que uolas demande ou enbargue assy comé huso e costume da terra. E eu Lourence Anes louuo e outorgo todolas ditas cousas e cada hũa dellas. E obrigome por todos meus bẽes guaanhados e por guáánhar a conprilas en todo e a pagar a uos as ditas oyto libras en cada hũu ano como dito he. En testemũho desto nos sobreditas partes mandamos a Dominge Anes tabelliõ de Lixboa que fizesse ende dous stromentos dũu tẽor partido por abc. dos quaes ende téemos senhos. Feitos foron na Cidade de Lixbõa hu chaman a Crux doze dias dagosto era de mil e trezentos e saseenta e cinque anos. Testemunhas Johã Migueez e Affomse Anes irmãas de Lourence Anes, Steuã Martinz. Steuã Fernandez pedreiros, Pero Anes Couuica e Johã Fernandez e Pero Affonso, Francisco Diaz, Johã Vicente e outros. E eu Domingue Anes Tabelliõ pubrico da dita cidade a rrogo e per outorgamento das ditas partes dous stromentos semelhauijs dũu tẽor partidos por. abc. cõ mha maõo escreuy e en cada hũu delles meu sinal pugi que tal + he».

(Caixa 112 da *Collecção Especial*, na Torre do Tombo).

IV

Carta de emprazamento pelo convento de Chellas, de umas casas em Santarem, a Pero Fernandes, candeieiro. — 4 d'outubro da era de 1377 (anno de 1339).

*Em nome de Deos amen. Sabham todos quantos esta carta virem como eu Crara Gonçalvez priorisa do moesteiro da Chellas que he edificado a par da cidade de Lixboa e nos convento do dicto moesteiro estando todas juntamente com a dicta priorisa ã no coro per canpãa taniuda comé de noso custume pera passar-

mos esto que sse adeante segue: Veendo e cõssyrando proveito do dicto nosso moesteiro damos e emprazamos e outorgamos a uos Pero Fernandiz Candeeiro en todos os dias de uossa vida e de vossa molher dona Antona e de uossa ffilha Isabela Fernandiz hũas cassas que nos auemos ẽ na vila de Santarem ẽ na ffrẽguisia de Santa Maria de Marvila a par do açouguy aa entrada da rramada das quaes cassas estes ssom os termhos como partem com casas do dicto nosso moesteiro nas en que ora mora Maria Fonsso Oleira e com casas outro ssi do dicto noso moesteiro nas em que ora mora Maria Annes molher que ffoy de Pero Gomez e com rrua publica as quaes casas ssottam e ssobrado ficaram ao dicto nosso moesteiro per morte de dona Steuainha assarada dona profesa do dicto noso moesteiro nas quaes cassas vos ora morades. Damos e *emprazos* (sic) e outorgamos a vos as dictas casas sotaam e sobrado con entradas e saidas e com todos seos direitos e perteenças per tal preito e so tal condiçõ que vos e a dicta vosa molher e a dicta vosa ffilha a que as dictas cassas fficarem depos vosa morte adubedes e mantenhades as dictas cassas tambem de paredes como de madeira grossa como de todalas outras coussas que ouverem mester de guisa que ssenpre sseiam melhoradas e nõ peioradas e dardes a nos ẽ cada huũ ano de pençom polas dictas cassas nove libras *de portugueses* (sic) por dia de pascoa da rresureçõ em Santarem em paz e ẽ salvo sssem contenda e sem embargo nõ huũ e aa vossa morte e da dicta vossa molher e da dicta vosa ffilha as ditas casas devẽ afficar ao dicto nosso moesteiro com toda sa bemfeitoria sem contenda e sem embargo nõ huũ. E obrigamos os beẽs do dicto noso mosteiro mouys e rraiz gaanhados e por gaãhar a uos deffendermos e a empararmos as dictas casas de quem quer que uolas demande ou embargo assi como he huso e custume da terra e eu ssobre dicto Pero Fernandiz por my e pola dicta minha molher e pola dicta minha ffilha a que as dictas cassas fficarom depos nosa morte louvo e outorgo todalas ssobre dictas coussas e cada hũa dellas e obrigome per todos meos beẽs mouys e rraiz gaanhados e por gaãhar a comprar e aaguardalas que todo como de suso dicto he e a pagar em cada huũ ano a dicta pençom polo dicto dia de pascoa da rressureiçã e nõ comprindo as ssobre dictas coussas e cada hũa d'ellas nõ pagando a dicta pençõ ao dito dia como dicto he que nos ssobre dicta prioresa e convento per nos ou per noso procurador posades me ffilhar e cobrar e auer pera nos as dictas casas sssem poder e sem outoridade da justia com toda ssa bemfeitoria ffeita ffoy esta carta e outra tal partidas per a. b. c. ẽ no ssobre

dicto moesteiro quatro dias do mes doitubro. Era de mil e trezentos e Sateenta e sete anos testemunhas que a esto presentes chamadas e rrogadas fforam Joham Sanchiz, Diogo Ponço candeeiros Lopo Dominguez criado de dom Francisco e Gonçalo Vaasquez procurador da dicta prioresa e convento e outros e eu Gil Figueira tabelliom publico da ssobre dicta cidade que a todas estas coussas ssobre dictas presente ffue com as testemunhas aquy conteudas e a rrogo e outorgamento das dictas partes esta carta e outra tal partidas per a. b. c. screuy meu synal aquy ffiz e ã outras que tal e esta carta tenha a dicta prioresa e o convento do dicto moesteiro (a) Gil».

(Torre do Tombo, *Mosteiro de Chellas* — Pergaminho n.º 346).

V

Carta de emprazamento, pelo convento de Chellas, de umas casas em Santarem, a Martin Domingues, candeeiro. — 4 de março de 1387 (anno de 1349).

«En nome de Deos amen. Sabham quantos esta carta vyren que eu Martin Belastro procurador da prioressa e convento do moesteyro da Chelas da par da cidade de Lixboa per poder dhũa procuraçam ffeta per mão de Joham Lourenço taballiom de Lixboa da qual o theor adeante he scrito emprazo a vos Martin Dominguez Candeeyro morador em Santarem e a uosa molher Margarida Annes esta que ora auedes e a hũa pesoa qual nomear o prostumeyro que de vos ficar aa sa morte dous portaaís de casas que o dito moesteyro ha na vila de Santarem a par do açougue as quaes stam a par do alcayde mouro e soyaas a teer Maria Afomso e partem cõ casas d'Alcobaça e rrua publica e cõ casas do dito moesteyro da Chelas as quaes casas vos e a dita pesoa a que depois ficarem avedes aadubar de todalas cousas que lhes comprir e ffezer mester aa vossa propia custa salvo de paredes e de padeaães e de traves que o dito moesteyro ade poer quando comprir e vos e a dita pessoa devedes a dar ao dito moesteyro vynte e hũa libras de dinheiros portugueses em cada huñ ano por dia de pascoa da resureiçom e vos nẽ a dita pesoa a que depois ficarem nã aiades poder de as vender nẽ dar nẽ doar nẽ alhear nẽ obligar nẽ em outras pessoas trasnudar mais acabado o tempo

de uos todos tres as ditas casas deuem ficar ao dito moesteyro liurementemente e sem contenda nẽ hũa. E nõ pagando uos e a dita pessoa os ditos dinheiros ao dito dia como dito he que o procurador do dito moesteyro que pelo tempo for possa filhar as ditas casas per sa outoridade propria e sem coomha nẽ hũa de justiça da terra e de mais coregerdes ao dito moesteyro todalas custas perdas danos que pela dita razom receber e cõm vynte ssoldos cada dia de pea em nome de dano e de jntresse E eu dito procurador per poder da dita procuraçam obligo os beẽs do dito moesteyro a uos defender e enparar as ditas casas de quem quer que uolas demande e enbargue no dito tempo. E eu dito Martim Dominguez por m] e pela dita minha molher e pessoa a quem depois ficarem as ditas casas louvo e outorgo todalas clausulas e cõdições suso ditas e cada hũa delas e obligo todos meus beẽs asi moues como raiz gaanhados e por gaanhar aas comprar e guardar e pagar em cada huũ ano os ditos dinheiros pelo dito dia como dito he so a dita pea en testemunho desto nas partes suso ditas mandamos desto seer feitas duas cartas de huũ teor e cõ teor da dita procuraçam feita foy esta carta na cidade de Lixboa quarto dias de março era de mill trezentos oyteenta e sete anos testemunha Grauiel Annes procurador no cõcelho de Lixboa Fernam Bolhõ, Joham Lourenço de Sacavem e outros e o theor da procuraçam de que he ssuso feita mençom tal he.

«Sabham quantos esta presente procuraçam virem como na era de mill trezentos oyteenta e sex anos convem a saber vynte quatro dias de dezembro em no moesteyro da Chelas da par da cidade de Lisboa em presença de my Joham Lourenço taballiom publico da dita cidade e das testemunhas que adeante som scprias a esto specialmente chamadas e rogadas a honrrada e religiosa dona Cathelina Dominguez de Sintra a priora do mosteiro da Chelas...»

(Torre do Tombo, *Mosteiro de Chellas* — Pergaminho n.º 642).

VI

Carta de aforamento de umas casas na rua dos Candeeiros da cera, em Lisboa.

«Carta per que o dito senhor deu de foro huas casas que elle ha em Lixboa na Rua dos candeeiros da cera que partem com casas do dito senhor que trazem Joham da Madanella e Francisco

Annes e com Alfandega e com Rua Publica a Joham Steuez e a duas pessoas de pois de sua morte por Rbij libras em cada huu ano de foro etc. na Tougia Xij dias de dezembro de mil iiij^c x bj ãnos.»

(Torre do Tombo, *Chancellaria de D. Fernando*, L.^o 2, fl. 36).

VII

Carta de empraçamento de uma vinha pelo Mosteiro de Chellas a João Affonso, candeiro. — Era de 1417 (anno de 1375).

«Em nome de Deus amen. Sabhã todos que na era de mjl e quatroçentos e dez e sete anos vynte djas do mes dagosto na çidade de Lixboa dentro nas poussadas da morada de Joham Afomso Candeeiro presente m̃y Stevã Annes tabeliom delrey em esta meesma e pressentes as testemunhas adeante scriptas o dicto Joham Afomso que presente estaua mostrou e per m̃y dicto tabeliom leer fez hũa carta dautoridade scritta em purgaminho aberta e asinada per Guilherme Carbonel vigarjo do bjspo da dicta çidade e seellada do seello da audjencia pendente em fũta uerde segundo em ella pareçia da qual o theor tal he: Guilherme Carbonel priol de Santiago de Beia vigarjo jeeral do honrrado padre e Senhor dom Agapito de Colupna per a graça de Deos e da Santa Igreja de Roma bispo de Lixboa a quantos esta carta virem ffaço saber que Joham de Braçal procurador de dona prioressa e conuento do mosteiro de Chellas pareceo perante m̃y dizendo que o dicto mosteiro ha hũa vinha açyma d'Alualade o Grande hy honde chamam o Lagar das Couas que parte com vjnha de Joham Afomso mercador e cõ erdades e vjnhas de S. Vçente de Fora e cõ camjnho publico e que el cõssyrando serujço de Deos e prol do dicto mosteiro per poder de hũa procuraçom que perante m̃y mostrou de parte da dicta prioressa e conuento pera esto que sse segue: disse que el queria enprazar a dicta vjnha a Joham Afomso Candeeiro e a ssua molher Tareya Gomes e a hũa pessoa qual o postumejro delles nomeasse em ssua vjda porque o dicto Joham Afomso sse queria obrigar a adubar e a proffeytar a dicta vjnha de todas aquellas cousas que lhe logo fossem conpridoiras per tal guissa que fosse melhorada e nã peiorada e dar e pagar em cada hum ano em paz e em saluo ao dicto mosteiro de rrenda e penssom da dicta vjnha sete libras de dinheiros portugueses e ffojme dicto

e pedido per o dicto Joham de Braçal que lhj desse minha autoridade ao dito enprazamento e eu dejlhe juramento aos Ssantos Evangelhos per el corporalmente tanjudos sse o dicto enprazamento que assy queria fazer era seruiço de Deus e prol do dicto moesteiro ou sse o ffaziam por conlujo ou outra coussa que fosse dapno del o qual disse per o dicto juramento que feito avja que el nõ fazia o dicto enprazamento por conlujo nem outra coussa que fosse dapno nem prejuiso del majs porque segundo Deos e sua consciencia entendia que era sseu seruiço e prol e honrra e eu veendo o que me assy deziã e pediam e o dicto juramento que assy per elle ffora ffeito como dicto he querendolhj fazer graça com direito outorgej-lhj e outorgo minha autoridade e conssestimento segundo de direito perteeçe ao dicto Senhor bispo que possa fazer e faça o dicto enprazamento da dicta vjnha ao dicto Joham Afonso e sua molher e pessoa e seja firme e estauil/dada em Lixboa sso seello da audjencia oyto dias de junho era de mjl e quatroçentos e dez e sete anos.

«A qual carta assy mostrada e per mÿ dicto tabeliom leuda, logo o dicto Joham de Braçal procurador sobre dicto que presente estaua per poder de hũa procuraçom pera o que sse adeante ssegue que eu tabeliom tenho rregistado em meu livro veendo e cõssj-rando seruiço de Deus e prol e honrra do dicto moesteiro e dos beẽs del e em como lhj era dado poder que ffezesse o dicto enprazamento per o dicto vigarjo Enprazou ao dicto Joham Afonso que presente estaua e a dicta ssua molher Tereya Gomez esta que ora ha e a hũa pessoa qual o postumeiro delles nomear ao tempo da sua morte tanto e nom majs a dicta vjnha pellas cõffrontassões sobre dictas e cõ todas ssuas entradas e sajdas e direitos e perteeças per tal preito e sso tal condjçom que elles todos tres aiam de lograr e de pessuir em todollos djas das ssuas vjdas e a aiam dadubar e deprofeytar bem e fielmente como ssom os que bem adubados ssom deredor della aas ssas propias custas e despesas per guissa que sseia melhorado e nom peiorado e que dem e paguem em cada hum ano em paz e em saluo no dicto moesteiro per rrenda e pensom da dicta vjnha as dictas sete libras contheudas na dicta carta de dinheiros portugueses por dja de Natal primeiro que vem e assy dhj em deante em cada um ano por o dicto dja como dicto he e acabados os tempos de todos tres a dicta vjnha deue aficar ao dicto moesteiro cõ todas ssuas bemfeitorias melhoramentos sem cõtenda e embargo nõ hum que sseia. E obrigou os beẽs do dicto moesteiro auudos e por auer a lhjs liurar e deffender enparar a dicta vjnha de qualquer pessoa ou pessoas

que lhjs sobre ella posser embargo segundo husso e costume da terra e o dicto Joham Afomso e ssua molher Tareyia Gomez que assy presentes estauam rreceberom em ssy a dicta vjnha no dicto enprazamento que por ssy e polla pessoa que depos elles ha de vyr e obrigarom todos sseus beës mouijs e rraiz auudos e por auer adubarem e aproffeytarem a dicta vjnha e a pagarem a djcta rrenda em cada hum ano pollo dicto dja como dicto he e nõ adubando nõ pagando mandarom e outorgarom que dhj em deante adubassem e pagassem a saluo cõ as custas e despessas que o dicto moesteiro por ello rreceber e cõ dez ssoldos em cada hum dja de pena em nome de dapnos e jnteresse e de majs que a dicta prioressa e conuento sse aiam de entregar no feito e elles no por fazer nõ sse chamando elles porem fforçados nõ afforça noua e em casso que sse a ella chamarem que lhjs nõ valha as quajs coussas todas as sobre dictas partes louuarom e outorgarom e pedirom dello todo senhos stromentos e foram ffeitos no logo dia era mes sobre dicto testemunhas que a esto presentes fforom Pero Vjcente ourjuez Domingos Martinz corretor moradores na dicta cjdade Vaasco Domjnguez homẽ do dicto procurador Antom Martjns vassallo do conde Alvaro Perez e outros e eu Steve Annes tabeliam ssobre dicto que este stromento pera o dicto moesteiro e outro pera o dicto Joham Afomso anbos dhum theor scpriuj e em cada huũ delles meu sjnal fiz em testemunho da verdade que tal he.»

(Torre do Tombo, Caderno 1.º — *Mosteiro de Chellas* — Pergaminho n.º 700).

VIII

Carta de quitação de Gil Vasques da Torre, rendeiro da Bailia de S. Braz, á abbadessa e convento de Chellas.

♦Sabham quantos este estormento de conhecimento e quitaçom virem que eu Gil Vaasques da Torre escudeiro uassallo delRey morador na cidade de Lixboa rrendeiro que fuy certos anos ja pasados da Bailja de Sam Bras da dicta çidade dou por qujte e ljure deste dia pera todo senpre dona Aldonça Pereira prioressa do moesteiro da Chellas e conuento del de todallas camdeas e obradas e djnheiros dofertas e outras quaesquer cousas que ellas rreceberom na dita Eigreja de Sam Bras da dita çidade nos tempos que eu floy (*sic*) rendeiro da dita bailja como dito he. Esto he

por quanto eu soo dellas hem pagado e entregue por dous mjl rreaes de tres libras e mea que eu dellas rreceby dos alugeres das casas da dita Eigreja e por todallas outras cousas sobre ditas e por todallas outras cousas que ellas tomarom no dito tempo que eu fuy rrendeiro que a m̃j perteençesem e aa dita rrenda de que eu ffuy rrendeiro como dito he e porem mando e outorgo que eu nem outrem por m̃j em nhuũ tempo nunca posà demandar a dita prioressa e conuento em juizo nem ffora delle quanto he polla dita rrazom e se as demandar que nõ ualha e em testemunho della lhe mando dar este estormento ffeito na dita çidade no paaço dos tabaljaes quatorze djas de feureiro era de mjl e quatroçentos e çinquenta tres aões testemunhas Afonso Lourenço Steuam Martinz Vasquo Martinz tabaljães e eu Vicente Añes tabeljam delRey na dita çidade que este estormento espreu y e rrespançey hu diz como dito he e porem aquy meu signal fiz que tal he=pag. cõ nota bj reaes.»

(Torre do Tombo - *Mosteiro de Chellas* -- Pergaminho n.º 871).

IX

Carta de D. Affonso V, de 20 de março de 1442, confirmando outra de D. Duarte, pela qual este monarcha privilegiava Gonçalo Pires, cereeiro da Azambuja, de vender candeias no Mosteiro das Virtudes.

«Dom Afonso & a quantos esta carta virem fazemos saber que G.º Pires, morador na Azãbujã, enuiou perante nos mostrar huũa carta que tijnha do muyto alto elRey meu senhor e padre &, da qual o theor tal he: «Dom Eduarte & a uos juizes da Azanbujã e a outros quaaes quer que esto ouuerem de ver, saude. Mandamos uos que nom deixees nem consentaes a molher nem a outra pessoa nenhũa que seja que uenda em Santa Maria das Vertudes quandeas, saluo a Gonçalo Pirez, morador no dito logar da Azambuja, portador desta carta, por quanto se obrigou de dar hi quandeas aa venda el e sua molher, saluo quando for pello dia de Santa Maria que entom as posam elles uender sem a ello poerdes outro ãbargo nenhũu. Unde al nom façades. Dada em Almeirim xxx dias de Dezembro — ElRey o mãdou — Aluaro Afonso Aranha a fez era de iiij.º xxxiiij.º anos». E se esta carta seellada nom

for mandamos que nom valha. E pediunus o dito Gonçalo Pirez que lhe confirmasemos a dita carta &. Dada a confirmaçom em forma em Santarem XX de março per autoridade do senhor Iffante dom P.^o etc. Martim Gil a fez ano de iiij^o Rij.»

(Torre do Tombo — *Chancellaria de D. Affonso V*, L.^o 37 fl. 130).

X

Carta de D. Affonso V, de 26 de maio de 1446, confirmando outra de D. Duarte, relativa a diversos cereeiros de Santarem que queriam vender candeias no Mosteiro das Virtudes.

«Dom Afonso & Aquantos esta carta uirem fazemos saber que Joham Coelho, Luis Mīz, Gil Frz e Manoel Gil, moradores em Santarem, nos mostrarom h^{ua} carta de el Rey meu Snor e padre, cuja alma D.^s aja, da quall o theor tall he: «Dom Eduarte & a uos juizes de Santarem e Azambuja e a outros quaes quer a que o conhecimento desto pertencer per quall quer guissa a que esta carta for mostrada, saude. Sabede que Joham Coelho e Luis Mīz e Gill Frz e Manuel Gill, cerieiros, moradores em essa villa de Santarem, nos enuiarō dizer que em tempo U^{co} Doiz (Vasco Domingues) sendo prioll do mosteiro de Santa Maria das Uertudes, que os candieiros moradores da dita villa vendiam suas candeas na dita igreja per todo ano quando queriam e por bem tynhom nom seendo ao dito tempo mosteiro como ora he e que depois que mosteiro fora G.^o Pirez, morador no dito logo da Azambuja, per fauoreza dos frades do dito mosteiro ouuera hūu nosso aluara que nenhūu nom vendesse em todo o ano hi candeas saluo o dito G.^o Pirez reseruando as festas que podesse vender quem quisesse e que agora mādauamos e defendiamos que outro nenhūu as nom vendesse no dito mosteiro em algūu tempo nem festa saluo o dito G.^o Pirez. no que elles dizem que som muito agrauados, pedindonos por mercee que sem embargo do dito nosso aluara mandassemos que elles podessem vender as ditas candeas pella festa de Santa Maria de Setembro e nas outras suas festas segundo ante soiam, e nos veendo o que nos asy dizer e pedir enuiarom e uisto como he serviço de D.^s no dito dia venderēsse candeas, teemos por bem e damos licença e lugar a quaes quer candieiros que as possam vender no dito dia e oitava—s—quatro dias ante da festa

e quatro depois. E porem uos mandamos que por elles venderem as candeas no dito moesteiro pello dito dia e oitauas —s— os ditos quatro dias antes e outros quatro depois lhe nom façaes nem consentaaes fazer mall nem outro algũu desaguissado e esto sem embargo do dito nosso aluara. Unde al nom façades. Dada em a cidade de Lixboa IX doutubro elRey o mandou per Afonso Giralde e Luiz M̃z seus vassalos e do seu desembargo Fillipafonso a fez ano de nosso senhor Ihu x.º de mil iiij^c xxx bij anos & A quall carta asy apresentada perante nos os sobreditos Joham Coelho e Luiz M̃z e Gil Frz e Manuell Gill nos pedirom por mercee que lhe confirmassemos a dita carta e lha mandassemos guardar asy como se em ella continha, e nos veendo o que nos asy diziam e pediam, querendolhe fazer graça e merce, temos por bem e confirmamoslhe a dita carta e mandamos que lhe seja comprida e guardada em todo e per todo asy e pella guissa que em ella he contheudo sem lhe sobrello seer posto alguu embargo em nenhua maneira que seja. Unde al nom façades. Dante em Santarem xx bij dias de mayo elRey o mandou pello douctor Ruy Gomez d'Alvarèga e per Luis M̃z seus vassallos e do seu desembargo e petiçoões — Afonso Anes a fez ano do Senhor de mil iiij^c Rbj». ¹

(Torre do Tombo — *Chancellaria de D. Affonso V*, L.º 5, fl. 52 v).

SOUSA VITERBO.

¹ Este artigo é refundição do que havia sido primitivamente publicado na *Portugalia*.

GRAMATICA e VOCABULARIO

DE

FR. PANTALEÃO D'AVEIRO

precedido dum breve estudo sobre o autor e a sua obra

[Os n.ºs denotam a pag. da 2.^a ed. (1596) e o v.º, que ás vezes se lhes segue, designa o verso da pagina]

[Raras vezes se citam as pag. da 3.^a ed. (1600), mas nesse caso logo ai se declara que são dessa ed.]

O autor

I. Inocencio no *Dic. Bibliografico* e Pinheiro Chagas no *Dic. Popular* apresentaram tudo o que se sabe da biografia de Pantaleão d'Aveiro, que é quasi nada: que era natural de Aveiro, que foi frade franciscano da provincia do Algarve, que fez uma viagem a Jerusalem, e publicou em seguida a narração da sua viagem. Ficamos assim ignorando a data do nascimento, a da morte e as demais circumstancias da sua vida.

II. Recorreremos pois ás paginas do *Itinerario* para colher em flagrante alguns traços, tanto historicos, como dos que servem para determinar a psicologia intima do autor.

No *Prologo* da 1.^a ed. declara-nos Fr. Pantaleão o motivo porque saiu de Portugal para Italia: *antes q̃ de Roma nos partissemos [onde eu estava posto pela ordẽ, por companheiro do procurador da curia romana q̃ nella reside para os negocios de importancia q̃ socedẽ], fomos tomar a bẽção*, etc. O que vai entre ganchos foi omitido na 2.^a ed., sendo aliás importantissimo, pois doutro modo nunca saberiamos a razão que o levou a Roma.

Na mesma altura do *Prologo* nos conta como o P. Bonifacio de Araguza, guardião do Monte Sion, andando a organizar em 1563 *nova familia de frades para Terra Santa* ou nova serie de frades que deviam fazer o trienio de serviço nos logares santos, e conhecendo o ardente desejo que Fr. Pantaleão tinha de ver aqueles logares, o escolheu para seu companheiro.

Aí nos diz também que a sua obra não fora de principio destinada ao público, mas ao uso particular de seu autor, e que porisso desculpemos a sua *tosca linguagem* e estejamos seguros da *muyta fidelidade* com que vai escrita: eis as proprias palavras: *não por satisfazer a outrem, tal cousa me não veo ao pensamento, mas só pera minha spiritual consolação: — não atentando as toscas, & grosseyras palavras com que vay escripto: mas somente a muyta fidelidade com que o escrevi: o que vi, como de vista; e o de ouvido de pessoas dignas de fé, como tal...*

III. Entrando agora a determinar a psicologia do auctor, da sua obra deduz-se que era homem de *suma piedade*: basta ler os passos em que nos fala dos logares sinalados pela paixão do Redentor; aí fica todo fora de si, todo arroubado em santa contemplação, quasi não sentindo os insultos que lhe faziam os Mouros.

Mas não é um místico *cerrado*, como Fr. Tomé de Jesus; antes a cada passo se revela homem alegre e folgazão. Citaremos unicamente um passo em que ele, a mil leguas da patria, não se esqueceu dos divertimentos e folguedos da sua infancia: *Vespera de S. João á tarde, tomamos terra em uns desertos abaixo do Egypto, fizemos nossas fogueiras, e de madrugada nos partimos.*

Até me parece ás vezes descer no decurso da narração a minudencias e liberdades que destoam do hábito religioso.

Devia ser por coisas d'essas que, nas licenças que precedem a 2.^a ed., aparece o revisor Fr. Antonio Tarique a declarar: *do impresso já lhe risquei duas cousas.*

IV. Outro dos caracteres que se deduz da obra é a *ilustração* do autor, e a sua muita *curiosidade* ou desejo de conhecer tudo.

Ponderemos todas as seguintes circumstancias: a) foi escolhido entre todos os da provincia para assistir em Roma ao procurador da curia: b) a pag. 29, para não citar outros passos, vemo-lo entrar em polemica com os judeus, e só com duas palavras ou antes com um puro gracejo deixa-os abismados: c) a pag. 26 v vemo-lo entrar de gatas pela abertura do celebre Labirinto de Creta só para verificar com seus proprios olhos se tinha alguma razão o que se dizia na historia antiga: d) nessa mesma ilha de Creta, se a memoria me não falha, foi assistir á cerimonia judaica da circumcisão duma criança: e) ás reuniões da Sinagoga costumava ele ir por varias vezes, quer para se informar de todos os ritos e costumes dos judeus, quer para ver como eles *cabeceavão e guayavão*, pag. 262 v.

É verdade que em mitologia greco-romana segue ainda o evheme-

rismo historico (pag. 253-254) ou a opinião de que os deuses pagãos eram heróis divinizados, como o foi Augusto. Devemos porem notar que essa tinha sido em grande parte a crença do seu século.

V. Quanto a informações dignas de importancia ministradas pela sua obra, citaremos as seguintes: logo a pag. 2 nos diz que os mosaicos orientais eram desconhecidos no Occidente: — a pag. 32 compara as bananas do Mediterraneo com as do *nosso São Thomé*, e a pag. 26 as mantas de Chipre com as do *nosso Alentejo*: — e a pag. 53 fala-nos dos carneiros e ovelhas de cinco quartos e explica-nos que *o quinto é o rabo*.

Aludindo ás cousas de Portugal, censura as *verdugadas* ou saias de balão (pag. 8), diz que os Portuguezes andam sempre com o *vossa mercê* na boca (pag. 145), e que, ao elogiarem uma coisa sua, dizem menos do que é (pag. 66).

Ha ainda uma outra alusão que, embora não seja relativa a Portugal, se prende estreitamente com os nossos costumes. Chama *patranha* ao *buraco de Sanctiago* (pag. 164 v), isto é, á lenda popular, muito vulgarizada no norte do país, de que ha na Sé de Compostela uma porta estreita onde só pode passar quem estiver em graça.

A sua obra

Intitula-se *Itinerario de Terra Santa*. A 1.^a ed. é de 1593, a 2.^a de 1596 e a 3.^a de 1600. A 1.^a e 2.^a são bastante nítidas na impressão e tem papel regular, sendo a 2.^a superior por causa dos muitos acrescentamentos que lhe introduziu o autor. Pode considerar-se como o texto definitivo: tem 94 cap. e 301 pag. numeradas só pela frente. Que o autor assistiu a esta 2.^a impressão, não ha duvida-lo; basta ler o que nos diz na pag. 35: «*Il dio*» *à Italiana como me poserão na primeira impressão deste Itinerario*.

A 3.^a ed. ou de 1600 é detestavel no papel e na impressão: não é natural que passasse sob as vistas do autor, provavelmente já falecido nessa data.

Fonetica

1. No *Itinerario* nota-se a cada passo grande confusão entre os tres accentos, o que nem sempre se pode attribuir a erro de imprensa:

está 40 v, 94; **está** 80 v; **está**
58, 59, 64, 68, 95.

vé 51.

pór 50, 62, 72.

pós 59 v.
lérem 70.
tér 75.
prégadores 74 v.

pé 78 v.
córes 73.
dóres 70.
dór 71.

2. A conjunção copulativa aparece sempre escrita *é* ou *ê* (cf. as pag. 20, 24, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 38, 39, etc. da 3.^a ed.); d'aqui não se gera nenhuma confusão com o verbo *ser* (3.^a p. do ind. pres.), porque esse tem a grafia antiga *he*, mas confirma-se indubitavelmente um fato de fonetica historica já enunciado nas obras de Gonsalves Viana e Julio Moreira, isto é, que a conjunção *e* tinha no sec. XVI um som diferente do moderno e talvez aproximado do que tem modernamente o *et* em francês.

3. A letra *j*, quer maiuscula, quer minuscula, é desconhecida do nosso autor; por isso usa sempre do *i* ou *I*, ou escreve os nomes à latina com *Ili*:

Iudeus 56.
Iorgianas (de S. Jorge) 58.

Hieronymo 7 v, 9.
Hierusalem 5, 6 v.

Hieremias 55 v, 56.

Num unico caso usou do *y*: Trayano 4 (do Prologo).

4. Nalguns poucos casos o *r* e o *s* apparecem geminados indevidamente; não creio por isso que a pronúncia d'então fosse diferente da moderna, mas sim que houve influencia de grafias estranhas:

Damasso (Dámaso) 9.

Arrio (Ario) 100.

Sarra (Sara) 95.

5. O *r* cai algumas vezes por dissimilação: Fedrico 4 v, fraticidio 72 v, appropriadas 7 v; outras desloca-se simplesmente: detreminação 7, detreminamos 27, detreminou 54, prejudicação 40.

Quanto ás palavras *rostro* (lat. *rostrum*) 14 v, e *escravavão* (cra-var) 246, *almorço* e *almorçar* 271 v, o *r* é originario.

6. Cacófatons resultantes sobretudo da repetição do *r*, são frequentissimos: por razão 5, por Rey 59, por remedio 12, por resposta 196, por reliquia 211, v, por rua 279; na nao 18.

7. Casos de assimilação vocalica, sobretudo do *i*, são também bastante frequentes: vistigios 17 v, pidião 18 v, pidimos 22 v, pidio 36 v, impida 12 v, infirmitade 36 v, catichissassemos 37, infiriores 48, miliflua 53 v, 147, archititura 66 v, mininos 61, mintirosa 93, misquita 131 da 3.^a ed., Salamão 59, piadade 312 da 3.^a ed., piadosa 107 da 3.^a ed., piadosamente 122 da 3.^a ed.

8. Palavras em que ha a prótese do *a*: acipreste 190 v, aqueixar 114, amostrar 267 v, alembrar 54 v, abastar 51, alagoa 100.

9. Palavras em que ha a perda do *a* inicial: Natolia 9 v, labarda 281 v, pascentando 186, bóbeda 181 v, cometeo 60, labastro 208 da 3.^a ed.

Morfologia

1. Os nomes de povos ou nações tomam ás vezes formas estranhas, e raras mesmo nos antigos escritores:

Asianos 15.

Grecianos 44.

Persianos 11, 248 v.

Sirianos 102, 103 v.

Egypcianos 15 da 3.^a ed.

Ethiopianos (da Etiópia).

Ponentinos 15.

Mas apparece também *Levantinos* para designar os povos do Levante, fôrma perfeitamente moderna.

2. Abundam os nomes em *-mento*, que formam palavras geralmente desusadas: enterramêto 93, negamento 125, liamento 130, tocamento 139 v, 218, elevamento 185, embaymento 29 da 3.^a ed., enfadamento 24 v.

3. Abundam também os nomes em *-ção*, hoje em parte desusados: visitação 170 v, recreação 23 v, recompensação 26 v, frequentação 39 v, augmentação 78, encravação 78 v, assignação 105 v, reformação 104 v.

4. Para formar os deminutivos prefere o sufixo *-zinho*: colhersinha 91 v, 92, portasinha 177, fontesinha 192, partesinha 211 v, molhosiinho 211 v, buziozinho 264, voltesinha 101 v.

5. Usa quasi sempre do sufixo popular *-airo* em vez de *-ario*:

contraio 14, 18 v, sermonairo 29 v, cossairos 22 v, vigairo 40 v, campanairo 51 v.

6. Apresenta alguns superlativos reforçados com *muíto* ou partícula equivalente, como ás vezes se usa na linguagem popular: muy fermosissima 4, sobremaneira baratissimos 2, muyto grandissimas 223 v.

7. Tem alguns participios em *-ante* ou *-ente* que correspondem aos modernos em *-ando* e *-endo*: acabante a missa 29, tementes nosso Senhor 35 v, acabãte de o moço dizer hũ verso 102 v, acabante vesporas 107 v, acabante de ganharem a indulgencia 108.

8. No futuro do conjuntivo e no infinito pessoal (1.^a p. do pl.) faz intervalação dum *e*, usando assim duma grafia que ainda não vi nos escritores antigos, embora seja a mais vizinha da forma original latina: tomãremos (tomarmos) 26, véremos (vermos) 26, fazêremos 26 v, achãremos 12, partiremos 8 v, estãremos 12, sabêremos 33 etc; rarissimas vezes lhe escapa a forma usual, como é a pag. 30: passarmos, e na 34 v: partirmos.

9. Alguns nomes em *-ão* fazem o pl. em *-ões*, conforme o uso popular: cidadões 5, 6, 105, hortelões 42, hermitões, 210 v, maginões 244 v; outros em *-ães*, como turcimães 188 v.

10. Os substantivos *torrente*, *tribu* e *origem* são do gen. m. (cf. *Vocabulario*).

11. O adjectivo *commun* faz no feminino *commũa* (cf. *commuas* 8 v), como era usual nos autores quinhentistas.

12. Alguns superlativos tem perfeitamente a forma latina: superbissimo 2, 15, mansuetissimo 86, doctissimo 71 v.

13. O nosso autor, tendo demorado largos anos fora da patria, hesitava no emprego de certas formas paralelas entre si.

Se compararmos a 1.^a e 2.^a ed., que ambas foram compostas sob as suas vistas, vemos logo no *Prologo*, de pag. 6 a 8, seis ou mais vezes a partícula *para* da 1.^a mudada em *pera* na 2.^a.

Ainda é mais notavel o que se dá com a palavra *devação*, que aparece invariavelmente até perto do meio da 2.^a ed., e dahi por diante é substituida por *devoção*.

No *Vocabulario* vão citados os exemplos do primeiro caso; aqui

bastará apontar os do segundo, que não são poucos: *devoção* 120 v, 121 v, 124 v, 125 v, 128 v, 131, 139, 141, 144 v, 146, 152 v, 133 v, 155 v, 158 v, 164 v, 166, 170, 173, 173 v, 174, 178, 180 v, 182 v, 184 v, 185 v, 187.

A mesma hesitação se nota no emprego de *são* e *santo*:

Sam Agostinho 68.

Sancto Augustinho 94 v.

Sam Helias 172 v.

Sancto Moyses 173 v.

Sam Athanasio 85 da 3.^a ed.

Sancto Thomas 95 da 3.^a ed.

14. Parecem-me nomes deturpados ou estropeados pelo autor os seguintes:

Cornerio por Cornelio 50.

Lutheyro por Luthero 281 v.

S. Gregorio Nazieno por Nazianzeno 2 v.

15. Pantaleão d'Aveiro, como franciscano que era, teve larga convivência com o povo, o que se revela a cada página da sua obra: apresentaremos algumas d'entre as muitas formas populares usadas no *Itinerario*:

milhor 1, 2, 11, 12, 25 etc.

pior 12 v, 62 v.

pinzel 2.

almazem 3 v.

immigos 3 v.

estromentos 4 v.

alicesses 13 v.

chuiva 18 v.

chuiveiro 18.

sanchristia 41 v, 125.

sanchristão 125.

supitamente 55.

casorio 245.

giolhos 52 da 3.^a ed.

saluços 211 da 3.^a ed.

16. Formas latinas que denotem influencia classica encontrei as seguintes:

pulpo 17 v.

secreto 17.

doctrina 22.

murmur 29 v.

marino 30 v.

petitorio 298 v.

diversorio 206 e 207 da 3.^a ed.

absencia 295 v.

17. Formas italianas e hespanholas que denotam as terras por onde demorou:

molo 35.
anzelo 47.

||| basa 50.
esquadrões 9.
cogombro 156.

A palavra *surbidos*, que vai no *Vocabulário*, parece-me italiana, embora não a encontre nos dicionários vulgares.

Sintaxe

1. O nosso autor tem em muita predileção as frases transpostas, sobretudo a colocação do participio no ultimo logar da frase. Ex.: a qual dos Godes, & Hūnos foy *destruida*, 1 v, de mĩ ate aquelle tempo *vista* 8, de todos da terra era muy *conhecido* 57, dos quaes fuy com meu companheiro summamente *agasalhado* 11, nesta conta sãõ de todos *tidos* 17, forão delle, & dos mais da nao *reccebidos* 19 v, bastões, que na mão *tinhão* 114, com a qual tinham seus vicios delles, erão *reprimidos* 158, o qual dos Fareseos foy *comprado* 162, quando da Virgem foy *visitada* 191, permitio ser do demonio *tentada* 211 v, segundo nos depois contarão 306 da 3.^a ed.

2. Nas frases passivas o participio não fica invariavel, mas concorda com o acusativo:

os tem *feitos* livres 55, que seu pay lhe tinha *postos* 59 v, não quisera deixar de ter *vistos* 75, lugares sanctos que tenha *nomeados* 116, q̃ tinha *feitos* 126.

3. As circumstancias de tempo sãõ muitas vezes designadas pelo participio imperfeito precedido da preposição *em*:

em rompendo a alva 7 v, 152 v, em amanhecêdo 8, em lançando anchora 19 v, em querendo anoytecer 28 v, 184, em chegando ao lugar 109 v.

4. Sãõ frequentes as frases em que ha repetição da mesma palavra ou suas derivadas:

mostra quam *antigua* seja sua *antiguidade* 49 v, averá mister muyto *poder* pera o *poder* sustentar 49 v, *sepultura* onde foy *sepultado* 67 v, com os preciosos *unguentos* *ungido* 71, *ceou* a ultima *cea* 115 v, *mostrão* com *mostras* exteriores 164 v, o *ensaboa* com *sabão* cheiroso 183 v, *tentada* da primeira *tentação* 211 v, *milagre* tão *milagroso* 245 da 3.^a ed., *murada* de *muros* antigos 281 da 3.^a ed.

5. Entre o adj. *toda* e o subst. que com ele concorda, ora omite o artigo, como era vulgar no sec. XVI, ora o conserva:

toda pessoa 8 v, toda Veneza 36, toda Italia 17, todo Levante 14, 16, 25, todo Reyno 41, todo trigo 51, todo Oriente 49, todo pão 91 v, toda Grecia 92 v. — Toda a cidade 2, todo o genero 3, todas as sedas 9 v, toda a costa 16 v, toda a parte 32, todos os annos 37 v, todas as naos 38, todos os frades 46 v, todos os dias 7 v.

6. Todas as repetições de palavras, como as apontadas no n.º 4, são de mau gosto, mas muito mais o é o trocadilho seguinte, que vem a pag. 41 v da 3.ª ed. e que, ainda bem, julgo ser unico (não esqueçamos que o autor escrevia nos fins do sec. XVI e por tanto na aurora do seiscentismo):

faço aqui memoria desta *preta*, por ser hũa *preta* ainda que *preta* no corpo, n'alma por certo muito *branca*.

7. São muitas a frases ou construções eruditas e modeladas pelo latim classico:

a) *curar de*, ter cuidado de (lat. *curare de*): antes *curão* muyto bem *das* barbas 134 v; por esta causa me não *curo* della 30 v.

b) *conversar*, v. a., conviver, ter convivencia, frequentar (lat. *conversari*): *conversar* os filhos de Adam 71. Em Moraes vem exs. mais tipicos, tirados doutros classicos: *conversar* a Corte, *conversar* a Universidade, *conversar* as ruas, *conversar* o campo.

c) *vacar a*, dar-se a, entregar-se a (lat. *vacare* com dat.): *vacarem* a Deos 90.

d) *divertir-se*, afastar-se, desviar-se (lat. *divertere*): por me não *divertir* do que vou escrevendo 95.

e) *mover a*: move a compayxão 134 v, move a lagrimas 155. Este modo de falar é muito classico e aparece reproduzido modernamente a cada passo nos romances de Camilo.

f) *aquillo* para significar *aquelle passo*: *aquillo* do Ecclesiastico 18, *aquillo* dos actos Apostolicos 21. É a tradução ao pé da letra das frases lat. *illud Ecclesiastici*, *illud Actuum Apostolorum*, que são vulgares nos PP. da Igreja.

g) *alla* quatro palmos, 84. É uma imitação das construções lat. de *altus*, *longus* e *latus* com acc.: tres pedes *altus*, *longus* quinque pedes, *latus* quindecim pedes.

h) no *quinto decimo* capitulo 20 v, que em lat. seria *in quinto decimo capitulo*.

i) *mal* ferida 34, — para designar que foi *ferida gravemente*, em lat. *male mulcata*.

j) afastada da terra firme *quanto* tres tiros darco 7 v.; mais adiante: *quanto* dous tiros de pedra 171.

k) diante os olhos 34 v (*ante oculos*).

debayxo seu braço 34 v.

diante esta 53

diante si 58

diante todos 60

diante ella 79 v

diante nós 120

diante tantas nações 125

diante os Reys 183

diante vós 264 v

diante o seu capitão 264 v

diante o calumniador 266 v

diante a ludea 280

diante a porta 320

defronte hua igreja 51 v

da 3.^a ed.

8. Mas as construções que revelam sabôr popular são em maior numero:

Hum grande *alforge de paciencia*, 6.

Atacar as botas 22 v.

Cõvidei cõ ellas ao Abba de (ofereci-lhas) 14.

Fomos dar em hũas portas 28,

deu consigo em Constantinopla 263 v.

porque se *fazião oras* 28.

Sangrar as bolsas 29.

Ir à mão (a alguém) 34.

Não se davão por achados 76 v.

Cair na conta 76 v.

No melhor da festa 80.

Levar a pior 244.

Tirar palha comigo 88.

A mais *pessima da vida* 145.

Em *querendo* anoytecer 184.

Hũa pouca da agua da cisterna 175 v.

A carga sarrada 234.

Gotas, que *querem* parecer de sangue 84 v.

Fazer na imagem *anotomia* 284.

Dar se pouco de 297.

Julgo tambem popular nestes exemplos o uso do verbo *causar* e do seu participio:

Lhe *causava* (o obrigava a) fazer aquelles extremos 205.

Causa se o valle do Josaphat de dous altos montes (é produzido por) 54.

Valle *causado* de hũs outeiros altos 54.

Valle *causado* do mesmo monte e doutro 219.

Lagoa Meothis, *causada* das muytas copiosas aguas do gram Rio Tanais 18.

Ainda me parece popular a frase: *arripiar carreira* 268, e a construção do verbo *começar*, tanto com a prep. *de* como com a prep. *a*:

começamos de navegar 30.

começar de mostrar 245.

começarão de caminhar 254 v.

começarão a cantar 34 v.

começarão a pedir 245 v.

9. Ha tambem no *Itinerario* alguns ditados populares ou alusões a eles:

fazendo orelhas de mercador 229.

fazendo, como dizem, de ladrão fiel 54.

fugio, como dizê, a unha de cavalo 296.

Frey Thomas, bem diz, & mal o faz 75.

VOCABULARIO

Do

· ITINERARIO ·

A

abaixar, descer. — 66 v., 109 120, 132.

abastar, bastar. — 51, 260, 298 v.

abelhudo, desembaraçado, confiado, introneto. — 235 v.

absencia, ausencia. — 295 v.

abundosamente, abundantemente. — 311 v. da 3.^a ed.

acabar com alguém que, resolver-lo, convencê-lo a que. — 22.

achar menos, dar pela falta. 242 v., 245.

achegas, acrescimos, acrescentamentos. — 24 v.

acipreste, cipreste (planta). — 21 v., 190 v.

açacal, aguadeiro. — 63.

aderencia, valia, valimento, empenho, favor. — 200.

aduar, aldeia de Arabes. — 54.

affincadamente, com afinco, com insistencia. — 39 v.

agasalhado, gasalhado, hospedagem carinhosa, afabilidade, bom trato.—142.

aivões, especie de andorinhas de pés rasteiros.—192.

alagoa, lagôa. — 100, 220 v., 211.

alar, erguer por meio de corda. 262 da 3.^a ed.

albarquequeiro, albricoqueiro, arvore que dá albricoques, uma especie de damascos. — 167.

alcachofrado, (adj.), bordado a ouro ou prata de modo que imita a alcachofra.—295 v.

alcaparra, arbusto cujo botão ou flor serve de condimento. —192 v.

alembrear, lembrar.—54 v.

alevantar, levantar.—74 v.

alicesse, alicerce.—61, 13 v.

alicornio, unicornio (animal)—4.

almatica, dalmatica.—154.

almoçar, almoçar.—271 v.

almoço, almoço.—271 v.

aloeado, alojado (cf. *logea*)—18 v.

amargar o atrevimento, pagar o atrevimento, ter o castigo d'elle.—244 v.

amoroso, macio, suave ao tacto.—25.

amostrar, mostrar.—267 v.

anzolo, anzol.—47.

apaleiar, dar com pau, bater com pau.—79 v.

apessoado (muy), de boa estatura.—255 v.

aporrado, espancado, ferido, batido.—256.

aqueixar-se, queixar-se.—154 v.

arabescas, mulheres arabes.—230.

aroeira, lentisco (arvore).—171.

arpar, levantar ferro.—8 v.

arrepicar, repicar (o sino) — 295.

Arrio, Ario, n. proprio.—100.

arruido, ruido, barulho.—234.

Asianos, Asiaticos, povos da Asia.—15.

assaltear, assaltar, dar assalto. —26.

assario, especie de uva.—176 v.

assi mesmo, tambem.—10, 101 v., 298.

assignação, concessão.—115 v.

atacar as botas, aperta-las com atacas ou atacadores.—22 v.

atavernado (vinho), vendido a retalho em taberna.—176 v.

aumentação, aumento. — 78.

avelutado, que tem felpa como o veludo.—127.

avogado, advogado, patrono. —2 v.

B

barato (subst.), preço baixo, baixa de preço, rebaixe—2.

barbarismo, vida de barbaro, selvagismo.—259.

barrileta, barril pequeno.—258.

basa, base.—50, 66 v., 75 v.

baxá, dignidade suprema entre os Turcos, vice-rei ou governador de provincia.—9 v.

berlebeis, magistrados mores de justiça em terras de Turquia.—10.

bernio, pano fino escarlate procedente da Hibernia (modernamente Irlanda), capa do mesmo pano.—25.

biguinos, beguinos, certos frades mendicantes.—207 v.

bizante, besante, moeda de Bizancio (Constantinopla).—2.

blando, brando.—25.

blandura, brandura.—235.

bobeda, abóboda.—181 v.

boleyma, bolo grosseiro.—88 v.

bonissimo, muito bom.—15.

bronzo, bronze.—49 v., 64 v., 28.

broslado, bordado.—78.

bucentorio, bucentauro, um certo galeão de Veneza, 4, 5.

butargas, ovas de peixe, sobretudo da tainha, curadas ao fumeiro (do it. *buttarga*, cf. *Dicc. Ital.-Port.* de Bordo).—12.

C

cabdis, justiças-mores das terras onde residem.—10.

cabecear, agitar ou menear a cabeça, cair com sono.—262 v.

cacis, sacerdote entre os Mouros, especie de capelão duma mesquita.—65 v.

cafarro, bributo que os christãos da Terra Santa pagam aos Turcos—54 v.

calenda, talvez calendario.—15 v.

caloyra, monja grega.—45 v.

caloyro, frade grego de S. Basilio.—11, 14, 17.

camareta, quarto pequeno.—188 v.

cambalão, estalagem gratuita na Palestina, talvez o mesmo que caravançara.—246, 249.

campa, sineta, sino pequeno.—3 v.

canapeto, uma especie de couve.—216 v., da 3.^a ed.

candia, vinho moscatel de Candia ou Creta.—20.

cão, ospedaria gratuita, o mesmo que cambelão.—273, 273 v.

caridade, favor, esmola.—260, 37 v.

carregadamente, de má vontade.—123.

carrego, cargo, encargo.—197.

casorio, casarão, casa grande.—245.

cayda, queda.—134 v.

cepo, caixa de esmolos, 162.

cerimoniaticamente, com muitas cerimonias.—57 v.

cevadeira, alforge de comida. 57.

chação, condição, natureza.—

20. Ex.: o queijo... he malissimo, seco, de má *chação*.—20.

—canalha de má *chação*.—196 v.

chansonetas, cançonetes.—99.

chatinar, mercadejar.—289 v.

chaus, especie de juiz nas cidades da Turquia.—10, 267.

chavão, molde, marca, sinete. 91 v.

chinchas, persevejos.—274.

christianismo, o conjunto dos cristãos.—112 v.

chuiva, chuva.—18.

chuiveiro, chuiveiro.—18.

cimborio, zimborio.—73.
circumciçam, circuncisão.—12.
circumcidam, idem.—11 v.
circumcisado, circuncidado.—178.
cirial, tocheiro para cirios.—210 v. da 3.^a ed.
ciseiro, homem que recebe a cisa.—57 v.
claustra, pateo fechado dos conventos.—73, 126 v.
cobtos, coptos ou coptas, cristãos do Egito e da Abissínia.—83.
colação, comida leve.—8 v.
cogombro, pepino.—156.
colheyra, a bolsa dos testículos.—281.
comer, fazer comichão.—29 v.
como, cerca de, aproximadamente.—3, 13, 146 v. Ex.: desviado.. *como* doze leguas. 13. Morão na Sãcta cidade *como* seiscentos ludeus 146 v.
compridam, comprimento.—16 v.
compridamente, completamente, perfeitamente.—87.
conjunta, unida, pegada, 14 v.
contento, contentamento — 41 v., e 66 da 3.^a ed.
conversar, conviver, ter convivência, residir.—15.
convidar, dar de gratificação.—6 v., 8 v.
convite, banquete (do it. *convito*).—160, 291 v.
cordeal, bebida que dá forças.—185.
corvinacho (o texto diz *corvinanho*, mas é errata apontada no fim da obra), corvina pequena.—47.

cossairos, corsarios.—14.
cravo, uma especie de piano antigo.—28 v.
curiosidade, obra de muitos labores, esmero d'arte, rendilhado, lavor fino.—21, 26.
curioso, cheio de labores ou rendilhados.—25.
curteza, pressa, falta de tempo.—175.
çurrão, o mesmo que cevadeira.—57.

D

Damasquino, de Damasco.—277.
dar em, ir parar em.—270, 28, 135.
dar-se-lhe pouco, não se importar.—244.
demerito, desmerecimento.—119 v.
descender, descer.—81.
desenvergonhado, desavergonhado.—36 v.
desgraciado, desgraçado.—163 v.
desmasiadamente, demasiadamente.—25.
despor, depor, dimitir (dum cargo).—235.
devação, devoção.—5, 19 v., 29, 37 v., 38 v., 41, 47, 52, 67, 67 v., 75, 77, 78 v., 79, 88 v., 93 v., 112 v.
divertir-se, afastar-se, desviar-se.—95.

E

efficacia, instancia, insistencia.—23.
elevamento, elevação.—185.

elifantinos, elefantinos.—3.

embarbascar, embasbacar. — 198.

encarniçados (olhos), injectados de sangue, assanhados, raivosos.—89.

encomendas, recomendações, visitas, recados.—39 v.

enfôrrros, fôrros.—223.

engulho, nôjo.—201 v.

ensenhoriar, dominar, possuir.—11 v.

enxadres, xadrês.—71.

enxalmado, coberto de enxalmo.—65.

eregias, heresias.— 93.

erros, erros.—96 v.

escalado, aberto, fendido para se poder salgar (falando do peixe) —12 v.

esclavina, capa do romeiro.— 25.

escravar, escavar. cavar. — 246.

escripturario, sabedor ou lido na Escritura sagrada. — 210.

esmarcar, marcar, calcular. — 258 v.

espinas, espinhos.—221 v., da 3.^a ed.

esquifado, pobre e indigente, como quem vai num esquite. —266 v.

estradistas (ladrões), de estrada.—38.

estroço, destrôço.—37 v. da 3.^a ed.

estrovo, estorvo, embaraço.— 202.

exarcos, exarcas, delegados do imperio grego no Ocidente. —91.

F

falcão, peça antiga de artilharia.—49 v.

falsar, falsear, deturpar ou torcer o sentido.—147.

fanadura, circuncisão, corte, amputação.—260 v.

fartum (adj.), parece ser o mesmo que *fortim*, forte, desagradavel (falando do cheiro). —43 v.

fazer a latina, usar o rito latino.—11.

fazer a grega, usar o rito grego.—21. 37, 41.

feita, vez, ocasião.— 243 v.

feitiço (adj.), ficticio. —47.

feltrudo, feito de feltro.— 25.

ferrar, marcar com ferro em brasa.—101.

ferregeal, campo de ferrã ou cevada.—62.

filaterias, exterioridades, espalhafatos, jactancias. — 160 v.

formigueiros (ladrões), que andam juntos como formigas ou reubam como formigas. - 179.

foro: em foro de = na conta de.—39.

fradaço, fradalhão, grande frade.—142.

frangi, nome dos portuguezes na India oriental.—52.

G

galeaça, grande galé.— 3.

garrabulho, garabulha, motim, embrulhada, confusão.—47 v.

gasalhado, bom acolhimento, bom trato.—19 v.

gèral, general, capitão.—28 v., 157.

gralhada, grande barulho. — 209 v.

grangeria, lavoura, granjeio, cultura.—89 v., 90.

gremial, veste episcopal (para cobrir os joelhos).—49.

grosa, maledicencia, murmuração.—220.

grosador, murmurador.—3.

grosso, fertil, productivo.—53, 255 v.

grossura, fertilidade.—328.

guardas do norte, as duas ursos polares.—204.

guardiaunia, cargo de guardião.—40 v.

guayar, cantar em estilo de lamentação (diz Moraes).—262 v.

H

harpar, talvez *arpoar*.—30.

humanidade, afabilidade, bom trato.—308 da 3.^a ed.

I e J

idolatrar, sacrificar aos idolos.—43 da 3.^a ed.

ilhenos, naturais das ilhas.—13.

ilhotes, pequenas ilhas.—16 v., 17.

immemoravel, de que não ha memoria.—15 v.

incantillados, alcantilados. — 192.

incomportavel, que se não pode suportar.—45 da 3.^a ed.

indevoto, que não tem devoção.—152 v.

inexpunhavel, inexpugnavel.—206 v.

infiado, desmaiado, assustado, tímido.—293 v.; posto em fio, em cordão, um após outro.—55 v. da 3.^a ed.

ingres, inglês.—97 v.

intrinsecado, interior, intrincado, obscuro.—26 v.

ir, importar, interessar, relevar. Ex.: não nos vay tanto nisso.—53 v., 64.

irreverenciar, praticar, irreverencias.—165.

junipero, zimbro (planta). — 172 v.

L

labarda, alabarda.—281 v.

lacão, presunto de porco. — 148.

lamy, turco nobre que nas cidades da Palestina desempenha o lugar de juiz.—47 v.

lentes, leitores.—21.

lentisco, aroeira (planta).—171.

levante, vento do Levante.—48.

levantinos, os do Levante.—15.

levemente, facilmente.—32 da 3.^a ed.

liamento, ligamento, prisão.—130.

lilio, lirio.—293.

logea, loja.—3.

lucerna, claraboia, abertura para entrar luz.—273.

lumieiros, luminarias, luzes.—65 v.

logarete, pequeno logar.—65.

M

machina, quantidade, multidão (de cousas).—163.

madim, moeda turca de 12 reis.—53, 55.

magnificar, elevar, exaltar, engrandecer.—34 v.

maginão, louco (entre os mouros).—88.

Mahometo, Mahomet.—9.

mais, mas, porem.—26, 193.

malissimo, muito mau.—20.

maneavel (porta), que trabalha bem, que gira bem, que não emperra.—238 v.

mão (ir á), repreender.—34, 62.

mãos (vir ás), brigar, lutar.—245 v.

marcelo, moeda de Veneza.—24 v., 199 v.

mariola, carregão, homem de fretes—194 v.

masto, mastro.—36 v.

matamaforgios, metamorfoses (de Ovidio).—18.

matolotagem, provisão de mantimentos para os que embarcam.—298 v.

melado, doce como o mel, adocicado.—198.

mercaderias, mercadorias.—1.

meritamente, merecidamente.—46 v., 236.

Mexias, Messias.—56, 147.

mingola (frade), mendicante.—244 v.

modos d'area, medãos ou montes d'areia.—248 da 3.^a ed.

molificar, abrandar.—37.

molo, frete.—35.

montuoso, montanhoso.—238.

morado, da côr da amora.—76 v.

mosaico, embutido feito com pedrinhas de varias côres.—2 v.

mucaros, almocreves.—280.

murmur, murmurio.—29 v.

musas, especie de bananas.—32 v.

N

nacida, tumor, furunculo.—294.

nafega, anáfega, especie de maçãs.—214.

Natolia, Anatolia ou Asia menor.—9 v.

negamento, negação.—125.

negociado, atarefado.—235 v.

natureza, natureza.—17 v.

O

obonagês?—29 v.

opposito (em), em opposição.—172.

oras (fazem-se), aproxima-se a hora.—208.

origem, do gen. masc.—281.

outa (=ova), bolsa ou ovario dos peixes.—12 v.

outonada, estação do outono.—16 v.

Ouvidio, Ovidio, poeta latino.—18.

pagar-se de, gostar de.—295 da 3.^a ed.

palha (tirar), troçar, escarnecer.—88.

palratorio, barulho de palavras.—226 v.

papazes, clérigos gregos.—29.

pardieiro, casa arruinada.—257 v.

pardilho, talvez uma especie de pano pardo.—8.

pargo, peixe do mar.—47.

Parte (ser muyta—para), ter muita influencia para.—249.

parte (saber), ter noticia.—143, 219.

particulariar, particularizar, pormenorizar.—145 v.

pascentar, apascentar.—186.

paysano, compatriota, da mesma patria.—69.

pedagio, tributo que se paga de passar em barco ou ponte.—54 v.

peitar, pagar.—254.

pelar, tirar a pelle, esfolar; (fig.) levar couro e cabelo.—15, 29 v.

pequeno (subst.), pedaço, bocado. Ex.: *pequeno* de mau caminho.—196 da 3.^a ed.

perfeiçoar, aperfeiçoar.—75 v.

persianos, persas.—11, 248 v.

perverter, transtornar, mudar.—115 v.

pescoçada, palmada no pescoço.—84.

petitorio, peditorio.—298 v.

picado (mar), agitado, encapeado.—221.

pinzel, pincel.—2 v.

pito, apito.—30.

plaino, planura, planicie.—97.

plantear, prantear, lamentar. Formado directamente do lat. *planctus*.—176.

plumo, prumo.—192 v.

politico (adj.), educado, polido, civilizado.—128 v.

ponente, poente.—9, 16, 21.

ponentinos, os homens do Poente.—15.

pontos: pôr-se em *pontos* com alguém = questionar, brigar, teimar com alguém.—161.

porradas, pancadas.—271 v.

portazgo, tributo que se paga á entrada das portagem.—54 v.

poyal, cercadura de pedra e cal á roda do pé duma arvore.—161 v.

pratica, conversação, colloquio.—36 v.

presentar, presentear. Ex.: *lhe presentou* hum relógio.—51.

proluxidade, prolixidade, redundancia.—102.

pulpo, polvo (peixe).—17 v.

Q

quartao, o mesmo que *quartau*, cavalo cheio e corpolento mas pouco comprido.—259 v.

quebrar, abater, diminuir.—106.

queimar o sangue a alguém, irrita-lo, exaspera-lo.—29 v., 80.

questa, peditorio (cf. *quête* em fr.).—83.

R

rabi, mestre da lei entre os judeus.—12.

raiz (de), desde os fundamentos.—38 e 49 da 3.^a ed.

recado, recato, guarda, tino, juizo.—69.

recompensação, recompensa.

recreação, recreio.—23 v.

recuperar-se, refazer-se.—62 v.

reposta, resposta.—89, 101.

repunhar, repugnar.—186 v.

resaudar, corresponder a uma saudação.—281 v.

romeiral, logar de romãs.—189 v.

rosto, rosto face.—140.

rotolo, 1.^o rôlo, 2.^o peso de 4 arrateis.—278 v., 69 v.

S

sabasto, peça de pano, de cor diferente, inserida num vestido.—154.

samarrão, batina grande de padre.—22.

sambenitado, vestido de sambenito.—292 v.

Sami Iacos, governador de cidade entre os Turcos, o mesmo que *sangeaco*.—10.

sancarrão, talvez impostor.—9.

sanctão, nome que dão aos cizes.—87 v.

sangrar as bolsas, extorquir dinheiro.—29.

saquim, sequim, moeda de ouro italiana.—69.

Sarra, Sara, n. proprio.—95.

secreto, segredo.—17.

segre, século.—84.

seguridade, segurança.—54 v. da 3.^a ed.

sereno, o ar da noite.—271.

serpentino, de serpente.—32.

* **sexa** ou **seixa**, cobertura da cabeça entre os Turcos.—50 v.

sim, assim.—198 v.

sobrescada, especie de cobêto.—64 da 3.^a ed.

sobresubstancial, mais que substancial, muito alimenticio.—81.

sombreiro, chapéu.—5.

somentes, somente.—8.

sopena, sob pena.—10 v. (cf. *socolor*, 202).

subbassi, official de justiça entre Turcos, especie de meirinho.—57. v.

suffocato (comer), comer carne de animal sufocado (o que era proibido aos Judeus).—93.

summamente, muito bem.—11.

supitamente, subitamente.—55.

supito (de), de subito.—262.

surbião, movimento anormal e desencontrado das aguas do mar, que acompanha as calmarias ou se segue a ellas. Esta definição deduz-se do texto, porque a palavra não vem em dicionario nenhum. Deve ser ital., mas não vem nos dictionarios vulgares desta lingua, como Bordo, etc.—300 v.

Suria, Siria.—34 v., 274 v.

T

tal, simples. Ex.: *pedra tal*, pedra ensossa, simples, sem barro—8: *lampada tal de vidro*, lampada simples de vidro.—89.

tampão, tampo, têsto.—239.

tarrafa, rede de pescar.—50 v.
da 3.^a ed.

temorizado, atemorizado.—
319 v. da 3.^a ed.

terrado, terraço, eirado feito de
tijolo ou argamaça no alto das
casas.—67.

terreyra (adj.), térrea.—117
v.

terreno, vento que sopra de
terra.—8, 218 v.

terreno (mar), mediterraneo.—
218 v.

teso, outeiro pequeno.—133.

texedores, tecelões.—56 v.

titubar, titubiar, vacilar.—24.

tocar rijamente, andar a toda
a pressa.—254.

tornada, volta.—6.

torrente, do gen. masc.—40.

tratos, commercios, negocios.—
8 v., 4.

tredor, traidor.—155.

tresmalho, rede de pescar.—
217 v.

tribu, do gen. masc.

trocho, bastão, cajado.—43.

trunfa, turbante.—29.

trusquiar, tosquiar.—86 v.

tugurio, cabana.—207.

turbão, turbante.—50 v., 292
v.

turcimão, o mesmo que *turgi-
mão*.—50 v.

turgimão, interprete, lingua.—
47 v., 45 v.

V

vacar a, dar-se a.—90.

vagamundo, vagabundo, vadio.
—174.

vallada, valle.—189.

ventrapi, religioso armenio.

verdugada, circulo de varinhas
ou barbatanas para arquear ou
dar roda á saia das mulheres.
—8.

vestiaria, conjunto de vestidos.
—45.

viço, vicio (cf. terras *viçosas*, 2.^a
estrofe dos *Lusiadas*).—15.

viola de arco, rebecca.—25 v.,
28 v.

vileiras, freiras leigas de Santa
Clara (talvez por andarem cá
por fóra pela *vila* a fazer com-
pras).—8.

visitação, visita.—170 v., 19 v.

vituperoso, insultante.—244 v.

volta (á), de envolta.—138.

voltezinha, voltazinha, acentua-
ção ou requebro da voz.—
101 v.

Duas traduções portuguesas do sec. XIV

I

Tratado de S. Isidoro do ajuntamento de bons ditos e palavras

Em Portugal apenas encontramos duas bibliotecas conventuaes providas de velhos codices literarios, uma no sul e outra no centro do reino, excedendo todavia, a livraria do mosteiro de Alcobaça consideravelmente a do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em muitos aspectos. Esta riqueza já foi explorada scientificamente nos fins do sec. XVIII, sendo em 1775, publicado o *Index Codicum Bibliothecae Alcobatiacae*, etc. Com a extincção do instituto monastico, aquellas preciosidades foram distribuidas pela Bibliotheca Nacional e Arquivo da Torre do Tombo; mas este só recebeu sete codices.

Linguisticamente são valiosos entre estes sete codices os que tem os numeros 266 e 270 da marcação conventual. O primeiro destes, que eu attribuo decididamente ao meado do sec. XV, conserva só ineditas as «Meditações de S. Bernardo sobre as 7 horas Canónicas» a fl. 97, e uns tratados sobre a hora da morte (fl. 137 v.), sobre a luxuria (fl. 155), sobre a castidade (fl. 158), sobre o dia de Juizo (fl. 165) e sobre o inferno (fl. 167 v.), que foram extractados pelo sr. Cornu e publicados com o titulo de *Traité de Dévotion na Romania*, t. XI. Os outros trabalhos receberam a luz da publicidade por intermedio de Fr. Fortunato de S. Boaventura (*Collecção de Ineditos Portugueses*, tom. I, 1829) e dos srs. Cornu, Esteves Pereira, Vasconcellos Abreu, José Joaquim Nunes, e Klob.

O outro codice, porém, tem escapado á attenção do publico, posto que o mereça, pois no meu entender pertence ao sec. XIV, tanto pela letra, como pela ortografia, não sendo obras d'aquelle periodo muito vulgares entre nós.

O referido catalogo de Alcobaça assim o descreve: «Papyreus carens 12 foliis initio, Littera communi pene delecta complectitur Lusitano sermone Librum de contemptu Mundi, qui in Bibl. Patrum tom. 6. editus est, & tribuitur Isaac Syro, Vitam Ducis Antiochi

postea Abbatis, Vitam de Mariae Egyptiacae, de qua Cod. 266. Denique quatuor Tractatus exponentes, quid sit Conscientia».

Esta descrição tem varias inexactidões e entre ellas conta-se a de dizer que elle é exclusivamente de papel, quando na verdade tem a singularidade de alternarem as folhas de pergaminho e as de papel, embora sejam estas em muito maior numero. O livro sofreu tratos tanto do tempo, como do encadernador, que o compôs alterando-lhe a ordem das folhas. Começa a fl. 14.

Na segunda pagina da ultima folha, que mostra ter estado collada a uma anterior encadernação, encontra-se o indice das peças contidas no codice, o qual, apesar da sua deterioração, consegui lêr, e que é o seguinte:

«Em este livro som os tractados que se seguem.

Primeiramente xij mādamentos que o bispo athanasio deu ao divino anthioco en a primeira folha. (Falta).

O ijº o livro Isaac, xij folhas. (Faltam as duas primeiras folhas).

O iijº da acidia e en quantas maneyras homeen peca per ella. Cento ij folhas.

O iiijº de santo Isidro, de alunctamente de boas palavras. Ciiij.

O quinto da vjda do duque Anthioco. Cx.

O vjº da vida da santa maria egiciacha. Cxx.

O vijº de santa pelagia. Cxxxvj.

Depoys se seguem capitulos, iiij.º da consciencia outro da oraçom, outro da contemplaçom. O outro quarto he maa [cousa de] converssar com as molheres.

Da vida de huu mōie que foy grande no paaço do Enperador. Cento xbij.»

Das obras transcritas no codice 771 (assim é o seu numero no Arquivo Nacional), copiei um tratado sobre o ajuntamento dos bons ditos e palavras, publicação que é possível que chame a atenção dos entendidos para as peças que ficam ineditas.

***Incipit tractatus de sancto Ysidro. de alunctamento de boos dictos e palauras:.* —**

O ffilho muyto amado. ama as lagrimas. e non as queiras ley-xar. Sey prestes e aparelhado ao planto. segundo que foste encl-nado aa culpa e ao pecado. Del foy a tua (FL. 102 v.) entençom. a ffazer o pecado. tal seia a tua entençom a ffazer a pẽitencia. Assy como cayste nos auissos. assy te torna. por que segundo a chaga.

deue seer dada a meezinha e Remedio aa plaga. Per palauras manssas e blandas. non te segures do pecado. En teu coraçom continuadamente. more speranza. temor e fiuza. Assy te alce e leuante a esperança da indulgencia e perdõ. que sempre o medo do jnferno te de affliçom. e o temor del. senpre do pecado te enmende. O temor enpuxa o pecado. e abayxa os uícios. Onde non he temor. hy he uida torpe e dissoluta. Deseia seer ualente. mays per coraçom. que per corpo. mais na mente e uõotade que per carne. A affliçom e tribulaçom do corpo. he Remedio da alma. A doença ffere e chaga a carne. e cura e da ssaude a alma. Se boa andança e Requeza ouueres. nõ enssoberueças. Se te algũu enjuriar. soffre e non seias flaco. por que sey certo. que deus te pro-ua. e poren non te leuantes en soberua. Sey senpre prestes e aparelhado. a qual quer cousa que te uenha. e ante que te venha. stado que te pode acontecer percebudo. Ben e mal que te ueer. ledo de uõotade liure o ssoporta. Se non podes squiuar e soffrer a ssanha. ao meos sey tenperado nas palauras. Sey prestes. mais a ssoffrer eniurias. que aas ffazer. E de todo en todo. sey mais diligente. a ssoportar os maaes. que aos fazer. Dos errores e maaos dizeres dos mormuradores. non cures. ante os calca e asconde sso a terra. Aas palauras enjuriosas e asperas. toma a paciencia por scudo. e con ella as (FL. 103) vence. Quando algũu de ty escarnecer. quando te do-estar. quando sse contra ty levantar. quando te fezer jniuria. Anprende de Christo tenperança. aprende del ssoffrer. por nos el. padeceo eniurias. e leyxou a nos exenplo. por que el ffloy ferido com palmadas ferido com açoutes. scarnido cõ escarros. na cruz com clauos pregado. coroado de coroa despinhos crucifiguado. e sempre calou. e non falou. Grande uertude he. se nõ fezeres mal aaquel que a ty ffazer. Gloria he grande se perdoares aaquel. a que podes empecer. Quando fores mal tragido e eniuriado. entende que te ueo pollos teus peccados. Beenze e faze ben. ao que te mal diser. Esforçate vencer o ssanhudo. e yrado. com paciencia. Vence com palauras blandas. a maldade. e com bondade a maleza. Com o ben. sobrepoia o mal dos outros. Muyto come e gasta o coraçom e a mente. a chaga ascondida. e quanto ha mais ascondes e encobres. mays acrecentas en teu dâpno. Se algũu pecar en ty. non peques tu en el. Sabe que Juizo ha de vijnr en ty. e nõ seeras perdoado se nõ perdoares. e se el non veer com hũildade e te nõ pedir perdõ. tu tira o rancor. e perdoa de coraçom e de vóõntade. Tira do coraçõ odio e jniuria do hyrmááo. e da maldade alhea. en el nõ fique dóór nen Rancor. O odio parte o homẽ do Regno de deus. tira o do cééo. lançao fora do parayso. O odio per marteyro. per

tormento per sangue. nen hé tirado. nen Remijdo. Como declararey e demostrarey o fogo da enveia. a qual queyma todas as plantas. as geerações das uertudes. A enveia. todos os beens destr[u]y. Assy como pestelencia. A enveia. he traça do coração. come e gasta o entendimento. queyma os pectos. enpeçoenta e chaga a uóótade. pace e come o coração do homen. Assy como pestelencia. e por esto he mester. contra o maaõ zeo. bondade e caridade (FL. 103 v.) seer prestes e aparelhada. batalhar contra a enveia. Proua e faze. que mais ames que seias amado. Sey fiel na paz, nõ seias leue na amizade. Ama e Retem sempre. o legamento e aiunctamento da continencia e tenperança. Reduze e trage os enmijgos a paz. e Reuoga e Reduze e induze os discordantes a concordia. En todos teus actos. seguy os bóós e sanctos. e poen ante os teus olhos os exenplos dos sanctos Os exenplos dos padres. seiam a ty doctrina. castigo e disciplina. O fauor do mundo. non te engane. Os seus doestos e vituperios. nõ te destruam e Rouben. Aquel que non deseia seer louuado. nõ sente enjuria. Se despreças o louuor. de ligeyro lanças de ty os vituperios e os doestos. Na lingua alhea pergunta a tua cõsciencia. Conhece e esguarda a ty per teu Juizo. e non per Juizo alheo. Que te aproueita se tu maaõ es. seer dicto e auudo por bóó. Que louuor de ben pode seer dicto. se assy non he. Non demostres. nen finguas santidade. per vistiduras vijs. Sey tal en verdade qual queres seer dicto. A tua vida e profissom. demonstra no Andar. e non no auito. Nos mouymentos do teu corpo seia modo simplez. puro e linpo. Em teu geesto e movymento. demonstra mesura e honestidade. e nenhũa vyl nen torpe. O coração e uóótade. no auito e mudamento do corpo sse parece. Por o geesto do corpo. se mostra o desejo e uóótade da alma. O teu andar non offenda. nen faça pecar os olhos do proximo. Non des de ty aazo. de mormurarẽ outros. Esquyua os máãos. non tomes conpanhya com os peruerssos. ffuge dos homéés Reuessados. e que enclinados som a todo (FL. 105) mal. Junta a ty bóós conpanheyros uirtuosos. e de bóós costumes. e conuerssando seeras tal como elles. Perijgoo e gram mal he ao homẽ. aconpanhar com os que mal viuem. E melhor he odio e malquerença dos máãos que a ssua conpanhia. por que assy como na vida dos bóós e sanctos. ha muitos beens. assy ha muitos máães. na vida e aiunctamento dos máãos. Esquyua os dizeres e dictos caçurros. e as palauras desonestas e feas. A palaura váá. e com plazentaria ouuyda. cedo ençuíã a mente. e de ligeyro he posta em obra. ffala per tua boca palauras. que nõ encuges as orelhas daquelles que as ouuyrem: A palaura váá. mostra qual he de dentro a cõsciencia.

A lingua mostra os costumes do homẽ, e o coraçom se demostra e proua per a palaura. Da auondança do coraçom, ffala a boca. Lança de ty a palaura, que non edifica, nen aproueyta aos que a ouuem, porque a palaura occiosa, e nom Reprehendida, de ligeyro he posta em obra. Os uícios e pecados, crecem pouco e pouco, e se nos non cavidamos dos pequenos de ligeyro cayremos nos grandes. A tua palaura non seia de Reprehender, e seia aos que a ouuyrem prouectosa, ffala, non o que te plaz, mays aquello que for Razom. Do mal alheo, non ençuges a tua boa. Non mormures do que peccar, mais aue del dóór e compassiom. Teme cayr no peccado, do qual Reprehendes os outros. Se te ben vires, nunca Reprehenderas outros Os mormuradores, e os que os ouuẽ consintindo, a yqual pena seerom punidos. Nen hũa ponpa, e sobeia cortesia (FL. 105 v.) tire ty, de ty. Non oluides teus bóós costumes, e busques os alheos. Tanto cura e aue cuydado coreger teus peccados, quanto fazes por saberes os alheos. De todo e com gram uóótade, fuge a toda geeraçom de mentira, e en nenhũa guysa non diguas falso, testemunho, por que a boca que mente mata a alma. Per falacia e engano, non defendas nenhuũ homẽ. Non seias ligeiro nas palauras, e na obra tardinheijro. Prometeste maaõ voto, no[n] o guardes ante o brita. En as cousas torpes, brita o promitemento, por que maaõ he o uoto e a promissom, que com maldade he conprido e acabado. Peca no lugar, onde sabes que deus non mora, por que o que ffez as cousas ascondidas, esse as véé. Nenhũu non pode fugir assy meesmo, e se te non dãna a publica fama, condãpne te a propria cõsciencia. Non he mais graue pena, que a enueiosa cõsciencia. O que ben viue, senpre ha prazer. A cõsciencia Rea e culpada do peccado, sempre sta em pena. Plaga, morte, nen nẽhua outra cousa, nõ te spantara, se ben e iustamente viueres. O teu conselheo e tuas obras, torna e poem em deus. Queres crescer en vertudes, fazeas e non as mostres. A cousa que perder podes en falando, guardáa en te calando. O peccado confessado. Se ligeiro he curado, o encerrado e non confessado, he acrecentado. O peccado mãifesto ¹, he feito de grande pequeno. Melhor he esquiar os peccados, que os enmendar, porque cayndo en peccado, non poderas tirar maõ custume (FL. 106) A consciencia larga, enpeece en no ben fazer. Maa e muy maa cousa he o nõ saber, e muyto torpe cousa he, nõ conhocer as forças de seu corpo. O non saber he madre dos erros. Vícios maaos e peccados, squiam e

¹ O *ã* por *ani* é simples abreviatura e não forma fonética.

vencen os homéés per sabedoria. O ssabedor de ligeyro apprehende, as Insidias e artes do diabóó. Muyto grande ben he, guardarsse e cauidarsse dos peccados e maldades. Grande miseria, e grande mal he, non saberes o que queres fazer. Apprehende o que non sabes, porque non seias achado, doctor sen prouecto. A sabedoria que ouuyndo apprehendeste, ensina en leendo. Non seias derribado en pecado de soberua, e de váá gloria, por douctrina e sabedoria de teus discipolos. Non ensignes per palauras escuras, por que por tal douctrina, desplazeras aos sinplizes, e aos sabedores ãnoiaras. As cousas do comũ fala a todos, mais as do segredo fala com os sabedores. As cousas mãifestas e claras dy a todos, as non mãifestas, fala com poucos. A sciencia que nom souberes, busca quem ta ensigne. Arguyndo e disputando, as sciencias som declaradas e mãifestas. A cortesia e ponpa, he presũpçom muyto perigosa. Amar mays ouuir que ensinar, e scuytar que falar. Ao mayor e mais honrado, faze Reuerença. Non seias ygual ao mayor. Melhor he morte padecer, que fazer e poer en obra as mãás cousas. Ygual cousa, he, fazer mal, e obedecer e consintir en el, porque o que faz mal, e o que o consente, ambos (FL. 106 v.) ham pena ygual. O prelado deue studar seer mais amado que temydo. Os soiectos seiam Reuerentes aos prelados e non medorosos, por que da Reuerença ven amor, e do temor ven odio e malquerença. O medo, tolhe, tira, e destrue, a ffe e a uerdade. Onde he amor, hy he esforço Onde he medo, hy he desesperaçom e couardicõ ¹. Non seias muito misericordioso, nen pouco, nen perdoes pouco nen sobeio. Qualquer cousa que fezeres he uirtuosa, se feita for cõ discriçom. Sen discriçom feita, tornasse en peccado. O teu testemunho nõ enpêça a nenhũu. A tua palaura e dizer, a nenhũu nõ seia perijgóó. A tua palaura non seia de Reprehender, mais seia Recebida e louuada de todos. Sey em ty, e en os outros tenperado e honesto. Por affecçom de nenhũa pessoa, non desuñes do camynho dereito. Ora seia pobre, ou Rico, senpre ao dereito e a rrazom esguarda, e nõ a pessoa, ffaze dereito e iustiça, sóo por auer Remuneraçom, e galardom pera sempre, porque aquel que deseia os beens tenporaes, nõ spera, nen auera gloria eternal. No iuizo non leyxes a misericordia. Justiça sen misericordia he, nõ perdoar aa flaqueza humana. O teu desejo, non seia dãpnar, mais todauya seia a correger, e aprouectar. Ten, e ama en veendo os fectos, iustiça e na sentença misericordia. Sey piadoso e misericordioso, nos

¹ Emendado de *couardice*.

peccados alheos. Assy como nos teus. Per o direito e Juizo que nos fectos alheos teueres, per esse seeras julgado. Ante do juizo, non cõdãpnes a nen hũu. (FL. 107). nen julgues per suspecta, e ante que seias certo, porque non he mal ffector o que he acusado, mais aquel contra quen he o crime e o maleficio prouado. Cousa muyto perijgosa he, condẽpnar per sospeçom. Non poden os homeens condẽpnar, aquel que deus ten en seu Juizo guardado. Posto que os maaes e pecados seiam uerdadeyros, non som de creer Ante que per certas prouas seiam prouados, e per ordem de juizo sentenciados, ffaze e compre com toda hũildade ¹ o que te mandarem fazer, e o offizio que te derem con toda uóótade, hũildade soieçom o Recebe, Vsa do poderio e dignidade, com toda tenperança e discreçom, e todas cousas faze, e despom e ordena mãssamente, e com coraçom e uóótade blanda e honesta. Guardate e quitate das honrras que non podes teer sen peccado. A alteza das honrras, he acrecentamento de maldades. En no mayor grãáo, sen duvida he mayor pena, e o que esta en pequeno graao, mais chegado sta ao perdom. As torres altas, de ligeyro dam gram queeda, e os montes altos, muytos curiscos os ferem. A aruor alta, muy fortemente a bulem os ventos, e os Ramos dela aginha quebram e cááen en terra. Da gloria e honrra, nace enveja. A enveja geera muytos perijgos. Se lançares de ty as honrras, e cuydados do mundo, sempre viueras, e usaras de folgança da alma. Nen hũu non pode ministrar as cousas terreaaes, sen peccado. Poucas nezes acontece, que o Rico aia folgança. Aquel que anda metido nos negocios e cuydados do mundo, he apartado de deus. Aquel que poem o amor (FL. 107 v.) nas cousas do mundo, nõ sse delecta nen toma prazer, nas cousas do ceo. Nen hũu non pode auer iunctamente, a graça de deus, e do mundo, porque cara cousa he auer o cééo e a terra ygualmente, e cousa he que seer non pode. Amar deus e o mundo. Lança e enpuxa de ty, qualquer cousa que enpacha, ou pode enbargar, teu bóó proposito. De todo coraçom e uóótade da pena e auorrece, toda cousa que o mundo ama. Assy como marco te quita e parte, das cousas do mundo, e assy como soterrado, dellas nõ aias cuydado, e te priua de todo negocio terreal. Despreza em tua vida, o que depouys da morte, non podes auer. A todos da por deus, e non scolhas a quen des, nen per ventuyra passe, o que ha ha mester, por que non es certo, por qual prazeram mays a deus. Mayor seia a tua boa uóótade, e deseio de dar, que o dom que

¹ Por *humildade*.

das. por que tal seera a tua obra. qual for a tua emtençom. A quel que com tristeza da. perde o fructo e o gualardon. Nom he misericordia. hu nõ he ben querença. Non tomes a hũu por dar a outro. Nom te mostres misericordioso. do alheo. Non te aprovecta fazer hũu Rico. e outro proue. por que esta misericordia. mas dãpna que aprouecta. Sen uãagloria faze smola. por que aquel que aquy quer louuor. no outro mundo perde o gualardon. Os iustos no ceeo. e nõ [na] terra ham o gualardom. Onde tu que esto lees. non despreces en viuendo. e en teu fazer o que lees. Deo gracias. amen. Explicit (FL. 108).

11

Um fragmento da versão das "Partidas de Castilla,,"

Os monumentos literarios de Portugal, alem de serem, segundo julgo, em menor numero do que em muitos outros paises, sofreram grandes perdas pelo aproveitamento das folhas nas encadernações de obras mais recentes. Os livros mais antigos, que pela sua letra ou pela materia de que tratavam, não caíam no gosto do publico, eram descosidos e as folhas aproveitadas para capas ou guardas de novas produções. Conheço algumas folhas escritas em antigo português, que é a lingua que mais me importa, aproveitadas desta forma. Uma delas já foi publicada, outras duas publica-las-hei brevemente, e uma quarta, a mais valiosa de todas, que ha uns vinte anos achei na Biblioteca Nacional de Lisboa, perdi-lhe o rasto, bem como á copia que fizera. O assunto era de romance de cavalaria, e nele se falava de Julio Cesar!

A folha ¹ que publico agora encontra-se no Arquivo da Torre do Tombo, e pertence á encadernação de um codice que constitue o n.º 2 do maço 15 da *gaveta* 7. Essa folha está colada na parte interna das duas capas, e por esta circumstancia não oferece á vista senão duas paginas, as outras duas não as ousei descolar das tabuas que elas revestem.

A folha pertencia a uma versão portuguesa do *Livro das Partidas*, de que conservamos por completo a *Primeira* que pertenceu a Alcobaga; e a *Terceira*, que foi escrita por Vasco Lourenço dito *Çoudo* no ano de 1341, pertenceu ao Convento da Merceana ². Suponho que a folha que publico pertenceu á *Segunda Partida*. A letra, como a orthografia fazem acreditar que o codice era do seculo XIV.

A copia é a seguinte:

¹ Eu dou á palavra «folha», a significação que tem em tipografia.

² J. A. de Figueiredo, *Memorias da Lit. Portuguesa*, I, 283.

Título

to mays nos filhos que an. Ca se qualquer outra cousa que o homẽ faça a ama por que he sa feitura: quanto mais deue amar seu filho que he feito de seu corpo meésmo. e segundo natura con grande amor. E que fica depos ele en sa Renenbrança. E porque esta natura da aos padres damor aos filhos mays que outra cousa; e esta amizade os aduz a crialos com gram piadade. dando lhys aquellas cousas que entendem que lhys serão boas e per que sse mays aginha criariã. E lhys da outrossy siso pera os guardar que uenhan a criança conprida. E em costumes e en manhas. mostrãdo lhys aquellas cousas que deuem fazer. E depouys que lho mostrarem conuen que se sabham seruir deles. Ca assy he con razom e natura dereita. que os filhos sabham seruir e obedécer aos padres. Outrossy he que os padres se sabham seruir e ajudar sse deles. por que doutra guisa nõ lhys mostrariam que lhys auiam amor uerdadeiro. nõ xi lhys tornaria em prol a criança nõ na guarda que en eles ouuessen feita. E demais e cousa muy sen razom e que parece mal quando o homem senon sabe seruir do seu quitemente mays que doutra cousa: pera sse seruir deles a sa uóntade. Onde aquela gente se mostra por amador da terra en que mora: que desta guisa se souber amar. e seruir. e ajudar de seus filhos.

Ley quarta. Que o pobóo se deue trabalhar de criar os fruios da terra. E as outras cousas per que sse am de gouernar e de mantéer:.....

Criar deue o pobóo con gran femença os fruios da terra. laurando a e enderençando a: pera os auer dela. Ca desta criança sa de manter a outra de que fala a ley ante desta. E dela se gouernan e se ajudam eles. e todalas outras cousas manssas e brauas. E por ende todos se deuem trabalhar: que a terra hu moraren seia ben laurada. E nengũu desto cõ derecho non sse pode escusar nen deue. Ca os hũus o ande fazer por ssas máãos: e os outros que o nõ souberen ou lhys non conuem deuen mandar como sse faça. E a todos comunalmente deue prazer e cobijçar que a terra seia laurada. Ca desque o for séera auondada de todalas cousas que lhys for mester. Por que bem assy como a todos praz con ssa vida: asi lhys deue prazer con aquellas cousas con que a ande manter. E non tan solamente disemos esto polas herdades de que ã os fruios. Mays ainda das casas en que moram e téen o seu. e Dos hedificiis que sse ajudam pera sse mantéer. Ca todo esto deuen laurar de maneira que a terra seia porem mays aposta. e eles aian ende sa-

hor e prol. E esto he hũa das cousas porque grande assessegamento e natureza toman os homéés hu ã a terra o que lhys conuen muyto de fazer de buscar todas aquelas carreiras que poderen e souberen pera fazer en ela prol e non anden baldios. Ca assy como os que son Raygados e assessegados na terra an razon naturalmente de a amar e de

xxj.^o

los mantéer en ssas bondades. A se[gun]da se algũ maa costume ouuessem tolhelos dele. A terceira guarecendóos das enfermidades que ouuessem. E nas armaduras que ouuesen outrossy deuen auer sabedoria en tres maneiras. A primeira se he bóon o ferro ou o fuste ou o coyro. ou a outra cousa de que os fazem pera conhocer se son fortes. E desy se som ligeiras. E esso méésmo he das armas pera ferir. que am de séer ben feitas e fortes e ligeiras. E quanto mays conhosceren os caualos e estas cousas. e os husarem tanto mays e milhor se ajudaram delas. e as tornaran a ssa prol.

Ley. xj.^a Que os caualeiros deuen séer sabedores pera conhocer os caualos. e as armas que trouxerem se som boas ou non.

Feitos non poden séer <caua> caualeiros per máão domen que caualeiro nom seia. Ca os sabedores antigos que totalas cousas ordinharom con razom¹ non teueron que era cousa con guisa nen que podesse seer de dereito. dar hũu homen a outro o que non ha. E bem assy como as ordijns dos oradores non nas poderia nenguu dar senõ o que as ha. Outrossy nõ ha poder nengũu de fazer caualeyro senon o que o he. Pero algũs teueron que el Rey ou filho herdeyro ainda que caualeiros non fossem¹ que beno podiam fazer per Razom do reyno. que porque eles som cabeças da caualaria. e todo o poder dela sençarra con o seu mandamento. E por esto o husarom e husan en algũas terras. Mays segundo razon verdadeira e dereita¹ nengũu non pode séer caualeyro de máão daquele que o non for. E tanto encaresceron os antigos ordim de caualaria que teueron que os emperadores nen os Reys¹ non deuem séer consagrados nen ordinados ata que fossem caualeiros. E ainda disseron mays. que nengũu non pode séer caualeiro per ssy méésmo por õrra que ouuesse. E como quer que en algũs logares o fazem os Reys mays por costume que por dereyto¹ con todo aquesto non teuerõ por bem os antigos que fosse dignidade nen ordim. nen regra nõ pode o homen tomar per ssy se lha outrin non da. E porende a mester que na caualaria aia duas pessoas. aquele que a da¹ e o que a recebe. E outro ssy teueron por bem que

mulher por onrra que ouuesse ainda que fosse enperatriz ou Rainha por herdade: que non poderia fazer caualeiro per ssa mão. Como quer que podera Rogar, ou mandar alguũs de seu senhorio que os fizessem áaq̃el que ouuessem dereito de o fazer. E ainda disseron que homem desmemoriado, nen no que fosse de meor hydade de catorze anos: que non deue nenhũu deles esto fazer, porque a caualaria he tan nobre e tan onrrada que o que a da, deue entender o que faz en dala. O que estes atáães non poderiam fazer, porque sééria cousa muy sen Razon de sse trameter de feito de caualaria: Aqueles que non ouuerem non ham poder de meter hy as máãos pera obra dela. Pero se algũ fosse caualeiro: primeiramente e depouys lhy acaescesse

PEDRO D'AZEVEDO.

Investigações ethnographicas

I

Superstições

«E que me dizeis á pesima criasão, que costumão os pais dar a seos filhos, entregando-os a amas, e criados de pouco juizo, e nenhuma instrução; e ás vezes tambem de pesimos costumes? D'aqui forsozamente nascem mil erros de que em quanto Deos nos não dá lus especial não costumamos duvidar; estando firmes que são verdades certas: e se queremos examinar em que fundamos o noso asenso, vemos que é; porque asim o ouvimos sempre á nosa ama, e criadas com quem vivemos; que sempre são povo, e bem vil povo. Aqui entrão os dias que chamão *aziagos*, isto é, proprios para disgrasas; como muitos dizem que são as Sestas feiras, e aqui entra a diferença do pé direito ao esquerdo, tendo por máo indício entrar n'uma caza com o pé esquerdo. Aqui devemos pôr o medo das coizas más, em lugares escuros; como se o demonio tivesse medo da lús do candieiro; e não pudesse aparecer de dia, como de noite. Devemos tambem contar o erro comunisimo de que o *corasão adevinha*; erro de que oje estão tenasmente posuidos muitos omens de juizo.»

(Padre Teodoro d'Almeida. *Recreação filosofica*. Tomo VII, pag. 141).

II

A oliveira

«A qual arvore dá tão apertadamente a mão de amiga á Castidade, que (como escreveu Pierio) se faz mais formosa, e fecunda, quando pessoas castas a cultivão. Donde veyo que em algumas terras (diz Florentino) era antigo costume, quando concorria gente a varejar algum olival, tomar-lhe o juramento de que não vinhão de parte sospeitosa, senão de casa de suas mulheres: e outros donos, para mayor segurança, chamavão para este trabalho, a moços de pouca idade; pela experiencia que já tinham de que a seguinte safra sahia mais rendosa.»

(Padre Manoel Bernardes. *Nova Floresta*, tom. II., pag. 339).

III

Danças

«Os antigos as explicavão com diferentes nomes. A *Emalia* era dança tragica, e grave: o *Cordacismo* era bayle comico, e de zombaria: o Sicinnio ¹ era meyo entre esses extremos. *Sallatio Pyrrichia*, era dos soldados, que acompanhando os movimentos do corpo com os das armas, representavão huma briga secca, com acometidas, e retiradas; idas, e venidas; pontas, talhos, e revezes ². O *Tripudio* he meter o movimento dos pés dentro das leys de certos numeros compassados. Assim os Lacedemonios dançando em seus dias festivos, fazião memoria de tres differenças de tempo; porque os velhos cantavão: *Nós fomos valentes*; os mancebos: *Nós valentes somos*; e os muchachos: *Nós valentes seremos*. Os bayles Bacanaes: *Sallatio Bacchica*, era festa jovial, e descomedida: usava-se nos banquetes.»

(*Ibidem*, pag. 4).

IV

Linguagem infantil

«Chorão as crianças por nos beberem o sangue, que lhes havemos ter sempre prompto em duas bilhas de leite.. Que me diz daquella sorna, com que havemos estar todo o dia a musiquiarlhes humas letras, que elles nos ensinarão, fazendo-lhes nós o compasso, com as mãos nas costas, e fazendono-lo elles com os pés nos narizes; tornamos, menina, aos dias em que nascemos: não sabemos dizer outra cousa, senão *nana nana, papa papa, papão, coco*, e outras ridicularias balbuciantes, como o vem a ser aquella de lhe pedirmos chamam pelo paizinho..»

(*Governo do Mundo em seco*, por Manoel Joseph de Paiva, tomo 1, pag. 272. Lisboa, 1761).

¹ [No texto Sicinis.]

² Hoje conhecida, em Portugal, por *Dança das espadas*.

V

Antigas modasa) **Donaires**

«No tempo de minha avó, quando tinha cahido nesta terra huma praga de donaires, que aqui andou, e que fazia inchar a gente de sorte, que huma mulher, por magra que fosse, parecia hum tonel, que em lugar de alguma adoella, que lhe faltava, tinha muitos arcos de sobejo. Perguntey eu a hum curioso de antiguidades, se sabia de donde erão oriundos aquelles inchados Cavalleiros? E elle me respondeo: Que as mulheres tanto morrerão por andar á moda, que a moda lhe pagou o affecto em lhe offerecer aquelles mausoléos, ou eças, em que jazião embalsamadas para o espectaculo do povo..»

b) **Espartilhos**

«E que me dizeis vós a huns espartilhos com humas mangas curtas, a modo de azas, em figura de vaso de flores, para que a cara da Dama faça o papel de rosa em ficar nascendo daquella vasilha, que está cheya de terra?»

(*Ibidem*, pag. 234).

VI

Dança dos minuets

— «Fazey differença nas danças; não vos pareça, que passarinhos, e pardaes todos são iguaes: a gente limpa já não usa d'aquellas, em que o homem andava barba a barba com a mulher em o lascivo duelo, que significa o baile, para que se desafiavão, depois que discurrerão prudentemente, que por linha recta não serão buscados hum, e outro, sem o perigo de serem as feridas penetrantes no coração mais robusto do Galan, e no peito mais fragil da Senhora Dama: pareceo-lhes esta dança cousa de brutos como briga de gallos, que ora recuão, ora investem, até que de estimulados buscão o poleiro por alivio; e por isso mandarão vir de fóra, a que agora costumão, em que por linha transversal he a Dama buscada do Galan, como por huns rodeyos de *fore ut*, que lhe fazem andar com a cabeça á roda, até que se ajustão as pazes, e se dão as mãos.

— «Ainda assim essa dança dos minuets sempre he muito peri-

gosa; porque se hum pessoa não vay por seos passos contados, e lhe escapa hum pé, arrisca-se a cahir num erro, e se anda como manda a regra, em muitos».

(*Ibidem*, pag. 198).

VII

As tourarias

«*Soldado*. Eu hey de fazer huns embarginhos de terceiro, interpostos pelos devotos de S. Marcos, porque ficarão sem ver touros, e morrerão á pura melancolia.

Letrado. Tão letifera he essa vista? Ás vezes me succede ser horrorosa, quando se chegam os touros perto de mim.

Soldado. Não que elles costumão vellos de palanques.

Letrado. Acto he, que nunca presenciay; porque sendo eu rapaz, vi de lá vir a hum visinho meu com as pernas quebradas pelo seu dinheiro, e a outro com humas sezoens, que lhe custarão baratas, por ficar da banda do Sol.

Soldado. Eu vos refiro os progressos desta Comedia, que se intitula *Modos de sacar dinheiro*, e julgareis de fóra, sem seres suspeito, a qualidade della; pois os que lá vão só porque lhes não chamem tollos em gastar totalmente os seus tostoens, approvão a parvoice, que vem revestida de algumas galantes cores, com que mal se disfarça. Dalhe principio uma figura do tempo antigo, que vem a cavallo, sem ser cavalleiro; porque desta dignidade o privarão, tirando-se-lhe as inquirições de genere, e não se achando noticia de seu pay, fama sim de seu avô, que parece era homem de baixa esfêra, mas muito engraçado o que bem mostra ainda o *neto* nas galantarias que faz; e só nisto das cortesias parece pouco expedito, porque tanto anda para traz, como para diante. Segue-se a irmandade dos aguadeiros, e a dos cruzdiabos; estes mandando, em nome do seu patriarca, não esteja ninguem no corro, que não fique corrido, e aquelles pedindo com muitas lagrimas, que derramão, ao Deos Neptuno, que por falta de agua não seja a festa tão secca. Enquanto huns molhão, e outros alimpão, avistão-se ao longe humas danças de torna viagem, que bem mostram o muito que tem passado pela linha, e que agradão no povo grosso na ligeireza, com que se vão embora, cantando por despedida este saynete da mesma Comedia:

Porque nos pagais,
Bem vindos sejais,
Se vos enfadais,
Ainda lá vem mais,

e o mais que vem é o Cavalleiro por primeiro Galan, e os Capinhas por acompanhamento. Acha-se na praça hum touro, que faz o papel de bobo á falta de homens, que não querem mostrar as suas habilidades em publico; e depois de feitas certas cortezias de cavallo. O esclarecido D. Quixote de la Mancha, firme, e resolutos pela banda de fóra, empunha huma lança; e como se o touro lhe tivera chamado algum nome, chamando-lhe tambem o mais afrontoso, o avança, e até que ás lançadas o mata, não socega. Ficando victorioso, mas ainda colerico; espera que os seus parentes lhe venhão vingar o sangue, e a ferro frio com ajuda dos seus visinhos mata os seus quinze, ou dezaseis, que sahem nesta diligencia, e retira-se mais contente, e com mais applausos dos circumstantes, do que se tivera defendido humas Conclusoens de toda a Filosofia; e acabou-se a Comedia.

Letrado. Só de ouvir contallo, se me arrepião os cabellos! Ainda vos faltou o papel de barbas.

Soldado. Na minha estimação, não hé caso disso, e se são precisas, fação-o quantos barbados lá estão rindo, e galhofiando de verem a hum homem a cavallo matando boys, que não tem culpa, de que haja neste mundo aquelle modo de tirar dinheiro á gente.

Letrado. Reparo em huma grande differença que ha entre as Comedias e as tourarias; porque naquellas representa a gente mais vil as acçoens da gente mais nobre, como Reys, Emperadores e outros personagens; e nestas representa a gente mais nobre as acçoens da gente mais vil, como cortadores, e magarefes. Se por aqui não anda a humilidade contra a soberba, eu não sey, em que isto consista.

Soldado. Não fica diversidade, em que se repare por aquella regra. Tanto parece o mais como o menos. Eu em que reparo, e de que me admiro he, que para o Author de uma Comedia ajustar hum casamento, fórma muitos annos de progressos amatorios, e lances discretos, que lhe custão conceitos multiplicados em versos muito elegantes. E em huma tarde destas o author da galhofa, que não sabe qual é a sua mão direita, senão quando a mete na algibeira aos circumstantes, com este enredo não mais, em que não mete palavra, que bem dita seja, faz casar ao Cavalleiro com a Dama estupenda, ao Neto com a viuva frescalhona, ao Capinha com a regateira desgarrada, ao Casquilho com a donzella toureira; e até ao pretinho dos caens com a negra cachorra.

Letrado. Já que estamos no fim de huma, e outra cousa, deixemos esta galhofa no fim.

Soldado. E deixando-a no fim, fica com a censura, que merece; porque em fim sempre os touros são cousas de rapazes.»

VIII

Comer sapos e lagartos

«Isso he manha de Portugal, a comer, e a dizer mal. Nunca levey á paciencia pôr eu um amigo á minha mesa, onde lhe dou de jantar, e pregar-me elle nos narizes com os pratos que lhe meto na boca, dizendo que não gosta; porque aquillo não presta; quando talvez que em sua casa coma sapos, e lagartos, por não ter outra cousa.»

(*Ibidem*, tomo II, pag. 323).

IX

Lobishomens

«Muytas vezes teremos ouvido referir admiraveis casos de trãsformações de homens em brutos: & toco aqui alguns brevemente. Niceforo Calixto refere de Teridates, Rey de Armenia, com outros muytos da sua Corte convertidos em cochinos & mordendo-se huns aos outros, em castigo de que teve a S. Gregorio Taumaturgo quatorze anos prezo em hũa escura, & lodosa cova. Vincencio Bellovacense, & delle o Bispo Simão Mayolo, contão o que succedeo em tempo de Pedro Damião, de hũas mulheres estalajadeyras, que por más artes transformavão os seus hospedes em jumentos, & como de taes se servião, ou os vendião, & alugavão; até que prezas, confessarão o delicto diante de Leão Papa. Olao Magno, Arcebispo de Upsal (Cidade de Scandinavia, & antigamente Metropole da Suecia) refere, que hum Duque de Prussia colheo ás mãos hum homem, que se dizia geralmente devastava os gados de noute convertido em lobo, & o fez confessar que era verdade, & o obrigou a tomar dentro do mesmo carcere a fórma que costumava, e despoes que tornou a figura humana o mandou queymar. E diz maes por cousa certa que em Lithuania na Noute de Natal, se ajuntão de varias partes muytos feiticeyros em certo posto já entre si concertado, onde se convertem em lobos, & despoes espalhados pelos campos fazem gravissimos males na gente, & nos gados, e nas fazendas.

(Padre Manuel Bernardes. *Nova Floresta*.
Tom. III, pag. 469).

X

Companhias dos pilhantes ¹

Queria fazer allusão á estas companhias Antonio Serrão de Crasto, na seguinte decima do seu poema *Os Ratos da Inquisição?*

«Mala a fazeis para mim,
e com vossa ruim treta
d'ella vós fazeis maleta,
mochila, alforge e coxim;
porque entrando n'ella emfim
muito leves e ligeiros,
soldados aventureiros,
com vossas *pilhantes tropas*
vos fazeis meus guarda-roupas
e tambem meus dispenseiros.»

XI

Ciganos

Do Governo do Mundo em seco, de Manoel Joseph de Paiva:

«Conte as valentias de hum namorado, os raios de hum Castelhana, as caramunhas de hum pedinte... as labias de huma sigana...»

(Tomo 1, Prologo).

«Estes homens devem ser siganos, porque sempre entrão com humas parlendas tão elegantes, que se engana a gente com ellas...»

(Tomo 1, pag. 15).

«Que sigano vendeo cavallo, que não proferisse era hum bucefado na galhardia?»

(*Ibidem*, pag. 25).

¹ Vide *Revista Lusitana*, vol. 15.º, pag. 244.

«Prega tamanho couce, que nem cavallo de sigano, depois de vendido.»

(Tomo II, pag. 4).

«O Pobre deve ser algum sigano quebrado que se valeo da confraria da labia, para passar o resto da vida alegremente: mas eu hey de fazer a minha diligencia para ver se lhe posso tirar a sina.»

(*Ibidem*, pag. 115).

«Esses nomes são da syntaxe de criticos, para se entenderem com elles como ciganos por giria...»

(*Ibidem*, pag. 262).

XII

Pregão lisboeta em 1838

«*Quem as quer do Callaia e do Pão-quento? quem quer sortes? quem se quer habilitar aos cinco contos de réis? merca as sortes???*»
Apregoava um rapaz quando me apeei perto de uma das arvores do Caes do Sodré».

(*Revista Litteraria*, N.º de 31 de dezembro de 1838, pag. 217, Porto, 1838).

XIII

O canario ¹

Armei um laço na serra
Para apanhar um canario,
É ave que custa caro
P'lo lindo cantar que tem.
Mandei-o de presente ao rei
E á condessa da Ribeira,
Mandou fazer 'ma gaiola

¹ «Canario, s. m. Peça que se tangia na viola, e a cujo som se dançava» — *Novo Diccionario de Lingua Portuguesa*. Typ. Rollandiana, 1806.

Da mais fininha madeira.
Depois da gaiola feita
Metteu o canario dentro:
Quer de noite, quer de dia,
Era o seu divertimento.
O canario adoeceu
Com grande constipação:
Mandou fazer uma junta
De vinte um cirurgião.
Á primeira lancetada
O canario esmoreceu:
Á segunda que lhe deram
Caiu p'r'ó lado e morreu.
Mandou vir o sacrista
Que fizesse os seus sinais;
Levou de acompanhamento
Trinta duzias de pardaes;
Aonde ia o pintasilgo
Mettido em grandes luxos:
Salta o gato na vizinha
Prega com tudo no bucho.

(Recolhido em Elvas).

XIV

Medicina popular

Remedios para a cura da ictericia:

- a) Cheirar pepinos de S. Gregorio.
- b) Um rosario de alhos vulgares, dependurado do pescoço, e que toque na pelle.
- c) O branco de um ovo batido, com umas gôtas de agua de rosas, tomado pela manhã, em jejum.
- d) Deitar dois alhos porros no bacio e urinar sobre elles.
- e) Uma casca de ovo, contendo urina do doente, collocada á chaminé: á proporção que a urina se evapora, desaparece a ictericia.
- f) Um bocado de baêta de seda nova mettida numa panela de barro, vidrada, e posta no forno até torrar a baêta: e, reduzida depois ésta a pó, tomar uma colher d'elle todas as manhãs, em jejum.

Remedio para a cura das verrugas:

Tomam-se tantas pedrinhas de sal quantas forem as verrugas; e embrulham-se num trapinho, que se atou com uma linha; vae-se depois a uma fonte e deita-se o embrulho para o chafariz, e foge-se sem se olhar para traz.

(Recolhidos em Elvas).

XV

A entrega do ramo nas arrematações

... «contenuára o dito Porteiro com os pregoens dizendo, ha quem me dá mais de cento e trinta e seis mil reis por huma Tapada de olival no sitio do outeiro do Castelhana, com o encargo do foro que tiver, faça lanço, que está para se vender e arrematar; ha quem me dê mais, ou diga mais, doulhe huma, doulhe duas, doulhe outra mais pequenina, doulhe a primeira e a treceira, e esta que é a verdadeira ha quem me dá mais senão aremato.

... ao qual o dito porteiro arrematou a ditta Tapada do olival, na ditta quantia de cento e trinta e seis mil reis, metendo-lhe um ramo verde na mão em sinal de sua arrematação, e de como elle o aceitou, ouve a ditta Tapada de olival por arrematada » ...

(Auto de arrematação lavrado em Elvas, em 5 de setembro de 1762, - Cartorio da casa de João Miguel Francisco da Silva de Sequeira Barreto).

XVI

As lavadeiras

Pelo entrudo, em Villa Boim (concelho d'Elvas), reúnem-se por vezes, ás noites, seis ou oito homens, vestem-se com trajos de lavadeiras, e, de mascaras afiveladas, com trouxas de roupa á cabeça, vão bater ás portas de certas e determinadas casas de lavradores, onde previamente mandaram aviso da sua ida. Sendo desde logo recebidos, pedem alguidares com agua para a lavagem da roupa, alguidares que, de resto, já estão preparados para esse effeito. Collocadas de joelhos em frente dos alguidares, e conservando as mascaras, começam as oito *lavadeiras* a

lavar e a bater a roupa; a pouco espaço, uma d'ellas, sob qualquer pretexto, descompõe de palavras a companheira do lado. Arma-se então grande baralha entre todas, e no *dize tu, direi eu*, vão assacando umas ás outras as responsabilidades (como alcoviteiras) de todos os peccados de amor, e de outras paixões, perpetrados, quer pelas moças e moços, quer pelos demais habitantes da Villa, fazendo-se assim, junto dos alguidares, e a bater roupa, a chronica escandalosa da povoação desde o entrudo passado, — uma especie de *revista do anno*, ouvida, no meio de grandes gargalhadas, pelos assistentes, que, findo o espectáculo, gratificam os actores.

É antiquissimo este uso carnavalesco.

XVII

Galas e enfeites masculinos do seculo XVIII

«Desde o bico do pé até á cabeça anda hum destes Cavalheiros bizarros (ou qualquer destes bizarros, ainda que não sejam Cavalheiros) armado de vaidade, e de estudos da sua compostura, que são cativeiros de espirito, corrupções dos costumes, da Republica, e despezas da sua fazenda, ou talvez da fazenda q̃ não é sua. Lembra-me, q̃ chegando Francisco de Brito Freire, Fidalgo bem conhecido neste Reyno, aos pés de hum Confessor desta Congregação, e fallando-se no luxo destes tempos, disse, apontando para a sua volta: Aqui trago pendurados ao pescoço 120 homens de cava. Queria dizer, que lhe custara o que podia bastar para meter na cava de suas vinhas, um jornal de 120 trabalhadores. Hoje volta de vinte mil reis, ou cabelleira de trinta são muito ordinarias e despreziveis. Ha volta de cem mil reis e cabelleira de duzentos. E não se falla no que a cabelleira custa depois a sustentar com os officiaes, que frequentemente a penteão, e com oleos, e polvilhos, e bolsas, e empadas de pão, que vão ao forno, com os mas-sacrococos, ou canudos de cabellos dentro (em lugar de aves ou de peixes) para ali ganharem com a efficacia do fogo, a fôrma de anneis mais duravel, nome que já no seu tempo lhe deo Marcial:

Unus de toto peccaverat Orbe comarum.

Annulus.

.....

Pesa-lhes a estes Cincinnatulos de serem feitos da mão do Creador; e parece-lhes que não sahirão della do modo, que havia de ser, e assim tratão quanto podem de emendallo. Este pé havia de ser mais pequeno: que remedio lhe darey? Ajudando-o por detraz com o salto do

capato, ficará metido quanto á perspectiva em linha diagonal, cuja base necessariamente sahe mais breve. Ou tambem ficará escondida sua grandeza entre topes, ou rosas de fitas: ou armando os furos da fivella longe do peito do pé, ficará grande parte delle pertencendo ao anterior da perna.

.....

Mas o rosto, que em fim nem sempre sahe das mãos da Natureza com taes proporçoens, que a fórma prevaleça á materia, que lhe havemos de fazer? Seja *feyo sim, mas galhardamente feyo* (como disse hum Poeta:) desculpallohemos com as mais gallas e enfeites, que acompanhão o corpo: franjoens de ouro nos canhoens das luvas, botoens de diamantes nos punhos do camisote, garavata em que vamos enrolando o pescoço, tendo mão fortemente na ponta della hum criado, para que nos fique justa, e o sangue rebentando pelas faces. Tambem não faltarão tranças, e fitas, e cor, e cheiros; até para lavar os entrededos dos pés, não faltará cada noite agoa de Cordova. E para estes aparelhos teremos, como tem as damas, um aposento determinado, que se chama toucador.»

(P. Manoel Bernardes. *Nova Floresta*, tom. iv, pag. 71).

XVIII

Galas e adereços femininos do seculo XVIII

«...Participando tambem o ornato de huma mulher de cada região do mundo alguma cousa, com razão, e verdade se chama este ornato Mundo. Vejamoslo mais em particular:

Dos Reinos do Decão, e Bisnagar, e de Golocondá na India Oriental, leva esta diamantes: da Bactria, Scythia, e Egypto, esmeraldas: dos Reynos de Pegù, e da Cidade de Calcut, e da Ilha de Ceilão, safiras: do Seyo Persico entre Ormuz, e o Bassorá, da Samatra, ou Taprobana, da Ilha Borneo, e em Europa, de Escocia, Silezia, e Bohemia, leva perolas: do porto de Julfar na Persia, leva aljofar (que dalli se derivou este nome) da Cidade de Syene no Egypto superior, e do mar Thyrreno leva coraes, que se se disterrão já dos Rosarios, e bracetetes, ainda se admittem em brinquinhos e veronicas: dos campos de Piza, e dos montes Alpes leva cristaes; do mar de Suevia, e de Lubeca leva alambres, que são as fabulosas lagrimas da irmã de Faetanté, choradas solememente cada anno pela sua desgraça: dos Reynos do Monomotapa, e Zofala na Cafraria, e da região de São Paulo

na nossa America, leva ouro: do Serro do Potosi nas conquistas del Rey Catholico, leva prata: de Alemanha, os Camafeos: de Moscovia, as Zebellinas, e Martas; e do Palatinado as mais aperfeçoadas: de Helvecia região dos Suizaros, os Arminhos: do Brazil os Sauguins para manguitos, e os Coquilhos para contas: da Cidade de Tyro em Fenicia a Purpura; da Serra da Arrabida Graa: de Portugal, e Castella a Co (?): de Veneza, e Hollanda os Espelhos: de Provença, e de Roma as Pomadas para fazer as mãos massias, e cheirosas: de Cordova, e Hungria ao menos as receitas para as aguas odoríferas destes nomes: das Indias de Castella a Almeya, e oleo della para as mãos: de Tunique o Almiscar; do Maranhão, e Siará o Ambar; de Angola, Guiné e Cabo Verde a Algalia: das nossas Indias o Calanbuco, e Aguila, os Canequins, e paninhos de Coco, e os Toribios: da Africa as pennas dos Avestruzes, para os cocares de plumas: da China os Los, os Leques, e as Chitas: de Granada os Tafetás: de Flandres as rendas; da Cidade de Cambray as teas finissimas, e candidissimas, que tem este nome: de Guimarães as linhas: de Leão de França as primaveras: de Modaba na Persia, e de Italia as Telas: da mesma Italia os Damascos: de Florença, Genova, e Napoles os Chamelotes: de França as luvas, os sinaes para o rosto, e tambem os leques, huns mayores para o Verão, outros mais pequenos para o lar no tempo de Inverno: de Inglaterra as meyas, fitas, e relóginhos de algibeira: da Arabia a Gôma, que tambem serve officio neste mundo: da Batalha os Azeviches, para dar figas aos mãos olhos.

Que mais? He necessario que concorra tambem o Mar, não só com as Ostras, que se esbulhem das Perolas; senão tambem com as Tartarugas, que desarmem as costas para pentes, e cofrinhos, e com as Baleyas, que empenhem as barbas, para sahir um justilho, ou propõem bem desarrugado: são necessarios de varias partes varios materiaes para buquetas, escritorinhos, bauys, guarda-roupas para recolher nos camarins, e escaparates este mundo abbreviado; são necessarios vidrinhos, e garrafinhas, e redomas, e buquetas, curiosa, e ricamente forradas, para toda a pharmacopolia de ingredientes liquidos, e seccos, simples, e confeccionados, que servem de estender o dia da fermosura, quando já vem cahindo mayores as sombras dos altos montes da annosidade e de dizer na cara ao desengano, que mente. Que mais? São necessarias até as nuvens do Ceo, para a primeira agoa de Mayo, que opinarão, fazia o carão lustroso; são necessarios até os mortos, para as cabelleiras, se as não quizer o luxo antes tiradas das entranhas dos bixos, fazendo-as de seda.»

XIX

Superstições e agouros

«Pessoas de genio agourento, e supersticioso, qualquer acaso escutam como hum Oraculo, e venerão como sigillo de algum mysterio, interpretando ser insinuação do Ceo, que as avisa. A mesma etymologia do nome superstição o está dizendo: *Superstitio dicta est à falso timore rerum super nos stantium: Celestium, & Divinarum veluti nos monentium*. São rastros, ou reliquias (como diz Santo Thomás) que nos ficarão da Gentilidade idolatra. Tomavão agouro de se entornar o saleiro, de pousar no tecto da casa algum corvo, e alli cantar o seu cras cras, de uivar algum cão à porta, de encontrar logo ao sahir de casa com alguma donzella, porque o tinham por sinal de esterelidade; e se encontravão com mulher mundana, por sinal de felicidade nos commercios e negocios: Santo Agostinho traz outros exemplos igualmente vãos, e ridiculos: se indo andando dous companheiros, passava por meyo delles alguma pedra, ou cão, ou menino: se ao sahir de casa tropeçavão, que neste caso tornavão a recolherse: se ao calçarse succedia espirrar, que então tornavam para a cama: e tambem alli aponta o agouro das doninhas roendo os vestidos. Se estando à mesa, succedia espirrar a pessoa muitas vezes, acodião os amigos, e commensaes a affugentar o agouro com deprecações de prosperidade. Por ventura, que daqui tivesse principio a cortezia, que hoje usamos quando alguém espirra, se bem outros o attribuem a causa mais religiosa, e pia.

Erão tambem grandes observadores das palavras que ouvião a outrem, applicando-as a designio proprio, como respostas dirigidas por superior causa. Do Emperador Augusto escreve Glycas que na noite antecedente à batalha Actiaca, encontrando no campo hum homem em hum jumento, lhe perguntou como se chamava. Eu, disse elle, me chamo Eutyches (quer dizer feliz) e o meu jumento Nicon (quer dizer vencedor). Daqui tomou sinal de que havia de vencer, como venceu felizmente, e edificando huma Cidade, a que poz o nome de Nicopolis, collocou nella duas estatuas de bronze, huma de hum homem, outra de hum jumento. Semelhante caso traz Valerio Maximo de Paulo Emilio, a quem encarregara o Senado a empreza da guerra contra os Persas. Ao entrar em casa, lhe sahio ao encontro huma sua filhinha, mostrando tristeza no semblante, e perguntada a causa, disse: Morreo o Persa (era um cachorrinho de estrado, que tinha este nome) e Paulo entendeu daqui, que havia desbaratar o Persa.

Estes são os agouros que propriamente chamão os Latinos *Omina*, donde, como notou S. Agostinho, se derivou o verbo *Abominor*, *abominar*, porque se tomão não de outras creaturas varias, senão da boca do homem: *Omen* (diz Escaligero com Cicero) *quod ab hominis ore excipitur.*»

(*Ibidem*, tom. v, pag. 315).

XX

O Côco

Notavel medo faz à virtude, que está no berço, & anda em mantilhas, este coco, do que dirão; mas a que já he crescida, como conhece os espantalhos, ou os despreza, ou zomba delles.

(Frey Antonio das Chugas. — *Obras Espirituaes*, pag. 124).

XXI

Feio como um côco

«O diab'alma — mas não pobre diabo — chamado Côco Raphael falleceu ha mais de 30 annos. Era horrendo: e como a gente do povo costuma dizer para caraterizar a extrema fealdade — *feio como um côco* — o mau sapateiro de que vou tratar era de todos conhecido pelo apodo de *Côco Raphael*. Outro nome ninguem lhe dava em Campo-Maior, a terra das alcunhas populares.»

(*O Elvense*, n.º 177 de 12 de Outubro de 1882, num artigo, de João Dubraz, intitulado PROSAS SATYRICAS).

XXII

Da fórma em que se ham de fazer as prociçoins

... «E ordenamos que em todas as prociçoins de nosso Bispado não levem passos da escriptura sem pr.º serem aprovado pello nosso Provizor, nem vá nellas molher alguma por figura, nem as danças, fo-

lias, e pelas se metão aonde vay o Clero, nem entrê nas Igrejas, e só poderam entrar as dansas de meninas de onze annos p.^a baixo; e nas procissões de penitencia não se levem pellas ruas confeitos, doces, vinho e outras couzas de comer pera refeição dos penitentes, e só o poderão fazer, e deputar os mordomos, ou confrades cazas nas ruas por onde passa a procissão pera nellas acudir aos penitentes, q.^{do} seja necessario; e estes não levarão fitas, sinais, ou tenções pera serem conhecidos; porq̃. de todos os abuzos sobredittos rezultão indecências, peccados, e escandalos, e se dá ocazião aos hereges estrangeiros p.^a zombarem dos ritos e ceremonias santas da Igreja.»

«Cap. xx dos *Decretos e Leis Sinodais de 1652*, feitas e ordenadas pelo Bispo d'Elvas D. Manoel da Cunha».

XXIII

Das prohibiçõins das compras e vendas na Igreja

... «Fomos informados q̃ nas Igrejas, e ermidas do nosso Bispado nas festas das Confrarias se apregoam as offertas e fogaças com grande indecencia da Igreja, perturbação dos Offícios Divinos, que nella se celebram, e escandalo das pessoas timoratas, e prudentes. Ordenamos e mandamos a todas as pessoas eccleziasticas, a cujo cargo está o governo das Igrejas e ermidas sobredictas, não consintão que em tempo algum se apregoem, comprem, ou vendão as dittas fogaças, e offertas com pena de excomunhão mayor, e de dois cruzados p.^a o accusador, e despesas da Justiça, e as mesmas penas impomos aos Confrades, mordomos, e quaisquer outras pessoas que fizerem o contrario, ou nesta materia incorrerem.»

Ibidem, cap. xxxi.

XXIV

Da fórma dos enterramentos nos dias mais solemnes

«Por nos conformar com o louvavel uzo da Igreja, ordenamos alem do que está por nossas Constituiçõins determinado, no tit. 14 § 12, que nos dias de Natal, Pascoa, e Spirito Santo, e quinta, sexta, e sabbado

da Semana Santa se não dobrem sinos em Igreja alguma por defuntos; nem se faça enterram.^{to} em todo o dia, salvo a necessidade o pedir principalmen.^{te}, e neste cazo se fará sem se dobrarem os sinos, e sem pompa alguma funeral, e em tal parte com vós baixa, de tal sorte que se não perturbem os Officios Divinos que nos dictos dias se celebram...

(*Ibidem*, cap. xxii).

XXV

Da reformation dos vestidos das pessoas Ecclesiasticas

... «Prohibimos que nenhum Clerigo desta nossa Diocezi ande em habito e trage secular, nem vestidos de cor, salvo daquellas q̃ por nossas constituicoins se lhes permitem; nem traga loba aberta de alto abaixo, nem mangas fora, nem gadelhas, nem çapatos de salto, ou de chispo, ou emrocados, ou picados, nem meias de gloria sub pena de dois mil rs. p.^a o meirinho e despesas da Justiça, alem de lhe serem cortados os seus vestidos.»

(*Ibidem*, cap. xxix).

XXVI

Romarias

«Estatuto Decimo Quarto q̃ falla nas romarias e modo q̃ se nellas terã.

«Por favorecer aquelles q̃ por sua devoção quizerem fazer romarias ordenamos por Estatuto q̃ fazendo as seguintes sejam contados: Jerusalem, para q̃ damos hum anno; vizitar a Caza de São P.^o em Roma seis mezes; p.^a Santiago de Galiza hum mes e meyo; para nossa Snr.^a da Agoa do lupe (*sic*) hum mes; para S. Vicente de Lx.^a tres somanas, com esta declaração que nenhũ benefeçiado possa fazer estas romarias sem pr.^o ter feita a pr.^a rezidencia de hum anno e q.^{do} partir pedirá licença em Cabbido e q.^{do} o que se asi for em romaria toorar trará certidão autentica em manr.^a q̃ faça fe como esteve em cada huma destas Cazas.

A romaria de Jerusalem se fará huma ves na vida, Roma de sinco em sinco annos, Santiago de sette em sette annos, Nossa Snr.^a de Guadalupe (*sic*), e São Vicente de Lx.^a de dois em dois annos.»

(*Estatutos do Cabido da Santa Igreja Cathedral da Cidade d'Elvas, feitos no anno de 1582. Mss. da Bibliotheca Municipal d'Elvas. N.º 12766 do Catalogo*).

XXVII

A votação por meio de favas

«Estatuto vigessimo Terço dos cazos em q̃ se votará por favas e não de outra manr.^a e do modo q̃ se nellas terá.

«Pa melhor se puder conservar o segredo das couzas q̃ se tratão em Cabbido e efeito do Estatuto precedente conformandonos com os Estatutos e costume antigo da Sé de Evora nossa Metropolitana em q̃ se trata do modo q̃ se terá no vottar por favas ou escriptos ordenamos q̃ se faça na maneira seguinte nesta Sé.

Tanto q̃ o Prezedente propuzer em Cabb.^o q.^aq.^{er} negocio antes de pedir vottos aos Capitulares lhes preguntara se lhes parece q̃ se deve detreminar por favas e não as pedindo nenhum em tal cazo podera tomar os vottos.

E se algum pedir Favas será obrigado a darlhas e se ao Prezedente esquecer de o preguntar podera cada hum dos capitulares pedir favas ao tempo q̃ ouver de dar seu votto ou antes.

Avera na caza do Cabb.^o huma bolsa com certo numero de tavoas q̃ servirão de favas brancas e pretas e hum vazo em q̃ se lancem de tal feição q̃ hum não possa entender o q̃ outro votou, e tanto q̃ o Prezed.^e determinar q̃ no cazo se votte por favas tomara da bolsa huma fava branca se o seu voto houver de ser de ssi ou preta se ouver de ser não e a lançara secretamente no vazo desta maneira o fara cada hum dos outros de modo q̃ nenhum possa saber antes ou depois o que o outro lançou.»

(Ibidem).

XXVIII

Manhans de barba

«Declaração do Estatuto 12.»

«Por este estatuto se concedem a cada Degnidade e conigo noventa dias em cada anno fazendo a rezidencia q̃ p.^a isso se requer e por acharmos q̃ na Metropoli, e em quazi todas as catredais do Reyno se lhe derão mais dez dias em rezão de manhans de barba e por outras cauzas q̃ ficão sendo o todo cem dias queremos q̃ daqui em diante se

pratique o mesmo na nossa Santa Sé e haja cada hum dos d.^{as} Degnidades e Conigos em cada hum anno os ditos cem dias de estatuto que tomarão juntos ou intorpollados com tal condição que não poderão pedir manhans de barba nem anojarsse por pay e may ou outra qualq. pessoa mais que tres dias e querendo nisto exceder sera porcontado seu Estatuto.»

(*Ibidem*).

XXIX

Villancicos pelo Natal

«O Mestre da Capella será obrigado na noute de Natal cantar o o Hinno das Matinas, e os responsorios, e thedeu Laudamos, e ordenar sempre alguns villancicos p^a a festa, e assim para a noute como para o dia.»

(*Ibidem*).

XXX

Candeias e cirios

«O Thezoureiro he obrigado a fazer dar á custa da fabrica todas as candeas necessarias no choro para as Matinas, e outras horas, e fazer dar as vellas brancas por dia de nossa Senhora das candeas, e as de vespora de Paschoa da ressurreição como vai no § seguinte.

Nestes dias de nossa Senhora das Candeas e sabbado da ressurreição darseha aos Conegos e meynos Conegos hum sirio branco de meyo aratel a cada hum, e aos quartanarios capelães de huma quarta.»

(*Ibidem*).

XXXI

Ciganos

«Ho cõde daquella ylha (Gomeira, ilha de Canarias) andava todo vestido de brãco, capa, e pelote e calças e çapatos e carapuça, q̃ parece cõde de ciganos . . . »

(*Historia das Navegações, viagens e conquistas dos Portuguezes*, Tom. 1, Descobrimiento da Frolida, cap. 4.º pag. 10).

— «Mayormente sendo que ha de dar esta sentença tão antigo domestico do amor proprio, que he ladrão mais cadimo, que o mais destro sigano . . . »

(P. Manoel Bernardes. *Nova Floresta*, tom. 1, p. 309).

XXXII

Gitanos

«Aos vinte de maio de 612 anos baptizei e pus os S. oleos a Paula filha legitima de Fr.^{co} de Souto, e Engracia Desnalha, gitanos, forão padrinhos Domingos Miž capateiro m.^{or} nesta Aldea e Anna Miž e por ser assim me assino. P.^e Gil Sardinha Buzio».

(*Livro dos assentos de baptizados casados e defuntos da freguesia de Santa Eulalia (concelho d'Elvas) dos annos de 1602 a 1622, folhas 76 v.*—Archivo da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

XXXIII

Superstições

Arde o velho barril, arde a cabeça ¹,
Em honra de João na larga rua;
O credulo Mortal agora indaga,
Qual seja a sorte sua?

Eu não tenho alcaxofra, que á luz chegue,
E nella orvalhe o Ceo da madrugada,
Para ver se rebentão novas folhas,
Aonde foi queimada.

¹ *Cabeça de breu*: mólho de cordas embreadas para servir de fogacho na extremidade de um pau, muito usado antigamente em Lisboa nas festas populares de Santo Antonio, S. João e S. Pedro.

Tambem não tenho hum ovo, que despeje
Dentro de hum cópo d'agua, e possa nella
Fingir Palacios grandes, altas Torres,
E huma Não á véla.

Mas, ah! em bem me lembre; eu tenho ouvido
Que na boca hum bochecho d'agua tome,
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir hum nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, he esse
O nome, que hade ter a minha amada:
Póde verdade ser, se fôr mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a boca: ah! não sei como
Não morro alli de pena!

Apparece Cupido: então soltando
Em ar de zombaria huma risada,
E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não foi bem pregada?

Eu já te disse: que Marília he tua:
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vais acreditar, o que te ensina
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe responde: *Quem debaixo*
Do açoite da Fortuna afflicto geme,
Nas mesmas cousas, que só são brinquedos,
Se agoirão males, teme.

(Thomaz A. Gonzaga, — *Marília de Dirceu*,
Lyra xiii. Parte II. Lisboa, 1825. — Nova Edi-
ção. — Estes versos de Gonzaga foram tambem
reproduzidos pelo dr. Leite de Vasconcellos
nos *Ensaíos Ethnographicos*, II, 250-251, com
uma versão italiana).

XXXIV

Magia

Numa escura gruta,
Funebre e sombria,
Onde entrar não pode
Esplendor do dia.

O Mago Sileno
Sózinho habitava:
E nella d'amor
Mysterios sondava.

.....
.....
*Dize-me, se tanto
Poder em ti ha:
A minha Marília
Constante será?*

Basta: diz o Mago;
E sem se deter,
Em hum livro pega,
E se pôz a ler.

Ossos serpentinos,
Seccos; e mirrados,
A arder logo põe,
Feitos em bocados.

Eis que o fogo accende,
Esparge no fumo
D'hervas venenosas
Pestifero çumo.

Tres vezes invoca
D'Erycina o nome;
Em quanto a materia
O fogo consome.

Apenas s'extingue,
Estrondo s'escuta;
Que até de temor
Estremece a gruta.

Em nuvem dourada
Amor apparece;
Que com mão mimosa
Huma corôa tece....

.....
.....

(*Ibidem*, Lyra II, Parte III).

XXXV

Canções de gesta

«Apuestamente tuuieron por biẽ los antiguos q̃ fiziessen los caval-
leros estas cosas, q̃ dichas auemos en la ley ante desta. E por ẽde or-
denarõ, q̃ assi como en tiempo de guerra aprendiessen fecho de armas,
por vista o por prueua, q̃ otrosi en tiẽpo de paz la prisiessen por oyda
por entendimiento. E por esso acostumbrauam los caualleros, quãdo co-
mian, q̃ les leyenssen las estorias de los grandes fechos de armas q̃ los
otros fizierã, e los sesos, e los esfuerços, que ouieron para saber los ven-
cer, e acabar lo que querian. E alli do nõ auian tales escrituras, fazian
lo retraer a los caualleros buenos, e ancianos, que se en ellos acerta-
uam. E sin todo esto aũ fazian mas, QUE NON CONSENTIAN QUE LOS JU-
GLARES DIXESSEN ANTE ELLOS OTROS CANTARES, SI NON DE GUERRA, O
QUE FABLASEN EN FECHO DE ARMAS.»

(*Las siete partidas del sabio Rey Don
Alonso el Nono*, tom. I, Parte 2.^a, título XXI,
ley XX).

XXXVI

O ramo verde nas arrematações

«... e convir o Procurador fiscal em que se vendese e arrema-
tase, mandou ao dito porteiro que afrontase e arrematase, e o porteiro
comesou de apregoar dizendo: em prassa vendo, em prassa arremato,

afronta fasso, que mais não acho, se mais achara mais tomara, que proveito hera pera a fazenda de Sua Magestade, dou-lhe huma, dou-lhe duas, duas e meya e outra mais pequinina em sima que fazem tres, ha ahi quem me dê mais, ou me diga mais, senam arrematado, pois que mais me nam dam fassalhe muito bom proveito, e por nam haver quem mais quizesse lamsar, de mandado do dito Doutor juis do fisco meteo o ramo verde na mam ao dito arrematante, que elle aseitou em signal de sua arrematasam . . .»

(Documento de 22 de Novembro de 1718.
«Carta de arremataçam de Manuel Gomes da Serra, do Alagar de fazer Azeite sitto na rua do Taboado da cidade d'Elvas» (Archivo da Casa dos Vasconcellos d'Elvas).

XXXVII

Qués, por queres

Na linguagem familiar, o alemtejano usa frequentes vezes da contracção *qués*, por *queres*. Encontramos essa contracção nos *Idyllios* de Antonio Diniz (Edição de 1811). Exemplos:

«Se por pobre esta dadiva despresa,
Não deixes, não de vir, oh Ninfa impia;
E riqueza terás se qués riquezas.»

(IDYLLIO IX).

«Desde que repontou a roixa Aurora
Que sahimos da rustica choupana,
E qués que hum pouco não descance agora!»

(IDYLLIO XII).

«Vai-te, minha Lycisca, na montanha
Como d'antes persegue as brutas feras:
Que saltas? que me qués? de mim que esperas?
Vai-te, que eu vou morrer em terra estranha.»

(IDYLLIO XX).

Cf. Leite de Vasconcellos, *Dialectos beirões*, VI, 15.

XXXVIII

O pellico

O pellico do pastor alemtejano (Cf. *Rev. Lusit.*, II, 45) também é celebrado nos *Idyllios* de Antonio Diniz:

«Alegre te obedeço, já estou pronto;
Este pellico todo recamado
De madresilva, lírios e giestas,
Eu o fiz do mais fino e branco vello
Do meu rebanho, elle he do cordeirinho
Que pario a malhada, que me deste.»

(IDYLLIO V).

XXXIX

Três é a conta que Deus fêz

Assim diz o povo. E Vergilio, na *Ecloga* VIII, diz:

«Terna tibi haec primùm triplici diversa colore
Licia circumdo, terque haec altaria circum
Effigiem duco: *numero deus impare gaudet.*»

XL

Corridas de touros nos adros das igrejas

«Dis o Bpº delvas que na dita cidade e em outros logares do seu bpado se correm touros dentro dos adros, e por esta razão se não dizem os officios em suas horas devidas, e se commettem muitas offensas de Deos no tal tempo nos ditos adros. Pede a V. A. por ser assi serviço de Deos e pera se os officios divinos fazerem em seu tempo com a solemnidade devida, e se evitarem as offensas de Deos, que então se commettem em os ditos adros, mande que se não corraõ nos ditos adros havendo-se de correr. E receberá mercê.»

ALVARÁ

Eu ElRei faço saber aos que este Alvará virem, que havendo respeito ao que na petição atrás escrita dis o Bispo d'Elvas, do meo Conselho, e vistas as cousas que alega; Hei por bem e me praz, que havendose de correr touros na dita cidade, nas vilas e logares do seu bispado, se não corraõ os ditos touros nos adros das Igrejas delle, e mando ás Justiças e Officiaes das Camaras da dita cidade, vilas e logares do dito bispado, que não consintão correr daqui em diante os ditos touros nos adros das ditas Igrejas, e cumprão inteiramente este Alvará, como se nelle contem. Lisboa 8 de maio de 1579. — *Rei.*»

(Archivo da Mitra Episcopal d'Elvas).

XLI

Um capitulo de visita

«Tãobem lhe recomendamos, e mandamos, q̃ nao concinta molher algua, ou rapariga q̃ passe de sete annos entre na Igreja a ouvir missa, ou assistir aos diversos officios sem q̃ levem mantos, ou mantilhas, e as q̃ por sua pobreza as não tenham uzem, e ponhão hum lenço na cabeça para estarem com mais decencia, não contentindo porem q̃ a cubrão com carapussas, ou capuzes q̃ costumam trazerem nos capotes, cuja observancia pomos com pena de excomunhão p^a q̃ tenha seu inteiro cumprimento.

(*Capítulos da visita feita pelo Bispo d'Elvas Dom Lourenço de Lancastro á Igreja Parochial de S. Lourenço, em 16 de Junho de 1765*).

XLII

Amuletos

Contra as escrofulas: uma cabeça de cobra, pendurada ao pescoço, e que toque na pelle.

Para as crianças se não babarem: uma bolsinha pendurada ao pescoço e que contenha uma pedrinha de camphora e alfazema.

Diz Landino que é cousa approvada para dór de dentes o dente de toupeira, mas que se lhe ha de tirar estando viva e trazê-lo atado ao dente, que doe.

XLIII

Proverbios e anêxins

Quando o rolão tufa, que fará o trigo!

Quem tem que comer, come; quem o não tem, passa fome.

Sobre azeitonas quem quer bebe.

Quando Adão cavava, e Eva fiava, a fidalguia onde estava?

Quem não gosta, sopeteia.

Quem não gosta, come menos.

Quem faz o que pode não merece censura.

Dois a cavallo num animal, á moda de Portugal.

Aguenta, branquinho, que has de ser gallo para o anno.

Não é calhandra, mas perto lhe anda.

Má obra, mestre, o cavallo morre.

A terra nos cria, a terra nos come.

Para padre, antes pai.

Abobora, que arroz é agua.

Dentes raros, dentes de mentiroso.

Telhados velhos tudo são goteiras, e madeira velha tudo é caruncho.

Quantos menos vultos, mais claridade.

Ás horas de comer sempre o diabo traz mais um.

Manhã de nevoa, tarde de passeio.

Com Ritta ninguem brinca.

Por moda, um olho fora.

Por tento demais não se perde o jogo.

Deixa-te a *terça*, porque morre a *segunda* (segunda-feira).

Quem quer ter honra, dê-as.

Uma cousa é prégar, outra dar pão.

Tu, que não podes, leva-me ás costas.

Amigos... amigos!... eu não tenho amigos: portas velhas não teem postigos.

A semente da lingua não a comem os pardaes.

Os rapazes dizem o que fazem, os velhos o que fizeram, e os tolos o que hão de fazer.

Ave de bico não faz o dono rico.

O que as mãos não levam, paredes o dão.

A figueira quer ter o pé na agua e a cabeça ao sol.

Mais vale acertar devagar do que errar depressa.

Cuidava o cego que via, e cuidava o que queria.

As cerimonias são para a igreja.

Metter boga para saccar bordalo.

Quem rouba um pão é ladrão, quem rouba um milhão é barão.

O mal adquirido é mal luzido.

A razão sempre está da parte do dinheiro.

Anno de ameixas, anno de queixas.

Às dez (horas) quem na cama esteja, senão ao pé.

Não ha felicidade sem saude.

O alheio chora sempre pelo dono.

Mudam os tempos, não mudam os ventos.

XLIV

Antiphona da marrã

Na extincta diocese elvense, em a noite de Natal, tinha cada capitular da Sé, pela sua assistencia, no coro, ás matinas, quatro mil réis para uma marrã.

Esta offerta provinha d'um legado feito ao Cabido, com a obrigação de que os conegos, depois da missa da meia noite, no fim de *Laudes*, cantariam uma antiphona.

Em o n.º 198, de 27 de dezembro de 1862, do jornal d'Elvas *A Voz do Alentejo* foi publicada a seguinte local:

«*Antiphona da marrã*. — Este anno a missa denominada do gallo esteve magnifica, o que certamente mostra o grande zello e dedicação que professa o sr. vigario capitular, digno prelado que rege os destinos da egreja elvense, pela sustentação do esplendor e brilho do culto divino. Correu tudo o melhor possível; apesar da immensa concorrência, que enchia o templo da sé cathedral, não houve a lamentar occorrença alguma desagradavel. Officiou o sr. dr. Epiphânio de Andrade, governador do bispado, e finda a solemnidade da missa, ha um legado pio a cumprir de uma *antiphona* pela qual cada sr. conego que a reza tem 4\$000 rs. para uma marrã. É esta a razão porque se denomina *antiphona da marrã* — a que todos os annos na noite de natal se costuma rezar no fim da solemnidade».

Não haveria nisto o vestigio de uma antiga crença pagan? A *marrã* (offerecida aos conegos, de certo que para a *sacrificarem*) não representaria o monstro do *inverno lunar* morto no solsticio hibernal?

XLV

Superstições, crenças e costumes alemtejanos

— Não é bom dar-se sal, e quando se dá é com a mão esquerda, para não nos poderem fazer mal.

— A sereia era uma rapariga que andava sempre mettida na agua, e a mãe rogou-lhe esta praga: — «Em peixe sejas tu feita!». E ficou peixe da cintura para baixo.

— Devem-se guardar *penduras de uvas* de um para outro anno, para não se acabar o dinheiro em casa.

— É mau varrer a casa de noite, e, varrendo-se, não se deve deitar o lixo fora, porque se deita fora a fortuna.

— Ao deitarem sal na agua para a amassadura, costumam dizer:

Em louvor de S. Gonçalo,
Que não saia *ensolso*, nem salgado.

— Aos fieis que deitam esmolas nas bandejas, por occasião de certas festividades (a exemplo, a festividade de Santa Luzia, na egreja da Misericórdia d'Elvas) dão uns bolos pequenos, quadrados, feitos de farinha de trigo, assucar e canela. (Serão estes bolos um vestigio dos pãesinhos obscenos das festas do paganismo?)

— Na 5.^a feira d'Ascensão não vão os passaros ao ninho desde o meio dia até á uma hora; isto é, durante a *reza da hora* nas festas da igreja. Terminada essa *reza*, era costume, nos antigos tempos, soltar-se, do coro e das tribunas, differentes passarinhos, e espargirem-se sobre os fieis petalas de rosas.

— Por occasião do casamento, a luz do altar que estiver mais amortecida do lado de um dos noivos, indica que é esse que deve morrer primeiramente.

— É agouro abrir chapéus de chuva dentro de casa.

— Quando pela primeira vez lavam os recém-nascidos, fazem-lhe com a mão uma cruz nas costas, e dizem:

Eu te benzo
Com esta agua;
Eu a lavar-te,
E o Senhor a abençoar-te.

— Se os noivos ouvirem ler os pregões na igreja, serão muito infelizes no casamento.

— E' mau ter rolas em casa. As rolas quando cantam dizem :

Põe-te na rua,
Põe-te na rua . . .

— Na noite do casamento, aquelle dos noivos que no quarto apaga a luz, é quem primeiro ha de morrer.

— E' de uso, ao recolher qualquer procissão, os membros principaes da respectiva confraria reunirem-se na sacristia da igreja e tomarem o *copo d'agua* — isto é, vinho e doces. (Vestigio dos *bodos* nas festas dos santos?)

— O cadaver deve ser amortalhado por uma, duas, até tres pessoas: por quatro pessoas não, que é mau.

— Ao pentearem-se as mulheres, os cabellos que lhes caem não devem ser lançados «nem para a rua, nem para o barril do lixo, mas sim para a pia dos despejos, para não poderem ser aproveitados para maleficios»; e se não forem lançados para a pia, deve-se cuspir tres vezes sobre elles, para se evitar o mal que podem fazer as pessoas que os encontrarem.

— A cama deve ser preparada pelas raparigas solteiras e nunca pela noiva, pois isso lhe traria infelicidade.

— A rapariga que cheirar a erva cidreira, ou a mangerona, não verá o seu amor durante tres dias.

— Nos annos bissextos as favas nascem com os olhos para os bicos; nos outros annos succede o contrario.

— As *baêtas* de um baptisado são constituídas por uns brincos d'orelha para a criança, se é do sexo feminino, e por um vestido para a mãe, se a criança é do sexo masculino.

— Quando as crianças de mama põem repetidas vezes as mãos, é signal de que morrem cedo.

— *Beijos de bruxas* chamam a certas nodoas roxas que apparecem no corpo; e tambem dizem que essas nodoas são causadas pela tristeza.

— As cobras não fazem mal ás mulheres que teem o nome de Maria.

— Para que uma visita enfadonha se vá embora, collocam atraz de uma porta uma vassoira com o cabo para o chão, e, antes de a collocarem, dizem para ella, tendo-a na mão:

Tareca, tareca,
Desmancha a conversa.

E logo que a visita retire, deve-se retirar a vassoira, quando não «já não tem virtude para outra vez».

— Se quem reza o «Responso de Santo Antonio» se enganar nessa reza, é signal de que a coisa perdida não apparece; e se durante a reza se ouvem falas, deve tomar-se sentido no que dizem, para se conhecer se nessas falas ha um *não* ou um *sim*, o que indicará se o objecto apparecerá, ou não.

— Não é bom casarem duas irmans no mesmo dia, porque, casando-se, uma d'ellas ha de ser infeliz no casamento.

— Moça que dá dois espirros a seguir, em vez de tres, é signal de que não casa.

— Para *passar* qualquer dôr a um animal domestico, dão tres voltas com elle em redor de qualquer igreja em que haja a imagem da Senhora das Dôres. Na provincia do Douro ha um costume parecido a este. Lê-se a p. 141 do «Almanach de Lembranças» de 1857: «Ha na freguesia de Eiriz, do Julgado de Paços de Ferreira, uma ermida chamada do Senhor da Abelheira: os povos das freguesias circumvisinhas, como S. Fins de Ferreira, Carvalhoza, Figueiró, etc., quando lhes adocece um porco, promettem dar umas voltas á roda da mesma ermida se o animal sarar; e quando assim acontece, chamão no primeiro domingo as raparigas da aldeia, e ahi vão todos em romaria, mais o convalescente, que acompanha, grunhindo, as devotas cantigas.

Depois de dadas as voltas promettidas, come-se uma boa merenda, de antemão preparada, e torna cada um para sua casa alegre e satisfeito».

— Não se devem acceitar rosarios, porque o que por elles se reza só beneficia a pessoa que os deu.

— A *coroinha de Christo* (rosario pequeno) não se deve usar sem ser dado por outra pessoa que tambem a tenha.

— Quem faz meia ao domingo, tantas voltas dá na meia, quantas voltas dará no inferno.

— A agua com que se lavam os pés não deve ser despejada da bacia senão quando estiver fria, porque, lançando-se fora quando quente, faz isso mal á saude de quem se lavou.

— A feitura do enxoval da noiva não deve começar pelas toalhas, porque, começando-o por ellas, desmancha-se o casamento. E a noiva pode fazer todo o seu enxoval; mas nunca o vestido para o noivado, porque seria infeliz no casamento.

XLVI

Cantigas populares de origem litteraria

Na corrente popular tenho encontrado varios cantos de origem reconhecidamente litteraria: uns, taes como foram compostos por seus auctores, e outros, com leves transformações.

Apresentarei alguns d'esses cantos:

1.

Amor, se te perguntarem
Se nós nos queremos bem,
Nega, amor da minh'alma,
Nega, que eu nego tambem.

É de Bocage:

Marcia, se te perguntarem
Se nós nos queremos bem,
Nega amor quanto disserem,
Nega, que eu nego tambem.

2.

Tendes o cravo no peito,
O logar improprio é,
Era o logar mais perfeito
Se o trouxesses no pé.

É de Paulino Cabral (*Abade de Jazente*):

Trazes o cravo no peito,
O logar improprio é,
Pois se o trouxesses no pé
Era o logar mais perfeito:
Não penses que o meu conceito
Te faz a menor censura,
Pois só com geito procura,
Sem te causar n'isso aggravo,
Dar-te pancada no cravo
Sem tocar na ferradura.

3.

Triste sorte é o nascer,
Depois do nascer, peccar,
Depois de peccar, morrer,
Depois de morrer, penar.

Vem a pag. 165 da obra de Luis Botelho Froes de Figueiredo
Queixas do amor divino (Coimbra, 1717):

Grande desgraça he nascer,
Porque se segue o peccar,
Depois de peccar morrer,
Depois de morrer penar.

4.

Nossa Senhora faz meia,
E a linha é feita de luz,
O novello é luz cheia,
E as meias são p'ra Jesus.

É do poeta Antonio Nobre.

5.

Não te ponhas tão esquiva,	Meu coração não te rales,
Não digas que me não queres,	Escusas de te ralar,
Que por mal de meus peccados	Mulheres nunca faltaram,
Já sei o que são mulheres.	A questão é procurar.

São de Simões Dias (Das *Peninsulares*):

Não te ponhas tão esquiva,	Meu coração não te mates,
Nem me digas que não queres,	Escusas de te matar,
Que eu por mal de meus peccados	Mulheres nunca faltaram,
Já sei o que são mulheres.	A questão é procurar.

Ainda outros cantares de Simões Dias (*Peninsulares*), que se encontram, sem alteração, na boca do povo:

Se eu soubesse que te rias
Quando eu estou dando ais,
Tirava os olhos da cara
Só para te não ver mais.

Se tu suspiras, suspira
Cá dentro o meu coração,
Se tu choras, também choro,
Vê lá se te amo, ou não?

Toda a mulher que namora
Quanto homem lhe apparece,
Tem coração de estalagem,
Recebe quem não merece.

Teus olhos são mais escuros
Do que a noite mais fechada,
E apesar de tanto escuro
Sem elles não vejo nada.

6.

O seguinte trecho da *Esopaida ou Vida de Esopo*, de Antonio José da Silva (o Judeu) (*Theatro comico portuguez*—Lisboa, 1787—Tom. 1.º, pag. 194), revela a antiguidade de uma das mais conhecidas cantigas populares portuguesas:

«*Xant.* Quem te disse a ti, que o amor era albarda?

Esop. Uy, Senhor, desde que me entendo, ou antes de me entender, sempre no berço me embalarão, com aquella cantiga:

O amor he humã albarda
Que se poem em quem quer bem;
Eu por não ser albardado,
Não quero bem a ninguem».

7.

Na *Epistola a Marilia*, diz Bocage:

«Não chega ao coração o jus paterno».

Eis o mesmo pensamento numa cantiga popular:

Foste pedir-me a meu pae,
Sem saber's o querer meu,
Em tudo meu pae governa,
Mas ahi governo eu.

Elvas.

A. THOMÁS PIRES.

TOPONYMIA PORTUGUESA

(ESBOÇOS)

Ao Snr. Dr. Leite de Vasconcellos

Nas minusculas monographias toponymicas, que vou encetar com este titulo, não tenho por fim senão juntar materiaes para ulterior estudo systematico da nomenclatura chorographica de Portugal, ainda pouco tratada por emquanto.

De caminho aproveitarei a occasião para ir averiguando as situações de algumas povoações e outras especies topographicas até agora incertas.

Não adopto qualquer ordem, nem mesmo a alphabetica, na sua apresentação, porque as minhas occupações profissionaes me não deixam sobejos de tempo para nesse sentido coordenar agora os meus apontamentos. Vão, pois, essas monographiazinhas na ordem por que forem surgindo dos meus papeis, e os indices finaes repararão de alguma forma a irregularidade.

Juntamente com esses indices, darei tambem, no fim, a chave de algumas abreviaturas menos vulgares, que forem occorrendo.

Os nomes topicos portuguezes, adduzidos sem referencia ou abonação, são colhidos no *Diccion. Postal e Chorographico* de J. B. da Silva Lopes, ou no *Diccionario* (VI vol.) da *Chorographia Moderna* de J. M. Baptista; para os nomes topicos espanhoes sirvo-me do *Diccion. Geográfico* de D. Pascual Madoz, e do *Diccion. general de todos los pueblos*, Madrid, 1862.

1 — Caramulo ✓

Caramulo é o n. do pico conico situado na região occidental do conc. de Tondella e que coroa a serraania do mesmo nome.

Os serranos vizinhos dão-lhe tambem o nome de *Cabecinho de Todo o Mundo* e nos conc. de Anadia e Agueda é conhecido pelo de

Cesto Poceiro, por lembrar a forma de um cesto poceiro ou vindimo de boca para baixo.

Em tempos muito antigos, como adeante veremos, teve a denominação de *Alcoba*.

O nome *Caramulo* dava-se-lhe já no sec. XII, pelo menos, como se vê das confrontações que a carta respectiva dava ao conto de S. João do Monte, em 1152 ¹.

No foral do Guardão de 1207 chamou-se-lhe *Caramudo d'Alcoba*, segundo se lê nos *Port. Mon. Hist.*, mas o *d* da primeira palavra deve ser erro de escripta, de leitura ou de typographia, por *l* ².

O étymo d'este toponymo é o n. commum *caramulo*, ainda hoje corrente na Bairrada e no conc. de Agueda com a acceção de «eminencia, montão, cogulo de medida».

Nas mesmas regiões ocorre o verbo *acaramular* por «amontoar, acogular».

Os dialectos da Hespanha revelam formas paralelas. Assim, o aragonês tem *caramullo*, o malhorquino e valenciano *caramull*, o catalão *curumull* e *crumull* — no sentido do castelhano «colmo, copete» e no do port. «cúmulo, cogulo, topete».

Em catalão usa-se tambem o verbo *curumullar*, e em valenciano *caramullar*, na mesma acceção do referido *acaramular* ³.

Nada sei dizer sobre o étymo do n. commum, que é por ventura affim do vocabulo *caramoiço* (variantes *cramoiço* e *cramoço*) e do provincialismo transmontano *carramêlo*, «montão, pilha, cogulo».

Em Portugal ha os seguintes nomes topicos homonymos do de que me occupa:

Caramulo, casal da frêguesia do Reguengo (Batalha).

Serra do Caramulo, casal e serra na mesma frêguesia.

Caramulo, monte de 412^m d'altitude no conc. de Tondella, proximo da pov. de Muna ⁴.

Caramula, nome da extremidade meridional da lomba de Sá, freg. de Sangalhos.

Da mesma origem ideologica devem ser os toponymos:

Cogulo, pov. da freg. de Silva Escura (Sever do Vouga).

Alcogulo (com prosthesse do artigo arabico *al*), coitada, chamada tambem do *Lecocq*, e cabeça, a 6^{km} para O. de Castello de Vide ⁵.

¹ Pinho Leal, *Port. Ant. e Mod.*, v, 482.

² *Foralia*, 537.

³ Simonet, *Glosario de las voces . . . mozarabes*, s. v. *curcumul* e *cormiç*.

⁴ Carta Chorographica do pais de ¹₁₀₀₀₀₀, folha 11.

⁵ Baptista, *Chorogr. Mod.*, v, 42.

2 — Os Juêus

É um lugarejo da freg. de Guardão, conc. de Tondella, mesmo junto e ao S. do pico do Caramulo.

Os Juêus, com o artigo definido, é como localmente se diz.

Na *Corogr. Port.* do P.^e Carvalho da Costa, II, pag. 191, escreveu-se, evidentemente por erro, — *Juizes*.

A forma d'este n. no sec. XIII é *Judeus*. No liv. I das *Inquirições* de D. Affonso III, fl. 42, chama-se-lhe *póvula de Judeis*, — póvua dos judeus — certamente por que foi de começo habitada por gente de raça hebraica ¹.

O *d* intervocalico de *Judeus* caiu como no lat. fidele-, que deu em port. *fiel*, cadere, que deu *caer* (ant.), etc ².

É curioso que, junto aos *Juêus*, onde estive em 1905, sobre o caminho que vem de Malhapão de Cima, existe uma enorme e empinada fraga, que no alto, na face que olha ao S., lembra flagrantissimamente a fôrma de uma *cabeça de judeu*, de característico nariz adunco.

3 — Alcôba — Alcobella — alcobês

O n. *Alcôba* é já hoje raramente usado para designar a serra do Caramulo, também chamada *de Besteiros*, por ladear do O. o formoso valle d'este nome; mas foi-o muito até o sec. XVII ³.

Algumas povoações das suas abas tomaram-no mesmo para sobre-nome determinativo, v. g.: *Macieira d'Alcôba* ⁴, freg. do conc. de Agueda; *S. João d'Alcôba*, denominação que no sec. XII teve a actual freg. de S. João da Serra, conc. de Oliveira de Frades ⁵; *S. Mamede d'Alcoba*, antiga denominação da freguesia de S. Mamede da Castanheira do Vouga, conc. de Agueda, etc.

¹ Herculano, *Hist. de Port.* III, 215, nota (5.^a edição).

² Em documentos da Hespanha (Aragão) dos sec. XIII e XIV encontra-se também a forma vulgar *juen* por judeu (Fernandez y Gonzalez, *Estado social y político de los mudéjares de Castilla*, Madrid 1866, pag. 367 e 386).

³ Resende, *De Antiquit. Lusit.*, Coimbra 1790, p. 81; Brito, *Mon. Lusit.*, P. I, p. 563; P.^e Carvalho da Costa, *Corogr. Port.*, II, 188.

⁴ A relação das freguesias do país em 1320-21 que, por indicação minha, o sr. Fortunato de Almeida inseriu na sua *Hist. da Igreja em Port.*, II, p. 669, traz indevidamente *Maceira d'Alcoba*.

⁵ *Port. Mon. Hist., Scriptores*, p. 72 e 74.

Em um doc. do anno 1016 encontro a primeira referencia ao monte *Alcoba*, ao fallar-se da *villa Recardanes*:

«Et habet ipsa villa jacentia ripas Vauga subtus monte *Alcoba*» ¹.

Em outro doc. do anno 1128 (era de 1166) ha nova referencia:

«*Villa Fravegas* subtus mons *Alcoba*, territorio Colimbrie, inter ribulos Inia et Sabugosa» ².

Recardanes é hoje Recardães (conc. de Agueda); *Fravegas* é Fráguas de Bêsteiros (conc. de Tondella), entre as ribeiras de Inha e de Sabugosa.

Ora, monte que exista entre duas pov. tão distantes como Recardães e Fráguas, que de qualquer d'ellas se descubra para servir de referencia corographica commum, só pode ser o *pico* do Caramulo.

E assim, por essa consideração, e por que o n. *serra d'Alcoba*, ainda usado no sec. XVII, deve ter nascido do seu mais alto monte, segundo é regra, adquirir a certeza de que *Alcoba* é a denominação do *pico* do Caramulo antes do sec. XIII.

Accresce, para confirmar esta conclusão, o duplo n. *Caramulo d'Alcoba*, que, como já disse, o foral do Guardão dá ao *pico*; é ainda a existencia de um cabeço chamado, conforme localmente averigui, *Alcobella* ou *Caramulo Pequeno*, 3^{km.} ao N. do Caramulo, sobranceiro ao lugar de Varziellas ³.

O toponymio *Alcôba* deriva claramente do ar. *al-cobba* ou *al-cubba*, não na accepção de «torrinha», que traz Fr. João de Sousa ⁴, mas na de «cúpula, coisa em forma de cúpula, zimbório, abóbada», que é o significado fundamental de que derivam os demais, que o termo tem ⁵.

Na verdade, quer de longe, quer de perto, o Caramulo ou *pico d'Alcôba* tem o aspecto de gigantesca cúpula ou cone que coroa a massa dos montes circumjacentes.

Pelos vales e encostas d'esses montes existem derramados outros nomes locais de origem arabica, v. g. *Almofala*, *Almijofa*, *Alcôfra*, *Alcafaz*, *Lafão* — monte junto a Vouzella ⁶ — etc.

¹ Ib., *Dipl. et ch.*, n.º 227.

² *Livro Preto* da Sé de Coimbra, I, 47. Cito pela copia existente no archivo d'esta sé.

³ O P.^o Carvalho, *Corog. Port.*, II, 188, já se refere ao cabeço d'*Alcobella*.

⁴ *Vestigios da lingua ar.*, s. v. *Alcoba* e *Cuba*.

⁵ Não sou entendido em árabe, mas o illustre arabista Snr. David Lopes teve a bondade de me communicar a sua concordancia com o etimo proposto, em carta de 14-XII-1912. Cfr. tambem: Yanguas, *Glosar. etimolog. de las palabras . . de origen oriental*, s. v. *alcoba*; Cherbonneau, *Légende territoriale de l'Algérie*, s. v. «*Koubba*».

⁶ *Carta chorographica* do pais de $\frac{1}{100000}$, folha n.º 11.

A maior parte da serra ficava incluída no velho território de *Lafões*.

Notarei, por fim, que alguns autores do sec. XIX ¹, copistas servís do que escrevem Franceses até mesmo sobre comensinhas coisas nossas, deram á serra do *Buçaco* o n. errado de *Alcôba*, que estes incriteriosamente lhe applicam do memoravel anno de 1830 em diante.

Em Hespanha ha varias povoações chamadas *Alcoba* e *La Alcoba*.

O n. *Alcobella*, que ficou referido, é um simples diminutivo toponymico ² de *Alcôba*, excellentemente traduzido na dupla denominação local de *Caramulo Pequeno*.

No sec. XII havia em Coimbra um sitio chamado *Acubella*, segundo um doc. d'essa epocha, que diz:

«Ferraginal in *Acubella* subtus turris Porte Solis» ³.

Acubella é outra forma de *Alcobella* em que caiu o *l* do artigo arabico.

Facto identico se observa com os toponymos *Aconce*, *Afouves*, *Amalaguês*, *Ajás* ⁴, que em alguns autores designam respectivamente os lugares de *Aconce*, conc. de Condeixa, *Afouves*, conc. de Santarem, *Amalaguês*, conc. de Coimbra, e o monte de *Ajás* ⁵, ramo da serra da Estrella, proximo a Gouveia.

Cfr. tambem: *Ameijoafa*, pov. da freg. de S. Domingos (conc. de Santiago de Cacem), ao lado de *Almeijoafra*, pov. da freg. de Saboia (Odemira); *Amezendinha*, freg. de Vela, conc. da Guarda, ao lado de *Almezendinha*, freg. de Aldeia do Bispo, no mesmo concelho.

¹ Veja-se: o vb.º *Alcoba* no Flaviense, *Taboa Geogr.-Estatistica-Lusit.*; P. Leal, *Port. Ant. e Mod.*; Diccion. *Portugal* em publicação; e Baptista, *Chorogr. Mod.*, I, 208.

² Chamo *diminutivos toponymicos* aos nomes proprios corographicos derivados de outros nomes proprios da mesma natureza (por meio de suffixos diminutivos) e que não tem relação alguma com a origem e significado etymologico d'estes. v. g. *Lisboinha*, de *Lisboa*; *Paivão* (ribeiro) de *Paiva*; *Mirandella*, de *Miranda*, etc.

³ No pequeno Ms. n.º 15 da Bibl. da Univers. de Coimbra.

⁴ P.º Cardoso, *Diccion. Geogr.*, s. v. *Aconce* e *Afouves*; P.º Carvalho, *Corogr. Port.*, III, 275; *Port. Antig. e Mod.*, XII, 1764 e 2216; Diccion. *Portugal*, s. v. *Ajás*.

⁵ Esta forma é popular, e vem no P.º Cardoso, *Diccion. Geogr.*, s. v. *Ajás*.

*

Em Oliveira de Frades dão ao vento de S. O. o nome de *alcovez*; segundo informa o Snr. Dr. Leite de Vasconcellos ¹.

A forma verdadeira creio ser *alcobês*, derivado de Alcôba, porque o dicto vento sopra realmente do lado do monte Alcôba, a S. S. O. da referida villa.

Viterbo já havia consignado no *Elucidario* os vocabulos «alcoucez ou alcovez», vento do sul, sem lhes indicar abonação ou proveniencia. Mas, como esse illustre antiquario nasceu e viveu na região de Aguiar da Beira, é licita a hypothese de que os colhesse em documentos da mesma região, ou na linguagem popular do territorio de Lamego ou Lafões.

Eu julgo *alcoucez* erro de leitura ou impressão por *alcoveez*, isto é, *alcoveez*, estando a semivogal *u* pelo actual *v*, e servindo o duplo *e* para indicar o accentto tonico.

Outros nomes communs de ventos derivados de nomes de montes são, v. g.: *buçaqueiro*, que na Bairrada se dá ao vento sul, que sopra do lado do Buçaco, e *estrellão*, que na Beira Alta designa o vento soão, por vir do lado da serra da Estrella ².

4 — Aguiim ✓

Pov. importante do conc. de Anadia, freg. de Tamengos (Bairrada).

Foi couto instituido em 1140 por D. Affonso Henriques a favor do cabido de Coimbra. Na respectiva carta chama-se-lhe *Aguiim* ³.

A forma nas Inquirições ms. de 1220-22 é *Aguil* e *Aguil* ⁴; em

¹ *Lições de Philologia Port.*, 429 e 519.

² Daremos aqui algumas notas para juntar ao interessante estudo do Snr. Dr. Leite de Vasconcellos sobre «Nomes de ventos» nas *Lições* citadas.

Na Costa Nova (Ilhavo) chamam *bisãme* ao vento de N. E.; em Alcanêna *abrantil* ao de L., *mata-cabras* ao vento sêcco de N. O., *xarouco* ao de S. O. e *xarouçadas* as bâtegas de chuva com vento, espacejadas, proprias de março e abril. No Algarve diz-se vento *rodeiro* o que, geralmente em maio, acompanha o movimento do sol, soprando de L. pela manhã, do S. ao meio-dia, de N. O. à tarde e do N. pela noite.

Na Madeira, *carpinteiro* é o vento rijo do Sul.

³ *Livro Preto* (copia citada) fl. 146 v., tomo I.

⁴ Torre do Tombo, Gav. 3.ª, m. 10, n.º 17.

doc. de 1255 *Aguij* ¹; mas a forma mais antiga que conheço é *villa Aquilin*, em doc. de 1101 — carta de venda de metade da *villa Morongos* (hoje sitio de *Mirógos* no sul da freg. de Tamengos) ².

O censo da população da Extremadura de 1527 traz *Agim* (-gi=gui) ³.

O étymo é claro: (*villa*) Aquilini, «quinta de Aquilino».

Aquilinus é nome romano muito usado antigamente. A igreja catholica canonizou seis Aquilinos e duas Aquilinas ⁴. No *Corpus Inscript. Latin.* de Hübner figura no *Supplemento* o cognomen *Aquilinus*.

Perto de Gaia existiu no sec. XII um castro, sobranceiro a *Freimuza* (hoje Magdalena), que se chamava *Agym*, segundo um doc. de 1170 ⁵.

Este nome foi herdado pelo actual lugar de *Agum*, freg. da Magdalena, no sec. XVIII *Agóim* ⁶ (escripta erronea), no sec. XIII *Gijm* ⁷, e deve ter o mesmo étymo do Agum da Barrada.

5 — Adiça

Adiça ou *Adissa* é o n. de uma serra tambem chamada *Serra Alta* e de uma pov. mais conhecida hoje por *Sobral da Adiça*, no conc. de Moura ⁸.

A O. de Almada, na costa da Caparica, existiu tambem uma antiga e célebre mina d'este nome no sitio chamado hoje *Mina do Ouro* ⁹.

A forma d'este ultimo toponymo no sec. XIV era *Aldiça* e *Adiça* ¹⁰.

O étymo commum é, sem dúvida, o arabe *ad-dissa*, planta arun-

¹ G. Barros, *Historia da administ. publica em Portugal*, II, 233 nota. Este autor não poudé identificar o nome, que todavia nenhuma dúvida offerece.

² *Livro Preto* (copia cit.), II, II. 288.

³ *Archivo Hist. Port.* VI, 244.

⁴ D. V. J. B., *Novissimo Diccion. Santoral*, Barcelona 1894, s. v.

⁵ Ribeiro, *Dissert. Chron.*, V, 41.

⁶ P.* Cardoso, *Diccion. Geogr.*, s. v.

⁷ *Corpus Codicum* da camara do Porto, p. 183. Em Cortesão, *Onomastico Medieval*, figura o toponymo *Guin*, sacado das Inquirições de 1258. Como não tenho estas presentes, não posso averiguar se é a pov. de que aqui trato.

⁸ P.* Cardoso, *ob. cit.* s. v.; P.* Carvalho, *Côreg. Port.*, II, 479; Baptista, *Chorogr. Mod.*, I, 239.

⁹ O *Archeol. Port.*, XIII, 271, nota: A. Pimentel, *Extremadura Port.*, II, 243; *Diccion. Portugal*, s. v. «*Adiça*».

¹⁰ Ribeiro, *ob. cit.*, V, 350 e 386.

- * dinea (*arundo festucoides*), especie de junco de folhas largas e rijas, que se emprega para colmeiar casas, fazer esteiras e vassouras, para alimento do gado, etc. ¹.

D'este vb. provem tambem o cast. *aldisa*, *aldiza* ou *aldica* (isto é, *aldiça*), «junco, especie de esparto fuerte y áspero» ².

6 — Nellas

Villa, sêde de um conc. no districto de Viseu.

A forma d'este n. no sec. XIII é *Asnellas* ³.

Asnellas é, ou um diminutivo do nome commum *asna*, significativo de «burrinha», «jumentinha», ou um diminutivo toponymico de alguma povoação extincta dos seus contornos, que se chamasse *Asnas*. D'esta, porem, não ha noticia.

A syllaba inicial *as* caiu, ou pela supposição de que fosse o plural do artigo definido feminino, ou intencionalmente para afastar o toponymico do seu radical *asna*, que daria occasião a gracejos e allusões cho-carreiras.

Na nomenclatura chorographica de Portugal ha muitos exemplos de igual phenomeno.

Assim succedeu com os nomes *Saes*, *Degebe*, *Zeive*, *Zézere*, que antigamente se disseram *Ossaes*, *Odegebe*, *Ozeive*, *Ozézar* ⁴.

Lorna, quinta da freg. de Almeirim, é uma ant. *Alorna* ⁵; *Pulha* é a forma ant. e pop. da freg. de *Apulia* no conc. de Espôsende ⁶; *Zunho*, pov. da freg. da Cota, chamou-se no sec. XIII *Osonio* ⁷; *Crato*,

¹ Cherbonneau, *Légende territoriale de l'Algérie*, s. v. *Diss* e *Djebel*; Yanguas, *Glosario* cit., s. v. *aldica*.

O Snr. David Lopes concordou com o étymo, que indico, na sua já citada carta.

² Yanguas, *ob.* e vb.^o cit.

³ *Nova Malta*, II, 126, III, 252 e 486.

⁴ Dr. Leite de Vasconcellos, *Lições de Philol. Port.*, pag. 63 e 234.

⁵ A. Pimentel, *Extremad. Port.*, I, 327-8.

⁶ P.^o Carvalho, *Chorogr. Port.* I, 189; P.^o Cardoso, *Diccion. Geogr.*, s. v. *Apulia*. As Inquirições do sec. XIII trazem *Pulia*, mas a forma original deve ser *Apulia*, n. de familia romano e n. d'uma provincia da Italia, a que os antigos escriptores chamavam tambem *Pulha* e *Apulha* (cfr. Poyares, *Diccion. lusit. latino de nomes proprios*, p. 342; Fort. d'Almeida, *Nomencl. Geogr.*, p. 16).

⁷ *Nova Malta*, I, 463. *Osonio* é nome pessoal antigo, talvez forma semi-popular do lat. *Ausonius*. Nos *Dipl. et ch.* n.º 222 ha referencia a uma villa de *Osonio*.

villa do Alentejo, foi no sec. XII *Ocrate*, *Ucrate*, *Ocrato* ¹; *Meda*, villa da Beira Alta, tinha no sec. XIII e XIV a forma *Ameda* ²; *Mezto*, pov. do conc. de Castro Daire, é no sec. XIII *Omizto*.

Derivados do radical *asno*, burro, ha muitos toponymos portugueses, v. g., *Asnella*, n. de varios lugares; *Asna*, moinho; *Asna Brava*, casal, chamado no sec. XIII *Asina Brava* ³; *Asneira* (burriqueira) n. de varios sitios e quintas; *Porto d'Asna*, casal na freg. de Fermentellos (Agueda); *Val d'Asnes*, frêguesia do conc. de Mirandella,—no sec. XVI *Val de Asnas* ⁴, no sec. XIII *Valle de Asinis* ⁵, etc.

Os documentos antigos ministram muitos outros. Citarei apenas: *Petra de Assina*, sec. XII, perto de Paranhos da Maia ⁶; *Mamulas Asinarum*, sitio na frêguesia de Tamengos, sec. XII ⁷; *Portum Asinarium*, sec. XI, na frêguesia de Mozellos (Feira) ⁸; *Asinella*, sec. XIII, no conc. de Cinfães, entre Porcas e Travaços ⁹; *Asnelina*, no Norte, que teve foral em 1253 ¹⁰; *Portu de Asinis*, ribeiro afluente da margem esquerda do Vouga, conc. de Aguiar da Beira, sec. XIII ¹¹; *ribulo de Asinos* (var. *Asinus*) ou *ribo de Asinis*, sec. X-XIII ¹², nome de um afluente da margem direita do rio Dão, chamado hoje *rio d'Asnes* ¹³.

7 — Dornes

Antiga pov., frêguesia e extincta villa no conc. de Ferreira do Zêzere, sobre a margem direita do rio Zêzere.

A graphia antiga d'este toponymo é *Dornas* (*Saucta Maria de—*,

¹ *Nova Malta*, I, 138 e 160, III, 293; *Foralia*, 624.

² Rol das freguesias do bispado de Lamego em 1235-1245, Ms. da Torre do Tombo, Gav. 19, M. 14, n.º 7; Fort. d'Almeida, *Hist. da Igreja em Port.*, II, 660.

³ *Nova Malta*, II, 117, nota.

⁴ Franklin, *Mem. para servir de indice dos foraes*, 178.

⁵ *Nova Malta*, II, 160; *Elucidario*, s. v. *cruz e regaendo*.

⁶ Ribeiro, *Dissert. chron. e crit.*, V, 24.

⁷ Na carta de couto de Aguiar, cit. atrás no artigo 4.

⁸ P. M. H., *Dipl. et ch.*, n.º 867.

⁹ Ribeiro, *ob. cit.* I, 244.

¹⁰ Idem, *idem*, V, 347.

¹¹ *Foralia*, 687.

¹² *Nova Malta*, I, 463; *Dipl. et ch.* n.ºs 84 e 663; Ribeiro, *ob. cit.*, III, parte I, p. 108; *Elucidario*, s. v. *regaendo*.

¹³ Baptista, *Chorogr. Mod.*, I, 78; *Port. Ant. e Mod.*, VI, 458; *Carta chorogr.* do país folha 11.

termo de —, commendador de —, F. de —) e *Dornis* (*commendator de —*) nos documentos do sec. XIII ¹.

No sec. XV e XVI já se dizia *Dornes* ². O étymo é o nome commum *dorna*, que significa o mesmo que *ola* em varios pontos do país, isto é, «redemoinho em um rio», «grande escavação circular em forma de pia, que esse redemoinho produz no leito rochoso do rio». Esta é a accepção que tem nas margens do Zêrere ³, e tambem, segundo pessoalmente averigui, na região do Caramulo.

A proposito das formas *Dornis*, *Valle de Asinis*, *Portu de Asinis*, *ribo de Asinis* notarei que são frequentes nos documentos do sec. XIII e anteriores denominações chorographicas em cuja construcção apparece, a par do accusativo, o caso ablativo plural, regido da preposição *de* com funcção de genetivo.

Creio que d'esse ablativo em regencia é que provem a forma actual de varios toponymos terminados em *-es*.

Assim, para designar um mesmo lugar, apparece, ao lado da forma *villa de Cornias* ⁴, a forma *v. de Cornis* ⁵, que explica directamente a forma actual do toponymo *Cornes*; ao lado de *ribulo de Asinos* existe, como se viu, *ribo de Asinis*, que explica a forma actual *Asnes*; o nome do rio *Cobres*, affluente do Guadiana no Baixo Alemtejo, é no sec. XIII, *rivulo de Colubris* ⁶, rio das cobras, onde é transparente o ablativo plural do lat. vulgar *colubra*.

O mesmo deve ter succedido com *Dornes*, *Val d'Asnes* etc., e ainda com *Loures*, no sec. XIII chamada *Laurias* ⁷ e no sec. XV *Lou-ras* ⁸; com *Coires*, no sec. XIII chamada *Quairas* ⁹.

¹ *Nova Malla*, I, 115 e 212. II, 321; *Foralia*, 518, 529 e 622; Torre do Tombo, Gav. 19, M. 14, N.º 7.

² *O Arch. Port.*, XIII, 259, nota; *Arch. Hist. Port.*, VI, 268.

³ *Port. Ant. e Mod.*, XII, 2115 e 2152.

⁴ *Dipl. et ch.* n.º 846; *Nova Malla* I, 369-70, II, 126 e 128.

⁵ *Nova Malla*, I, 369. As Inquirições do sec. XIII revelam a existencia de outras povoações no país com o n. de *Cornias*, hoje *Cornes*: uma freg. do conc. de Villa Nova de Cerveira; uma pov. da freg. de Malta (Villa do Conde), outra da freg. de Espiunca (Arouca) e outra, que já não existe, na freg. da Sé (Viseu). V. *Nova Malla*, II, 128, nota.

O etymo deve estar no lat. *cornu*, pilriteiro, ou num seu derivado.

⁶ Carta de doação de Mértola aos Spathários em 1239.

⁷ *Boletim* do Carmo, serie 4.ª, n.º 4, pp. 33 e 36.

⁸ P. M. H., *Scriptores*, 285.

⁹ P. M. H., *Inquisit.*, pp. 19 e 93. O étymo é o lat. vulgar *quadras*, cou-rellas, no ablativo.

Quanto a *Chaves*, chamada geralmente no sec. XIII *Chavias* ¹, no sec. IX *Flavias* ², se me é permitido divergir do illustre mestre, Dr. Leite de Vasconcellos ³, creio ter succedido o mesmo, e provir de uma denominação tal como *Castrum de Flaviis*, castello de Flávias (thermas), — se não é antes uma simples modificação de *Chavias* por influencia do n. commum *chave*.

Chaves ¹ *Chavias* ²

8 — Loivo ✓

Povoação e freg. do conc. de Villa Nova de Cerveira.

A forma d'este nome em um doc. do anno 960 é *Lovio* ⁴, no sec. XIII *Lovio* e *Lovyio* ⁵.

Em gallego ha *lobio*, latada, parreiral, caramanchão de verdura, a que corresponde no b. lat. *lobium*, túnel de verdura, alpendre para estar á sombra, da raiz germanica *laub*, ramada, espessura, balsa ⁶.

Este é evidentemente o étymo do nosso toponymo.

Em Portugal contam-se mais quatro povoações com o nome de *Loivos*; na Galliza ha *Lobio*, *Lobios* e *Lovios*.

9 — Mamouros ✓

Pov. e freg. de conc. de Castro-Daire (Beira-Alta).

O seu nome no sec. XIV era *S. Miguel de Doma-Mouros* ⁷.

¹ P. M. H., *Foralib.*, 504, 555, 686: *Livro de D. João de Portel*, 21, 25, 34, 36, 38, 39, 40. Nas inquirições de 1258 apparece tambem *Chaveas* (*Memorias para a hist. das inquirições*, Doc., p. 25). Mas no fim do sec. XIII apparece já *Chaves* e *Achaves* (*Lições de Philol.* cit., p. 44).

² Sebastião de Salamanca, *Chronicon*, n.º 13.

³ *Lições* cit. p. 43. A divergencia consiste em que o referido philologo parece considerar o *ablativo isolado* como étymo, emquanto eu o considero étymo, sim, mas *em construção*, regido da preposição *de*. Na verdade, é d'esta maneira que elle apparece sempre nas designações chorographicas dos sec. X-XIII. Cf. entre centenas, os seguintes exemplos: *Rivulo de Caballis* (*Dip. et ch.*, n.º 100), *Sancta Maria de Costodiis*, *Portu de Lupis* (*Dissert. Chron. e Crit.*, IV, P. II, pp. 54 e 56), *Caal de Gallis*, *chousal de Infestis*, *Casal de Condessalibus*, *Santus de Felgis*, *S. Jacobo de Gagnis*, *Vinea de Moscaris*, *Rua de Gatis*, *Valle de Katis*, etc. (*Cortesão, Onomastico Medieval*, ss. vv.), *ecclesia de Achelis* (*Nova Malta*, I, 60 e 175).

⁴ *Dipl. et ch.*, n.º 81.

⁵ P. M. H., *Inquisit.*, 352, 353, 358.

⁶ G. Ferreiro, *Hist. de la santa iglesia de Santiago*, II, 9; G. de Diego, *Elem. de gramat. hist. gallega*, p. 173; Du Cange, *Glosar.*, s. v. *lobia*.

⁷ Rol das freguesias do pais em 1320-28, publicado por Fort. d'Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal*, II, 661.

de, et, ch. de
por, et, ch. de

Chaves ¹

Doma-Mouros é evidentemente uma alcunha ou appellido pessoal antigo, semelhante a *Matamouros*, que foi usado na Península e creio que ainda é ¹, e a *Traga-Mouros*, alcunha de Gonçalo Hermiges, personagem do tempo de D. Affonso Henriques, etc. ²

Na passagem de *Doma-Mouros* para *Mamouros* deu-se a queda da syllaba *do* inicial, que se tornou pela contracção da preposição *de* e do artigo *o*.

Facto identico succedeu com outros toponymos portuguezes: *Argoncilhe* (Feira) é no sec. XI *Dragonceli* e *Dragunceli* ³, genetivo do nome pessoal *Draconcellus*; o rio Eça ⁴, affluente do Seira, é chamado *Dueça* no sec. XII ⁵; o actual appellido *Ornellas* deriva de *Dornellas*, n. de povoação; *Oucriste* é a forma corrente, no sec. XVI ⁶, do n. da freg. de *Deocriste* e *Deucriste* (Viana do Castello); *Afões*, pov. da freg. de Ovar, é chamada no sec. X *Dezanos* ⁷.

JOAQUIM DA SILVEIRA.

¹ Conto y Isaza, *Diccion. ortograf. de apellidos* etc., p. 39.

² Brito, *Mon. Lusit.*, liv. IV, cap. I.

³ *Dipl. et ch.*, n.ºs 667, 756 e 921.

⁴ *Carta Chorogr.* do país de $\frac{1}{100,000}$, folhas 13; Azevedo, *Novo Diccion. Chorogr. de Port.*, s. v.

⁵ P. M. H., *Foralia*, 437.

⁶ *Arch. Hist. Port.*, VI, 269.

⁷ *Dipl. et ch.*, n.º 25; *Elucidario*, s. v. *igreja*.

Sobre uma edição pouco conhecida dos "Contos,, de Trancoso

Tenho na minha bibliotheca uma edição dos «Contos», da qual copio aqui a portada :

«PRIMEIRA
PARTE DOS CONTOS
E HYSTORIAS DE PROVEYTO
E EXEMPLO: DIRIGIDO A RAY-
NHA, NOSSA SENHORA.

*Diuerſas Hystorias, & Contos precioſos.
Que Gonçalo Fernandez Trancoso ajuntou,
De couſas que ouuiſo, aprendeo, & notou,
Ditos, & ſeytos, prudentes, graciosos,
Os quaes com exemplos bõs, virtuoſos.
Ficam em partes muy bem eſmaltados:
Prudente Lector, lidos, notados,
Creo achareys que ſam proveitoſos.*

Impreſſa em Liſboa: Em caſa de Antonio Alvarez
Impreſſor de Libros. Anno 1594.

Com licença & authoridade dos Illuſtriſſimos e Reue-
rendiſſimos Senhores do Conſelho da Sancta
& Géral Inquiſiçam.

Está taxado a cincoenta reis em papel».

Sobre o verso da portada estão as duas licenças :

«Vi por mandado de S. A. eſtes Contos do Trancoso, que ſe im-
»primirão na era de 1585, & nam tem couſa contra noſſa Sancta Fè,
»& bõs coſtumes, & podeſe lhe dar licença para ſe imprimirem: E a
»meu parecer, os impreſſos antes da era de 85, não ſe deuem impri-
»mir outra vez.

Frey Bertholameu Ferreyra».

«Vista a informação podemse imprimir estes Contos de Trancoso »que o Padre Reuêdor diz sómente, & não se imprimirão os que foram »impressos antes do Anno de 85. & depois de impressos tornarão a este »Conselho pera se conferirem com o original, & se dar licença pera »correrem. Em Lisboa 26. de Abril de 94.

»*Diogo de Sousa*

Marcos Teixeira.

A existencia das edições anteriores á de 1585 fica pois comprovada com o que se lê a cima ¹. O prologo á Raynha occupa a folha seguinte, e visto que este prologo — para o qual chamou a attenção o Snr. Theophilo Braga — não se acha nas edições posteriores, copio-o tambem por inteiro:

« PROLOGO A RAYNHA NOSSA SENHORA.

FICANDO Eu nesta Cidade de Lixboa, o Anno de 1569, Muyto alta & muyto poderosa Raynha nossa Senhora, a tempo, que por causa da peste (de que Deos nos guarde) quasi todos os seus moradores a despouoauam: vi tantas cousas que prouocam os animos a tristeza, que quem quiserá escreuellas, tinha materia para fazer grande e muy lastimoso Liuro: porque: da contagiosa infirmitade viamos cada dia feridos que sacramentar, grande multidão de mortos que enterrar, e a muytos orfãos chorar. E em todos grandes necessidades que prouer, a que o Senhor socorreo cõ pessoas virtuosas, que por seu amor o faziam, s. hũs por hũa parte sacramentauam, outros medicinauam, & dauam pola cidade grandes & muy copiosas esmolos, outros enterrauam. que ainda que auia muytos a que acodir, eram tantos os que nestas obras virtuosas se exercitauam, que nam ficou cousa sem se prouer, ainda que nisso morreram muytos (por merce de Deos) nam faltauam outros & outros. Neste tempo de tanto trabalho me tocou o Senhor, alcançãdome tanta parte, que perdi no terrestre naufragio hũa filha de vintequatro annos, que em amor & obras me era mãy: Hum filho estudante: Hum rieta moço do choro da See. E para mais minha lastima perdi a molher que por suas virtudes era de mi muy amada, que foy causa de grande tristeza minha, tanto que ainda que conhecia virme (por meus peccados) da mão do Senhor a carne, que he tam fraca, com a imaginação se hia cada dia metendo em tristes pensamentos, e taes, que me des-enquietauam, & prouocauam a grande malenconia: tanto, q̃ temi q̃ o imaginar nos trabalhos presentes, me fosse prejudicial ao corpo & alma, se Deos me nam tivesse de sua mão (como por experiencia adiante se vio em outros.) E cõ este temor por fogir daquellas tristezas, determinei prêder a imaginação em ferros. E cõ ajuda de Deos nosso Senhor pude

¹ Theophilo Braga, *Contos tradicionaes do povo portuguez*, Porto, v. II, p. 20.

tanto, que ao tempo que eila queria fazer ohimenes de lametações, a tirey dellas, & a pus a escreuer côtos de auenturas, hystorias de proueito & exemplo, com algũs ditos de pessoas prudentes & graues, do qual esta he a primeira parte. E tendoo de todo acabado, por ser ja tempo de saude, & eu me achar desaliuado das imaginações q̃ foram causa de o escreuer, quiserá contentarme com isso, & guardar o Liuro. Mas vendo que assi ficaua o proveito da obra para mi soo, & entendendo, q̃ nenhum bem he perfeito, se não he communicado, determiney imprimilo, porque todos gozassem destes contos: os quaes dando gosto aos ouuintes, nam carecem de liçam. Mas porem considerando como sempre (por nossos peccados) ha entre nos mormuradores, que não tendo mãos para escrever, tem linguas para danar, e dentes para roer: receando, que por minhas faltas me espedaçassem a obra, pois sem ellas espedaçam & aniquilam obras de doctos varones, perfeitas e bõas, buscandolhe valha conto firme, em que o livro esteuesse seguro destes combates, achey que nam ha na terra outro se nam vossa Real Alteza, a que peço, que vsando de sua grandeza & costumada liberalidade, que he sempre fazer merces, ma faça de aceitar este tratado: po (sic!) que debaixo do seu fauor ande seguro, ainda que indigno de tam grande merce. E nam julgue a temeraria minha ousadia, que nasce do desejo de communicar com todos o premio de meu trabalho, esperando em Deos q̃ sayrá delle fructo virtuoso. E logo acabarey de imprimir a següda parte: Rogãdo a nosso Senhor, prospere vida & estado de vossa Real Alteza por longos annos, com muyta felicidade. Amen».

O fim do verso desta folha está occupado com o:

« SONETO DE LVIS BROCHADO EM
LOVVOR DESTA LIVRO

*Aqui veras Lector, lendo adiante
Hũa obra sotil, & diligada,
De exemplos & doctrina fabricada.
Por hum estillo grauc, & eleganc (sic!).
O Rey, o Cortesam, & o Galante
Até a gente baixa, ou estimada,
Daqui podem tirar vida ordenada.
A qualquer bom estado importante.
Louuar o Autor delle nam me cabe:
Por que sera tirarlhe sua gloria,
Por tantos sapientes concedida.
E pois o Lusitano vulgo o sabe,
Nam quero aqui narrar sua memoria.
Pois tantos conheceram sua vida».*

Sobre as folhas 1-49 recto acham-se impressas os 19 contos desta primeira parte e sobre as folhas 49 verso e o recto da ultima acha-se a *Taboada*.

A portada da segunda parte é como segue:

«SEGVNDA
PARTE DOS CONTOS
E HYSTORIAS DE PROVEYTO
E EXEMPLO DIRIGIDO A RAY-
NHA NOSSA SENHORA.

*Se a parte princira, muy sabio Lector,
Vistes & lestes, da obra presente:
Lede a segunda, que muy humilmente
Aqui vos presenta agora o Autor:
Pedeus muyto, pois sois sabedor
Mostreis senhor ser discreto, prudente,
Suprindoo que falta, de ser eloquente,
Com vossa eloquencia, saber & primor.*

Com licença & authoridade dos Illustrissimos Reuerendissimos
Senhores do Conselho da Sancta & Géral Inquisiçam.
Impressa em Lisboa: Em casa de Antonio Aluarez
Impressor de Liuros, Anno 1594.
Está taxado a cincoenta reis em papel.

As licenças sobre o verso da portada são as mesmas que as da primeira parte.

O recto da folha seguinte contém a Taboada dos 9 contos, e o verso da mesma folha o Prologo á Rainha».

Terminarei a minha noticia, dando copia deste Prologo:

«PROLOGO A RAINHA
NOSSA SENHORA.

VENDO EV, MVITO ALTA, E MVITO poderosa Raynha & Senhora nossa, como vossa Alteza me fez merce de receber a primeyra parte deste tratado, & me mandou dar parte do que custou o papel da impressam: sempre trabalhei quãto me foy possiuel por tirar a luz esta segunda, q̃ lhe estaua prometida. Mas como quer q̃ a barca de meu engenho he pequena, & muyto fracos os remos, para passar o golfam

do imprimir, temi muyto, tẽdo por certo (como o he) q̃ pois a todas as obras da vida (ainda q̃ sejam de autores graues, de grande prudẽcia & primor) nam faltam murmuradores, melhor & em mais abastança os auera nesta, que de tudo carece. Porem por outra parte, considerando como me sam certas as merces de vossa Real Alteza, pello antigo costume que tem de as fazer a todos, & pela experiencia que eu tenho de as ter recebido, tomey ousadia de a imprimir & presentarlhe, pedindolhe humilmẽte me faça merce de a receber & amparar debaixo de seu fauor, como fez á primeira, ainda q̃ hũa & outra indignas de tam grã merce. Porq̃ sey certo, q̃ como entenderem ser fauorecida de vossa Real Alteza, ninguẽ ousará offendela, & eu terey atreuimẽto para passar a diãte, acabando a terceira parte, que já tenho começada, para com ajuda de Deos presentar a vossa Real Alteza, a que nosso Senhor de longa vida, com muyta felicidade em seu Sancto seruico.

Amen».

Os contos occupão as folhas 1-52.

Ambas as partes estão reunidas num volume in-quarto encadernado em velino.

Worcester (Massachusetts), Estados Unidos, 27 de Março de 1913.

JOSEPH DE PEROTT.

MISCELLANEA

Observação á "Revista Lusitana", XV, 370 ("Oscar Nobiling")

O título completo do primeiro dos trabalhos de Oscar Nobiling mencionado no § 14 é:

— *Vierzeilen aus dem brasilianischen Staate S. Paulo*. Contém 38 canções, precedidas de breve estudo da pronúncia do português de S. Paulo. Foi publicado nas *Romanische Forschungen*, XVI, 137. Cf. *Zs. f. rom. Philol.*, XXXI, 732.

J. L. DE V.

Formas diminutivas nos falares algarvios

MAREQUINHAS, SOL-POSTINHO

As formas diminutivas são muito frequentes nos falares do Algarve. É sabido que a dissimilação regressiva de *i* em *e* nas sílabas pretónicas dos vocábulos cuja vogal tónica é *i*, v. g. *vezinho*, > *vicinu*-, *ministro* (que se lê *menistro*), nem sempre se dá. Com efeito o *i* do radical dos diminutivos conscientes da lingua comum formados com sufixos com *i* na sílaba tónica como *-inho*, *-ito*, *-ico*, e outros com ou sem o infixo *-z-*, é inalterável¹: *bico*, *biquinho*; *rubi*, *rubizinho*; *chico*, *chiquito*.

Pelo contrário, nos diminutivos inconscientes dá-se a dissimilação: por exemplo o alentejano *tezinho* por *tizinho* (= *tiozinho*).

Nos falares algarvios os diminutivos usam-se com tal frequência,

¹ Vid. Gonçalves Viana, *Exposição da pronúncia normal portuguesa*, Lisboa 1892, pag. 56.

que se perdeu por completo a noção da formação do vocábulo; e diz-se então: *Chequinho*, e não *Chiquinho*, de *Chico*; *vestedinho*, e não *vestidinho*, de *vestido*; *Joquenita*, e não *Joquinita*, de *Joquina* (*Joaguina*); *Marequinhas*, e não *Mariquinhas*.

Curiosa também é a formação de diminutivos com palavras compostas. De *sol-posto* formou-se *sol-postinho*. *Sol-postinho* é no Algarve aquilo a que os Alentejanos chamam *o pôr do ar do dia*.

Lisboa, 23 de Junho de 1913.

BERNARDINO BARBOSA.

Estudos de Ethnographia africano-portuguesa

«1.ª Portaria que inicia esses estudos

«N.º 215:

Considerando que nem a penetração pacífica do território, nem o que se chama a «política indígena» se comprehendem sem o prévio estudo ethnographico das populações semi-civilizadas d'esta immensa provincia de Angola, e sendo mesmo como que um desaire, já notado pela sciencia estrangeira pela penna auctorizada de A. van Gennep, a nossa quasi carencia de estudos ethnographicos africanos regulares, quando é certo que correm mundo as monographias ethnographicas dos allemães sobre as suas colonias africanas e oceanicas, dos holandeses sobre a Insulindia, dos americanos do norte sobre os amerindios e as Filipinas, dos sabios e funcionarios ingleses sobre as populações da Africa Oriental, da India, da Australia, dos Estados Malaio, e já a França pôde citar para a ethnographia das suas colonias de Africa os nomes dos senhores Clozel e Maurice Delafosse (Costa do Marfim), Bruel (Congo) e Guébhard (Futa-Djallon), além dos trabalhos da Escola de Letras de Argel ácerca da Argelia e de Marrocos;

Considerando que o desaparecimento ou a simples diminuição da mão-de-obra indígena é causa de morte ou definhamento para uma colonia tropical, e de modo nenhum pôde um governo colonial de hoje, não falando mesmo no elementar dever de solidariedade humana, desinteressar-se da sorte e da vida das populações indígenas, sendo mesmo para os funcionarios publicos nas colonias inglesas e allemãs uma

recommendação e um motivo de promoção o interessarem-se pela vida dos nativos, descreverem-na e procurarem comprehendê-la;

Considerando que se não temos, como a Inglaterra em algumas das suas colonias, os logares officiaes de ethnologos, como a Hollanda para o seu imperio colonial da Insulindia, logares de *adviseur* das questões indigenas, e funcionarios ethnographos, cabe a todo o funcionario de Angola, neste momento de renovação nacional, de serena esperança e de fé no bom destino da Patria, e de esforço pelo bom nome português, o dever de iniciar, para uma obra de conjuncto, digna de tomar vida e vulto pela applicação do methodo comparativo ou ethnographico, as suas observações pessoas, o seu estudo directo, longe de todo o apriorismo, e em toda a sua real complexidade, dos agrupamentos semi-civilizados de Angola em cujo contacto estiver:

Hei por conveniente ordenar que, no prazo de quatro meses, respondam os administradores de concelho, capitães-móres, residentes, administradores de circumscripção e chefes de postos, ouvindo para tanto os chefes indigenas, os missionarios, o pessoal subordinado, e as pessoas illustradas da região, ao questionario ethnographico que será publicado opportunamente no *Boletim Official*, e irá assignado pelo Secretario Geral interino d'este Governo Geral.

E, ulteriormente, será organizada a commissão que deverá tomar conhecimento dos materiaes ethnographicos reunidos, e valorizá-los em pró d'esta provincia.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento e a execução d'esta competir assim o tenham entendido e cumpram.

Residencia do Governo Geral, em Loanda, 23 de fevereiro de 1912. — O Governador Geral, *Munuel Maria Coelho*.

6) Organização de um Museu Ethnographico de Angola e Congo

« N.º 266:

Devendo a portaria n.º 215, de 23 de fevereiro proximo passado, ter como natural complemento a instituição na cidade de Loanda de um *Museu Ethnographico de Angola e Congo*, onde o estudioso, o colono recém-chegado, o homem de negocio, o funcionario colonial, possam aprender a conhecer o typo cultural das curiosas e ainda tão mal estudadas populações semi-civilizadas d'esta provincia;

Considerando que ao tão interessante Congo Portuguez desce

ainda a influencia da mysteriosa e extraordinaria arte da Costa de Benin, a que a sciencia allemã já pensou em dar uma origem indo-portuguesa, e tendo tambem alta curiosidade para a historia da evolução dos typos culturaes as civilizações indigenas da Africa Occidental (Sudão, Senegal, Guiné, etc.), pois, segundo nota o sr. Arnold van Gennep, o sabio Director da *Revue d'Ethnographie*, teem ellas com as distantes civilizações oceanicas taes semelhanças geraes e de pormenores, que já se julgou possivel definir-se um *cyclo cultural malaio-nigrício*:

Considerando que é uma vergonha nacional, ha quatrocentos annos senhores de Angola e Congo, não termos ainda na capital da provincia um Museu ethnographico, n'esta hora em que a Alemanha, n'uma verdadeira febre de conhecimento, se está cobrindo de Museus ethnographicos e de folklore, onde o publico vae estudar praticamente, para se assegurar do futuro, a evolução da civilização humana, tendo sido julgada por Arnold van Gennep uma data importante na historia das sciencias anthropologicas, e da nova sciencia, a Museologia, a inauguração solemne em 12 de novembro de 1906 do Museu Ethnographico de Colonia (*Rautenstrauch-fest Museum für Völkerkunde*), que veio coroar esplendidamente a serie admiravel dos museus de Leiden, de Bremen, de Hamburgo, de Altona, de Berlim, de Leipzig, de Dresden, de Nuremberg e de Munich;

Considerando outrosim o grande interesse humano, e o interesse nacional e de historia local, de reunir ao lado das collecções ethnographicas, classificadas por ordem geographica e ordem genesica, e em dupla serie de objectos typicos e objectos seriados, ou grupos de objectos, tambem as inscrições lapidares e outros testemunhos de valor archeologico, documentando o passado português da colonia e mais os restos do passado prehistorico de Angola, que o solo ainda guarda;

Considerando que não recorre baldadamente o Governo aos funcionarios publicos e aos cidadãos em geral, lembrando ao seu sentimento patriotico, n'esta hora em que é forçoso manifestar a vontade collectiva de vida, de potencia, a grande utilidade publica da remessa e offerta, ou mesmo deposito, de objectos de valor ethnographico, prehistorico ou archeologico, e prestando-se o juiz da Relação de Loanda, bacharel Alberto Osorio de Castro, socio do «Instituto Ethnographico Internacional de Paris», a dispôr methodicamente, segundo as indicações da museologia ethnographica e archeologica, as collecções que na Secretaria do Governo se receberem:

Hei por conveniente, em nome e na ausencia de Sua Ex.^a o Governador Geral, instituir em Loanda, n'um dos edificios em que estavam accomodadas as companhias disciplinares, o *Museu Ethnogra-*

phico e Archeologico de Angola e Congo, cujo estatuto interno ficará opportunamente regulamentado.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento e a execução d'esta competir assim o tenham entendido e cumpram.

Residencia do Governo Geral, em Loanda, 5 de março de 1912.—O Secretario Geral do Governo, interino, *Manuel Moreira da Fonseca*.

(Do *Boletim Oficial da provincia de Angola*, 1912).

Sobre dois ditados que se completam um ao outro

Aos dois curiosos artigos do sr. Cláudio Basto, na *Revista Lusitana*, XV, 173-4 e 351-3, acrescentarei as seguintes variantes do ditado completo, as quaes exprimem dois prognósticos sobre fenómenos meteorológicos de efeitos diversos:

— Vermelha pr'ó mar
albarda o burro e vai ó sal,

Vermelho ó nascente
albarda o burro e vai diente.

(Serrazes, Carvalhais, Bórdonhos [S. Pedro-do-Sul]).

— Sol encarnado pr'ó mar
bota os bois a lavar,

Sol encarnado ó nascente
larga os bois e ven-te.

(Ribatejo).

— Ruivas ó mar
velhas a assõlhar,

Ruivas ó nascente
chuva de repente.

(Viana-do-Casteio).

[Dizem *ruivas* ou *ruivinhas*. *Ruivinhas*, só por si, e mais especialmente, são as da tarde. «Lá estão as *ruivinhas*!» — (Informação de uma senhora de Viana)].

Na *Revista Lusitana*, XII, 185, vem o seguinte ditado alentejano:

— «Ruivosas (*stratus*) em Portugal, albarda o burro e vae ao sal».
[Cf. o primeiro acima citado].

Os marinheiros de Ílhavo costumam dizer, num arremedo de pronúncia castelhana:

— Arco de la mañana	Arco de la ta[rð]
Tormentana,	Serenidad ¹ .

[«Como diz o espanhol», acrescentam elles].

O Adagiario de Rolland regista:

— Sol roxo, agua ao olho.

Em Espanha há mais os seguintes, que se completam nos dois prognósticos, ou que se citam independentemente, conforme o phenomeno observado:

— Arreboles de Aragón	Arreboles de Portugal
á la noche con agua son.	á la mañana sol serán.
— Arreboles en Castilla	Arreboles en Portugal
viejas á la cocina.	viejas á solejar.

¹ Estas observações sobre o apparecimento do *arco-iris* ou *arco-da-velha* estão em desacordo com as seguintes previsões similares no nosso pais:

— Arco da velha	— Pela manhã cedo:
por agua espera.	Bom tempo.
Ou então:	
Ao meio dia:	Á tarde:
Melhor tempo.	Por agua espera.

(Serra-da-Estrêla)

[Leite de Vasc., *Ensaio Ethnog.*, II, 141]

— Arco da velha de tarde
não vem cá debalde

(Alentejo).

[Soeiro de Brito, *Astron. Met. e Chr. pop.*, 26].

No arremêdo castelhano talvez *arco* esteja em lugar de *árcol* por *árbol*, de *arr'bol*, *arrebole*.

A estes acrescentarei os seguintes, que exprimem observação independente:

Arreboles al Oriente
agua amaneciente.

Arreboles por la tard
á la mañana aire ¹.

Azinheta (Barreiro), Fevereiro de 1933.

ÓSCAR DE PRATT.

“Pedro” e “Pedra”

Á analogia rítmica que na Bíblia se estabelece entre *Petrus* e *petra* ² responde a língua portuguesa tratando foneticamente de um mesmo modo essas palavras (abstrão do *é* e *ê*).

De *Petrus* veio *Pêdro*, e de *petra* veio *pêdra*, pela mudança do nexu intervocalico *TR* em *dr*. É fenomeno corrente. Vejamos porém outros mais curiosos no onomastico.

Quando, falando, empregamos duas expressões, uma das quaes está de algum modo subordinada pela acentuação á seguinte, aquella experimenta mudanças que não experimentaria, se estivesse em pausa. Por exemplo: dizemos *um santo* (pausa), mas *Sã* ou *São José*; a palavra *santo* modificou-se, isto é, abreviou-se. Chama-se a este fenomeno *próclise*, e á palavra que se modifica, *próclitica* ³.

¹ Um outro em que parece haver permuta entre os verbos, pois contraria a observação popular geral:

— Arreboles al *anohecer*
agua ó viento al *amanecer*.

[É lição da *Enc. de Segui.*]

Do fenómeno de vermelhidão geral do ceu, que presagia tempestade, fala tambem o proverbio:

— Arreboles á todos cabos
tiempo de los diablos.

Sentido igual terá, talvez mais propriamente, o ditado do Adagiario, acima transcrito.

² *Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam.* S. Matheus, XVI, 18.

³ Vid. *Lições de Philologia Portuguesa*, Lisboa 1911, pag. 485.

Tal fenómeno acontecia outr'ora não raro com varios nomes proprios, seguidos dos respectivos apelidos: *Fernão Lopez*, mas *D. Fernando*; *Martim Moniz*, mas *S. Martão* ou *Martinho*¹. Em documentos galegos ha *Afon*, por exemplo no sec. XIV², que corresponde a «Afonso». Num romance popular ha *Bernal-Francês*, onde *Bernal* provém de *Bernaldo*, que se usava no sec. XVI³, e se usa ainda hoje no Algarve⁴, na Beira-Baixa e em Hespanha: de *Bernaldo* deriva *Bernaldino*⁵ (fôrma plena), e *Bernaldim*⁶ (fôrma abreviada). O povo diz tambem *Mar' do Crasto*, embora só se escreva *Maria do Crasto*. Uma fôrma como *Fernão* deve na origem ter existido sômente antes de consoante, porque antes de vogal o *do* de *Fernando* aglutinava-se-lhe (*Fernand'Alvarez*): depois porém o uso de *Fernão* generalizou-se, e passou a empregar-se tanto antes de um apelido começado por consoante (*Fernão Mendez*), como antes de um começado por vogal (*Fernão Alvarez do Oriente*).

A palavra *Pedro*, nos documentos antigos, toma differentes fôrmas: *Pedr'Amigo*⁷, *Pero de Ponte*⁸, *Per'Estação*⁹, conjuntamente com a fôrma plena *Pedro*, ou em pausa (*conde dom Pedro*¹⁰), ou mesmo em próclise (*Pedro Gaez*¹¹). Tambem hoje dizemos «caldeira de *Pero Botelho*», como frase estereotipada, e temos na toponimia: *Pero Abegão*, *Pero Calvo*, *Pero Dias*, *Pero Moniz* (popular *Premoniz*, *Apremoniz*), *Pero Negro*, *Pero Viegas* (popular *Previegas*, *Praviegas*), *Pero Viseu*, etc., etc. O *d* de *Pedro* caiu, por *Pedro* estar em próclise. Pôde acontecer que um nome que a principio era só proclítico, chegue, com o andar dos tempos, a empregar-se em pausa: assim agora *Fernão* emprega-se independente («tio *Fernão*»), e no *Cancioneiro da Vaticana*, pag. 249, lê-se: *yfant dô p^o*, que, a pag. 454, vem por extenso: *Don Pero, filho del rey de Portugal*. De *Pero* veio o patroni-

¹ Cf. *Rev. Lusitana*, II, 365 (artigo meu), e XV, 373 (artigo do O. Nobiling); e os meus *Textos Archaicos*, 2.^a ed., pag. 155-155.

² Vaamonde, *Ferrol y Puentevedra*, pag. 75, 82; cf. Diego, *Gramat. gallega*, p. 13.

³ *Archivo Hist. Portug.*, II, 88, 95.

⁴ *Correio das damas*, IX, n.º 8 (1851); *Revista Lusitana*, VII 110 (J. J. Nunes).

⁵ Sousa Viterbo, *Medicos portugueses*, II, 32.

⁶ *Archivo Histor. Port.*, III, 87. Cf. *Bernaldim Ribeiro*.

⁷ *Cancioneiro da Vaticana*, ed. de Monaci, p. 242.

⁸ *Ibid.*, pag. 157.

⁹ *Archivo Hist. Port.*, II, 129.

¹⁰ *Cancion. da Vatic.*, pag. 367.

¹¹ *Ibid.*, pag. 398.

mico *Pérez*, que concorre com *Pirez*, que veio de Petrici, havendo-se o *e* mudado em *i* por *Umlaut*, isto é, por influencia do *i* final na vogal tónica (cfr. *fiz*, arc. *fizi*, de feci).

Paralelamente á mudança de *Pedro* em *Pero* observa-se a de *pedra* em *pera* nos seguintes nomes geograficos: *Perafita* (variante *Para-fita*), por *pedra fita*, de Petra ficta, *Peralta* = *Per'alta* por «pedra alta», *Peralva* = *Per'alva* por «pedra alva», *Peras Ruivas* por «pedras ruivas», *Perboi* por «pedra de boi», *Peranta* = *Per'anta* ou «pedra d'anta», *Pradanta* e *Paradania*, tambem por «pe(d)ra d'anta»¹. *Anta* é o nome que outr'ora se dava em todo o país, e ainda ao presente se dá no Alentejo, aos monumentos pre-historicos que em Arqueologia se chamam «dolmens». Á fôrma *Perafita* corresponde no sec. XI *Pedra-ficta*, e a *Peranta*, *Pradanta* e *Paradanta* corresponde no sec. XIII *Petram de anta*². O sentido de *Perafita* é «pedra a pino», e o das últimas expressões é analogo ao de *Pedra da Arca*, que tambem se encontra no onomástico³.

J. L. DE V.

Ditado topico

Com o ditado português *Serpa*, || *serpente*, || *boa terra*, || *mã gente* (vid. *Lições de Philologia Portug.*, pag. 318) cfr. o ditado italiano *Gaggio pendente*, || *buona la terra e cattiva la gente* (vid. Zanardelli, *I soprannomi di persone*, Bologna 1913, pag. 22): d'onde se vê que os Serpenses tem companheiros de mofa, e que esta só provém da rima (aliterante e consoante).

J. L. DE V.

¹ Com *Pradanta* cfr. *Apregonis* e *Previegas*, que citei supra. Popularmente diz-se tambem *Prafito* por *Perafita*.

² Vid. Cortesão, *Onomastico*, s. vv.

³ Este artigo foi publicado primeiramente na *Limiana*, 1913, pag. 127-129.

NECROLOGIA

PROF. A. GOMES PEREIRA

Faleceu em Middões, Barcelos, sua terra natal, o P.^e A. Gomes Pereira, professor do Liceu de Rodrigues de Freitas (Porto).

Era novo ainda, e as suas grandes faculdades mal tinham tempo de se manifestar.

Frequentador assíduo das bibliotecas, onde ia — explicava êle modestamente — tirar umas duvidazinhas, teria deixado com certeza obras de valor, se a sua vida não fosse travada pela tuberculose, adquirida — quem sabe? — a folhear livros, a reunir materiais.

Nomeado professor do liceu de Vila Real, onde se conservou três anos, entregou-se á tarefa de coleccionar as tradições populares do concelho, não deixando escapar o mínimo facto que pudessem importar á filologia ou á etnografia. A colecção appareceu na *Revista Lusitana* ¹, sendo depois publicada em separata com o título de *Linguagem popular de Vila Real* ².

Como professor, procurava sempre incutir no espirito dos alunos o gosto do estudo dos vocábulos e tradições populares, aconselhando livros, marcando exercicios, etc. E os alunos correspondiam aos estímulos, como pode verificar-se pela leitura das *Tradições populares e dialecto de Penedono* ³.

Temos encontrado tambem discipulos do P.^e Gomes Pereira, que após a elaboração dos exercicios, se apaixonaram da materia estudada, propondo-se continuar na esteira do mestre.

Em volume especial publicou Gomes Pereira em Esposende em 1912 as *Tradições populares, vocabulário e toponymia da Guarda*, que fazem parte da collecção etnografica denominada «Silva Vieira»; e estão para se publicarem na *Revista Lusitana* outras provas do seu labor literario.

Na sua cadeira de literatura portugueza, não pejava o cérebro dos rapazes com datas, nomes e frases consagradas pelos compêndios. Amando

¹ Vols. 9.^o, 10.^o, 11.^o, 12.^o e 13.^o.

² Imprensa Nacional, 1910.

³ *Rev. Lus.*, Vol. 12.^o, pag. 298.

apaixonadamente Gil Vicente, obrigava o aluno a ler os autos, a compreender a linguagem, a definir personagens, a relacionar caracteres, a apropriar-se enfim, do espírito da época em que viveu o escritor.

Juntamente com Casanova Pinto, preparou A. Gomes Pereira, numa faina febril, dous livros — *A Selecta Portuguesa* das tres primeiras classes e a de *Literatura* —, e as *Notas e Vocabulario da Selecta de Literatura*. São obras defeituosas de longe a longe, mas que revelam trabalho e consciência.

Homem de dignidade serena e rígida, superior a intrigas e injustiças, conseguiu ganhar as simpatias de todos aqueles com quem viveu e tratou.

Vendo alguém o P.^e Gomes Pereira perdido, propôs-lhe uma transferência. A resposta foi esta: *Quero ter a modesta consolação de morrer professor do liceu do Porto.*

E morreu, legando ao estabelecimento onde foi professor a parte mais preciosa do seu espólio — os livros, em que cumpridas as obrigações de sacerdote exemplar e de professor escrupuloso, concentrava toda a sua alma, toda a sua actividade.

Vila Real, 7 de Junho de 1913.

A. C. PIRES DE LIMA.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

JÚLIO MOREIRA, *Estudos da Língua Portuguesa*, vol. II, obra póstuma. Lisboa, Livraria Clássica Editora, de A. M. Teixeira, 1913.

É a continuação do livro que Júlio Moreira, em 1907, publicou com o título de *Estudos da Língua Portuguesa. Primeira série. Subsídios para a syntaxe histórica e popular*, e cujo aparecimento ficou registado no vol. XI, pag. 355 desta *Revista*.

As palavras de justo louvor com que então nos referimos àquele primeiro volume dos *Estudos*, numa simples notícia bibliográfica, bem deixaram sublinhado o conceito em que tínhamos o seu autor. O seu muito saber e o valor da sua competência, sobretudo em assuntos de syntaxe histórica e popular, continuam a revelar-se neste segundo volume agora publicado.

É que Júlio Moreira era um dos raros humanistas ainda existentes entre nós, mas que tendem a desaparecer pela má corrente que predomina, há umas dezenas d'anos, entre os nossos pedagogos. Acabaram, quasi, com essas *velharias* do estudo do latim e do grego, que tanto contribuíam para o desenvolvimento da intelligência e do raciocínio dos rapazes, habilitando-os, assim, melhor para a apreensão de todos os mais conhecimentos. Os resultados d'esta orientação é vermos realçadas, pelo confronto, as velhas gerações educadas pelo padre-mestre de latinidade, quando postas em balança com as actuais, cheias do falso enciclopedismo dos nossos liceus.

Infelizmente Júlio Moreira é falecido. Perdeu nele a filologia portuguesa uma das suas mais ilustradas competências. A par com os primeiros filólogos portuguezes, notabilizara-se pela «agudeza da observação» com que «assinalou numerosos fenómenos do falar quotidiano, nos quais só um investigador dedicado repara ¹» E como, no próprio dizer do autor, «a syntaxe do povo,

¹ Da prefção do Dr. José Leite de Vasconcellos.

só por si, nos explica muitas das construções da língua literária, conservando-nos antigos aspectos do nosso idioma», a leitura d'este segundo volume dos *Estudos* mais nos firmou na persuasão, em que já nos deixara a leitura do primeiro, de que esta obra de Júlio Moreira constitue um bom e indispensavel subsídio para quem tente fazer uma syntaxe histórica da Língua Portuguesa.

Está o livro dividido em tres partes: a 1.^a, *Subsídios para a syntaxe histórica e popular*, é a continuação dos estudos apresentados no 1.^o volume; a 2.^a, *Questões de linguagem*, trata de vários assuntos de filologia taes como: Etimologia popular, Formação de palavras, Formas divergentes, etc.; e a 3.^a, *Lexicologia*, apresenta-nos um estudo da linguagem de Camilo e mais dois capítulos sobre vários vocábulos avulsos e sobre nomes de lugar.

Não nos pertence, nem neste lugar caberia, uma apreciação ou exame crítico dos *Estudos*. Poderão, por acaso, ter defeitos; poderão talvez ser menos justas algumas observações, ou errónia, até, alguma conclusão; nada disso, porem, diminue o valor da obra que, mesmo com aquelas faltas, se porventura as tem, é um dos livros mais recomendaveis para quem deseje estudar a lingua portugêsa.

Ao snr. Dr. José Leite de Vasconcelos, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e discípulo que foi, e amigo intimo, do falecido, e cultor dos mesmos estudos que ele, encarregou a familia de Júlio Moreira da publicação d'este livro. A parte que aquele professor tem nesta obra fica indicada na prefacção, que é digna de lêr-se, não só por isso, mas tambem pelas noticias biográficas que nos dá do autor.

ALVARO DE AZEREDO.

— *Beiträge zur Kenntnis portugiesischer Orthoepie* — por Gustav Rolin. Separata do *Archiv* de Herrig, vol. XXV, fasc. 3-4, 1911.

Nestes subsidios examina o Autor com a maior diligência, e extrema minúcia, o valor das vogais átonas em português, e as suas modificações, devidas quer à vizinhança ou contacto de outros sons, quer à sua proximidade ou distância com respeito às vogais tónicas. É um trabalho perfeitíssimo, no qual o assunto ficou, a bem dizer, exausto, compendiando-se nêle tudo quanto sôbre tal objecto tem sido estudado pelos nossos filólogos. Compreende não menos de vinte páginas em tipo miúdo, e o seu autor aproveitou com o

maior discernimento todos os preceitos e todas as leis fonéticas que regulam o valor dessas vogais átonas.

Conveniente seria reproduzi-lo em português nos nossos compêndios gramaticais, pois raros serão aquêles em que qualquer noção desta parte interessantíssima da nossa fonologia fosse com tanto rigor observada, e com tamanha exactidão exposta.

Comquanto, segundo presumimos, as bases dêsse estudo as coligisse o autor em obras dos nossos foneticistas, e não em observação própria, a ordenação de todo o material, disperso em publicações de vária natureza, é dêle e bem dêle, e merece inteiro aplauso e completa confiança.

Z.

— *Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache* — por Gustav Rolin, Professor da Universidade de Praga. Parte 1.^a, *Português-alemão*. Parte 2.^a *Alemão-português* — por D. Luisa Ey, Berlim s. d.

Qualquer das duas partes é digna de menção pelo escrúpulo e rigor empregados, e pela nítida impressão e formoso aspecto externo que reproduz o de outros volumes já publicados referentes ao alemão, e a várias outras linguas europeias.

O tomo 1.^o, a que principalmente queremos referir-nos, é precedido de um estudo da pronúncia do português da capital, escrito pelo sr. Gonçalves Viana, que mais uma vez ahi revela a sua competência no assunto; a pronúncia indicada no corpo do Dicionario em cada vocábulo obedece com o maior rigor em preceitos formulados naquêle estudo, e dêsse trabalho se incumbiu o professor Gustav Rolin com uma pontualidade e esmero, que é de inteira justiça encarecer.

Z.

II

PERIODICOS

— *Zeitschrift für romanische Philologie*, XXXVI, 5.^o fasciculo (1912): *Rims equivocs und derivatius im Altportugiesischen* por H. Lang; e noticia bibliografica das *Cantigas de Guilhade* de Nobiling por E. Hoepffner. No 6.^o fasciculo continúa o sr. Leo Spitzer os seus substanciosos estudos syntactico-estilísticos, nos quaes ha referencias á lingua portuguesa: cf. *Rev. Lusit.*, XIV, 316-317.

(A respeito de *nemque*, cf. Julio Moreira, *Estudos da lingua portuguesa*, II, 76). — No mesmo fasciculo, pag. 724, trata o sr. Spitzer do brinquedo infantil que os Hespanhoes chamam *cobrillas* e os Bogotanos *pan y quesito*, expressões que compara com outras de diversas linguas: faltou citar a portuguesa da Beira *capar a agua*, que mencionei nas *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, pag. 71, onde falei do tal brinquedo.

— **Figueira**, revista de literatura, sciencia e arte. Serie III e IV, n.os 1 a 12, 1912. Publica de vez em quando artigos folkloricos, e listas onomasticas.

J. L. DE V.

III

VARIA QVAEDAM

— *Cartas de D. Francisco Manoel de Mello*, publicadas por E. Prestage, Lisboa 1911.

— *Camões e Macedo* — por J. Ramos Coelho, Lisboa 1911.

— *Notes on the syntax of the Latin inscriptions found in Spain* — por H. Martin, Baltimore 1909.

— *Influencias estrangeiras em Eça de Queiroz* — por João de Meyra, Famalicão 1912.

— *Questionario ethnographico ácerca das populações indígenas de Angola e Congo* — publicação official: Loanda 1912.

— *Romanisches etymologisches Wörterbuch* — por W. Meyer-Lübke, Heidelberg 1911-1913. Estão publicados os fasciculos 1-6: a a *pharmacum*.

— *Novos estudos da lingua portuguesa* — por Mario Barreto, Rio de Janeiro 1911.

— *A sistematização ortográfica* — por Silvio d'Almeida, S. Paulo 1912.

— *La légende du page de Sainte Élisabeth* (nouveaux documents orientaux) — por E. Cosquin, Paris 1912.

— **Camoens in der deutschen Dichtung des 19 lahrhunderts**

— por Wilmsmeier, Erfurt 1913, 132 pag.

—Trabalhos de D. Carolina Michaëlis:

a) **Notas vicentinas**, 1, Coimbra 1912;

b) **Novos estudos sobre Sá de Miranda**, Lisboa 1911;

c) **Literatura antiga portuguesa** (*Universal Antology*, pag. 3081-3100).

— **Notes sur la langue de la Guiné au XV siècle** — por R. Basset, Coimbra 1913. Separata do vol. v do *Boletim* da Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa.

— **Ensaio de Philologia** — por Americo de Moura, Campinas (Brasil) 1913.

— **Orthographia Portuguesa** — pelo mesmo, Campinas 1913.

— **Historia da Litteratura romantica portuguesa** (1825-1870) — por Fidelino de Figueiredo, Lisboa, 1913.

—Trabalhos do signatario d'esta secção:

a) **Le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques, d'après les données de la toponymie**, Lisboa 1912; x

b) **Carolina Michaëlis**, lista dos seus trabalhos literarios: Lisboa 1912;

c) **Deuses da Lusitania**, Lisboa 1913 ¹;

d) **Pelo Alemtejo**, Etnografia e Arqueologia, Lisboa 1913;

e) **Julio Moreira e o seu labor literario**, Lisboa 1913;

f) **Religiões da Lusitania**, vol. III, Lisboa 1913.

J. L. DE V.

¹ Como será pouco explicito o que na pag. 12 d'este folheto se disse da declinação de *Io*, acrescentarei aqui que as unicas flexões que do mesmo nome vem citadas em Georges, *Lexikon der lateinischen Wortformen*, Leipzig 1890, são: *Io*, *Ion* no nominat.; *Ius*, *Ionis* no genet.; *ioni* no dat.; *Io*, *Ionem*, *Ion* no accus.; *Io* no vocat.; *Io* no ablativo.

REVISTA LUSITANA

VOL. XVI

1913

N.os 3-4

Tradições populares do Baixo-Alemtejo

(OURIQUE)

I

O trigo e o pão

Sua origem e caracter divinos na tradição popular

O sub-titulo é demasiadamente pomposo, e reconheço bem que o não vale este pequenissimo feixe de lendas e superstições.

Modesta addição a outros de que alguém competente e a quem não faltem elementos, possa fazer um estudo completo: — não tem outras pretensões.

Assim, leitor erudito, se me assures que o já agora desastrado sub-titulo fica ao abrigo dos rigores da tua critica implacavel, prometo contar-te estas cousas ingenuas e imaginosas que a alma popular entreteu e transmite com tão desataviada e pitoresca fórma.

Tu, que com toda a tua bagagem scientifica sabes bem quaes as qualidades chemicas e o valor alimenticio, economico e social do pão, e d'esse baguinho loiro e minuscuro que o homem lança incansavelmente á terra, e que a terra desentranha numa fartura de espigas tumidas que são energia, conforto, riqueza e estimulo de bocas famintas e de braços que trabalham, talvez lhes ignores a origem e não cansas de esperar um novo Darwin que resolva acaso o problema.

Pois, apesar de sobrenatural, não tem nada misterioso.

Queres que conte? Pois queres?

« Foi no principio do mundo.

Não havia trigo.

Ô depois Deus Nosso Senhor arrancou aqui um punhado de barbas e lançou-as á terra.

E d'aí é que procedeu o trigo brabel ¹, que é o trigo mais antigo que nós temos no mundo e que funde ² sempre bem ».

... Pois é. Eu acho interessante.

E a razão porque o trigo é escolhido para fazer a hostia, não o é menos.

« Um dia, o trigo, a cevada e o centeio foram todos tres á missa e...

— A' missa!

— Sim, senhor, á missa. Como ia dizendo, « foram todos tres á missa. O' depois, o trigo entrou pela igreja muito serio, chegou alem ao altar-mór, subiu, ajoelhou e fez a sua oração.

Vae a cevada, chega alem ô meio da igreja, dá-lhe festa, entra a rir, a rir...

Voltou p'ra tras: não fez oração. — E' por isso que o pão de cevada, arreganha sempre.

O centeio o que ha-de fazer? Vae de cá, chega á porta da igreja, e... e...

Ora, fez uma cousa feia.

— Causa feia que me não disseram qual, mas que é facil adivinhar, sabendo toda a gente dos fenomenos timpaniticos que ele produz. E aqui tens, leitor.

E' por isso que o centeio foi amaldiçoado e o trigo é escolhido para as hostias.

Em caso de muita, muita necessidade, serve a cevada, que ainda assim sempre chegou ao corpo da igreja.

Mas só quando não haja trigo ».

Agora o pão é bento. E' a face de N. S., como a hostia consagrada é corpo e alma e divindade de N. S. Jesus Christo.

E' pecado pisá-lo. Quando alguém deixa cair um bocado, apressa-se a levantá-lo, assopra-o (medida higienica, ou resto de algum rito?) e beija-o exclamando quasi sempre — « ai panito da minha alma! — como quem pede perdão. Usualmente tambem, quando um pobrezinho aceita esmola de pão (e muitas vezes, mesmo qualquer outra), beija-a e diz:

— « Seja tudo p'l'amor Deus », ou « pelo divino amôr de Deus ».

Comtudo, apesar deste seu caracter divino, o pão serve para alguns maleficios.

Na *encomendação a morte e a ferro*, cuja fórmula não pude ainda

¹ Por *barbel*. Ha aqui uma transposição de sons muito vulgar na linguagem popular.

² « Chega », « supre ».

haver, mas que serve para fazer vir alguém a um ponto determinado, ou para nos vir á mão qualquer cousa perdida ou roubada, e cuja efficacia é muito maior do que a da *encomendação ao padre S. Antonio*, bocados de pão são calcados aos pés.

O ritual seguido é este:

A pessoa que faz a encomendação, traça no chão um grande *circo* com um bordão, e ao meio deste uma grande cruz. Depois, dentro d'esse *circo*, vae dizendo as palavras e pisando muito bem o pão, umas contas e dinheiro com cruzeiros.

Lá a certa altura, aparece um grande cão negro, que é o Inimigo, e que faz inauditos esforços para entrar no *circo* que o homem ou mulher defende á pazada, a um lado e a outro.

Se fôr pessoa que seja encomendada, nunca mais poderá comer, nem beber, nem ter sossego enquanto não vier onde a chamam, e se fôr cousa ou animal, não tendo passado aguas de mar e não estando debaixo de sal — que é sagrado — eles aparecem.

Com os restos de pão que alguém deixe esmordicado (o que aqui se chama pitorescamente «enfeitadinho») se pôde fazer muito mal a essa mesma pessoa.

Dizem-me que bastará cravá-lo de alfinetes e metê-lo nas gúelas de um sapo que se larga no campo ou dentro de uma panela de barro.

Quando as mulheres amassam, para que o pão cresça e não haja nenhum prejuizo, costumam proceder assim:

Desfazem o fermento e acastelam a farinha num dos lados do alguidar para fazer a *presa*.

Benzem-se, e enquanto fazem na farinha uma cruz ou quatro em cruz, vão dizendo:

— E Jesus, que é santo nome de Jesus, onde está o santo nome de Jesus, não está mal nenhum.

Depois d'isto começam a amassar.

Acabada a operação, põem o signal ou crescente, e vincam na massa, com a mão em cutelo, uma grande cruz e dizem:

— Cresça o pão no alguidar,
Como o Sr. subiu ao altar.

Ou:

— Deus te acrescente
E as almas no ceu para sempre.

Quando o enfornam, tambem fazem cruzeiros na boca do forno.

Pela lêveda se pôde fazer mal, e por isso não se deve emprestar a toda a gente.

Acabado o pão de tender e tirada a lèveda para a *semana que vem*, marcam a mesma com uma cruz, e deitam sal no prato, tijela, cocharro, ou o que quer que seja, por causa das bruxas, e também porque *o sal conserva muito bem*.

11

Origem do milho

D'antes não havia milho.

Um dia o Senhor disse a S. Pedro:

— Ai que ano desgraçado que vamos a têr este ano! Coitadinho de quem deitar alguma coisa á terra!

E S. Pedro, que ouviu aquilo, foi contar a um compadre que tinha, que era muito querido.

E o compadre não semeou nada. Não semeou nada, coitadinho, e ó depois veio o tempo das colheitas, os outros arrecolheram alguma coisa e ele nada.

Ele a chorar, a lamentar a sua desgraça:

— Vocemecêa vir-me dizer uma coisa d'essas!... Os outros sempre colheram alguma cousa, e eu...

S. Pedro foi ter com o Senhor:

— Ai, meu divino Mestre, o pobre do meu compadre não arrecolheu nada!

— Então p'ra que é que lhe fostes lá dizer que se não colhia *nada*? Eu disse-te isso? O que eu disse foi que se não colhia nada, á proporção. Então p'ra que fostes lá dizer? Bom, mas em vista d'isso vae dizer ô teu compadre que vá á ribeira e que joeire a areia que lhe pareça que dá p'rôs gastos da sua casa.

E ele assim fez. Foi joeirar a areia. Os moios que ele entendeu que podia gastar de pão, joeirou de areia.

Depois o Senhor foi, deitou-lhe a sua abençoá,— ficou em milho.

Depois o Senhor disse-lhe que todos haviam querer trocar o trigo. E assim foi. Os outros lavradores assim que viram o milho, ainda não tinham visto, todos a quererem trocar. E trocaram-lhe tudo, os moios todos a trigo.

Foi assim que começou a haver milho. E tanto é, que o milho só se dá nas terras frescas e arentas, e a farinha é sempre areisca.

III

A arca de Noé

(LENDA)

Era uma vez um homem chamado Anóé, e tinha mulher e filhos.

O' depois um dia o Senhor, disse-lhe que estava p'ra háver um diluvio, e que ele havia de fazer uma arca para ele se recolher mais a familia e mais um casal de todas as aves e de todos os animaes que houvesse no mundo. Mas que guardasse segredo até da propria mulher.

O' depois havia mais d'um ano que andava a trabalhar na arca, e a mulher sem saber o que é que ele fazia.

O Diabo dizia-lhe assim:

— O que é que teu marido faz?!

— Eu não sei.

— Prógunta-lhe.

E o marido não dizia o que era.

O Diabo então dizia-lhe:

— Não lhe deixes agua nas quartas.

Assim foi.

No outro dia, vae ele p'ra se lavar... nem pinga. Lavou-se com urina.

No outro dia, o mesmo. Lavou-se outra vez com urina.

No terceiro dia nada.

— Leve-lhe o Diab'alma! Ha tres dias que não tenho agua nas quartas. Tai está a pouca vergonha!...

E abalou damnado e não quis lavar as mãos com mijo.

Foi quando o Diabo soube. E foi dizer á mulher:

— Olha lá que o teu marido está fazendo uma arca assim e assim. Ha-de entrar tudo para se salvar — o teu marido e os teus filhos...

E tu, não entras sem o teu marido dizer:

— Entra, mulher! entra Diabo!

*

*

*

E ô depois o marido...

Ele já tinha acabado a arca; — com a ajuda do Senhor!

E era pela aceifa.

E disse o Senhor quando é que ele havia de entrar p'rá arca.

E o Senhor disse-lhe que não tivesse cuidados, que lhe havia dar um signal.

Era pela aceifa, e ele trazia homens.

Depois foi lá a mulher pela manhã com o almoço, com uma grande porção de peixe.

Diz-lhe ele:

— Então d'onde é que te veio este peixe?

— Sabes lá? nasceu-me um cano dagua no lar... e os peixes a saírem, a saírem...

E ainda lá tenho mais.

Depois foi ele, e olhou p'rôs homens e disse:

— Bem. Vocês hoje...

— Deu-me cá uma cousa na cabeça. — Querem que lh'eu diga uma cousa? Querem na minha ceara pela jorna? Que eu cá vou-me embora.

Os homens disseram logo que queriam. Ficaram muito contentes. E ele disse á mulher p'ra se irem embora.

Depois, foram lá o pé da arca e já tinha entrado um casal de tudo: um boi e uma vaca, uma egua e um cavalo, um burro e uma burra; um casal de pombos, tudo.

De tudo que havia no mundo, entrou um casal.

Só a mulher não queria entrar.

Estava na rua, e a arca já á bóia.

E ele a mandá-la entrar e ela sem querer.

Até que ele já estava apoquentado, e disse:

— Entra mulher! entra Diabo!

O Diabo deu um pulinho e ficou lá dentro.

Anoé fechou a arca. Esteve tapada d'agua seis meses.

O' fim de seis meses veio o tempo que o Senhor marcou. E disse-lhe que havia deitar uns casalinhos o mundo.

Vae ele, deitou um casal de cõrvos.

Os cõrvos acharam carne e não voltaram ¹.

Depois deitou um casal de andorinhas e um casal de pombinhos.

A andorinha trouxe uns baguinhos de areia no bico; e o pombinho, um raminho de oliveira.

Bem. Ele ficou muito contente. — Já havia mundo descoberto.

Depois saiu tudo da arca.

E foi então de Anoé que procedeu a geração da gente.

¹ É costume dizer-se aqui:

— Foi como o corvo: — carne achou e não voltou.

IV

A lenda do anjo caído

Eram dois irmãos, e um era muito bom e o outro era muito mau. O' depois o que era bom estava já no céu comendo pela mão de seus anjos.

E o outro estava ainda no mundo. Mas era muito mau. Era só um deshonorador, um assassino, um jogador, um matador, um ladrão; tudo mau que havia no mundo. Era um homem perdido.

E o irmão que estava comendo pela mão do anjo, um dia tardou-lhe a comida, e ele préguntou ô anjo:

— Antão mas que foi isto, que tardou hoje tanto a comida?

— Ora sabes lá? hoje ha umas grandes festas no céu. Morreu o teu irmão que andava perdido e salvou-se.

Ô depois ele disse lá comsigo:

— Ora, então se o meu irmão que era tão ruim se salvou, então que farei eu, que já estou comendo pela mão de um anjo?

Mas disse isto com tanta soberba, que se perdeu.

Ficou sendo o maior Satanaz que ha no inferno.

V

Da lenda do Bandarra

Na praça me encontraras.
Logo então me pagarás.

(DITO PROVERBIAL).

O Bandarra era sapateiro.

Iam p'ra ele fazer calçado e diziam-lhe:

— Mestre Bandarra, ha-de me fazer umas botas até tal dia.

— Si senhora (sic), faço. E nunca mentia.

Mas ô depois, se o freguês dizia: «Mestre Bandarra, olhe que eu não trago dinheiro»; ou: «Não posso pagar senão em tal tempo...»

— Não senhora (sic). Quando vossemecê trouxer o dinheiro, leva as botas, e pendurava-as num prego.

Mas uma vez veio de lá um homem, deu-lhe umas botas a fazer e quando lhe quis pagar, ele disse-lhe:

— Leve as botas. — Na praça me encontrarás, logo então me pagarás.

Um belo dia esse homem foi a uma terra, e lá na praça encontrou um ajuntamento.

— Então que é isto aqui?

— Ora foi este homem que morreu e ninguém o quer enterrar.

O homem então conheceu o sapateiro Bandarra e deu o dinheiro p'ra s'ele enterrar.

VI

A menina sem olhos

Era uma vez um pae e uma mãe. Tinham dois filhos — um filho e uma filha.

Veio um ano de muita fome, muita miseria, e pôs o padre á estação ¹ que todo o pae que tivesse dois filhos, havia de comer um.

E eles foram á missa naquele domingo. Vieram de lá muito apouquentados, e foram para um quarto combinar qual é o que haviam de comer.

— Ai, marido, pois então a gente ha-de matar o nosso filho!

— Ai, mulher, pois então havemos de matar a nossa filha!...

Ô depois as crianças estavam ouvindo, e disseram um prô outro:

— Olha, mana, os nossos paes estão acertando qual da gente hão-de comer. E a gente foge.

Depois fugiram. Foram por esse mundo.

Foram, foram, foram, e a menina deu-se em pentear e em lavar, e a agua em que se ela lavava, formava-se em pingos de prata; os cabelos que lhe caíam, em madeixas de prata, e os piolhos em pingos d'ouro. Depois foi indo, foi indo, e o irmão ia arrecadando aquilo tudo, e tinham já muito ouro e prata.

Chegaram lá a uma quinta e pediram gasalho.

Vivia lá uma velhota com uma filha, e deram-lhe pousada nessa noite.

— Si senhora (sic), meninos. Entrem.

Depois ali ficaram naquela noite.

No outro dia diz o menino á velha se lhe dava licença de sua mana ali ficar, que ele precisava de ir á cidade.

¹ Isto é: ordenou o padre á estação da missa.

E a velha disse-lhe que sim. Que fosse descansado, que a sua mana havia de sêr cá muito bem tratada.

Depois recomendou muito á irmã que não se lavasse nem se penteasse nem se deixasse catar por ninguém, emquanto ele por lá estivesse.

Foi á cidade, e foi ô palacio vender aquele ouro e aquela prata.

Já se vê, perguntaram-lhe onde é que ele tinha arranjado aquele ouro e aquela prata. E ele não queria dizer.

Depois disseram-lhe que o prendiam. Tanto brigaram, que ele viu-se na necessidade de dizer que era de uma mana que em se penteando, deitava aquele ouro, e em se lavando, aqueles pingos de prata. E depois mostrou um retrato que tinha d'ela.

E o rei disse-lhe que com pena de morte lhe havia levar a mana a palacio. Que se fosse verdade o que ele dizia, que o mandava livre; e se não, que o matava.

Depois o rei deu-lhe uma seje para ele trazer a irmã, e um cavalo p'ra ele ir montado, e mandou dois guardas com ele.

Mas como ele se demorou uns poucos de dias, a velha cá, começou a instar com a menina p'ra ela se pentear e se lavar.

— Ora, menina! Então vossemecê não se lava nem se penteia?! Olhe que isso é uma grande porcaria.

— Venha cá, que eu a penteio. E ela não queria.

— Ora, nã senhora, nã senhora. Deixe lá que eu logo me penteio e logo me lavo. Mas tanto, tanto, que a velha sempre a convenceu.

Ora!... Elas assim que viram o que a menina deitava, ficaram nos ares!

Assim que ele chegou á quinta para levar a irmã, a velha começou logo a andar de roda e a dizer:

— Ai, minha rica menina! A gente quer ir acompanhar a nossa rica menina á cidade.

Tanto, tanto, que o rapaz sempre disse que sim.

Meteu-se a menina e mais a velha e a filha na seje, e o menino lá adiante entre os dois guardas.

Depois, já lá adiante, o menino voltou-se para tras e perguntou:

— Como vem a minha mana? Vae bem?

Resposta da velha:

— A sua mana vae bem.

Diz a menina:

— O que diz o meu mano?

— Que lhe tire a gente um olho.

— Então como o meu mano disse que me tirem um olho, tirem.

Depois tiraram o olho.

D'ái foi mais lá adiante, diz o menino outra vez:

— Então como vae a minha mana?

— A sua mana vae bem.

A menina outra vez:

— Que diz o meu mano?

— Que lhe tire a gente outro olho.

— Então, como o meu mano diz que me tirem o outro olho, tirem.

Foram lá mais adiante, o mesmo.

A velha outra vez:

— A sua mana vae bem.

— O que diz o tirano do meu mano?

— Que a deite a gente ô mar.

— Então como o tirano do meu mano diz que me deitem ao mar, deitem.

Elas deitaram a menina ô mar e seguiram p'ra diante.

Chegaram á cidade, já se vê apearam-se, e foi a velha mais a filha subiram p'ra palacio.

Vae o rei e foi buscar o retrato e pôs ô pé da moça:—ela era muito feia— viu logo que não dizia uma cousa com a outra.

Mandaram-na pentear, o que deitava, era piolhos. Mandaram-na lavar, agua suja.

Depois o menino, dizia que aquella não era a sua irmã. E a velha, que sim, que não vinha ali mais ninguém.

O pequeno outra vez preso.

E elas, lá ficaram no palacio.

O carcereiro lá sympathizou com o pequeno e começou a dar-lhe licença d'ele passear os seus bocadinhos á roda do mar. Mas ás escondidas.

O primeiro dia, deu um passeio curtinho. Mas lá a certa altura, pareceu-lhe ouvir gemer.

— Mas que é isto que eu oiço? Aqui está qualquer cousa a gemer.

Mas chegava, já não via nada.

No segundo dia, foi outra vez.

Mas chegou, nada.

— Mas que é isto? Valha-me Deus! E isto é gente.

Ouvia, mas não via nada.

Foi ô terceiro dia, como ia já com aquele sentido, foi mais depressa.

Chegou á praia e encontrou a mana.

Ela tinha sido engulida por uma baleia, e a baleia ia-a vomitar todos os dias á praia.

Depois ele pegou na menina e havia ali ao pé a quinta do rei onde estava um velhote sòzinho, e foi pedir ao velhote para lhe deixar ficar ali aquella menina que ele tinha encontrado na praia com os olhos tirados. Mas não lhe disse que era mana.

E o velhote dizia-lhe que não. Que não, que era velho, que não tinha ninguém que lhe tratasse de nada, e que a menina era cega; e então, que não podia.

E ele disse-lhe que a deixasse ficar, que todas as despesas que ela fizesse as pagava ele.

De modo que ficou a menina, e o mano vinha vê-la todas as tardes.

Depois, um dia, diz ela ô velhote.

— Ora meu pae (ela levava já o velhote de pae ¹, e o velhote fez-se logo muito amigo d'ela), ora meu pae, vocemecê podia-me ir buscar uma varinha seca e bem direita — quanto mais direita melhor.

E o velhote foi, trouxe-lhe a varinha.

Foi ela pegou na varinha e ela floriu toda. Ficou um ramo muito bonito.

Ela tinha condão. Em tudo quanto pegava floria.

Vae ela e disse ô velho:

— O meu pae agora vae á cidade e passa pela rua do palacio. E grita «quem quer comprar o ramo» que hão-de aparecer lá umas mulheres a perguntar quanto vocemecê quer por ele. Diga-lhe que quer um ôlho. Não o dê sem ser p'lo ôlho.

O velho assim fez.

Foi á rua do palacio e gritou:

— Quem quer comprar o ramo? Quem quer comprar o ramo?

Foi a filha da velha e disse á criada:

— Sôa aí um homem gritando: vê lá o que ele vende.

A criada chegou á janela:

— Ai senhora, é um velho que vae ali com um ramo muito bonito, gritando quem quer comprar.

— Pergunta-lhe lá quanto ele quer.

A criada chegou á janela e perguntou-lhe:

— O' velhote, quanto quer pelo ramo?

— Um ôlho.

E a criada disse:

— Diz que quer um ôlho.

E a moça disse para a mãe:

— Ora, um ôlho! Então ia agora tirar os olhos para lhe dar!

Diz a mãe:

— Ora, dá-se-lhe o ôlho da môça.

¹ Isto é: tratava-o como pae.

Depois a filha respondeu:

— Dá-se-lhe o olho da nossa cadelinha que morreu — que era para a criada não desconfiar.

Foi, mandaram subir o velho, deram-lhe o olho, e ficaram com o ramo.

O velho abalou muito contente. Foi levar o olho á menina.

Chegou, deu-lhe o olho.

A menina disse-lhe que fosse buscar uma pinga d'agua bem clara, lavou a cova do olho e pôs o olho aqui na palma da mão e pegou-o.

Bem. Já a menina ficou com um olho.

No outro dia disse ô pae que fosse buscar outra varinha, se possível fosse, mais sêca e mais direita do que aquela. O velho foi e trouxe outra varinha. Ela pegou-lhe e floriu outro ramo ainda mais bonito do que o outro.

Deu-o ô pae, e disse-lhe que passasse pela rua do palacio outra vez e que lhe haviam sair as mesmas mulheres, que elas eram muito invejosas, e que o haviam querer tambem. E que lhe (sic) pedisse outra vez outro olho.

Assim foi. O velho gritou quem queria comprar o ramo, e veio a criada outra vez.

Depois disse:

— Ai, senhora, se o ramo d'outro dia era bonito, este ainda lhe ganha.

— Pergunte-lhe lá quanto quer por ele.

A criada veio:

— Quanto quer pelo ramo?

— Um olho.

Diz a criada:

— Diz que quer um olho.

— Ora, já o outro ontem queria outro olho! Então tiraria a gente agora os olhos todos p'ra dar p'los ramos?!

Diz a mãe:

— Ah! dá-se-lhe o outro olho da moça que cá está.

— Dá-se-lhe o outro olho da nossa cadelinha.

Foi, mandaram subir o velho.

— Diz lá que suba.

Subiu o velho e elas deram-lhe o olho e ficaram com o outro ramo.

Foi o velho com o olho para casa e deu o olho á menina.

A menina fez o mesmo do outro dia: mandou vir a agua e pôs o olho.

Bem. Ficou a menina já com os dois olhos.

Depois, já se podia governar e começou a passear pela quinta.

Em tudo quanto pegava, nas arvores, nos pauzinhos secos que estavam pela quinta, tudo floria.

Depois, foi noticia ô rei que a quinta que estava toda florida e que deitava um cheiro que rescendia.

O velho, chamado a palacio. Que havia dizer com pena de morte o que tinha na quinta para florir tudo assim fóra de tempo.

E o velho disse:

— Saberá V. M. que tambem estou admirado d'isso, mas que não sei o que é.

— Nada. Has-de-me dizer por força o que lá tens na quinta. Se não mando-te matar.

O velhote, coitado, disse que tinha lá aquela menina, e como ela para lá tinha ido. Que tinha sido encontrada na praia, onde uma baleia a ia vomitar todos os dias.

Depois o rei intimou-o a apresentar-se em palacio com a menina. E mandou buscar o irmão á prisão.

O velhote foi.

Assim que chegou, o rei foi buscar o retrato e pôse-o (sic) ao pé da menina e viu que era a mesma pessoa.

Depois mandou-lhe pôr uma bacia e disse-lhe que se lavasse. -- A pequena deitou pingos de prata.

Mandou-a pentear: os cabelos que caíam eram madeixas de prata; e os bichos pingos d'ouro.

Depois viu que o irmão tinha falado verdade.

Foi o rei perguntou á menina o que é que se tinha passado.

Ela contou-lhe tudo o que se tinha dado.

Depois, disse-lhe o que é que ela queria que se fizesse áquelas mulheres.

Ela respondeu que as mandasse sentar cada uma em cima da sua cadeira de alcatrão e que lhe mandasse largar fogo.

Assim foi. Foram por esses ares.

E o rei casou com a menina, e o mano lá ficou no palacio.

Ainda hoje lá estão mais satisfeitos, mais contentes, que é uma graça.

Ainda ontem lá passei. Deram-me uns sapatinhos de manteiga, passei pela rua das guiosas, lamberam-m'os todos ¹.

¹ Maneira tradicional de terminar os contos populares.

VII

A menina sem braços

Era uma vez um pae que lhe morreu a mulher, ficando em casa com uma filha, vivendo d'alguuma cousa que ela ganhava á costura. E o pae, para a ajudar a viver, ia todos os dias buscar um feixinho de lenha.

Uma vez encontrou um homem, e ele perguntou-lhe o destino d'ele ¹. E ele disse-lhe que vinha buscar um feixinho de lenha para ajudar a viver a filha. Com mais alguma cousa que ela ganhasse iam vivendo.

Ó depois esse homem entregou-lhe um talêgo de dinheiro e disse-lhe:

— Vae daqui direito á *casinha* (açougue) e compra dois arrateis e meio de carne e leva-a pendurada na mão. Em entrando na tua casa, a tua filha ha-de fazer um grande ponto de admiração dizendo:

— Ó meu pae, pois que é isto hoje? Com um bocado de carne tão grande na mão!... — E tu responde-lhe: — Ora filha, o Diabo não está sempre por trás da porta! ² e manda-lhe pegar para tu a partires. Em lugar de jogares o machado á carne, joga-lh'o acima do ombro e deita-lhe o braço abaixo. E fecha-lhe a porta e vem dizer.

O pae assim fez.

No dia seguinte deu-lhe outro talêgo de dinheiro.

— Vae outra vez pela *casinha*, e compra outros dois arrateis e meio de carne. Ela não lhe ha-de q'rer pegar, que ha-de ter medo. Mas como muito obediente que te é... — Faz-lhe o mesmo. Joga-lhe o machado ao ombro e deita-lhe o outro braço abaixo. E vem-me dizer.

Foi ele, foi o pae, e foi-lhe dizer. O Diabo entregou-lhe outro talêgo de dinheiro e disse-lhe:

— Agora vae d'aqui, lava-a e veste-a — que ela não ha-de q'rer ir!... mas engana-a! — e diz-lhe que a vás levar á madrinha. E ela ha-de convencer-se. E deixa-a nas maiores florestas cerradas. E vem-te embora.

Assim que ela viu que estava sózinha, começou a pedir que viesse

¹ ... perguntou-lhe o destino d'ele, isto é, o que ali o levava.

² Dictado popular.

um bicho que a comesse. Assim que a noite cerrou, os bichos ¹ de roda d'ela eram tantos, a quererem-se jogar, quando ao pé d'ela appareceu um homem com um cajadinho na mão desviando os bichos todos. Assim passou a noite toda sem ter perigo.

Assim que amanheceu foi-se pôr ao pé d'uma estrada.

— Aqui, alguém ha-de passar, que é uma estrada corrente.

Depois de estar sentada debaixo duma madronheira (sic) ouve ela uma grande tirada (estrondo de tiros).

Disse ela:

— Ai Jesus, isto é gente que vem a caçar! Queira Deus que eles me dêem com uma bala, e me matem.

D'aí a pouco chegou-lhe ao pé o rei e mais companhia, e viu-a e disse-lhe:

— Antão o que faz a menina por aqui, metida nestas florestas com um calor tão grande?

E ela respondeu-lhe:

— Aqui me deixaram. Não sei quem.

— A menina quer ir para minha casa, para companhia de minha mãe?

— Se o senhor quiser...

Olhou ele para os companheiros e disse:

— Fiquem aqui cuidando nesta menina até que eu venha, que eu vou a minha casa falar com a minha mãe.

Chegou a casa e disse á mãe:

— Venho aqui pedir-lhe um favor. Desejo que m'o faça.

— Diz, meu filho, o que queres.

— Encontrei agora, numas florestas, uma menina sem braços. Quero trazê-la para nossa casa.

E a mãe deu-lhe de resposta:

— Ó filho, o que fazes tu?! Tu és doido. Então queres trazer uma menina sem braços... Para quê? Inda é pior do que tratar de uma creancinha de peito.

Resposta d'elle:

— O meu reinado ainda me dá para sustentá-la, vesti-la e calçá-la. Só quero que me diga que sim.

— Pois o que o meu filho quiser, quero eu. Tratarei d'ela com o mais cuidado possível.

Nisto o rapaz mandou arranjar o trem, e chegando ao pé d'ela,

¹ Se isto se passasse no Alentejo, qualquer Alentejano entenderia que os *bichos* eram lobos.

pegou nela ao colo e meteu-a no trem. E disse aos companheiros que fossem caçar, que ele d'ali partia para a sua casa d'ele.

Bem. Chegou a casa, entregou a menina á mãe para tratar d'ela como sua filha que fosse.

Estava muito satisfeito da sua vida, d'aí a dias adoeceu; caiu em cama muito mal.

Diz-lhe a mãe:

— Que tens tu, filho?

— Não tenho nada, minha mãe. Tenho um desgosto que só a minha mãe me pode valer.

Resposta da mãe:

— Diz-me já lá o que é, meu filho.

— É deixar-me casar com a menina sem braços.

— O meu filho, não tens juizo nenhum. Lembra-te que é muito boa menina, mas não tem braços. Vae casar, tem logo filhos, e depois como é que se ela ha-de ver sem lhe poder pegar, nem limpar, nem dar mama?

Resposta do filho:

— Dê-me a minha mãe consentimento. Nada d'isso me faz mal. O meu rendimento dá para isso tudo.

— Pois então, o que tu quiseses quero eu. Trata já de casar.

Assim foi. Recebeu-a.

Ao fim de oito meses de estar casado teve de sair para fóra. Com grande desgosto pediu á mãe que tratasse a sua mulher como d'antes. Tinha bastante pena de sair nesta ocasião, sem a sua mulher dar á luz.

E a mãe disse-lhe:

— Vae descansado. Em chegando essa hora, ponho um portador a caminho, mandar-te dizer a novidade que por cá houver.

Assim foi.

No fim de nove meses teve a senhora um menino, que tinha tres dias de nascido e já parecia ter tres meses.

Mandou a mãe uma carta declarando isto tudo, pelo boleeiro da casa.

Abalou levando a carta ao seu patrão. Mas não o poudo alcançar.

A' noite ficou dormindo num monte ¹ aonde lhe retiraram a carta que ele levava, sem ele sentir, e meteram-lhe outra que dizia: « Tua mulher cá tem um bicho. Mete terror. Capaz de comer mãe, avó, o pae e tudo ».

¹ Casa da herdade (Alentejo).

Assim que leu a carta, ficou sem saber o que havia dizer.

Escreveu á mãe mandando-lhe dizer que metesse esse bicho numa casa separada das outras com uma grade na porta para lhe darem de comer e beber, para não fazer mal a ninguém. Que em ele vindo, que logo lhe dava destino. Que sempre queria vêr o seu sangue feito num bicho.

E entregou a carta, e o homem veio dormir no mesmo *monte*.

Tiraram-lhe outra vez a carta sem ele sentir, e meteram-lhe outra em que dizia que mandassem matar a sua mulher, que não queria saber nada d'ela. Que lhe deixassem a língua e o coração para ele ver.

Chegou, entregou a carta á sogra d'ela.

Abriu-a e viu o que vinha dizendo, e deu um grande grito, e disse:

— O meu filho está doido! O que foi isto que lhe deu?

Bradou-lhe a nora e perguntou-lhe o que era.

E ela disse-lhe: Foi uma carta que recebi do teu marido que te manda matar. Só quer de ti a tua língua e o coração. Parece-me impossivel ele mandar-te fazer uma cousa d'estas, dando a ultima pinga de sangue por ti.

E a nora respondeu:

— Pois o meu marido que me manda matar, é que lá entende que eu que lh'o mereço. Peço á minha mãe que me vá buscar um cinto que está naquele gavetão e fará favor de me ligar o meu filho aqui ao meu peito, com esse cinto d'ouro que é do meu marido.

O criado pegou nela e foi deixá-la p'ra umas florestas.

— A senhora fica ai, que eu não a posso matar (que eu não tenho coragem para a matar). Mato a canita que trago em minha companhia, e tiro-lhe a língua e o coração para entregar ao seu marido, dizendo-lhe que é a sua.

Despediu-se da senhora, e chorando, enquanto a avistou, acenou-lhe sempre com bastante pena de a deixar nuns bosques tão grandes.

Ela lá ficou.

No outro dia, pela manhã pôs-se a caminho sem saber por onde.

Chegou ao pé de uma fonte com o menino todo urinado e começou a chorar sem saber o que lhe havia fazer, sem ter as suas mãos para o lavar! Com tanta agua que o poço tinha! Ouviu uma voz dizer:

— Mete um sacotinho,
Tirarás um bracinho.

Ela encostou o ombro ao lado, e meteu-o na agua da fonte que estava rasa e saiu um braço. Ficou muito contente. E começou a querer desatar o cinto para desligar o menino.

Ouviu a voz dizer :

— Mete outro sacotinho
E tirarás outro bracinho.

Assim que se apanhou com os seus dois braços, descalçou uma bota, trata de tirar a agua do poço e fez uma cova no chão com uma pedra e encheu-a de agua e tratou de lavar o menino.

Foi anoitecer a um *monte*, pedindo uma esmoia e poisada.

E a creada deu-lhe metade de um pão, e mandou-a dormir para um *monte* que estava desprezado do dono por aparecer lá um medo.

— Quanto lá aparecia, morria tudo.

E ela foi. Entrou lá para dentro não sabendo. A's escuras jogou a mão ao chão e estendeu o chaile e deitou-se mais o seu menino. Depois de estar deitada, ouviu uma voz dizer-lhe :

— Foge, se não caio-te em cima.

Por tres vezes disse.

Ao fim das tres vezes arredou-se ela mais o menino e disse :

— Caia para aí. Em não sendo em cima de mim ou do meu menino, caia aonde quiser.

Sentiu cair o que quer que foi quente á cabeceira do menino, sem saber o que era.

De manhã encontrou-se com um saquinho de dinheiro. Despiu uma saia, enroliou-o e fugiu. Com o menino ao colo chegou a uma cidade ao sol-posto e encontrou duas mulheres fiando. Perguntou-lhes se sabiam d'alguem que quisesse alugar ou vender algum predio :

Levantou-se uma d'elas e disse :

— Aqui na minha rua, lá em cima, ha um predio para alugar ou vender. Eu vou ensinar á senhora onde é.

Abalaram as duas e a mulher disse-lhe :

— Bata alem áquella porta, que alem é que móra o dono.

Ela agradeceu-lhe muito, e meteu a mão á algibeira, e deu-lhe uma libra em ouro.

Chegou á porta e bateu.

Veio a criada, perguntou-lhe o que queria.

— Está cá o seu patrão ?

— Está si' senhora.

— Diga-lhe que eu que lhe preciso falar.

A criada subiu acima e disse :

— Está ali uma mulher que vem á sua procura.

E o amo disse-lhe :

— Que entre.

— Venho aqui t r com o senhor, porque me disseram que tinha umas casas para vender; e eu preciso comprar.

— Tenho si' senhora.

— E' só dizer o dinheiro que quer, que eu pago isso que f r.

— E' tanto.

— São minhas.

Bem, ficou ela em casa. Arranjou uma criada, e amobitou as casas, e ficou vivendo com o seu filho.

*

* *

Chegou o rei a casa da mãe e viu o palacio todo de luto e disse   mãe:

— Pois que é isto, minha mãe? Causa-me admiração ver o palacio de luto!

Respondeu-lhe a mãe:

— Antão não sabes o que mandaste fazer!

— Mandastes matar tua mulher e trazer-lhe a lingua e o coração! É o que te posso apresentar d'ela.

— Não foi essa a carta que eu l  recebi, mandando-me dizer que minha mulher que tinha tido um bicho que era capaz de matar mãe, põe e av !

E eu respondi:

— Que o metesse numa casa independente das outras com uma gradaria de ferro, onde lhe dêsse agua e com r, que queria ver o meu sangue feito num bicho.

Agora chama ele o boleeiro e perguntou-lhe o que tinha feito de sua mulher.

— A senhora rainha mandou-a matar; mas —  a vossa alteza aquilo que quizer — eu deixei-a no meio das florestas e matei a minha cadelinha para trazer o coração e a lingua.

Pode ser que ainda seja viva, e que encontrasse alguem de bons sentimentos que a levasse.

Voltou-se ele para a mãe e disse:

— Vou-me embora. Nem mais um dia que aqui fico.

Levou o boleeiro na sua companhia e foi à pergunta da mulher de terra em terra, perguntando se lhe davam noticia de uma menina sem braços, com um menino ligado ao peito com um cinto de ouro.

Ninguem lhe dava noticia.

Onde havia de ele ir noitar? a uma cidade.

Foi para uma hospedaria e perguntou á dona se lhe dava noticia de uma menina sem braços.

E a mulher disse-lhe que não. Que tinha chegado havia pouco uma senhora que tinha braços, e um menino e uma criada.

Depois o boleeiro disse:

— Vossa Alteza não viu ali num largo onde a gente passou, dois meninos jogando o arriol?

— Sim. Reparei, sim. Um d'elles assentou-me com o arriol no tacão da bota.

— Pois o outro disse-lhe:

— Joga o arriol mais baixo, que já assentaste no tacão da bota do teu pae. — E então a sua senhora está aqui.

Depois ele foi pedir á dona da hospedaria que lhe mandasse ensinar onde era a casa da tal senhora que tinha vindo ha pouco para aí.

— Eu mesmo (sic) lhe vou ensinar.

Foi mais ele e disse-lhe:

— Bata aí a essa porta.

Veio de lá a criada e perguntou-lhe o que ele queria.

— A sua senhora está em casa?

— Está si' senhor.

Foi lá acima dizer que estava ali um senhor que precisa falar (sic).

Ela assomou, conheceu-o logo. E disse-lhe que o mandasse entrar. E mandou o filho para a cozinha brincar, que a mãe que tinha visitas.

Ele subiu e ela mandou-o assentar. E ele disse-lhe que vinha fazer-lhe uma pergunta:

Se na terra d'onde ela tinha vindo, se tinha lá estado uma mulher sem braços.

Ela disse-lhe que não, que não tinha ouvido falar em tal.

Pois ele disse que andava á procura da sua mulher ha uns poucos de anos e que ninguem lhe dava noticia dela.

E ela respondeu-lhe:

— Então o senhor, se visse a sua mulher, conhecia-a?

— Ora, minha querida mulher!, então não havia conhecer! Como ás minhas mãos.

— Então conhecia por não ter braços, ou mesmo pela cara a conhecia?

— Por tudo, minha senhora.

Ela esteve um pouco.

— Bem, então para massada basta. O senhor não se vae embora sem tomar o chá.

Mandou pôr a mesa e mandou vir o filho.

Disse-lhe ela então:

— Então o senhor, se visse o seu filho, não o conhecia?

— Eu nunca o cheguei a ver... Ainda que ele se parecesse comigo, podia sêr pessoa de família.

E ele não tirava os olhos do pequeno. E depois tirou um retrato da algibeira, e ôlhava p'rô menino e ôlhava p'rô retrato na sombra do candieiro.

— Mas então o senhor diz que, se visse a sua senhora, que a conhecia! Pois admira estar ao pé d'ela e não a conhecer.

Falaram-se então, e ela esteve-lhe contando da sua vida toda.

Ao depois ele perguntou-lhe como se tinha portado com ela o criado que a foi levar á floresta.

— Perfeitamente bem. Respeitou-me até á hora que abalou. E agora o boleeiro ha-de vir para nossa casa comer e beber. E a essa mulher da hõspedesaria dá-se-lhe com que passar o resto da vida sem servir ninguem.

Ele então disse-lhe para retirarem para palacio para casa da mãe d'ele. E ela disse-lhe que não. Que esperasse mais uns dias, que ela estava á espera de uma cousa.

Depois mandou deitar um decreto para que todos os pobres que fossem á sua porta levassem todos os sabados um pataco.

Em vindo ao sabado estava sempre á janela e pediu ao marido para a acompanhar.

— Gostava de estar vendo aquele movimento de família.

Vinha ali gente de toda a parte.

Um dia viu ela chegar o pae com uma mantinha muito rasgada, ás costas, e chamou pela criada e disse-lhe:

— Não dês esmola áquele pobre que alem está.

Ele ha-de-t'a pedir. Mas tu responde-lhe que d'aqui não vae ninguem sem esmola.

Assim que abalaram os pobrezinhos todos, tratou de mandar pôr a mesa e mandou-o subir acima.

Mandou-o sentar á mesa para jantar.

Ele disse:

— Ora, minha senhora, uma mesa com tanto comer, e eu sózinho aqui.

E ela disse:

— Coma o que quizer. Encha a barriga.

E disse ao filho:

— Vá pedir a benção d'aquele velhote.

E o velhote disse:

— Ora, um menino tão rico vir pedir a benção ¹ a um triste de um pobre.

E o pae disse-lhe:

— Dê-lhe lá a benção, que é para se ir acostumando a respeitar os mais velhos.

— Deus o abendeçõe! Deus queira que seja muito feliz e que Deus lhe dê muito para repartir com os pobres. Já não quero mais nada. Seja pela sua saúde e do seu menino e do seu marido.

Agora perguntou-lhe ela:

— Então não tem mais ninguém, velhote?

— Não, minha senhora. Sou viuvo ha muitos anos. Tinha-me ficado uma menina, mas uma porca d'uma vizinha que lá tinha, comeu-lhe os braços.

— Disse-lhe a filha:

— Então não seria vossemecê que ganhou tres talêgos de dinheiro ao Diabo para me fazer essas ingratidões que vossemecê me fez? — De comprar dois arrateis e meio de carne e mandar-me pegar nela e depois... jogou-me o machado ao ombro e deitou-me o braço abaixo! Visto que nada lhe chegou e que teve que vir ainda pedir á minha porta, aqui tem outro talêgo de dinheiro e vá para sua casa comer e beber descansado. E que eu nunca mais o veja diante da minha vista. Quem por Deus anda, por Deus acaba ². Vocemecê quis-me entregar ao Diabo, mas eu era afilhada de Nossa Senhora, e ela sempre me valeu.

VIII

O principe d'Argéles e o de Portugal

Era uma vez o principe d'Argeles e o de Portugal.

Ouviam falar um do outro, e desejavam muito de se conhecer. Depois foram correr mundo a vêr se se encontravam. Foram correndo, foram correndo e foram pernoitar a uma estalagem.

Juntaram-se lá sem saberem quem eram.

Já se deixa vêr como era assim tudo gente fina: mandaram arranjar a ceia juntos. Depois, quando estavam á mesa, arranjaram conversa onde o principe de Portugal veio a dizer que andava em procura do principe d'Argeles.

¹ Em geral o povo d'aqui diz a — *abençoa*.

² Proloquio popular.

O outro respondeu que no mesmo fim andava ele — de encontrar o príncipe de Portugal.

Depois fizeram-se conhecidos, e combinaram de ir correr mundo ambos.

Assim foi. Foram correr mundo, e foram lá a uma cidade onde lhe disseram que estava uma princesa encantada numas torres, e que quem a desencantasse casava com ela.

Depois abalaram para ir ter ás torres.

Onde haviam de ir ter a calma? debaixo de umas pereiras. E deitaram-se a dormir a folga. O príncipe d'Argeles ferrou logo a dormir, mas o príncipe de Portugal não adormeceu.

Depois viu ele vir três gralhas a pousarem em cima das pereiras.

Diz uma d'elas:

— Ah! ah! O príncipe de Argeles e o de Portugal vão tirar uma princesa das torres de tal!

Diz a outra:

— Mal sabem eles que a guarda d'ela que é um lião, Devora tudo quanto lá vae.

Responde a outra:

— Ora, mas isso tinha bom remedio. Era comprar um quarto de carne de rês¹ e deitarem-lh'o. Se o lião estiver d'olhos fechados, está acordado; e se estiver d'olhos abertos, está dormindo.

O Príncipe calou-se, não disse nada.

Assim que o outro acordou, abalaram.

O príncipe de Portugal chegou á cidade, comprou um quarto de carne de rês e abalaram para as torres para irem desencantar a princesa. Chegaram, o lião estava d'olhos abertos — estava dormindo. Deitaram a carne, trouxeram a princesa e vieram-se embora.

Claro que o príncipe d'Argeles vinha muito satisfeito.

Vieram ter a calma outra vez debaixo das taes pereiras.

O príncipe d'Argeles e a princesa deitaram-se, e ferraram a dormir. O outro, álferta.

As gralhas outra vez.

Diz uma:

— Sim, vocês ahi a levam. Mas o príncipe não se ha-de gozar d'ela, porque no dia do casamento, á volta para casa, ha-de-lhe cair uma parte do palacio em cima, e ela ha-de morrer.

¹ Vaca.

A palavra «rêses» serve para denominar o gado vacum.

Respondeu a outra :

— Mas isso tinha bom remedio. Era não entrarem pela mesma porta que saírem.

Diz a outra :

Pois sim. Mas se escapa dessa, não escapa de á noite. Que ha-de vir uma serpente quando eles estiverem deitados, e ha-de tragar a princesa.

O principe calou-se. Mas ficou muito triste.

Deixou-os acordar e partiram p'rô palacio.

Mas o principe de Portugal começou a andar muito triste. Depois o irmão perguntou-lhe porque é que ele andava triste. Que se era por ele querer casar com a princesa, que ele que lha cedia.

O principe de Portugal, que não. Mas que no dia do casamento lhe queria fazer um pedido : — Quando viessem da igreja, não entrarem pela mesma porta por onde saíram.

O principe d'Argeles disse que sim.

No dia do casamento, assim que vinham a entrar pela outra porta, a parte do palacio por onde saíram, a cair.

Diz o principe de Portugal :

— Bem. Esta já eu sei que é verdade.

Depois á noite quando estavam para ir p'rô quarto, diz ô irmão :

— Que lhe havia de fazer mais um favor. Deixa-lo dormir no mesmo quarto.

Ora o principe d'Argeles achou o pedido extravagante. Mas enfim, como tinha combinado nunca recusar nada um ô outro, disse-lhe que sim.

Mas isto sem a princesa saber.

Depois lá por essa noite adiante, ouve ele uma grande rasquida, Pôs-se em espia com a alfange, vê vir uma serpente pela parede abaixo, 'jogada á cama onde a princesa estava. Joga-lhe a alfange, traçou-a pelo meio.

Salta uma espadana de sangue p'rá cara do principe mais da princesa. O principe acorda, imagina que ele tinha matado a princesa :

— Ah! ingrato que me foste falso! — pega na alfange que tinha ô pé da cama e corta o pescoço do irmão. Acende a luz, vê a serpente morta e o irmão com a cabeça cortada.

Ora assim que viu aquilo, ficou com um desgosto, que só visto.

Levantou-se, mandou aparelhar o cavallo e pôs as armas e partiu por esse mundo.

Onde havia de ele ir dar outra vez?

Debaixo das mesmas pereiras. Mas d'esta vez não tinha sono. Depois vieram as mesmas gralhas.

— Ah! ah! ah! Ai está o principe d'Argeles todo apoquentado, porque matou o irmão que tão leal lhe foi! Mas mal sabe ele que ainda tinha remedio.

Diz a outra:

— Então como?

— Ora, dando um tiro que matasse a nós todas tres. E depois cortar as nossas cabeças e torrâ-las e pisá-las e polvilhar a cabeça do irmão com esse pó.

Traz! Palavras não eram ditas, um tiro que as deitou todas tres abaixo.

Depois cortou-lhes as cabeças e voltou para palacio.

Torrou a cabeça das gralhas, pisou-as e depois com aquele pó untou a cabeça do irmão.

Restituiu.

Ficou o irmão outra vez como era.

E lá ficaram a viver muito satisfeitos no palacio.

E ainda hoje lá estão.

Ourique, 6 de Abril de 1912.

MARIA DA CONCEIÇÃO DIAS.

NOTAS À MARGEM

190

“Nôvo Diccionário da Lingua Portuguesa,,

O sr. Cândido de Figueirêdo, rebuscando de novo, numa aturada pesquisa, o opulento tesouro da língua portuguesa, conseguiu reúnir e catalogar em uma nova edição do *Nôvo Diccionário* que agora começa a publicar-se¹, mais duas dezenas de milhares de vocábulos que andavam dispersos não só na linguagem popular de todo o país mas também no pó dos textos clássicos, sujeitos a obliterarem-se irremediavelmente, quer pela influência da língua pseudo-culta que irradia do centro do país, apagando as características dialectais, quer pelo desuso das velhas formas portuguêsas que vieram decaindo desde o século XVI e são hoje geralmente ignoradas.

Não só estas pedrarias de fino quilate, mas também os provincialismos que muitas vezes encobrem sob a sua aparente rusticidade o ouro puro da velha língua portuguesa, os neologismos e a tecnologia artística e científica que progridem sempre, acompanhando a evolução da actividade e do saber humanos, além do copioso vocabulário brasileiro, criado pelas necesssidades imperiosas de expansão da língua em um meio completamente diverso, com as exigências de uma vida nova e forte, foram adicionados agora — no dizer dos prospectos — ao copioso dicionário com que ha doze anos o sr. Cândido de Figueirêdo iniciou brilhantemente a reforma dos velhos processos lexicográficos e a ampliação do léxico português.

É pois licito supôr que esta obra agora remodelada por largos estudos e novas investigações do autôr e também pela influência de trabalhos do valôr das *Apostilas aos Diccionários Portugueses*, do sr.

¹ Á data da coordenação destas notas (Setembro de 1912) estão publicados os dois primeiros tomos.

Gonçalves Viana, dos *Subsídios para um Dicionário Completo*, do sr. A. Cortesão, e das *Contribuições para o futuro Dicionário Etimológico*, da snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, abstraído dos trabalhos parciais de outros filólogos, venha a ser um opulento repositório vocabular da língua portuguesa, e acompanhe o estado actual da sciência da linguagem.

Loucura seria pensar, porém, que essa obra, apesar da sua importância, com «quase o dobro dos vocábulos até agora registados em todos os dicionários portugueses» insira *todas* as palavras e *todas* as variedades de acepção que algumas teem. Não só a evolução natural de uma língua, em face das múltiplas manifestações de actividade de um povo, não permite a noção exacta de um *Dicionário Completo*, mas também o atraso em que se encontrava a lexicografia portuguesa, quando o autôr do *Nôvo Dicionário* empreendeu a sua obra, impedia acção mais fecunda e impulso de maior energia.

Entendo que não depende só do erudito, do seu esforço, da sua observação, do seu estudo, a organização de uma obra tam vasta que abrange todos os ramos do saber humano e vai perscrutar a vida sob todos os aspectos variadíssimos e complexos que sintetizam a energia de um povo.

Sejam chamados a depôr todos os que, pelo seu espirito honesto de observação e pelo seu maior ou menor gráu de cultura intelectual, possam trazer alguns elementos apreciáveis á obra dos scienistas.

Em 1908, sob o título pouco apropriado de *Linguagem Popular Inédita*, publiquei na *Epoca*, de Lisboa, uma longa série de vocábulos e acepções da linguagem geral e regional e da tecnologia de artes e officios que, por não ocorrerem no *Novo Dicionário*, eu tinha anotado nas suas margens. Provinham, em geral, de observações pessoais, de notas de leitura, de informações dignas de crédito e, às vezes, das duas primeiras reúnidas, documentando-os quanto me foi possível.

Tendo coordenado novas observações, corrigido alguns erros e extraído a maior parte dos termos da linguagem minhota que publiquei no vol. XIV da *Revista Lusitana*, organizei agora todas as minhas notas em um novo catálogo que apresento á apreciação dos entendidos como desvalioso subsídio para o dicionário português.

A

abacelar. Como verbo de tecnologia agrícola tem acepção mais ampla que a que lhe marcam os dicionários modernos. *Abacelar* significa, pelo menos na Beira Alta e Baixa Estremadura, «soterrar provisoriamente as raízes de qualquer planta enquanto esta se não coloca definitivamente.»

Assim o definiu Moraes em segunda acepção, e Costa e Sá¹ mostra não o conhecer em outro sentido.

abagannhar, agarrar, catrafilar; como termo de gíria. «Isso são cantigas. Aqui *abaganna-se* tudo» — *O Dia*. Junho de 1907.

abarbar, abarbado. «Diz-se que o navio está *abarbado* com a terra quando [esta] está proxima por S. V. sendo necessário afastar d'ella para segurança do navio.» Braz de Oliveira. *Apparelho e Manobra de Navios*, pag. 103.

àbeiro. Assim denominam nos Açores, segundo informação, o chapéu de palha, de aba larga.

De *aba*.

abècer, equivalente a «apetecer», registei-o na *Rev. Lus.* XIV, 145, como termo de Parêdes-de-Coura. Ouve-se também nas aldeias vizinhas de Viana-do-Castelo.

abicar. «*Abicar* o ferro» é suspender a âncora na corrente da amarração de forma que fique a prumo.

abotoar, abotoado; abotoadura. Diz-se, em tecnologia de construção naval, que uma embarcação é *abotoada* (falando-se da cravação do costado), em vez de pregada, quando no tabuado *trincado* (v.) se substitue a pregagem ordinária por pregos de cobre que rebitam ou *abotoam* internamente sobre anilhas do mesmo metal.

Abotoar significa também em linguagem náutica «prender a enfrechadura ou qualquer cabo por meio de *botões*.» O conjunto desses *botões* denomina-se *abotoadura*.

acabar. *Acabar* com é forma pop. equivalente a «matar», «tomara a resolução de *acabar* com o amante da Gertrudes...» — *O Seculo*, 8 de Maio 1907.

Acabar-se o mundo indica o máximo grau de energia em qualquer acção. «*Acaba-se ali o mundo*, digo-lhes eu...» — Bento Moreno. *Comédia do Campo*, 110.

acaçapado. «Diz-se que [os mastareus] estão *acaçapados* quando tiradas as cunhas elles arriam até as gargantas ficarem sobre a pega» — Braz de Oliveira. *Ap. e Man. de Navios*, 70.

No mesmo sentido se diz também *acaçapado*.

acadible, achacado, sujeito; em Carvalhos (Gaya).

V. *Gaz. Aldeias*, n.º 731.

acadimar, tomar juízo, sossegar; sujeitar-se. «Se o botassem ó 'studo, *acadimava* pela certa».

No Minho.

Liga-se ao anterior? Cf. *acadimar-se* e *acadrimar-se* no *Nôvo Dic*.

acepilhado, «... as Machadinhas... um pouco mais *acepilhadas* que a mãe...» — Camilo. *Seroens de S. Miguel de Seide*, v, 12. «Uma gigantesca actividade phrenetica n'um corpo mediano, fino, *acepilhado* aristocraticamente». — Camilo. *Brazileira de Prazins*, 105.

achoado. Descaído, mergulhado, metido de pôpa; falando-se do navio.

acovatar, abrir covas ou covatos; no Vale-do-Côina.

acurrar, levar á padreação (o animal). Em Parêdes-de-Coura.

V. *Curro*.

adernar, adornar. Os dicionários preferem *adernar* no sentido de «in-

¹ *Diccionario Portuguez-Francoz-e-Latino, novamente compilado*. Lisboa, 1794.

clinar-se, ficando, de um lado, de-baixo de água (o navio)». A forma mais usual porém é *adornar*, como se lê no vocabulário do *Código Internacional de Signaes*, (edição oficial de 1901).

Um navio vai mais ou menos *adornado*, conforme a sua maior ou menor inclinação para sotavento. Também, estando fundeado, pode *adornar*, i. é, inclinar-se para qualquer dos lados, por defeito na distribuição da carga. São equivalentes: *cangar* (v.) e *adriçar*.

adrêgo, acaso, casualidade; não só provincialismo alentejano, segundo o *Novo Dicionário*, mas também durienso (Estarreja) e beirão (S. Pedro-do-Sul).

adriçar, adriçado. V. *Adernar*.

aduado, sossegado, de gênio brando e efeminado; referido especialmente a crianças, no Minho. «Fui sempre o mais *aduadinho* dos alunos do sr. Sá da aula-régia». — *Liniana* [Ponte-do-Lima], n.º 1, pag. 7.

afachinar, afachinado. Um dos meios de medir a lenha de toros ou *fachinas*, no Vale-do-Cóina, é abraçar com uma correia de cinco palmos e meio de comprimento a porção de toros suficiente para que as extremidades da correia se toquem. Chama-se a isto «*afachinar* a lenha». A que é assim medida diz-se «lenha *afachinada*».

Cf. *fachinar* = «enfeixar», *Novo Dicionário*.

afilar, afilado. Diz-se que o navio *afila* ou «está *afilado*», quando apróia à linha do vento. «E' necessario afilar para regular as agulhas». — *Código Internacional de signaes*, edição oficial, 1901, pag. 208.

agadado, o mesmo que «abarbado», referido ao enxame; no concelho de Moncorvo. V. Ed. Sequeira. *As Abe-lhas*, 198.

agaleado, selado. Diz-se que uma embarcação é *agaleada* ou *selada*,

quando o plano do convés ou a linha da borda apresentam uma depressão a meia nau.

agalhar. «*Agalhar* uma vasilha» é arma-la e destorce-la de um extremo, para começar a *bastir* (v.) ou arquear as aduelas no extremo oposto. Em tanoaria, em Lisboa e Vale-do-Cóina, Seixal, Barreiro, etc.

De *galho*: talvez, por analogia entre as aduelas, antes de arqueadas, e os galhos de uma árvore, divergindo todos do centro comum.

aganado. No Douro (Marco-de-Cana-vezes) chamam «*uvas aganadas*» às que são apertadas pelo calor solar, sem chegarem a completo estado de maturação.

água, águaada, águaadilha, água-deiro, águaadeira; águaaceiro, águaçada; águaarrado, água-rita; Agualusa. Entre os vários derivados de *água* que os dicionários registam, como termos regionais ou provincialismos não figuram alguns destes, e a outros não são dadas certas acepções especiais que também tem e que é conveniente registar, ampliando-se assim os conhecimentos sobre a descendência desta linda palavra portuguesa.

O *Novo Dicionário* insere o feminino *águaadeira*, dando-o como {*pro*{[incianismo]} e {*termo*} *ant*{[igo]}) na seguinte acepção: «Dizia-se de uma capa, própria para resguardar da chuva», citando o *Cancioneiro da Vaticana*. Com o mesmo sentido (?) está nas «trovas do coudel-môr a Rui Moniz», do *Cancioneiro* de Rêsende:

«Item capa *aguaadeira*
& gybam de catim rraso.»

Como provincialismo, porem, falta o registo da acepção em que é tomado o termo (visto como a que foi dada se refere ao arcaísmo) e também a indicação local.

No esp. *capa aguadera* é a «capa de tela

impermeable» (Toro y Gomez ¹) ou «la que se hace de barragán ú otra classe de tela impermeable, para defender-se de la lluvia» (Seguí ²). Num sentido geral *aguaderas* é «calificación para prenda de vestir destinada á librar del agua». (Rodríguez-Navas ³).

Parece pois que o adjectivo tomado em tal sentido, popular em Portugal e Espanha, caiu ha muito em desuso na linguagem geral, entre nós, persistindo contudo em determinadas regiões do país.

Em acepção idêntica á que se lhe attribua no século XV, e referida a «certa qualidade ou feição de chapéus», recolhi o termo em uma correspondência de Arraiolos para o *Diário de Noticias*, do dia 13 de Setembro de 1912: «Levava, quando cometeu o crime, camisa de riscado de côr, colete castanho, calça de cotim claro, chapéu aguadeiro de lá...»

Como termo de estuadores, caladores ou pedreiros, em Lisboa, *aguada* é a «mistura líquida empregada para branquear ou colorir qualquer superficie», — tintas em pó, cal, gesso ou cimento diluídos em água: «*aguada de oca*; *aguada de cal*; *aguada de gesso*; etc».

agudilha é, em Castro Daire, o mau vinho, fraco, aguado ou sem força alcoolica.

agurrado diz-se, no Minho, de qualquer coisa excessivamente líquida ou descolorida: «sopa *agurrada*; tinta *agurrada*, etc.» Pressupõe um verbo *agurrar*, talvez de *aguarra*, deprec. de *água*; cf. *bocarra*.

Como substantivo, *aguarrada* é também no Minho, «qualquer liquido

insípido, mal preparado, detestável ao paladar por excesso de água.» «O café está como o chá, uma *aguarrada* perfeita.»

aguarita, talvez por *aguarrita*, dim. de *aguarra*, é, em Castro Daire, o mesmo que *aguinha* ou *água-de-caldo*, no Minho: «caldo mal adubado, ou caldo a que se tiram todos ou a maior parte dos elementos sólidos da cozedura».

Outro derivado também curioso é *aguacada* que, no Vale-do-Cóina, quiere dizer o mesmo que «aguaceiro ou chuvaire». Usam ali este prolóquio: «Atrás de uma nortada uma *aguacada*». De **aguaca*? Cf. *aguaceiro*.

Em Castro Daire chamam *aguaceiro* á «parte lamacenta de um caminho, tornada quãse intransitável.»

agua é cada um dos pendores laterais, vertentes ou abas de um telhado; na Beira-Alta (S. Pedro do Sul), arredores de Lisboa (Barreiro e Vale-do-Cóina) e Alentejo (Evora), pelo menos. No *Século Agrícola*, de 1 de Fevereiro de 1913, escreve o sr. Mira Galvão, de Evora: «O tétó [da colmeia «alentejana»] é feito com uma só água a escorrer para a frente ou com duas águas».

A *água*, neste sentido, corresponderá o bras. *meia-água*, como se depreende deste excerpto da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 1, 421: «Quando Marcellina batia sua roupa no banco que ficava debaixo da meia-água de palha levantada por Francisco para resguardar do sol o poço algumas braças da caza de morada...»

aguas, no Tejo, são as marés da lua-nova, também chamadas *aguas-vivas* em opposição a *aguas-mortas*.

Em Castro Daire diz-se que é só de uma *água* o porco cujo pêlo acama todo na mesma direcção, paralelamente ao dorso.

Outras expressões em que entra a palavra *água* não foram ainda registadas:

¹ *Nuevo Dicionario Encíc. II. de la Lengua Castellana* Paris, 1906.

² *Enciclopedia Ilustrada Seguí*, Barcelona, s. d.

³ *Diccionario Completo de la Lengua Española* Madrid, 1907.

água-de-castanhas, na ling. fam. de Lisboa, é a infusão de café ordinário, sem côr nem aroma. Como expressão andaluza *agua-de-castañas* «se applica al chocolate muy claro» (Segui).

aguas-passadas são os factos esquecidos ou que se devem esquecer. «... que a historia do abade eram aguas-passadas...» — Camilo. *Eusebio Macario*, 128.

água-de-cheiro, no Minho, é o mesmo que «água-de-Colónia ou de Flórída.»

aguas-bravas, «chorreira» ou enxurrada; em Paredes-de-Coura.

aguas-mornas, paliativos, subterfúgios, desculpas; na ling. fam.

água-melada, o mesmo que «água-mel» ou hidro-mel; em Ligares.

água-acima. *Barcos de água-acima* são os que sobem o curso do Tejo, até Abrantes, trazendo cargas para o porto de Lisboa. Também assim chamam em Viana aos barcos do fundo chato apropriados à navegação do rio Lima.

aguas-novas, em Castro-Daire, são as primeiras chuvas após o estio.

aguas-carregadas, prenúncios de zangas domésticas; ralhos, discussões. Em Castro Daire.

aguas o trazem diz-se, também em Castro Daire, do individuo que apparece aonde o não esperam ou em lugar que habitualmente não frequenta.

Pescar nas aguas turvas refere-se aos finórios que se aproveitam disfarçadamente de qualquer circunstância ocasional para servirem as suas conveniências. Mais latamente diz-se do que procura tomar conhecimento de qualquer caso recatado, usando de blandícias artificiosas e artimanhas. Vem do velho adal dos pescadores que revolviam com armadilhas o fundo dos rios para obterem farta colheita. A este costume se refere um poeta do *Cancioneiro Geral*:

«tanto mais que *nagua envolta sempre ha fina pescaria*».

água-mã, zoófito quâse transparente, de consistência gelatinosa (ordem dos *acalefos*, classe dos hidromedusas). Assim lhe chamam no Tejo, a par de *vinagreira* e *mija-vinagre*. Cf. o esp. *aguamala*.

Agnalusa pertence ao onomástico de Ilhavo.

Terminarei registando esta locução da gíria de Lisboa: *escorrer a água as azeilounas*: «urinar». Cf. o «argot»: *changer ses olives d'eau*¹.

aguilhão, o mesmo que «alfinete», na acepção que lhe dá o *Novo Dicionario* (2.^a ed.): «designação vulgar de um insecto muito nocivo aos cereaes.» É um pequenissimo coleóptero cientificamente denominado *Agriotes*, e que, na linguagem popular, toma vários nomes, conforme as regiões. Poude recolher nota dos seguintes:

aguilhão (Melres [v. n.º 694 da *Gazeta das Aldeias*]; *alfinete* (Tábua; Feira; Arganil; Fataunços; Figueiró-dos-Vinhos; Agueda [v. n.º 698-722-646-645-626-850 da *G. A.*]; *bicha-amarela* (Lisboa; Ovar; Fataunços; Figueiró-dos-Vinhos [v. n.º 646-632-645-526 da *G. A.*]); *bicha-do-milho* (Gêma [n.º 744 da *G. A.*]); *câncero* (Vila-da-Feira [n.º 761 da *G. A.*]; *gramiola* e *vermiola* (Cacia [n.º 710 da *G. A.*]); *traveta*; *bicha-alfinete*; *bicha-aramé* (?) [n.º 696 da *G. A.*]).

agulha, agulhão. *Agulha* significa em náutica, vulgarmente, o mesmo que «bússola».

agulhão é a bússola pequena. Talvez o fr. *aiguillon*. Note-se ainda o diminutivo: *agulhãozinho*.

alagar. No Vale-do-Coína, «*alagar* uma cova» é enche-la de terra, arra-

1 A. Bruant. *L'Argot au XXe Siècle*.

za-la. [V. Gonç. Viana, *Palestras Filológicas*, 9].

alboio, claraboia de abrir, no telhado. Em Coimbra. Cf. o ital. *abbaino* = «trapeira, clarabóia». No Minho, além dos significados que dei¹, tem mais, por extensão, o de «mulher gorda e desajeitada».

albrotea. Como nome de uma variedade de peixe, não se encontra nos dicionários. Lê-se no *Almanaque Marítimo* (1903): «Vem aqui pescar barcos do Sardo [à baía da Arrifana] no estio, para venderem o peixe em Aljezur, sendo a pesca principalmente de moreia, safio, *albrotea*, roballo...»

alça. Segundo o *Novo Dicionário* é a «argola de corda para cingir qualquer peça do poleame, a bordo.»

Também ha *alças* de ferro ou de cabo de arame. «As *alças* podem ser de ferro ou fio de linho...» — *Ap. e Mau. de Navios*, 35.

alcaiate, utensílio em forma de estilete que o fundidor fixa no molde para o retirar mais facilmente da areia.

alcunho «... designando cada um com o seu nome por extenso e acrescentando-lhe o alcunho.» — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 21.

alfa. A's definições que deste vocábulo nos dão as *Apostilas*, acrescentarei mais esta, colhida no Vale-do-Cóina: «rego aberto para sementeira.»

alfacinha, o mesmo que «folhada» ou «alface-do-mar». *Alga membranosa*.

No Vale-do-Cóina.

alma. *Alma-do-padeiro*, na ling. fam. de Lisboa é a cavidade no interior do pão pelo levantamento da massa durante a cozedura.

aluir. Nota o saudoso e erudito professor sr. Júlio Moreira, nos *Estudos da Língua Portuguesa*, t. I, pag. 175,

que em Trás-os-Montes, «*pipa aluida* é aquela cujas aduelas não estão suficientemente apertadas».

Presumo que o termo pertence á tecnologia geral da arte de tanoaria, visto como em Lisboa e no Minho se emprega no mesmo sentido.

Diz-se também que os arcos *aluem* ou *estão aluidos* quando não dão aperto ás aduelas.

alustrar. *Alustre* é provincialismo trasmontano e minhoto, significando «relâmpago», segundo o *Novo Dicionário*.

A forma verbal *alustrar* = «relampejar» é usada em Chaves, segundo informação de pessoa de lá, que a empregou deante de mim, em conversa.

alvado, é o lugar onde assenta o cortiço das abelhas; no concelho de Moncorvo.

V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 198.

alvarenga. O *Novo Dicionário* regista este termo como «bras[ileirismo] do N[orte]» na acepção de «lanchão para carga e descarga de navios e para transporte de objectos pesados.»

Neste mesmo sentido é o termo usado no Barreiro, onde ha *alvarengas* ao serviço dos Caminhos de Ferro do Estado.

No *Senho*, de 21 de Março de 1911, lê-se em uma correspondência do Barreiro: «Para serem solidarios com o movimento grevista, os carregadores... também não quiseram descarregar hontem os wagons de mercadorias, *alvarengas* e fragatas.»

alvarilho. Vem no «Índice dos nomes vulgares» de plantas, do *Dicionário de Plantas Úteis*, de Von Mueller, traduzido pelo Dr. Júlio Henriques. E' a *Ximenia americana*, a que chamam no México *alvarillo* ou *alvarillo del campo*, segundo Mueller.

O *Novo Dicionário* traz *alvarinho* «prov. trasm. = certo álamo branco». Cf. o trasm. *negrilho* que é o cast.

¹ V. *Rev. Lus.* XIV, 146.

negrillo: «classe de olmo» (Rodríguez-Navas).

alveiro. Na ling. fam. em Parêdes-de-Coura *fazer alveiro* quer dizer o mesmo que «fazer garotice, tratantada, maldade»; usado geralmente em prática com as crianças.

amado. A *prenda-do-amado* é o «presente ou oferta que se faz á ama quando termina o período de amamentação da criança: um vestido, um fio-de-contas, etc.»

Costume vulgar em Viana-do-Castelo, pelo menos.

amanho. V. **redenho**.

amarfanhamento. «Sofria *amarfanhamentos* rudes e bolêos...» — Camilo. *Eusebio Macario*, 25.

amarra, amarrêta. Como medida convencional marítima, *amarra* equivale a «um décimo de milha ou cem braças». «O objecto mais notavel [visto] do mar... é a egreja que se acha situada a uma *amarra* a oeste do pharol». — *Almanaque Marítimo* (1903).

Os dicionários limitam-se a indicar *amarrêta* como diminutivo de *amarra*. Tem também a bordo o significado especial de «cabo de reboque». E' neste sentido que êle se deve interpretar no seguinte trecho de *O Século* de 14 de Novembro de 1910, em um telegrama do Porto: «O vapor hespanhol *Conde Isid...* ao sair de Leixões, a ancora partiu e o casco caiu sobre o enrocamento do molhe, ficando em perigo... Os rebocadores *Aguia* e *Minho* lançaram-lhe *amarrêtas*, conseguindo safal-o».

âmbria, fome; em Parêdes-de-Coura. Cf. o esp. *hambre*.

ameaço, é a «medida ou molde, aproximados, de qualquer peça», entre operários de construção naval.

anaçoado. «Deus te fode para bom filho, Deus te abençõe... Olha que um filho bem *anaçoado* é a honra de seus parentes!...» — Nunes da

Rosa. *Pastoraes do Mosteiro*, 5. [Açores].

ancoreta. No *Novo Dicionário* (supl.) diz-se que *ancoreta*, na acepção de *pequena âncora*, é contestada por «oficiaes de marinha que nunca viram nem ouviram o termo», embora tal definição ocorra nos dic. portuguêses. Na 2.^a ed. repete-se a acepção posta em dúvida, com idéntica declaração.

Parece que, de facto, se trata de um erro de algum dicionarista equivocado pelo aparente diminutivo, porque a bordo não se confundem os dois vocabúlos *ancoreta* e *ancorote*, o primeiro como «pequeno barril, geralmente chato, para conter provisões líquidas» e o segundo como «âncora pequena». Cf. o esp. *anclote*.

Como diminutivo de *âncora* Morais só conhecia *ancorote*.

No *Código Internacional de Signaes*, pag. 215, distingue-se: *ancoreta* — «vasilha», *ancorote* = «pequena âncora».

«Será também conveniente levar na embarcação pequenas vasilhas, barris de galé, *ancoretas* ou bolas d'arinque bem estanques...» — *Ap. e Man. de Navios*, 150.

apalpadela, investigação cautelosa e disfarçada. «...que era necessário uma agitação preparatoria, um simulacro, uma *apalpadela*,...» — Camilo. *Braz, de Prazins*, 74.

apanhador, apanhadeira. *Apanhador* ou *apanhadeira* é, na ling. fam. de Viana-do-Castelo, a «pá de apanhar o lixo».

O *Novo Dicionário* só regista *apanhadeira*, neste sentido.

apetrar, apodrecer; falando-se de frutas.

Em Viana-do-Castelo.

apilarado, perfeito, apurado, janota; em Viana.

apoquentado, bife; no calão de Lisboa.

aquêle, aquela, aquelar, aque-

louttrar. Na *Revista Lusitana*, XIV, 146, registei a particularidade de extensão de significado que, na linguagem popular, adquirem os pronomes *aquelle*, *aquela*, substituindo o termo próprio quando este não occorre.

«Uma *aquela*» pode significar «uma cadeira; uma oração; uma romaria; etc.» Substituem também, e no mesmo caso, os nomes próprios, ou antecedem-nos quando ha necessidade immediata de os designar e a memória os retarda: «Anda cá, ó *aquela*». «Veio hoje cá a *aquela*... a Maria José».

Este caso da linguagem geral parece pertencer ás velhas fórmulas populares, e dele se encontram exemplos antigos. No *Auto da Barca do Purgatório* escreveu Gil Vicente, reproduzindo a linguagem infantil:

«Mãe, e o côco está alli?
Quereis vós estar quedo, *quelle*?»

quela, no falar de Vila-Real, significa «amor, affecto; mania, teima, e qualquer idela cuja expressão não occorre 2.»

aquela também significa, em especial, «vagar, ociosão, delongar, certimânia», nas formulêtas rústicas: «sem mais *aquelas*», «não esteja com *aquelas*».

Assim apparece na velha lingua portuguesa e servem-nos de exemplos estes dois passos de Gil Vicente:

«E hum Gil...
Hum que não tem nem ceitil...
que faz os ditos a el-rei.
Elle me fez
e tirou de minha *aquella*
muito inda em que me pês...»

(AUTO PASTORAL PORTUGUÊS)

Obtineis-se em

1. V. Apostilas, t. 79.
2. V. *Revista Lusitana*, III, 117.

«Não hajades vós *aquella*
bem vejo que estais pejada»

[COMÉDIA DE RUBENA]

No sentido de «culúnia, injúria», empregou-a Júlio Cesar Machado, *A' Lareira*, pag. 11: «Levantaram-lhe a *aquella* de ter roubado os lenços».

aquelar e *aquelouttrar* tomam pois, como formas verbais, acepções diversissimas. De mais amplo emprego que o *atimar* (que não é só açoreano e antiquado, como quere o *Novo Dicionário*, mas também minhoto) e o *coisar*, de Freixo-de-Espada-à-Cinta, *aquelar* e *aquelouttrar* parecem velhas formas da lingua portuguesa.

Do antigo castelhano *quellotro*, *quillotro*, *quellotrar*, *quillotrado*, *quillotranza*, existem sobejos documentos clássicos. Da variedade de acepções que podem tomar diz-nos Canete na sua edição das *Eglogas y Farsas* de Lucas Fernandez 3: «Son tantas y tan distintas las acepciones en que los verbos *desllotrar*, *llotrar*, *quillotrar*, *perquillotrar* etc., se hallan usados en estas y otras coplas de pastores que parecen más bien mulletilla».

Nos inícios do século XVI dizia o douto reformista Juan de Valdés no *Diálogo de la lengua*: «VALDÉS: Un *quillotro* decian antiguamente en Castilla, por lo que acá decís un *catál*: ya no se dice de ninguna manera. — MARTIO: ¿Ha sucedido algun otro vocablo en su lugar? — VALDÉS: Ninguno, ni es menester, porque aquel *quillotro* no servia sino de *arrimadero* para los que trocaban lo no se acordaban, del vocablo de la cosa que querían decir».

3. *Farsas y Eglogas al modo pastoril y castellano, fechas por Lucas Fernández, salmantino*. Madrid, 1867.

Usou-os Gil Vicente nas suas obras castelhanas ou bilingues, parecendo que já então em Espanha se ouviam apenas na linguagem rústica.

Na *Farsa ó quasi Comédia de Prábos*¹, diz o

«SOLDADO

Sociega, ten quietud,
.....
al frío cura el calor
y al desamor el amor

PRABOS

«No es mi mal dese *quillatro*.»

E no *Auto del Repalon*, de Encina²:

«No, la paga ño se escusa
..... pues cual otro:
Hora débele un *quillatro*
Y verás como te acusa»

Aqueste, na linguagem arcáica portuguesa, tem a mesma diversidade de accepções:

«E de tudo fíz *aquesta*,
como homem diz, avantaíro»

Gil Vicente [AUTO DA BARCA DO PURG.]

aramé, dinheiro; na ling. pop. de todo o país. «O' Freiamunde, petiscolumine para este tio ver onde está o *aramé*». — Camilo. *Novelas do Minho*.

arcabuz, mulher alta e magra; em Viana-do-Castelo.

arganêu, argola com espigão que se embebe em qualquer ponto, a bordo, para a fixar. «cabo... tendo n'um dos chicotes mão com gato e sapatilhão para engatar n'um arganêo da mediania...» *Ap. e Man. de Naveiros*, 128

argau. V. **cagarra**.

arfar, elevar uma embarcação por meio

de engenhos para a colocar sobre piladeiros. O mesmo que «querenar».

arquibanco, artibanco. O *Novo Dicionário* regista *archibanco*: «o maior banco de uma casa; banco de costas».

Ouvi em Viana a forma *artibanco* e registei-a nas minhas notas como «banco comprido, de costas, do mobiliário antigo. A parte inferior fecha como uma caixa a que o assento serve de tampa».

Canete, no glossário das *Farsas y fílogas*, de Lucas Fernandez, define: «*Arquibanco*. Banco largo com cajones cuja tampa sirve de asiento.»

A forma *artibanco* encontra-se na *Avaliação de vário mobiliario no anno de 1825*, a pág. 199 do vol. XII da *Rev. Lusitana*: «Hum *artibanco* de Espaldar...»

armar, fazer, arranjar, conseguir, obter. «*Armar* uma quinta; *armeí* uma dor de cabeça; *armou* um bom negócio.»

Em Parêdes-de-Coura.

arrabaldado. «... oliveiras *arrabaldadas* termo trasmontano que significa «dispersas pelo termo da freguezia.» — Meneses Pimentel. *Gazeta das Aldeias*, n.º 641, pag. 175.

arrasar «se ca viesse alguém *arrasar-se o mundo*». — Camilo. *Seroens S. Mig. Seide*, II, 11.

V. *Acabar*.

arrebaçar, arrancar, tirar com violência; em Parêdes-de-Coura. «*Arrebaçar* erva». Por *arrefeçar*? *arreatar*. (Vd. infra).

arrebem. O *Novo Dicionário* define este termo como «pequeno cabo, de vários usos a bordo.» *Pequeno cabo* está aqui impropriamente por *cabo delgado*. O *arrebem* é um cabo de linho formado por três cordões ou ramos, de pouca espessura, usado especialmente nas enfrechaduras.

arreganhar, diz-se da cebola muito seca que larga a casca. No Minho. «*Arreganhar* a taxa», rir-se; dizer

¹ Vide nota 3, pag. 214.

² *Teatro Completo de Juan del Encina*. Madrid, 1893.

ou receber gracejos agradavelmente. «Está sempre com a *laxa arreganhada* a quem lhe diz gracejos». — Camilo. *O Degredado*, 61.

«*Arreganhar o dente*», refilar, mostrar-se rispido. «D. João VI era bem fracalhão e foi obrigado a *arreganhar o dente* e dar o golpe de Estado». — Teófilo Braga.

Em calão de caserna, *arreganhar o talher* é o mesmo que *arreganhar a laxa*.

arreatar; arrotar, arrotadura.

Arreatar ou *arrotar*, em ling. náutica, significa «prender, ligar com voltas, de corrente especialmente». *Arrotadura* é a «ligação formada por muitas voltas de corrente ou cabo».

«Pode-se fazer a *arrotadura* mesmo no mar. Rendi o mastro do traquete mas posso *arrotá-lo* no mar». — *Código Internacional de Sinaes*, 220.

«... duas vergas de gavia cujos laises... serão reforçados e *arrotados* com barras de cabrestante... Duas vergas de papafios *arreata*das com paus de cutelo...» — *Ap. e Man. de Navios*, 109 e 110.

Talvez por *garrotadura* e *garrotar*, de *garrote*.

arruela, virola de ferro, de vários diâmetros, usada em construção naval, servindo geralmente para fechar sobre ela a extremidade inferior das cavilhas de ferro, à face da madeira. «As cavilhas dizem-se... vivas quando... terminam por porcas ou arruelas que as sujeitam contra a madeira». — Barros-Freitas. *Construção Naval*, II, 19.

arrufamento. «O eixo do gurupez forma com a linha do horizonte um ângulo que varia de 20° a 35°. Chama-se a esse ângulo *arrufamento*». — *Ap. e Man. de Navios*, 20.

arrumou! exclamativa equivalente a *acabou! disse!* «Quero que me deem a minha filha e *arrumou!*» — Bento Moreno. *Com. Campo*, 117.

arrunhar, abrir o javre e fazer o pente, afagando o topo das aduelas, em uma vasilha. É termo de tanoaria em Lisboa.

asado, asada, asar. *O Novo Dicionário* define *asado*: «vaso com asa». Em Arronches e Campo Maior, segundo informação, *asado* é uma «panela de barro que serve geralmente para azeitona».

Outra acepção diferente tem nas abas da Serra-da-Estrela, como se vê no trecho seguinte de um estudo do Dr. Figueiredo da Guerra sobre lactícínios, inserto na *Aurora do Lima* de 12 de Julho de 1909:

«O leite é mungido para os *ferrados* (nome que na localidade dão a uma especie de baldes) onde é levado para a queijeira, ahí passado para os *azados* (especie de gamella) e juntam-lhe então o coalho».

Outra acepção atribuída de um modo geral a todo o país: «O mel das crestas é recolhido em uma vasilha ou tr'ora de barro e hoje de folha de Flandres, chamada *azado*, por ter duas azas e não uma só, como os cantaros e bilhas para agua. Estes *azados* possuem duas azas ou *pégas*, por isso que sendo muito grandes e pesados, necessitam do esforço de dous homens para serem erguidos e transportados». — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 195.

Na Nazaré, *asado* é a «tijela-da-casa». *asar*, na Beira Alta, é o mesmo que «fazer, ajeitar, compôr».

assanicar. abanar com força e repetidas vezes, abanar; em Viana. «*Assanicar* com a porta; *assanicar* com o leque».

assaralhopado, confuso; atrapalhado. «os povos falavam uma lingua *assaralhopada* que nem era latina nem deixava de ser». — Pinheiro Chagas. *História Alegre de Portugal*, 41.

assens, encefalite (?) dos porcos; na Vila da Feira.

V. *Gazeta das Aldeias*, n.º 889 e 892.

assobiado, ponteagudo, esguio; no Minho.

«O crioulo nasceu assim, com a cabeça muito *assobiada*».

atrefícios, o mesmo que «utensílios»; na Beira-Alta. *Atrefícios de laboira*.

atuir, obstruir, entupir; no Minho e não só em Trás-os-Montes, como diz o *Novo Dicionário*.

Cf. esta cantiga de Viana, na *Rev. do Minho*, XIX, 58:

«Adeus, jardim de Biana.
Hel-te mandar *atuir*.
Pois tu és a perdição
Das criadas-de-serbir».

avaría, palhaçada, gabriola; feito digno de ser notado.

Em Ílhavo.

azambrado. *Malazambrado*, diz-se, no Minho, do indivíduo desairoso e mal vestido.

aziar. *Aziar-de-ovos*, especialidade de doce. «atasca essas linguas em podim de batata . . . deita-lhes *aziar de ovos* em fio . . .» — Camilo. *Cego de Landim*.

azovia. «Os pobres fazem ainda com mel outras lambarices, como as *azovias* . . .» — Eduardo Sequeira. *As Abelhas*, 129.

azougue, azougar. Chama-se *azougue*, a bordo de alguns navios mercantes, a uma camada de óxido, de aparência metálica, de que os objectos se cobrem, por efeito dos gases provenientes da decomposição da água das cavernas.

B

bacia. *Bacia-de-forno* é, no Minho, uma «vasilha de barro vermelho, oblonga e pouco alta, para assados no forno».

badéle, pá-do-lixo; em Freixo-de-Espada-à-Cinta.

Cf. o esp. *badil*: «pequena pá de ferro».

baldear, tornar-se amalucado, doidivasas, tanso.

Baldear ou *baldear da bola*. Minho.

banqueta, em Viana-do-Castelo, é o mesmo que «passeio», i-é, «parte lateral e um pouco elevada das ruas, destinada ao transitio de pessoas a pé». «Conheces aquelle sujeito que ali vae? — Pela *banqueta*? — Não te percebo. — . . . Pelo *passeio*? . . . Nós chamamos *banqueta*». — F. Fonseca. *Praça da Rainha*, 50.

barba, barbar. «Fazer *barba*» ou *barbar* é, no Minho, o mesmo que *abarbar* (a colmeia).

V. *Gazeta das Aldeias* n.º 777, pag. 248.

bardo. V. *Lata*.

barrado. «Mas, commendador, parece-me que vae *barrado*». — Camilo. *Corja*.

barramento, barras paralelas ao longo do torno mecânico. «nos vãos das diferentes peças que formam o carro e o *barramento* . . .» — João Santos. *Manual do Torneiro Mechanico*.

Nas fabricas de móveis de ferro, *barramento* é o conjunto das duas peças ou barras laterais da cama.

barrégo, o mesmo que o *berrégo* do Minho, = grito, berreiro; em Carvalhos (Gaia).

barro. No concelho de Moncorvo, os apicultores ou abelheiros chamam *barro* ou *calças* ao polen que as abelhas trazem nas cestas das patas.

V. Eduardo Sequeira. *As Abelhas*, 198.

basteza, terreno de pinhal novo; no Vale-do-Cóina.

bastir, bastião. Em tanoaria, *bastir* é vergar ou arquear ao fogo as aduelas de uma vasilha «agalhada» (v.) *bastião* é o acto ou efeito de *bastir*, fechar a vasilha, metendo os arcos à força de marreta para que as aduelas verguem.

beber. *Beber a virar* é «beber de uma só vez, de um trago». «Espero que todos *bebam a virar*». — Camilo. *Enxebio Macario*, 113.

Beber os ventos é o mesmo que «suspirar», amar com intenso desejo de posse. «Anda ahí o morgado da Figueirôa a *beber os ventos* e ella sempre na mesma.» — Camilo. *Engenhada*, 35.

Ir beber trinta réis, é assim como «ir á fava» ou talvez coisa peor. «... que fosse o mundo *beber trinta réis*». — Camilo. *Corja*. Não será expressão muito limpa mas é antiga porque vem registada nas *Infermidades da Língua* de parçaria com essoutra que se lhe liga pela analogia monetária: «como a velha dos trinta réis.»

Na gíria de Lisboa, *bebida branca* é uma «mistura de agua, aguardente e limão».

Registarei aqui uma particularidade da linguagem familiar de Viana-do-Castelo, em que o particípio *bebido* entra como adjectivo, em frases como: «To-me uma chávena de chá *bebido*». «Estou com uma pinga de café *bebido*». Isto quer dizer que se bebeu «simplesmente uma chávena de chá» ou «uns golos de café», sem mais nada.

bêgueiro, burro; em Viana-do-Castelo (Areosa). O povo ali chama *burros* a todos os outros individuos da espécie cavalari ou muar.

belharuco, o mesmo que *beilho* ou *filho*; em Ílhavo.

Cf. *velharuco*: «uma espécie de filho»; na Bairrada. (*Novo Dicionário*).

belmandil. «... preferindo para maior certeza de bom exito, os [figos] de castas que não vinguem sem caprificação — *cuchário*, *belmandil*, *carvalhal*, *bébera*...» — Mello Leotte. *Gazeta das Aldeias*, n.º 725.

Refere-se ás figueiras do Algarve

berpilheiro, **burpilheiro**, o mesmo que «lhagalhé».

No Minho.

berundanga, **burundanga**, comida mal feita; o mesmo que «garrafada» ou «remédios-de-botica»; na ling. fam. de Lisboa. «Receitou para ali

umas *berundangas*...» — Fialho. *A Ruiva*.

bica, o mesmo que «caruma»; na Gafanha [Aveiro].

bicha. *Bichas* são, a bordo, pedaços de cabo cosidos no vergueiro, de espaço a espaço, para amarrar ou ferrar a vela. — *Bichas-de-tempo* são outros pedaços de cabo mais compridos que *abafam* a vela. «Navios ha que usam de *bixas de tempo*, umas gachetas compridas para abraçar a vela e verga». — *Ap. e Man. de Navios*, 172.

bico, **esbicar**. *Bico* é, no Minho, a renda estreita de bilros que toma várias designações conforme o desenho ou risco sobre que se executa. «A renda dos pinheiros?...» — E! o nome dum risco e ha tambem o *bico d'amendoa*, o *do tremço* e muitos mais». — F. Fonseca. *Praça da Rainha*, 17.

Esbicar é cortar em bicos ou dar forma de bicos. «*Esbicou* os punhos do chambre; renda *esbicada*». «Beijos *esbicados*» são os beijos prolongados como chilreio.

V. rebicar.

bife. O povo, considerando o bife como um luxo gastronómico a que raras vezes pode chegar, applica esta palavra ironicamente, seguida de um qualificativo mais ou menos pinturesco, a qualquer iguaria vulgar: *Bife-de-cabeça-chata* é, creio que em todo o país, a «sardinha».

Bife-de-gairola, no Seixal, Barreiro e Vale-do-Côina, vem a ser o mesmo que o anterior.

Na mesma região, *bife-de-cafeiteira* é a «chicara ou caneca de café do almoço».

biqueira, **biqueirada**. *Biqueira* é o mesmo que «pontapé». «Dá-se-lhe já duas *biqueiras* n'este padrego, ó meu sargento!» — Camilo. *Braz. de Praziis*.

Em Parêdes-de-Coura dizem *biqueirada*, no mesmo sentido.

biscatar, fazer «biscatos», pequenos trabalhos, obra sem importância. Como termo de operários, em Lisboa.

bitão, boitão, o mesmo que «betão», adaptação do fr. *béton*. Dizem os pedreiros do Barreiro e Vale-do-Côima.

Bolear, boleio = **chulear, chuleio**. *Chulear* é «ponteir a orla de um tecido para que se não destie». A esses pontos chamam em Lisboa *chuleio*, termo que não ocorre nos dicionários apesar de muito usado na ling. familiar.

As palavras que lhes correspondem em sentido, no Minho, são, respectivamente, *boleiar* e *boleio*.

bolinête (= molinete). *Bolinete* é o maquinismo usado a bordo dos navios para guindar as âncoras por meio do enrolamento da amarra em «um grosso cylindro de madeira, atravessado de bombordo a estibordo, á prôa, por ante a vante do mastro do traquete, tendo proximo das bases, e sobre a superficie a um e outro lado, caixas quadrangulares abertas na direcção dos raios, nas quaes entram barras de madeira destinadas a dar movimento de rotação ao cylindro...» Transcrevo este excerto de pag. 123 do *Ap. e Man. de Navios*, do sr. João Braz de Oliveira.

O *Novo Dicionário* dá esta palavra como derivada de *bolina*, parecendo, no entanto, que só a analogia fonética poderá identificar estes dois termos.

bolinete será antes forma popular de *molinete*, do esp. *molinete*: «máquina para virar el cable del ancla» (Rodríguez-Navas), com troca do *m* inicial por *b*, caso frequente na ling. popular. Cf. *balancia* por *melancia*; *bicheiro* pelo esp. *mechero*; etc.

Não só o aparelho acima descrito mas também o antigo cabrestante octogonal, ambos com os seus espeques ou barras que lhe imprimem o movimento de rotação, se prestavam a uma tal relação ideológica: *molinete*, de *molino* = «moínho».

O *Código Internacional de Signaes* (ed. oficial de 1901) só regista *molinete* (*Vocabulário*, pag. 321).

Os modernos *molinetes* quando não são movidos pelo vapor ou electricidade, «teem um systema de alavancas semelhante aos braços d'uma bomba-guinchos-bombas — e pelo seu movimento alternativo, baixando e elevando, dão movimento a uma engrenagem circular, que a seu turno a transmite ao eixo...» — *Ap. e Man. de Navios*, 123.

boneca; bonecrice. Em tecnologia metalúrgica *boneca* é um «grampo móvel que se adapta aos tornos mecânicos». (V. *Man. Torn. Mecânica*, de João dos Santos).

Nas fragatas do Tejo é a «mêsa das manguêtas», i-é, a peça de madeira, colocada por ante a vante do mastro, em que dão volta os cabos das velas.

bonecrice (de *boneca*) é, na ling. fam. de Lisboa, o mesmo que «bugiganga, ninharia, coisa vistosa mas sem utilidade ou valor». «Estabelecer o uso de dar *bonecrices* que custam muito dinheiro...» — Cesar Machado, *Manhãs e Noites*, 57.

borcar, o mesmo que «emborcar», no concelho de Moncorvo. Na mesma acepção o regista o *Novo Dicionário* como provincialismo beirão.

borneiro = verrumeiro. O *Novo Dicionário* dá *borneiro* em segunda acepção como provincialismo, no sentido de «buraco em o tampo do tonel ou pipa, no qual se introduz a torneira.» Nos *Estudos da Língua Portuguesa* apresenta o sr. Júlio Moreira idêntica definição do mesmo vocábulo referindo-a á provincia de Trás-os-Montes.

Nas oficinas de tanoaria e talabarte (v.) de Lisboa, *borneiro* ou *verrumeiro* significa o mesmo que «batoque» ou «rolha de madeira torneada em cone, servindo para tapar o orifício do bojo ou do tampo das vasilhas de aduelas».

Em um anúncio da tonoarria Valente Perfeito, do Poço do Bispo, inserto em *O Seculo* de 22 de Maio de 1911, lê-se: «Vende-se todos os materiaes para todo o vasilhame, como seja... batoques e *borneiros* de madeira, arcos de pau...»

Ha *borneiros* para barris, para pipas e para toneis.

borracheira, não é só «bebedeira ou acções de bêbado». Na ling. popular significa mais: «qualquer coisa mal feita; acção ridícula por incompetência de quem a pratica». «Estou a acabar de jantar e lá vou ver essa *borracheira*». — Camilo. *Braz. de Prazins*, 205. «mandou-lhe um pataco de banha do cabelo com espirito de cravo embrulhada na poesia, que por signal era uma *borracheira*». — Camilo. *Eusebio Macario*, 72.

bôsto, bostêlo = **branda**. É a bouça de mato, pastagem nas montanhas da serra da Penêda.

(Informação do Dr. Figueiredo da Guerra, com as seguintes notas: «*Portugalia*, 1, 311; Alex. Herculano, *Hist. Port.*, vol. 3.º, pag. 280, nota 1.ª da 2.ª ed.; com o nome de *Branda* na Carta Corograph. de Portugal.

¹/₁₀₀₀₀₀ folha n.º 1, na serra da *Penêda*, Arcos-de-Val-de-Vez).

Cf. *busto* (ant.) no *Novo Dicionario*.

bouça. O sr. Gonç. Viana, nas *Apostilas*, 1, 165, firmando-se em um trecho de *As Villas do Norte de Portugal*, deduz para a palavra *bouça* acepção mais ampla que a que lhe dão os dicionários.

De facto, *bouça*, no Minho, não é apenas o «terreno inculto», como define o *Novo Dicionario*, nem o «terreno onde se cria matto para adubo por não ser proprio para cultura», segundo o *Dicionario Contemporaneo*. *Bouça* é uma certa extensão de terreno delimitada por um muro de pedra solta ou simples marcação de pedras e valados, onde se cria mato,

para todas as applicações usuais nas aldeias, e pinheiros ou carvalhos.

Na *Aurora do Lima*, de 6 de Abril de 1908, lê-se em um anúncio judicial: «Uma bouça de matto e pinheiros no sitio do Barroso... Uma bouça de matto com pinheiros e carvalhos...»

branquinha. «No concelho de Moncorvo chamam *branquinha* às flores do mez de Setembro e Outubro...» — Eduardo Sequeira. *As Abelhas*, 198.

brôcho, prego curto, sem cabeça, proprio para calçado; na Beira-Alta.

bronze, bronzeado. *Bronze*, em mecânica, é um cilindro vasado, geralmente de bronze, cortado longitudinalmente em duas peças que se ajustam no moente de um veio, entrando depois nas chumaceiras.

O *bronze* das rodas de poleame é um cilindro vasado, de ferro, cravado na espessura da roda, em que gira o perno. Ao poleame provido destas rodas chama-se «poleame *bronzeado*». Na ling. popular *bronze* é o mesmo que *cobres* = «dinheiro». «...que o rapaz em se lhe acabando o *bronze*, lá o tem». — Camilo. *Volc. de Lama*, 43.

bujão, rolha, batoque ou chumaço com que se tapa um orificio de bueira; a bordo.

burro, burrinho, pequeno motor para alimentação das caldeiras de vapor.

C

cabalim. «...e o seu chambre de *cabalim* a reluzir de branco...» — Adolfo Portela. *Agueda*, pag. 380.

cabeça, cabeçalho, cabeçote. *Cabeçotes* do torno são as duas peças em que se fixa o objecto a tornear. O «*cabeçote* da árvore» ou «fixo» está do lado da engrenagem transmissora do movimento e o «*cabeçote* do ponto» ou «movel» desliza ao

longo do barramento. (V. *Man. Toru. Mecânico*, de João dos Santos).

cabeçalho, na gíria de caserna, é a «almofada de cama».

cabeça-de-atum ou **cabeça-de-avelã** é o «indivíduo falto de senso». No Minho, **cabeça-de-cobra** é a «rapariga leviana, estouvada, namoradeira». **cabeças-de-pau** chamam em Lisboa aos «adelos» ou «estabelecimentos que compram e vendem roupas usadas». «...alugou num *cabeça de pau* um vistoso cinto de pennas...» — Cesar Machado, *Lisboa de Hontem*, 188.

Andar com a cabeça à roda é «tresvariar, fazer tolices, andar perdido de amores». «...quando as mulheres lhe não faziam *andar com a cabeça à roda*...» — Pinheiro Chagas, *Hist. Alegre de Portugal*, 51.

cabeça-de-água é a maré mais alta, três dias depois da lua-nova; no Tejo.

cabo. Qualquer corda, ainda que seja de espessura mínima, tem a bordo o nome de **cabo**. Diz-se «**cabo delgado**» ou **cabinho** para designar o de menor bitola, como o que se emprega em enfrechaduras, e a que vulgarmente chamam **arrebem** (v.).

cabo, no sentido de «corda grossa» é também usado no Minho.

cabra. **Botar a cabra**, nos Arcos-de-Vale-de-Vez, é o mesmo que **pregar uma cabrita**, em Parêdes-de-Coura. V. *Revista Lusitana*, XIV, 150.

cábula, manha, ronha. «O abade tem andado com uma **cábula** muito fina» — Camilo, *Braz. Prazins*, 215.

cacarejante, sonoro, imitando cacarejo. Como neologismo de Eça, não cheira a francesia e é de um pitoresco expressivo. «...o nome galante e **cacarejante** de Maricóquinhos...» — *Reliquia*, 108.

cacau, dinheiro. «...e d'outros bicos de obra que podiam dar muito **cacau**.» — Camilo, *Corja*, 304.

cacetar. «...o ex-corregedor Albano que *cacetara* os presos liberaes...» — Camilo, *Seroens S. Mig. de Seide*, III, 24.

cachicha!, o mesmo que **calixa!** ou **catixa!** (V. *Rev. Lusitana*, XIV, 152) «As mulheres presentes fizeram uma momice de enjoadas e, cuspihndo para o lado, disseram *cachicha*.» — Bento Moreno, *Com. do Campo*, III, 40.

cachola, cacholeira. O *Novo Dicionario* regista **cachola** como provincialismo: «figado de porco ou de outro animal».

cacholeira no mesmo sentido vem na *Agenda Fam. e Com. dos Armazens Grandela*, para 1913, pag. 319: «**Cacholeira** ou **cachola**. Termo pelo qual n'algumas provincias do sul do paiz designam o figado de porco».

cachoreta. «Peixe vendido na loja de Villa Real de Santo Antonio... 32 atuns, 44 atuarros, 7 albacoras e 17 *cachoretas*...» — *O Heraldo* [Yavira], 24 de Maio de 1908.

cadeado, calabre de ferro, articulado em cadeias ou fusis, usado em engenhos ou noras metálicas. «Engenhos com importantes melhoramentos... O **cadeado** não se desarranja e aos pucaros não se lhe desligam as costuras...» — *O Beirão* [Mangualde], de 5 de Abril de 1908.

cadela, cadelice. **Cadela** é epíteto injurioso aplicado á «mulher mal comportada», «...que era como o do Côxo e a Carrasqueira, uma **cadela** sem vergonha». — Camilo, *Eusebio Alcarrio*, 33.

De tal acepção se formou o termo minhoto **cadelice** que significa o mesmo que «femeação, mulherio reles». *Andar na cadelice* é «andar na estúrdia com mulheres fáceis ou perseguilas por vicio cúpido.»

cadernilha, cadenilha, o mesmo que «barbela»; na Beira [S. Pedro-do-Sul]

Do esp. *cadennilla*, de *cadena*.

cadoiço. O *Novo Dicionário* regista esta palavra como «prov. [incialismo] minh.[ôto]» significando «aloque vasto e fundo», tendo explicado no lugar próprio que *aloque* é um «esconderijo (de peixes, principalmente no rio)».

Cadoiço tem o mesmo significado no Vale-do-Côina, e possível é que seja conhecido em outros pontos do país.

O sufixo derivativo *-oiço* ou *-oiço* não exprime apenas «ajuntamento, grande quantidade» mas serve também para os aumentativos. Cp. *ricouço*, *tamanhouço*. (Vid. J. Moreira, *Estudos da Língua Portuguesa*, 1, 1931). *Cadoiço* poderá ser um derivado de *cado*; «antigo vaso para líquidos», se não é propriamente e mais provavelmente o esp. *cadoso*: «lugar profundo en el río, donde hace remanso el agua» (Rodríguez-Navas).

cafra. «A ama ia dizer às criadas que a brasileira era uma *cafra* que não podia ver o anjinho do céu». — Camilo. *Braz. de Prazins*, 381.

caga-lume, lampianista, acendedor dos candieiros de gás da iluminação pública; em Setúbal.

cagarra. No *Novo Dicionário*, vem esta palavra como termo «Agor. [iano]» no sentido de «Espécie de gaivota».

É o nome que os nossos pescadores de bacalhau dão a uma gaivota dos Bancos da Terra Nova a que em Ilhavo chamam *argau*.

caiador, o mesmo que «trólla» — pedreiro; no Minho. «recolheu ao hospital com um grave ferimento na perna esquerda feito com uma colher de *caiador*». — *Folha de Viana*, 4 de Janeiro de 1912.

caidela, (descaidela), caimento. *Caidela* é o mesmo que «queda»; em Viana.

Cp. *descaidela, descaida*, por «descuido»; por analogia com *escorregadela* no mesmo sentido.

Caimento é a «inclinação mais ou menos pronunciada dos mastros de uma embarcação para ré». Diz-se que um mastro tem muito ou pouco *caimento* conforme o ângulo da sua inclinação. «... collocadas por ante a ré dos mastros, e com a sua inclinação ou *caimento*...» — *Ap. e Man. de Navios*, 24.

caimbas, cambas, são as peças laterais do freio.

Morais regista *caimbas*. O *Novo Dicionário* não insere nenhuma destas formas em tal sentido.

caiporice. «...que levasse o diabo o frade mais a *caiporice* dos exorcismos.» — Camilo. *Braz. de Prazins*, 215.

caixeiro, é, em Parêdes-de-Coura, o indivíduo que toca «caixa» ou tambor, acompanhando os *zês-p'ceiras* ou gaitas-de-foles, nas festas populares.

Em Viana chamam-lhe «zabumba» ou «tamborileiro».

caixêta, caixêtas. *Caixetas* chamam os serralheiros a uma série de molas que, dispostas a alturas irregulares no interior da fechadura, se movem ao mesmo impulso da chave cujos *sombreirêtes* (v.) correspondem a essa disposição, fazendo avançar ou recuar a lingueta. *Fechadura de caixetas*.

«Peça da espingarda». «...para certificar-se que o desarmador, a *carvêta* e o fradete trabalhavam harmonicamente». — Camilo. *Braz. de Prazins*, 211.

calaça, calacice, calaceiro. *Calaca*, significando «preguiça, ociosidade, vida de mandrião», é muito usado no Minho. No mesmo sentido se emprega também *calacice*.

calaceiro, como adjectivo, no sentido de «femeiro, frascário» vem no *Novo Dicionário (Supl.)* deduzido de um trecho da *Carta de Guia de Casados*, de D. Francisco Manuel: «...maridos *calaceiros* de criadas».

Na *Eufrosina*, acto III, cena VI, empregou-o Jorge Ferreira em passo semelhante, porem com sentido que poderemos considerar mais abstrato: «sou mais *calaceiro* de moças de rio que minhoto de tripas». Parece significar o mesmo que «perdido por».

calão. V. **chavega.**

calduro, sopa de castanhas piladas; no Fundão.

V. *Gaz. das Aldeias*, n.º 733.

cale. No Vale-do-Côina *cale* é a «parte mais tunda do rio entre os parais», o que é, pouco mais ou menos, a definição dada pelo *Novo Dicionario*, referida a Aveiro.

calemburizor. «Era a casa-da-tia, *calemburizara* o povo jogando de vocabulo maliciosamente.» Camilo, *Volcoens de Lama*.

calmeiro, o mesmo que «calma» ou «calmaria», no Vale-do-Côina. «Dia de naboeiro dia de *calmeiro*».

câmara, camarinha, camarote. Nos navios mercantes *câmara* é o aposento à ré destinado aos officiaes de bordo. *Camarinha* ou *camarote* é a pequena *câmara* em que dorme o capitão.

camarinha era o «quarto-de-dormir», como ainda hoje no Brasil V. em Gil Vicente;

«...um coxim e todo o al
que esta nessa *camarinha*
debaixo do meu brail»

(COMEDIA DE RUBEN)

«e Mencha esta saindo
no meio da *camarinha*».

(AUTO DA LUSITANIA)

cambão, reunião de individuos que, nas arrematações de gado cavalar nos regimentos, se quotizam ou combinam para a compra em comum, fazendo depois uma nova arrematação entre si com divisão proporcional dos lucros.

Em Lisboa.

camisêta. O *Novo Dicionario* regista esta palavra no mesmo sentido de «camisola» como «*Phor* [incianismo] alg. [arvio]». E' tambem conhecido assim em Viana e Ilhavo.

camurro, camurrão, teimoso, «casmurro»; no Minho.

Usado tambem em Vila-Real. V. *Rer. Lus.*, XI 299.

candeio é a floração das oliveiras; no Vale-do-Côina.

candelissa. «Antigamente usava-se formar com duas polês, tendo cada uma os eixos das roldanas paralelos, um aparelho a que se chama *Candelissa* e que se gurnia como a talha dobrada. Alguns mercantes chamam *candelisso* a um teque formado por dois moitões de cilindro, um dos quaes engata n'um vergueiro, que vae ao laiz da verga grande e serve para guindar a carga.» — *Ap. e Man. de Navios*, 37.

caniço, é uma espécie de cana aquática, delgada e flexível que cresce no rio, em lugares pouco fundos. No Vale-do-Côina.

cangado. V. **adernar.**

cantar, cantilena. *Cantar* equivale a «dizer»; dizer sem rehuço é sem receio. «Ai, hea por minha conta... hei de lh'as *cantar*» — Eça, *Crime Padre Amaro*, 311.

Cantar desafinado é «provocar com palavras ou ditos inconvenientes; refilar; responder com grossaria ou impozição.» «...que se fechavam em forma de box assim que os pimpões lhe *cantavam desafinado*» — Camilo, *Cego de Landim*, 47.

Cantar lérias é «usar de artimanhas, palavreado, para convencer alguém.» «Vinha cá a santinha de pau carunchoso *cantar-me lérias*» — Camilo, *Corja*.

É vulgar a expressão *é como canta!* para significar: *é isso mesmo!*

cantilena, em português, como em espanhol, é a «repetição enfadonha de qualquer ideia ou de quaesquer pala-

bras». Também significa o mesmo que *cantiga* = «narração ou conversa astuciosa, para iludir». — *Cantilénas, cantilenas*. E principiou a asso-biar». — Bento Moreno. *Com. Cam-po*, 32.

capa. *De capa e espada* é, no Vale-do-Cóina, qualificativo para tudo que é «ótimo, perfeito, excelente». «*Dia de capa e espada. Cavalo de capa e espada, etc.*»

capôlo, em Ílhavo, é uma «espécie de cogumelo que ataca as madeiras de construção».

caquear, o mesmo que «titubear»; amodorrar.

Em Viana-do-Castelo.

cara. Entra na formação de numerosas expressões populares ainda não registadas, tais como: «*cara* sem vergonha; estanhada; de caso; de lua cheia; de Páscoa; alegre; de poucos amigos; de réu; de carrasco; de asno; de parvo; de enjoado; torta; de pau; de fome; de fastio. Ha também a expressão minhota: *cara de rei galégo* que é o mesmo que «cara de poucos amigos».

Fazer cara é «mostrar má vontade ou repugnância».

Ficar de cara à banda quer dizer «ficar desapontado, despeitado, corrido». «Os castelhanos que tinham ido de *cara à banda* voltaram à carga...» — Pinheiro Chagas. *Hist. Alegre de Portugal*, 35.

caraçudo, carregado, ameaçando trovoada (falando-se do tempo). Seixal, Barreiro, Vale-do-Cóina.

caramelo, é o trabalhador rural que vem geralmente do distrito de Coimbra para os campos do Alentejo. «...e ainda agora mesmo na extensa charneca dos Marinhaes continua com intensidade a implantação do *caramelo* «originário dos campos do Mondego», cuja energia de trabalho quasi permanente não esmorece diante da aridez alentejana...» — *O Século Agrícola*, n.º 13.

caramuja, caramujão; encaramujar. *Caramuja*, no litoral do Minho, é um molusco univalve a que em Lisboa chamam «burriê». *Caramujão* é o «burriê» grande.

No mesmo sentido de «encaracolar» dizem no Minho *encaramujar*. Na *Gazeta das Aldeias*, n.º 805, diz um consulente da *Praia-d'Ançora*: «Tenho um limoeiro ha uns quatro annos, do qual não tenho colhido nada. Fruto mostra muito mas não dá nenhum. Chegam apenas ao tamanho de amêndoas, caem e a folha *encaramuja*».

carcanel, cracánel, ferro de calafêto, com um ou mais gornes.

carcanhão, carcanhoes, *Carcanhão* significa «ostra», no Barreiro, umas vezes e... sentido concreto e outras colectivamente: «porção de ostras».

A alguns pescadores da Fuzeta ouvi empregar *carcanhoes* no mesmo sentido colectivo. Não sei se será forma corrente no Algarve.

cardife. Vulgarmente, nas empresas de transporte, fabricas industriais, etc., designam assim, pela procedência, a hulha originária das explorações mineiras de Cardiff. «O stock de 2.000 toneladas consistia em *cardiff* misturado com carvão americano». — *Almanaque Marítimo* (1903).

Cp. alcobaça = lenço tecido nos teares de Alcobaça. [«...e aparando as lagrimas ternas no *alcobaça*...» — Camilo. *Braz. de Prazins*, 75].

carepa, pequenas lâminas de óxido de ferro que saltam do ferro candente, batido na bigorna¹.

Limpar-se da carepa é «sair da miséria para uma relativa mediania; elevar-

1 «Sempre que possa ser é conveniente que o aquecimento seja feito com carvão de madeira afim de evitar a *carepa* que se forma ao aquecer». — João dos Santos. *Man. Torneiro Mechanico*, 34.

se, progredir com o auxílio de outrem». «*Limpam-se da carepa*, é o que é...» — Camilo. *Corja*.

carêta; peneiro. *Carêta* ou *tapa-rosto*, no concelho de Moncorvo, chamam os abelheiros a um pano de serapilheira em que envolvem a cabeça quando cretam as colmeias. «... envolve a cara em um panno com dois pequenos orificios no sitio dos olhos, panno a que dão o nome de *tapa-rosto* ou *carêta*...» — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 195.

No Vale-do-Côina cosem a este pano, no lugar do rosto, uma rede fina de arame, de forma côncava. Chamam-lhe *peneiro*.

carocha. Os calafates de Lisboa chamam *carochas* a uns «rolinhos de papel que se enchem de breu em fusão para tapar as costuras do convés dos navios».

carôcho, é o carro funerário da Misericórdia; em Coimbra.

carrada. Como medida de quantidade determinada, não ocorre nos dicionários, apesar de muito vulgar no país. a par de *carro* (V. *Rev. Lus.*, XIV, 151).

No Vale-do-Côina «uma *carrada*» de palha equivale a quatro *talhas* (v.) ou sessenta molhos; «uma *carrada*» de mato a quatro *talhas* de cinquenta molhos; e «uma *carrada*» de rama-de-pinho a quatro *talhas* de sessenta molhos.

carrela, padiola; em Viana (Arousa) (V. *Rev. Lus.*, XV, 73) e nos concelhos de Penafiel e Arcos-de-Vale-de-Vez.

carro, caro, cairo, carreta, carreteira. *Carro*, *caro* ou *cairo* é a «parte inferior e mais grossa de uma verga de vela latina triangular. Qualquer destas tres formas é usada entre os marítimos do Tejo, predominando, contudo, a segunda.

Informações de Olhão dizem-me que os pescadores de lá só conhecem a primeira.

[V. *Diário de Notic.* de 25 do I; 4, 6, 12 do II; 8, 11, 15 do V; 25 do VI e 5 do VII de 1912; e *Rev. Lus.*, XV, 269 ss.].

Carro, em Espôsende, é a «polé de alar as rédes».

No Vale-do-Côina chamam *carêta* ao «carro-de-bois». *Carreteira* é ali o «caminho por entre matos» que o *Novo Dicionário (Supl.)* dá como «[provincialismo] beir[ão]», colhido em Ceia.

Em um conto do sr. Brito Camacho inserto em um número da *Lucta* de Julho de 1907, vem o termo, em acepção idêntica, referido ao Alentejo: «... n'uma pequena pelada que havia no mato, perto da *carreteira*...»

Abelhas carreteiras, no concelho de Moncorvo, são as «abelhas obreiras» de uma colmeia. V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 198.

carruço, caneco pequeno, de pau, para água; na Beira Alta [S. Pedro-do-Sul, arredores].

carrulo, nuca; no Minho.

cartola, pessoa de importancia ou valimento; na ling. popular. «Chamam-lhes *cartolas*, casacas, fidalgos...» — *Vanguarda*, 2 de Julho de 1904.

carvalhal, variedade de figo; no Algarve. V. *belmandil*.

casa. No concelho de Moncorvo, chamam *casas* aos alvéolos dos favos das abelhas. O alvéolo da mestra é a «*casa da abelha nova*». V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 198.

casa-mestra, em const. naval é a «largura ou boca, medida na maior secção do navio, perpendicular à quilha». *Ap. e Man. de Navios*, 1.

casa-da-tia é o «local onde se conjugam relações ilícitas». «Era a *casa-da-tia*, calemburizava o povo jogando de vocábulo maliciosamente.» — Camilo. *Folcoens de Lama*.

De casa e pucarinho significa intimidade afectuosa, com ou sem ideia de conúbio ou mancebia. «Dezesseis

annos de casa e pucarinho! queixa-va-se! — Camilo. *Eusebio Macario*.

« Isto é ter de casa e pucarinho um amigo íntimo de Nosso Senhor Jesus Christo!... » — Eça. *A Reliquia*, 398.

casar; casamento. « Quando eu vim *cazar para aqui* já meu cunhado tinha morrido ». — Camilo. *Braz, de Prazins*, 12.

casar = « morar » ? ¹

casamento com a mão esquerda chama o povo airoosamente a « mancebia ou concubinação ».

Cf. o *argot*: *mariage de main gauche* (V. *L'Argot au XIX^e siècle*. Bruant)

casca, cascaria; cascar. *Casca-de-noz* é um « barco de pequenas dimensões ». « Colombo então foi-se embora e começou a offerer os seus serviços a quem lhe desse uma *casca de noz* ». — P. Chagas. *Hist. Alegre de Portugal*, 69.

Dar a casca não é só « encavar, amuar ». Também significa « morrer ». « O homem estava com certeza a morrer e *daria a casca* mais mez menos mez ». — Camilo. *Volcoens de Lama*, 115. «... o José Dias estava em Braga, muito acabado, a *dar a casca* ». — *Braz, de Prazins*, 265.

cascar, na ling. popular, é « bater » e também « beber ». « O tanso do abade *casca-lhe rijo no verdasco* ». Camilo. *Braz, de Prazins*.

Como derivado de *casca*, usou Camilo o termo *cascaria* «... mostrava o pé rubro, cheio de *cascarias* calosas. — *Eusebio Macario*, 22.

cascaria é o « conjunto de *cascos*; vasilhame », como termo de tanoaria, em Lisboa.

casquilho, em mecânica, é um « cilindro de metal, vasado, que entra justo no furo de uma peça para lhe dimi-

nuir o diâmetro, ou reforça um veio no lugar do moente ».

casquinha. « Semear à *casquinha* », no Vale-do-Côina, é « semear quase à flor da terra, sem *estonar* » (vi). Geralmente este sistema é usado só para praganas.

catrina, na linguagem dos pedreiros, em Lisboa, é uma « roldana de ferro para içar qualquer peso ».

Por *cantarina*, de *cantar*?

catraio; catraeiro, catraiar. No litoral do Douro, pelo menos, *catraio*, *catraia* é o « rapaz ou rapariga ». Camilo usou o termo na *Braz, de Prazins*, 78: « Não respondes, *catraia*? ». Em Viana-do-Castelo, *catraia* é a « mulher desprezível », o mesmo que « marafona ».

Os dicionários não registam o verbo *catraiar* empregado entre os marítimos do Tejo para designar o « serviço feito em *catraio*, navegar em *catraio*; ocupar o mister de catraeiro ». *Catraeiro*, nos pinhais do Vale-do-Côina é um « machado pequeno, de cabo curto, para descascar ou esgalhar troncos ».

catrafiar, segurar com voltas de fio a percenta de um cabo, antes de a forrar. É termo de ling. marítima.

cavalinho, peça de ferro que se adapta ao objecto cilíndrico que se quer tornear, servindo de ponto de apoio na espera do torno. « Feito isto, enfiam-se e apertam-se os *cavallinhos*... » *Man. Torn. Mechanico*, 92.

caveira, cabeça. « Se você não fosse um velho dava-lhe com este machado na *caveira*! » — Camilo. *Braz, de Prazins*, 26.

cavirão é uma espécie de « espicha » de grandes dimensões própria para costuras em cabos grossos, a bordo.

cedeiro, cedico. « Marés *cedeiras* » são aquelas cujo preamar se antecipa ao nascer do sol. Em opposição a « marés *tardeiras* ». No Tejo.

cedico é o mesmo que *cedinho*, « muito cedo ». « Ainda é *cedico*, rapaz! » —

¹ Cp. *casado* « (ant.) morador de uma povoação, tendo nella casa sua ». V. Vi-terbo. *Etucidario*.

Cesar Machado *Manhãs e Noites*, 128.

centrar, marcar ou determinar o centro. «Em geral é empregado para *centrar* veios». — *Man. Torn. Mechanico*, 54.

centieiro, variedade de cogumelo comestível; no concelho de S. Pedro-do-Sul.

cércea, molde do perfil de qualquer peça, recortado em madeira; em carpintaria naval. «O trabalho das diferentes partes que constituem o casco, requer o emprego de fôrmas, ditas *cércias*...» — *Construção Naval*, I, 65.

cepo, **cepudo**, **sapudo** (= **çapudo**). *Cepudo*, no Minho, quer dizer «atarracado». «Uma mão *cepuda*» é uma mão gorda e pequena. «... tem as pernas grossas e *cepudas*, com borbulhas escarlates». — Camilo, *Eusebio Macario*, 23.

De *cepo*.

Na mesma acepção usa-se na ling. familiar de Lisboa *sapudo*. «E com o seu ar bonacheirão para Prospero, as mãos *sapudas* em cruz sobre o gato...» — Abel Botelho, *Prospero Fortuna*, 44.

De *sapo*. Cp. *sapolga* (*Novo Dicionario*). Talvez *çapudo*, contracção de *caçapudo*, de *caçapo*.

cepo V. **encepar**.

cerquido, souto de carvalhos cerquinhos; no Minho.

chamadeira. «... e olhava de vez em quando para a queilha d'onde cae o milho graeiro, ao som impertinente e monotono da *chamadeira*». — Bento Moreno, *Com. Campo*, 13.

chanato, remendo, pequeno concerto; em Carvalhos (Gaia).

chapuz, peça de madeira sobreposta a outra, como reforço de uma abertura; à bordo.

charaviscar, fariscar? «Poz-se a *charaviscar* no quarto como um podengo à roda de uma moita...» — Brito

Camacho, *Lucta*, Setembro de 1907.

Cp. *charaviscal* (*Novo Dicionario*).

charepe, pequeno lavrador; no Alentejo. V. *Gaz. Aldeias*, n.º 733.

chibarro, flor do vinagre; é o *mycoderma aceti* da ling. scientifica; na Beira-Alta.

Lat. *cibarium*?

chavega, é uma rede de arrasto usada na pesca da sardinha, no Algarve.

Tenho a seguinte informação: «A arte de chavega» começou a desaparecer do Algarve com o desenvolvimento das armações valencianas e cercos americanos. Dizem-me que na Costa de Caparica a rede, ao recolher, é puxada a bois. Aqui [Olhão] são os homens que a puxam. Antes das armações e quando as artes eram ás dezenas empregavam toda a gente valida. Hoje porem só ali se empregam as crianças e os velhos. Entre o povo só é conhecido por «arte». Diz-se: «andar á arte»; «a arte pescou; venho da arte»; etc. Só entre os mais ilustrados se diz «arte de chavega».

Uma «arte de chavega» consta de duas embarcações especiaes alem dumas canoas que lhe vão agregadas. Dessas duas, a maior e que transporta a rede, é o *calão*; a outra, do mesmo typo mas mais pequena, e que transporta o peixe, é o *batel*. À falta de embarcações [quando a pesca é abundante] tambem o *calão* mete peixe.

No *Heraldo* (Tavira) de 8 de Dezembro de 1908 lê-se este anúncio:

«Vende-se uma arte de *chavega*, duas canoas e um *calão*.»

chicha, carne de vaca; em Freixo-de-Espada-à-Cinta.

Na ling. fam. de Viana-do-Castelo: «toucinho».

Cp. o esp. *chicha*.

chincar, obter, alcançar a satisfação de um desejo; no Minho.

chincho, persevejo; no Algarve. «... sempre em defesa contra os *chinchos* que n'esta região teem ferocida-

des de cannibal . . . — *Heraldo* [Tavira], Setembro de 1907.

V. *Chinche* no *Novo Dicionário*.

chinfrinice, coisa réles, caricata; sovinice. «A largueza confina com a prodigalidade, a fronteira ponteiro da economia toca com a *chinfrinice*.»

— Cesar Machado. *Manhãs e Noites*, 101.

chiola, chineira velha; bota grande e mal feita. Em Viana.

chiura, obtusidade de um ângulo ou escantilhão; em construção naval.

Quando o ângulo é agudo, diz-se *solinhado*. «Se o escantilhão do braço é *solinhado* ou em *chiura*, basta substituir o esquadro por uma suta . . .»

— *Construção Naval*, II, 23.

chochice, banalidade; coisa réles, sem valor; na ling. familiar. «A *chochice* rimada tomou o lugar ao juízo . . .»

— Cesar Machado. *Manhãs e Noites*, 99.

chôco; choquiço. Ovo *chôco* é o que, passado certo tempo da postura, se decompõe. Por este motivo *chôco*, em certos casos, quer dizer «fora de tempo, antigo». Neste sentido empregaria Camilo o termo na *Brazilera de Prazins*, pag. 206: «Vai uma pinga do *chôco*?» E a pag. 327: «Banhos do mar, aconselhava, bife na grelha e vinho do Porto, quanto mais *chôco* melhor».

choquiço é o mesmo que *chôco* (das galinhas).

chora, carro de transportes de passageiros, da «Lusitana»; em Lisboa. «Oh! que se houvesse um *chora* que podesse girar pela linha do Príncipe Real . . .» — *A Época*, 12 de Fevereiro 1904.

choussar, chouver, chousseira, chossa. *Choussar* ou *chouver* é, no Alto-Minho, «fechar, vedar (um montado)». Do lat. *claudere*.

chousseira é uma «tapada; baldio tapado, vedado».

No Porto chamam «carvão de *chossa*» ao «carvão de sobreiro», que prova-

velmente vinha das antigas *choussas* ou «tapadas».

V. *Choussa* ou *chouso*, no *Novo Dicionário*; e *chouvir*, no *Supl.*

chumaceira, em mecânica, é a peça de ferro que serve de ponto de apoio às extremidades de um veio. É formada de duas partes que se adaptam superior e inferiormente ao veio, suportando o *bronze* (v.)

chúria, o mesmo que «escatilhão» ou «sutamento»; em construção naval.

V. *chiura*.

cibato «... para ensinar os pintalinhos que disputavam a posse do *cibato* em corrimaças impetuosas . . .»

— Camilo. *Seroens S. Mig. de Seide*, v, 41.

cintel, em tanoaria (Lisboa) é a «peça lateral do fundo das vasilhas».

Em construção naval, é um «compasso especial para traçados de grandes curvas». «Para o traçado de perpendiculares emprega-se o methodo dos arcos de círculo, servindo-se do *compasso de pinulas* ou *cintel*, formado de uma regua de madeira, ao longo da qual correm dois cursores que se podem fixar em qualquer ponto da régua, por meio de parafusos de pressão». — *Construção Naval*, I, 67.

coanhos, co(a)nhadeira, coanhar. *Coanhos* são, em Chaves, os restos da palha que ficam na eira depois de malhado o trigo.

Pertence também ao dialeto de Penedono (v. *Rev. Lusitana*, XII, 312).

cônhadeira ou *coanhadeira* é, ali, uma «vassoura de ramos de leituga, própria para varrer os *coanhos*, ou *coanhar* = *acoanhar*, como lá se diz. Cp. *conhos*. (*Novo Dicionário*, [Supl.]).

côbro, é a disposição livre dos seios da amarra, por ante a vante do molinete, de forma que recorram sem impedimento, colhidos em uma extensão calculada como necessária á altura do fundo. Diz-se «fazer ou pôr *côbro* na amarra» ou simplesmente «fazer o *côbro*». «Faça V.

côbro na amarra. Tome V. cuidado em que o *côbro* esteja claro». — *Código Internacional de Signaes*, 213, 244.

côca, diz-se de uma variedade de amendoa de casca pouco consistente e fibrosa. «amendoa *côca*...» *Heraldo* [Tavira], 4 de Agosto 1908.

Nos mercados belgas e francêses chamam a esta amendoa: *coque tendre Faro*.

côcão. O *Novo Dicionário* insere *coção* definindo-o assim: «cada um dos paus, sob o taboleiro do carro de bois e entre os quaes gira o eixo... e, como provincialismo minhoto: «vazadura por baixo do chedeiro, entre aquêlles paus verticaes, a que também se chamam cantadeiras, e contra a qual gira o eixo do carro».

Na *Gazeta das Aldeias*, n.º 731, informa-me o sr. Rocha Belêza que em Carvalhos (Gaia) *côcão* é uma espécie de cunha de pau que conserva o eixo do carro dentro das cantadeiras e que, uma vez apertada, faz chlar o carro».

côcaria, local onde se faz a comida dos trabalhadores do campo. Ouvi o termo no Vale-do-Côina mas dizem-me que é mais usual no Alentejo.

coceira, o mesmo que «sarna»: no conc. de Abrantes.

côdea, não é apenas a «imundície do corpo ou da roupa», como disse a pag. 153 do vol. XIV da *Rev. Lusitana*, mas também a que se nota no sobrado, no mobiliário e, em geral, em todos os utensílios de uso doméstico». No Minho.

Fazer a côdea, chama-se, nas queijarias da Serra-da-Estrêla, á operação de «dar côdoa» ao queijo. Em um interessante artigo do Dr. Figueiredo da Guerra sobre a *Industria dos Lacticínios*, na *Aurora do Lima* de 12 de Julho de 1909, lê-se: «Concluida esta operação resta realizar o que os queijeiros denominam *fazer a côdea*, e que consiste em picar su-

perficialmente a parte superior ao queijo e depois alisar a superfície com a palma da mão, afim de ficar unida e com compacidade uniforme, fazendo-se o mesmo na outra face do queijo».

coira. «... metteu-se com a coruja um tratante de um padrega que lhe principiou a contar tantas lonas que a *coira* vai deixar tudo lá a uma confraria...» — Bento Moreno, *Com. do Campo*, III, 34.

coisar. Como *aquelar* (v.) toma várias acepções e emprega-se sempre que o termo próprio não ocorre: «*coisar* a roupa, o caldo, o gado, etc.» É voc. trasmontano.

colarête, o mesmo que «punho»: colar ou gola de um vestido. No Minho. Por ext. significa ás vezes o mesmo que «trincha» (v.).

comareiro, cômor; no Minho.

compodoiro, abacelimento, i-é, acto de soterrar provisoriamente as raizes das couves novas extraídas dos alfobres, para as ir dispondo seguidamente ou mais tarde no local definitivo.

conhecer, conhecença, conhecimento. *Conhecer*, tem, na Beira-Alta [Arredores de S. Pedro-do-Sul] a acepção especial de «brindar, presentear, gratificar», e assim *conhecimento* é o «presente, gorgeta ou espórtula». «Ele *conhece* sempre todas as pessoas que lhe fazem qualquer serviço. Tem sempre um *conhecimento* qualquer para todos». V. **Convidar**.

Cp. *lembrar, lembrança*, no mesmo sentido.

conhecença é o ponto determinante de um rumo, na costa: em ling. náutica. «São *conhecenças* boas a serra que vem terminar no Cercal... A regular *conhecença* n'esta parte é a povoação de S. Thiago do Cacem, sobranceira ao monte.» — *Almanaque Marítimo*, 11903).

convidar, que hoje tem a acepção de

«convocar, pedir comparência, solicitar» era antigamente tomado no sentido de «obsequiar, presentear», como nota o sr. Gonçalves Viana nas *Apostilas*, I, 323, citando um trecho do cap. CXXVIII da *Peregrinação*, de Fernam Méndez e outro da *Crónica de El-rei Dom Afonso V*, de Rui de Pina.

Mas o facto, e de certo curioso, é que nem se perdeu de todo a antiga acepção nem esta era a única que por então se atribuía ao verbo.

Na Beira-Alta (Serrazes, Carvalhais [S. Pedro-do-Sul]) ainda hoje dizem *convidar* no sentido de «presentear, obsequiar, gratificar, favorecer», a par de *conhecer* (v.) «Bai tu trabalhando qu'eu te *combidarei* como mer'ceres». «O meu padrinho *cumbidou-me* c'um cordão de dez moedas».

O sr. Gonçalves Viana cita também o emprego especial que ainda hoje se faz deste verbo e em que, ironicamente, perdura a reminiscência da antiga acepção: «O Taboada, um bailão ali do sitio, convidou o Navalhadas, seu collega, com duas ditas no peito». — (*O Economista*, de 22 de Agosto de 1885).

Desta acepção irónica, também pouco conhecida ou quase obliterada, resultou por translação, para *convidar*, no Minho, o sentido directo de «castigar, ser molesto ou incómodo». (Cf. *percaço*). Certas expressões populares, applicadas a quem é repreendido ou castigado, tomam o verbo neste sentido translato, tornando-se, por assim dizer, inconsciente a ironia: «Deixa 'star que fostes bem *cumbidado*! Anda, que baís *cumbidado*!» E ainda nas ameaças: «Olha qu'eu *cumbido-te*!»

No sentido de «molestar ou ser incómodo» não é ali menos popular: «Roçar tód-ó dia, olhai qu' isto *cumbida* um!» «O criólo é pequenino mas *cumbida* quem o traz ó colo!»

Cf. as expressões «levar para o seu tabaco; levar para amêndoas», em que *levar* como *apanhar, comer e chuchar* de outras expressões parelhas (e mais frisantemente nas expressões elípticas: tu *levas!* tu *apanhas!* *comes!* *chuchas!*) perdeu já, praticamente, a intenção irónica.

Na *Crónica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, encontra-se o verbo na acepção e... que é tomado hoje: «... tornou-se o Condestabre e a sua gente a Olivença e mandou convidar a mayor parte dos grandes... e fez-lhe em Olivença huã falla assaz de hõrrada e muy abastada».

E também na *Lenda dos Santos Baylaam e Josafate*: «E os santos homens assim se chegavam aos mar-teiros cõ forte coraçõ como se fossẽ convidados pera bõs manjares...»

convidar tinha pois duas acepções: «presentear e convocar». Enquanto o segundo persistiu, através dos séculos, o primeiro perdeu-se pouco a pouco na evolução linguística até se tornar quase esquecido.

copejo. de *copejar* = «tirar das armações ou da rede de galeão o peixe que nelas caiu» formou-se no Algarve o subs. verbal *copejo* pela necessidade de dar um nome á «acção ou efeito de copejar».

Diz-se no *Heraldo* [Tavira] de 4 de Outubro de 1908, sobre a pesca do atum: «... durante a temporada finda... verifica-se que a armação de maior *copejo* foi a de *Barril*... as armações da nossa costa faziam *copejos* superiores a 40.000 e 50.000 atuns».

corcar, entortar, empenar, torcer; como termo de carpinteiros de construção civil e naval, em Lisboa.

cordão, madeixa de fios torcidos com que se fazem os «cabos» ou cordas. «Um certo numero de filamentos torcidos ão um *fio de carreta*, e

do agrupamento de fios forma-se o *cordão* e de tres ou quatro *cordões* coxados, torcidos, faz-se o cabo de massa». *Ap. e Man. de Navios*, 29.

Diz-se «cabo de três ou quatro *cordões*».

Cordão-de-ouro ou, simples e mais vulgarmente no norte do país, *cordão* é a «correntezinha de ouro mais ou ou menos grossa, que as mulheres usam em voltas pendentes do pescoço, como adorno». «No pescoço... tinha uma gargantilha de ouro e tres *cordões*, com um crucifixo de uma escultura antiga...» — Camilo. *Eusebio Macario*, 63.

cornudagem. «Uma dama da comitiva era a D. Paschoela, mulher do Trigueiros, doida garantida... mestra em *cornudagens*...» — Camilo. *Eusebio Macario*, 100. «Quando Deus queria não sofria eu *cornudagens*, porem já que sou tão mau cabraço que me afeiçoei sendo livre, que me fação tudo». — *Ulisipo*, 53.

corôa, moeda de quinhentos-réis: no Minho.

corredor. V. lata.

cortiçada. É a assuada ou troça que os povos da Maia fazem aos noivos dias antes e depois do consórcio, quando o contraem em segundas núpcias. «... empregam actos mui condemnaveis, constituindo um dos costumes mais revoltantes, que nos aponta a ethnographia — as *cortiçadas*, segundo lhe chamam aqui».

Abílio Monteiro. *O Character Revelado*, 347.

cörtinha, é uma pequena extensão de terreno (200 ou 300 braças approx.) vedada por um muro ou parêde de pedra solta. «*Cörtinha* de lavradio e vinha». No Minho.

«Tambem se vendiam as leiras e *cörtinhas* que o pae da tecedeira Brites tinha jogado nas batotas das feiras». — Camilo. *Seroens de S. Mig. de Seide*, 1, 40.

corucho. (V. *Rev. Lus.*, XIV, 153) «O rapazito, que ficara no caminho,

guardando os bois, aconchegava-se, tiritando, ao velho corucho de palha que o cobria». — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 38.

costaneira, não é só a «primeira e última tábua de um tronco serrado em folhas». «A esquadria de um tronco faz-se do seguinte modo: marca-se no topo a secção com que deve ficar e em seguida cortam-se á serra ou a machado as [linhas da esquadria. As partes exteriores do tronco que a serra separou] ¹ chamam-se casqueiras ou *costaneiras*» — *Construcção Naval*, II, 12.

covilhête, em Freixo-de-Espada-A-Cinta, é uma «espécie de púcaro de barro ou de folha, com duas asas, servindo para as sopas das crianças».

coveiro. «Vinho com gosto ao *coveiro*», é, em Coimbra, o vinho caracterizado pelo seu mau paladar devido á podridão da vasilha. «Tenho uma pipa que dá mau gosto ao vinho, que aqui [Coimbra] chamam *gosto ao coveiro*». — *Gazeta das Aldeias*, n.º 694.

No mesmo sentido dizem no Minho «gosto ao velho».

cozinha. Em Coimbra chamam *cozinha* ao «caldo-verde». *Cozinhar* é «fazer caldo-verde».

crabunho, caroço da fruta; em Chaves. Cp. *carabunho* (*Novo Dictionario*).

cramulhano, matarrico, demónio; nos Açores. «Pois olhe o senhor que aquelle *cramulhano* — Pae do Ceu perdoou-me! —» — Nunes da Rosa. *Pastoraes do Mosteiro*, 95.

crêspo. *Bater a roupa ao crêspo*, no Minho, é batê-la na pedra do lava-douro, apenas humedecida.

crostes, o mesmo que «colostro»: na Guarda, segundo informação.

¹ As palavras entre colchetes substituem as referências do texto á gravura elucidativa.

cuada, fundilhos; na linguagem fam. de Viana-do-Castelo.

cuchário, variedade de figo temporão; no Algarve. « Entre nós os primeiros [figos] que amadurecem são os *cuchários*... » — Melo Leote. *Gazeta das Aldeias*, n.º 725.

culatrão, mulher gorda e desajeitada; no Minho.

curro, cavalo reprodutor; em Parêdes-de-Coura.

V. **acurrar**.

cuturuto, cume, cucuruto; em Viana-do-Castelo.

D

decalitro, chapéu-alto; na ling. popular.

No *argot*: *decalitre* (*L'Argot au XX^e siècle*).

demo, diabo. *Deu o diabo com sua mãe*, i-é, « juntaram-se dois génios iguais para mau fim », dizem na Beira-Alta [Carvalhais].

Esta invocação da « mãe do diabo » aparece também em uma apóstrofe vulgar, no século XVI. Usou-a Gil Vicente na *Farsa de quem tem farelos*:

« Vae-te ó Demo com sa mãe »

Provavelmente foi esta mesma expressão que sofreu translação de sentido. O que exprimia uma praga espontânea veio, por comparação, a significar um « conluio de partes entendidas num acordo geralmente maldoso. »

derrota. Não registam os dicionários a acepção especial em que tenho ouvido empregar este vocábulo aos oficiais de marinha mercante: « cada um dos dias de viagem, marcados no diário náutico ». « Neste mês contei vinte-e-duas *derrotas*, que tantos foram os dias que trouxe de viagem para leste ».

desabêlho « [os enxames, no concelho de Redondo] são batidos ou expulsos para outros cortiços, [na ocasião da

cresta] às vezes dous ou tres para um só que recebem então o nome de *desabelhos* [os enxames]. — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 197.

desalapar, desencovar, fazer sair da toca to coelho; em Parêdes-de-Coura.

desãmão. *A desãmão* quer dizer no Minho o mesmo que « fora de mão ».

desapeirar, tirar os bois do carro; no Vale-do-Côina. Usou-o Camilo nos *Seroens de S. Mig. de Seide*, III, 28: « Quando o velho às onze da manhã *desapeirou* os bois... »

Na Beira-Alta [Carvalhais, Serrazes, etc.] empregam no mesmo sentido « desapôr ». Em sentido oposto encontra-se « apôr » na *Braz. de Prazins*, 46: « ... o lavrador que estava *apondo* os bois ao carro... »

desbarato. *Ao desbarato* « Os lavradores que as arremataram ao desbarato, pegaram a desandar... » — Camilo. *Seroens S. Mig. de Seide*, I, 26.

descontravontade, o mesmo que « contra vontade »; no Algarve. Neste caso, como noutros parelhos (cp. *descontra*, nos *Subsídios*, de Cortesão; *desinfeliz*, *deslado*, etc.), *des* é apenas uma prepositiva de realce.

desencolar. V. **encolar**.

desfeita, guisado de bacalhau, com grão-de-bico; na gíria lisboeta. « Na taberna de Domingos Barradas... entrou hontem Thiago Antonio Mario... que pediu uma *desfeita*, comeu e não quiz pagar... » — *O Seculo*, de 7 de Dezembro de 1910.

Tambem se diz *meia-desfeita*.

desenculatrar, desencaixar, sair fora do seu lugar; desengonçar. Em Ílhavo.

desenfadado, alegre, brincalhão, espiírituoso, traquinas; no Minho.

desfaltaçar, desfaltaçado. *Desfaltaçar* é, em ling. marítima, « tirar a *faltaça* (v.) (a um cabo) ». Em sentido fig. *desfaltaçado* quer dizer

«falta de dinheiro ou de qualquer objecto necessário».

desgrenhar. Em Chaves *desgrenhar* (o milho) é o mesmo que «descamisar, esfolhar».

deslado, o mesmo que «lado», em determinados casos; em Trás-os-Montes [Freixo-de-Espada-à-Cinta]

Usado no mesmo sentido nos Açores: «desapareceu, sacudido, por um deslido da grôta...» — Nunes da Rosa, *Pastoraes do Mosteiro*.

desmanilhar, tirar ou desprender as *manilhas* (V.) das correntes ou das âncoras. «*Desmanilha-se a amarra por ante a ré da abita...*» — *Ap. c Man. de Navios*, 141.

desneixa, desleixado, indolente; em Trás-os-Montes [Bragança].

desperdícios, aglomerado de fios que não servem na indústria de tecidos e que se empregam na limpêza de máquinas. Também chamados «estopa branca» ou «limpêza».

V. *Código Internacional de Signaes, vocabulário*, s. V. *Algodão*.

despescado, descaçado. «Estar ou ficar *despescado*», em estilo figurado, entre marítimos de Ilhavo, quiere dizer o mesmo que «ter falta de alguma coisa».

No mesmo sentido empregou Camilo o termo *descaçado* no *Eusebio Macario*, 67: «O egresso não tinha presente a sua theologia, estava *descaçado* nestas materias...»

dessarrar, tirar o sarro (das vasilhas). «Em resumo: é preferível *dessarrar* os toneis...» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 694.

destorcimento. «Enquanto ao *destorcimento* do cabeçote...» — *Mon. Torn. Mechanico*, 82.

dez. Como ameaça de castigo corporal é vulgar no Minho [Viana] a expressão *dizer quantos fazem dez*: «Se boltas a ateimar olha qu'eu digo-te *quantos fazem dez!*»

Ha nisto provável referência aos *dez dedos das duas mãos* que applicam o

castigo: «*quantas [mãos] fazem dez [dedos]*». ¹

Na *Ulisipo* emprega porém Jorge Ferreira duas expressões semelhantes em sentido diverso: «Já sabeis que sou ladino & sei quantos fazem cinco & a hum falso dous tredores...» [pag. 65.] «Esse he hum bom escudo para receber todos os golpes sem medo: bem sei quantos fazem tres.» [pag. 35].

Aqui o sentido é de «esperteza, vivacidade, argúcia».

diafa. «No Alemejo, porem, essa palavra [diafa] envolve o bailarico, o jantar e todos os mais divertimentos a que o acabamento de qualquer trabalho serve de pretexto». — Ernesto Rodrigues *Contos Alemejanos*, 12.

disco. Com a invasão dos fonógrafos importámos uma nova acepção para este termo, ainda não registada: «placa redonda de celulóide ou substancia análoga na qual estão gravadas em espiral depressões tenuissimas correspondentes aos sons de vária intensidade, que se reproduzem por meio de um estilete adaptado á placa vibratória do fonógrafo».

disparar. Diz-se, em ling. de officina, que a solda *dispara* quando «se derrete» ao calor do ferro ou da chama do maçarico.

donzelice «por uma dama da rainha muito na flôr da *donzelice*...» — Camilo, *Servens S. Mig. de Seide*, VI, 66.

droga. *Dar em droga*, perder-se, prostituir-se. «... perguntava aos padres por Felicia e queria saber se ella *dera em droga* como a do Côxo» — Camilo, *Eusebio Macario*, 25.

¹ Cp. «applicar os dez mandamentos»

E

eco, trovão; em Parêdes-de-Coura.

êle. Como exclamatione traduzindo «espanto, dúvida, negação, repulsa,» usa-se no Minho a expressão *Ou êle!*, equivalendo a *Ora essa!*

As vezes o pronome refere-se à pessoa a quem se fala ou de quem se fala e daí a variante: *Ou ela!* «*Ou ela!* Então não é verdade que a menina fala com o filho do Dr. Monteiro? — *Ou êle!* rosnou uma das Santeiras.» — Deifim Guimarães. *O Rosquedo*, 151, 91.

Como a expressão também popular *homêssa!* que é elíptica, talvez por «*homem! essa!*» maneira de falar causa-me espanto, dúvida, etc., esta apresenta um pronome *êle* que não é mais que o sujeito, na syntaxe popular, do verbo *haver* de uma oração oculta: «*êle* ha cada cousa!» ou «*êle* sempre ha cada dito!» ou expressão equivalente.

Como fórmula enfática usa-se também no Minho a expressão *não que êle!*, só por si, como apoio a uma afirmação anterior, ou precedendo-a para realce: «*Não que êle* ha marotos muito grandes na tropa! — obtemperou o padre João da Eira...» — Camilo. *Corja*, 24.

Em *ou êle!* o *ou* representará foneticamente a evolução popular lenta de *home* por simplificação da fonação nasalada *ð*, de *om*, de *om'* em iguais fórmulas sintáticas: *om'essa*, *om'êle*. «*Om'êle* sempre ha cada um!»

electrico. Com a moderna viação electrica veio a denominação de «carro electrico» para designar os que são movidos pela força electro-motriz. A expressão, porém, reduziu-se, como já acontecera com «americano», por «carro americano», e passou a dizer-se simplesmente *electrico*. «O *electrico* foi carrilado por um outro da carreira do Principe Real...» — *O Seculo*, 18 Março 1908.

Com o uso e abuso deste convencionalismo não admira que a palavra viesse a designar... o próprio pessoal empregado no movimento dos mesmos carros, como se lia ha meses nos jornais: *Grêve dos electricos*.

V. gasolina.

embaralhação, baralhada, confusão; em Ilhavo.

embarrar. «Tu que te queixaste é que alguém *embarrrou* por ti — Se alguém *embarrar* por mim...» — Camilo. *Braz de Prazins*, 17 e 163.

embezzerramento «... e o outro extraia do seu taciturno *embezzerramento*...» — Camilo. *Seroens de S. Mig. de Seide*, v, 36.

embolêu, o mesmo que «bolêu», encontrão; em Viana-do-Castelo.

emoleirar, enfarinhar, empolvilhar; na Beira-Alta (Serrazes, Carvalhais).

empancar. vedar com empanque (as juntas de uma máquina de vapor).

empatar, empate. «*Empatar* anzóis» é prende-los á linha de pesca com um nó especial a que os pescadores chamam *empate*.

empecadado, o mesmo que «fora da graça de Deus», para designar o «indivíduo desastrado, fulto de sorte, de juizo ou de paciência»; no Minho.

Diz-se que «*está empecadada*» «qualquer coisa que se procura e se não encontra ou qualquer trabalho que corre mal».

emprestadar é verbo de formação espontânea e caracter burlêsco. Resulta de *emprestar* e *dar*, significando «fazer uma dádiva sob título de empréstimo».

É corrente não só em Portugal mas também no Brazil. V. João Ribeiro, *Frazes Feitas*.

encabeçar, encabeço. «*Encabeçar* o pano «é substituir por novos os pedaços de lona velha da parte superior das velas», «Diz-se *encabeçar* a vela quando se substitue a parte su-

perior dos panos do guturil». — *Ap. e Man. de Navios*, 53.

Por extensão *encabeçar* refere-se também à substituição dos panos da parte inferior das velas. Cp. *cabeça* que é, em muitos casos, «qualquer extremidade, quer superior, quer inferior».

Os pedaços de pano com que se *encabeçam* as velas chamam-se *encabeços*.

encalir, encalidela. *Encalir*, no Minho, quiere dizer «fervêr ligeiramente qualquer alimento, deixando-o encruado, quer para o conservar temporariamente, quer para ser comido assim». «*Encalir* as couves, o toucinho, a galinha, etc.»

Ao acto ou efeito de *encalir* chama-se *encalidela*.

Correspondem ao provincialismo beirão *entalicar* (*Novo Dicionário*) e ao lisb. *entalar, entaladela*.

V. **engalhar, engrolar, entalir, encartolar-se**, vestir-se com elegância e primôr, em trajo que requiere chapeu-alto; em Viana.

«...por isso se encasacam, *encartolam* e *engravatizam* varonilmente...» — Camilo, *Seroens S. Afç. de Seide*, V, 66.

encasquilhar, meter *casquilho* (v.), forrar com *casquilho*; em mecânica.

encepar, desencepar, (cepo). «*Cêpo* da âncora» é a «haste de ferro ou barra de madeira que se entia na *noz* (v.) da âncora, ficando num plano perpendicular ao dos braços da mesma».

encepar ou *desencepar* é «colocar ou tirar o cêpo». «*Encepar* é collocar o cepo em angulo recto com a haste e fixal-o na sua posição. *Desencepar*, o contrário». — *Ap. e Man. de Navios*, 116.

V. **entoucado**.

encolar, desencolar, encolamento, (empolar). Como termo de carpintaria, em Lisboa, *encolar* significa «torcer, empenar, corcar (tomando a forma de curva)».

desencolar é, como regista o *Novo Di-*

cionário, «desbastar a borda de (uma tábua)».

encolar, será, mais propriamente, «fazer *colo*, tomar a forma de *colo*» e daí *desencolar*: «tirar os *colos* ou excrescências da borda de uma tábua, aplanando-a», e *desencolamento*. Cp. *encollar* = «trazer ao collo» no *Novo Dicionário*, e na *Rev. Lus.* XII, 94.

empolar toma-se na mesma acepção de *engolar*, e assim *desempolar* e *desempolamento* que é o «traçado ou corte perfeito de uma linha recta ou curva». «Devido a esses erros, os pontos obtidos no longitudinal para o traçado dos cortes, não permitem obter uma curva bem regular, com boa apparencia e continua, uma curva bem *desempolada*, como se usa dizer». — «Neste caso, cada uma das suas partes deve ser bastante prolongada para além da *batisa mestre*, afim de assegurar o bom *desempolamento* das suas linhas...» — *Construção Naval*, I, 50 e 66.

encolamento, em tecnologia de construção naval, é a «curvatura do bojo da embarcação, abaixo da linha-de-agua, na parte mais saliente das cavernas, ao longo do costado».

enconicar, no sentido de «fazer repANHADOS ou refêgos na costura», dado por mim como minhotismo (V. *Rev. Lus.* XIV, 153) é também usado em Carvalho (Gaia).

engadelhar, brigar, lutar; em Carvalhos (Gaia).

Cp. *engadetha* = briga. (*Novo Dicionário*).

engaldrapar. V. **galdrapo**.

engalhar, encruar, enrijar por defeito na cozedura (legumes, especialmente); no Minho.

V. **encalir**.

engamiado, entrevado; no Minho.

engradar, engradado. *Engradar*, no sentido de «embeber as espigas (de uma peça de madeira) nos respectivos orifícios» que o *Novo Dicionário* apresenta como «colhido na

Bairrada», é também usado pelos carpinteiros de Lisboa.

Em carpintaria naval diz-se que «está *engradada*» a embarcação cujo cavename está completo e prompto a receber o convés.

engrolar, o mesmo que «encalir» ou «entalir»; no Minho.

enjeitar, conceber, engravidar-se; em Parêdes-de-Coura.

enozelhar, dar nós, tomar a aparência de nós; em Carvalhos (Gaia).

enrega. Substantivo verbal de *enregar*: «começar»; no Vale-do-Cóina. «Fazer uma *enrega*» é «começar uma sementeira».

entalir, o mesmo que «encalir» ou «engrolar»; em Carvalhos (Gaia).

entancar, empoçar; na Beira-Alta. Diz-se que «entancam» as águas que, correndo para os terrenos baixos, represam, formando charcos.

enterrar, confundir, suplantar na discussão. «Amaro afastara a cadeira, pôzera-se em atitude de controvérsia, contente de poder diante de Amélia, *enterrar* o conego». — Eça. *Crime P.* Amaro, 426.

entoucado, encepado. Diz-se do *ferro* (âncora) que caiu no fundo com uma volta da corrente de amarração passada por debaixo da *pala* superior ou do *cépo* (V.) «Pode também a amarra enrascar-se no seu próprio ferro, enrolando-se no braço superior ou no cepo, ficando o ferro *entoucado* ou *encepado*...» — *Ap. e Man. de Navios*, 131.

entrombar-se, amuar, zangar-se, mostrar má cara. «...e vai eu *entrombei-me* também». — Camilo. *Eusébio Macario*, 70.

enxamagem, enxamelha, enxabelho. *Enxamagem* é a «tendência natural do enxame a multiplicar-se por meio da emigração de uma parte da colónia de uma colmeia». Do fr. *essaimage*. «A *enxamagem* artificial tanto se pode fazer com as colmeias

fixas como com as móveis...» — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 58.

«Os enxames primários são *enxamelhas*...» (no concelho de Moncorvo). — *Ibidem*, 198.

«*enxabelhos*, ou reunião de dois ou tres enxames fracos em um só cortiço...» — *Ibidem*, 199.

esbarrigar, parir; no Vale-do-Cóina.

esbeijamento, «...n'um largo mocho de cerdeira com assento de junco rôto, espicado, com uns esbeijamentos de palhica...» — Camilo. *Eusébio Macario*, 16.

escaldeirar, o mesmo que «encaldeirar»; abrir covas ou *caldeiras* em volta dos pés das árvores ou bacelos; no Vale-do-Cóina.

escalête, esqueleto; pessoa extremamente magra, «estava muito escanifrado, um *escalêto*, e não ia longe.» — Camilo. *Volcoeus de Lama*, 20.

escamar. A loc. «a *escamar*», quer dizer, em Parêdes-de-Coura, «a toda a pressa».

escantudo. «A forma do rosto oblonga, testa *escantuda*, barba tirante a redonda...» Camilo. *Bruva Monte Cordova*, 10.

escaroçar, o mesmo que «escamisar» (o milho); em Chaves.

Talvez *escoroçar*, de *coroça*.

escarnar. Diz-se que *escarna* muito ou pouco o baixa-mar das marés grandes que põe a descoberto os parcéis do rio. No Vale-do-Cóina.

escopeiro, utensílio de calafate, consistindo em um pau cuja extremidade se forra com um pedaço de pele de carneiro, servindo para brear o costado das embarcações.

escordar-se, recordar-se; na Beira-Alta. «Vossemecê *escorda-se* d'aquelles tres pintos que lhe emprestei?» — Camilo. *Eusébio Macario*, 123.

escortinhar, cortar, recortar em pedacinhos; na ling. fam. de Lisboa.

escritório. Aos «baixos» ou rés-do-chão de um prédio chamam em Viana-do-Castelo *escritório*. «[um pré-

dio] composto de 1.º andar com dez divisões, além de grande sótão, armazem próprio para vinhos, *escriptorio* e quintal... — *Vida Nova* [Viana], 6 de Agosto de 1912.

esmadrigado. «... e os poetas em *esmadrigadas* cantilenas...» — Camilo, *Bruva Monte Cordova*, 10.
«A songuinha que não olha direita p'ra um home, que anda ali *esmadrigada*, de cabeça ao lado...» — Camilo, *Braz, de Prazins*, 26.

esmarrrir, trabalhar muito, extenuar-se com o trabalho; em Carvalhos (Gaia). Cp. *esmarrido* (*Novo Dicionario*).

esmatruçar, espêzinhar, amafanhar: na ling. fam. de Lisboa.

esfoçar, «... varas de porcos... esfoçavam nas esterqueiras...» — Camilo, *Eusebio Macario*, 16.

esfregante. A locução *num esfregante*: «num momento, enquanto o diabo esfrega um olho», não é apenas trasmontana (*Novo Dicionario*). Usa-se tambem no Vale-do-Côina, pelo menos.

espanhóis, na linguagem familiar de Freixo-de-E.-à-Cinta são as «fagullas expelidas do brazido de um ferro de engomar, por exemplo.

esparcelar, espraizar; descobrir os *parcéis*; no Seixal, Barreiro e Vale-do-Côina. «Rio *esparcelado*» é o que descobre ou mostra muitos *parcéis*, na baixa-mar.

espartilho, varinha de junco que entra na confecção dos coletes das mulheres; em Viana-do-Castelo.

esparvoado, o mesmo que «esparvoado», maluco, doidivanas; no Minho.

esperar, espera. *Espera* é a peça fixa no barramento do torno, entre os cabeçotes, para suportar a ferramenta.

«Fôsforos de *espera*» ou «de *espera* gallego» é a designação pinturésca dos «forforos de enxofre».

esperar pela pancada é «aguardar o

resultado desagradável de qualquer acção... mas que o povo de- pois... *esperasse pela pancada*...» — P. Chagas, *Hist. Alegre de Portugal*, 64.

espicha, espichar. No *suplemento* insere o *Novo Dicionario*, os vocábulos *espicha* e *espiche* dando-lhes acepções diferentes como utensílio usado por marinheiros em trabalhos de bordo. Creio haver equívoco porque *espicha*, e raramente *espiche*, é uma «espécie de furador de ferro, pau ou osso, servindo para as costuras dos cabos, panos, etc.» Aos de ferro dão mais geralmente o nome de «passadores».

A forma *espiche* julgo-a extraída de um diminutivo *espich'zinha*, do falar de Ilhavo.

A formação dos deminutivos em *-zinha*, com perda da vogal final da palavra, é peculiar à linguagem de Ilhavo. Cp. *caix'zinha*; *tanp'zinha*; etc. Na Farga *O Juiz da Beira* nota-se um caso identico:

«E traga logo a recado
Um *bonque'zinho* assim usado
Porqu'is-o não sei que he...»

Na versão trasmontana (Vinhais) da *Vilaninha*, a pag. 567 do Vol. III do *Komunheiro Geral Português*, de Teófilo Braga, vem uma forma semelhante:

«—Oh qu' in fôra, senhor, fôra
De tão *atrec'zinhas* pernas!»

Entre os catraieiros do Tejo, *espicha* é a vara que levanta, por uma extremidade, o ângulo superior, livre, da vela do catraio, fixando a outra ex-

1. Na mesma farga:

«Eu andava namorado
De húa moça *prete'cinha*.
Muito galante Mourinha.»

tremidade em um *estrôpo* (V.) preso ao mastro.

espichar significa «esticar, retezar», como termo de marinheiro.

No Minho chamam *espicha* não só a uma «pequena peça de osso fixa á ponta da correia, na roca», mas também a «uma espinha que ha na cabeça da lampreia»

esquinheiro, passagem estreita entre dois esteios, de uma propriedade para outra. Em Carvalhos (Gaia).

V. *Gaz. das Aldeias*, n.º 700.

estadio. «E' indeterminavel o estadio que elle ganharia, se um militar imperialista lhe não cortasse o rosto com um latego.» — Camilo. *Novelas do Minho*, III, 16.

estela, o mesmo que «farpa»: «lascinha de madeira que acidentalmente se introduz na pele»: em Freixo-de-Espada-á-Cinta. Por *hastela*?

esterroar, divulgar por todos os meios qualquer acontecimento; no Minho.

estinhar, estinhadeira. No Vale do-Côina, e presumo que em outros pontos do país, *estinhar* é tirar a *finha* (V.) dos cortiços e dos favos das abelhas, raspando-os com uma face ou estilete de ferro a que chamam *estinhadeira*. «[Em Felgueiras, concelho de Moncorvo] chamam *estinhar* a tirar a traça ou tinha das colmeias». «... ao ferro com que arrancam os favos e tiram o tampo ao cortiço *estinhadeira*». — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 197, 199.

estirote, coisa esguia, delgada e comprida. Pessoa alta e magra. Em Viana-de-Castelo.

estonar, estono. *Estonar*, no Vale do-Côina, é «cobrir o rego em que se deitou a semente com a terra do rego aberto ao lado, e assim seguidamente.» A estes regos ou valas, chamam *estonos*.

Na Beira-Alta, *estonar* significa ás vezes «tosquiar». Um lavrador de Freixo-de-Serrases, afirmava-me sentenciosamente: «O tempo próprio

para *estonar* as ovelhas não é Março, mas Abril e ás vezes Maio Bem vê o senhor que em Março ainda faz muito frio e uma ovelha *estonada* neste tempo sofre como uma alma cristã».

estrela. Em todo o litoral do norte, pelo menos, de Aveiro para cima, *estrela* é um «papagaio» de papel, de forma poligonal.

estremece, estremecido. *Estremer*, no sentido de «amornar (a água)» é usado não só na ling. fam. de Lisboa, mas também no Minho.

Água-estremecida é o mesmo que «água quebrada-da-friúra».

estrepassar, esquecer; no Minho e Beira-Alta.

estroçado, forte, vigoroso, desempenado; no Minho.

estrôpo, estrôvo. *Estrôpo*, além de várias acepções, é o «cabo que prende a extremidade inferior da *espicha* (v.) ao mastro (nos catraios)».

estrôvo, na acepção de «corda que prende o remo ao tolete» é metátese popular de *estôrvo*; de *estorvar*, por *estorvar* já usado no tempo de Gil Vicente:

«E mais verei quem m' *estorva*
De ser eu o maior della»

[AUTO DA FEIRA]

europas, inrópias. O povo, achando vasta e incompreensível a nomenclatura geográfica, englobava em um termo único que satisfaz toda a sua curiosidade científica e lhe dá a ideia grandiosa da vastidão do mundo: *as europas*. Geralmente diz *inrópias*, com uma feição mais característica de maravilhoso.

Gomes Leal, serviu-se pinturescamente do vocábulo e da ideia no *Mefistófeles em Lisboa*:

«Mas o que tez pasmar essas *Europas*...»

F

facataz, o mesmo que «tatacaz, apaixoneta». «Ella tinha pelo seu Pedro um *facataz* lá de dentro...» — P. Chagas. *Hist. Alegre de Portugal*, 46.

faceiro «... e foram todos derreados de cortesias, muito *faceiros*...» — Camilo. *Ensébio Macario*, 79.

fachina, toro de pinheiro, tronco, de comprimento aproximado a uma braga; no Vale-do-Cóina. Usa-se também como colectivo.

V. **afachinar**.

faladrar. É verbo popular, de formação irónica. Resulta de *falar* e *ladrar* e applica-se aos tagarelas, aos que falam muito e a tãa.

Cp. **emprestadar** (v.).

falhopa, o mesmo que «fálha»; em Carvathais [S. Pedro do Sul].

Por *fálhopa*; cf. **fopa**.

falôa. «... ora faliscando através de *falôas* frases irónicas, cortantes, deprimentes» — Abílio Monteiro. *O Character Revelado*, 342.

Em nota da mesma página o autor define o termo: «Instrumentos de lata com a forma de corneta e o comprimento de um metro, pouco mais ou menos, adrede feitos para este fim e cuidadosamente conservados». É termo da Maia. Fem. de **falão*, de *fala*.

falquear, falquejar, falquejamento. Nota o sr. Gonçalves Vianna nas *Apostilas* (I, 435) que o *Diccionario Contemporaneo* refere o segundo ao primeiro destes verbos que define: «desbastar (a madeira) com machado, enxó», não lhe parecendo isto rigorosamente certo, visto que José da Silva Picão, na *Ethnographia do Alto Alentejo*, estabelece distinção que a definição não faz: «se trabalham em pé [os carpinteiros], vemol-os com o machado, vibrando golpes certos na madeira... desbastando assim de *falquejo* para depois aperfeiçoarem á *enxó*».

Efectivamente, a definição do *Contemporaneo* não é rigorosa. O *Nôvo Diccionario*, tomando o verbo em três acepções, foi exacto na primeira e pecou pelo mesmo defeito do *Contemporaneo* na segunda: «desbastar (um tronco de madeira); tornar quadrado, esquadriar, com machada, machado ou *enxó*; acunhar». Morais teria sido mais preciso: «aparar com o machado a casca e tanto do toro de madeira quanto he necessario para que fique com quatro faces regulares em quadrado».

falquejar, como várias vezes tenho observado praticamente, é desbastar um tronco, quer para lhe tirar um excesso de madeira inútil ou mesmo a casca e parte do lenho para pôr o tronco *em branco*, quer para lhe dar uma secção rectangular, trabalhando simplesmente com o machado ou com a serra própria dos serradores. Se o *falquejamento* é feito com o machado, poderá depois a madeira ser aperfeiçoada com a enxó, como bem se deduz do texto citado nas *Apostilas*. «A esquadria de um tronco, faz-se do seguinte modo: marca-se no topo a secção com que deve ficar e em seguida cortam-se á serra ou a machado as... *costameiras* (v.) ficando então com uma secção quadrada que toma o nome de *viga*. A esta operação dá-se o nome de *falqueamento* ou *falquejamento*». — *Construcção Naval*, II, 12.

No Seixal e Barreiro dizem *falquejar, falquejamento*.

falquito, tábuá volante que se sobre põe á *falca* ou á borda das embarcações.

fanchonaça. O *Nôvo Diccionario*, neste vocábulo, remete-nos para *fanchona* que define da seguinte forma: «mulher robusta, de aspecto viril e de hábitos ou predilecções proprias do sexo masculino.» No *Suplemento*, insere *fanchonice* e diz: «qualidade de mulher robusta e airosa;

qualidade de *fanchonaça*,» o que pressupõe para *fanchona* uma outra acepção: «mulher robusta e airosa,» que é, com pequena diferença, a definição dada nos *Subsidios*, referida a Coimbra: «mulher bem trajada, bem ataviada, vaidosa.»

No Minho, *fanchonaça* é a «mulher airosa, de formas robustas e perfeitas», sem envolver o sentido de virilidade de hábitos. É termo que entra naturalmente na linguagem familiar.

fanfar, significa mais, na ling. popular, «replicar com insolência; respingar.» «E você não me esteja ahí a *fanfar* que já o não enxergo.» — Camilo. *Braz. de Prazins*, 257.

fanicho, em Viana-do-Castelo, o mesmo que «fanucho»: estreito, apertado, em Parêdes-de-Coura.

V. *Rev. Lus.*, XIV, 156.

faniqueiro. «nela [quinta] trabalham catorze homens e mulheres, entre maltezes e *faniqueiros*, designação por que são conhecidos os jornaleiros admitidos a trabalhar a dias.» — *A Republica*, 21 de Maio de 1912.

fardo, mulher despresível, de maus costumes; em Viana-do-Castelo.

farpão, inflamação na pálpebra; na ling. fam. de Lisboa. Na Beira-Alta chamam *farpão* a um serrão ou ripa curta.

farronqueiro, parlapatão, impostor, blazonador. «... é de boa condição para amansar *farronqueiros*» — Campos J.º. *Guerreiro e Monge*.

fasta-fora. «Brodios e vinho *fasta-fora*...» — Camilo. *Cego de Landim*, 49. «não avia ahí se não boa ventura, comer *fasta fora*...» — Jorge Ferreira. *Enfrosina*, 331.

feirão, mercado de pouca importancia, fora dos dias regulares da feira; no concelho de Penafiel. (V. *Rev. Lus.*, XV, 74).

ferrado. V. **asado**.

ferramenta, palavreado, trêtas, men-

tirolas; em Ílhavo. *Meter ferramenta* é procurar iludir com blandícias.

ferragem, tem geralmente mais ampla acepção que a que lhe dão os dicionários. *Ferragem* não é simplesmente o «conjunto de peças de ferro» mas também o de peças de outros metais como o latão, zinco, estanho, etc.

Nas *lojas de ferragens* vendem-se os productos da indústria de serralharia que emprega como matéria prima metais diversos, e *ferragem* se chama em construção civil ao conjunto de peças meúdas necessárias á colocação de portas e janelas, tais como fechaduras, fechos, dobradiças, aldrabas, etc., que podem deixar de ser de ferro. Às vezes, e neste caso, o colectivo toma a designação da espécie e diz-se: «*ferragem* de latão, de cobre, etc.»

Em sentido geral diz-se em algumas oficinas: *metalagem*.

ferrar, não ocorre nos dicionários na acepção de «prender, enrolar (as velas, nos mastros, nas vergas, etc.)», como verbo importante da linguagem náutica. «O panno redondo depois de carregado *ferra-se*, para o que se distribue a gente como se fez para o largar. A marinagem sae á verga, prolonga as testas do panno com o gurutil e abafam o panno dentro da camisa da vela, amarrando bem as *bixas* [v. *bicha*]. Quando os estingues são de carregar ao lais o panno *ferra* enrolando por igual por toda a verga». *Ap. e Man. de Navios*, 172.

ferro. O *Nôvo Dicionário* dá o plural *ferros* na acepção de «âncoras». Não é só no plural. O marinheiro diz quâse sempre «o *ferro*» e em taros casos «a âncora». «... se o *ferro* não estiver unhado em fundo de boa tença, poderá o navio ir á garra...» — *Ap. e Man. de Navios*, 134

O *repositorio alfabetico do Código Internacional de Signaes*, no voc. *Âncora* remete-nos para *Ferro*.

A um utensilio de madeira, talhado em forma de cunha, com que se amoldam as chapas do forro metálico ao costado e fundo dos navios, chamam os carpinteiros de construção naval *ferro-de-pau*.

ff e rr, minuciosidades, requisitos.

«...quatro camaradas tão benignos
feiticeiros, fataes, fortes e finos;
vão com ff e RR, mas paciência».

— Pinto Brandão. PINTO RENASCIDO, 110.

férrea, pequena pá de ferro com que se queima ou cresta o leite-creme: em Viana-do-Castelo.

ferreta. V. **viradeira**.

fieira, correntezinha de ouro, de malhas muito finas, ou fio de pequeninas contas do mesmo metal, que as mulheres e crianças trazem ao pescoço, como adorno. No Minho.

«*Fieira d'ouro* com berloques, perdeu-se no domingo, desde o Jardim Publico á rua dos Rubins.» — *O Povo* [Viana-do-Castelo], 12 Setembro de 1912.

fieldade, em vez do eruditismo «fidelidade», usa-se no Minho e também em Trás-os-Montes [Freixo-E.-Cintá].

fio, é a serragem que se dá em uma peça de madeira e por uma só vez, dividindo-a em duas. Diz-se: «*tábua a um fio, dois fios, três fios*», conforme o numero de folhas em que foi dividida. *Fio ao alto* é a serragem feita no sentido da largura da tábua, dividindo-a em espessura. *Fio ao baixo* é a que se faz no sentido da espessura, dividindo-a em largura. *Fio á banda* é a que se dá a um terço da espessura. V. *Construção Naval*, II, 12.

meio-fio é, a bordo dos navios mercantes, a antepara provisória que divide a meio o porão, no sentido da quilha, para que, com o balanço, a carga não corra a um lado. Usado

geralmente para carga de cereais a granel.

fita. Modernamente esta palavra tomou acepção especial com a vulgarização da cinematografia. *Fita* é a tira de gelatina em que estão impressas fotograficamente as posições sucessivas e momentâneas de um assunto movimentado que se reproduz por meio de projecção.

fita substituiu vantajosamente o inglês *film* que se ia impondo á pureza da lingua. No mesmo sentido se usa «*película*». «As *fitas* hontem estreadas n'este magnifico e luxuoso salão... No Salão Coliseu encontra o público as mais recentes *películas*...» — *Epoca*, 22 de Maio de 1908.

Deste sentido veio o dizer-se *fita* para designar um caso interessante mas repetido, a repetição de um facto muito conhecido, etc., como, por ex., o noticiário das prisões, condenações e descoberta dos implicados nas tentativas de restauração monárquica, que alguns jornais epigravavam: «A *fita* dos conspiradores».

flautista. cadáver para estudo, no museu anatómico.

Em Coimbra.

fôgo. *Fogo-de-vistas* é o conjunto de peças de fogo-de-artificio mais ou menos engenhosamente confeccionadas. Por isto se diz *fogo-de-vistas* no sentido de «palavreado astucioso, de efeito, mas sem utilidade prática», e também «coisa de pouca duração, que depressa se inutiliza».

Nesta última acepção concorre também a expressão *fogo viste, linguça!* que deve ter origem anedoctica, sendo provável que a anterior provenha desta. «É parece-me ser uma grandissima cavalgadaquelle que, por causa de uma distracção que é *fogo-viste-linguiça*, se arrisca a penar...»

— Eça. *A Reliquia*.

Está registada a pag. 124 das *Infermidades da Língua*.

folestrias, trejeitos; palhacices; rapaziadas; na ling. popular.

fonte, o mesmo que «palangana»; em Freixo-de-Espada-à-Cinta.

fopa, fagulha expelida de um brazido ou fogueira; na Beira-Alta. [Carvalhais]. É usado no mesmo sentido em Vila-Real (V. *Rev. Lus.*, XII, 99).

Cp. **falhopa**.

força. *Fazer força de vela* quer dizer, no Minho, «empregar um esforço máximo de execução, ou mostrar vivo desejo de realizar qualquer coisa».

A expressão mostra a revivescência inconsciente dos restos de uma velha fraseologia náutica, muito usada na linguagem dos séculos XV e XVI, que atestava o génio de um povo de navegadores.

Em sentido análogo ocorre em vários textos clássicos a expressão *mover velas e remos*¹ que equivalia a «pôr todo o interesse próprio ou mover o doutrem (para resolver uma questão)». No mesmo caso está o *mover remo de ajuda*, como vem no *Cancioneiro Geral*, I, 8²:

«Mas poyz vos senhor *metes*
remo de ajuda que vogue...»

Fazer força de vela ainda se usa, no sentido próprio, na linguagem marítima: «E' de urgente necessidade *fazer força de vela* para lhe dar o maximo seguimento [ao navio]...»

— *Ap. e Man. de Navios*, 193.

fôrma. (V. *Rev. Lus.*, XIV, 157) «... botões amarelllos de armas reaes, que valiam cada um doze *fôrmas*!» — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 15.

forro, além de «revestimento interior para tectos» é também revestimento para soalhos.» (V. *Catalogo da Casa J. Lino*, de Lisboa.)

forro entra na classificação do tabuado de várias grossuras, empregado em construções. «As folhas das pranchas também se designam pelo nome da obra em que em geral se applicam, e assim as folhas de casquinha de 1 a 2 *fios* (V.) chamam-se *taboas de sôtho*; as de tres, quatro e cinco *fios* são *taboas de forro*. As folhas de pinho da terra a um fio dizem-se *taboas de sôtho da terra*, e a dois *fios* *taboas de forro e meio*, a tres *fios* *taboas de forro* e de quatro *fios* *taboas de meio forro*». — *Construção Naval*, II, 13.

forte!, voz que suspende a pancada do martelo ou marrêta; entre carpinteiros de construção naval.

francela. O *Novo Dicionário* insere esta palavra como «*prov.* [incialismo] *beir.[ão]*» atribuindo-lhe acepção idêntica a *queijeira* que define, em primeiro lugar, «casa em que se fabricam queijos.» No seguinte excerto de um artigo do Dr. Figueirêdo da Guerra sobre a indústria dos lacticínios, inserto na *Aurora do Lima* de 12 de Julho de 1909, vem uma definição completa de outra acepção da mesma palavra. Refere-se á Serra-da-Estrêla: «Entretanto deve-se ter preparada a *francell* (n'alguns sitios é uma espécie de mesa com uma pequena inclinação, tendo a forma rectangular com um sulco para a sahida do sôro por um dos lados menores) ...».

franzeleiro, franzino, flexível, frágil; em Viana-do-Castelo.

frescura. «...mas porque o linho e seus derivados, tecidos em família, fornecem-lhe a *frescura*, isto é, a roupa branca, os lençois, as toalhas, os guardanapos, etc...» — *Fôlha de Viana*, 28 de Dezembro de 1911. Parece equivaler a *limpêza* que registei na *Rev. Lusitana*, XIV, 160, mas nunca ouvi o termo em tal acepção.

frêcheiro, femeeiro. «...que era *frêcheiro* e se fartou de ter filhos bas-

¹ V. «*Frases Feitas*», *breves considerações ao livro do sr. João Ribeiro*.

² Edição da Imp. da Universidade.

tardos... — P. Chagas. *Hist. Alegre de Portugal*, 43.

friesta, fresta; postigo; pequena janela. Em Viana-do-Castelo; Freixo-Espada-à-Cinta; Aveiro.

Em um documento de 1510 com o título: «Livro de receita e despeza que se fez no mosteiro de Sant'Anna, arrabalde de Vianna do Castello», transcrito na *Memória sobre o convento de Sant'Anna em Vianna do Castello*, do ilustre arqueólogo Dr. Luis Figueirêdo da Guerra, lê-se: «...que elles lhes fizesse um mosteiro de Santa Anna, para freiras... com seus cunhaes, *friestas*, e arcos da porta e da tribuna... — ...assim do vasio dos arcos e *friestas*, como do chelo... — e as portas e *friestas* dos dormitórios...».

Tambem significa o mesmo que «tenda ou greta».

fritas, pasteis de massa em calda de açúcar ou mel; nos concelhos de Miranda e Mogadouro.

V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 126.

fundo, fundar. *Fundar*, na acepção de «pôr os tampos ou fundos em (tonel ou pipa)» diz o *Novo Dicionário (Suplemento)* que é termo da Bairrada. Julgo que é termo usado vulgarmente em tanoaria porque assim dizem tambem em Lisboa, Barreiro, Seixal e no Vale-do-Côina, e não se refere só ao «tonel ou pipa» mas tambem a qualquer vasilha de aduelas.

fundo é qualquer dos tampos da mesma vasilha. «Vende-se todos os materiaes para todo o vazilhame, como seja: aduellas e *fundos* de castanho para toneis e quartolas...» — Anúncio da «Tanoaria Valente Perfeito», no *Século* de 22 de Maio de 1911.

G

gaiola. Não se encontra nos dicionários nenhuma acepção desta palavra que se possa identificar á que se depreen-

de do seguinte trecho do *Eusebio Macario*, pag. 66: «...se a gente se pilhava a bater um trem descoberto por aquella Braga dentro, os caixeiros da rua do Souto pasmados ás portas, as mulheres a abrirem as *gaiolas*, o povolo e os padres de capote a tirar-nos os chapéus...».

Talvez seja os rótulos ou grades de madeira das antigas janelas e portas.

gaiúlo. «*Gaiulo* é uma palavra de gíria, acuta e cheia de propriedade que designa o garoto de Coimbra... que de dia apanha pontas de cigarro e a noite se roça pelos cantos...» — Alex. de Albuquerque. *A Época* (Rio), 27 Outubro 1912.

gaiúta, casinhoto á ré de alguns navios, que abriga a engrenagem do leme, e onde estão as latrinas.

gajo, gajão. *Gajo* nem sempre é o «matulto, súcio, tipo; finório, velhaco». É ás vezes, «qualquer indivíduo» de que se não cita o nome; o mesmo que «coiso». *Gajão* é o «grande espertalhão». «D'uma vez tinha tosado um *gajo* na Perna de Pau... tudo *gajões* que a pregam na menina do olho». — Fialho. *A Rinha*.

galdrapo, galdrifeira; engaldrapar. *Galdrapo* é, no Minho, o «indivíduo molhado pela chuva». Talvez por extensão do significado de «andrajoso, mal vestido, esfarrapado». Cp. o cast. *gualdrapo*: «calandrapo desliñado y súcio que cuelga de la ropa» (Rodríguez-Navas).

galdrifeira é a «mulher porca, andrajosa, mal vestida; em Viana e tambem em Vila Real (V. *Rev. Lus.*, XII, 100). Cp. o cast. *gualdrapo*: «que anda vestido de andrajos». (Rod.-Navas).

engaldrapar-se, «sujar-se, emporcalhar-se»; no Minho.

galhustro, felpudo; em Vizeu.

galinha, galinhaço. Na acepção de «infortúnio, azar» qualquer destas duas palavras é muito usada na lin-

guagem popular de Lisboa, pelo menos.

Para se significar que um facto se não rializará, querendo contudo determinar-se ironicamente uma época ou uma ocasião que já de per si mostra impossibilidade, usa-se, a expressão *quando as galinhas tiverem dentes*. Corresponde ao fr. *quand les poules auront des dents* (V. *L'Argot au XIX^e Siècle*, de Aristide Bruant).

Outras expressões exprimem o mesmo conceito: *para as calendas gregas* (fr. *aux calendes grecques*); *dia de San Nunca, à tarde*; *dia de San Cerejo*; *para a semana dos nove dias*; etc

Diz o *Novo Dicionário* que na Bairrada chamam *galinha-de-água* à «rabila». É o nome que lhe dão também no Vale-do-Cóina.

galvanizar, galvanizagem. No comércio do ferro e nas indústrias metalúrgicas adopta-se às vezes a designação de «ferro galvanizado» para o ferro coberto por uma delgada capa de zinco pelo processo de imersão em um banho de zinco fundido a uma alta temperatura. A esta operação dá-se o nome de *galvanizagem*, concorrendo com o termo próprio e mais frequente: *zincagem*. «... todos os salvados... que constam de 90 braços de corrente galvanizada...» — *O Seculo*, 5 de Maio de 1910. «Arco de ferro alemão, arame para enfardar, chapas de ferro galvanizado...» — *O Seculo*, 4 de Junho de 1910.

garra, garrar. Diz-se que *garra* ou «vai de *garra*» o navio que, estando fundeado, é levado pela impetuosidade da agua ou do vento, arrasando a âncora cuja unha ou pata não encontra fundo firme em que se fixar. Não lhe ouvi ainda dar o significado de «desprender as amarras», registado no *Novo Dicionário*. «Nos fundos de boa tença, areia e lodo, o ferro [v.] unhará assim sem proba-

bilidades de garrar... — se o ferro não estiver unhado em fundo de boa tença, poderá o navio *ir á garra*...»

— *Ap. e Man. de Navios*, 130 e 134.

garrancho, garruncho, gadanho ou ancinho de três dentes, para mato; na Beira-Alta (S. Pedro do Sul).

gasolina, entra no número dos convencionanismos geralmente adoptados, como «electrico» (V.), «vapor», etc. *Gasolina*, é um «barco com motor acionado pela gasolina».

gatesma, pequena corda que se prende às cabritas da serra para auxiliar o serrador; em Carvalhos (Gaia). V. *Gaz. Aldeias*, n.º 731.

Cp. *gatesga*.

gavança = gabança, gavanela, gavarrista. *Gavança* é a «vaidade, orgulho, presunção». «Mas o que elle vae é lindo. Podes ter essa *gavança*, mulher!» — Bento Moreno. *Morte Negra*.

Em Bragança *gavanela* ou *gavarrista* é o «jactancioso, gabarola, presunçoso».

gemer, ressumar, transudar, verter pelas juntas (uma vasilha); na Beira-Alta.

Tem a mesma acepção em Torres Novas, como se vê por este trecho de uma pergunta de um consulente desta terra á *Gazeta das Aldeias* (n.º 631): «... as vasilhas que tem vinho começam a verter (a gemer, como dizem)...»

gemiar, partir a meio, cortar em duas partes iguais; na Beira-Alta. «*Gemiar* uma tábua».

Lat. *geminare*

gigante, plaina grande, de carpinteiro. **goleira,** garganta formada por estreitamento das margens de um rio ou ribeira. Na Beira-Alta.

gomação, gomada. *Gomação* são os primeiros rebentos de uma árvore. «... quando as árvores estão a deitar a gomação nova...» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 694.

Em Abrantes chamam *gomada* á «seiva resinosa dos pinheiros».

gomil. Diz o *Nôvo Dicionário* que *gomil* é um «jarro de boca estreita para água». Em Bragança é um «jarro para qualquer liquido». Camilo escreveu a pag. 198 da *Bruxa do Monte Cordova*: «A mesma trempe de pedra. O mesmo *gomil* de estanho com vinho».

gordufo, o mesmo que «gorducho»; na ling. familiar de Lisboa. «Uma a uma, as nove piastras de ouro tiniram na mão *gordufa* de Fatmé.» — Eça. *A Reliquia*, 157.

governo. «[as meretrizes] dão o nome de *governo* ao [amante] que representa para ellas uma conveniencia do momento». — *O Seculo*, 11 de Setembro, 1907.

grainha. «O porco tinha em vida a cisticercose, vulgarmente chamada *chazeira, lazaria e grainha*». — *Gazeta das Aldeias*, n.º 889.

graminho, graminhar. *Graminho* não é só «instrumento de carpinteiro e marceneiro», mas também de serralheiro.

graminhar é «riscar, acertar, rectificar com *graminho*». V. *Man. do Torn. Mechanico*, 56.

gralheira, falácia, vozearia, «gralhada»; na Beira-Alta.

gralho, engralhar, desengralhar. *Gralho* é um carrêto dentado que, nos guinchos, engrena ou desengrena (*engralha, desengralha*) o movimento do tambor, por meio de um manipulo. Em Lisboa.

granito. V. *murra*.

grateia, gratear. *Grateia* é uma pequena fateixa de quatro braços terminados em pontas, servindo para buscar qualquer objecto caído no fundo dos rios; o mesmo que «rocega» ou «busca-vidas».

gratear é o mesmo que «rocegar».

graveta, grapelim, fateixa pequena de quatro braços, usada pelos pescadores de bacalhau.

Talvez por *cravêta*, de *cravar*. Cp. *cravête*.

grugrulejar. «Nos rebordos da bica rustica por onde a agua *grogrulejava* nas algas...» — Camilo. *Serões de S. Miguel de Seide*, V, 40.

grumo, grumar. *Grumo* é o «rebenção» das árvores. Diz-se que «estão a *grumar*» quando apparecem os primeiros rebentos.

No Minho.

gueira é a matéria viscosa que cobre as escamas dos peixes; em Ilhavo.

guilhotina, faca ou aparelho para cortar papel, usada nas papelarias, officinas de encadernação, etc. «*Guilhotina*, compra-se com 90 centímetros de corte...» — *O Mundo*, 13 de Setembro 1912.

H

horizontal, horizontalismo. *Horizontal*, termo importado do *argot* dos *boulevards* para servir o paladar requintado dos janotinhos da *alta*, é a meretriz fina, elegante, luxuosa, que passa envolvida em rendas caras, entre os setins *gris poussière d'automobile* (dizem elles) do seu *compé*.

Fialho de Almeida, mestre em neologismos vibrantes de côr, criou *horizontalismo*, enriquecendo assim o vocabulário de alguns salões fidalgos onde o vernaculismo livre do padre Agostinho de Macedo infla de flatulências espasmódicas o ventre aristocrático da *vieille-roche*. «...uma reles esgrima de canivete... de que até se riam as *horizontaes* da rua dos Alamos...» — tratar por tu o alto *horizontalismo* do largo de S. Carlos... — Fialho, *Vida Ironica*.

I

imposturice, vaidade, empáfia; mentira. No Minho.

inculcadeira, mulher que se encarrega de procurar ou indicar serviços;

na ling. fam. de Lisboa. «... mandou-o a todas as *inculcadeiras* procurar uma ama...» — Camilo. *Volcões de Lama*, 166.

iguaría. «... que consta da arrematação de oferendas a que chamam *iguarías*...» — Florencio Terra. *Illustração Portuguesa*, n.º 75.

É termo açoriano.

invejidade, o mesmo que *inveja*, também no Minho.

Formação espontânea comparável a *fidelidade*.

J

jabarreira, javarreira, jebarreira, vasculho. São os nomes de uma planta silvestre de que se fazem basculhos ou vassoiras para eiras e para jardins, respectivamente na Beira-Alta, Trás-os-Montes, Minho e Lisboa.

jaja. Nas *Apostilas* (II, 21), nota o sr. Gonçalves Viana que, na ilha da Madeira, *jaja* quer dizer «moça, amolgadura» e que este sentido é inconciliável com a definição que, do mesmo vocábulo, apresenta o *Novo Dicionário*: «Nome com que na Beira-Baixa, falando-se a crianças se designa o fato dellas: Que bonita *jaja* tu trazes hoje!», parecendo-lhe que «ou a informação dada para o *Novo Dicionário* foi errada, ou mal entendido o exemplo, ou então há dois vocábulos distintos entre si, e que se reduziram à mesma forma».

Julgo provável esta última suposição porque o termo na aceção colhida na ilha da Madeira representa o inglês *jag*: «moça, depressão».

É notável a corrente de emigração insulana para a América do Norte e sendo por este, e por outros motivos mais directos, o inglês uma língua regularmente conhecida nas nossas ilhas, não admira que o vocábulo, um tanto corrompido, se aclimasse por lá como tantos outros.

Uma prova, em reforço deste asserto, nos fornece a aceção em que é tomado o mesmo vocábulo entre os nossos pescadores de bacalhau. Chamam-elles *jaja* ao «orifício, bueira ou escoante de uma embarcação». Extensivamente é o «bujão ou batoque que tapa a mesma bueira»¹.

Estes pescadores estão, como é sabido, uma grande parte do ano em contacto com os pescadores da América do Norte e deles receberam uma apreciável quantidade de termos técnicos da pesca, corrompidos ou adaptados depois à modulação da língua².

O termo e respectiva aceção passaram já, pelas relações destes com todos os pescadores do litoral, e ainda pela necessidade própria de ocupação em todos os géneros de pesca durante o

1 Especialmente a «bueira» ou «batoque» dos *dories*, únicas embarcações miúdas que empregam na pesca. *Dory* (pl. *dories*) é um pequeno barco, de fundo chato e feito especial, de modelo americano. O nosso pescador transformou a palavra numa forma portuguesa *douro* que seria conveniente registar porque já é muito conhecida no Seixal, Barreiro, Vale-do-Cóina, Tralaria, Aveiro, Porto e Figueira da Foz, e embora este sistema de embarcações seja por enquanto destinado só à pesca do bacalhau, é certo que alguns destes barcos, dados por incapazes, se empregam já na apanha da *murraça* nos parais do Seixal e Vale-do-Cóina. No rio Lima vi há três anos um *douro* transformado em escalor de recreio.

2 A par de *douro* registarei os que me lembram agora: *grapelim*, *singa*, *ródo* (V.); *capinête*; *senápaio* (bacalhau pequeno); *clame* (isca de marisco); *fogone* (*fog horn*); *afebuche* (*half bushel*—medida para o sal); *quête*; *troi* ou *trawley*; *gangim* (espécie de linha de pesca); *trote*, *trotar*, *trotador* (o que separa a cabeça do peixe); *dípa*; *súiblo* ou *snéblo* (*swivel*); *nípa* (*nipper*).

Não é menos curiosa a adaptação da toponímia dos Bancos da Terra Nova: *Rocos* (*Virgin Rocks*); *Quirró* (*Banquereau*); *Istenicholas* (*Western Shoal*); *Leijo* (*Ledge*); *Mano leijo* (*Main ledge*); *Milonas* (*Maloney ledge*); *San Pires* (ilha de *Saint-Pierre*).

período em que os navios bacalhoeiros desarmam, a ser vulgares entre os pescadores de Setúbal e Cezimbra, pelo menos, segundo informação de pessoa que por lá andou tratando de pescarias durante alguns anos, parecendo natural que o sejam também no litoral do Algarve, que fornece o mais importante contingente de pescadores aos navios bacalhoeiros.

Sobre a acepção indistincta de «bueira» e «batoque» cf. *borneiro* (V.) que, em Trás-os-Montes é o «orifício da vasilha» e em Lisboa «é o batoque ou rolha que tapa esse orifício», parecendo que esta reciprocidade, notada também em outros casos diversos, resulta do contacto ou proximidade.

japôna, japónia, é como em Alcobaca designam a «nêspera».

jardar, em Viana, quer dizer «tirar a pele da língua do boi, (em trabalhos culinários)».

junto, o mesmo que *junta*, das aduelas; entre tanoeiros, em Lisboa.

juntura, jintura, o mesmo que *apexagem*, conjunto de peças necessárias para jungir os bois ao carro; na Beira-Alta (Serrazes).

L

laço. «*Laço do vinagre*» é o mesmo que *chibarro* (v.) «... junta-se-lhe o laço que anda ao de cima de outra vasilha de vinagre...» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 694.

lagarto. «As *bichas* [v.] para que fiquem equidistantes do terço e symmetricas cosem primeiro n'um bocado de passadeira que ronda e cose para o vergueiro [v.]. A passadeira com as bichas se chama *lagarto* e também é usado nos latinos». — *Ap. e Man. de Navios*, 98.

lambрил, lambrim, lembrim, chamam os carpinteiros, estucadores e pintores de Lisboa a um filê de estuque, ou madeira moldada, com que

se reveste as paredes de uma sala, à altura do espaldar das cadeiras, ou como guarnecimento do tecto.

São formas singulares, espontâneas, de *lambris*. (V. *Novo Dic.*) do fr. *lambris*.

lambujinha, lamejinha. No Vale-do-Cóina *lamejinha* é um molusco bivalve, semelhante à ameijoia.

Talvez por *ameijinha*, de *ameija*.

Em Lisboa e Viana-do-Castelo chamam-lhe *lambujinha*.

lamparão, o mesmo que «lapa», pequeno molusco univalve; em Viana-do-Castelo. Também significa «mentira». Cp. *lampana*.

lapão. «*Marvão*. Hoje, na Caleira, onde se extrae a pedra para a cal... desabou um *lapão* ou galeria soterrando uma criança de 6 anos... [é] necessario grande emprego de dinheiro e de trabalho para se remover toda a pedra e terra desmoronada». — *O Seculo*, de 17 de Janeiro de 1912.

lata, lato, latada, lateiro; parreira; ramada; bardo; cordão; jangada; (corredor); esteio; caibro, caibrada. *Lata* é um *corredor* (=renques de vides dispostas em armação, dos dois lados de um caminho) pouco extenso, de vinha alta, montada sobre *esteios* de pedra ou varões de ferro ligados entre si por *lateiros* ou *caibros* sobre os quais cruzam os *latos*. Os *latos* são troncos, em geral de carvalho, a que, sendo de pouca espessura, cortam os ramos secundários só na parte mais grossa, torcendo os restantes em volta do mesmo tronco para lhe aumentar a resistência. Às vezes substituem os *latos* por arames.

Lateiro ou *caibro* é o barrote que assenta sobre os *esteios*, travando-os entre si, de cada lado. Às vezes também chamam *lateiro* à *lata*. «*Cupureiros*... A casa da residência parochial tem os vidros todos partidos e o te-

lhado muito damnificado. Os arames dos *lateiros* e muitas videiras foram derrubadas». — *Aurora do Lima*, 10 de Março de 1910. «Uma casa alta e um tapume junto ao lado do nascente, terreno inculto e um pequeno *lateiro* junto à casa...» — *Ibidem*, 2 de Agosto de 1912. «...terra cultivada de vinha em ramadas e *lateiros*...» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 880 (refere-se aos Arcos-de-Vale-de-Vez).

latada é o mesmo que *lata* mas com maior extensão.

Quando esta não forma corredor e cobre um pequeno recinto, chamam-lhe *ramada*. *Parreira* é o pé da vide, só por si, desamparado, quando coberto de folhas e frutos.

A um renque de vides, num plano vertical, ligadas entre si por arames presos a *esteios* ou arjões, chama-se *bardo*.

cordão ou *jangada* é a mesma disposição num plano horizontal.

Por extensão, *lato* ou *caibro* é o mesmo que «pau», e assim *latada*, *caibraído* querem dizer «pancada com pau; sova; reprimenda, descompostura».

latada é também, popularmente, a «assuada feita aos noivos na noite do casamento, com latas e painéis velhas». De umas destas arrelhas tradicionais fala a *Folha de Viana*, de 7 de Dezembro de 1911: «A autoridade administrativa investiga sobre umas assuadas que em Santa Marta foram feitas a uns recém-casados. Também a polícia investiga sobre outra assuada em Deão. São o que o povo chama tradicionalmente *latadas*, mas que se não podem consentir de modo nenhum».

V. cortiçada.

Todas estas acepções se referem ao distrito de Viana-do-Castelo.

lebre, «peça de madeira composta de dois moitões iguaes, unidos pelos topos, e que se colloca ligada a dois cabos fixos do aparelho. Serve para

retorno de cabos de manobra. Algumas ha de um só gorne sem roldana. Alem do goivado onde entram os cabos como alça, tem a mais dois ou trez goivados nas faces para fazer as ligações, ou *cozeduras* de merlim». — *Ap. e Man. de Navios*, 36.

latento, espalmado, chato; em Carvalhos (Gaia).

[O sr. João Ribeiro, *Frazes Feitas*, II, 83, deriva *lata* (folha de ferro batido) do verbo obsoleto *latir* (bater) do latim medieval *glattire*.]

lázaria. V. grainha.

lei. Noto que a expressão *ter lei*, usada em Parêdes-de-Coura no sentido de «ter amor, estimar», e assim registada por mim na *Rev. Lusitana*, XIV, 159, pertence à velha linguagem portuguesa do século XV. Na *Crónica do Condestabre de Portugal* escreve o cronista que sendo Dom Nuno Alvarez Pereira encarregado por el-rei de tomar sobre si a administração da justiça «dãte Tejo e Odiana e do reyno do Algarve», tam severa e justamente se conduziu que «nõ *avia ley* cõ grande nẽ cõ pequeno, ne parẽnte nẽ criado nẽ amigo, senõ todavia fazer direito sem nenhũa afeyçõ».

Perder a lei é, no Minho, o mesmo que «perder o amor», i-é, «não ligar apreço ou valia». «*Perdeu a lei* a duas crôas só p'rá mostrar qu'era home de palabra!»

lérias, renda de croché; na ling. fam. de Lisboa e de Viana-do-Castelo.

lesme, lêsma; lismo, lismar. *Lesme* é o mesmo que *lesma*; no Minho.

É forma antiga que ocorre, por ex., no «Tratado de Alveitaria de Mestre Giraldo» e se conservou também em galêgo a par de *lesma* e *lêsmia* !. Esta última forma é também minhoto.

Lismo, masculino de *lesma*, segundo o

parecer de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, é no Minho, não só a «saliva viscosa dos moluscos»¹, mas também a «matéria viscosa que cobre o corpo dos peixes». *Lisnar* é «tirar o lismo» (aos peixes, para os cozinhar).

limoária, o mesmo que *limonete*, lúcia-lima; no Minho.

levadinho, traquinas, desinquieto, o mesmo que «levado da breca»; em Viana-do-Castelo.

língua. «Dar á língua» é «falar; talar muito; cuscuvilhar; revelar um segredo». Neste último sentido é mais frequente dizer-se «dar com a língua nos dentes». «É vexo das velhas... *darem muito á língua*...» — Camilo, *Seroens S. Mig. de Seide*, I, 39. «Se der á língua, esbarronda-se o negocio». — Camilo, *Braz. de Prazins*, 198. «E ainda que soubesse... Irieis logo *dar com a língua nos dentes*». — Campos Junior, *Camões*, 10.

línguas do mundo é a voz do povo, a maledicência, são os comentários desfavoráveis a um caso geralmente pouco honesto ou que tem aparências de tal. «...e dizia-me que se eu fugisse, dava razão ás *línguas do mundo*...» — Camilo, *Seroens*, I, 35. *Ter língua*: *língua depravada*; *mã língua*: *língua de vibora* ou *viperina*; *língua de palmo*; *língua comprida*; *língua de prata*; etc., são expressões que servem para designar o caracter maledicente ou o descomedimento de palavras de alguém.

Pagar com língua de palmo, é satisfazer integralmente um compromisso monetário, embora represente uma extorsão, sem direito a reclamar justiça, como o supliciado no garrote. *Pagar pela língua* é sofrer as desagradáveis consequências das próprias palavras ou acções. V. **pagar**.

Aos descortezes, aos que falam com liberdade indecorosa, diz-se em tom de censura: *dobre a língua!*, como querendo significar que a teem «muito comprida».

Registarei outras expressões populares em que entra esta palavra:

Língua de trapos

Meter a língua no saco

Não ter papas na língua

Querer dizer «amor» e não chegar a língua

Saber (a lição, o recado) na ponta da língua

Ter a palavra debaixo da língua

Dar que falar ás más línguas

Não deixarei esquecidas, já agora, as *línguas-de-sogra* que é a designação picarésca de uns brinquedos que apparecem pelas feiras e que se compoem de um tubo comprido de papel de cores variadas, enrolado por meio de uma mola, e que se distende rapidamente quando se assopra, dando um silvo estridente, a modo de berro. [...producto do espirito inventivo de algum genro ingrato!.]

lubina, é uma variedade de peixe, seco pelo processo usado para o bacalhau; em Lisboa. Tem a pele muito escamosa, com dois traços negros ao longo do dorso.

Chamam-lhe *arenque* os nossos pescadores de bacalhau.

Cp. o esp. *lubina*.

lobeiro, cesto alto, de pequeno diámetro; na Covilhã. V. *Gaz. Aldeias*, n.º 734.

lume. No norte do país *lume* é o «fosforo». «*Lume* pronto» é o «tósforo amorfo ou de cêra». «*Lume* de pau» é o «de enxofre». «...foram aprehendidas pelo guarda-fiscal n.º 26, 4800 caixas de *lumes de pau*, de fabricação clandestina». — *Vida Nova* [Viana], 5 de Outubro de 1905.

«*lume no olho*» quer dizer «esper-

¹ V. *Rev. Lusitana*, xiii, 336.

têza, vivacidade, inteligência», «... as quaes, no calão de optica mercantil se chamam: *lume no olho*». — Camilo. *Cego de Landim*, 15.

M

machia, chamam em Felgueiras (Moncorvo) à colmeia em que ha excessiva quantidade de zângãos.

V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 198.

mãdinho, espécie de fueiro que, pela estrubenga, é seguro à frente da cabeça do carro de bois, para segurança da carga. Em Carvalhos (Gaia).

V. *Gazeta das Aldeias*, n.º 731.

malhada malhadeiro. «Os colmeaes são, em geral dispostos em uma encosta, voltados para o nascente; quando completos, são cercados com altos muros de pedras e uma casa de *hospedaria* e deposito de alfaias mellíferas; não tendo casa de hospedaria nem muros, chamam-lhe em alguns locais *malhadas*, enquanto que em outros, como por exemplo em Serpa, dão o nome de *malhada* ao colmeal inteiro». — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 196.

No mesmo livro se cita a *Memoria historico-economica do concelho de Serpa*, de Graça Afreixo, para dizer que em tempo de D. Diniz: «foram determinados [em Serpa] os limites dentro dos quaes só se poderia estabelecer uma *malhada* ou conjunto de dous estabelecimentos constituídos de uma cerca, para resguardo das colmeias e casa para habitação do *malhadeiro*». «... [as contínuas questões entre os donos destas malhadas motivaram] em 1368 uma nova postura com o título de *arancel das malhadas* em que era determinado que cada malhada não poderia ter mais de quatrocentas colmeias e em que se regulava a exploração da serra». — *Ibidem*, pag. 194.

malhadela, porção de cabelo de cor

diferente da cor geral ou própria; em Parêdes-de-Coura.

malhal. (pl. **malhais**). Nos *Estudos da Lingua Portuguesa* diz o sr. Júlio Moreira que os dicionários não registam esta palavra no sentido de «bancos ou calços de madeira sobre os quaes assentam as vasilhas nas adegas».

Já Viterbo no *Elucidário*, referindo-se ao fôro da **galinha de canteiro** diz que nêle foi «comuttada a obrigação que alguns caseiros tinham de *encanteirar*, ou *dar canteiros* que *hoje dizemos malhaes*, para assentar as pipas, cubas ou toneis dos seus respectivos senhores».

malhar. *Malhar*, ou *malhar abaixo*, é o mesmo que «caír»; na ling. popular. «... que era de um homem *malhar* de costas n'aquelle chão a rir». — Camilo. *Braz de Pradins*, 135. «... que o primeiro que mostrasse os calcanhares ia *malhar* da ponte *abaixo*». — Camilo *Ibibem*, 67.

malombada, pedaços de cabos velhos, sem préstimo; a bordo.

manada. (V. *Revista Lusitana*, XIV, 160). «E para o conseguir foi buscar manadas de agua que verteu sobre os rostos dos cadaveres». — Bento Moreno. *Comedia do Campo*, III, 40.

mandar, o mesmo que «regatear»; oferecer para compra um preço menor que o indicado pelo vendedor; em Bragança.

Tem a mesma acepção em Parada-de-Infanções. (V. *Rev. Lus.*, XII, 1081).

mandronga. «... minha corja de mandrongas!...» — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 129.

maneio, cebo em rama; no Minho.

manga. *Em mangas* quer dizer, no Minho, o mesmo que «em mangas-de-camisa». «Prompto, senhor doutor Viegas — disse um rapazola *em mangas*, vestindo a blusa para servir o café». — Camilo. *Eusebio Macario*, 134.

manilha, manilhar, desmani-

lhar. O *Nôvo Dicionário* define manilha, em quarta acepção, da seguinte forma: «elo da cadeia». Considerada a «cadeia» ou «corrente» uma «sucessão de elos», não podemos com propriedade dizer que seja uma «sucessão de manilhas».

manilha, em náutica, é um elo de abrir, i-é, uma peça de ferro em forma de U cujas extremidades são ligadas por meio de um perno que as atravessa. Com estas peças fazem-se as ligações das correntes entre si ou fixam-se as extremidades das correntes em qualquer ponto. Conforme o sistema de adaptação dos pernos nas manilhas assim estas tomam a designação de «manilhas de rosca ou tornel, de chaveta, e de tufo». «As amarras são correntes de... 120 braças... ligadas umas às outras por manilhas...» — As amarras são experimentadas às quarteladas, juntamente com as manilhas... — *Ap. e Man. de Navios*, 118 e 119.

manilhar, é «ligar, prender com manilha» e daí *desmanilhar* que é a operação inversa. «As quarteladas seguintes manilham no chicote da que entrou...» — *desmanilha-se* a amarra d'esse bordo... — *Ibidem*, 130 e 136.

manilha é também, como medida de extensão da amarra, o mesmo que *quartelada*, i-é, um comprimento de 15 braças (= 33,3^m). É esta geralmente a extensão de uma corrente seguida. Oito manilhas de corrente formam uma amarra (v.) «No fundadouro de Porto Belgrano é conveniente... arriar 4 ou 5 manilhas de amarra...» — *Almanaque Marítimo* (1903).

mão, mãozada. No Vale do-Côina *mão* equivale a «palmo» nas medições de toros ou fachinas, geralmente. V. **afachinar**.

mão-bravessa é, creio que em todo o país, uma medida equivalente a «meio-palmo», tomada pela largura da mão com os dedos unidos.

No sentido de «aperto-de-mão», *mãozada* não é privativo do falar da Beira, como diz o *Nôvo Dicionário*. Assim dizem também em Lisboa, no Minho e outros lugares.

mar. No sentido de «onda grande, vagalhão», insere o *Nôvo Dicionário* este termo como antiquado. É ainda assim na ling. marítima «Dizem que o numero de mares é sempre impar, 3, 7, 9, e que depois da jazida para se manobrar com mais segurança...» — *Ap. e Man. de Navios*, 194. «Esta ponta [da Lamparoeira]... pareceu agora ser esparcelada; com a vaga de O N O que havia, rebentava até bastante distancia, que pelo numero de mares se podia computar em cerca de meia milha...» — *Almanaque Marítimo* (1903).

maravalha, folhas secas de pinheiro, em sentido colectivo ou concreto; no Vale-do-Côina.

maria-da-fonte. Uma *maria-da-fonte* designa no Minho «uma desordem, confusão, desarranjo, balbúrdia, banzé, etc.» «Aquele quarto é uma *maria-da-fonte*». «P'râ môr duma palheira levanta aí uma *maria-da-fonte*, que Deus te libre!»

Das lutas fratricidas que revolucionaram a sociedade portuguesa aí por 1846, surgiu a figura heróica, lendária, de uma mulher cuja bravura caracterizou um período bélico da nossa história política. Restam ainda desse período que o povo classificou «das guerras da Maria da Fonte» poderosas reminiscências da constante intranquilidade, confusão e desordem internas, suggestionando a fantasia popular com um excesso de pavores das sangrentas represálias que eram a origem da tumultuosa inquietação e desorganização social.

Certas momentos de ancesa efervescência que agita o espirito popular através da história, repercutem-se, perdurando na memória do povo por largos tempos, em formas aforísticas

de que se chega a obliterar a noção histórica com a degenerescência gradual e inconsciente dos seus elementos, como aconteceu com o rifão popular:

«Quem tolo vai a Santarém,
Tolo vai e tolo vem»¹.

e ainda outros em que se descobrem apagadas reminiscências de períodos de mais intensa agitação da alma nacional.

No espirito do povo francês perdura de tal modo o sentimento de máguia pela espantosa queda do império napoleónico que ainda hoje na linguagem popular da França *un waterloo* significa «uma desgraça, uma fatalidade, um infortúnio irremediáveis».

A metonímia popular emprega muitas vezes os nomes de pessoas para designar factos que com estas se relacionam directamente; ou nos quais a sua acção foi, quer primordial ou intensa, quer decisiva e ainda exagerada, por ironia. Alguns exemplos: *gilvaz* — golpe ou cicatriz no rosto (de Gil Vaz); *carrasco* — algoz (de Belchior Nunes Carrasco, algoz na cidade de Lisboa. Vid. *Apostilas*, I, 245); *madalena* — mulher chorosa ou desganhada, como a pecadora bíblica; *marías-pias* — rolos de cabelo pendentes nas fontes, como penteado senhoril, talvez o mesmo que os modernos *minis* (de Maria Pia, rainha D. Maria II, que introduziu a moda

na corte de Portugal); *inês-de-carasto* — mulher prostituída² (de D. Inês de Castro); *camões* — indivíduo cego de um olho (do épico Camões); e tantos outros que me não ocorrem.

Na língua literária evoca-se também a personificação lendária da heroína minhota para classificar a «mulher destemida, de génio viril e arrebatado». Falando-se de uma mulher que em Portimão «provocava os republicanos e pessoalmente dirigiu ao administrador... um *ultimatum* para que seu marido fosse posto em liberdade», diz-se no *Mundo* de 13 de Setembro de 1912: «Para prestígio da Republica torna-se necessario que sejam chamadas á ordem estas Marias da Fonte de fresca data...».

Nas *Apostilas*, II, 365, diz o sr. Gonçalves Viana: «Derivado do titulo do Conde do Restêlo, já falecido, grande influente eleitoral e trunfo político, criou-se um substantivo comum: — «Em quasi todo o paiz são os *restellos* que montam e manejam a machina eleitoral». *O Seculo*, de 26 de Novembro de 1900».

mariato, é o conjunto de bandeiras e galhardetes usados para a comunicação de navios a distancia, entre si, ou entre um navio e a terra, em conformidade com as regras estabelecidas no Código Internacional de Sináis. Provem, por deturpação, do apelido de Frederico *Marryat*, oficial da marinha inglesa, que em 1837 coordenou o *Código de Sináis para uso da marinha mercante*, adoptado pelo governo de Inglaterra e pelas principais nações.

marrana, marrancha, marreca, corcunda; em Bragança.

mastrear. Diz-se em ling. marítima que «*mastreia* bem ou mal o na-

¹ Esquivando-se D. Fernando a dar batalha a D. Henrique de Castela, cujas hostes invadiam o paiz rapinando e desbaratando as terras e os haveres do povo «todo seu feito, — diz Fernão Lopes — era de Santarém para Coimbra e depois tornar a Lisboa, em guisa que já as gentes traziam por rifão em escarneo, dizendo *exvollo vai, exvollo vem, de Lisboa para Santarém*». A forma sofreu várias alterações mas o conceito conservou-se com a persistência dos sons.

² «Esta última afronta decidiu-a: sahio n'um impeto de honesta fracundia e contou ao frade... que até Inez de Carasto lhe chamaram!» — Camilo, *Eusebio Macario*, 32.

vio que mostra melhor ou pior disposição de mastros ».

maúlo, utensílio de calafate que serve para tirar a estopa velha das costuras das embarcações. Emprega-se nos casos em que o *puxavante* (v.) se torna insuficiente.

mécha. «Mas, estavam as escuras como os gatos, e ainda que quizesse acender a luz... não sabia onde tinha deixado as *méchas*!...» — Nunes da Rosa, *Pastoraes do Mosteiro*, 105.

É açoreano.

melar, produzir mel (uma colmeia); no concelho de Moncorvo.

mentir. Em terminologia de carpintaria diz-se que *mente* a peça de madeira que não assenta perfeitamente no lugar a que foi destinada, por erro de medida.

mentir, a virar ou simplesmente *mentir*, diz-se do navio que, ao orçar, não avança para barlavento. «Quando o vento é muito forte é arriscado virar por d'avante, não só porque o mar batendo na prôa, pode fazer *mentir a virar*, mas também quando o velaxo fica sobre, o navio cae a ré... — No caso de o navio *mentir*, ou de escassear, tanto que se reconhece nada ganhar para B V, deve-se dar logo fundo a todos os ferros (V. **ferro**) pela prôa...» — *Ap. e Man. de Navios*, 185 e 195.

Na ling. familiar de Lisboa diz-se que «ferve *mentiras*» a água que está fervendo sobre o lume, sem que seja necessária.

merendeira, bolo de abóbora, farinha e mel, usado pelo Natal; no concelho de Penela.

Vid. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 134.

mestre, tomado como adjectivo, significa «grande, formidável, inextinguível». ... e que efeito fez? Um escandalo *mestre*». — Eça, *Crime P.º Amaro*, 364. A expressão de *mestre* ocorre no mesmo sentido, «Co'os diabos, tem você razão! É de *mestre*!» — *Ibidem*, 521.

mexão, pau ou espátula com que se «mexe» o líquido de uma vasilha; em lhavvo.

mexeriqueice, o mesmo que «mexerico» ... decidem-me as tonteiras de um jornal que por *mexeriqueice* quiz incabeçar um designio político... — Garrett, *Viagens na minha terra*, I, 2.

milagre. Dizem em Viana-do-Castelo, que «está fazendo *milagres*» a pessoa que transpira por efeito de um esforço ou do calor ambiente.

milheiro, equivale nas charnecas do Vale-do-Cóina a vinte talhas (V. **talha**) de mato. «Um *milheiro* de matos».

míscaro, variedade de cogumelo comestível; em Bragança e julgo que em outros lugares, como Vila-Real (V. *Rev. Lus.*, XII, 110). No n.º 779 da *Gazeta das Aldenas* um assinante do Jarmelo (Guarda) pergunta: «Como se faz conserva de cogumelos vulgarmente conhecidos pelo nome de *Miscaros*?».

Na mesma *Gazeta*, n.º 875, o Dr. Júlio A. Henriques, lente da Universidade de Coimbra, refere-se aos *miscaros* que define scientificamente *Boletus*.

misgalhar, metátese de *'smigalthar* < *esmigalthar*, ou por **esmigalthar*. No Vale-do-Cóina.

Cp. *masgar* (V. *Rev. Lus.*, XIV, 161).

misgolho, «zarôlho, cegueira»; em Viana-do-Castelo.

môcho, cavilha de ferro que entra na extremidade do eixo do carro, para sujeitar a roda; em Carvalhais [Beira-Alta].

moenda, azenha; em Trás-os-Montes. Vi no Tua as *moendas* laborando no próprio leito do rio, aproveitando a minguada corrente no verão pois que no inverno a impetuosidade das aguas obriga os moleiros a desmontar as suas construções já apropriadas a este estabelecimento periódico. Pelo excerto abaixo transcrito vê-se que

assim são também denominadas as azenhas do Guadiana:

«Navegando pelo agradável Guadiana alem, depara-se-nos pouco depois as moendas da Brava. *Moendas* é o nome que por lá dão às azenhas... — Santa Cruz Magalhães. *Epoca*, de 1 de Agosto de 1905.

moente. O *Novo Dicionário* define este termo, como substantivo, da seguinte forma: «cavilha ou pequena peça cylindrica que gira dentro de um orifício circular», o que é pouco mais ou menos a definição dada pelo *Dicionário Contemporâneo*. *Moente*, em mecânica, é a «parte do veio, cavilha, munhão, etc., que gira dentro do *bronze* (v.) da *chumaceira* (v.), ou o próprio bronze ou chumaceira em que gira o veio. «Na extremidade da arvore (nome que se dá ao eixo que gira nos moentes do cabeçote [do torno]).» — *Man. do Torneiro Mechanico*, 13.

(Vid. *Apostilas*, II, 150).

moio; «um *moio* de sacas» são «dez sacas» vazias, destinadas a cereal, cal em pó, etc.; no Vale-do-Cóina.

molida, o mesmo que «molhelha»; em Chaves.

montado, é a importância paga ao proprietário ou arrendatário do terreno pelo mato que nêle se corta; nas charnecas do Vale-do-Cóina.

morar, o mesmo que «servir» (como criado); em Coimbra. V. *Gazeta das Aldeias*, n.º 737.

môrco, môrca. *Môrca* ou *morcão* é o individuo indolente, apavilhado; em Viana-do-Castelo. Também lá chamam *môrca* à «borôa».

môsca. «As *moscas*» quiere dizer «vasio, desocupado, desabitado». «Está a casa *as moscas*». «Reconhecemos no publico razão de sobejo para deixar [o teatro de] D. Maria *as môscas*». — Fialho. *Vida Irónica*, 174.

môsca-morta ou *mosquinha-morta* é o mesmo que «indolente, bonacheirão; dissimulado». «Ninguém t'o havia

de dizer d'este *mosquinha morta* que parece mesmo um sonso!» — Bento Moreno. *Comedia do Campo*, 119.

mosó, o mesmo que «moioço», moela; em Paredes-de-Coura.

muchête. Nos *Estudos da Lingua Portuguesa*, 194, registou o sr. Júlio Moreira *muchões* como termo de Trás-os-Montes significando «mosquitos». O sr. Gomes Pereira no vocabulário de Penadono; in *Rev. Lusitana*, XII, 314, incluiu *mochão* no sentido de «moscardo». Do mesmo radical é o termo *muchete* que, em Chaves, significa «beliscão». Talvez que esta acepção, única que colhi, seja tomada pela causa, por analogia do efeito, e *muchete* signifique mais propriamente «mosquito».

Cp. *mosquete* = «bofetão».

mundo. A linguagem popular usa expressões em que entra esta palavra num sentido de «vastidão», servindo para dar intensidade a uma ideia: «É a coisa mais linda do *mundo*». «Fala com o maior descaramento do *mundo*». «Não ha no *mundo* homem mais falador que este», etc.

Este modo de expressão já vem de longe. Aparece, por ex., na *Crónica do Condestabre de Portugal*: «aa mayor pressa do mundo... mostrava o mayor asessego do mudo... Castello do Neyva q he dos fortes Castellos do mundo...»¹.

Em linguagem marítima *dar a volta ao mundo* é manobra de navegação que consiste em «[um navio, que está atilado, ou na linha do vento,] dar uma volta completa virando por bom-bordo». «Para tornar a navegar na mesma amura teremos de virar em roda com o velacho sobre, manobra conhecida pela expressão de *dar a volta ao mundo*...» — Vidal Junior.

¹ Edição Mendes dos Remédios, pagg. 116, 138, 107.

Guia Mercante, 227. «A esta manobra, em que o navio faz uma rotação de 360°, se dá o nome de *dar a volta ao mundo*...» — *Ap. e Man. de Navios*, 188.

munumucaia. Deste vocábulo diz o sr. Gonçalves Viana nas *Apostilas* (II, 172): «É o nome que se dá no canal de Moçambique ao tufão, como sou informado por pessoa que ali passou várias vezes, e esteve outras tantas na África Oriental Portuguesa».

Eis uma abonação do termo, referida ao mesmo lugar: «... já não nos restava duvida que estavamos sob a influencia de uma grande *monomucata*, descendo então o barometro com incrível rapidez a 730^{mm}». — Leotte do Rego. *Guia de Navegação*, cap. IX.

murra, murrão, murraça. Diz o *Novo Dicionário* que *murraça* é, no Algarve, «erva para alimento de gado» e o sr. Gonçalves Viana nas *Apostilas* (II, 160), achando satisfatória esta definição, acrescenta-lhe outra mais explicita, extraída de *O Seculo*, de 19 de Junho de 1900: «... *murraça*, ou os vegetaes nascidos no rio». E termina: «Conclui-se portanto que a *murraça*, *molliço*, *sargasso* ou *rapeira*, pois, conforme as regiões essa vegetação vai mudando de nome, serve não só para adubo das terras, mas também, á falta de melhor, para alimentação de gados».

A definição dada pelo *Novo Dicionário* não é, de facto, bem explicita, mas no mesmo caso está a que foi extraída do *Seculo* e que levou o sr. Gonçalves Viana a concluir que *murraça* era o mesmo que *molliço* ou *sargasso*. Não é. Permita-me o illustre filólogo esta rectificação. De um artigoelho que, sobre a *murraça* publiqui na *Gazeta das Aldeias*, n.º 804, transcrevo os seguintes períodos:

«Em grande parte dos parais do Tejo cresce uma planta vivaz de folhas alongadas, formando tufos ou extensos tapetes de verdura que a preamar encobre por completo, e á qual as populações ribeirinhas dão o nome de *murraça*. Esta planta é muito útil na alimentação do gado cavalari e bovino, constituindo a sua colheita um dos recursos das classes necessitadas... é uma forragem muito apreciada... atingindo a planta 30 a 40 centímetros de altura, invadindo as aflorações de terreno firme, argiloso, entre as lamas movediças dos parais, etc.»

Julguei que fosse o *paspalum distichum*, L., ou o *paspalum notatum*, Fluegge, mas o sr. Eduardo Sequeira, illustre naturalista, em carta que me escreveu, diz-me que é a *spartina stricta*, Roth. ou *paspalum cynosuroides*, Brot.

Não são pois «os vegetaes nascidos no rio» mas «planta que nasce nos *parais* dos rios».

murra, em Parêdes-de-Coura, é a «porção de rôgo que se corta no mato, aqui á ali, formando pequenas clareiras, em vez de se roçar a eito».

murraça é tambem, nas pedreiras dos arredores de Lisboa, a pedra miúda de calcetaria, de tamanho médio entre o *granito* (pedra miudinha para betonilhas) e o *murrão* ou *pedra-de-xadrez* que é a pedra usada no calcetamento dos passeios das ruas.

mutena, medida de quantidade, para lenha, equivalendo a «uma dúzia»... quarenta-e-oito fachas). Em Carvalhos (Gaia).

N

nanar, dormir; em ling. infantil, no Minho. Está nesta quadra de berço:

«*Nanu, nano, meu menino*
qu'a tua mãe logo beim.
toi labar uns paninhos
o riinho de Belem».

No *Folclore da Figueira da Foz*, de C. Marta A. Pinto, sob o n.º 659 aparece uma quadra idêntica em que se emprega o mesmo termo. Cp. *Rev. Lus.*, X, 32.

nassa, nasso; enxalavar; (capinête), ganha-pão, camaroeiro. *Nassa* ou *nasso* é uma espécie de «camaroeiro», ou saco de rede de forma cônica, tendo na base ou boca um arco a que se prende diametralmente uma vara comprida. Serve para recolher o peixe das redes; em Ílhavo.

Os pescadores de bacalhau empregam um utensílio idêntico, a que chamam *capinête*, para apanhar os painhos muito abundantes nos Barcos da Terra Nova¹.

O *enxalavar*, de maiores dimensões, tem a forma da *nassa* mas sem vara, e emprega-se como utensílio directo de pesca, nos rios, suspendendo-se por uma linha.

Também lhe chamam *ganha-pão*. Em Ílhavo.

nicles, como termo popular significa «nada, não, coisa nenhuma». «Ha uma precisão, uma doença, um hospede... e depois *nicles*». — Bento Moreno. *Comedia do Campo*. «E a respeito de esportulas, *nicles*». — Camilo. *Corja*. 199.

É o lat. nihil < nichil < *niquel*.

«Digo *nihil* por agora

.....

Não erra quem quer conselho
porque inda que vos saia
tudo *niquel*...

[Ant. Prestes. *Auto do Procurador*]

Vid. *Elucidario*, de Viterbo, sub. voc. *Veiza*.

¹ Os painhos, depois de depenados, empregam-se como isca para a pesca do bacalhau, na falta de *lula* ou *clam*.

Por um artifício de fonética popular que decompõe a sílaba final de vocábulo terminado em *l*, em duas sílabas distintas, (cp. *ma-le*, *Setúba-le*, *papé-le*, etc.) *niquel* deu *niquete* = *nicle*, e *nicles*; cp. *nentes*, do ital. *niente*.

norça. O *Novo Dicionário* define assim este vocábulo: «(prov. alemt.) pequena estaca de oliveira em plantio». Em um estudo do sr. Menezes Pimentel, sobre a «oliveira», no n.º 643 da *Gazeta das Aldeias*, encontro definição mais ampla e que julgo referida a Trás-os-Montes «... nas oliveirinhas novas ou *norças*...» E em nota: «*Norça* é a oliveirinha proveniente de estaca que criou raízes; por generalização é um barbado de oliveira cultivada e até de oliveira silvestre, proveniente de estaca ou de semente».

Em Ílhavo, *norça* é o «nó do dedo».

nôvo. Nas *Apostilas* (II, 189) diz o sr. Gonç. Viana que «em Leiria o adjectivo *nozo* acrescenta-se ao apelido, ou alcunha, no sentido em que na lingua culta se emprega o latínismo *júnior*».

Assim é também em Ílhavo.

noz, parte superior da haste da âncora, abaixo do anêto, em que ha uma abertura quadrangular ou cilíndrica onde entra o *cépo* (v.).

«Hoje [i-é, modernamente] no lugar da *noz* abriu-se um furo redondo... e por elle enfiu uma barra de ferro cilíndrica...» — *Ap. e Man. de Navios*, 115.



obra, na ling. popular não é só «trapaça ou tramoia», que se expressa em frases como «aqui ha *obra*!», mas também «dificuldade, transtorno». «Para receber o dinheiro, foi *obra*!», «Come bem mas em chegando às contas... isso é *obra*!»

Obra acabada, fina ou *asseada* quiere dizer «coisa boa, perfeita». «Ô sr.

frei Justino, aquillo é que é *obra acabada!*» — Camilo. *Eusebio Macario*, 28. «Para arranjar soldados fez-se uma *obra fina*... — P. Chagas. *Hist. Alegre de Portugal*, 94.

ocupados, no concelho de Paredes-de-Coura, são os individuos que conduzem o fêretro, nos enterros.

oirar, dotar ou brindar com prendas de ouro (a noiva), nas vésperas do casamento. «*Oirar a noiva*». No Minho.

olho, olhar, olhal, olheiro, olheira, olheirada. De *olhar*, no sentido de «vigiar», resulta a expressão «*olhar o gado*» que, no Minho, é o mesmo que «*apascentar*»¹. *Olheiro* era, e é, o individuo encarregado de vigiar qualquer coisa, o mesmo que *olhador*, como vem neste passo do cap. CCXIX da *Perigração*, de Fernão Mênêz: «...se quiz entreter na jurisdição do capitão D. Antonio e se apoderou tanto d'ella, que ao capitão lhe não ficava mais que só o nome, e ser um *olheiro* da fortaleza...»

olho entra pois em expressões que exprimem «vigilância, atenção, cuidado; vivacidade; esperteza; entendimento;» — tais como:

olho!, isto é, «atenção!, cuidado!» Como formas equivalentes, recomendando ás vezes «a maior vigilância», empregam-se as expressões *olho atento*, *olho alerta*.

olho atrás, *olho adiante*, exprime geralmente o cuidado de quem segue um caminho e precisa ir precavido contra qualquer agressão provável ou embuste. Desta dualidade, ou significativa aplicação dos dois olhos em pontos distantes, fala-se já no *Cancioneiro Geral*:

«mas *hã* olho nele atente
e o outro no parçeyro.»

[II, 94] ²

Abriu o olho é «precaver-se contra qualquer embuste ou trapaça; dar mostras de vivacidade e esperteza». Ocorre tambem no *Cancioneiro Geral*:

«E porém sede avisado
não v' tome saltendo
mas *abry muy bem o olho*».

[I, 23] ²

Daqui vem o dizer-se *ter lume no olho*, no sentido de «*inteligência, esperteza, decisão firme*», que se expressam ás vezes na vivacidade dos olhos *bem abertos*.

«Estremava-se dos seus broncos patrios no dom da palavra, nas lérias aos freguezes, nos ardis lícitos do balcão, nas ladroices consuetudinarias que affirmam a vocação pronunciada, as quaes, no calão da optica mercantil, se chamam: «*Lume no olho*». — Camilo. *Novellas do Minho*, III, 15.

Deitar o olho é «ver, investigar cautelosamente e com disfarce; fazer uma rápida escolha sobrepticia com o olhar».

«porém alguém, que então *deitava o olho*, deitou tambem as barbas de remolho».

[*Ponto Renascido*, 115].

«donde descobrem uma e outra ilha
...
O conego de as ver se maravilha
...
mas *deitou a do Pico o olho logo*».

[Azevedo Tojal. *Foguetário*, Canto III, 22].

Significando investigação visual mais rápida e cautelosa ainda, usa-se a

¹ «O comboio matou entre Moledo e Caminha uma mulher que andava a *olhar umas vacas*.» — *O Povo* (Vianna), 27 de Outubro 1912.

² Ed. da Imp. da Universidade.

expressão *deitar o rabo do olho*, i-é, «olhar de revêz, olhar de lado e sem voltar a cabeça, para não causar desconfiança». No castelhano do tempo de Gil Vicente escreveu o salamanitano Lucas Fernandez:

«Echa acá el rabo del ojo»

[*Églogas y Farsas*, 7] 1.

Trazer d'olho, é «acautelar-se de, ou interessar-se por alguém, espiando-lhe as acções» e ainda: «formar tenção reservada sobre qualquer pessoa ou coisa». «V. M. nos corta como navalhas, me disse a dona da Casa, Monsieur de Oliveyra nos *traz* já *de olho*, respondeu a Condeça de la Fuencilla». — Cavalleiro de Oliveira. *Cartas*, 1, 141 ².

Para exprimir «vigília, falta de sono», usa-se a expressão: *não pregar olho*.

«De côr se foi deitar o padre, e entanto a velha *pregar o olho* não podia...»

[*Foguetário*, Canto vi, l.].

Outra abonação mais moderna: «Os noivos tinham-se deitado, e disseram que os assobios agudos das requintas os não deixaram *pregar olho*». — Camilo. *Eusebio Macario*, 106. Outras expressões ha em que entra esta palavra em sentidos diversos: *olho da rua*, vem a ser o mesmo que «meio-da-rua».

«Repolho em carne tão crua
que toda a cosinha atraza.
fôra da olha da caza,
logo no *olho da rua*.»

[*Pinto Renascido*, 1881.

um pau por um olho, indica a «conveniência de se adquirir qualquer coisa que se oferece por baixo preço» e,

por ext., a «ocasião ou situação vantajosa em qualquer caso.» *Dar um olho ao diabo* (se determinado facto, geralmente de difficil execução, se riualizar) exprime a incredualidade do oferente, quando não quiere dizer o elevado preço por que se pagaria o beneficio recebido. «*Um olho dariam elles ao diabo* para terem umas mãos de cabeleireira como as tuas.» — *Teatro* de Costa Cascais, VI, 10 ³.

O alto valor estimativo dos olhos exprime-se popularmente em frases que indicam «custo elevado», como: *custar os olhos da cara*, *dar os olhos da cara*. «& *custarme ha* a cavalgada *os olhos da cara*. — Que lhe tenhais *dado os olhos da cara*, tanto que sentem a bolsa seca, morto he o afilhado porque tinhamos o compadradão.» — Jorge Ferreira de Vasconcellos. *Eusoírina*, IV-VIII, e V-VIII. *menina-dos-cinco-olhos* é o nome escolástico da «palmatória». Assim vem já no *Anatomico Jocosos*: «...e a *menina dos cinco olhos* andou dando a todos muitos bolos de assucar nas mãos...», pag. 60 ⁴.

A um sentido de «evidência» se relacionam expressão como: *meter os dedos pelos olhos*; *deitar pocira nos olhos*; *meter-se pelos olhos dentro*; *saltar aos olhos*, e numerosos provérbios.

olhal. Os dicionários não registam a acepção em que esta palavra é tomada a bordo. *Olhal* é uma pequena argola, geralmente de ferro, fixa em qualquer ponto das vergas, das chapas do aparelho, da amurada ou do convés da embarcação, com fim determinado. «As pegas reaes são chapeadas de ferro e tem varios *olhaes* para o poleame dos cabos de manobra... — ...é aguentado [o vergueiro]

1 Madrid, 1867.

2 Lisboa, 1855.

3 Ed., 1905.

4 Ed. da *Bibl. Universal*.

à face da verga por *olhaes* de thesoura... — *Ap. e Man. de Navios*, 21 e 74.

Esta designação torna-se extensiva a qualquer objecto análogo, embora de uso estranho a bordo. Um marinheiro chamaria *olhaes* às argolas por onde enfiam os vârdes de uma passadeira de escada, às argolas da extremidade das pás de fogão, etc.

olheiro, no Vale-do-Côina, é o ponto em que o terreno mal firme dos *parcéis* (V.) se torna intransitável, por aglomeração de massas líquidas no subsolo. Cf. *olheiro* no *Novo Dicionário (Suplemento)*.

olheira ou *olheirada* é, na Beira-Alta, o mesmo que «réstea», de sol.

onde. A locução *de onde a onde* equivale na Beira-Alta a: *de tempos a tempos*, *aqui e ali*, etc. «Passados seis dias cobrem-se as azeitonas com água limpa e nada mais se lhe faz a não ser a substituição da água de onde a onde...» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 731.

orvalhudo. Este particípio arcaico do verbo *orvalhar* é ainda usado no Vale-do-Côina, «Manhãs *orvalhudas*».

P

pai. *Pai-dos-filhos.* «[as meretrizes] dão o nome de «pae dos filhos» ao homem a quem querem...» — *O Século*, 11 de Setembro de 1907.

pafutaria, tratantada, patifaria; nos Açores. «...nunca vi a *pafutaria* que se tem feito hoje aqui dentro.» — Nunes da Rosa. *Pastoraes do Mosteiro*.

pagar; nas locuções:

pagar as favas, tornar-se responsável por uma acção que se não praticou, «...dizia ao Figueirêdo que as requintas é que *pagavam as favas*.» — Camilo. *Eusebio Macario*, 106.

pagar com lingua de palmo, além da acepção registada (V. *língua*) tem mais a de «sofrer represálias».

«...mas eu cá sei como has-de ir *pagando com lingua de palmo*.» —

Camilo. *Seroens S. Mig. Seide*, V, 32.

pagar pela lingua (V. *língua*) «...elle, o barão, está a *pagar pela lingua*.» —

Camilo. *Eusebio Macario*.

pagar na mesma moeda, «corresponder ao procedimento de outrem com igual procedimento». «Nem uma carta! Pois *paga-lhe na mesma moeda*, minha laverca!» — Camilo. *Volvoens de Lama*, 44.

pagar bom burro ao dizimo, «Asseguro-lhe que a Custodia ha-de *pagar bem bom burro ao dizimo*.» — Camilo. *Eusebio Macario*.

palaio. «Prefiro desancar-lhe o *palaio* a ensinar-lhe a gramática». — Camilo. *Eusebio Macario*.

Ocorre nas *Infirmidades da Lingua*, pag. 136, a expressão: «moeu-lhe o *palayo*».

palangana, pelangana. É, em Freixo-de-Espada-à-Cinta, uma tijela grande ou bacia de barro branco vidrado, «de loiça coimbrêsa», diz a minha informadora, acrescentando que também lhe chamam *fonte*.

Hustrou, a seguir, o seu depoimento com uma observação: «costuma-se a juntar os trapos velhos e trocamos-*i*-os p'las *pelanganas* q'ando aparece' as vendedeiras na vila.»

Dar as palanganas é o mesmo que «dar às gâmbias», ou «às trancas» = fugir, neste passo do *Anatomico fcoso*: «...e haviam o de fazer em cacos se não *desse as palanganas*».

palhiça. «...com uns esbeijamentos de *palhiça* muito amarellada do atrito...» — Camilo. *Eusebio Macario*, 16.

palito, por *palito fosfórico* = «fósforo», em todo o norte do país. «...a respeito do grande perigo que ofereciam os *palitos*...» — Cesar Machado. *Lisboa de Hontem*, 262.

palomba, palombadura, palombar. *Palomba*, diz o *Novo Diccio-*

nário, é o «fio grosso com que se cosem velas». *Palombar* é «coser velas com *palomba*».

Notarei que ha aqui um equívoco. O fio com que se cosem velas diz-se *fio-de-vela*. *Fio-de-palomba* é o que serve para *palombar*, i-é, «coser o cabo da tralha ás orlas da vela, fazendo passar os pontos pela cocha do mesmo cabo». A esta costura chama-se *palombadura*. Cp. o cast. *palomadura*: «costura que se hace de la vela com relinga [= cabo de tralha] á trechos». (Rod. Navas).

palomba é tambem o novelo de mealhar de forma alongada e, por ext., a «peça (de mealhar)». «O mealhar colhe-se em forma de novelo alongado a que chamam *palomba*» — *Ap. e Man. de Navios*, 30.

Á alça que serve para içar no mastro a verga de uma vela latina chamam tambem *palomba*.

agulha de palombar é a agulha grossa para costuras de *palomba*.

ponto-de-palomba. «A vela é debruada por um cabo — *Tralha* — cosido a ella com *ponto de palomba*». — *Ibidem*, 39.

pancada. *Ter pancada, ter pancada na mola* ou *no realejo* são três expressões populares que exprimem o mesmo conceito: «ser idiota, tanso, maniaco ou extravagante nas ideias ou nas acções. «... era um maniaco, honrado sim, mas com uma grande pancada na mola». — Camilo. *Seruens S. Miguel de Seide*, I, 17.

pangaio, pessoa inábil, sem préstimo; no Alto-Minho.

panela, o mesmo que «panelinha», i-é, «conluio para fins geralmente pouco sérios; o mesmo que sùcia». «Será você algum burro da *panella* d'elle?» — Camilo. *Bruxa do Monte Cordova*, 143.

papoilas, «são peças de poleame semelhantes a moitões, alceados de ferro e fixos a duas barras nas mezas de malaguetas a meia nau e por

ante a ré dos mastros. Servem de retorno aos cabos de manobra do velame». — *Ap. e Man. de Navios*, 36.

Cf. *papoias*.

pardejar; alpardecer. Nas *Apostilas* (II, 231) regista o sr. Gonçalves Viana a locução adverbial *al pardo*, usada na Ilha-da-Madeira, no sentido de «ao escurecer», colhida no falar de um Madeirense (cabo da guarda fiscal).

O illustre filólogo explica que *al* é, neste caso, contracção de *a lo*, por *ao*, de *a o*.

Por minha parte tenho noticia de uma expressão açoriana usada no mesmo sentido — *ao alpardecer* — e que se me deparou num livro de Nunes da Rosa, um observador minucioso dos costumes e da linguagem do seu torrão. É nas *Pastorais do Alos-leiro*, 103: «... o Antonio mais a sua noiva, botou-se, de tarde, pela freguesia, a fazer os convites p'rá visita com tañanhas minucias de deferencia, que, *ao alpardecer*, toda a gente lhe passaria diploma de cava-lheiro...».

Certamente o verbo desta locução procede de uma forma que não é positivamente o substantivo da primeira: *pardo*, dando um suposto *pardecer* que está fora dos moldes morfológicos da lingua, mas um composto *alpardo* por perda da noção do valor representativo da contracção antiquada *al*, de *a lo*, segundo o parecer do sr. Gonçalves Viana.

Vemos que á forma verbal se antepõe a contracção normal *ao*, de *a o*, que mais acentua a inconsciência em que se iria caindo do valor representativo da primeira contracção, mas pode tambem supôr-se que o elemento *al* proceda de outra palavra que antecedeu o substantivo em uma locução equivalente: *ar-pardo* < *arpardo* < *alpardo*. Cp. *alvorar*, de *arvorar*. Morais, citando as *Décadas*, de Diogo do Couto, regista *ar-pardo* que defi-

ne «crepusculo» e Costa e Sá inscrevendo a mesma locução define «boca da noite». No *Cancioneiro Geral*, de Rêsende, diz um poeta louvando certas melgueiras amorosas:

«Como virdes o *ar pardo*,
que jo quer anoueeçer
sse tomar queres prazer
nunca v' mostres covardo . . »

«Ao *ar-pardo* significava pois «ao entardecer»¹. Na expressão *ar-pardo*, considerada como um só vocábulo dar-se-ia dissimilação do *r*.

pardejar, forma verbal de *pardo*, no sentido de «escuro = crepúsculo», é usado na Beira-Alta e Alentejo (Santa-Eulália [Portalegre]). Empregou-o Camilo na *Bruxa do Monte Cordova*, 16: «Ao *pardejar* da tarde despediam-se tristes e ao outro dia encontravam-se como amantes desafogados de longas saudades».

parea, pareia. O *Novo Dicionário* regista estas duas formas na acepção de «régua com que se mede a altura das pipas e toneis», observando: «Vejo registadas as duas formas; inclino-me porém a que só uma é autêntica e que será *pareia*, de *parrear*, de *par*».

A derivação não justifica porém o sentido dado que julgo provir de um erro de observação. Morais definira «**Pa-reia**, espécie de padrão pelo qual se deve regular a capacidade das pipas, que é de 30 almudes».

Orá esta capacidade, sendo determinada previamente, não se regulava simplesmente *pela altura* mas, principal e devidamente, *pela circunferência* do bojo e marcava o diâmetro a dar à vasilha.

A *pareia* é uma régua em que está mar-

cada a linha rectificada da circunferência das vasilhas de determinada capacidade. A quantidade de aduelas que, colocadas a *par*, preencha ou forme a extensão dessa linha, é a necessária para armar a vasilha cuja capacidade essa medida determina.

É claro que pode haver uma *pareia* para cada volume de vasilhas ou uma só *pareia* com vários fulcros ou pontos correspondendo a várias capacidades.

À régua com que se mede a altura das aduelas para pipas, toneis ou barris chamam os tanoeiros *talha*. O *Novo Dicionário* regista esta palavra, em 3.ª acepção como «[termo] *anf.[igo]*». Dizia-se de uma longura, que constituía uma das medidas usadas pelos tanoeiros. Cf. Fern. Oliveira, *Liv. das Fábr. das Naus*, ms., p. 14.

A *talha* tem vários furos, correspondendo a alturas diversas, em que entra o *riscador*, e que marcam entre si e a extremidade daquela os comprimentos das aduelas.

As definições que dou referem-se a Lisboa e povoações do sul do Tejo.

parição, acto de «parir», falando-se dos irracionais; no Vale-do-Cóina. Na *Gazeta das Aldeias*, n.º 882, pergunta um assinante da Marinha Grande: «¿Qual a melhor ocasião de a mandar [a burra] ao cavalo? ¿Passados uns dias da *parição* ou esperar que venha o cio?».

parôlo, néscio, palerma, ingénuo; em Paredes-de-Coura.

parte, *Fazer a parte* é «finjir, dessimular, parodiar»; na ling. pop. de Viana-do-Castelo. «Foi levada ao hospital uma «dezinfeiz», que se dizia envenenada com mercurio. Quando lhe iam fazer a lavagem ao estomago, declarou que não estava envenenada, mas a «fazer a parte...» — O *Povo* (Viana), 29 de Dezembro de 1912.

pasmão, o mesmo que «palerma, boca-aberta, tanso»; em Viana-do-Castelo.

¹ *Ar dia*, ao *pôr do ar dia* são locuções que no Vale-do-Cóina querem dizer «crepúsculo, ao entardecer». Por haplologia na expressão *ar de dia*.

passada, passagem=tensa; passadeira; passador.

Entre carpinteiros de construção civil *tirar uma passada* é «tirar, com a plaina, uma delgada tira de madeira de qualquer peça, para a desengrossar levemente». Os de construção naval dizem, no mesmo caso, *tirar uma tensa*.

Tirar ou *dar uma passagem*, entre os torneiros de metais, é «desbastar em toda a sua superfície com o ferro de corte, no torno mecânico, a peça que se deseja tornear».

No Vale-do-Cóina chamam *passadeira* à correia de couro que passa pelo olhal da prítiga do carro e prende na canga.

Como utensílio de marinheiros, *passador* é uma «espécie de furador de ferro, para costuras nos cabos de aço, e outras aplicações». V. **espicha**. Na gíria de bordo *passador inglês* é a «faca de marinheiro».

Os tanoeiros de Lisboa e arredores chamam *passador* a um «arco de ferro de maior diâmetro que o bojo da vasilha, servindo para unir as aduelas *agalhadas* (V.).

patola, patolas. «Nos navios de cabotagem, e nos da navegação fluvial, uma *patola* — larga peça de ferro rectangular, recurvada em gato d'um dos lados, e fendida ao comprimento — permite entalar n'ella um dos fuzis da amarra, não a deixando recorrer». — *Ap. e Man. de Navios*, 128. No plural, *patolas* é o conjunto de duas peças de ferro semelhantes á que acima se descreve, fixas aos extremos de um pedaço de corrente, de comprimento variável, servindo para o embarque e desembarque de vasilhame. Estas peças engatam nos pentes da vasilha, pegando o aparelho de içar no meio da corrente, onde está fixada uma argola.

Tambem se pode fixar a enxarcia abotoando os chicotes das encapalladuras n'uma barra de ferro, móvel sobre um dos seus extremos, junto ás

amuradas, e aguentada para outra barra menor por duas ou tres arruelas de correr. Chama-se a este systema *patolas de patente*. — *Ap. e Man. de Navios*, 63.

pé. Registo três expressões em que entra esta palavra, na tecnologia náutica:

pé-de-galo: «Uma ancora está a *pé de gallo* quando se tem arriado de modo a tocar no fundo, prompta a umbar assim que se folgue a amarra, se faltar o ferro sobre o qual o navio está portando». — *Ap. e Man. de Navios*, 122

pé-de-carneiro: varão, pau ou prumo de suporte. «Na face inferior ha um cavado para um *pé de carneiro* de suporte para o cesto». — *Ibidem*, 21.

pé-de-galinha: barra de ferro curvada em V que liga a verga pelo terço á forquilha da chapa das arriegadas do mastro. Chamam-lhe mais communmente *pião da verga*.

Os carpinteiros de construção naval conhecem por *pé-de-galinha* «um dos primeiros symptomas da podridão [dos troncos], e que se manifesta por uma fenda partindo do cerne e caminhando para a periphéria, tendo as suas paredes cobertas de um bôlôr exalando um cheiro nauseabundo». — *Construção Naval*, II, 3.

pé-de-craveiro, no Vale-do-Cóina, é um grupo de núvens rasgadas, como que divergindo de um centro comum; *stratus-cirrus*. Indica chuvas próximas.

pedra-de-xadrez. V. murra.

pêga. O *Novo Dicionário* dá este termo em segunda acepção como: «(naut.) peça de madeira que cobre a cabeça do mastro».

Ampliarei esta definição com a observação seguinte: Usam-se tambem *pêgas* de ferro forjado e tanto umas como outras não servem apenas para *cobrir* «a cabeça do mastro». As *pêgas* são peças importantes na consolidação do arvorêdo, como fortes

abraçadeiras que unem os mastaréis aos mastros, entrando nas mechas destes e suportando vários olhaís (V. **olhal**) para o poleame dos cabos de manobra. «Tem duas aberturas [a **péga**], uma circular virada para vante, e por onde espiga o mastareo, e outra quadrangular que se fixa no calcéz». — *Ap. e Man. de Navios*, 21.

pega (= **péga**), é uma rodilha ou chumaco de pano com que se pega nas vasilhas que estão ao lume; em Freixo-de-Espada-à-Cinta.

peia, é o cabo de aço que une o calcés do mastro da mesêna ao do mastro grande; nos navios.

pelar-se, peladiço. *Pelar-se*, no Minho, equivale a «queimar-se», especialmente nas mãos, por contacto com o fogo ou qualquer objecto muito quente.

peladiço quer dizer «muito sensível à acção do calor».

peleira, no sentido de «doença», registei-o na *Rev. Lusitana*, XIV, 162, como termo de Parêdes-de-Coura. É também conhecido em Viana.

pente. Diz o *Novo Dicionário* que *pente*, significando «a parte da aduela que resai dos tampos do tonel ou que fica para fora do jatre» é termo da Bairrada. É assim usado também em Lisboa e povoações do sul do Tejo (Barreiro, Seixal, Almada, Valedo-Cóina) e presumo que em outros pontos mais afastados.

penteadela, sova, reprimenda; no Minho.

petna. Registarei quatro locuções muito conhecidas, em que entra esta palavra e que não ocorrem nos dicionários:

Ter alguém à perna, significa «ser perseguido, encomodado ou repreendido insistentemente por alguém». ... escusavamos de *ter* o frei Joaquim à *perna*. Camilo. *Volcoens de Lama*, 198.

pernas para que vos quero, é expressão que indica «fuga precipitada» ... e

estivera vai não vai, *ó pernas para que te quero!* — Camilo. *Brazileira de Prazins*, 239.

Com uma perna às costas, quer dizer: «com facilidade, sem encomodo nem cansaia». «Sendo tão facil a ordenação uma coisa que se fazia *com uma perna às costas*...» — Camilo. *Braz. de Prazins*, 22.

Dar à perna, dansar, e também: andar, caminhar.

pêrro, perrice. *Pêrro* é o mesmo que «mau, teimoso» e por ext., em Viana, quer dizer: «zangado, arreliado». «Ficou muito *pêrro* por lhe dizer as verdades». «O sr., embora se mostre muito *pêrro* com o *Povo*, não pode perdoar à *Aurora* os insultos que ella dirigiu em tempos ao nosso director...» — *O Povo* [Viana-do-Castelo], de 14 de Dezembro de 1911.

Consequentemente, *perrice* é a «zanga, arrelia, má vontade, desamor», além de «maldade, teimosia». «Fiquei-lhe com uma *perrice!*»

petão. V. *Revista Lusitana*, XIV, 163. «Os principaes inconvenientes do porto [de Viana-do-Castelo] considerava-os pois: — 1.º As pedras Ladrão, Entre Bugios, Petão do Bispo, Petão dos Polvos e Sarne, que tornavam perigosa a entrada do porto e que deviam ser quebradas...» — Adolfo Loureiro. *O porto de Viana do Castello* — separata de *Os portos marítimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*, 18.

petem, nos campos de Coimbra, é a extensão de terreno que o trabalhador cava sem mudar os pés do mesmo lugar, quer trabalhe só, quer ao lado de outros.

V. *Gazeta das Aldeias*, n.º 745.

picar. Os dicionários não registam este verbo no sentido de «cortar, cortar rente», usado na linguagem marítima. No *Apparelho e Manobra de Navios*, que várias vezes cito, diz o sr. João Braz de Oliveira, a pag.

204: «Se as bombas não poderem apagar o fogo *pica-se* o mastro, não hesitando o comandante em sacrificar a mastreação...»

É a pag. 141 do mesmo tratado: «*Picar a amarra* — Era o termo empregado para cortar a machado a amarra de linho... que por força maior não se podia suspender».

A expressão ainda hoje se emprega, pelo menos nos nossos navios baleeiros que usam amarras de manilha. Vem também no *Novo Código Internacional de Sinais*, 340: «*Pique* v. a *amarra* ou largue-a por mão...»

Para indicar o ruído característico das correntes quando recorrem, usou Camilo esta expressão no *Eusebio Macario*, 15: «os pesos quando subiam rangiam o estridor de um *pico* de *amarras* das velhas naus...»

picolête, pequena saliência ou ressalto em uma peça, que entra num rebaixo cavado em outra peça, a que esta se aperta, para evitar o deslocamento por torção. Em serralaria.

Cp. o esp. *picolete*.

picondro, o mesmo que «pêco», i. é, «meticuloso, perguntador, rabugento, etc.».

Em Parêdes-de-Coura.

pinçote. O *Novo Dicionário* dá este termo na acepção de «pau na extremidade da cana do leme», citando o cast. *pinzote* que designa approx. a mesma coisa.

Desconheço-o em tal acepção. Nas embarcações de velas latinas *pinçote* é a «corda delgada fixa por uma das extremidades á pena da verga, servindo para amarrar a vela de encontro a esta, quando a embarcação está fundeada».

pingato, vinho bom; em Viana-do-Castelo.

pingueiro, embriagado. «Custodia... talvez um pouco *pingueira* dava risadas idiotas». — Camilo. *Eusebio Macario*, 86.

piôjota, bebedeira; em Viana-do-Castelo.

Acrescente-se aos equivalentes de «bebedeira» dados na *Rev. Lus.*, XV, 72, quase todos conhecidos na gíria lisboeta, mais estes que pertencem á linguagem popular de Viana: *auji-nho*, *carapuça*, *caroça*, *cartola*, *gangrêna*, *japona*, *nabo*, *opa*, *savampêlo*, *vinagreira*.

pireco, o mesmo que **pirralho**.

pirralho. O *Novo Dicionário* dá este termo como «bras[ileirismo]», significando «criança; criança; homem de pequena estatura».

É também usado no Minho. «Vocês conhecem de sobra o primo da perna fronxa. Mausinho, quando *pirralho*, — sempre á caça das borboletas...» — Júlio de Lemos. *Campesinas*, 118.

pisada, pisa, pisão. *Pisada* é, no Minho, a operação de macerar as uvas no lagar, pisando-as.

Dizem também, e no mesmo sentido, *pisa*, subs. verbal. Cp. *ripa*, (V.), *debulha*.

pisão é, ali, o engenho ou azenha em que se amacia o burel, pisando-o.

Em uma correspondência de Miranda do Douro para o *Seculo*, do dia 15 de Dezembro de 1910, lê-se: «Consta que em Villa Chã, d'este concelho, a ribeira levou na corrente outro moinho e um *pisão*, nome que os miran-dezes dão ás construcções onde é tecido o pardo ou burel que costumam usar». ¹

Julgo que a definição está mal observada. Onde se lê *tecido* deveria estar talvez *pisado* ou *amaciado*.

plano, o mesmo que «mapa» ou «carta»; em linguagem marítima. «Plano das costas da Noruega; do mar do Norte; etc... no caso de faltar o *plano* do porto e o *prático* para dirigir a pilotagem...» — *Ap. e Mau, de Navios*, 131.

¹ Note-se também *pardo* como equivalente de *burel*.

poeta, bem falante; maníaco. Na Beira-Alta.

poleeiro. Muito restrictamente, diz o *Novo Dicionário* que *poleeiro* é o «fabricante ou vendedor de polés». Num sentido mais amplo, de uso geral hoje, é o «fabricante ou vendedor de poleame».

ponche, vasilha de aduelas, baixa e de muito diâmetro, de capacidade variável entre 800 e 1.000 litros; em tanoaria, no centro do país.

ponta. De *ponta a cordel* quer dizer, entre carpinteiros e pedreiros, em Lisboa e arredores, «corte ou alinhamento em sentido diagonal».

V. trainel.

porcento — percentagem. *Porcentagem* é a relação proporcional entre determinada quantidade e o cento, e assim se chama também a «prestação proporcionada a certa quantia ou a certos lucros». Os tripulantes dos vapores de pesca, em Lisboa pelo menos, cujos salários se regulam por uma taxa fixa sobre a importância das vendas, além do vencimento estipulado, usam um equivalente de formação espontânea: *porcento*. O *porcento* é, não só a importância recebida, proporcional à venda, mas também a quantidade básica ou taxa que a determina. «Recebi tanto de *porcento*» «Tenho tanto de ordenado, fóra o *porcento*».

Nas armações de atum do Algarve, em que os pescadores vencem um salário proporcional às vendas da pescaria, emprega-se o termo no mesmo sentido.

proada, pancada com a prôa (da embarcação).

próximo, proximidade. *Próximo*, no antigo sentido de «caridoso, piedoso, bemfazejo», (V. por ex. a *Peregrinação*, de Fernão Mendes, cap. XXIV e XXXI) usa-se em Ilhavo.

proximidade era, e não sei se assim será ainda em Ilhavo também, a «caridade ou piedade».

prumo, prumar, prumada, prumador. Para as sondagens dos fundos, ou para medir a altura das águas, a bordo, emprega-se o *prumo*, peça de chumbo, de forma cônica, tendo na base um alvado que se enche de cêbo ao qual aderem moléculas que dão o reconhecimento da qualidade dos fundos.

prumar é «sondar com o *prumo*» e o «acto ou efeito de *prumar*» chama-se *prumada*.

prumador é o «marinheiro encarregado de *prumar*, o que lança o *prumo*». A pag. 187 do *Apparelho e Manobra de Navios* encontra-se abonação d'estes quatro termos: «Quando se navega por pouco fundo... vae-se *prumando*, para o que se collocam a um e outro bordo... dois bons *prumadores*, que atirando alternadamente os *prumos* de mão... medem a altura d'agua na *prumada* e vão acusando o fundo».

«Nesta parte da costa a Carta ingleza é muito omissa em sondas: em duas *prumadas* que se fizeram a cerca de 1,5 milhas da praia... não se encontrou fundo em 20 braças». — *Almanaque Marítimo* (1903).

púcaro, alcatruz de folha, em certos engenhos de tirar água. «Engenhos com importantes melhoramentos... O cadeado não se desarranja e aos *púcaros* não se lhe desligam as costuras». — *O Beirão* [Mangualde], de 5 de Abril de 1908.

pulo, larva da abelha. «Logo que a larva ou *pulo*, na linguagem popular... — Eduardo Sequeira. *As Abelhas*, 40.

No concelho de Moncorvo dizem que o «*pulo* é verde quando as larvas estão apenas nascidas e *maduro* quando as larvas estão a transformar-se em chrysalidas» — *Ibidem*, 198.

puxavante, pequeno ferro de calafate para tirar a estopa velha das costuras da embarcação.

puxar. Este verbo com a preposição

por emprega-se no Minho no sentido de «implicar, contender, provocar». «*Noun puxes por* mim que já num 'stou hó».

... talvez os pequenos gandulos tivessem mais respeito e não continuassem a *puxar por* quem passa». — *Vida Nova* [Viana], 2 de Setembro de 1908.

Q

quartelada. V. manilha. «As amarras são... divididas em 8 *quarteladas* de 15 braças». — Braz de Oliveira. *Ap. e Man. de Navios*, 119.

quedar, frisar, ondear, dar *queda* ou quebra ao cabelo; no Minho.

Ferro-de-quedar é o «ferro-de-frisar».

quer não! É formulêta popular que, na linguagem minhota, antecede e realça uma afirmativa, uma dúvida, uma reprovação ou censura, como resposta perentória a qualquer objecção.

Empregou-a Camilo na *Brazileira de Prazins*, 55: «*Quer não*... foi má mulher que deixou assim os filhos...» E a pag. 33 do *Ensebio Macario*: «*Quer não*: se vossês me não deixam ir fazer-lhe as sustâncias, vou-me embora».

O sr. Júlio Moreira analisando esta expressão a pag. 163 dos *Estudos da Língua Portuguesa*, encontra-lhe valor equivalente na forma *que não*, que vem nos *Autos*, de Prestes, a qual explica por uma oração elíptica dependente de outra: «digo ou entendendo que não é assim», etc. «*Quer não*, supõe o erudito e saudoso professor, será uma transformação de *que não* devido a ter-se obliterado no espírito do povo o sentido da expressão primitiva, havendo talvez concorrido para essa transformação frases como *quer sim quer não?*»

Quer sim quer não é expressão conhecida na linguagem popular, equivalendo a «quer isto aconteça ou não»,

«*quer* (digas) *sim*, *quer* (digas) *não*», etc. No caso sujeito, em que a objecção vem contrariar a opinião do contendor, toma-se, a meu ver, a negativa para dar realce á opposição expressa na frase seguinte; *quer não*, i-é, «embora digas o contrário; ainda que julgues não ser assim».

No *Auto dos Cantarinhos* empregou Prestes esta formula:

«*Mac*. Vae-se já?
João. St. vai.
Mac. *Quer não!*
Ida de João Gomes seja».

Outras expressões sincopadas, usadas no Minho, fortalecem este conceito: *Com'assim* equivale á expressão popular *assim como* (coma) *assim*. [*Assim com'assim* estou perdido...» — Camilo. *Braz. Prazins*, 196]; e *assim...* corresponde á locução *assim e assim*, i-é, «sofrivelmente, nem bem nem mal».

R

rabadilha, nádegas; e também «fim, extremo». Na Beira-Alta.

rabeiras; rabagem; rabêto. *Rabeiras*, na Beira-Alta [arredores de S. Pedro-do-Sul] são os «restos de qualquer coisa» e mais especialmente «pequena divida» ou «importância insignificante». Mais usado, neste sentido o diminutivo *rabeiritas*.

No Vale-do-Cóina chamam *rabage[n]* aos *stratus*.

rabêto diz-se, na mesma região, do animal a que cortaram o rabo. «Cão *rabêto*».

racha. V. Revista Lusitana, XIV, 165. «... levou um naco de brôa e uma *racha* de bacalhau...» — Bento Moreno. *Comédia do Campo*, III, 98.

rachão, em tanoaria, é a folha de espessura desigual que se separa de uma aduela em grosso, rachando-a em comprimento. Os *rachões* dão aduelas menores para vasilhas de

pouca capacidade. «Vendem-se todos os materiaes para todo o vazilhame, como seja: aduellas e fundos... *ra-chões* e serradura...» — *O Século*, de 22 de Maio de 1911.

rapão, o mesmo que «caruma» = folhas secas de pinheiros, que se apanham com ancinhos, nos pinhais; em Azeitão.

rapaz, rapazinho, é o *petim* ou «rosca» pequena; em Viana-do-Castelo.

Cp. *lacaio pequeno*, que era o «micho de 5 rs.», segundo Moraes, no *Proc. da Ling. Port.*, s. v. **micho**.

Nos *Textos Archaicos* (2.^a ed., 98) o sr. Dr. Leite de Vasconcelos emparelha a definição de Moraes: «*micho de 5 rs.*», tanto vale como *lacaio pequeno* ao lado de determinadas expressões antigas de comparação, que depreciam o objecto comparado.

Julgo que neste ponto se deve atender apenas à determinação de uma equivalência de sentido estabelecida por Moraes: «tanto vale», i.é., «equi-vale a», ou «querer dizer o mesmo que».

¿Não será o *rapaz* ou *rapazinho*, do Minho, uma variante no sentido de *lacaio pequeno*, dentro da mesma relação ideológica?

rapôsa, rapôso. *Raposa* tem vários significados a bordo. Assim chamam a um pedaço de madeira grossa, de forma oval, que se suspende por um cabo á borda para receber a unha da âncora, de forma que, ao alar, esta não roce no costado. Vai-se alando a *raposa* á medida que a âncora vai subindo. Chama-se a esta operação *trazer o ferro á raposa*. (V. *Código Internacional de Sinais*, 286).

raposas são também os madeiros sobre os quais assentam as abitas do molinete.

A uma pequena âncora presa por meio de corrente á cruz do «ferro da roça» e que auxilia este, para o navio não

garrar (v.), chamam também *raposa*.

Por *repousa*, de *repousar*, em todos os sentidos dados.

rabo-de-raposa é uma alça comprida de cabo, de forma especial, de vários usos a bordo.

Em Trás-os-Montes chamam *raposa* ao «garavato»: pau com que se colhe a fruta.

raposo, v. **talha**.

rascada, tratantada; no Minho.

rebicar, cortar aos bicos, o mesmo que «esbicar» (v. **bico**) «... compondo-lhe o lençol *rebicado*...» — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 128.

rebôjo. O *Novo Dicionário* regista esta palavra como brasileirismo, significando: «curva formada pela queda das cachoeiras; desvio ou redemoinho de vento».

Do *Almanaque Marítimo*, para 1903, deduz-se uma outra acepção: «O desembarque ao norte do Forte, [na ilha do Pessegueiro] no continente, nem sempre é possível quando ha mar de travessia; conquanto a ilha abrigue muito, formam-se *rebôjos* de agua que podem pôr em risco as embarcações», (pag. 47).

recadeira, reprimenda, ralho; não só no Minho mas também em Trás-os-Montes [Freixo-de-Espada-á-Cinta].

rechinar. «... conservava o espeto sobre o brazido, a *rechinar*, a lourejar...» — Camilo, *Brazileira de Pruzins*, 74.

É termo onomatopáico, usado na lingua espanhola. Cp. **rijar** e **chisnar** (V. *Rev. Lus.*, XIV, 152, 156).

reclame, reclamo. O *Novo Dicionário (Supl.)* dá o primeiro destes vocábulos na acepção de «buraco por onde passa uma corda, no alto dos mastros dos barcos rabêlos do Doiro».

Nas embarcações de latino, do Tejo, *reclamos* são «calços de madeira rija, com uma goivadura, que entram em um gorne aberto no topo dos mastros, servindo para gornir a estaga

da verga». Também os usam os barcos de velas latinas do Sado e provavelmente de outras partes.

No *Apparelho e Manobra de Navios*, pag. 36, diz-se que «*Escoteiras, bonéas, tamancas, reclamo* [nos navios]... são disposições especiaes de rodas de moitão ou cadernal em varios logares do navio, para facilidade de manobra».

redenho, ancinho (=incinho, encinho), [branqueta]. *Redenho*, no litoral minhoto, é uma espécie de saco de rêde, com aro, fixo na extremidade de uma vara comprida servindo para o *amanho* ou apanha do sargaço nas aguas do mar. Para o mesmo fim usam também o *ancinho*, a que chamam *encinho* ou *incinho*, utensilio de compridos dentes de urze, geralmente, e grande caho, com que arrastam as algas.

[O termo *amanho* equivalendo a «apanha, recolha», refere-se a Espôsende. O meu amável informador desta localidade ilustra a sua comunicação com o seguinte esclarecimento: «Os nossos *sargaceiros* usam uma roupa especial para este fim, chamada *branqueta*, que se semelha a um casaco antigo que chega até os joelhos, sendo apertada na cintura por uma larga correia de couro. Quando vão ao sargaço só levam aquillo em cima do corpo e nada mais. Esse traje é feito de branqueta bastante grossa, tudo lã ou *lão* [pron. minh. *lão*] e muitas dellas, as dos rapazes novos, com bordados a linha de marcar nos canhões das mangas e nos do pescoço e peito».

Assim é também para os lados de Anha (Viana). Na *Democracia do Norte*, de 24 de Agosto de 1911, vem a fotogravura de um sargaceiro com a sua *branqueta*. Acompanha-a uma descrição deste tipo varonil, de que destaco o seguinte trecho: «quando se lança, na sua fragil embarcação, a percorrer a costa ao embate da res-

saca furiosa, cobre-lhe o corpo uma espécie de sobre-casaca de lã grossa e forte, a que dão o nome de *branqueta*. Uma carapuça vermelha cobre-lhe a nuca e as orelhas».]

redenheiro, ancinho (= encinho, incinho). São dois termos usados no litoral minhoto para designar os individuos que se empregam na apanha do sargaço com o *redenho* ou com o *ancinho*, distinguindo-os da designação geral de *sargaceiros*.

Na *Vida Nova* (Viana), de 30 de Julho de 1912, lê-se: «Soubemos que esta medida foi promulgada em vista da reclamação dos *ancinheiros* de Espôsende o haverem pedido, por se darem ali conflitos entre os *ancinheiros* e *redenheiros*.

O povo diz: *encinhoiro, incinhoiro*.

relambório, de mau aspecto, adocentado; no Vale-do-Côina.

relheira, rilheira. No Vale-do-Côina ouvi chamar *relheira* ou *rilheira* ao conjunto de dois *rails*, sistema Decauville, unidos por travessas de ferro. Talvez por analogia com *relheira*: «sulco que as rodas do carro deixam na terra» (*Novo Dicionário*). ? Ou influência do espanhol *riellera*, de *riel*?

remelento, o mesmo que «reme-losa»; em Viana-do-Castelo.

remoucha. Assim chamam à sardinha salgada em Formariz (Parêdes-de-Coura).

remijar, remijo. *Remijar* por «re-sumar, gotejar, pingar, cair em gotas ou em fio (a água)», dizem no Vale-do-Côina. *Remijo* é um substantivo post-verbal.

repalinha. *A repalinha.* ... não lhe seria difficil topar com tudo isto... alli pelos lugares de Riba-Âgueda, que são como farrapos dessa alma atirados à *repallinha*! — Adolfo Portela. *Âgueda*.

repuxo, varão de ferro que entra no furo de uma cavilha, pelo lado opo-

to à cabeça, fazendo-a sair da madeira.

resabi(-se), resabiado. Segundo Moraes, «besta *resabiada*» é o «animal que tem manha, espantadiço». Diz-se hoje ainda, em equitação, que «*se resabiou* ou *rasabiou* o cavalo que perdeu o ensino e dá mostras de indomável».

resgalha, é um diminutivo depreciativo de «rés», usado no Alentejo. «...com algum pedaço de carne de ovelha magra e negra — *resgalhas* que no inverno haviam morrido de lazeira...» — Ernesto de Carvalho, *Contos Alentejanos*, 73.

ræssada, o mesmo que *rèssa* = «rés-tea de sol; calor excessivo». Em Viana-do-Castelo.

resto, rêstito, pequena quantia, geralmente constituindo uma dívida. Na Beira-Alta.

retambana, reprimenda, ralho; em Ilhavo.

retanchar. O *Novo Dicionário* dá a este verbo a acepção de «substituir (o bacêllo) por outro». No Vale-do-Côina a acepção é mais vasta pois se não refere só aos bacellos mas também a qualquer planta. «*Retanchar* feijão, milho, trigo, etc.»

Metátese de *rechanlar*, de *replantar*.

rijão. (V. *Revista Lusitana*, XIV, 166) «...os torresmos, a que chamam *rijões*, são os pedaços de unto derretidos na panella, e que já deixam menos apurados ou derretidos, para melhor se poderem comer». [Em Miranda do Doiro] — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 127.

rincão. O *Novo Dicionário* define este termo, em primeira acepção, como «estria que o navalhão abre na peça de artilharia». É, em geral, qualquer estria produzida em uma peça de metal, quer acidentalmente, quer em virtude de uma fricção prolongada. «...é necessário porêr lubrificar esta chapa constantemente com óleo, de maneira a não se pegar

e formar *rincões* no material». — *Manual do Torneiro Mechanico*, 85.

Cp. o esp. *rincon*.

rioste, cordão de linha entrançada; no Minho.

ripa, ripe, ripo, ripar, ripada, ripeira, ripeiro. «*Ripar* a azeitona» é apanha-la puxando-a com a mão ou com o *ripo*; em Trás-os-Montes, pelo menos. Num relatório de Oliveira Feijão apresentado na Associação Central de Agricultura Portuguesa, e transcrito no n.º 630 da *Gazeta das Aldeias*, lê-se: «Uso pentes com um pequeno cabo que servem para *ripar* os ramos...» São estes pentes que se chamam *ripos*. «O *ripo* deve ser de madeira leve e resistente...» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 641.

Uma outra acepção de *ripo* é a de «pente de dentes altos que serve para ripar o linho». «A colheita [do linho] é feita à mão arrancando os pés às *manadas*¹ que... são logo levadas ao *ripo* (um grande pente) para fazer a separação...» — Rodrigues de Moraes. *Gazeta das Aldeias*, n.º 687. *ripar*, na acepção de «tirar, puxar com força», talvez assimilação de *rapar*, do lat. *rapere*, pertence à linguagem popular e empregou-o Antonio Prestes no *Auto do Procurador*:

«Diz que o que eu hei de herdar nem é justa deixar, que é meu de legitimo, que ha de vir um dom demonio e *ripar*-m'o a meu pesar».

No Minho (Viana), *ripar* a chula é separar-lhe as fibras com o *ripo* ou *ripeira*: «um pedaço de cana ou tubo de lata com orifícios».

O acto ou efeito de *ripar* (o linho) chama-se *ripa*, no Minho. Cp. *pisa* (v.), *debulha*, etc. «Fazer um *ripa*». «A

¹ V. *Rev. Lusitana*, XIV, 166.

ripa da azeitona à mão... — *Gazeta das Aldeias*, n.º 641.

ripeira, na Beira-Alta, é o mesmo que *ripa* = haste delgada de madeira, a que no Minho chamam também *ripe* ¹.

Em Lisboa dizem *ripada* equivalendo a «chicotada», e, em sentido figurado, a «descomponenda, repreensão violenta».

Na *Aurora do Lima*, de 9 de Outubro de 1907, vem o seguinte informe: «*Ripar* o cavalo é dar-lhe com o *ripeiro* (chicote), chicotear. — Porto, Oliveira de Azemeis».

robalête. Nas *Apostilas* (II, 369) regista-se esta palavra, sem definição, documentada com um excerto do *Século*, de 28 de Outubro de 1901: «junto desta [a popa] tem o costado do barco uma saliência de ferro chamada *robalête*».

O texto é insuficiente. *Robalête* é uma faxa de ferro cravada ao longo do costado da embarcação, um pouco acima do *encolamento* (v.), em sentido perpendicular ao plano da quilha, servindo para atenuar o balanço de bombordo a estibordo.

Usado geralmente nos barcos a vapor.

roça. A locução adv. *à roça* refere-se, como diz o *Novo Dicionário*, às âncoras postas de prevenções para se lançarem rapidamente à água, sendo preciso ».

À âncora nestas condições dá-se o nome de «ferro-da-roça». V. **ferro.** *Ferro-da-roça* é qualquer âncora, logo que esteja emalhada, i. é, ligada à corrente de amarração e pendente ou não da borda.

Eis abonações dos dois casos: «Deve haver todo o empenho em revistar a

amarração e em ter sempre prompto um ferro *à roça*. — Enquanto o *ferro da roça* não se larga para o fundo ha tempo de sobra para abalroar...»

— *Ap. e Man. de Navios*, 134.

rôço, roçar. No Alto-Minho *rôço* é o mato, o mato bravio dos montes. *Roçar* é «cortar mato».

rôdo. Parece-me muito restrita a aceção em que o *Novo Dicionário* toma esta palavra: «utensílio de madeira, do feitio aproximado de uma enxada e que serve para ajuntar o sal nas marinhas e o cereal nas eiras». No *Suplemento* acrescenta: «utensílio de madeira com que se puxa a cinza do forno; utensílio análogo, pára, em certas mêsas de jogo, aproximar e recolher o dinheiro».

O *rôdo* é um utensílio de limpeza, como a pá e o ancinho, com diversas aplicações. Já na *Crónica do Infante Santo D. Fernando*, se fala nestes *rodos* de limpeza: «E logo lhe meterom na mão hũa vassoura, e hũa alcofa, e hũu rôdo, e começou de varer e alimpar as bestas destrabaria que estavam aprisoadas por aquela orte a redor».

Para puxar as cinzas dos cinzeiros das caldeiras de vapor empregam-se *rôdos* de ferro e nos próprios fogões de casa ha pequenos rôdos de ferro para limpeza das grelhas.

A bordo dos navios bacalhoeiros usa-se um delgado cabo de pita, servindo especialmente para amarras dos *dorries* (v. **jaja**, nota 1), a que chamam *rôdo*, por corrupção do ingl. *road* na aceção de «amarra» ².

Na Beira-Alta e em Ilhavo, *rôdo* é o mesmo que «circunferência». «Uma

¹ «Ambas as formas [*liby, libe* = *tibo*], os advérbios *longe, toste, a meide*, e os substantivos arcaicos e dialectaes em *-e*, onde se devia esperar *-o*, merecem exame». — D. Carolina de Vasconcelos. *Revista Lusitana*, xii, 349.

² *Rôdo* na aceção de «corda delgada» vai já sendo conhecido pela Beira-Alta porque muitos *ratinhos* que de lá veem todos os anos trabalhar na seca e preparação do bacalhau nas feitorias do Seixal e Vale-do-Coima para lá levaram o vocábulo ha mais de vinte anos.

arvore de mais de sete palmos de *rodo*». Neste mesmo sentido é usado vulgarmente em náutica: «As pernadas de vante são menores, e proporcionadas ao rodo do cesto de gavoa, que assenta sobre os vaus». — *Ap. e Man. de Navios*, 20.

rolar, á rola. No *Suplemento* insere o *Nôvo Diccionario* a locução *andar á rola* como usada em Aveiro no sentido de «andar á mercê das ondas (falando-se da bateira)». Julgo que a expressão é de uso geral na linguagem marítima, porque a tenho ouvido muitas vezes a vários marinheiros.

Refere-se a qualquer embarcação que boia sem governo, desprendida da amarração. Dizem *andar* ou *ir á rola*. Por extensão, assim falam de qualquer objecto que vai flutuando ao sabor das águas e, com maior latitude, de qualquer coisa que se deixa andar ao abandono.

Diz-se que *rola* a embarcação que, pela disposição plana ou quâse plana do fundo, navegando, descai muito para sotavento.

roqueira. «...atirando foguetes que nos Açores se denominam *roqueiras*...» — Florencio Terra, in *Illustração Portuguesa*, n.º 75.

roquinha. «Frisamos já, n'um dos nossos artigos anteriores, o perigo das tão vulgares, mas bem perniciosas *roquinhas*, que devem ser portas de parte por completo, pois as mães julgam dar assim allivio a seus filhos, quando lhes dóe a gengiva, mas afinal o emprego das *roquinhas* serve para maguar a gengiva, além de outros estragos que pode produzir». — *O Seculo*, 29 de Novembro de 1912.

rosca. «A *rôsc*a ou caruncho que é uma espécie de insecto parasita que corroe principalmente as velhas madeiras...» — *Construção Naval*, II, 4. Em Viana-do-Castelo *rosca* é um pão torcido e em forma de argola. Ha de vários tamanhos. Aos *folares* ou *fo-*

lares-da-Páscoa, que são torcidos e teem a forma de um U, também, chamam *rosca*s. *Rosca-de-pão-de-ló* é o *bate* ou *pão-de-ló redondo*.

[Ao pão torcido e sobre o comprido, a que em Lisboa chamam *rosca*, dão em Viana o nome de *petim*. (V. *Rev. Lus.*, XIV, 163)].

rostemanga = rastumenga, restumenga; trevêzes. Nas *Apos-tilas* (II, 366) regista-se *restumenga*, ou *rastumenga*: «peixe meúdo que o pescador vende para comprar os adubos e preparos para fazer a *caldeirada*, e que, como esta e a *caruada*, ou «isco para nova pesca», é isento do imposto de pescado.

No Seixal, *rostemanga* é o «peixe muito meúdo que fica nas rédes depois de tirado o mais aproveitável para a venda».

Tambem lhe chamam *trevêzes*.

rouca. «Em Elvas andam pelas ruas com uma pelle de carneiro atada ao gargallo de uma bilha [pelo Natal], a que lá chamam *rouca*, e batendo na pelle com um pau vão tirando sons que fazem o dito verdadeiro». — J. Cesar Machado. *A Larri-ra*, 38.

roupa-velha, guisado dos sobejos de carnes, hortaliças, etc.; em Viana-do-Castelo. Cp. o esp. *ropa-vieja* = «guisado de carne cocida y sobran-te». (Toro e Gomez) ¹

S

saím. Na *Rev. Lusitana*, XIV, 166 registarei *saím* na acepção de «graxa, gordura das sardinhas, usada geralmente nas candeias». É corrente no litoral minhoto.

V. o erudito estudo de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos sobre **saím**

¹ *Nuevo Diccionario Enciclopédico Ilustrado de la Lengua Castellana*. Paris, 1906.

e seus compostos ou derivados, na *Rev. Lusitana*, XIII, 376.

salagarta = **salargata**, lagartixa: em Viana-do-Castelo.

salão, argila dos parcéis do Tejo.

De *sal*? Ou assimilação de *solão*, de *solo*?

salto, elevação do convés, á ré do navio. Diz-se que um navio «tem salto» em oposição ao que é de *convés corrido*.

sâmago, samo. Na *Revista Lusitana*, XIII, 250, num erudito artigo sobre *ânago*, diz a ilustre romanista D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos que o vocábulo *sâmago* se emprega na Galiza como sinónimo de «alburno» e «sabugo»: «parte branda do interior das madeiras».

Verifiquei que os nossos dicionários não registam esta palavra que é também portuguesa, na mesma acepção. «O lenho compõe-se de duas partes — uma pouco consistente, adjacente ao *liber*, de côr geralmente mais clara que a das camadas do centro, é o *alburno* ou *sâmago*...» — *Construção Naval*, II, 2.

Sâmago, samo ou *samo* chamam os pescadores de bacalhau a uma parte do peixe que julgo ser a «bexiga natatória».

sanca, em construção naval, é a parte do corrimão da borda de um navio que sai fora do talabardão, e, em geral, qualquer «friso ou verdugo»; o mesmo que *sanca*.

san-miguel; san-martinho. Pelo S. Miguel (fins de Setembro e começos de Outubro) vem, com as colheitas, a época da abundância e da riqueza do agricultor. Daí o dizer-se no Minho e na Beira-Alta *san-miguel* no sentido de «abundância, fartura», como em Lisboa se diz *san-martinho*. «Os cocheiros e os *chanfleurs* tiveram o seu S. Martinho, tres dias depois do verdadeiro, recebendo alugueis exaggerados e andando n'uma constante faina, que se

prolongou por toda a noite». — *O Século*, 15 de Novembro de 1910.

saraiveiro, o mesmo que «saraivada, granizo, chuva»; na Beira-Alta.

saramela, o mesmo que *salamântiga* = «salamandra»; em Viana-do-Castelo.

Dizer sapos e saramelas é o mesmo que «dizer cobras e lagartos». Em *O Povo* (Viana), de 20 de Junho de 1912 leio a seguinte variante: «O beaterio affirmou também que as mulheres dos eleitores republicanos *fazião sapos e saramellas*».

V. **seramela**.

sarrafo, carne dos quartos inferiores da vitela, na nomenclatura dos talhos, em Lisboa.

Na gravura elucidativa, sub. voc. *Li-tella*, do *Diccionario Pratico* (Séguier), vem indicada a posição do *sarrafo*, embora nas acepções deste termo não ocorra o significado correspondente.

sarrêta, o mesmo que «fasquia», em certos casos; em carpintaria naval. De *sarrar*, por *serrar*. Cp. *sarrafo*. *sarrêtas* de uma embarcação de pequeno lote são as fasquias que travam interiormente as cavernas á altura dos paneiros e das bancadas.

sarrêtas das vergas dos navios, são as que se pregam a todo o comprimento das mesmas vergas para suporte dos *olhais* (v.) dos vergueiros.

O *Novo Dicionário (Supl.)* regista «*salretas* (prov. alg.). Diz-se que vai cheio até ás *salretas* o barco cuja carregação se eleva acima dos bancos». É provavelmente deturpação de *sarrêtas* no sentido aqui apontado em segundo lugar.

seinx (= **seixa**). Variedade de cogumelo pequeno, amarelado e redondo; na Beira-Alta.

Talvez *seixa*, fem. anómalo de *seixo*. Cp. a pron. beir. *feinto, feito* = *feto*.

segundar-terceirar. *Segundar*, de *segundo*, em vez de *secundar* que é forma culta, lat. *secundare*. Por

analogia de derivação o povo do Minho diz também *terceirar* = «fazer pela terceira vez».

segura, segure. É uma espécie de enxó de cabo comprido e lâmina larga com que os taneiros desbastam as aduelas. Vem registado nos dicionários.

No Brasil o vocábulo *segure* tem acção diferente, como se depreende dos seguintes versos de Gonçalves Dias em *Os Timbiras*, citados no vol. I da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, pag. 234:

«Talvez o lenhador quando acomete
O tronco d'alto cedro corpulento.
Vem-lhe tingido o fio da *segure*
De puro mel que abelhas fabricaram.»

Cp. o esp. *secur*. Do lat. *securis*.

seramela, o mesmo que «salaman-tiga»; em Braga... a salamandra, que o povo... conhece pelo nome de *seramella*... — *Gazeta das Aldeias*, n.º 727.

V. **saramela.**

sereia, é uma disposição de turbinas, acionadas pelo vapor de água, produzindo um som forte e prolongado, que, em alguns barcos de carreiras, substitue o apito.

No decreto de 30 de Outubro de 1896 sobre as *Regras para evitar abalroamentos no mar*, vem expresso no artigo 15: «Os navios de vapor devem ter um apito de som forte ou *sereia*...»

É tradução do fr. *sirène*.

serra, no Algarve é o mesmo que «média» ou «pilha», conforme se refere a «palha» ou «sal». «Vendem-se duas *serras de palha* em Cacella». — *O Heraldo* (Tavira), 4 de Outubro de 1908.

serra de sal também se diz nas marinhãs do Tejo.

serrim, serradura de madeira; em Viana-do-Castelo.

setia. *Prego de setia* é uma variedade de prego de tamanho médio entre

o «de fasquiado» e «de meia geleita».

V. os catálogos das fabricas de pregos, de Lisboa.

sobrebojo, em tanoaria, é o arco que fica mais próximo do bojo, nas vasilhas.

sobressano. O *Novo Dicionario* define este termo da seguinte forma: «(naut.) parte do costado do navio abaixo do nível da água».

Houve evidentemente insuficiência de informação, de que resultou esta definição vaga que não esclarece a dúvida ao consulente porque, desde a linha de água até a quilha, o costado do navio tem nomenclatura variada em relação às suas formas, e justamente «sob a quilha», na parte mais calada do navio, que está o *sobressano*. O *sobressano* é uma «comprida prancha de madeira que forra inferiormente a quilha em todo o seu comprimento, servindo-lhe de resguardo». Também lhe chamam *falsa quilha* «*Sobressano* ou *falsa quilha* é uma prancha de madeira ligeiramente pregada á quilha pela sua face inferior e destinada a servir-lhe de protecção». — *Construcção Naval*, I, 5.

solada. auxilio que um carro presta a outro, por meio de uma corda. Em Carvalhos. (Gaia).

solaria, assim se denominam, não sei se geralmente entre sapateiros, o conjunto das duas solas do calçado. No *Democrata* (Aveiro) de 28 de Março de 1908, vem o seguinte anúncio: «Especialidade em calçado de vitella com *solaria* de anta e borracha».

sombreirêtes, recortes ou dentes que formam o palhetão da chave, nas fechaduras de *catxêtas* (V.), correspondendo à disposição das molas interiores.

sorte, o mesmo que «leira» ou «geira»; no Minho e Beira Alta (arredores de S. Pedro-do-Sul). «Uma leira ou *sorte* de quatro e pinheiros no sítio de Bus-

de geira de.

tello..» — *Aurora do Lima*, 6 de Abril de 1908.

A *sorte* é uma parte de campo proveniente de divisão, em geral devida a inventário. Uma terra dá tantas *sortes* quantos os herdeiros.

suã. [O aforismo «osso da *suã*, // barba untada, barriga em vão», que registei na *Revista Lusitana*, XIV, 167, como dos Arcos-de-Vale-de-Vez, é também conhecido em Viana].

sumetidinho. acanhado, tímido, e também «raquitico»; falando-se de crianças, especialmente.

No Minho.

surêlo, chinelo velho; em Viana-do-Castelo.

sobreposta, pedaço de madeira que se *sobre põe* às tábuas do convés ou do costado do navio, para as fortalecer em determinados pontos.

solecar; solecal. *Solecar*, na linguagem marítima, é «aliviar gradualmente as voltas de um cabo excessivamente tenso». «... fecha-se o mordedouro do escovem para se poderem *solecar* as voltas na abita». — *Ap. e Man. de Navios*, 135.

soleca! é voz que manda afrouxar cautelosamente as voltas de um cabo retezado; a bordo.

Talvez do fr. *soulever*, imperativo de *soulever*.

sutrão, mulher gorda e desajeitada; marafona. No Minho.

tacuela, joelheira, i-é, caixa de madeira em que se ajoelha quem anda lavando soalhos; em Freixo-de-Espada-à-Cinta. O *Novo Dicionário* regista no mesmo sentido *tacoila*, como «(prov.{incialismo})».

Cp. o esp. *tajuelo*: «banquillo rústico que serve para assiento de uma pessoa» (Rod.-Navas).

taine, tainar. *Taine* é, no Minho (Viana) a «pagodeira», bródio, co-mezaina alegre e festiva. Daí *tainar*, «pagodar, petiscar alegremente, em agradável convívio». «Imensas famílias, deitadas pela erva, dor-

mem, conversam e *tainam*». — *Folha de Viana*, 28 de Dezembro de 1911.

talabarte, fabricante e vendedor de arcos de madeira para vasilhame; em Lisboa.

talha, talhar. Nas povoações do Vale-do-Cóina, pelo menos, *talha* é uma medida de quantidade determinada para as transações de mato, palha e rama-de-pinheiro. Assim, uma *talha* de mato tem 50 molhos, uma *talha* de palha 15 molhos e uma *talha* de rama 60 molhos.

Para o *mateiro*, que é o trabalhador que enfeixa os molhos, a *talha* tem mais um molho a que chamam *rapôso*. O *rapôso*, como unidade excedente de cada *talha*, fica de parte, servindo no final para a contagem do trabalho produzido, sem direito a remuneração como mão-de-obra.

O antigo sistema de contagem por *talhas*, para grandes quantidades, correspondendo aquelas a quantidades fixas determinadas, geralmente de dez, ainda hoje é seguido em vários pontos do país, como o Minho, Vale-do-Cóina, etc. Usa-se também na prática dos embarques, nos navios mercantes.

A cada *talha* ou quantidade convencional corresponde um traço, feito geralmente a giz em uma tábua.

Talhar é riscar ou traçar as *talhas*.

V. pareia, pareia.

tamalavez - tam-a-la-vez. O *Novo Dicionário* regista esta locução adverbial antiga, na primeira forma, dando-lhe o sentido de «um tanto; de algum modo», com citação de vários textos clássicos.

O sr. Gonçalves Viana no seu *Vocabulário ortográfico e remissivo da língua portuguesa*, insere-a também, separando-a nos seus elementos: *tam-a-la-vez* e repetindo a nota de «(ant.{iga})».

Ouve-se ainda, na acepção indicada, no Vale-do-Cóina (Santo-Antonio-da-Charneca). Uma das pessoas de lá,

que a empregou diante de mim, foi um pedreiro, dizendo-me que a manilha de um cano de esgoto que tinha de colocar, em substituição de outra quebrada, «cobria *tam*[-]a-la-vez» a seguinte, por ser curta. Outra, um trabalhador rural, a quem eu disse que seria conveniente fortalecer uma passagem de areia solta com uma grossa camada de *salão* (v.) explicou-me que bastaria uma pequena quantidade «*tam*[-]a-la-vez como um dedo [de espessura]».

tardeiro, em oposição a *cedreiro* (v.), «Marés *tardeiras* são aquelas cujo preamar se efectua depois do meio-dia.

tarugo, na Beira-Alta, é o mesmo que «esbirro», i-é, espreque no travejamento de uma casa para agüentar ou forçar um madeiro.

temperado. Em calão de casas-de-pasto de baixa ordem, *meio-temperado* é um cozimento de feijão com couves, adubado com azeite e vinagre. Em Lisboa.

temperar. Em Felgueiras (Moncorvo), *temperar a colúcia* é tirar ou dar caça aos zangãos quando se tornam prejudiciais à colónia.

V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 108.

terno. A despeito da etimologia, «o distributivo lat. *terni*—, *terno* no Vale-do-Côina quer dizer: «grupo de trabalhadores dirigido por um maioral ou capataz, geralmente nos trabalhos do campo.

Julgo que esta acepção não é privativa do local em que a colhi mas que para lá iria do Alentejo.

terra. *Capitão-de-terra* é o oficial de marinha mercante, desembarcado, que superintende no aprestamento, cargas e movimento comercial dos navios de uma empresa armadora. «O *capitão-de-terra*. Gonçalves, a quem hontem alludimos, velu á *Capital* dizer-nos que nunca foi monarchico *enragé*...»—*A Capital*, 12 de Novembro de 1910.

arráis-de-terra é o arráis com atribuições idênticas, sobre fragatas de carga.

Ambos na linguagem marítima, em Lisboa.

terrágido. *Meter terrágido*, comover, causar espanto; em Carvalhos (Gaia).

tesura, aprumo, validade, empatia; na linguagem popular. Estranhou-lhe o tom espevitado, a tarófia, a *tesura*...—Camilo. *Eusebio Macario*.

tibar, tibado. No livro de *Abeitria e Cetraria* usou mestre Giraldo os equivalentes *tibo*, *tiby*, *tibe*, no sentido de «morno», ou talvez temperatura mais elevada, segundo o parecer de D. Carolina de Vasconcelos (V. *Rev. Lusitana*, XIII, 340).

tibo corresponde ao minhoto *tibado*. «Água *tibada*» é a «água tépida» ou «quebrada da friura»¹.

Na *Rev. Lusitana*, XIV, 167 registei *tibar* «misturar água quente e água fria», i-é, «amornar».

Renovo o registo deste verbo e lembro o adjectivo *tibado* em face desta observação da ilustre romanista (*Rev. Lus.*, XIII, 340): «[*morno*] que é hoje o único termo usado pelo povo; correspondente do francês *morne*, prov. *morn*, *Morne* (respectivamente *borne*) na Galiza, enquanto aqui foi e é *morno* (respectivamente *bornu*), *lauccarn*».

tinça. *A tinça de*, no Alto-Minho, equivale a «não obstante; apesar de».

tin zenête, mascarra, laivo de sujidade, mancha, nódoa; em Freixo-de-Espada-à-Cinta.

tinha, é a lagarta de uma espécie de borboleta que ataca as colmeias, devorando a cera dos favos. Chamam-lhe também *traça*. «As *tinhas* que mais em especial damnificam a cera dos favos da nossa abelha são as lagartas de duas borboletas vulgares entre nós, a *Galleria cerella* e a *Gat-*

¹ Em mestre Giraldo: «auga *tiba*».

leria alvearia... — Ed. Sequeira. *Gazeta das Aldeias*, n.º 607.

No n.º 656 da mesma *Gazeta* um consultante de Alvaizere diz *traça* e outro de Cezimbra diz *tinha*, referindo-se ambos á mesma larva.

No Barreiro, Seixal e Vale-do-Cóina tenho ouvido chamar-lhe *tinha*.

tocar, «As grainhas de figos caprificadas ou *locados*, como se diz no Algarve...» — Melo Leote. *Gazeta das Aldeias*, n.º 725.

tolheito, participio antiquado de *tolher*, é ainda usado no Minho, querendo significar o mesmo que «ingerido, tolhido de frio».

tone, maricas, efeminado: tanso. No Minho.

tôneira, aparelho composto de um cilindro de chumbo em cuja extremidade se dispõe uma corôa de anzoës; para a pesca da lula, no Algarve.

torneo. «Pelos sintomas indicados julgo porem ser o torneio ou vágado [no boi]...» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 893.

torno. Nas *Apostilas* (II, 491) apresenta o sr. Gonçalves Viana este termo no sentido de «borbotão», citando uma passagem do Antonio Francisco Cardim nas *Batalhas da Companhia de Jesus*.

Neste mesmo sentido persiste no falar da Beira-Alta (concelho de S. Pedro-do-Sul) e tambem nos Açores, por este excerpto das *Pastoraes do Mosteiro*, de Nunes da Rosa, pag. 84: «de uma barroca coberta de fétos e musgos verdes jorrava cantante um *torno* de agua fresca...».

toro, torar, toragem. *Toro* é um segmento de tronco ou ramo de pinheiro, de comprimento variável entre 5 a 6 palmos, geralmente destinado a combustivel.

Com a febre de devastação que tem aniquilado quâse todo o nosso pobre regime florestal, veio a chamar-se *toro*, por esses pinhais fora, do norte ao sul do país, ao segmento de tronco

de pinheiro com comprimento apropriado ao escoramento de minas.

toragem é o acto ou efeito de *torar*: «cortar *toros*», e tambem colectivo: «porção de *toros*». «A *toragem* ha-de acabar-se esta semana». «A *toragem* embarca amanhã».

No Minho *toro* tambem significa «pedaço de qualquer coisa, geralmente de forma arredondada, cortada em sentido transversal». «*Toro* de pescada, *toro* de carne».

torre, o mesmo que «trapeira, sótão», geralmente o «último andar de uma casa quando a sua frente fica um pouco recuada em relação ao plano da fachada». Em Viana-do-Castelo,

tôrta, o mesmo que *bôla* (v.); em Coimbra. V. *Gaz. das Aldeias*, n.º 737.

torteira, vaso de barro, de muito diâmetro e pouca altura; para ir ao lume. O mesmo que «fregideira».

Em Viana-do-Castelo.

«... pôz a gallinha e o presunto n'uma *torteira* de barro...» — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 99.

trabalheira, muito trabalho, o mesmo que «trabalhão»; no Minho.

trainel, atrinelar, atrinelado.

Trainel ou *atrainelado* é o corte, risco ou disposição diagonais; entre operários de Lisboa. *Atrinelar* é cortar, riscar ou dispôr em sentido diagonal.

tralho, rêde de pesca que se estende de uma a outra margem do rio; na Beira-Alta (conc. de S. Pedro-do-Sul).

trambolhia, lenha de pernas; no Vale-do-Cóina.

trampicalho, o mesmo que «trapicalho»; em Ílhavo.

Nasalção do primeiro *a* por influência da palatal *lh*. Cp. *trampalho* (*Novo Dicc.* [Supl.]) e *choncalho* (*Rev. Lus.* XIV, 153).

tranqueiro, ombreira (da porta); no Minho. *Tranqueiros* são as duas pedras laterais da porta que assentam sobre a «soleira», sustentando

superiormente a «padieira». «O infeliz estava com outros a levantar um *tranqueiro* quando, partindo uma taboa do andaime, se despenhou por tal maneira que, caindo-lhe a pedra que tentavam soerguer, teve uma morte instantanea e horrorosa». — *Aurora do Lima*, 30 de Dezembro de 1910.

No trecho adeante transcrito julguei ver uma outra acepção da mesma palavra mas, pessoa idónea, garante-me que é a mesma: «... pediu auctorisção á camara para mandar construir um *tranqueiro* de ferro para o portão do tribunal judicial desta comarca». — (1) *Povo* (Viana), 1 de Janeiro de 1911.

tremoçar, tremoçagem. «Como me não convem fazer a *tremoçagem* indicada por V... — dará mais 200 kilos de phosphato se não estrumar nem *tremoçar*...» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 694.

A *tremoçagem* consiste na sementeira de um tremoçal que se enterra quando chega á floração, para adubo do terreno.

trempe, é o conjunto de três pedras na lareira, para se acender o lume: em alguns lugares da Beira. «O mesmo escano. A mesma assadeira das castanhas pendente do canisso. A mesma *tempe* de pedra». — Camilo. *Bruxa do Monte Cordova*, 198.

trinca, dentada, pedaço: em Carvalhos (Gaia).

trincado. Em construção naval diz-se que uma embarcação é de «tabuado *trincado*», quando as tábuas do costado se sobrepõem. Este sistema usa-se geralmente na construção de escaletes ou pequenas embarcações de recreio. «O costado pode ser de tabuado *liso* ou *trincado*». — *Construção Naval*, 1, 62.

O «tabuado *trincado*» é *abotoado* (v.) e não pregado.

trincha, cós da saia; em Viana-do-Castelo.

O *Novo Dicionário* dá este termo

nesta acepção como «*pro* {inicialismo} *beir* [ão]».

V. colarête.

tripó. O *Novo Dicionário* regista esta palavra como variante de *tripé*, significando também «espécie de tripeça com assento de coiro».

tripé ou *tripeça*, diz-nos o mesmo dicionário que é um «banco de três pés».

A bordo, porém, chamam *tripó* a um banco de fechar, em forma de tesoura, com quatro pés e assento de lona ou alcatifa. Assim ouvi também chamar a estes bancos em Viana-do-Castelo.

Poderia a analogia das formas dos dois bancos fazer confundir os dois vocabulos que me parecem de origem diversa.

(Cp. o v. fr. *tripaut* no sentido figurado de «barrigudo» [V. *Slappers* 6.277] e *tripière* «mulher gorda e mal feita» [V. *Nouveau Dictionnaire*, do Padre Joseph Marques. Lisboa 1758]).

trôlho, matéria fecal. Por extensão: «obra mal feita» e ainda «rolo de cabelo no alto da cabeça».

Em Viana-do-Castelo.

troncaria, tronqueiro = tranqueiro. *Troncaria* é a «porção ou aglomerado de troncos». Nas estâncias de Lisboa quer dizer troncos de madeiras, úteis em marcenaria, por exemplo. «*Troncaria* de nogueira e amieiro». — Catálogo da Casa J. Lino.

No Vale-do-Côina é a «lenha de troncos».

O *Novo Dicionário* regista *trancaria* no sentido acima indicado, fazendo-o derivar de *tranca*. Julgo que o sentido restricto do étimo não daria ao derivado uma acepção tão diversa, desde que *troncaria* é forma corrente. De *tronco* vejo também *tronqueiro* «aquêle que corta árvores» (*Novo Dic.*) e a que no Vale-do-Côina chamam *tranqueiro*.

tangalha, tanganho, tanganhão,

t(r)angalhão, t(r)angalha-danças, t(r)onga, t(r)ungalhão, (a)t(r)ungalhar. *Tango* ou *tàngano* é, em espanhol, «hueso ó piedra que se pone para el juego de ese nombre» (Rod. — Navas). Do lat. *tango*. Este jogo consiste em colocar sobre um pequeno cilindro de pau ou osso uma ou mais moedas de cobre, esforçando-se os jogadores por as deslocarem, atirando de longe outras moedas ou pedaços arredondados de telha. É o que na Beira chamam *tanganén*.

De *tàngano* vem a locução adverbial cast. *en tanganiillas* que quer dizer «com pouca segurança ou firmeza».

Do tema *tang.*, neste sentido, se formariam determinadas palavras cuja etimologia não está bem averiguada, mas que se aproximam entre si pela relação ideológica.

De facto, a ideia de «mal seguro, trememente, pendente ou pouco firme» liga-se mais ou menos ao sentido de palavras como estas:

tangauho, taramela que, pendendo sobre a mó do moinho, faz tremer a cale e cair o grão pouco a pouco.

tangalho ou *tanganho*, ramo seco e pendente na árvore.

tanganhão, homem de grande estatura (lembrando o *tàngano*).

tangalha, *Trazer a vela à tangalha*, entre os catraeiros do Tejo, é velejar sem *espicha* (v.) na vela quadrangular dos catraios, com a extremidade superior desta solta ao vento ou amarrada ao mastro.

tanganheiro (ant.), preguiçoso, vadio (de «molêza, indolência»).

E as formas com *r* epentético que dão a ideia de «desquilíbrio, desarranjo, etc.», algumas com dissimilação do *a*: *trangalhão*, homem mal vestido (Penedono). V. *Rev. Lus.*, XII.

tronga, mulher mal vestida, gorda e desajeitada; na Beira.

«Durante toda a manhã divertiu-se a observar a tronga da Antonia, an-

dando no preparo do jantar... — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 98.

trungalhona, o mesmo que *tronga*; no Minho.

atrungalhar, fazer qualquer coisa desajeitadamente e à pressa.

vacão, em Coimbra, é o homem do campo, o aldeão rude e boçal.

valga, vale; no Alto-Minho.

ventrilho, é o «cilhão» ou «cilha» dos animais de carga, entre os fabricantes de arreios, em Lisboa.

Na tradução de um romance de Maury na *Vanguarda* de 9 de Julho de 1908 lê-se: «A meio da barriga um *ventrilho*... cingindo o ventre do animal...»

verde. Nas *Apostilas* (II, 532), faz-se uma transcrição do jornal *O Dia*, em que vem este vocábulo no sentido de «pescador que vai pela primeira vez à Terra Nova». É conveniente notar que esta designação se refere aos pescadores de bacalhau. Está em oposição a *maduro* que é o «pescador de bacalhau que fez duas ou mais viagens aos Bancos da Terra Nova».

Na indústria da seca e preparação de bacalhau chama-se «bacalhau verde» o que apenas sofreu as operações de escala, salga e lavagem, por oposição a «bacalhau seco», que é o bacalhau pronto para a venda.

verdurengo, como sinónimo de *verdoengo*, vem registado nas *Apostilas* (II, 533), dando-o o sr. Gonç. Viana como «neologismo, ou termo dialectal do Norte».

Tenho-o ouvido, no mesmo sentido, no Vale-do-Cóina e recordo-me de o surpreender na ling. familiar de Lisboa, há pouco tempo.

verdurengo chamam em Viana ao «indivíduo raquitico, encolhido e de pequena estatura».

verga. Em Paredes-de-Coura diz-se que é *do rabo da verga* a pessoa «de má índole».

vergueiro, varão de ferro que passa pelos olhais das vergas dos navios, servindo para nêle se fixar o gurutil da vela. «Os estribos... são cosidos ao *vergueiro*...» — *Ap. e Man. de Navios*, 74.

verrumeiro, o mesmo que «bataque». V. **corneiro**.

vidro, o mesmo que «frasco»: em Viana-do-Castelo. «Os dias passados, servindo-lhe em geral um *vidro* de ginjas em conserva ao almoço...» — *Collecção de Manuscriptos Ineditos*, III — *Fastigium*, 39.

vidro-de-cheiro, é, em Viana, a «pessoa niquenta, cheia de *não presta*».

vinhateiras, são pedaços de cabo que se prendem de espaço a espaço nos *vergueiros* (v.) servindo para os marinheiros se segurarem quando andam pelo *estribo*. «Enfiadas no vergueiro ha de espaço a espaço pinhas de rosa, *vinhateiras* para a gente se segurar quando sae á verga». — *Ap. e Man. de Navios*, 74.

viradeira, pequena pá de ferro para «virar» o peixe na frigideira; em Ílhavo. Também lhe chamam *forvêta*.

volvedeira (= **bolbedeira**), o mesmo que «espumadeira»; em Freixo-de-Espada-á-Cinta.

De *volher* — revolver, mexer (o cozinhado).

x. *Uma de x* quer dizer «importância minima, em dinheiro», na linguagem popular de todo o país. «Não tenho filhos de que possa tirar *uma de x* com tal expediente». — Camilo. *Servens de S. Miguel de Seide*, VI, 61. «Pode dar os bens ao outro filho que eu não lhe quero *uma de x*». — Camilo. *Braz. de Prazins*, 29.

zagaia, é, no Algarve, um utensílio de pesca que se compoem de um pedaço de chumbo, pisciforme, tendo em uma das extremidades uma corôa de anzóis e na outra um furo em que enfia a linha.

[De ha dois anos para cá, os pescadores portugueses estão adoptando este utensílio, com bom resultado, na pesca do bacalhau, nos Bancos da Terra Nova].

zarambêlho, individuo aleijado, disforme; em Paredes-de-Coura.

zarro, o mesmo que «áspero, rijo, inflexível»; em Ílhavo. Por ext. «mau, irascível, de mau génio (falando-se de pessoas); rigoroso, frio (falando-se do tempo).

zoupeiro, individuo gordo, alentado; «brutamontes».

No Minho.

Setembro a Outubro de 1912.

ÓSCAR DE PRATT.

Tradições populares de Barcellos

I. Romances

1. A devota da Virgem Maria

Um pai tinha uma filha
Que era muito devota
Da Virgem santa Maria;
Tres *rosaios* lhe rezava,
Tres *rosaios* cada dia,
Um era pela manhã,
Outro era ao meio dia,
Outro era á meia noite,
Emquanto seu pai dormia.
Por ella foram chamar
Para uma santa romaria:
— Não, Senhora, não,
Que tal conta não fazia.
Foi chamar seu pai á cama:
— Acorde, meu pai, acorde,
Mas acorde com cortesia.

O pai se alevantou
E seguiu sua jornada
Até á fonte d'agua fria;
Lá *le* appareceu nossa Senhora:
— Quêda aqui, minha devota,
Quêda aqui, devota minha,
Que has de estar aqui
Sete annos e um dia,
Sem ver o sol nem lua,
Nem claridade do dia.

Ô fim dos sete annos
Le appareceu nossa Senhora:
— Como te vai, minha devota,
Como te vai, devota minha?

— Senhora, vai bem,
Que não me par'ceu nem um dia.
— Se tu queres ser casada,
Esposo te arranjará.
— Não, Senhora, não,
Que tal conta não fazia.
— Se tu querias ir *pró* pai,
Eu te levaria.
— Não, Senhora, não,
Elle não me conheceria.
— Se tu querias ir *pró* ceo,
Eu te levaria.
— Sim, Senhora, sim,
Que era o mais que eu pretendia.

Tocaram os sinos do ceo,
Todos com muito alegria,
De sair um corpo santo
Da fonte d'agua fria.

2. Romance da Paixão

Estando eu na minha sala
A fazer oração,
Passou Madanela
E mais S. João:
Elles me perguntaro:
— Vós que fazeis ahí?
Eu cheguei á janella
E já os não vi.
De porta em porta,
De rua em rua,
Jesus da minha alma,
Sem culpa nenhuma.

Este home que vos appareceu,
Que se chama Jesus...

Jesus está na cruz
Com tres cravos encravados,
S. João está ao lado
E a Virgem com tanta dor:
O' meu Deus, ó meu Senhor,
Esta cruz de pau pesado
Que nem sete a levarão...
— Ajuda-me aqui, Simão.
— Sim, senhor, ajudarei,
Quinta feira de Indoeças,
Domingo da *surreição*.

Com sua santa divindade
Correu toda a cidade
C'o grande peso da cruz,
E por o caminho dando luz;
Mas o sol escurecia
E o Filho de Deus morria.
Chorai, olhos; chorai olhos.
Se vos disserem: por quem?
E' por Jesus, nosso bem.
Quem o não quizer crer,
Suba áquelle *citeiro*.
Lá verá a auguinha a regar,
E o seu sangue verdadeiro.
Por uma corre *auga*,
Por outra corre vinho,
E por outra corre sangue
Do seu coração ferido.

Quem esta oração disser
Quatro vezes na quaresma,
Outras quatro no carmaz,
Quatro almas *tirará*
Das penas do Purgatorio:
A primeira será a sua,
A segunda de sua mãe,
A terceira de seu pai,
A quarta dum parente mais chegado.
Amen.

Variante

Estando na serra
Fazendo oração,
Passou Madanela
E mais S. João.
— Que fazeis ahí, Senhora?
Vosso Filho vai alli.
Foi atrás d'elle
De portas em portas,
De ruas em ruas,
Até que chegou á rua da amargura.
Pilatos, Pilatos,
O rei dos Judeus,
Escreveu uma carta
Para os Fariseus
Que prendesse a Christo,
Que morre por nós:
Cabeça sagrada
Coroada de espinhos
E atravessada de juncos marinhos.
Se o não quereis crer,
Assubi áquelle citeiro,
Lá vereis a rua regada
Com seu sangue verdadeiro.
Adiante vai *cruzeiro*
Amarrado á coluna;
Se vós sois a madre sua,
Mais adiante não vades.
O home que vós buscais,
Eu vos darei sinais:
E' Jesus que está na cruz
Com tres cravos encravados.
S. João que está ao lado.
O' Virgem com tanta dor,
O' meu Deus, ó meu Senhor,
Que as costas levais abertas
Num madeiro tão pesado,
Que nem sete o levavo.
— Ajudai-me aqui, Simão:
— Sim, Senhor, ajudarei,
Mas vós haveis de o levar

Numa santa sexta feira
De Indoenças.
Vossa santa divindade,
Que correu toda a cidade
C'o grande peso da cruz,
As pedras *atromentaro*,
O caminho dava luz,

E o ceu escurecia,
O Filho de Deus morria
Para nos salvar.
J. Christo quer intrar
Pelas portas de Jerusalem,
Para sempre, Amen.

3. Romance do Anjo Custodio

(o Diabo a disputar com o Anjo Custodio)

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as doze palavras ditas e retornadas.
— A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não,
— Dize-me as duas.
— São as duas taboinhas de Moisés,
Onde J. Christo pôs os pés;
A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as tres.
— São as tres pessoas da SS. Trindade;
As duas são as duas taboinhas de Moisés,
Onde J. Christo pôs os pés;
A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as quatro.
— São os quatro evangelistas;
As tres são as tres pessoas da SS. Trindade;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as as cinco.
— São os cinco sentidos;
As quatro são os quatro evangelistas;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as seis.
— São os seis accidentes;
As cinco são os cinco sentidos;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as sete.
— São os sete pecados mortais;
As seis são os seis accidentes;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as oito.
— São as oito bemaventuranças;
As sete são os sete pecados mortais;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as nove.
— São os nove meses
Que a Senhora trouxe
Seu SS. Filho no ventre;
As oito são as oito bemaventuranças;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as dez.
— São os dez mandamentos;
As nove são os nove meses

Que a Senhora trouxe
Seu SS. Filho no ventre;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as onze.
— São as onze mil virgens;
As dez são os dez mandamentos;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as doze.
— São os doze frutos,
As onze são as onze mil virgens;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as treze.
— Não ha treze.
Nem cousa nenhũa.
Arrebenta, Demonio,
Que esta alma não é tua.

II. Canções topicas

1

A villa de Barcellos
E' virada á estação:
As moças que nella moram
São a minha perdição.

2

O' Barcellos, ó Barcellos,
O' Barcellos, ó vadio:
Caistes da ponte abaixo,
Fostes beber agua do rio.

3

Rua Direita de Barcellos,
Hei de te mandar varrer,
Com uma vassoira de prata,
Que d'ouro não pode ser.

4

Se ouvires tocar o sino
Ou a garrida nos Frades,
Não perguntes quem morreu,
Que fui eu com saúdaes.

5

Frêguesia de Midões,
De pequenina tem graça:
Tem um chafariz no meio,
Dá de beber a quem passa.

6

Frêguesia de Midões
Ao longe parece villa:
Tem um cravo na intrada,
Uma rosa na saída.

7

Midões vale um pataco,
Remelhe vale um vintem:
Alvellos mil cruzados
Por ter as moças que tem.

8

O' igreja de S. Bento,
Feita de pedra morena:
Dentro della ouvem missa
Dois olhos que me dão pena.

9

Se passares por S. Bento,
Dai um tiro na Portella,
Para que diga a gente toda:
— Lá vai o bem desta terra!

10

No adro de Gilmonde
Não nascem senão urtigas:
Vai-se para o dc S. Paio,
Vêm-se bellas raparigas.

11

Tenho um amor em Martin,
Outro em Macieira:
Ainda espero de ter outro
Em S. Miguel da Carreira.

12

Senhora das Necessidades,
Nao torno á vossa festa,
Que me tirastes a merenda
Mais a hora da sesta.

13

Senhora das Necessidades,
O vosso mosteiro cai:
Mandai-o levantar
Por a gente que lá vai.

14

Sete vezes fui ao Porto,
Passei á Ramada Alta:
Procurai quem diga bem,
Que quem diga mal não falta.

15

Tenho um amor em Braga,
Outro em Ponte do Lima:
Quando lhe quero fallar,
Vou pelo rio acima.

16

Dizeis que viva a Maria,
Não sei que graça lhe achais:
Terra de milho miudo,
Alimento dos pardais.

17

Santa Marta da Falpêrra,
S. João do pé de Braga,
Que me dê boa fortuna,
S'eu tiver de ser casada.

21

Senhora das Necessidades,
Senhora minha madrinha,
Botai-me a vossa benção,
Eu sou vossa afilhadinha.

18

Terreiro de santa Marta
No meio tem uma ponte:
Dá de beber a quem passa
Para o Bom Jesus do Monte.

22

O cuco e mais a cuca
Vieram ambos da Maia:
O cuco perdeu as calças,
A cuca perdeu a saia.

19

Santa Marta do Alto,
Para o anno lá hei de ir:
Casadinho ou solteiro,
Ou criado de servir.

23

O cuco e mais a cuca
Vieram ambos de fóra:
O cuco vem de Lordêlo,
A cuca de Villa Nova.

20

Hei de ir ao Senhor do Monte,
Ao Senhor do Monte hei de ir:
Quem vai ao Senhor do Monte,
Vai ao Ceo e torna a vir.

24

O' Brasil, ó Brasil,
O' Brasil, ó ganhar:
Em toda a terra é Brasil
Pra quem quiser trabalhar.

III. Ditados

1. Justiça de Barcellos, fugir della.
2. Deus desavenha quem nos a nós mantenha (dizem os advogados).
3. Articule quem souber, e advogue quem quiser.
4. Bem ensaboar é meia barba feita.
5. Dos enganos vivem os escrivões.

6. Quem vence uma demanda fica em camisa, quem a perde fica em leitão.

7. Talhe-me quem quiser, e prove-me quem souber (= é mais difícil *provar* um fato que talha-lo).

8. Janeiro geoso, fevereiro nevoso, março molinoso, abril chuvoso, maio ventoso, fazem o anno formoso.

9. Vinho de Março não vai a cabaço.

10. Quem poda sem collete, vendima sem cêsta.

11. Lá vem o Março corfo, quem não tem meadas bota um steirão.

12. Quem em Abril não varre a eira e em Maio não sacha uma leira, anda todo o anno em canseira.

× 13. Em Abril cada pulga pare mil.

14. De Maio para Abril pouco ha que rir.

15. Em Maio lavra-se co'a agua pelo rego.

× 16. Chovam 30 Maïos, e não chova um Junho.

17. A casca do sobreiro em Junho sai ao punho, em Agosto ao mascôto.

18. Chuva da Ascensão dá pão.

19. Chuva do S. João tira o vinho e não dá pão.

20. Ande o anno por onde andar, o mês de Agosto ha de aqueantar.

21. Corra o anno por onde correr, o mês de Agosto ha de aquecer (variante do anterior).

22. Andar, marinheiros, andar, que vos não pilhe S. Simão no mar.

23. Quem deixa a malhada para Agosto, não malha a gôsto.

24. Semea as nabiças no pó, e por ellas não deïtes dó.

✓ 25. Pelo Sant'André vai o sete-strêlo á maré.

26. Para a sementeira do centeio do cedo não escarmentes, do tarde não avezes.
27. Mal corre a Portugal, se não ha tres cheias antes do Natal.
- x 28. Santa Luzia tira á noite e põe no dia.
29. Vermelho ao nascente, chuva de repente.
- x 30. Lã no ceo, chuva na terra.
31. Tres manhãs de nevoeiro ou dão chuva ou vento.
32. Vento soão, chuva na mão; de inverno sim, que de verão não.
33. Andorinhas a voar ao pé da terra, temos chuva.
34. Cantam as rãs e os raros, temos chuva.
35. Anno landreiro, anno falheiro.
36. Não ha melhor scavão que o dono do furão.
37. Se te derem o porquinho, pega-lhe pelo baracinho.
38. Quem não tem carro nem bois, ou anda antes ou depois.
- x 39. Filho de ruim sair bô..., lá vem o neto que sai ao avô.
40. As obras fazem-se das sobras.
41. A morte Deus temeu-a.
42. Limpeza Deus a amou.
43. No tempo da realeza, era tudo uma limpeza.
44. Casamento, apartamento.
45. Quem se não sente, não é de boa gente.
46. Quem moe no seu *munho* e coze no seu forno, come o seu pão todo.

BARCELLOS

Midões, Abril de 1912.

A. GOMES PEREIRA.

A EXPRESSÃO POPULAR

“mais vale um gôsto que quatro vintens,,

I

D'esta expressão trata o Sr. João Ribeiro nas *Frases feitas*, II, 259, julgando que ella «deve ser uma alusão, em Lisboa, aos preços elevados dos doces, pelos começos do seculo XVIII». O Sr. Oscar de Pratt, no opusculo que com o titulo do livro do Sr. Ribeiro publicou em Lisboa em 1912, e depois num artigo d'*O Povo*, de 28-III-1912, refuta aquella explicação, mas relaciona-a com outros ditados por modo que não me parece muito claro.

A frase, quanto a mim, originou-se no seguinte.

O dinheiro, na linguagem corrente, serve muitas vezes, como é natural, para designar valores, quer pequenos, quer grandes. *Não tenho nem ceitil*, diz Gil Vicente, *Obras*, I, 158; *não ter vintem, não ter chêla, andar sem uma de x, isto não vale um palaco*, são modos de falar quotidianos, — e outros analogos se podem ler nos meus *Textos Archaicos*, 2ª ed., pag. 97-98. E ás avéssas: *vale mais um gôsto na vida que com moedas na algibeira* (Celorico da Beiral); de alguém que é rico se diz que *é apatacado*, que *tem milhões*, que *é milionario*, que *tem o seu vintem*, que *tem bons palacos*; os Hespanhoes dizem *tener cuartos, tener quatro cuartos, tener muchos cuartos* (o *cuarto* é moeda antiga, de cobre); os Franceses: *il a mangé ses quatre sous* «il a mangé son peu de fortune» (Littré, s. v. «sou»), *je veux conserver mes quatre sous* (id., ib.), e também *il n'a pas un sou, sans un sou, cela ne vaut pas un patard*.

Por outro lado ha numeros redondos que denotam quantidade indefinida, como: *meia duzia de livros* «uns tantos livros», *duas bofetadas* «umas bofetadas», *mil anos* «muitos anos», — e vid. outros exemplos nas *Lições de Philologia Portuguesa*, pag. 304.

A expressão *mais vale um gôsto que quatro vintens* significa «mais vale um gôsto que dinheiro» ou que «certa quantidade de dinheiro»: *vintens* está na accepção geral de «valor», segundo o que fica dito a cima; e *quatro* corresponde a um número indefinido, como na mencio-

nada frase hespanhola *cuatro cuartos*, e na francesa *quatre sous*. Outros exemplos de *quatro* com função semelhante:

Em português: *galgar os degraus quatro a quatro, as lagrimas corriam-lhe quatro a quatro, não tenho quatro mãos, largou-lhe quatro mentiras ou quatro larachas, comer por quatro (ou por sete), vem para ahí com quatro cantigas*: e nestes versos de Gil Vicente,

Mais fremoso está ao villão
Mao burel que mao frisado,
E romper matos maninhos;
E ao fidalgo de nação
Ter *quatro homens de recado*,
E leixar lavar ratinhos. *Obras*, III, 219-220.

Em hespanhol: «*mas de cuatro* = muchos, ó número considerable de personas» (*Dicc. encicloped. hispano-america.*, s. v., «*cuatro*»).

Em italiano: «*a quattro*, maniera usata per esprimere quantità grande; *quattro* si dice anche per dinotare un piccol numero di checchessia, come *far quattro passi, mangiar quattro bocconi*» (vid. *Vocabolario della Crusca*, s. v. «*quattro*»).

Em francês: «*quatre*, — il s'emploie quelquefois pour un petit nombre indéterminé: à *quatre pas d'ici, dire quatre mots, j'écris quatre lignes, pour quatre jours qu'on a à vivre je vivrais à ma mode, un théologue de quatre jours*», e: «*comme quatre*», beaucoup, excessivement: «*elle a de l'esprit comme quatre, j'ai... couru comme quatre*» (Littré, s. v., «*quatre*»).

Os exemplos poderiam multiplicar-se; mas desde que fique provado o que se deseja, o mais seria erudição superflua. — A «quatro» como número redondo em hespanhol se refere Leo Spitzer na *Zs. f. rom. Philolog.*, XXXV, 301, nota, onde ao mesmo tempo cita exemplos franceses e italianos. Do italiano também já falára Mussafia, apud Diez, *Gramm. des l. roman.*, III, 15, nota. O português vem agora enfileirar-se nessas lingoas.

Da Revue de Dialectologie Romane, v. 225-227.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

.....
Isto parece de uma intuição muito clara, e de bom grado eu ponho de parte a hermenêutica um tanto obscura de que me servi, para seguir a corrente de simpatia que esta me inspira.

No entanto, por muito lúcida que seja a explicação, alguma coisa de vago há ainda que me deixa em dúvidas.

Para justificar *quatro* como número redondo, indefinido, cita o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos estes exemplos: *galgar os degraus quatro a quatro*, *as lágrimas corriam-lhe quatro a quatro*, *não tenho quatro mãos*, *largou-lhe quatro mentiras* ou *quatro larachas*, *comei por quatro* (ou *por sete*), *vem para aí com quatro cantigas*, etc.

Em não ter *quatro mãos*, *quatro braços* ou *quatro pernas*, — e ainda nas expressões *mais vêem quatro olhos que dois*, *não tenho quatro olhos* (em paralelo: *duas caras* — *não tenho duas caras*, *homem de duas caras*) — há definidamente um sentido de duplicidade, restrito a cada acção (de modo geral diz-se *partir a meio* — *não me posso partir a meio*).

A' expressão *quatro a quatro* ou *quatro e quatro*, como o povo diz, correspondem outras que dão a determinação da quantidade: *um a um*, *dois a dois*, *três a três* — *contou as moedas uma a uma*, *subir os degraus dois a dois*, *comeu os bages três a três*, *quatro a quatro*, etc.

Galgar os degraus quatro a quatro, *as lágrimas corriam-lhe quatro a quatro*, são, por assim dizer, expressões estereotipadas, nas quais, sómente, *quatro a quatro* perdeu o rigor da sua determinação numérica. Ainda assim o sentido de intensidade que trouxe as expressões parece-me aqui sugerido pela coordenação de dois efeitos duplos: «dois degraus por cada pé, duas lágrimas simultâneas em cada face».

O emprêgo de *quatro* como número indefinido restringe-se, a meu vêr, a expressões como *quatro larachas*, *quatro tréas*, *quatro lérias*, exprimindo quantidade insignificante, e *por quatro* — *come por quatro*, *fala*, *trabalha*, *lida por quatro* —, a par das equivalentes, em que a progressão numérica é quasi nula para o efeito intensivo: *por sete*, *por vinte*, etc.

Não me recordo de outros exemplos da linguagem popular em que *quatro* seja tomado como número redondo, e esta restrição parece-me ponderável.

Expressões que indicam «valor mínimo», em dinheiro, são geralmente formadas com a unidade-moeda: *não ter real* ou *um real*, *não ter cinco-réis de seu*, *não ter uma de x*, *não ter chela*, *não ter vintem* ou *um vintem*, *isto não vale dez-réis*, *um vintem*, *um pataco*, e outras: *não valer um pataco falso*, *cinco-réis furados*, *um chavo*, *um chavo galego*, *dez-réis de mel coudo*. Para as que se referem a «valor elevado» diz-se: *um par* ou *meia-dúzia* — *tem um par*, *um bom par*, *meia-dúzia de vintens*, *de contos*, etc. — *cem moedas*, na expr. *cavalo de cem moedas*, etc.

Quatro vintens como quantia de valor indeterminado só se poderá

pois supôr na expressão debatida, o que se me afigura insuficiente para determinar com rigor o conceito primitivo desta, por muito acertado que pareça o processo semiológico seguido.

(Da *Folha de Vianna*, de 13-x-913.

OSCAR DE PRATT.

III

Quando li, ha anos já, as «FRASES FEITAS» — BREVES CONSIDERAÇÕES AO LIVRO DO SR. JOÃO RIBEIRO¹, que o seu autor, o Sr. Oscar de Pratt, amabilissimamente me ofereceu, — nêsse opúsculo me chamou a atenção, particularmente, a maneira como o autor interpretava (pág. 10-12) o provérbio popular *mais vale um gôsto que quatro zinténs*.

O Sr. João Ribeiro, nas suas FRASES FEITAS, havia tentado explicar aquêlê dito popular português, que, segundo o ilustre académico brasileiro, encontrava a origem e a justificação num facto histórico: a fixação do preço do açúcar em oitenta réis, no reinado de D. João V.

Faço fé pelo que diz o Sr. Oscar de Pratt no opúsculo citado, pois não tive ainda o prazer da leitura do aludido trabalho do Sr. João Ribeiro.

O Sr. Oscar de Pratt, depois nas suas CONSIDERAÇÕES, entendendo — e muito bem — que as razões do ilustre académico não colhiam, ensaiou uma nova interpretação que, a meu ver, não pode também aceitar-se. «No provérbio *vale mais um gôsto que quatro zinténs* há evidentemente — diz o Sr. Oscar de Pratt, no citado opúsculo, pág. 12 — uma ligação de sentido com o anterior [*a mulher e o melão calado é o melhor*, interpretado assim: «os melhores melões são os *calados* ou abertos, como as melhores mulheres são as já experimentadas»²], dado que — melhor é um gôsto certo que outro problemático.

¹ Lisboa, 1910.

² No provérbio *A mulher e o melão o calado é o melhor*, há, quanto a mim, sobreposição de duas acepções diferentes no mesmo vocábulo *calado*. Do melão, o melhor é o *calado*, aberto, rachado para deixar ver o interior; da mulher, a melhor é a *calada*, que fala pouco, que não é linguareira. Cfr. a comparação popular *comer como uma frieira* = comer muito, devorar muita comida. A mesma qualidade na mulher é pedida por estoutro ditado: «A mulher, e a cachorra, a que mais calla, he a mais boa» — Vid. *Adúgios, Provérbios, Rifãos e Anexins*, por F. R. I. L. E. L.; Lisboa, 1780; pag. 169.

«*Quatro vinténs* parece pois relacionar-se no rifão à idea de virgindade e essa mesma idea está expressa nas «frutas inteiras» que são excluídas do provérbio: *as melhores frutas são as picadas pelos pássaros*¹.

«Entre êste e o provérbio *a mulher e o melão o calado é o melhor* nota-se claramente a comunidade de um sentido pouco delicado, para os ouvidos castos de algum leitor pio e pudico».

A explicação do provérbio pareceu-me logo, ao ler pela primeira vez estas palavras do interessante opúsculo do Sr. Oscar de Pratt, fácil. Pareceu-me logo fácil, porque vi, e vejo, nêsse provérbio apenas o sentido que o povo lhe dá.

Mais tarde, porém, no bissemanário de Viana-do-Castelo O POVO, de 28 de Março de 1912, o Sr. Oscar de Pratt além «da suposição de que os *quatro vinténs* representam o penhor de uma virgindade que não vale o prazer da queda», expôs outra conjectura que se resume nestas suas palavras: «mais valia certamente *um único visto*, previamente preparado pelo suborno, que *três* ou *quatro itens*, i-ê, alegações de justiça da parte contrária; como quem diz que a razão do direito se curva sempre à vontade dos juizes». Desta maneira a expressão *mais vale um gosto que quatro vinténs* seria uma adulteração de estoutra: *Mais vale um «visto» que quatro «itens»*.

O próprio Sr. Oscar de Pratt, no trissemanário de Viana-do-Castelo FOLHA DE VIANA, de 23 de Outubro de 1913, confessa que emendou para pior.

O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, na REVUE DE DIALECTOLOGIE ROMANE, V, 225-227, trata da expressão popular portuguesa «mais vale um gosto que quatro vinténs», dizendo:

«.. A expressão *mais vale um gosto que quatro vinténs* significa «mais vale um gosto que dinheiro» ou que «certa quantidade de dinheiro²»: *vinténs* está na acepção geral de «valor».. e *quatro* corresponde a um número indefinido».

¹ As melhores frutas são as picadas pelos pássaros, porque êstes procuram as mais saborosas, as mais maduras. Não há relação entre esta expressão e a da nota anterior.

² *Vinténs*, por «dinheiro», é de uso popular, sem fazer parte de frases feitas, e sobressai em exemplos como êstes: *Juntar uns «vinténs»: lá perdi os meus «vinténs»: guarde os seus «vinténs»*...— Como *vinténs*, «patacos»: *ter patacos*. Em francês: *il a sa poche pleine de sous* (Larousse illustré,

A expressão popular *mais vale um gôsto que quatro vinténs* não deve ser interpretada, a meu ver, senão desta maneira — que é também a mais fácil.

O ditado é assim olhado no que êle é, no que êle diz, sem a complicação das fantasias.

Era êste o juízo que eu conservava desde que a interpretação aventada pelo Sr. Oscar de Pratt no seu opúsculo me chamou a atenção para o referido provérbio, em cuja explicação jamais me demorara por sempre me haver parecido simples.

E êsse meu juízo fortalecia-o eu com as variantes que dessa expressão popular conhecia, as quais me não deixariam escorregar para as dificuldades em que se enredaram os Srs. João Ribeiro e Oscar de Pratt, mesmo que eu não quisesse ver no provérbio o que êle é e o que êle diz, e me aventurasses a conjecturas mais ou menos fantasistas.

Mais vale um gôsto que quatro vinténs, ou, como é mais corrente em o norte do país, *mais vale um gôsto na vida que quatro vinténs na algibeira* quer dizer que nos não devemos privar de *um gôsto*, lá por que êsse gôsto nos leve *alguns vinténs*. Não *paga a péna* sacrificar a *uns cobres*, a *dois palacos*, a *quatro vinténs* — um gôsto. Mais vale gozar um bocado, do que evitar qualquer gôzo, só por forrar algum dinheiro. *Uns vinténs* que fiquem na algibeira não compensam *um gôsto na vida*, um gôsto *uma vez na vida*, o qual se perca só porque êle nos custe êsses *vinténs*.

Quatro vintens está, nesta expressão, como *quatro minutos e quatro palavras* no seguinte exemplo: — «Demore-se aqui *quatro minutos*; quero-lhe *quatro palavras*», isto é: «demore-se aqui *algum tempo*; quero ter com o Sr. uma *breve conversa*».

s. v. «sou»). — Em espanhol: *tiene «cuartos»*... — Cfr. ainda *cartos* em galego:

Libremos Días, que vos pille
o Demo do Bagamundo,
que rapa vida, facendas
Gando e cartos todo xunto,

De uma poesia de um anónimo, ano de 1808, in *El Idioma Gallego*, de A. de la Iglesia, I, 205, incluída por Eugénio Carré Aldao na sua LITERATURA GALLEGA, 2.ª ed. pág. 168.

*

O que mais embaraçou os Srs. João Ribeiro e Oscar de Pratt, na frase popular em questão, foram os *quatro vinténs*. E, por isso naturalmente, é que o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos no seu artigo da REVUE DE DIALECT. ROM. se ocupou em explicar aquelas palavras, tomando-as em separado e comparando-as assim com as correspondentes de outras línguas.

Mas, a meu ver, tal era desnecessário, pois que «*quatro vinténs*» é expressão vulgar que significa «*algum dinheiro*», paralela a *cuatro cuartos* e a *quatre sous*. — Ex.: *Gastou os «quatro vinténs» que tinha, agora anda a pedir!* — *Ainda juntou uns «quatro vinténs»!* E, desde que se considerasse esta «frase feita» popular, poucas palavras seriam precisas para explicar o provérbio e para destruir as conjecturas em volta d'ele artificialmente delineadas.

Se não bastassem, para desfazer todas as dúvidas, estas razões — entre elas, sobretudo, a acepção em que o povo toma *quatro vinténs* no referido provérbio, como noutras suas expressões —, e ainda alguém pudesse tropeçar naquele «*quatro*», — outros argumentos se poderiam tirar das variantes. Creio que a questão encontrará o seu ponto final no registo da seguinte variante que, em Viana-do-Castelo como noutras terras do norte do país é a mais usada, e, nalgumas partes, a única usada e conhecida:

*Mais vale um gosto na vida
que seis vinténs na algibeira,*

em que *seis vinténs*, como *quatro vinténs*, corresponde a uma «quantia indeterminada de dinheiro». Ex.: «*Fulano tem quaisquer «seis vinténs»!* — «*Ter uns «seis vinténs» arrecadados...*»¹.

¹ A título de curiosidade, meramente:

Quitard, nos PROVERBES SUR LES FEMMES etc. (nova edição; Paris, s. d.) cita o seguinte (pág. 200):

*Un cheveu de ce qu'on aime
Tire plus que quatre bœufs,*

«proverbe pris d'une ancienne chanson et employé pour marquer l'empire que peut exercer une femme sur les volontés de l'homme qui l'adore...»

«... Nous disons encore: *On tire plus de choses avec un cheveu de femme qu'avec six chevaux bien vigoureux...*»

Aqui temos nós, nesta variante, *six* por *quatre*, como número indefinido.

*

Além de

Mais vale um gôsto na vida
que quatro vinténs na algibeira ;

Mais vale um gôsto na vida
que seis vinténs na algibeira ¹ ;

Mais vale um gôsto na vida
que cem moedas na algibeira ² ;

variantes já incluídas nêste escrito, há estoutras do meu conhecimento :

Mais vale um gôsto na vida
que cem mil rês na algibeira ³ ;

Mais vale um gôsto na vida
que um vintém na algibeira ⁴ ;

Nais vale um gôsto na vida
que um pinto na algibeira ⁵ .

Vê-se que, sempre, *mais vale um gôsto* do que « *dinheiro* » : « algum dinheiro » ou « muito dinheiro », mas, em todo o caso, « quantia indeterminada de dinheiro ».

*

Voltemos agora, para acabar, ao ponto de partida : aos versos que levaram o Sr. João Ribeiro a architectar a sua explicação :

A mim me dou parabens
De ver em bom preço posto
E já não direi que *um gôsto*
Vale mais que quatro vinténs.

¹ Porto, Viana-do-Castelo, Monção.

² Celorico-da-Beira. — Citado, como no texto se vê, na REVUE DE DIALECT. ROM. pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

³ Arcos-de-Valdevez, Ponte-do-Lima, Ancora (Caminha), Ponte-da-Barca.

⁴ Pôrto.

⁵ Informa-me pessoa de Perre, freguesia do concelho de Viana-do-Castelo, que desta maneira ouviu lá dizer, noutros tempos, aos « antigos ». O *pinto*, como é sabido, corresponde a 24 *vinténs*.

Tais são os versos com que é festejado o *Amigo Açúcar já restituído ao seu antigo pôsto de oitenta réis*, no reinado de D. João V.

—¿ Custará a acreditar que o poeta ali houvesse colocado o provérbio, tirando, no intuito gracioso mais natural do mundo, o sentido indefinido a *quatro vinténs*?

Viana-do-Castelo, 27-X-913.

CLÁUDIO BASTO.

(Da *Folha de Viana* de 28-X-913).

IV

Decididamente considero-me vencido nesta questão dos *quatro vinténs*, e nenhuma razão havia para voltar ao assunto, se me não sobrassem razões para breves reparos ao interessante artigo do Sr. Dr. Cláudio Basto.

Erro será confundir o sentido originário de um provérbio com a sua ideia filosófica ou de aplicação. Entre o sentido translato e o sentido de formação ou directo há a diferença que caracteriza o espírito de observação do povo ¹.

¹ Ajá está porque o Sr. Cláudio Basto afirma numa nota do seu artigo que os provérbios *a mulher e o melão o calado é o melhor e as melhores frutas são as picadas pelos pássaros*, não havia relação alguma.

Cotejando reversamente sentidos de ordem diferente, não é possível, decerto, topar a relação natural.

No primeiro há, de facto, sobreposição ou junção de duas acepções diferentes no sentido de aplicação, mas no de formação e acepção é uma única (*calar* = abrir, fender), e daqui provém o equívoco pouco decente do provérbio. Cf. Prestes no *Auto da Ciosa*, citado pelo Sr. João Ribeiro:

«Faça Deus mulher melão
e casar-se-ha homem à cala . . .»

No segundo, ao contrário, toma o Sr. C. Basto o sentido originário quando o de aplicação, que estabelece o contacto entre duas ideias distantes, mostra que «as melhores frutas são as já *abertas* ou *provadas*» (porque se lhes conhece a qualidade), e, de um modo geral: «que não devemos julgar pelas aparências mas pela experiência». Cf. esta quadra popular em que está a filosofia do provérbio:

«Não me quêras pôr senões
qu'eu soltera é que não fico;
bim sabes qu'as melhor's frutas
são as qu'os pássers's pico'».

[Val-de-Cóina].

É claro que, no caso sujeito, a ideia de aplicação, tam evidente que julguei desnecessário evocá-la, é a de que «um gosto não tem preço, e que a êle não devemos preferir o dinheiro, os interesses e muitas vezes as conveniências».

Mas, se era êste o sentido de aplicação, importava conhecer a razão de facto que determinou a entrada dos *quatro vintens*, com sentido evidente de «valor» na expressão.

Confesso que, contestando a opinião do sr. João Ribeiro, me «enredei em dificuldades», acabando por sair pela porta falsa das «fantasias complicadas», porque, homem do centro do país, eu não conhecia a expressão estereotipada *quatro vintens*; nem mesmo a tinha ouvido durante a minha longa permanencia no Minho.

Por outro lado também me não ocorreu, como no caso mais provável do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos — em que a aproximação lenta se opera num sentido natural entre a quantidade e o valor indefinidos — relacionar *quatro*, número redondo de quantidade indeterminada que aparece em expressões como *quatro larachas*, *quatro mentiras*, *quatro palavras*, com *vintem* «medida imprecisa de valor».

Remedeio agora o êrro, combinando a interpretação do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos com a sua obsequiosa informação particular e tendo no devido apreço as considerações do Sr. Dr. Cláudio Basto. Assim vim a aprender gostosamente que no provérbio discutido o sentido de aplicação se não desviou do de formação.

Quanto às variantes citadas no artigo do Sr. Dr. Cláudio de Basto, e ainda as que registei no *Povo* de 28-III-912, é evidente que elas não podem ser alegadas como elementos para a fixação do sentido originário, pois representam posteriores ampliações da ideia primordial com determinação de quantidade, em que o aumento da valorização se tornou necessário à intensidade do confronto.

A mesma necessidade de fortalecer o confronto levou Filinto Elisio a escrever num dos seus contos em verso:

«Um gosto val mais que *ouro e perlas*»

Não alcanço mais antiga documentação do provérbio que a do *Pinto Renascido*:

«e já não direi que *um gosto*
vale mais que *quatro vintens*».

Cp. o esp. *calar*, «tratándose de personas, conocer sus cualidades ó intenciones» (Seguí), e também *calar el melon*, no mesmo sentido.

É pois manifesta a relação ideológica entre os dois provérbios.

Quatro vintens é a ideia inicial, no provérbio, de «valor indefinido». As outras formas representam o deslize natural dêste sentido para uma determinação gradualmente mais avultada, como os arredondamentos *na vida e na algibeira* são também ampliações posteriores que dão à expressão caracter definido e preciso.

Um caso análogo de «alteração de valor» está no provérbio:

«Lá vão leis onde querem *reis*»¹
[Lá vão leis onde quereis (=querereis)]²
Lá vão leis onde querem *cruzados*»².

Reis (=réis) sugeriu *cruzados* (moedas).

É evidente que nos versos do *Pinto Renascido* o poeta aproveitou com graça a circunstância casual de os *quatro vintens* da expressão combinarem com o preço real do açúcar, e nisso está a facecia em que não reparou o Sr. João Ribeiro.

Barreiro, 1-xi-913.

OSCAR DE PRATT.

(Da *Folha de Yana*, de 4-xi-913.)

¹ *Quo volunt reges, vadunt leges*. Cf. J. Ribeiro, *Frases Feitas*, I, 135. Vid. *Proverb. alent.*, in *Rev. Lus.*, XII, 185: *Vale a lei o que quere o rei*.

² No adagiário de Rolland.

CANTIGAS POPULARES

(TRADIÇÃO DA RAPA, — CELORICO DA BEIRA)

1

Tenho penas sobre penas,
E mais não posso voar;
A maior pena que tenho
É ver-te e não te fallar.

2

Tenho de tí mil aggravos,
Hei-de te mandar prender;
Na cadeia de meus braços,
Tyranna, has de morrer.

3

Ai menina, peça a Deus
Que eu tambem peço ao sol,
Que nos ajuntemos ambos
Quanto mais breve melhor.

4

Ai menina, peça a Deus,
Que eu peço a Santo Antonio,
Que nos ajuntemos ambos
No livro do matrimonio.

5

Meninas entre meninas,
Eu não sei qual d'ellas é;
Manda-me aqui não sei quem
Que vá não sei aonde é.

6

Menina, abra-me a porta,
Senão vou pelo telhado,
Que eu quero ver a meu gosto
Essa boquinha de cravo.

7

Menina, que anda no baile,
Dê a volta asseadinha,
Que não falta quem repare
No bolir do pé, menina.

8

O' que linda contradança
Anda naquelle terreiro!
Anda cravo, anda rosa,
Anda o ramalhete inteiro.

9

Esta rua é comprida
E' comprida, não tem fim;
Ao cabo d'ella se cria
Uma rosa para mim.

10

Esta rua é comprida
Para mim, que sou rapaz;
Meus passos vão adiante,
Meu coração fica atrás.

11

Esta rua é comprida,
Não se enxerga nada nella;
Bem pudéreis vós, menina,
Pôr candeias á janella!

17

Cada vez que eu vou á fonte
Sempre trago agua nova,
Para regar o craveiro
Que me nasceu na viola.

12

Esta rua tem pedrinhas,
Esta rua pedras tem;
Das pedras não quero nada,
Da rua quero alguém.

18

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar, que estás bem,
Mimosa e regalada
A' sombra de tua mãe.

13

A' sua porta, menina,
Correm rios pelo chão;
Se os seus olhos me não prendem,
Não tenho que ir á prisão.

19

Cravos da minha janella,
Quem os houver de colher
Ha de ter o pé ligeiro
Para subir e descer.

14

A' sua porta, menina,
Caí eu por desattento;
Caí do lado de fora,
Oxalá caíra dentro!

20

O' rosa, se tu és rosa,
Sustenta a tua nobreza;
Andas na mão dos fidalgos,
Cheiram-te, põe-te na mesa.

15

A' sua porta, menina,
Stá um degrau de velludo,
Onde vão chorar meus olhos
Lagrimas de sangue puro.

21

Uma rosa e até duas
Inda se podem colher,
Mas o ramalhete inteiro
Deita o rosal a perder.

16

A' sua porta corre agua,
Menina, faça-lhe o rego;
Eu ando ameaçado
De quem tenho pouco medo.

22

O' Rosa, anda commigo,
Pede licença a teu pae,
Que teu pae é meu amigo.
Logo diz: ó Rosa, vae!

23

O' rosinha solitaria,
Que gemes na solidão!
Não ha tormento que iguale
A nossa separação.

24

Rosa branca, toma cor,
Não andes tão desmaiada,
Que dizem as outras rosas:
Rosa branca namorada.

25

O cravo depois de secco
Aventa-se por 'hi alem;
A rosa quanto mais sêcca,
Tanto mais prestimo tem.

26

O cravo depois de secco
Significa amor perdido;
Por mais que queira, não posso,
Tirar de ti o sentido

27

Deitei o cravo no poço
Fechado, saiu-me aberto;
Anda o mundo em desordem,
Ninguém o sabe de certo.

28

Deitei o cravo ao ar,
Caíu no chão, fez dois *esses*;
Eu a ti nunca te lembro,
Tu a mim nunca me esqueces.

29

Ai de mim, ai de meus ais,
Ai de minhas alegrias!
Quem morre, morre uma vez,
Eu morro todos os dias.

30

Ai de mim, que eu vim ao mundo
Desgraçado, infeliz!
Eu amei uma tyranna,
Fez-se grave, não me quis.

31

Eu amei uma ingrata,
Não vi genio mais ruim;
Assim mesmo gôsto d'ella,
Ninguém tenha dó de mim.

32

Eu amei-te, e tu quiseste,
Consentiu a tua gente;
Agora chorá-lo-hemos
Na cama, que é logar quente.

33

Se eu morrer numa campanha
Não tenhas pena, meu bem,
Que a morte de um desgraçado
Não causa pena a ninguém.

34

O sete-estrello caíu
No espelho da viola;
Compadeça-se, menina,
D'este rapaz que a adora.

35

O sete-estrello caiu
No adro de Taboço;
Não faças conta de mim,
Que eu de ti já a não faço.

36

Perguntai ao sete-estrello,
Que é magano e sabe ler,
Em que ponto vai a lua
Quando quer amanhecer.

37

Perguntai ao sete-estrello,
Que é magano e sabe tudo,
Em que ponto vai a lua
Quando quer fazer escuro.

38

O sete-estrello tem sete,
Vós, menina, tendes duas;
Mais alumiam as vossas
Que o sete-estrello as suas.

39

Já o ceu não tem estrelas,
Só tem sete a um cantinho;
E' a estrada do amor,
Que não tem outro caminho.

40

Menina, que está á janella,
Não se ria de quem passa;
Se tem olhos de cachorra,
Venha commigo á caça.

41

A' sua porta, menina,
Dei um ai, tremeu o chão,
Retiraram-se as estrelas,
Chegou o sol ao balcão.

42

A' sua porta, menina,
Dei um ai, tremeu a terra,
Retiraram-se as estrelas,
Chegou o sol á janella.

43

Destes-me um cravo á fonte
Com tres folhas a bulir;
Já me tivestes na mão,
Não me deixasseis fugir.

44

Deste-me um ramo de murta
Colhida nos murtinhaes;
A murta é miudinha,
Mais miúdos são meus ais.

45

Dêste-me um lenço de seda
Dobrado á tyrannia;
Eram falsas as promessas
Que me fizeste algum dia.

46

Dá-me a tua mão direita
Para escrever quatro ais;
Quero que tu reconheças
Que a ninguém quero mais.

47

O' mar da variedade,
Fui eu o que variei;
Variaram os meus olhos
Quando para os teus olhei.

48

O' meu amor, se te fores,
Considera na partida;
Considera que me deixas
Em mar de penas mettida.

49

O' meu amor, se te fores,
Escreve-me do caminho;
Se não tiveres papel,
Nas asas de um passarinho.

50

Vai-te embora e não penses
Que eu fico a chorar;
Inda me deixas a tempo
De outros amores tomar.

51

O meu coração é terra,
Hei de o mandar lavar,
Semeá-lo dos desejos
Que tenho de te fallar.

52

Meu coração é relógio,
Minha alma dá badaladas;
Os dias que te não vejo
Trago as horas contadas.

53

Meu coração veste luto,
E mais, ninguém lhe morreu;
Bem é que de luto ande
Quem o seu amor perdeu.

54

O meu coração palpita
E em segredo me diz,
Que contigo tarde ou cedo,
Hei de vir a ser feliz.

55

Das penas que tu padeces
Dá-me cá o meu quinhão;
Não quero que tu padeças
Tantas penas e eu não.

56

Os olhos com que me vedes
Não são já os costumados;
O coração me dizia
Que os tempos 'stavam mudados.

57

O' olhos de amora preta,
Bem entendo o teu olhar;
Podes viver descansada,
Que eu outra não hei de amar.

58

Os meus olhos são dois pretos
Que me vieram d'Angola;
Inda não estavam cativos,
Mas cativaram-se agora.

59

O coração mais os olhos
São dois amantes leaes;
Quando o coração tem penas,
Logo os olhos dão signaes.

60

Tendes os olhos castanhos,
Os meus tambem assim são;
Só tendes de mais a mais
Um ingrato coração.

61

A maçã do acipreste
E' toda feita em cruzes;
Esses teus olhos, menina,
Para mim são duas luzes.

62

Olhos pretos, olhos brancos,
Olhos azues, olhos verdes:
Estas quatro castas d'olhos
Em poucas caras as vedes.

63

Eu hei de subir ao alto,
Silva verde dá-me encosto:
Não se me dá que murmurem,
Sendo o amor de meu gosto.

64

Eu hei de subir ao alto,
Ao mais alto que eu puder,
Só para ver se eu caio
Nos braços de Manuel.

65

O' meu amor, quem te vira
Quem te vira agora, agora,
Cada semana seis dias,
Cada instante uma hora!

66

O' meu amor não embarques,
Agora não é maré;
Espera um poucachinho,
Que eu te direi quando é.

67

Lá vem o barco á vela,
Lá vem a sardinha boa;
Lá vem o meu amorzinho
Assentadinho á prôa.

68

Lá vae uma, lá vão duas,
Lá vão tres pela primeira;
Lá vae o meu coração
Em busca de quem o queira.

69

Adeus, meu amor, adeus,
Adeus que não ha remedio;
Se te ficam saudades,
Adeus, que eu tambem as levo.

70

O' José da linda graça,
Põe aqui a tua mão,
Ouvirás as pancadinhas
Que dá o meu coração.

71

O' José, olhos de amante,
Não te encostes á assucena ;
O amor desconfiado
Qualquer cousa lhe dá pena.

72

Eu hei-de-me deixar-te,
Como a agua deixa a fonte,
Pois tambem me tu deixaste
Ao desamparo no monte.

73

Eu hei de me ir, hei de me ir,
Que eu cá não quero ficar ;
Onde tu fores morrer,
Quero eu ir acabar.

74

Se tu queres vir commigo,
Busca outra camarada ;
Não quero que diga o mundo
Que te levo enganada.

75

Vem tu cá, cego da vista,
Vario do entendimento :
Onde viste tu amar
Sem haver algum intento ?

76

Toma lá esta laranja,
Nunca digas quem t'a deu,
Que foi a primeira fruta
Que o pomar de meu pae deu.

77

A silva que me prendeu
Veio do arco da fonte ;
Silva verde, não me prendas,
Que está um amor defronte.

78

A silva que me prendeu
Veio d'aquella janella ;
Nunca silva me prendeu
Do modo que foi aquella.

79

Não corteis a silveirinha
Que sobe pela janella,
E' escada do amor
Que sobe e desce por ella.

80

Passei pela oliveira,
Cinco folhas lhe colhi ;
Eram os cinco sentidos
Que eu tinha posto em ti.

81

Deixae-me ir, que vou de pressa,
Levo agua, vou regar ;
Amanhã é dia santo,
Temos tempo de fallar.

82

Hei de te mandar pintar
Na palma da mão direita,
Para sempre te estar vendo,
Minha assucena bem feita.

83

Hei-de-te mandar pintar
Na fivella do calção,
Para sempre estar-te vendo,
Minha rosa em botão.

84

Eu hei de morrer cantando,
Já que chorando nasci;
Já as glorias d'este mundo
Acabaram para mim.

85

Amar e viver ausente
Só em mim se pôde achar;
Quanto mais ausente vivo,
Mais firme sou no amar.

86

Quem de meu peito saiu,
Grande delicto causou;
Não venho com piedade,
Que quem saiu não entrou.

87

Quem no meu peito entrou,
Fez o estrago que quis;
Foi á moita cortou lenha,
Fez de mim uma infeliz.

88

Venha cá, minha menina,
Venha cá, se ella quiser;
Venha-me alliviar penas,
Se ella penas não me der.

89

Venho cá, minha menina,
Venha cá, merendaremos;
Anda a morte pelo mundo,
Cedo nos apartaremos.

90

Venha cá, minha menina,
Venha cá, suba ao leito,
Que lhe quero perguntar
O mal que lhe tenho feito.

91

Venho de jogar os dados
Numa meza de latão;
Logo ao primeiro jogo
Ganhei o seu coração.

92

Venho de jogar os dados
Numa mesa de marfim;
Cuidando que te ganhava,
Perdi-te, meu cherubim.

93

Ponha aqui o seu pèzinho,
Ponha aqui ao pé do meu;
Este meu bulir de pé
Foi geito que Deus me deu.

94

Dá-me a tua mão esquerda,
Que t'a quero apertar;
A direita não t'a peço,
Que já tens a quem a dar.

95

Tendes os olhinhos pretos,
Inda agora reparei;
Se eu reparasse mais cedo,
Não amava a quem amei.

96

Os meus olhos não são olhos,
Sem os teus starem defronte;
São dois rios caudalosos
Que correm de monte a monte.

97

Os meus olhos, de chorar,
Já nenhuma graça tem;
Já os tenho repr'endido
Que não chorem por ninguém.

98

Tenho chorado e choro,
Trago meu peito desfeito;
Chorar por quem me é fulto
São lagrimas sem proveito.

99

Eu hei de me ir assentar
No circulo que leva a lua,
E de lá hei de clamar:
— Descansa, amor, que sou tua.

100

Assenta-te aqui, amor,
Tu numa pedra e eu noutra;
Aqui choraremos ambos
A nossa ventura pouca.

101

Assenta-te aqui, amor,
Nesta pedra, que é redonda,
Se te queres regalar
D'ouvir cantar uma pomba.

102

José chora no Egypto
Por seu pae, que era Jacob;
Tambem eu choro e grito
Por me ver no mundo só.

103

O meu amor foi-se, e disse
Que eu por elle não chorasse;
Se lhe tinha algum affecto,
Que o não mortificasse.

104

A *silva* verde é cilicio,
A *faia* é penitencia,
As *lagrimas* são suspiros
Que eu choro na tua ausencia.

105

A primavera no campo
Até o sol desafia;
Os meus olhos pelos teus
Vêlam de noite e de dia.

106

Herva cidreira no campo
E' o regalo dos pastores,
Deitam o gado p'ra ella,
Vão fallar aos seus amores.

107

Entre o trevo nasce o trevo,
Entre o trevo nascem flores;
Entre o trevo bem me atrevo
Contigo a tomar amores.

108

Hei de dispor um valverde:¹
Valverde, quer's tu prender?
Para estar á sombra d'elle
Quando estiver a coser.

109

Cravos da sua janella
Fui eu o que os colhi;
Se sou ladrão encoberto,
Menina, querellê de mim.

110

Pus o pé no junco verde,
Fi-lo arrumar á banda;
Quem me dera agora ver
Quem no meu coração anda!

111

Pus o pé no junco verde,
Fi-lo andar de *redol*;
Se não querias que te amasse,
P'ra que eras com'ó sol?

112

Juro pelo junco verde,
Por ser a jura mais leve;
Não hei de quebrar a jura,
Emquanto o junco não quebre.

113

Juro pelo junco verde,
Que é jurar de lavrador,
Emquanto o mundo for mundo
De não ter outro amor.

114

Volta para cá os olhos,
Amor, de quando em quando,
De modo que não perceba
Quem para nós 'stá olhando.

115

Voltae para cá os olhos,
Meu amor, voltae, voltae,
Que não são moedas d'oiro
Que roubeis a vosso pae.

116

Tendes o cabelo loiro,
Dae-me cá umas fev'rinhas,
Para cordas de viola,
Que lhe quebraram as primas.

117

O' José, cabelo loiro
Penteado no deserto,
Sobrancelhas ramalhudas,
Olhinhos por quem me eu perco.

¹ O valverde é uma planta bem conhecida. Nesta região da Beira, diz-se vulgarmente que as plantas *prendem* (enraizam) em lugar de *pegar*.

118

Oh quem tivera vagar,
Meu amor, que te catára,
Nesse ramal de cabelo
Que te assombra a linda cara.

119

Dei um ai, dei um suspiro,
Ouviram-me dois penedos;
A culpa tive-a eu
Em te contar meus segredos.

120

Esta alegria que eu tenho
Deu-m'a Deus de natureza;
Não é por me a mim faltar
No meu coração tristeza.

121

Quero cantar, ser alegre,
A tristeza nada tem;
Eu nunca vi que a tristeza
Dêsse bom pão a ninguém.

122

Quem me a mim ouvir cantar,
Cuidará que estou alegre;
Tenho o coração mais negro
Que a tinta com que se escreve.

123

Quem me a mim ouvir cantar
E souber a minha pena,
Dirá: — ó triste, coitada,
Linda te o cantar alembra!

124

Canta comigo, meu primo,
Não és mais, nem ficas menos;
Formosura é a mesma,
O sangue pesa-lo-hemos.

125

Atiraste-me ao peito
A' parte mais melindrosa;
Não permita Deus que eu morra
Sem te lograr, minha rosa!

126

Atiraste-me c'um cravo
E no ar se desfolhou;
Veio-me cair no peito,
Em meu coração ficou.

127

Oh quem me dera morrer,
Depois da morte ter vida,
Só por ver quem te lograva
Minha linda rapariga!

128

Mariquinhas, corpo lindo,
Rosto cheio de signaes,
O dia que te não vejo
Meu alimento são ais.

129

Aqui estou á sua porta
Como o feixinho da lenha,
A' espera da resposta
Que das suas mãos me venha.

130

Quando te vi, logo disse
Que tinha amor para sempre;
Conheci-te em falsidade,
Retirei-me aiorosamente.

131

Trazeis collete de linho
Apertado com retroz;
Para nora de um pae
Bem bonita ereis vós!

132

Trazeis collete de linho
Talhadinho á peralta;
Quem me dera a fôrma d'elle,
Panno de linho não falta!

133

Sobrancelhas mais bonitas
Não é possível havê-las;
São laços de finas fitas
Que encobrem duas estrellas.

134

Não me namora o seu oiro,
Nem os brincos das orelhas,
Namoram-me esses seus olhos
Por baixo das sobrancelhas.

135

Corre, ventinho do norte,
Olha que não tenho medo:
Se me lebares o lenço,
Bem sei ficar em cabelo.

136

Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabelo;
Agora posso dizer:
— Já passei o mar sem medo.

137

Já passei o mar a nado
Numa maçã vermelhinha;
Inda espero de juntar
A sua mão com a minha.

138

Todo o mar corri a nado
C'uma vela branca accessa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.

139

Todo o mar corri á roda,
Todo o Brasil passeei;
De amores tão combatida
Só para ti me guardei.

140

Hei-de-me ir deitar num poço
Onde nascem cobras vivas,
Pois não posso supportar
Saudades tão activas.

141

O' adro, terra d'igreja,
Onde se enterram finados!
O' terra, que estás comendo
Corpinhos tão delicados!

142

Corpinho tão delicado,
Olhe não quebre com brio;
D'elle se pode gerar
Um limão para o fastio.

143

O limão tira o fastio,
A laranja o bem querer;
Tira de mim o sentido,
Se me queres ver morrer.

144

O' minha laranja doce,
O' meu limão repartido!
Mais de quatro tem inveja
De tu fallares commigo.

145

Tenho uma laranja doce
No fundo do meu bahu
Para dar ao meu amor,
Queira Deus não sejas tu.

146

A laranja quando nasce,
Logo nasce redondinha,
Tambem tu, quando nasceste,
Logo foi para ser minha.

147

O gosto que tem a salsa
Tem meus olhos em te ver;
Trago-te no centro d'alma,
Não me podes esquecer.

148

A salsa tem um bom gosto,
Eu gosto faço em ti;
Quando deixar de te amar,
Faz de conta que morri.

149

Já não quero, já não quero,
Já não quero, tenho dito;
Já não quero o teu amor,
Tenho outro mais bonito.

150

Cupido perdeu as sétas,
Já não tem com que atirar;
Dae as sétas a Cupido,
Que é menino, quer brincar.

151

Tire-se d'essa janella,
Que a não posso lá ver,
Porque me dão tentações
De me deitar a perder.

152

Menina, que está á janella,
'Stá comendo pão e queijo;
Faça da bocca pistola,
Atire-me cá c'um beijo.

153

Atirei e não matei,
Mal empregado o meu tiro;
Ficou-me a polvora gasta
E o chumbo derretido.

154

Atirei e não matei:
Se eu matara, que fôra?
Arriscava a minha vida
Por amor d'ella, senhora.

155

Domingos e dias santos
Eu offendo mais a Deus;
Vou á missa, não a ouço,
Onde estão sentidos meus!

156

Vae-te embora, amor ingrato,
Deixa-me viver sem ti;
Vae buscar a quem te adora,
Não te lembres mais de mim.

157

Vae-te embora, meu bemzinho,
Longe de mim vae morrer,
Que deixas na minha casa
Duas fontes a correr.

158

O' ais, quem por ti dá ais,
O' ais, quem por ti suspira?
O' ais, quem por ti padece,
O' ais, quem te agora vira!

159

De que me serve dar ais,
Romper o ceu com suspiros?
A distancia faz com quê
Meus ais não sejam ouvidos,

160

De que me serve sem ti
Um bem que a fortuna dá?
Tambem vive quem é pobre,
Mas sem ti quem viverá?¹

161

Você diz que me não quer,
Diga-me a causa porquê;
Se me não quer por ser pobre,
Que riqueza tem você?

162

O meu coração é teu,
Bem o podes entender;
Se o queres amar, ama-o,
Quando não, deixa-o morrer.

163

Tenho no meu coração
O que não posso dizer:
Uma pena de uma ausencia
Que me faz endoidecer.

164

Tenho no meu coração
Duas tulipas rajadas;
Quando chove, estão enxutas,
Quando faz sol, 'stão molhadas.

¹ Não parece genuinamente popular esta cantiga.

165

O loureiro bate, bate,
Que eu bem o sinto bater,
Com as pontas no telhado
Para o amor entender.

166

O loureiro bate á porta,
Alecrim vae ver quem é:
São os olhos de Maria
Que vem ver os de José.

167

A folha da oliveira
Deitada no lume estala:
Assim é o meu coração,
Quando contigo não fala.

168

Debaixo da oliveira
Amor, é que é o fallar;
Tem a folha miudinha
Não lhe entra lá o luar.

169

Se a oliveira fallára,
Ella dissera o que viu:
Debaixo da sua sombra
Dois amantes encobriu.

170

Murmurae, murmuradeiras,
Que assim me deitaes a fama:
Eu sou como a oliveira,
Que no ar sustenta a rama.

171

Antes eu quero cantar
Que murmurar de ninguém,
Pois quem canta tem allivio,
Quem murmura penas tem.

172

Canta, minha voz d'um anjo,
Que eu gosto de te ouvir;
Se algum dia me occupares,
Folgarei de te servir.

173

Graças a Deus para sempre,
Já ouvi a tua falla:
Pareceu-me vir do ceu
Dos anjos acompanhada.

174

Graças a Deus para sempre,
Que já tenho claridade;
Já vejo a quem eu queria
Muito á minha vontade.

175

Rouxinol, que tão bem cantas,
Onde aprendeste a cantar?
No palacio da rainha
Onde el-Rei vae passear.

176

El-Rei passeia a varanda,
A rainha o seu quintal,
Apanhando laranjinhas
Que cáem do laranjal.

177

Já fui amada de um conde,
Querida de um general;
Agora sou d'um cadete,
Olha a baixa que eu vim dar!

178

Toma lá o que eu te dou,
Não me repares no dado,
Que me veio uma lembrança
Do nosso tempo passado.

179

Fui ao mato á carqueja,
Escorreguei no sargaço;
Ninguém se fie nos homens,
O meu amor foi me falso.

180

Oh quantos por ver madrugam!
Eu tão tarde me levanto;
Para lograr os teus olhos
Não me é preciso tanto.

181

Adeus, adeus, que me vou
Amanhã de madrugada;
Com as lagrimas dos olhos
Hei-de regar a estrada.

182

Carta, vae onde te eu mando,
Nunca o digas a ninguém;
Quem te leva sabe aonde,
Quem te manda sabe a quem.

183

Carta, vae onde te eu mando,
Lindos olhos vaes a ver;
Carta, põe-te de joelhos,
Quando te quiserem ler.

184

Peguei na penna, peguei,
Peguei na penna, escrevi,
Cheguei ao meio da carta
Deu-me um desmaio, caí.

185

O anel que me tu deste
Era de vidro, quebrou;
O amor que me tu tinhas
O anel o demonstrou.

186

O limão enquanto verde,
Tem um aparo galante;
Não te temas que eu te deixe,
Sem haver causa bastante.

187 ¹

Lenço, que enxugas o pranto
Derramado por um bem,
Minhas lagrimas esconde,
Não as veja mais ninguém.

¹ Foi moda, em tempo, as cachopas usarem na cabeça lenço de panninho branco com uma quadra escripta a ponto de cruz; as cantigas 187 e 188 enfeitaram dois dos taes lenços: a 188 parece ser pseudo-popular, d'aquelle gosto arrebicado dos fins do seculo 18 ou começo do 19.

188

Vae-te, lenço, corre, voa,
Limpar um rosto mimoso;
Vae gozar o que eu não posso.
Mais do que eu vae ser ditoso.

189

Sobre a pedra branca e dura
Teu nome mandei gravar
Com umas letras que dizem:
« Eu nasci para te amar ».

190

Sobre a praia passeava
Sómente pensando em ti;
Era livre mas ao ver-te
A liberdade perdi.

191

Ondas do mar, abrandae,
Que eu quero pescar um peixe;
Eu quero deixar o mundo
Antes que o mundo me deixe.

192

As ondas do mar são verdes,
Tudo no mar é verdura;
Todos logram seus amores,
Só eu não tenho ventura.

193

As ondas do mar, lá fora,
São pretas como o lemistê;
Dize-me como passaste
O tempo que me não viste.

194

Quem me dera dar um ai
Que se ouvira em Viseu,
Que dissesse o meu amor:
— Aquelle aí por mim se deu.

195

Maria, minha Maria,
Muitas penas te hei de dar;
Nem hei de casar contigo,
Nem te hei de deixar casar.

196

Maria, minha Maria,
D'estas Marias ha poucas;
Umás são Marias varias,
Outras são Marias loucas.

197

Estamos no mês das flores,
Amor, emprega-te bem;
Procura mulher bonita,
Que a riqueza de Deus vem.

198

Meu amor, procura agrados,
Não procures formosura:
Formosura sem agrados
E' pior que noite escura.

199

Debaixo da laranjeira
Fiz a cama aos meus amores;
O vento desaustinado
Encheu a cama de flores.

200

Murmuradeiras da terra,
Calae-vos, que já é tempo;
Já 'gora me podeis pôr
No rol do esquecimento.

201

Suspiros me vem á mesa,
Lagrimas é meu comer,
Saudades me sustentam
Até te tornar a ver.

202

Suspirando, dando ais,
Anda o amor pela rua;
Suspira quanto quizeres,
Que eu sou d'outro, não sou tua.

203

Suspiros, ais e tristezas,
Maginações e cuidados.
E' o manjar dos amantes,
Quando se vem separados.

204

Suspirava por te ver,
Quando te vi suspirei;
Se eu ao pé de ti suspiro
Longe de ti que farei?

205

Não ha flor como o suspiro
Na minha estimação;
Todas as flores se vendem,
Só os suspiros se dão.

206

Quatro flores em meu peito
Fizeram sociedade:
Cravo branco, lirio roxo,
Martyrios e saudade.

207

Na rua onde eu assisto
Andam as penas voando;
Ellas saem de mim mesma,
Eu por disfarce cantando.

208

Com penas peguei na penna,
Para penas escrever;
Caiu-me a penna da mão
Com pena de te não ver.

209 ¹

Mil mortes enquanto existem
Soffrem na ausencia os mortaes;
Na ausencia sempre se pena,
Quem morre não pena mais.

210

O meu coração fechou-se,
Fechou-se já se não abre;
O amor que o fechou
Ausentou-se, leva a chave.

¹ Não tem o sabor popular esta cantiga, mas sendo anonyma e conceituosa, não fica mal nesta collecção.

211

Uma rosa ao pé de outra
Tem o cheiro abafado;
Não ha cheiro mais bonito
Que uma rosa ao pé d'um cravo.

212

Fui-me ao jardim das tulipas,
Escolhi d'umas e outras;
Encontrei lá meus amores...
D'essas fortunas ha poucas.

213

Nem a rosa nem o cravo,
Nem o jasmin nem o lirio,
Nem a primavera toda
Tem comparação contigo.

214

O' Rosa, anda comigo,
O' rosa, deixa a roseira;
Esta noite ha de chover,
Rosa molhada não cheira.

215

Eu hei de ir ao teu jardim,
Se encontrar a porta aberta;
A rosa d'Alexandria
Onde está logo penetra.

216

Não sei que me aqui picou,
Nesta rua não ha tojos!
Picou-me aquella menina
Da janella com seus olhos.

217

A magarça é má herva ¹,
Que ella picou-me na mão;
Tambem a maldade pica
Aos homens no coração.

218

Não sei que mal eu fizesse
Ao ladrão do meu amor:
Passa por mim não me falla,
Tira o chapéu com rigor.

219

Passa por mim não me falla,
Nem o seu chapéu me tira;
E' certo que lhe disseram
De mim alguma mentira.

220

Não sei que mal fiz ao sol,
Que não vae á minha rua.
Hei-de-me vestir de preto,
Que de branco anda a lua.

221

Não sei se cante, se chore
Para allivio d'uma pena;
Se canto, nada me esquece,
Se choro, tudo me alembra!

¹ O malmequer. Depois de seccas as flores, tornam-se duras e acedadas, penetrando nas unhas dos ceifeiros.

222

Menina que está ao lume
De conversa com seu pae,
Chegue á janella de pressa,
Que o seu amor aqui vae.

223

Vós chamaes ao meu cabelo
Cannavial de Cupido;
Tambem eu chamo ao vosso
Laços que me tem prendido.

224

Vós chamaes ao meu cabelo
Cannavial de Diana;
Tambem eu chamo ao vosso
Cabello de uma tyranna.

225

Dizeis que tive bexigas,
Foi Deus servido eu te-las;
Não ha nada mais bonito
Que o ceu com suas estrellas.

226

Fui-me a contar as estrellas
Só a do Norte deixei;
Por ser a mais pequenina,
Comtigo a comparei.

227

Fui-me a contar as estrellas
Com a ponta da espada;
Comecei logo á noite,
Acabei de madrugada.

228

Mil vezes te tenho dito
Que seja o que tu quiseses;
Eu ausente e sempre firme,
Não sei que de mim mais queres.

229

Mil vezes te tenho dito:
« Comigo não gastes tempo »;
Se tomares a teimar,
E's falta de entendimento.

230

O' coração, pede, pede
Terra para um pomar,
Pois os meus olhos se obrigam
A dar agua p'ra o regar.

231

O' alto lirio roxo,
Deixa-me aqui esconder,
Que roubei uma menina,
Querem-me agora prender.

232

Anda cá para meu peito,
Verás a vida que te dou;
Não te quero ver captiva
De uma mãe que te criou.

233

Anda cá para meu peito,
Viverás em perolinhas,
Verás o geito que tenho
Para acalantar meninas.

234

Constancia, minha Constancia,
 Quem o póde duvidar?
 El-Rei nasceu para o throno,
 Eu nasci para te amar.

235

O' Constancia, não me deixes,
 Que eu inda te não deixei;
 Amor tanto de meu gosto
 Só por morte o deixarei.

236

Já te eu disse, murtinheira,
 Que não desses mais murtinhos,
 Que anda a justiça na terra
 Prendendo quem faz carinhos.

237

Assucena c'o pé n'agua
 Pode estar quarenta dias;
 Eu sem ti nem uma hora,
 Que farão noites e dias?

238

Mangericão redondinho,
 Já meu peito foi teu vaso;
 Já tendes outros amores,
 Já de mim não fazeis caso.

239

Mangericão redondinho
 Feito á luz da candeia;
 Se tu me queres ver preso,
 Faz' dos teus braços cadeia.

240

O mangericão florido
 Não o leveis á cidade,
 Que tem o cheiro activo,
 Logo toma amizade.

241

Na janella onde eu coso
 Não quero mangericão;
 Mette-se o sol entre nuvens,
 E eu fico na escuridão.

242

O' valverde, ó valverde,
 Janella do mangerico,
 A maior pena que tenho
 E' se te vás e eu fico.

243

Sapateiro, casa a filha,
 Ou a tira da janella;
 Quantas passam e não passam
 Todos dizem: quem m'a dera!

244

Vem cá morte, vem cá morte,
 Que te quero procurar,
 Quem morre do mal d'amores
 Se vae para bom logar?

245

Eu subi ao acipreste,
 Cheguei ao meio, morri;
 Se elle o acipreste é morto,
 Eu para morrer nasci.

246

Acipreste não se rega:
Se eu quiser, rega-lo-hei;
Amor firme não se ausenta,
Se eu quiser ausentar-me-hei.

247

O' acipreste dos valles,
Retiro dos passarinhos,
A quem destes os abraços
Dae-lhe agora os beijinhos.

248

Lá te mandei um raminho
De quantas flores achei;
Se mais achara, mais dera,
Se mais dever, pagarei.

249

Lá te mandei um raminho
De alecrim por aparar;
Se tu tens outros amores,
Manda-me desenganar.

250

O' alecrim, rei das hervas,
O' oiro, rei dos metaes;
A uma triste que vos ama
Que resposta lhe mandaes?

251

Se fordes a Barca d'Alva,
Levae contas de rezar,
Que lá é o purgatorio
Onde as almas vão penar.

252

O' Lisboa, ó Lisboa,
O' Lisboa embarcar;
Coitadinho do meu bem
Que foi para não tornar!

253

Quem me dera em Lisboa
A' porta de uma taberna,
P'ra ver passar a saloia
Com a saia a meia perna!

254

Quem me dera uma mãe,
Inda que fosse uma silva!
Inda que me ella picasse,
Sempre eu era sua filha.

255

O' morte, tyrauna morte,
Que levaste minha mãe,
Levaste-me o meu bem todo...
Leva-me a mim tambem.

256

Dormindo estava sonhando
Que me morria o meu bem;
Acordei, pedi á morte
Que me levasse tambem.

257

Raparigas, cantae todas,
Ajudae o rouxinol;
Cante quem tiver amores,
Que eu já 'stou fora do rol.

258

Já fui mar, já fui navio,
Já fui também escaler;
Já fui rapaz, já sou homem,
Só me falta ser mulher.

259

O' mar da variedade,
Fui eu o que variei;
Variaram os meus olhos,
Quando para os teus olhei.

260

O' rosa, se tu morreres,
Quem te ha de dar a mortalha?
No mais pequeno botão
Fica a rosa amortalhada.

261

O orvalho d'esta noite
Levou a flor ao serpão;
Muitos dizem que sou tua,
Engana-os o coração.

262

Os olhos da minha amada
Mais que todos lindos são:
Em tudo são agradáveis,
E' formosa sem senão.

263

Na serra nascem nascentes,
Não os tiram os pastores;
Os meus olhos choram agua
Que regam jardins de flores.

264

O' olhos, choraes, choraes,
Lagrimas, cáí, cáí;
Se alguém no mundo se perde,
Sou eu por amor de ti.

265

Coração que a dois adoras,
Comtigo não tenho fé;
Não quero o amor partido,
Pois o meu inteiro é.

266

O' coração de pombinha,
O' asa da primavera!
Oh quem me dera saber
O teu intento qual era!

267

O coração da pombinha
Lá o vão a enterrar:
Enterrem-no com o meu,
Que ambos morreram d'um mal.

268

Fui á sepultura ver
O corpo da minha amada:
Tudo achei reduzido
A cinza, terra, pó e nada.

269

Debaixo da fria campa,
No centro da sepultura,
Se acabam meus tristes dias
E minha pouca ventura.

270

Tendes o chapéu pequeno,
Mandae-o levantar;
Debaixo d'elle se criam
Dois olhos de namorar.

271

Perguntae ao sol se viu,
A' lua se conheceu,
A's estrellas se encontraram
Amor mais firme que o meu.

272

Se eu chegar a ter amores,
Ha de ser c'uma vareira,
Que tenha os pés callejados
De passear á torreira.

273

Da minha janella rezo
A' Senhora das Areias,
Que me encaminhe o amor
Que anda por terras alheias.

274

Da minha janella rezo
A' Senhora Santa Helena,
Que me tire do sentido
Amores que me dão pena.

275

Tira-te dessa janella,
Cordão d'oiro retorcido;
'Stão-me dando tentações
De me ir abraçar contigo.

276

Tira-te d'essa janella,
Sol que me estás abrasando;
Não me queiras dar mais penas
Que aquellas que estou penando.

277

Venha de lá, se ha de vir,
Que me mata se não vem;
Já que os meus olhos chegaram
A querer-lhe tanto bem.

278

Quero bem a quatro nomes,
Todos são de obrigação:
E' Manuel e Antonio,
E' Francisco e é João.

279

Eu quero bem a dois nomes,
Não sei a qual quero mais:
A Joaquim pelo rosto,
A José pelos signaes.

280

Apaguem essa candeia,
Que está o azeite caro;
Defronte de mim 'stão olhos
Que alumiam mais claro.

281

Cantigas são meninices,
Que se cantam á viola;
Quem as não quiser ouvir
Ponha o chapéu, vá-se embora.

282

Cante lá uma cantiga,
Diga lá uma palavra,
Que não é boquinha d'anjo
Que esteja sempre calada.

283

Oh que grande calma cae
Por cima dos ceifadores!
Quem fora ramo de palma
Que cobrira os meus amores!

284

Esta noite bole o vento,
Folhinhas não de cair;
Hei-de-me ir pôr á janella,
Que algumas hei de *apolir*.

285

Esta noite bole o vento,
Folhinhas não de voar;
Hei-de-me ir pôr á janella,
Que algumas hei de apanhar.

286

O' sol, ó dia, ó noite,
O' luar, ó claridade!
Nem eu era de teu gosto,
Nem tu da minha vontade.

287

O cantar veio do ceu,
Que o trouxeram os anjos,
Para o cantarem na terra
Todos os homens humanos.

288

Debaixo d'esta latada
Me obriga o amor que eu cante;
Aqui tens meu coração,
Acho que é paga bastante.

289

Tendes o carro á porta,
E' signal de lavrador;
A sua filha mais nova
Ha-de ser o meu amor.

290

O sol, quando nasce, inclina
As pedras do meu anel;
Tambem eu me inclinei
Aos teus olhos, Manuel.

291

Você, menina, matou-me,
Dê-me agora a sepultura;
Se m'a não quer dar na terra,
Dê-m'a na sua cintura.

292

Você, menina, tem coisas,
Não lh'as posso construir;
Quando eu vou a sua casa,
Logo tem para onde ir!

293

Você diz que não, que não,
Eu digo que pode ser;
Inda podes viuar
E vires a meu poder.

294

O' vida da minha vida,
Vida do meu coração;
Para que quero eu a vida,
Se a morte trago na mão!

295

Venha cá, senhor meu tio,
Coração de pedra dura,
Olhe que eu sou uma orphã,
Minha mãe uma viuva.

296

Menina dos olhos verdes,
Chegue se cá para mim,
Que lhe quero dar um cravo
Criado no meu jardim.

297

Indo pela rua abaixo,
Sapatinhos tende mão,
Que está o amor na cama,
Não tome alguma paixão.

298

O meu amor é um cravo,
Que eu ao jardim fui colher:
Não ha outro no craveiro,
Só se estiver por nascer.

299

O meu amor emmonou-se,
De emmonado foi-se ás moras;
Vem tu cá meu emmonado,
Não será por muitas horas!

300

O meu amor é rapaz,
Eu tambem sou rapariga;
Criei-o de pequenino,
Ha-de-me dar boa vida.

301

Amor, não sejas ingrato,
Que o ingrato tem mau fim;
Olha que do ceu caiu
Um ingrato serafim.

302

Que mal te fiz, ó ingrata,
Para de ti ser deixado?
Se o delicto foi amar-te,
Só n'isso serei culpado.

303

O' falsa, tres vezes falsa,
Deixa-me dizer assim,
O' falsa que me vendeste:
Quanto te deram por mim?

304

O' tristeza, ó tristeza,
Que mal te faria eu,
Que tanto te assenhoraste
D'um terno coração meu?

305

Murmurae, murmuradeiras,
Deitae meu corpo em terra;
Eu lavo-me em aguas claras,
Nada d'isso se me pega.

306

Murmuradeiras da rua
Me talharam um vestido ;
Acharam panno por onde,
Talharam-m'o bem comprido.

307

Uma pena, duas penas,
Fazem um corpo em pó ;
Que farão duas mil penas
Mettidas n'um corpo só ?

308

O' penas, não venhaes juntas,
Que não quer meu coração ;
Vinde de duas em duas,
Dae logar ás que cá estão.

309

O' penas, não venhaes juntas,
Vinde de poucas a poucas ;
Vinde de duas em duas
Dae logar umas ás outras.

310

Já por 'qui não passeaes,
Fazeis bem, fugis ás penas ;
Fomos ambos a causa-las,
Eu sòzinha a padece-las.

311

Já por 'qui não passeaes,
Capote de panno fino ;
Já tendes outros amores,
Já mudastes o caminho.

312

Os meus primeiros amores
Mandei-os ao rosmaninho ;
Estes que agora tenho
Levam o mesmo caminho.

313

Estes primeiros amores
Que no mundo tem a gente,
Não sei que doçura tem,
Que lembram eternamente.

314

Loureiro, verde loureiro,
A baga é o teu fruto ;
Foste o meu amor primeiro,
Deixá-lo, custar-me-ha muito.

315

Vae-te d'ahi, papagaio,
Deixa a baga ao loureiro,
Deixa dormir a menina,
Que está no somno primeiro.

316 ¹

Nasce o sol para adorar-te,
Dá volta ao mundo p'ra ver-te ;
Quando o sol deseja amar-te,
Como não hei de eu querer-te ?

¹ Pelo conceito não deixa esta can-
tiga de ser popular ; pela forma, porem,
não o parece.

317

Cheguei á cruz de querer-te,
Calvario do meu martyrio;
A' fonte da saudade,
Onde irei buscar allivio.

318

Não se me dá de ser cruz,
Tendo o calvario ao pé;
Não se me dá de morrer,
Sabendo eu por quem é.

319

Não se me dá de ser preso,
Se tu fores a prisão,
Teus braços forem cadeia,
O teu peito Relação.

320

Subi ao teu pensamento,
Nunca tão alto subi;
Descaí da tua graça,
Outro subiu, eu descí.

321

O' menina, não se fie
Em quem diz: darei, darei;
Oíhe que o amor dos homens
E' falso em toda a lei.

322

Se chegar a ter amores
Ha de ser c'um primo meu,
Que quando ralar com elle:
«Tu não eras mais do que eu!»

323

Triste vida é ser escrava,
Ser criada de servir,
Andar sempre numa lida,
Sem descansar nem dormir.

324

Senhora mãe, não me mande
A Coimbra vender pão,
Que dizem os estudantes:
— Padeirinha tem feição.

325

Fui-me confessar e disse:
«Com o amor andei brincando»;
Por penitencia me deram
Que fosse continuando.

326

Tomei amores c'um clérigo,
E deixei um secular;
Não ha nada que mais renda
Que as toalhas do altar.

327

Tomei amores c'um clérigo,
Nunca melhor cousa fiz;
Logo me fez uma anagua
Da sua sobrepelliz.

328

Se eu souber que alguém me ama
Um bemzinho que eu adoro,
Ha de pagar com a vida
Estas lagrimas que choro.

329

Estas lágrimas que choro,
Estes suspiros que dou,
São por um bem que eu adoro
E de quem ausente estou.

330

D'aqui d'onde estou bem vejo
Duas meninas iguaes;
Se eu quizer dizer, bem sei,
A qual d'ellas quero mais.

331

D'aqui d'onde estou bem vejo
Quem me a mim 'stá retrahindo;
Pelos ares vá voando,
Aos pedaços vá caindo.

332

Escolhi-te p'ra seres minha,
Oh que bella eleição!
Entre todos os viventes
Só tu me deves paixão.

333

Triste tenha o coração
Quem me entristeceu o meu;
Sempre chore, nunca cante,
Saiba que penas me deu!

334

Minha mãe é a ribeira,
Meu pai a agua corrente:
Sou filho das tristes hervas,
Não tenho nenhum parente.

335

O' minha mãe dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?
Trabalho, môo o meu corpo,
Não tenho nada de meu.

336

O' meu amor, quem te deu
A fita para o chapéu,
Que t'a queria eu dar
Azulzinha, côr de ceu?

337

O amor, emquanto novo,
Ama com todo o cuidado;
Mas depois que já é velho,
Mostra papel d'enfadado.

338

O amor, quando se encontra,
Causa pena e dá gosto,
Sobresalta o coração,
Sobem as cores ao rosto.

339

Atirei com balas roxas
A's muralhas de Castella,
Matei uma Hespanhola
Que estava de sentinella.

340

Eu moro ao pé da igreja,
Não ouço senão cavar:
Uns morrem, outros se enterram,
E eu sem me desenganar!

341

Adeus adeus, minha terra,
Adeus altos pinheiraes;
Eu cuidei que me esquecias,
Cada vez me lembras mais!

342

Semear não recolher
E' que arrasta o lavrador;
Eu bem arrastado ando
Na ausencia do meu amor.

343

Semei, não recolhi,
Bem pudera recolher;
Semei os teus agrados
Não me quizeram nascer.

344

O' ais, que tudo são ais,
O' ais para toda a vida,
O' ais com pouco remedio,
O' esperança perdida!

345

Tanto ai, tanto suspiro
Como nesta rua vae!
Tanta mulher sem marido,
Tanto menino sem pae.

346

Tanto ai, tanto suspiro,
Tanta laranja no chão!
Tanta menina bonita,
Nenhuma na minha mão!

347

Tanto ai, tanto suspiro,
Sem nenhum chegar ao cabo!
Dê-me licença, menina,
Que eu dê um ai acabado.

348

Perguntae aos passarinhos,
Que são aves de ternura,
Se na ausencia do amor
Alguem pode ter ventura.

349

C'os passarinhos do campo
Me quero eu comparar;
Andam vestidos de pennas,
Seu allivio é cantar.

350

Valha-te Deus, rapariga,
Tão ingrata te fizeste:
Chamei-te, não respondeste,
Pedi-te agua não m'a dêste.

D. MARIA ANGELICA FURTADO DE MENDONÇA.

ETNOLOGIA

A proposito de uma exposição colonial etnografica em Lisboa ¹

SUMÁRIO

Portugal, potencia colonial. — Boa ideia a de uma exposição que nos faça conhecer o que temos, e que sirva de elemento de Politica, e scientifico ou de Etnologia. — Definição de Etnologia, e suas divisões. O que é Etnografia. — Aplicação da palavra *Etnologia* ou *Etnografia* à vida dos selvagens actuaes. — Inexactidão d'este exclusivo emprego da palavra. A Etnografia tanto estuda os povos selvagens como os outros em que haja elementos tradicionaes; tanto estuda os povos antigos, como os modernos. A Etnografia prehistorica é até um ramo novo da sciencia, e muito importante. Semelhança do homem prehistorico e do selvagem actual; estudo d'aquella por intermedio do estudo d'este. — Necessidade de colher com metodo os objectos que hão-de constituir uma exposição etnografica: programas. — Disposição dos objectos.

Senhor de extensas colonias, adquiridas do seculo XV, ou já do XIV ², para cá, antes que qualquer dos outros países europeus adquirisse as suas, devia Portugal possuir dos melhores museus do mundo, no que respeita á Etnografia ultramarina: e contudo nada mais possui do que uma colecção americana na Academia das Sciencias de Lisboa, que data do seculo XVIII, o museu da Sociedade de Geografia, e modestissimas secções no Museu Etnologico e no de Artilharia.

E' pois bem vinda a ideia de se promover em Lisboa uma exposição de Etnografia colonial, tão vasta quanto possivel, que concorra para que se conheça, mais amplamente do que se conhecê, a vida das tribus selvagens ou semi-selvagens da nossa Africa e de Timor, a dos gentios do Estado da India, etc. Este conhecimento torna-se necessario, quer como elemento de educação social, porque um povo deve saber a sua Geografia e Historia, quer como elemento de Politica, porque tanto melhor se administrarão as colonias, quanto mais perfeita fôr a noção que houver d'elas, quer, em fim, como elemento scientifico, isto é, de Etnologia.

¹ Este artigo foi-me pedido por um jornalista para ser publicado em um jornal de Lisboa; não o chegou porém a ser.

² Cfr. *Boletim da 2.^a cl.* da Academia das Sciencias de Lisboa, IV, 409.

Chama-se *Etnologia* a sciencia que estuda os povos, considerados como unidades ou agrupamentos, por assim dizer, naturais, cuja base está na comunidade da origem, na dos costumes, na da lingua, na da posição geografica, ou noutra: define-os, caracteriza-os, e atende em especial áqueles elementos que, por provirem de epochas afastadas, e terem, de geração em geração, chegado mais ou menos intactos até certo momento (o momento a que se reporta o estudo), se apresentam estacionarios, e em desacôrdo com a civilização reinante. Na palavra *Etnologia*, que provém dos temas de duas gregas, *éthnos* «povo», «tribu», e *lógos* «palavra», «dissertação», ligados pelo sufixo *-ia*, entra pois sempre a noção do que é TRADICIONAL e CARACTERISTICO num povo, e a de ESPONTANEIDADE e ESTABILIDADE. As instituições politicas, por exemplo, de Portugal pertencem ao campo do historiador, porque foram criadas, as antigas, pelos reis e pelas côrtes, e as modernas, pelo govêrno e pelo parlamento da Republica; as instituições (se assim hei-de dizer) dos selvagens pertencem ao campo do etnologo, porque apareceram como que espontaneamente, tem cunho tradicional, d'onde se apagou qualquer caracter INDIVIDUAL ou REFLECTIDO que porventura aí houvesse a princípio, e estão paralisadas.

A *Etnologia* divide-se, ou pôde dividir-se, em *Etnogenia* e *Etnografia*, como fiz nas *Religiões da Lusitania*, t. II, pag. 47-95, sem embargo de se lhe poder juntar uma introdução, ou formar outra parte (*Etnologia geral*), em que se estudem varios problemas: conceito de *povo*, *nação*, *nacionalidade*, *raça*; relações da *Etnologia* com outras sciencias, taes como a Antropologia, ou historia natural do homem¹,

¹ A Escola de Antropologia de Paris versa os mais variados assuntos; no seu programa de 1913-1914 tem: Antropologia anatomica, zoologica, fisiologica, prehistorica; Etnografia; Etnografia comparativa; Etnologia; Geografia antropologica; Sociologia; Lingüística. Na revista londrina *Man*, «a monthly record of anthropological science», órgão do Instituto Antropologico da Grã-Bretanha & Irlanda, ha artigos de Etnografia, Folklore, Lingüística, Arqueologia, Antropologia fisica, Religião, Magia. É dar á palavra «Antropologia» amplitude demasiada. Pelo contrário, existe em Florença uma Sociedade denominada «de Antropologia e Etnologia», e em Berlim uma «de Antropologia, Etnologia e Prehistoria», nas quaes a separação das sciencias se faz claramente; a primeira publica um *Archivio per l'Antropologia e l'Etnologia*, título que tem a mesma clara distinção, e a segunda publica uma *Zeitschrift für Ethnologie*, onde o título, por comodidade bibliografica e elegancia, não é tão explicito, mas onde ha um sub-título explicativo. Também em Moscou ha a «Sociedade Imperial dos amigos das Sciencias naturaes, da Antropologia e da Etnografia», onde a última sciencia ocupa, como se vê, lugar especial; a mesma Sociedade faz varias publicações, uma das quaes se intitula «Revista Etnografica».

a Sociologia ¹, a Historia social ²; leis que presidem á evolução dos factos ethnicos; e problemas semelhantes. A Etnogenia trata da origem dos povos: com relação á França, suponhamos, falar-nos-ha de raças ante-historicas, de braquicéfalos, de dolicocéfalos, de Lígures, de Iberos, de Gregos, de Celtas, de Romanos, de Germanos; á Etnogenia servem de indispensavel base a Antropologia, que destrinça caracteres somaticos e fisiologicos, e a Historia, que narra migrações. A Etnografia é, como o nome diz, a parte descritiva da Etnologia: uma Etnografia de Portugal enumerará os grupos ethnicos ou ethnico-geographicos do nosso país (Saloios, Campaniços, Campinos, Lombardeses, Mirandeses), as divisões populares do territorio (Terra-Quente, Riba-Côa, Cova da Beira, Bairrada, Borda d'Agua, Sotavento), as linguas que se cá falam (português, com seus dialectos ou variedades, e mirandês, com os idiomas seus afins), os caracteres fisicos e psicologicos dos Portuguezes, os costumes que se revelam de modo material (*Tecnografia*), os quaes *ipso facto* refletem a vida intellectual e moral de quem os tem, a saber: artes plasticas, industriais e caseiras, tipos de povoações e de edificações, mobilia, trajos e enfeites, comidas, utensilios, aprestos de caça, de pesca e de lavoura, etc.; finalmente incluirá o *Folklore* ou «Tradições populares», isto é, superstições (mitologia, religião, magia), literatura (contos, lendas, poesia epica e lirica, teatro, adagios), actos e folganças (festas, danças, musica, jogos, etc.), — ainda que a distincção que faço entre «Folklore» e «costumes que se revelam de modo material», ou *Tecnografia*, não seja sempre possivel na prática, pois com o *Folklore* se relacionam, v. g., os amuletos, os brinquedos infantis, as peças de jogo e os instrumentos musicos, que, por definição, pertencem á 2.^a classe ³. No que toca a objectos mate-

¹ Ao passo que, como vimos na nota anterior, a Escola de Antropologia de Paris inclue no seu programa a Sociologia, publica o Instituto Ethnografico internacional de Paris a *Revue d' Ethnographie et de Sociologie*, titulo que revela a distincção dos assuntos, embora ele não combine com o do Instituto.

² Outras sciencias entram ainda em campo: *Psicologia ethica*, e a nova *Sciencia eugenistica*, ou do melhoramento fisico e mental das raças humanas. Acerca da última vide *Archivio per l' Antropol. e l' Etnologia*, XLII, 151-154.

³ Sobre o que seja *Folklore*, palavra de origem inglesa (*folk* «povo», *lore* «saber», «conhecimentos»), a que corresponde em português, como já disse, «Tradições populares», vide E. Hoffmann-Krayer, *Die Volkskunde als Wissenschaft*, j-é, «o *Folklore* como sciencia», Zürich 1902; cfr. tambem *Zeitschrift des Vereins für Volkskunde*, VI, 188 ss. Um plano geral de estudos folkloricos póde ler-se em G. L. Gomme, *The Handbook of Folklore*, Londres 1888. Vide tambem do mesmo autor *Ethnology in Folklore*, Londres 1892. O Sr. Paul Sébillot publicou em 1888 um *Essai de questionnaire* «pour servir à recueillir les traditions, les coutumes et les légendes populaires», e a Sociedade de Folklore galego um *Cues-*

riais, entende-se que o etnógrafo que se ocupar de Portugal não descreverá a arquitectura dos *chalets* do Estoril, nem um piano de Erard, nem um automovel, nem um *smoking*, porque tudo isso pertence á civilização moderna, tem character universal, e não se adaptou ainda ao nosso ambiente; descreverá porém uma casa de escada exterior e de balcão ao alto, um *viôlo* beirão, uma *carrinha* algarvia, um *pellico* do Alentejo, coisas que, com quanto na origem estivessem por ventura em algumas das circumstancias das primeiras, tomaram com o andar do tempo peculiarissima côr local, — como um bronze que por jazer seculos debaixo da terra obteve certo verniz ou pátina que o embeleza e autentica aos olhos do antiquario. A Etnografia, ou se contenta com ser meramente expositiva, ou determina concomitantemente a origem e evolução dos factos e objectos que descreve.

Ordinariamente, quando se diz *Etnologia* ou *Etnografia*, palavras que, como outras que já citei, andam muito indecisas ou confundidas nos autores, entende-se que se trata de povos modernos que não estão na corrente geral da civilização: e é assim que nas secções etnograficas de certos museus, por exemplo, na do Museu Britanico, só se encontram documentos da vida d'esses povos. Mas é evidente que a Etnografia tanto se applica a povos incultos ou semi-cultos, como a povos cultos ¹, pois nestes ha baixas camadas sociaes que conservam características tradições antigas; e que tanto se applica ao presente como ao passado: podíamos escrever uma Etnografia romana, servindo-nos do muito que a respectiva Arqueologia e a Historia literaria nos dizem ², e podíamos

tionario, na mesma data, dividido em oito secções. Com o título de *La Démopsychologie* (outro sinonimo de «Tradições populares» ou *Folklore*), reproduziu a *Revue des langues romanes*, LV, 497 ss., a lição inaugural que o Dr. G. Pitré pronunciou em 1911 na Universidade de Palermo, como professor de uma cadeira que sobre o assunto aí foi criada ultimamente: nessa lição se dá um bom conspecto da nova sciencia. Com relação a Portugal, vid. os meus *Ensaio Etnografico*, 4 volumes, 1891-1910 (2.^a ed. do vol. I, 1911), e dois opusculos da collecção de «Silva Vieira», *O Folklore*, e *O que é e para que serve o Folklore*, nos quaes opusculos se transcrevem opiniões de varios autores.

¹ Deniker, *Les races et les peuples*, 1900, divide os povos da terra em incultos, semi-civilizados, e civilizados. Já anteriormente se dividiam em selvagens, barbaros, e civilizados. São divisões comodas para nos entendermos, mas imperfeitas, visto que não ha povos absolutamente sem civilização (em sentido geral), nem povos civilizados em que não se descubram vestigios de estados de infima cultura.

² Por exemplo: em *The Folklore Journal*, I, 115 ss., saíu um estudo sobre o «Folklore de Horacio»; na *Histoire de la littérat. rom.* de Teuffel, t. I, p. 15 (da traduc. fr.), vem indicações bibliograficas acerca da poesia popular dos Romanos; na *Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, t. I (1893), col. 29-93, lê-se um artigo sobre superstições romanas em conjunto com as gre-

chamar, como de facto muitos chamam, *Etnografia prehistorica* ou *Paleotnologia* ao estudo da vida do homem primitivo, tal como ela se nos patenteia em documentos que provêm da idade da pedra. Entre o homem prehistorico e o selvagem ha mesmo intimas relações, pois se o primeiro é propriamente o antepassado da humanidade actual, o segundo representa uma fase antiquissima da evolução d'esta, e mantem pois práticas e costumes que nos devem elucidar acerca dos mais remotos tempos, postoque nem todos os selvagens occupem a mesma posição na escala social: uns, como certos povos da costa do NW. da America, usam lanças com laminas de pedra, outros, como os do interior e das costas oriental e occidental de Africa, tem já armas de ferro, cujo conhecimento lhes iria das costas septentrionaes¹. Vê-se que o homem prehistorico, em parte progrediu, porque os seus descendentes chegaram a atingir grande desenvolvimento, e a aproximar-se muito da perfeição, em parte ficou estacionario, como se manifesta do viver dos sertões.

Pois que falei da afinidade de costumes que existe entre os povos primitivos e os povos selvagens, acrescentarei que ela faz que em muitos casos se explique a Etnografia de uns pela dos outros. Como

gas; em analogo conjunto estão expostos no Museu Britanico vários documentos archeologicos de muito valor, dos quaes trata o magnifico livro que se intitula *A Guide to the exhibition illustrating Greek and Roman life*, Londres 1908; dos proverbios latinos se occupou o Dr. A. Otto em 1890, *Die Sprichwörter der Römer*; dos jogos tratou Richter, *Joux des Grecs et des Romains*, 1891; dos gestos dos mesmos povos tratou Sittl, *Die Gebärden*, 1890; sobre os amuletos dei indicações nas minhas *Religiões da Lusitania*, t. III, p. 524, nota 1; para o estudo da novelistica ha elementos no *Burro de ouro* de Apuleio, conto de *Amor & Psyche*, o qual tem originado multiplos trabalhos, de que estão aqui á minha mão tres dos últimos: *Das Märchen von Amor und Psyche* por Stumfall, Leipzig 1907, *El mito de Psyquis* por Bonilla y San Martín, Barcelona 1908, *Le Roman d'Apulée* por G. Huet, Paris 1909; e que é *A vida privada dos Romanos* de Marquardt senão em grande parte um tratado etnografico?

¹ Tão ligada está a Prehistoria com a Etnografia dos selvagens, que em alguns museus as respectivas collecções se seguem uma á outra, por exemplo, no de Berlim, com quanto a «Guia» ou *Führer durch das Museum für Völkerkunde* só chame «etnologicas» ás da segunda classe (Berlim, 1898, p. 57). A collecção etnologica, ou *für Völkerkunde* (como em alemão se diz ás vezes), do Museu de Basileia contém objectos prehistoricos, europeus, africanos, asiaticos, oceanicos, americanos, e uma secção antropologica. No «Naturhistorisches Hof-Museum» de Viena ha salas de Mineralogia, Geologia e Paleontologia; de Antropologia; de Etnologia (dos povos incultos); de Prehistoria. O Museu de Roma intitula-se «Preistorico-etnografico» (tem por base as collecções kircherianas, i-é, feitas pelo P.^e Kircher no sec. XVII).

seriam as cabanas em que se abrigavam aqueles, ou os enfeites que punham no corpo, como se encabavam e applicavam tantos objectos de silex, de quartzite, de cristal de rocha, de xisto, a que chamamos pontas de seta, martelos, laminas, machados: tudo isso sabemos ou imaginamos pelo exame das condições em que vivem os povos atrasados da Oceania, da Africa, etc., a que acima me referi. E ás vezes chegamos a descortinar particularidades de crenças, de ritos e de costumes, só pelo confronto de objectos archeologicos com analogos objectos etnograficos de cujo destino estamos informados. Afim de se comprehender bem qual a lição que a este proposito nos dá a Etnografia dos povos incultos, é que no Museu Etnologico de Belem (Jeronimos) se acham expostos varios utensilios e armas, não só usados nas nossas colonias, mas na Australia e na America: o visitante, confrontando com taes utensilios e armas os espolios prehistoricos que observa em numerosos mostradores e armarios do pavimento I e II do Museu, percebe immediatamente a significação dos ultimos. Já no seculo XVIII escreveu Lafitau uma obra intitulada *Mœurs des sauvages américains comparées aux mœurs des premiers temps*, e em epoca proxima de nós Sir John Lubbock incluiu nos seus *Prehistoric times* (1865), de que ha pelo menos tres traduções francesas, um capitulo sobre analogia materia.

Para se colherem com facilidade os elementos que hão-de constituir uma exposição em que num relance se evidenciem as vantagens da Etnografia, convém proceder com método. Não faltam programas que sirvam de guia, e alguns d'eles escritos em português. Na *Revista d'Ethnologia e de Glottologia*, 1880, pag. 1-4, esboçou o Sr. Dr. Adolfo Coelho um acerca de Etnologia peninsular, assunto de que o mesmo professor voltou a occupar-se com maior desenvolvimento em 1896: *Exposition ethnographique portugue-a, Portugal e ilhas adjacentes*, — opusculo dado a lume pela Sociedade de Geografia de Lisboa, por ocasião do centenario do descobrimento da India. O Govêrno da provincia de Angola, em portarias de 23 de Fevereiro e 5 de Março de 1912, assinada pelos Srs. Manoel Maria Coelho, governador geral, e Manoel Moreira da Fonseca, secretario geral interino, iniciou, com o concurso do Dr. Alberto Osorio de Castro, ao tempo juiz da Relação de Loanda, uma serie de estudos etnograficos que teve como coroa a fundação de um museu provincial, para cuja constituição se organizou e publicou um *Questionnaire ethnographique acerca das populações indigenas de Angola e Congo*, Loanda 1912. Tanto neste *Questionnaire*, como no segundo trabalho que mencionei do Sr. Adolfo Coelho, encontrarão os promotores da exposição colonial de Lisboa auxilio excelente, que os aliviará de pesadas lucubrações. Em todo o caso aqui cito outros programas: *Questionnaire ethnographique*, e *Anthropological queries*

for *Australia*, publicados por Sir Charles H. Read, conservador da secção de Etnografia do Museu Britânico, e também autor do *Handbook to the ethnographical collections* do referido Museu; *Questionnaire de sociologie et d'ethnographie*, 2.^a ed., Paris 1883, publicado pela Sociedade francesa de Antropologia, d'acôrdo com programas parecidos da Sociedade de Antropologia de Florença, e da de Geografia de S. Petersburgo. Da exposição internacional de Roma, em 1911, fazia parte uma secção etnografica, e a respeito da mesma se imprimiram alguns opusculos: *Per una esposizione di Etnografia italiana in Roma nel 1911*, Roma 1908, com capitulos «Sulla raccolta di materiali», e «Oggetti e documenti da raccogliersi», «Norme generali per la raccolta», etc.; *Catalogo della Mostra di Etnografia italiana*, Roma 1911. Consequência d'esta exposição internacional foi o Museu de Etnografia italiana (não ainda totalmente constituido), o qual visitei em 1912, em companhia do seu fundador, o hoje falecido Lamberto Lória, que, antes de o estabelecer em Roma, o estabelecêra em Florença, onde também o visitei (1909). Lória é autor do opusculo *Como è sorto il Museo di Etnografia italiana in Firenze*, Florença 1907; a ele e a Baldasseroni se deve outro trabalho, *Per la Etnografia italiana*, Roma 1910, constante de duas partes, «Del modo di promuovere gli studi di Etnografia italiana», e «Della Società di Etnografia Italiana e di alcuni scopi cui deve mirare». A par com o que deixo lembrado (entre outros trabalhos cuja menção omito por brevidade), estão os catalogos dos numerosos museus de Etnografia que existem na Europa e nas restantes partes do mundo¹; para o caso servem também os indices de tantissimos livros que ha de Etnografia, nas principaes línguas cultas.

Já aproveitando as collecções da Sociedade de Geografia de Lisboa e as de outros museus publicos, já valendo-se do concurso de particulares que possuam *peças gentílicas*, já fazendo encomendas de outras para as colonias, por intermedio do respectivo Ministerio, e segundo o modêlo de bons programas, como os que enumerei, os promotores da exposição alcançarão sem dâvida o preciso para atingirem o alvo que tem em mente.

Os objectos, bem como os desenhos e fotografias que representem os que não puderem obter-se, ou os que são intransportaveis, dispor-

¹ Com o titulo de *Ethnographical Museums* appareceu em *The Archaeological Review*, II (1888), vertido em inglês, um artigo de K. Bahnsen, da Dinamarca, em que se enumeram e descrevem diversas collecções etnograficas europeias: de então para cá outras mais se criaram. Nas guias de viagens, principalmente nas de Baedeker, encontrará o leitor abundantes noticias de museus.

se-hão geograficamente: gentilidades da Índia, tribus da Africa, reinos de Timor, districto de Macau; e em cada uma d'estas classes territoriaes por sub-classes, e por assuntos: objectos relacionados com a vida material, habitação, vestuario, enfeites, industrias, agricultura; com a vida intellectual, artes, religião; e assim por diante ¹.

*

D'este modo dou por concluida a tarefa de que me incumbiram, qual foi a de apresentar umas ideias sobre Etnologia, relacionando-as com a exposição etnografica que se deseja fazer na nossa capital.

Campolide, vespera de Natal, 1913.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ No Museu Etnologico Português (Belem, — LISBOA), ao passo que, tanto quanto pude, organizei cronologico-geograficamente a secção archeologica, para que num relance se vejam as relações em que umas epocas e umas provincias estão para com as outras, organizei por categorias de objectos a secção etnografica moderna, ainda assim, em parte, dispostas geograficamente, por exemplo: arranjo da casa no Alentejo e na Extremadura; utensilios caseiros; metrologia (pesos e medidas); amuletos; medalhas cristans; religião popular (ex-votos, registos com lendas religiosas, registos varios); etnografia dos vícios (cheirar e fumar); historia do livro (tipografia, encadernação); arte da escrita (tinteiros, canetas, papel, carimbos); heraldica; a Igreja em Portugal (rituais, breviario bracarense, constituições episcopais); etnografia das ilhas; etc. — Infelizmente não disponho de casa bastante. Se eu dispusesse de mais salas, e o Góvêrno me dêsse mais algum empregado, e augmentasse um pouco a verba das despesas (mas, sobretudo, se eu dispusesse de mais salas!), eu faria em breve tempo um dos bons museus do mundo neste genero, porque conheço um tanto o pais, e tenho por todo ele amigos que sempre estão prontos a ajudar-me. E é pena que a minha boa vontade não possa ser aproveitada por inteiro, em quanto o enthusiasmo não esmorece, e os anos e as doenças não vem pôr ao trabalho obstaculos insuperaveis. Quanto mais tarde se trabalhar, pior, porque a civilização (em sentido especial) é de certo modo inimiga da Etnografia: os objectos tradicionaes, os trajos característicos das regiões, as usanças campestres vão desaparecendo á proporção que aquella aumenta. De ano para ano muita cousa curiosa se some para sempre na voragem do esquecimento. — Já depois de composto na imprensa o que fica dito, recebi a revista que se intitula *Lares*, órgão da Sociedade de Etnografia Italiana, em cujo fasciculo 1.º se discute o metodo de ordenação do Museu Etnografico de Italia, assunto tambem ventilado no Congresso de Roma, em 1911.

MISCELANEA

Notulas grammaticaes

FAZER COM QUE — FAZER QUE

O sr. Candido de Figueiredo nas suas «Lições Práticas», e ulteriormente em outras publicações condemna a construcção *fazer com que*, e affirma que *fazer que*, sobre ser elegante, é que é vernacula.

Contestando-o no seu precioso livro «Factos da Linguagem», o sr. Heraclito Graça, com a boa razão, dissente do entender daquelle douto philologo e diz que a forma *fazer com que* foi empregada por meritosos classicos, estando, por consequencia, perfeitamente autorizada.

Fazer com que e *fazer que* — diz Heraclito Graça, são meros typos syntacticos divergentes na forma e equivalentes no sentido, como o são *convencer-se de que*, *convencer-se que*, etc. E pergunta: «Por ventura pensa s. exc. que a palavra ou palavras que se juntam á conjuncção para formar a locução conjunctiva têm existencia independente; e são, pela natureza de cada uma de per si, sujeitas á analyse especial, como simples preposições, adverbios, adjectivos, substantivos, etc.?»

O sr. Figueiredo não aceitou a lição, e persistiu onde estava.

Depois de acurado estudo do assumpto, em nosso modesto livro *Estudos de Português*, arriscámos uma opinião, impressionado com o facto de que a locução não poderia ter-se constituido arbitrariamente. No nosso entender a preposição *com*, naquella expressão, não era nada mais nada menos que o vestigio de um outro elemento, occulto por ellipse. E isto mesmo registámos.

Fizemos um estudo sobre os differentes empregos daquelle preposição, e demos como lidima a construcção *fazer com que* (nos *Estudos de Português*, pag. 46.)

Ainda desta vez o sr. Candido de Figueiredo não se deu por convencido.

E' que não lográramos ter illustrado o nosso dizer com o exemplo de um só classico, de um só escriptor. Entretanto, tínhamos sido o primeiro a enveredar por um caminho novo no exame daquelle forma.

Não nos detivemos, e tomámos o compromisso de vêr decisivamente se estávamos ou não com a razão. Passados dois annos, podemos hoje emfim dar conta da difficultosa tarefa.

A construcção *fazer com que* é irrefutavelmente vernacula, e diante de factos insophismaveis.

Trata-se no caso de um desses não raros phenomenos de deslocação syntactica, o que quer dizer que o caminho por nós antes trilhado era o unico que conduziria á verdade. O resultado de nossos estudos é positivo, porque podemos aboná-lo com textos classicos dos mais antigos escriptores, o que evidencia que a deslocação e de par com ella a ellipse se deram, depois, com o decorrer dos tempos em razão da transformação operada nos primitivos moldes da lingua.

Mas, vamos aos exemplos:

«...e ferido de duas lanças em huma perna na batalha dos Arcos de Valdevez, não longe da ponte da Barca, e correntes do rio Lima, deixando sete côndes cativos fez com El-Rei QUE levantasse o cerco». (Pag. 83, 84, *Parallellos de Príncipes e varões illustres* — 2.^a edição — 1733 — Francisco Soares Toscano — a 1.^a edição appareceu em 1621».

«...dizendo que por respeito desse casamento elle faria com D. Manoel que obedecesse e escrevesse a el-rei de Castella etc.» (Ruy de Pina, *Chronica* de D. Affonso — cap. IX).

«E dalli até Portugal veio o Duque d'Alba com el-rei, e fez com elle que viesse pela sua villa d'Alba» (*Obras* de Garcia de Rêsende, parte: *Entrada de El-Rei D. Manoel em Castella*).

«Vindo-se haverá quatro annos, querendo entrar em Valhadowid, fizeram com os da junta que lhe não dessem licença». *Fastigimia*, pag. 165 — Thomé P. da Veiga, seiscentista.)

De todos os exemplos que carreámos se conclue que a preposição *com* está regendo nomes, e attestando claramente o phenomeno de deslocação, depois operado.

Assim a expressão, v. g.: *fez com elle que partisse* transformou-se em *fez com que elle partisse*, a par de *fez que elle partisse*, etc.

Ora, como o verbo fazer é objectivo directo, os nossos grammaticos trataram sem mais exame de condemnar a expressão *fazer com que*, onde a preposição *com* apparece, aliás, agora como se vê, com referencia a um elemento que desapareceu ou foi deslocado.

O que se dá com o verbo *fazer* dá-se do mesmo passo com o verbo *ordenar* (v. g.: *ordenar com que*, *ordenar que*), como podemos comprovar tambem com exemplos. Assim é que num requerimento, feito às côrtes de Thomar, em 20 de abril de 1581, lemos: «pela melhor ordem que a v. Majestade parecer, mande prover e ordenar com

que as taes pessoas da nação não andem, nem sirvam nos ditos carregos (*Nota da Memoria sobre os judeus, em Portugal; Memorias da Academia de Sciencias de Lisboa, 2.ª parte, 8.º tomo*).

«que o ajudasse nesta pretensão, e requeresse com grande instancia a el-rei o deixasse ir a Inglaterra, a casa de el-rei, seu tio, a ganhar honra pelas armas, como já seus irmãos tinham ganhado; ou ordenasse *com que* fosse cercar Tanger». (*Descrição de Portugal* — cap. LXXXIII, Duarte Nunes do Lião).

Em *ordenasse com que*, a preposição *com* é vestigio da locução integral, adverbial, *com elle*; trata-se de uma modificação adverbial latente. O mesmo deve entender-se em *cumprir com* (cumpriu com alguém ou alguma cousa) o seu dever; e em *mandar com que*, como em *fazer com que*, *ordenar com que*, etc. do mesmo modo.

Todos estes são verbos objectivos, com preposição antes do complemento, simplesmente porque o elemento preposicional nada tem que vêr com o objecto.

Assim, temos que: *com que*, no caso, não é propriamente uma locução conjunctiva. *Com* é, a nosso humilde legislar, o vestigio preposicional de um adjuncto adverbial latente, e que independe da conjuncção.

Fazer com que, logo não é como entende o sr. Candido de Figueiredo uma construcção não vernacula.

A grammatica ha de curvar-se sempre diante dos factos positivamente averiguados.

Juiz de Fora, Fev. - 1913.

LINDOLPHO GOMES.

(De *O Estado*, Brasil, de 4-viii-913).

*

É-me grato reproduzir nesta revista o artigo precedente, visto que eu havia chegado ao mesmo resultado, embora não publicasse a minha explicação. Nos meus verbetes vocabulares (ineditos) digo eu: «*fazer com que*: na origem deve ter sido *fazer com alguém que*. Em João de Barros, *Ropica Pucfma* (ed. do Porto, 1869), p. 186: FEZ COM as aves QUE cada hũa pedisse sua pena».

J. L. DE V.

Etimologias

1. Estardalhaço

Por *stardalhaço* = *stard-alh-aço*: derivado de *stratum*, de *sternere*. Cf. *trocer*, *tormento*.

2. Gorgoçadas

O mesmo que «gorgoladas»: sec. XIV: «grandes *gorgoçadas* de sangue», no *Boletim* da 2.^a cl. da Acad. das Sc. de Lisboa, III, 301. A base é **gurgutia*, em Meyer-Lübke, *Roman. etym. Wb.*, § 3924.

3. Lealdar

Nos *Commentarios de Albuquerque*, ed. de 1576, pag. 247, lê-se: «mandou *lealdar* a prata dos marcos». De *legalis* fez-se **legalitas*, -atis, e d'aquí **legalitare* > *lealdar*. Prefiro explicar assim o vocabulo a deduzi-lo de *lealdade*.

4. Manso

De *mansuetus* deduziu-se o participio **mansus*, **masus*¹. A primeira forma do participio está representado em hesp., port. e ital. ant. por *manso*, e em prov. por *mans*, palavras que Meyer-Lübke menciona, *ob. cit.*, § 5324, explicando o *n* por influencia de *manus*. Não seria mais natural explicar o *n* por influencia do *m* inicial? Da influencia do *m* inicial em mica, d'onde provém várias formas românicas nasaladas, trata Schuchardt²; em valão temos *maîns*, fr. «mais»,³; em galego *mancineiro* «mèzinheiro»; em portug. *muito*, *mã*, *mêza*, *mês*, *paramonde* «por amor de»; em Ceilão *inemingo*. Esta influencia da nasal inicial, se se manifesta modernamente, manifestou-se já em periodos antigos do românico, como o prova o port. *monco* < *mūccus*, e o hesp. *cimenterio* < *coemeterium*.

¹ Cf. A. Thomas in *Romania*, XLII, 371.

² *Romanische Etymologien*, I, 31. — Cf. *Zs. f. r. Phil.*, XXXV, 71.

³ In *Wallonia*, VI, 48.

5. **Mirolho**

De *mira* (imperativo) + *ólho* (vocativo). É pois na origem expressão sarcástica. Cf. *mira-ólho* em Moraes. — Suponho que *Miragaia* se explica de modo analogo: «Mira, Gaia!», isto é: Gaia, olha para cá (para o sítio onde está *Miragaia*).

6. **Moumar**

Palavra usada na Beira, e que significa «falar por entre os dentes». Por ex.: «que estás tu para aí a *moumar* ?». De **mŭrmurare* > **molmar* (dissimilação) > *moumar*.

7. **Painho**

Nome de duas aldeias e de um casal. Primitivamente foi nome de batismo: *Pelagius*, sec. XIII, que no mesmo seculo alterna com *Pelainus* e *Práyno*¹. Derivado do lat. *Pelagius*, com o sufixo -inus; cf. *Antoninus* <> *Antonius*, *Saturninus* <> *Saturnius*. Na origem *Pelagius* é adjectivo, «marítimo», de *pélagus* = *πῆλαγος*. Quanto ao sentido, cf. *Marinus*, de mare, d'onde veio *Marinho*, no genetivo *Marim*. De *Pelagius* veio *Paio*, e de outro derivado, **Pelagianus* (cf. *Aemilianus*, *Julianus*, *Marianus*), veio *Paão*, no sec. XIII *Paiam*, *Paian*?; mas também ha hoje (Casal da) *Paã*, nome que representa o feminino de *Paão*. — Assim, o grego antigo *πῆλαγος* chegou até modestos lugarejos de Portugal, por intermedio dos Romanos e do Cristianismo.

J. L. DE V.

Curso de Literatura Portuguesa na Universidade de Londres

Com prazer se reproduz na *Revista Lusitana* o seguinte programa do curso de Literatura Portuguesa, que o nosso ilustre compatriota o Sr. V. de Bragança Cunha fará na Universidade de Londres, de Janeiro de 1914 em diante:

¹ Cortesão, *Onomástico*, s. vv.

² Cortesão, *ibid.*, s. vv.

«University of London, University College:—session 1913-14:—Portuguese literature.—A course of five public lectures will be given by V. de Bragança Cunha in the second term, on Wednesdays at 2 p.m., beginning January 21 st.—Syllabus:

Race. Tradition. Language. Nationality.

Gallician-Portuguese Troubadours. Diffusion of Provençal Literature. King Dom Dinis, the most productive troubadour of the time.

Formation of AMADIS OF GAUL, the prototype and the greatest of romances of chivalry.

The ecclesiastical and humanist influence. The foundation of the University of Coimbra.

Acceptance of Castillian-Spanish models.

Ocean voyages, discoveries. The literary output of this great period of activity.

Gil Vicente, the founder of the Portuguese theatre. His AUTOS and their influence on Lopo de Vega and Calderon.

Bernardim Ribeiro's model of the pastoral novel. Jorge de Montemayor's «Diana» gives Shakespeare the story of the «Two Gentlemen of Verona». Sá de Miranda. The Italian school. The Inquisition and the Index.

Camões, A son of the Classical Renaissance. The broad humanity and the vigorous individualism of his sonnets.

Camões. Man and Poet. The LUSIADAS great epic of modern civilisation.

Camões in English. English versions and translators. Reason why some of them fall short of the original.

The loss of literary as well as political autonomy. The sixty years of Spanish domination: its effects.

Ecclesiastical eloquence. Mysticism. «The Letters of a Portuguese Nun».

The Romantic movement. Struggles for Constitutional liberty. Garrett's exile. Herculano's romances and the influence of Walter Scott. Revival of national traditions.

Ultraromanticism. The Coimbra Question.

Novels of Camillo Castello Branco, Eça de Queiroz and Julio Dinis. Living poets and prose writers.

These Lectures are open to the Public without Fee or Ticket.—
WALTER W. SETON, M.A., *Secretary*, University College, London.
(Gower Street, W.C.) ».

J. L. DE V.

Ex-libris, super-libris e super-libros¹

Do que tenho ouvido a várias pessoas que coligem ou usam *ex-libris* concluo que elas não sabem o que significa tal expressão, e contudo seria fácil sabê-lo.

Começarei por declarar que ha *ex libris*, sem traço de união, e *ex-libris*, com traço.

Quando numa folha de um livro se lê *ex libris illius*, isto quer dizer que o livro de que se trata «provém dos livros, ou da livraria de fuão»; *ex libris* vale o mesmo que *ex bibliotheca* ou *e bibliotheca*. Também podia dizer-se *e libris*.

Como porém a posse nem sempre se indica apenas por *ex libris illius*, mas frequentemente se adicionam a essa frase divisas e ornatos no proprio livro ou num papel colado nele, e como na linguagem corrente, ora por necessidade ou por economia de tempo, ora por motivos psicologicos, abreviamos a cada passo a nossa elocução, e substituímos umas palavras por outras, aconteceu que *ex libris* veio a significar só por si «o modo pelo qual o dono de um livro indica que esse livro lhe pertence»: neste caso as primeiras palavras da frase representam toda a frase; analogamente se representa com *ave Maria* a oração religiosa que começa assim. Temos aqui um exemplo (*pars pro toto*) do que os retóricos denominam «sinédoque».

Transformada, segundo se vê, a expressão *ex libris* em mero vocabulo, nada mais natural do que indicar materialmente por um traço a união dos elementos constitutivos d'ele, — do que resultou *ex-libris*. De modo paralelo escrevemos *ave-Maria*, e, com maior síntese, como se lê no *Dicionario* de Moraes, *avemaria*.

Se agora alguém adoptar, o que é frequentíssimo, «*ex-libris* de fuão» (pondo um traço), comete grande absurdo, porque *ex-libris* já não significa «da livraria», significa unicamente uma fórmula, ou um papelinho em que ela se estampou. Idêntico absurdo cometeria quem escrevesse «*avemaria* (ou *ave-Maria*) cheia de graça», porque se designava que era cheia de graça a oração, e não a Virgem Maria.

*

A par com *ex-libris* dizem alguns indivíduos *super-libris*, entendendo por esta expressão a fórmula da posse, quando gravada externamente na capa superior do livro, ou em ambas as capas, ou na lombada.

¹ Este artigo foi já publicado no *Boletim* do Carmo, 1913.

Em primeiro lugar notarei que *super-libris*, como latim, contém dois erros: um de logica, porque devia ser *super-libro*, visto que a fórmula se applica individualmente a cada livro, e não a um grupo (diz-se *sobre-loja*, *sobre-mesa*, e não *sobre-lojas*, *sobre-mesas*, a não ser que se fale no plural), outro de gramatica e estilo, visto que *super* com ablativo significa na prosa classica «a respeito de», e sómente nos poetas se applica a lugar: por tudo o que fica exposto, o correcto seria *super-librum* ou *super librum*, e não como fazem; cfr. *super telum subiectum pedibus* em T. Livio, VIII, 9, e no proprio latim ecclesiastico *super hanc petram* em S. Mateus, XVI, 18.

Em segundo lugar *super-libris*, como expressão corrente, contém ainda outro erro logico, porque numa partição os membros devem ser paralelos entre si, isto é, da mesma natureza: ora não existe paridade nenhuma entre *super-libris* e *ex-libris*, pois que a segunda expressão significa «proveniente da livraria», e a primeira significa «a respeito dos livros» ou poeticamente «sobre os livros».

Quem quiser exprimir a ideia que erroneamente exprime por *super-libris*, exprima-a de outro modo, v. g. por «*ex-libris* exterior», já que o chamado *super-libris* é na verdade *ex-libris*.

*

Tambem ha muitos individuos que ao *ex-libris* exterior chamam *super-libros*. Esses não erram no emprêgo syntactico da preposição, mas cometem os mesmos erros de logica que os partidarios do *super-libris*.

J. L. DE V.

Uso do tratamento de «senhora» e «senhor»

É corrente dizer o povo «sim senhora», «não senhora», quando se refere a uma pessoa do sexo masculino.

Expliquei o fenomeno foneticamente na *Rev. Lusit.*, IV, 43, mas depois d'isso pensei que o feminino resultaria de influencia do genero de *Vossa Senhoria*, *Vossemecê* (=Vossa mercê), encontrando-me assim, embora sem tornar a escrever sobre o assunto, com o que diz Leo Spitzer na *Zs. f. r. Phil.*, XXXVI, 689, a proposito do italiano.

Com o mesmo A. penso ha muito tambem que quando ás vezes se diz *sim senhor*, *não senhor*, esta expressão corresponde a simples *sim* e *não*: a palavra «senhor» funde-se mentalmente com o adverbio que lhe vai junto.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

VARIA QVAEDAM

— **Revista de Historia**, órgão da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos. Começou a publicar-se em Janeiro de 1912. Até Setembro de 1913 estão publicados 7 numeros.

— **An old Portuguese version of the Rule of Benedict** — por J. M. Burnam, Cincinnati (America), 1911.

— **Nótulas ao "Novo Dicionário"**, — por Cláudio Basto, Vianado-Castelo 1913.

— **O campo "já dito Elísio,, dos Lusíadas** — pelo Dr. José Maria Rodrigues, Coimbra 1913.

— **A Egipciaca Santa Maria**, poema de Sá de Miranda, publicado por Theophilo Braga, Porto 1913.

— **Escorços trasmontanos**, ensaio de literatura regional, pelo Dr. Ferreira Deusdado, Angra do Heroísmo 1912.

— **Camillo inédito**, prefacio e notações pelo Visconde de Villa-Moura, Porto 1913.

— **The Romanic Review**, Columbia (America), vol. 1, 1910. A publicação vai actualmente no fascículo 3.º do volume IV (Julho-Setembro de 1913).

J. L. DE V.

NECROLOGIA

ANTONIO TOMÁS PIRES ¹

Se quando em terras de certa importancia, como Lisboa, aparece alguém que investigue com diligencia assuntos scientificos que não respeitem á vida prática, e só pertençam á do espirito, ha motivo para que dos arraiaes das letras irrompam aplausos de admiração, quanto mais justificadamente eles não devem dar-se a quem nas mesmas circumstancias labuta em afastado rincão provinciano?

Acodem-me estas ideias ao ter de sumariar na presente sessão os serviços que prestou á civilização portuguesa o nosso consocio Antonio Tomás Pires, que nasceu e viveu em Elvas, e aí faleceu em 3 de Agosto último, na idade de 63 anos.

Antonio Tomás Pires cultivou com especialidade o *Folklore*, mas tambem aroou noutros campos scientificos. Os seus trabalhos são numerosos, uns publicados em jornaes, oútro impressos em volumes.

Pelo que toca a jornaes, escreveu, por exemplo, artigos acerca de poesia lirica e romances populares, adivinhas, ditados, contos, superstições, costumes, toponimia, arqueologia, na *Sentinela da Fronteira*, no *Elvense*, no *Progresso de Elvas*, na *Gazeta de Portugal*, no *Jornal da Manhã*, na *Revista do Minho*, na *Revista Lusitana*, no *Archeologo Português*, no *Anuario das tradições populares*, no *Folklore Andaluz*, no *Folklore Bético-Extremêo*, no *Archivio de Pittè*.

Livros e folhetos, legou-nos os seguintes:

Cantigas a S. Antonio, S. João e S. Pedro, Elvas 1891.

Cancioneiro popular politico, Elvas 1891.



Antonio Tomás Pires

¹ Noticia lida á 2.ª classe da Academia das Sciencias de Lisbon, em sessão de 13 de Novembro de 1913.

Setecentas comparações pop. alentejanas, Esposende 1892.

Calendario rural, Elvas 1893.

Notas historico-militares da «Guerra Velha» até á «Invasão francesa», Elvas 1898.

Materiaes para a hist. da vida urbana portuguesa, Lisboa 1899.

Catalogo do Museu Archeologico da Camara Municipal de Elvas, Lisboa 1901, com gravuras.

Cantos populares portugueses, 4 volumes, que encerram mais de 11:000 canções: Elvas, 1902-1910.

E com o titulo geral de *Estudos e notas elvenses* os seguintes opusculos:

- I. *O S. José de Elvas*,
- II. *A entrega da praça d'Elvas a Filipe II*,
- III. *A igreja do Sr. Jesus da Piedade*,
- IV. *O casamento de Luis José de Vasconcelos e Azevedo*,
- V. *Amuletos alentejanos*,
- VI. *A noite de Natal, o Ano Bom e os Santos Reis*,
- VII. *Vasco de Lobeira*,
- VIII. *Garcia da Orta*,
- IX. *O castelo de Elvas*,

todos eles vindos a lume na cidade natal, os seis primeiros em 1904, o 7.º e o 8.º em 1905, o último em 1907.

Os *Cantos populares* constituem o principal titulo de glória de Pires, porque, visto reproduzirem grande parte dos materiaes primeiro publicados em periodicos, representam o maior tesouro poetico que até hoje se tem coligido da tradição oral portuguesa, e onde pois se espelha, como em nenhuma outra fórmula do *Folklore*, a genuína alma do nosso povo, com os seus arroubos amorosos, as suas saudades dolentes, as suas aspirações, as suas mágoas. Já Camões disse na 1.ª das *Redondilhas*:

Canta o caminhante ledo
 No caminho trabalhoso
 Por entre o espesso arvoredor;
 E de noite o temeroso,
 Cantando, refreia o medo;
 Canta o preso docemente,
 Os duros grilhões tocando;
 Canta o segador contente;
 E o trabalhador, cantando,
 O trabalho menos sente...

versos que Pires poderia com razão inscrever no frontispício da obra a que me estou referindo, se de modo breve quisesse sintetizar o lirismo nacional com palavras de um poeta que tão divinamente o entendeu.

Foi em 1882 que Antonio Pires começou a dedicar-se aos estudos etnograficos. Hoje taes estudos vivem entre nós vida folgada: toda a gente reconhece, mais ou menos, a importancia d'elles; existem revistas proprias, livros, folhetos, museus; mas naquele tempo, o público olhava em geral para isto com desdem e com desconfiança, e passava diplomas de «lunaticos» a quem tinha a paciencia benedictina de andar pelos serões, pelas fontes e pelos soalheiros a pedir às raparigas que lhe ditassem trovas, de bater às portas das velhas para estas lhe ensinarem «contos da carochinha», e de estar sempre alerta a observar quantos costumes, superstições, usanças vigoram por este bom e etnografico Portugal. Consequentemente o papel desempenhado pelo nosso chorado consocio foi muito mais importante, e merece muito mais o nosso louvor, do que á primeira vista parece: Pires não se importou dos obstaculos, e proseguiu radiante de alegria na sua tarefa, por que trabalhava convicto do grande serviço que prestava á sciencia.

Pede a verdade que se diga que em Elvas, apesar de ser cidade modesta, onde, como praça de guerra, mais se ouvem toques de clarim que chamem soldados a exercicios militares, do que sinetas de academias que congreguem sabios para palestras e tertulias em que se exercitem as artes liberaes, não faltaram a Antonio Tomás Pires amigos dedicados, que gradualmente o comprehenderam, e lhe deram estímulo. As vereações municipaes confiaram-lhe a direcção do Museu archeologico e da Biblioteca (lugares que exerceu de graça); os directores de jornais franquearam-lhe as colunas d'estes para ele inserir muitos dos seus artigos; e houve sobretudo um benemerito Elvense, o Sr. Antonio José Torres de Carvalho, que, sem procurar lucros de especie alguma, e apenas por amor da patria, lhe publicou a maior e melhor parte dos volumes.

Ninguém que conheceu Pires deixará de lamentar a falta d'este cidadão honrado e prestimoso, d'este funcionario exemplar (desempenhou, com elogio de todos, o cargo de secretario da camara durante muitos anos), d'este escritor incansavel, que não poupava esforços para levar a cabo as utilissimas investigações que planeava. Por tudo isto eu me associo ao voto de sentimento que a Academia das Sciencias exarou ha dias na sua acta pelo falecimento d'ele: e fazendo-o como Português, e como academico, faço-o tambem como amigo que fui, e dos mais intimos, de Tomás Pires, em quem, num longo trato de 31 anos, sòmente encontrei primores de perfeição moral e intelectual.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

INDICE DO VOL. XVI

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

	Pag.
Textos antigos portugueses (conclusão) — por José Joaquim Nunes	1
As candeias na religião, nas tradições populares e na industria — por Sousa Viterbo	41
Gramatica e Vocabulario de Fr. Pantaleão d'Aveiro — por A. Gomes Pereira	81
Duas traduções portuguezas do sec. XIV — por Pedro d'Azevedo	101
Investigações ethnographicas — por A. Thomás Pires	112
Toponymia portuguesa — por Joaquim da Silveira	147
Sobre uma edição pouco conhecida dos "Contos," de Francisco — por Joseph de Perott	159
Tradições populares do Baixo-Alentejo — por D. Maria da Conceição Dias	181
Notas á margem do "Nôvo Diccionário da Língua Portuguesa," — por Óscar de Pratt	206
Tradições populares de Barcellos — por A. Gomes Pereira	280
A expressão popular "mais vale um gôsto que quatro vintens,": I — Por J. Leite de Vasconcellos	289
II — Por Óscar de Pratt	290
III — Por Cláudio Basto	292
IV — Por Óscar de Pratt	297
Cantigas populares (tradição da Rapa: Celorico da Beira) — por D. Maria Angelica Furtado de Mendonça	300
Etnologia (a proposito de uma exposição colonial ethnografica em Lisboa) — por J. Leite de Vasconcellos	330

MISCELANEA:

Pag.

I — Observação á "Revista Lusitana", XV, 370 ("Oscar Nobiling") — por J. L. de V.	164
II — Formas deminutivas nos falares algarvios — por Bernardino Barbosa.	164
III — Estudos de Ethnographia africano-portuguesa — do Boletim Oficial da provincia de Angola.	165
IV — Sobre dois ditados que se completam um ao outro — por Óscar de Pratt	168
V — "Pedro" e "Pedra" — por J. L. de V.	170
VI — Ditado topico — por J. L. de V.	172
VII — Notulas grammaticaes — por Lindolpho Gomes.	338
VIII — Etimologias — por J. L. de V.	341
IX — Curso de Literatura Portuguesa na Universidade de Londres — por J. L. de V.	342
X — Ex-libris, super-libris e super-libros — por J. L. de V.	344
XI — Uso do tratamento de "senhora" e "senhor" — por J. L. de V.	345

BIBLIOGRAFIA:

Livros:

<i>Estudos da Lingua Portuguesa</i> , de Julio Moreira — por Alvaro de Azeredo	175
<i>Beitrag zur Kenntnis portugiesischer Orthographie</i> , de Gustav Rolin — por Z.	176
<i>Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache</i> , de Gustav Rolin (Parte 1. ^a) e D. Luisa Ey (Parte 2. ^a) — por Z.	177

Periodicos:

<i>Zeitschrift für romanische Philologie</i> — por J. L. de V.	177
<i>Figueira</i> — por J. L. de V.	178

Varia quaedam:

<i>Cartas de D. Francisco Manoel de Mello</i> (E. Prestage)	178
<i>Cunhões e Macedo</i> (J. Ramos Coelho)	178
<i>Notes on the syntax of the Latin inscriptions found in Spain</i> (H. Martin)	178
<i>Influencias estrangeiras em Eça de Queiroz</i> (João de Meyra)	178
<i>Questionario ethnographico acerca das populações indigenas de Angola e Congo</i> (Publicação official)	178
<i>Romanisches etymologisches Wörterbuch</i> (W. Meyer-Lübke)	178

	Pag.
<i>Novos estudos da lingua portuguesa</i> (Mario Barreto) . . .	178
<i>A sistematização ortográfica</i> (Sílvia d'Almeida). . . .	178
<i>La légende du page de Sainte Elisabeth</i> (E. Cosquin). . .	178
<i>Camoens in der deutschen Dichtung des 19 Jahrhunderts</i> (Wilmsmeier)	179

Trabalhos de D. Carolina Michaëlis:

a) <i>Notas vicentinas</i> , Coimbra, 1912	179
b) <i>Novos estudos sobre Sá de Miranda</i> , Lisboa, 1911 . . .	179
c) <i>Literatura antiga portuguesa</i>	179
<i>Notes sur la langue de la Guinée au XV siècle</i> (R. Basset)	179
<i>Ensaio de Philologia</i> (Americo de Moura).	179
<i>Orthographia Portuguesa</i> (Americo de Moura)	179
<i>História da Literatura romantica portuguesa</i> (Fidelino de Figueiredo)	179

Trabalhos de J. L. de V.:

a) <i>Le peuplement du Portugal aux temps préhistori-</i> <i>ques, d'après les données de la toponymie</i> , Lis- <i>boa, 1912</i>	179
b) <i>Carolina Michaëlis</i> , Lisboa, 1912	179
c) <i>Denses da Lusitania</i> , Lisboa, 1913	179
d) <i>Pelo Alentejo</i> , Lisboa, 1913	179
e) <i>Julio Moreira e o seu labor literario</i> , Lisboa, 1913 . . .	179
f) <i>Religiões da Lusitania</i> , Lisboa, 1913	179

<i>Revista de Historia</i> , órgão da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos	346
<i>And old Portuguese version of the Rule of Benedict</i> (J. M. Burnam)	346
<i>Notulas ao «Novo Dicionário»</i> (Cláudio Basto).	346
<i>O campo «ja dito Elísio» dos Lusíadas</i> (Dr. José Maria Rodrigues).	346
<i>A Egípcia Santa Maria</i> (Theophilo Braga).	346
<i>Escoços trasmontanos</i> (Dr. Ferreira Deusdado).	346
<i>Canilto inédito</i> (Visconde de Villa-Moura).	346
<i>The Romanic Review</i>	346

NECROLOGIA:

Prof. A. Gomes Pereira — por A. C. Pires de Lima.	173
Antonio Tomás Pires — por J. Leite de Vasconcellos	347

Outras obras de J. Leite de Vasconcellos

Tradições populares de Portugal , Porto 1892	500
Poesia amorosa do povo português , Lisboa 1890.	400
Religiões da Lusitania , 3 volumes	7\$500
Ensaio ethnographico , 4 volumes	2\$700
Esquisse d'une Dialectologie Portugaise , Paris 1901	600
Estudos de Philologia Mirandesa , 2 volumes, Lisboa 1900-1901	3\$000
Textos archaicos 2.ª ed.	400
O Dr. Storck e a Litteratura Portuguesa , Lisboa 1910	1\$000
Lições de Philologia Portuguesa , 1 volume cartonado, Lisboa 1911	2\$000

A REVISTA LUSITANA publica-se em fascículos de 5 a 6 folhas, e saem quatro por anno.

Preço da assignatura annual (franco de porte).	{	Portugal e Hespanha	2\$400 réis
		Brasil (moeda forte).	6\$000 réis
		Noutros paizes	12 fr.
Preço de cada fasciculo avulso	{	Portugal e Hespanha	600 réis
		Brasil (moeda forte).	1\$800 réis
		Noutros paizes	3 fr.

Toda a correspondencia litteraria deve ser enviada ao director
J. LEITE DE VASCONCELLOS, R. de D. Carlos Mascarenhas, 27,
Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assuntos economicos (compra e assignatura) deve ser enviada ao editor **A. M. TEIXEIRA**,
P. dos Restauradores, 20, Lisboa.